Theophilo Braga

Hist. da Litteratura portugueza

DICCIONARIO PRATICO ILLUSTRADO
Diccionario encyclopedico luso-brazileiro
POR
JAIME DE SÉGUIER
2.ª EDIÇÃO
6.000 gravuras — 110 Quadros
90 Mappas — 1.000
retratos de individualidades celebres
Letras, sciencias, artes, definições, exemplos, synonymos, antonymos, proverbios e locuções proverbiaes, pronuncia, etymologias, termos brasileiros, locuções latinas e estrangeiras, historia, biographia, geographia, mythologia, noticias bibliographicas, monographias de obras de arte, personagens e typos, formulario orthographico, etc., etc.
O Diccionario Pratico Illustrado realisa plenamente o typo perfeito do diccionario manual; deveis, pois, ter sempre á mão
O VERDADEIRO LAROUSSE PORTUGUEZ.

Encyclopedia pela Imagem
O grande successo de livraria em 1927
A mais interessante
e instructiva das publicações feitas
em lingua portugueza
Na Encyclopedia pela Imagem, a imagem methodicamente agrupada numa secção ordenada e logica, ensina-nos mais e melhor do que a mais extensa explicação.
A Encyclopedia pela Imagem abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: Historia, Geographia, Sciencias, Arte, Litteratura etc.
Volumes já publicados:
Geographia: — As raças humanas. Historia: A Revolução Franceza. — Joanna d'Arc. — A Mythologia. — Napoleão. Arte: Historia da Arte. — Lisboa. — Paris. — Historia do trajo. Castellos portuguezes. — Sciencias: A T. S. F. (telegraphia sem fios). — O Mar. — Os Animaes. — Os Motores. — A Electricidade. — O Ceo.
Preço de cada volume 4$00
— 1 por mez
DECUS

OBRAS COMPLETAS

RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

II

RENASCENÇA

RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

I — **Edade Média.** Porto. 1909. In-8.º de VIII-524 p. 1 vol.

II — **Renascença.** Porto. 1914. In-8.º de VIII-696 p. 1 vol.

III — **Romantismo.** *(No prélo)*

THEOPHILO BRAGA

HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

II

RENASCENÇA

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144
1914

Condensando todos os nossos trabalhos sobre a grande Epoca do seculo XVI — a Renascença portugueza, contém este livro as summulas dos volumes: *Gil Vicente e as Origens do Theatro portuguez* (1898), *Gil Vicente e o Desenvolvimento do Theatro nacional; Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (1897); *Sá de Miranda e a Eschola italiana* (1895); *Ferreira e a Pleiada portugueza* (1873); *Camões, Epoca e Vida* (1907); *Camões, Obra lyrica e Epica* (1910); *Eschola Camoniana* (1874); *O Humanismo portuguez* (1891). Milhares de paginas resumidas em algumas centenas, com o intuito de evidenciar a vista de conjuncto, são corrigidas em factos e detalhes, metendo em construcção contribuições criticas dispersas.

A Litteratura portugueza envolve complicados problemas, que têm de ser estudados senão resolvidos no seu quadro historico; não acceita-

mos a irreductibilidade d'esses problemas, mas a aproximação lenta e successiva por meio de hypotheses plausiveis e provisorias. D'estes delicados processos de uma superior methodologia, escreveu Renan na apreciação de Fauriel: «Não se cria senão com amor, e atrêvo-me a dizel-o, com paixão; não se lançam os fundamentos de um estudo senão resolvendo muitos pontos sobre os quaes a critica está longe de proferir a ultima palavra. É sempre facil, retomando pela analyse e pelos detalhes a obra dos mestres o mostrar inexactidões, vistas antecipadas, conjecturas menos felizes do que outras; mas isto mesmo é uma homenagem e a mais bella recompensa do verdadeiro investigador, o de ter sabido poder produzir um movimento de estudos na sequencia dos quaes elle foi ultrapassado.»

Reconhecemos experimentalmente esta verdade; a discussão dos problemas ácêrca de *Gil Vi-*

cente, de *Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Christovam Falcão, Francisco de Morais, Ferreira, Diogo Bernardes, Camões* e *Damião de Góes,* provocou um movimento de estudos especiaes, com achados felizes que annullaram hypotheses provisorias. Atacado por essas ratificações de factos isolados, mas orientando-nos sempre no ponto de vista do conjuncto, desconhecemos o azedume que levou Herculano a dizer: *«as missangas valem muito n'esta nossa Guiné litteraria.»* Dirige-nos a ideia formulada por Darmesteter: «O genio synthetico é o que melhor comprehende *o valor do detalhe e a necessidade da analyse* microscopica, por que elle sabe melhor do que ninguem, que nenhum detalhe é insignificante,... podendo revelar o segredo do conjuncto.»

A Historia litteraria, como revelação do genio de um povo, no seu poder de emotividade e de aspiração generosa, pela expressão do senti-

mento da nacionalidade, é um aspecto que completa a Historia social e politica. Actuaes acontecimentos obrigam a reconhecer a solidariedade d'estas duas Historias. Se a Europa conhecesse o quadro da cooperação do genio portuguez na grande época da Renascença do seculo XVI, Portugal não se veria exposto ás ameaças da doutrina imperialista contrapondo á sua potencia moral a força material: «*Os fracos hão de ser sempre a prêsa dos fortes.*» O seculo XX não será devastado por outros mais aperfeiçoados Hunos e Tartaros; os nacionalismos egoistas serão subjugados pela consciencia da solidariedade humana, cuja missão mais do que nenhum povo realisou Portugal, acordando pela sua actividade heroica a Europa marasmada na apathia da Edade Média.

SEGUNDA EPOCA

RENASCENÇA

(Seculo XVI)

1.º Periodo: Os Quinhentistas

No seculo XVI, justamente denominado o maior seculo da historia, é incorporada a burguezia na ordem social moderna e estabelecida a independencia do Poder real, que pelo seu Imperialismo, avançava para a dictadura militar das Monarchias absolutas. Esta transformação politica foi simultanea com uma modificação profunda do estado mental, que se exprime pela designação complexa de Renascença, em que a par de uma grande liberdade de espirito critico, se liga um excessivo respeito ás obras da Antiguidade classica, objecto exclusivo da cultura do Humanismo. A Realeza imperialista favorecia essa auctoridade doutrinaria, que vulgarisava a theoria da *Monarchia universal*, sonho magalomanico dos reis, que no seculo XVI tentaram remodelar por ella o equilibrio europeu. Com a crise do Impe-

rialismo envolveu-se o conflicto do Catholicismo, favorecendo, pelo seu universalismo theocratico, as ambições de Carlos v, e pelo resurgimento das autonomias nacionaes o Protestantismo na Allemanha e na Inglaterra.

O livre espirito afastava-se das côrtes, e encontrava na burguezia um meio pacifico e o estimulo para a idealisação da realidade; viu-se isto no genio portuguez, essencialmente votado ao trabalho pacifico, no qual — «actuava aquella excitação intellectual, de confiança jocunda e de audacia, que em certos seculos duplicam a potencia do genio.» [1] O que se reconhece na floração hellenica, observa-se em Portugal na grande epoca dos Quinhentistas, pela audacia individual que alarga e radica os novos Descobrimentos geographicos; a intellectualidade portugueza exerce-se influindo no Humanismo europeu, e nos trabalhos nauticos e mathematicos, no meio dos conflictos da absorpção iberica do *Castelhanismo*, coadjuvado pela acção catholica por meio das hecatombes da Inquisição, e da perversão moral da Companhia de Jesus. Esta excitação intellectual, é que fez com que Portugal cooperasse no esplendor da Renascença de um modo directo, sem prevêr que o castelhanismo da côrte preparava a extincção da nacionalidade.

O grande quadro da historia geral da Europa, quer na época pre-romana, na Edade Media,

---

1 Croizet, *Hist. de la Litterature grecque*, t. v, p. 384.

e na Renascença, assenta sobre o conflicto dos *homens medianos* do Sul *(Homo Asiaticus*, brachycephalo) com os homens corpulentos do Norte *(Homo Europeus*, dolichocephalo, louro), sustentando actividade pacifica agricola, industrial e mercantil, contra as invasões e occupações armadas de tribus nomadas, que se uniam militarmente para a depredação. Foi o primeiro conflicto, seis seculos antes da éra moderna, dos Celtas corpulentos e louros contra os Ligures, destruindo as suas ligas federativas; continuaram essa corrente as tribus germanicas, que se arrojaram sobre o Occidente apoderando-se dos destroços do Imperio romano, fundando a fórma social militarista do Feudalismo, em que toda a dignidade residia na esterilidade de uma aristocracia guerreira e o trabalho era o estigma da inferioridade pessoal ou da servidão. Este regimen Catholico-feudal, assim denominado, por que a Egreja é que favoreceu os barbaros germanos para a occupação da Italia, da França e da Hespanha, caracterisa completamente a *Edade média*, que póde bem definir-se a *phase do Germanismo triumphante*. Sob a pressão das Monarchias absolutas e do obscurantismo catholico, perdeu-se o conhecimento da cultura greco-romana; ficaram os costumes populares, entregues á sua espontanea estabilidade, constituindo os germens vitaes das novas litteraturas.

A Renascença foi a renovação da acção mental e social da Grecia e de Roma, em que o conflicto dos homens medianos do Sul, tendo recons-

tituido a sua civilisação, fortificados por esse espirito da occidentalidade, submetteram os povos germanicos á cultura humanista (Hellenismo) e á disciplina juridica (Romanismo.) N'esta crise complicada, ficaram desconhecidos os elementos tradicionaes populares, das classes servas que se tinham identificado com os lites germanicos; mas o *Romantismo*, no principio do seculo XIX fez a integração d'estes elementos tradicionaes nas manifestações estheticas do genio das modernas nacionalidades.

Quando começou a Renascença? Segundo Lange, na *Historia do Materialismo*, este phenomeno complexo começa no seculo XV, abrange todo o seculo XVI e prolonga-se até ao XVII, apresentando differentes aspectos, conforme as variadas phases da demorada crise da decomposição do Regimen catholico-feudal. Prevaleceu o Poder real sobre a theocracia da Edade média, e a burguezia industrial sobre o feudalismo militar; os grandes Descobrimentos maritimos dos Portuguezes determinaram a actividade pacifica, normal, e o desenvolvimento da classe media, como tambem o conhecimento das duas litteraturas classicas fizeram do humanismo a reacção contra o dogmatismo theologico. Os eruditos da Renascença repelliram com desdem as creações medievaes pela imperfeição da fórma, e no seu fervor exclusivo da admiração da Antiguidade, a Renascença appresentou-se sob o aspecto *philologico* e *artistico*. Com a reacção catholica ou renascença christã, que se denominou o Protestantismo

ou a Reforma, a Renascença tomou um caracter especialmente *theologico* e *critico*. Pelas Navegações portuguezas e circumducção do globo, prevaleceu a concepção astronomica do systema planetario, preparando a corrente experimentalista, e a Renascença completa-se na sua actividade *scientifica* e *philosophica*. Em todas estas phases fundamentaes está altamente representado o genio portuguez. E é justamente n'este seculo XVI, que duas fortes correntes actuaram na desnacionalisação de Portugal, o *Castelhanismo* (com os casamentos reaes, conduzindo á unificação iberica, e acção catholica pela Inquisição e Jesuitas), e a cultura greco-romana ou o Humanismo, coadjuvando as ambições imperialistas, e obliterando a vitalidade popular.

Os grandes descobrimentos, que tinham suscitado as extraordinarias energias de Portugal, actuaram concomitantemente na sua decadencia; o novo equilibrio dos Estados peninsulares depois da Conquista de Granada e do descobrimento da America assentou sobre a preponderancia do *Castelhanismo*, que se acha alliado com a unidade catholica hostil a todo o sentimento de patria. A corrupção da nobreza, de origem castelhana, pelo ouro da India, e a cretinisação do povo pelo terror religioso das fogueiras dos Autos de Fé, coadjuvavam o apagamento da consciencia nacional. A propria cultura humanista, degenerada pela acção deleteria da pedagogia jesuitica, veiu amesquinhar a capacidade esthetica tão caracteristica da alma portugueza.

Um phenomeno extraordinario: apesar de todas estas correntes depressivas, em que a nação foi envolvida pelos interesses da Casa de Austria e pelas perturbações do equilibrio europeu, nunca o genio portuguez brilhou tão esplendidamente como n'esse periodo dos Quinhentistas; todas as suas manifestações affectivas e especulativas vigorisaram-se pela acção, e máo grado as influencias sobre o meio social por via dos cruzamentos e dos conflictos de instituições que alteravam a vida do povo portuguez, persistiu a *psychologia collectiva* d'esse elemento ethnico, mantido pela insularidade regional, e assim pôde a poesia dramatica, lyrica e épica, a pintura, a musica e a architectura serem a expressão viva do *lusismo*. O que apparecia como um paradoxo, era uma consequencia natural.

§ I

A Cultura greco-romana como negação da Edade média

A brusca solução de continuidade entre o seculo XVI e a Edade média, provocando a intervenção mais impetuosa do Poder temporal pela incerteza das doutrinas, das contradicções e incoherencias dos espiritos, revela-se nitidamente na dualidade artistica, no antagonismo das duas escholas da poesia, da pintura, da architectura e da ourivesaria. Eram as *duas almas*, a hellenica e a romantica, que sómente os genios superiores da Renascença souberam conciliar. Os escriptores

eruditos separaram-se do povo, e nas suas academias adoptavam o latim; mas o forte desenvolvimento da burguezia actuou sobre a fórma escripta das linguas vulgares, que pela ingenuidade do estylo egualavam a belleza das linguas classicas.

No primeiro quartel do seculo XVI encontram-se estas duas correntes em conflicto em Portugal; na cultura humanista começam a prevalecer as doutrinas de Nebrixa e Ayres Barbosa com as ideias dos philologos italianos. Gil Vicente, ao crear o theatro portuguez, em vez de imitar como os italianos a Comedia classica plautina e aristophanesca, elabora litterariamente os esbôços populares do Auto, implicito nos dialogos pastoris e hieraticos da Edade média. Sá de Miranda, como epigone da Renascença portugueza, na sua Carta a Antonio Pereira, Senhor de Basto, (st. 33) chamava affrontosamente *Pasquinos* aos que seguindo o gosto médieval dramatisavam e punham em scena os mysterios da religião. No prologo da sua *Comedia Estrangeiros* censura o ter-se substituido o nome de Auto ao de Comedia, consagrado pela Antiguidade, e verbera o emprego da redondilha e da rima na linguagem dramatica. Ao justificar-se de preferir o nome de Comedia, ao reproduzir as fórmas classicas renovadas pelos italianos, escreveu no prologo: «já sois no cabo, e dizeis ora não mais; isto é *Auto*, e não desfazeis as carrancas; mas o que eu não fiz até agora, não queria fazer ao cabo de meus dias, que é mudar de nome. Este (de

Comedia) me deixae por amor de minha natureza, e eu tambem de *vossos versos,* que são forçados *d'aquellas consoantes.*»

No lyrismo mais se accentuava esta dupla corrente, a de Cancioneiro ou da *medida velha,* em que era empregada a redondilha, e o Petrarchismo, em verso endecasyllabo e de conceitos subjectivos. Jorge Ferreira de Vasconcellos refere-se com ironia á paixão dominante do gosto italiano, dizendo na sua *Aulegraphia:* «e hey muito grande dó de uns juizos poldros, e bem curtos de vista, que acceitam toda novidade sem juizo, a olhos, e assi me parece de vós, senhor, que por andar *com som de moderno sereis todo um Soneto,* e *condemnaes logo o outro verso,* sem mais respeito nem consideração.» (Fl. 165 V.)

O gosto italiano é admittido em todas as litteraturas meridionaes no seculo XVI. A *medida velha,* pela sua antiguidade, apresentava-se como nacional; o novo estylo italiano *(Dolce stil nuovo)* achava impugnadores, como se fosse uma innovação caprichosa. Prevaleceu como fórma definitiva da poetica moderna, porque a metrica italiana era tambem derivada das antigas fórmas provençaes, e fixára os typos estrophicos do soneto, do terceto e da sextina e oitava, dando ás Canções, Elegias, Odes e outras imitações apparentes da poesia classica, um idealismo profundo, philosophico, emfim a expressão universal do sentimento humano. Os dois typos fundamentaes da poesia moderna provinham dos mesmos rudimentos provençaes; eram porém separados pela

preferencia do gosto. Nas côrtes, ou serões do paço, os improvisadores e as damas preferiam os versos de redondilha ou de Arte menor; os humanistas, os espiritos cultos preferiam o verso endecasyllabo, e diziam com desdem, como o dr. Antonio Ferreira, «a *antiga trova* deixo ao povo».

Nos poetas portuguezes do seculo XVI encontram-se estes dois estylos poeticos: n'uns, como em Sá de Miranda, Bernardes, Caminha, resultou isso de terem começado a versejar em um estylo, e terem abraçado o novo gosto italiano, desde que o conheceram; em outros, como em Camões, a sua situação entre as damas, que o provocavam aos improvisos, obrigava-o a adaptar-se á preferencia d'ellas, fazendo trovas ou redondilhas, que resgatava do desprezo dos outros poetas pela sua extrema perfeição. Lope de Vega era admirador acerrimo das Redondilhas de Camões, preferindo-as a todas as suas outras composições do gosto italiano. Entre os poetas quinhentistas, alguns cultivaram de um modo exclusivo a lyrica da *medida velha*, como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão; outros desprezavam-na em absoluto, e só reconheceram como bella a poetica italiana, como o dr. Antonio Ferreira. Camões soube, como genio superior, conciliar os dois espiritos, que na essencia eram identicos, e ambos concorriam para a renovação esthetica do lyrismo que acompanhava a elevação do sentimento moderno. Os bellos estudos de D. Carolina Michaëlis sobre o soneto de Camões: *Sete annos de pastor Jacob servia,*

e sobre o mote velho das suas redondilhas: *Justa fue mi perdicion*, pela accumulação de logares parallelos, prestam-se para bem definir estes dois themas, correspondendo ás duas fórmas typicas do Lyrismo moderno.

As relações da côrte de D. Manoel e de D. João III com a côrte de Fernando e Isabel e de seu neto Carlos V, favorecendo a predilecção da lingua e da poesia castelhana retardaram a influencia do lyrismo italiano e das suas imitações do theatro classico. Jorge Ferreira confessa-o, quando escreve na *Aulegraphia:* «Não ha entre nós quem perdoe a uma trova portugueza, que *muitas vezes é de vantagem* das *castelhanas,* que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» (Acto III, sc. 9.) Pelo seu lado Garcia de Resende como bom humanista, apontava Gil Vicente, por tomar por seu modelo as Eclogas de Juan del Enzina, e reconhecendo excedel-o *com mais graça e mais doutrina.*

Camões eleva-se acima de todos os poetas quinhentistas, pela consciente harmonisação da influencia classica ou italiana com as fórmas poeticas medievaes, chegando até ao syncretismo dos mythos polytheicos com as lendas christãs na epopêa dos *Lusiadas.*

Tambem o gosto italiano se impõe na Architectura, na Pintura e na Ourivesaria, sem comtudo triumphar definitivamente das escholas do estylo gothico. O faustoso rei D. Manoel manifestou exuberantemente a sua sympathia pelo gosto medieval architectonico, preferindo para as

suas construcções o *gothico florido* contra a imposição das *ordens gregas* generalisadas na Renascença, que já desde D. João II se introduzira pelo italiano André Contucci. D. Manoel, procurando apagar quanto fizera D. João II, regressou ao gothico florido, e na construcção do Mosteiro dos Jeronymos, de Belem, começado em 21 de Abril de 1500, mestre Boytaca põe de parte as *ordens gregas*. João de Castilho, conforme o alvará de 23 de Septembro de 1522, conclue as abobadas e columnas d'este monumento, definindo a fórma typica do *estylo manuelino* «com alguma cousa de privativo, que pertence unicamente a Portugal», como reconheceu Raczynski. Este eminente historiador da Arte viu com clareza no *estylo manuelino,* que tambem apparece em Hespanha, o caracter geral de uma reacção do gothico contra o estylo classico propagado por Balthazar Peruzzi, Bramante e mesmo Raphael como architecto.

No *Auto da Ave-Maria,* de Antonio Prestes, escripto por 1522, vem esboçada esta lucta das duas correntes architectonicas, em que a Renascença renegava a Edade média:

MESTRE: E a que veiu a esta terra?
DIABO: Mostrar mi saber, mis manos;
suena allá *que lusitanos*
su gusto aora se encierra
en edificios romanos.
CAVALLEIRO: Eu sou dos que estão postos
n'esse gosto;
que não vi melhor composto,
hei-o por gosto dos gostos,
jámais lhe virarei rosto.

A reacção classica na architectura veiu a prevalecer com Francisco de Hollanda (1517-1584), que se educou em Italia, e em Roma viveu na intimidade respeitosa de Miguel Angelo, na de Julio Clovio, Baccio Bandinelli, Perino, Sebastião del Piombo, Valerio de Vicence, Mellechino e o erudito Lactancio Tolomei.

Na Pintura patentea-se o mesmo antagonismo: o *estylo gothico* é representado com todo o brilho por Grão Vasco (Vasco Fernandes) nos celebres quadros da sé de Viseu. D'esses quadros escreve Raczynski «n'elles acho o que tantas vezes tenho dito a respeito de outros quadros — *a influencia flamenga e allemã,* á qual os hespanhoes fôram longo tempo submettidos com relação ás artes no tempo de Carlos v e seus successores.» *(Lettres,* p. 378). Pela sua Feitoria de Flandres, em relações com Alberto Durer, é que se fortificou esta corrente, vencida pela italiana mais tarde, como observa Raczynski: «na epoca de D. João III, entre 1530 e 1550, fez-se uma revolução completa na arte em Portugal; é a epoca que accentua *a passagem do genero flamengo e allemão para o genero italiano*» *(ib.,* p. 176) sendo principalmente introduzido o novo estylo por Gaspar Dias, Fernando Gomes, Manoel Campello e Francisco Vanegas. *(ib.,* p. 95.) Francisco de Hollanda no seu *Dialogo da Pintura* nem sequer citava o nome de Grão Vasco.

Na Ourivesaria o gosto italiano impoz-se ao estylo portuguez de Gil Vicente, primo do poeta dos Autos, e lavrante da rainha D. Leonor, mu-

lher de D. João II; mas esta mudança do gosto foi devida aos ourives castelhanos, favorecidos pela familia real. A um d'esses ourives vendeu Gil Vicente o seu cargo de Mestre da Balança da Casa da Moeda, a Luiz Rodrigues, ourives da Infanta D. Isabel (por concessão regia de 6 de Agosto de 1517); mas Garcia de Resende, desconhecendo propositadamente o genio artistico do lavrante da Rainha, auctor da Custodia feita com o primeiro ouro das pareas de Quilôa em 1502, não se pêja de affirmar na sua *Miscellanea* a supremacia dos artistas italianos:

> *Ourivisis* e *Esculptores*
> São mais sotis e melhores.

E chega injustamente a proclamar a mediocridade artistica dos seus contemporaneos:

> E vimos minas reaes
> D'ouro e d'outros metaes
> No reyno se descobrir;
> *Mas nunca vimos saír*
> *Engenhos de officiaes.*

E' admiravel esta similaridade do conflicto do gosto em todos os ramos da Arte, separando o estylo da Renascença do espirito tradicional da Edade média. De um tão importante phenomeno esthetico se deduz que esse espirito e esse estylo têm de unificar-se em uma definitiva belleza, sendo esta a caracteristica dos grandes genios.

1.º *O Castelhanismo na Côrte, servindo a unificação iberica*

No momento em que Portugal cooperava assombrosamente na corrente da Civilisação moderna pela actividade incomparavel da empreza dos Descobrimentos maritimos, e pelas revelações da mentalidade, creando uma lingua, litteratura e arte nacional, intervindo directamente no humanismo, quando se erguiam genios e heroes em uma geração fecunda que tornou classico esse periodo quinhentista, nunca mais *excedido*, deu-se ainda antes de terminar o ultimo quartel do seculo XVI o cataclysmo social da incorporação de Portugal como provincia na unidade castelhana. Foi a consequencia fatal de um longo conflicto entre o *Lusismo* e o *Castelhanismo*, em que se accentuara o *eterno divorcio* estabelecido pela fatalidade do meio cosmologico actuando pela influencia antagonica da continentalidade e da insularidade, que tornou sempre inconciliaveis as duas raças iberica e lusitana. Estas duas causas permanentes de differenciação nacional, o territorio e a raça, explicam todos os phenomenos historicos dos equilibrios politicos e artisticos ou moraes. Considerando geographicamente a Hespanha, «no centro avulta uma elevação, vasta, imponente e maciça, cujo terraço é constituido por uma larga horisontalidade: é a planura *castelhana*. Especie de fortaleza erguida no centro da Iberia, *dominando na sua altiva pobreza* as regiões baixas, mas ferteis, que, ladeando-a, se dilatam em torno, até irem

perder-se no mar... assim, o systema geographico das Castellas ergue-se realmente, no centro da Iberia, como se fôra uma verdadeira fortaleza, altiva, cintada de fortes muralhas, *constante ameaça para as campinas e valles adjacentes, eternamente armada* para as tremendas luctas de destruição e de morte.» [1] Contrapõe-se a esta incommunicabilidade as regiões baixas e ferteis que se «abrem á vida exterior pelo vasto estuario do Tejo, pela bahia de Vigo ou pelos valles do Ebro e do Andaluz. Fôram justamente estas regiões submettidas pela violencia e por conflictos politicos á absorpção da Castella, formando essas luctas o quadro da historia dos estados peninsulares.

«Se a Iberia tem — um tom accentuado de continentalidade, e se no seio d'esta a planura das Castellas é uma continentalidade cerrada, a zona Asturo-Gallecio-Portugueza é, principalmente na parte em que se comprehendem a Galliza e Portugal, a região mais insular da peninsula. — Dilatando-se entre um vasto mar e a longa muralha que pelo lado do oriente garante o isolamento da planura central, esta região — toda maritima, *toda communicabilidade*, e de alguma maneira *toda independencia*, tem no seio da estructura peninsular um cunho bem caracteristico e definido.» [2]

1 J. A. Coelho, *Evolução das Sociedades Ibericas*, t. I, p. 300.

2 *Ibid.*, p. 303.

«Assim, a aragem constante, que sopra de um grande mar, tendendo a equilibrar mais ou menos as temperaturas, dá a toda a extensão da zona atlantica, que comprehende a região asturiana, a Galliza e Portugal, um tom de equilibrio, e, portanto, de insularidade, que são incontestaveis.» Esta acção constante do meio manteve nas raças da peninsula as suas differenças anthropologicas e ethnicas, que se manifestam historicamente inextinguiveis. [1] Na *Evolução geral das Sociedades ibericas,* acham-se lucidamente fixadas essas differenças: «na sua longa e accidentada vida historica o hespanhol (sc. o *Castelhano)* foi sempre a personificação da força improductiva que arruina, do odio ao trabalho que cria, do orgulho altivo que esmaga os humildes, e, como o Romano dos velhos tempos, amor e guerra com todo o seu cortejo sombrio de espoliações, violencias, arbitrios, desegualdades e desprezo pelos direitos de outrem.» *(Op. cit.,* II, 238.) A ethnogenia lusa caracterisa-se pela sensibilidade delicada, a que vulgarmente se chamou

---

1 Desconhecendo todos os resultados da Anthropologia e da Ethnologia, escrevía Amador de los Rios: "Portugal, região tomada aos Mouros pelas *armas de Castella,* e *povoado por colonias gallegas;* reino devido á generosidade um tanto indiscreta de Alfonso VI, não podia de nenhum modo renegar a sua origem, nem tambem quebrar em um só dia o laço das suas mais vitaes tradições." *(Hist. da Litteratura españ.,* t. VI, p. 22.) Como se pódem accumular tantos contrasensos historicos sob uma erudição espessa!

a brandura dos costumes, resultante dos faceis contactos da sociabilidade.

«O centro de gravidade para que tendem os productos mentaes do *Lusismo* é a concepção esthetica, isto é, uma ordem de creações mentaes em que os fins e meios dictados por uma dada civilisação, a lucta pela vida, desceu da esphera abstracta da Razão e das fórmulas intangiveis para se concretisar — pela côr, pela palavra ou pela linha em emocionantes totalidades tangiveis.» *(Ib.*, II, 278.) Quando Portugal resistia á incorporação politica castelhana, dominava pela poesia lyrica na côrte de Castella, n'esse periodo trobadoresco gallecio-portuguez, em cuja lingua Alfonso o Sabio escrevia as suas *Cantigas de Santa Maria*, e Alfonso XI versificava os seus impulsos amorosos. Essa influencia cruzou-se com a corrente politica em que por casamentos reaes se pretendia conseguir a unificação castelhana, começando por D. Fernando casar sua filha D. Beatriz com D. João I de Castella, circumstancia que levou á revolução de Lisboa, e á consolidação da autonomia de Portugal em Aljubarrota. O regente D. Pedro, restabelecendo as relações com Castella, escrevia em castelhano, na intimidade litteraria com Juan de Mena, e fazia o casamento de sua sobrinha D. Isabel, filha do duque de Bragança, com D. Juan II de Castella. Ainda a influencia gallecio-portugueza se sentia nos poetas do Cancioneiro de Baena, e o Marquez de Santillana conservava o gosto do lyrismo portuguez das Serranilhas, e D. Affon-

so v casava sua irmã a Infanta D. Joanna com Enrique IV de Castella; e politicamente, pelo casamento com sua sobrinha a Excellente Senhora, entrar na incorporação de Castella. N'estes esforços a união de Aragão e Castella pelo casamento de Fernando com Isabel, e a conquista de Granada, deram ao Castelhanismo a acção absorvente que unificaria toda a Hespanha sob a exploração do planalto central, esteril e imperialista. E ainda no esplendor da côrte de Fernando e Isabel, o lyrismo portuguez era cultivado com sympathia. Menendez y Pelayo aponta o facto de Gomez Manrique escrever no antigo gosto da eschola galecio-portugueza, e em uma resposta ao poeta Alvaro de Brito empregar a lingua portugueza.[1] A acção do *Castelhanismo* ia redobrar de intensidade; a descoberta da America por Colombo em 1492, veiu dar-lhe a preponderancia decisiva no equilibrio peninsular; e o casamento da filha dos dois monarchas, a princeza D. Juana com Fernando o Formoso, introduziu na politica hespanhola esse espirito aristocratico militar do *Germanismo*, levado ao mais desvairado Imperialismo por Carlos v, fortificado pelo Catholicismo o mais intolerante. Portugal tentou contraminar a absorpção castelhana pelo casamento planeado por D. João II, do principe D. Affonso com Isabel, filha dos reis castelhano-aragonezes; passando a successão do throno para D. Manoel,

---

1 *Antologia*, t. VI, p. LXXXIX.

pelo desastre que victimou o principe, o novo dynasta casou com a viuva de seu sobrinho, e por morte d'esta com outra infanta castelhana, a fanatica D. Maria.

Os descobrimentos da India e do Brazil vieram prestar a Portugal a rasão e força da sua autonomia, no equilibrio peninsular em que preponderava o Castelhanismo. Todo o seculo XVI na acção historica de Portugal está envolvido nos planos da absorpção iberica sustentados habilmente por Carlos V; o Imperador casa com uma filha do rei D. Manoel, e este em terceiras nupcias casa com uma irmã de Carlos V, D. Leonor de Austria. D. João III casa com outra irmã de Carlos V, a fanatica D. Catherina; e o filho de Carlos V, Philippe II, casa com a princeza D. Maria, filha de D. João III. Mas o *Castelhanismo* não parecia ainda seguro, e fez-se o casamento do principe D. João, de Portugal, com D. Joanna, filha de Carlos V, nascendo d'esse casamento o phantastico rei D. Sebastião, instrumento passivo dos Jesuitas, que pela sua morte torna effectiva a clausula secreta do primeiro casamento de Philippe II.

Não eram sómente os casamentos, mas as instituições castelhanas que infiltravam a ruina de Portugal, a Inquisição, a expulsão dos Judeus, os Jesuitas degradando a fidalguia, que desnacionalisavam atrozmente este pequeno povo no momento mais fecundo da sua vida historica: «emquanto o dolicho-louro da Europa central se demorava, pezada e lentamente, nos seus habitos

sangrentos de destruição, o Lusitano, verdadeiro pioneiro da éra nova, vinha pelos seus instinctos progressivos, genio de aventura e sociabilidade pacifica, inaugurar essa grande vida moderna que faz do amor á agricultura, ao commercio e á navegação o maior dos seus dogmas — e isto n'uma apertada zona peninsular e mesmo á beira d'essa famosa e alta planura da Iberia, onde o *Castelhanismo*... foi irreductivel guerreiro.» *(Ib., p. 239.)* Pelo seu sentimento poetico e espirito de aventura, o Lusismo penetrou como ideia a tenacidade dominadora do Castelhanismo, que tratou sempre de comprimir materialmente esta pequena nacionalidade: «é *lusa* e bem lusa a ideia, levada definitivamente á pratica, de *uma navegação atlantica, scientifica, systematicamente realisada*, e tendo por objectivo — n'uma primeira phase devassar os mysterios do Oceano, e n'uma segunda, relacionar o Levante e o Occidente, e portanto, substituir por uma nova linha de communicabilidade de caracter *atlantico* a simples arteria de caracter *mediterraneo* que se alargava, passando pelos desertos, desde o Indus ás Columnas de Hercules. Esta concepção, verdadeiramente nova, de caracter aventuroso e essencialmente maritimo, nunca poderia saír do cerebro de um castelhano, pois estava *isolado* na cerrada continentalidade do seu planalto... Na Peninsula, só a podia crear o Lusitano, por que occupava uma situação verdadeiramente *insular*... franca e largamente *atlantica*... Por isso, apesar da America ter sido descoberta por um homem de genio

ao serviço de Castella, não foi do cerebro do Castelhano que despontou essa *ideia;...* creada sob a influencia da *alma lusa,* levaram-lh'a de fóra, encontrou mesmo por parte do genio castelhano dura e intransigente opposição e, francamente acceita, só o foi por uma mulher superior — a grande Isabel, a qual, bisneta do grande Mestre de Avis, era de alguma maneira a nobre e digna representante do *genio luso* em terras de Castella.» *(Ib.,* p. 518.) «Entre o Lusismo todo *productivo,* e o Castelhanismo todo *destructivo,* houve, através da historia, uma troca de invasões: o Lusismo, na sua expansão, dilatou pela mão de um homem de genio perfeitamente *lusitanisado* para a esphera do Castelhanismo o seu grande ideal das descobertas maritimas, impoz-lh'as, e se não pôde conquistar Castella no terreno do predominio politico, subjugou-lhe n'um dado momento historico a alma, atirando-a para as aventuras pacificas e productivas das descobertas, tão fóra do seu ideal collectivo; o Castelhanismo, ao expandir-se deu, pelo contrario, ao Lusismo os mais caracteristicos productos do seu genio destructivo, isto é, esses elementos que se chamaram Perseguições das mais laboriosas raças productoras da Iberia, a *Inquisição,* que era um instrumento de destruição, os *Terços,* que eram o proprio genio guerreiro em acção, os *Jesuitas,* que representavam a lucta incruenta, mas retrograda, na esphera espiritual, tudo em summa quanto podia symbolisar a potencia destruidora da guerra.» *(Ib.,* p. 588.)

«Depois d'esta memoravel expansão em que o genio do Lusitano se patentêa em toda a plenitude, vieram, é certo, o *Jesuita,* a *Inquisição,* e a *perseguição ao Judeu,* a côrte monachal de um D. João III, a oppressão dos Philippes, e a longa decadencia brigantina; mas tudo isso é — Castelhanismo, que desencadeando-se do planalto central sobre a zona lusitana, vae abafando lentamente a brilhante, mas pura e resistente Civilisação portugueza, — asphyxiando-a primeiro sob o pezo da sua mentalidade e mais tarde, perdida a propria independencia politica, da sua tyrannia.» (*Ib.*, p. 248.) É completando o quadro da supremacia do Castelhanismo na civilisação peninsular, realisando a unidade iberica, expõe o sabio pedagogista: «para Castella, o maximo da grandeza coincide com o reinado de Philippe II; e este rei é, pelo seu despotismo, espirito de conquista e fanatismo sombrio, a mais elevada synthese do espirito de destruição, isto é, a mais genuina e pura encarnação do *Castelhanismo.* A Hespanha só é verdadeiramente grande no momento em que a Dynastia Austriaca — consequencia fatal do meio — havendo esmagado as massas productoras e posto ao seu serviço a nobreza turbulenta, ameaça destruir toda a liberdade do pensamento no mundo interior das consciencias e todo o trabalho pacifico no mundo exterior da actividade productiva; antes, luctando contra os elementos oppostos á natureza do seu genio e vencendo-os, apenas se organisa para o combate...;» (*Ib.*, p. 250.) Embora no fim do seculo XVI a

extincção da nacionalidade portugueza fosse o exito triumphal do Castelhanismo, essa geração dos Quinhentistas manteve o espirito da nacionalidade dando as mais bellas expressões estheticas do genio luso na Litteratura, na pintura, na architectura, em todas as manifestações de uma psychologia collectiva, resultante da persistencia ethnogenetica.

O maior seculo da historia, o seculo XVI, é o momento da mais fecunda actividade da Litteratura portugueza: a Lingua nacional fixa-se pelo estabelecimento da disciplina grammatical, e na fórma escripta presta-se á expressão da Historia, á idealisação da Epopêa e do mais commovente Lyrismo, em que as altas e preponderantes individualidades synthetisam a consciencia civica. Esta litteratura viva inspira-se no genio popular em Gil Vicente, creando originalmente o theatro como orgão da opinião publica; inicia a incomparavel poesia de amor nas eglogas de Bernardim Ribeiro, nunca excedida em todas as litteraturas romanicas; e como existisse uma causa organica para esta intensidade da vida nacional — os grandes Descobrimentos — a suprema concepção esthetica de Camões soube determinar esse feito nunca feito na poesia dos *Lusiadas*, que a Europa consagrou como a Epopêa da Civilisação moderna.

Os Descobrimentos portuguezes vieram dar a comprovação concreta e verificavel do Systema do mundo mathematicamente demonstrado por Copernico; d'ahi provieram consequencias funda-

mentaes que determinaram essa extraordinaria epoca da Renascença: o regresso á Natureza pelo estudo dos seus phenomenos physicos, e o prevalecimento do espirito scientifico ou a segurança das verdades *racionaes* contra o predominio das verdades convencionaes da Egreja e da velha erudição auctoritaria. O effeito moral manifestou-se pela necessidade de uma nova synthese da consciencia procurando a convicção fóra da credulidade; d'ahi a tremenda crise religiosa e social do Protestantismo, e da livre critica continuando a actividade *scientifica* da Grecia, renovando os estudos da Mathematica e da Astronomia. Fortes impulsos progressivos convulsionavam a Europa, e as novas nacionalidades formadas na Edade média procuravam nas suas agitações um novo equilibrio politico.

Portugal achou-se envolvido n'estas correntes violentas, entregue á inconsciencia e mesquinho egoismo dos seus chefes temporaes. Emquanto n'uma conspiração latente os reis D. Manoel e D. João III preparam a ruina da nacionalidade portugueza, o seculo XVI abrange o quadro incomparavel da civilisação de um povo, realisada pelo esforço das mais surprehendentes individualidades e altos caracteres.

Basta percorrer a série dos seus grandes homens: nas Navegações — Zarco, Gileanes, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e Fernão de Magalhães; na acção militar das conquistas — Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, D. João de Castro,

Duarte Pacheco; historiadores, João de Barros, Damião de Góes, Gaspar Corrêa, Castanheda, Diogo do Couto; Poetas, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões, Christovão Falcão, Bernardes, Ferreira; Artistas, João de Castilho, Nuno Gonçalves, Grão Vasco, Gil Vicente, os Hollandas; Sabios, D. Francisco de Mello, Dr. Garcia d'Orta, Pedro Nunes; Humanistas, Ayres Barbosa, André de Resende, André de Gouveia, Diogo de Gouveia, Antonio de Gouveia, Diogo de Paiva, Jeronymo Cardoso, Ignacio de Moraes; Politicos, os Alcaçovas Carneiro; Theologos e mysticos, — Diogo de Paiva de Andrade, Frei Thomé de Jesus, D. Jeronymo Osorio; viajantes, como Fernão Mendes Pinto, Duarte Barbosa. Gaspar Barreiros.

Apesar de tamanha florescencia de individualidades que dignificariam muitos Plutarchos, a nação portugueza achou-se subitamente envolvida nas ambições unitaristas do *Castelhanismo*, no contracto de casamento da princeza D. Maria com o principe que foi Philippe II, que em 1580 era reconhecido pelos Governadores do reino como soberano legitimo de Portugal. Como se operou este cataclysmo da gloriosa nacionalidade, muito antes de terminar o ultimo quartel do seculo XVI? Pelo phenomeno da incorporação dos estados peninsulares na unidade de Castella determinada pelos Descobrimentos maritimos: Aragão e Castella, tendo absorvido as outras monarchias da Edade média, acharam-se em presença uma da outra nos conflictos de unificação iberica. Qual

d'ellas predominaria? O casamento de Isabel de Castella com Fernando de Aragão deu uma solução provisoria á unificação ambicionada; mas tudo conduzia para a supremacia de Aragão pelos seus portos do Mediterraneo e actividade maritima. A conquista de Granada e expulsão completa do dominio sarraceno da Hespanha, coadjuvava a importancia de Castella, que pelo facto imprevisto do descobrimento de Colombo em 1492, supplantou a superioridade maritima de Aragão. O *Castelhanismo* tornou-se a expressão material da antiga unidade iberica (romana, germanica e arabe); Portugal teria de ser absorvido n'esse exaltado imperialismo inevitavelmente. Os descobrimentos maritimos de Vasco da Gama em 1498 e de Pedro Alvares Cabral em 1500, sustentaram a independencia de Portugal ameaçada pelo Castelhanismo. Mas um novo facto veiu dar disciplina politica á corrente do Castelhanismo; as ideias do imperialismo *germanico* introduzidas no governo castelhano por Philippe o Formoso e por seu filho Carlos V, exploraram os casamentos da familia reinante de Hespanha com a de Portugal, fracassando com a morte do principe D. Affonso, mas avançando com os casamentos de D. Manoel, de D. João III, de Carlos V e de Philippe II, com princezas *castelhanas* e portuguezas, preparando por contractos antenupciaes e juramentos de direitos a não remota incorporação de Portugal. Ao *Castelhanismo* veiu ligar-se um outro factor, que iria actuar nas consciencias burguezas: o *Catholicismo*, exaltado pela

expulsão dos arabes depois da conquista de Granada, e servido por Carlos v para obter o apoio do poder pontifical, abandonando os interesses da nascente nacionalidade allemã, encontrou na Casa de Austria em Hespanha todo o incondicional apoio para cimentar a intolerancia religiosa. Assim com os casamentos *castelhanos* de D. Manoel foi condição prévia a expulsão dos Judeus de Portugal, ferindo então de morte a nossa exploração colonial e mercantil. Pelo casamento castelhano de D. João III, o fanatismo d'este monarcha estabelece em 1536 a *Inquisição* em Portugal, suggerida por Carlos v como o revelam os Nuncios Capoferatto e Lippomani; ainda não lhe bastando o terror das fogueiras inquisitoriaes, dá fundamento á nova ordem da *Companhia de Jesus*, em 1542, á qual entrega a direcção espiritual de toda a côrte e o exclusivo do ensino das humanidades. E' essa acção pedagogica dos Jesuitas que ataca a intelligencia nacional por um humanismo banal, apagando pela fórma mais degradada o italianismo da Renascença, que Sá de Miranda introduzira na Poesia e que Resende e os Gouvêas tanto elevaram no ensino. Os homens de letras apparecem denunciados e perseguidos pela Inquisição; e as obras dos escriptores portuguezes são deturpadas pela censura ecclesiastica e condemnadas nos Indices Expurgatorios organisados pelos Jesuitas. O *Castelhanismo* impõe-se como lingua da litteratura nacional em vez da portugueza, que pouco a pouco é abandonada. Varias causas favoreciam o uso exclusivo do *caste-*

lhano em vez do portuguez. A poesia, cujo fóco principal era a côrte, escrevia-se geralmente em castelhano para comprazer com as rainhas e seus séquitos. Gil Vicente fez um grande numero dos seus Autos em castelhano; Sá de Miranda, Camões, Bernardes, D. Manoel de Portugal, Duarte Dias, Jeronymo Côrte Real, Falcão de Resende, Jorge de Monte-mór, Gregorio Silvestre, Simão Machado, escreveram em castelhano, e alguns de um modo exclusivo. Os homens de sciencia preferiam o castelhano pelo seu grande publico; assim Pedro Nunes, os medicos e Judeus portuguezes, mesmo os escriptores mysticos achavam-se mais lidos n'essa lingua, em que alguns portuguezes se tornaram classicos hespanhoes. [1]

Assim desnaturados intellectualmente, a conquista completa dos espiritos pelo *Castelhanismo* realisou-se desde que Philippe II foi reconhecido pela reacção religiosa como Chefe da *Santa Liga* contra o Protestantismo. Essa importancia nas luctas religiosas é que lhe submetteu muitas das honradas consciencias portuguezas. O espirito nacional apenas subsistiu nos Quinhentistas, que deram uma expressão inextinguivel ao seu *ethos*.

O valioso documento litterario compilado por

---

1 O *Catalogo razonado de los Autores portuguezes que escribieron en Castellano pelo Dr. Garcia Perez*, é um valioso subsidio para este estudo.

Garcia de Resende contendo composições poeticas de 286 auctores, comprehende a melhor parte dos annos do reinado de D. Manoel, em que se passaram — os Serões de Portugal, tão fallados no mundo, como o confessava Sá de Miranda com saudade. O *Cancioneiro geral* foi publicado em 1516, tendo sido terminada a sua impressão em 18 de Septembro por Herman de Campos; ahi se encontram poetas que floresceram na côrte manuelina e que empregaram a lingua castelhana, taes como o Conde de Vimioso (fl. 83), o Coudel-mór, Alvaro de Brito, Duarte de Brito, D. João Manoel, D. João de Menezes, Diogo Brandão, Luiz Anriques. Glosando tambem cantigas castelhanas, ahi figura o Dr. Francisco de Sá (Miranda); era Jorge Manrique o preferido n'esta sua iniciação poetica; (fl. 109.) Duarte de Resende tambem imitava a fórma das Coplas da *alma dormida,* (fl. 199.) Garcia de Resende glosava em castelhano o romance subjectivo de *Tiempo bueno.* (fl. 217.) No *Cancioneiro geral* encontram-se muitos motes e voltas tirados de cantigas castelhanas, e citada a auctoridade de Juan de Mena e de Rodriguez del Padron.

A Livraria real de D. Manoel e a da rainha D. Catherina, mulher de D. João III, constavam de grande numero de obras da litteratura castelhana. No *Lyvro da recepta das joias e vestidos* do rei D. Manoel, de 1522, acham-se inventariados 96 livros; apontaremos sómente os castelhanos: «It. Huñ livro das *Sergas d'Esplandian.* — It. Outro livro da *Coronyca Troyana.* — It.

Huñ livro de *Frorisando* e *Amadis de Gaula*. It. Outro livro, da *Arte* de Lebryxa. [1]

Na Livraria da rainha D. Catherina, aponta-se a traducção castelhana de los *Nueve de la Fama* por Antonio Rodrigues Portugal; *Las Trecientas* de Juan de Mena, e o *Cancioneiro* de Juan del Encina; Don Jorge de Manrique con *Recuerd el alma dormida*, com glosa; o *Cancioneiro castelhano; Coronyca Troyana* e *Coronica de España; Cronica del Rei D. Rodrigo;* [2] os *Proverbios* do Marquez de Santillana, e a Satira de *Mingo Rivulgo* com glosa. Destacamos ainda: Um *Livro de Trovas* [3] e *Comedia de Poncia*, escripta em pergaminho, que são o Cancioneiro do Marquez de Santilla, e o poemeto em 120 outavas intitulado *Comedicta de Ponza*, especie de visão dantesca em que celebrava o combate naval junto da ilha de Ponza em 1435. Este livro pertencera ao Condestavel D. Pedro, que o imitara na sua *Satira de infelice vida*.

A' excepção de Bernardim Ribeiro, Dr. Antonio Ferreira, Frei Agostinho da Cruz e Jorge

---

1 Dr. Sousa Viterbo, *A Livraria real especialmente no reinado de D. Manoel*, p. 11 a 23.

2 Manuscripto anonymo, onde se agglomeraram as Tradições da Torre ou Cova encantada de Toledo, os amores da Cava e a penitencia do Rei D. Rodrigo.

3 Seria este *Livro de Trovas* o Cancioneiro de Fr. Inigo Mendoza, reunido á obra do Marquez de Santillana, que tambem se chamava D. Inigo de Mendoza.

Ferreira de Vasconcellos, todo os poetas quinhentistas fôram *bilingues*. Muitas vezes os escriptores, depois de uma redacção portugueza, transformavam a sua obra reelaborando-a em *castelhano;* assim fez o Condestavel de Portugal com a sua *Satira de felice e infelice vida,* como elle proprio confessa: «Que traydo el texto á la deseada fin é parte de las glosas en lengua portugueza acabadas, quise todo transformar é lo que restaba acabar en este *castellano idyoma.*» Com a trilogia das *Barca do Inferno* e do *Purgatorio* e da *Gloria,* representadas em 1517, 1518 e 1519, deu-se o phenomeno de Gil Vicente transformal-as na *Tragicomedia alegorica del Paraiso e del Infierno,* com mais belleza, impressa em 1539 em Burgos. Tambem acontecia, que sob a fórma castelhana, transparecia inilludivelmente a sensibilidade e suave ternura portugueza, como se reconheceu na *Diana* de Jorge de Monte-mór, sendo este o criterio com que o fervoroso castelhanista Menendez y Pelayo authentíca o *lusismo* do *Amadis de Gaula.* No parecer da Academia de Historia de Madrid, sobre o *Catalogo razonado* de Auctores Portuguezes que escreveram em castelhano, para que essa obra se imprimisse como de interesse nacional, nota-se este phenomeno dos escriptores *bilingues,* resvalando para a boçalidade: «o curioso phenomeno, que appresenta a Litteratura portugueza expressando-se em *castelhano* n'aquelles periodos em que, ao parecer, fôram os odios politicos mais vehementes; signal indubitavel que fôram postiços e como que impostos

por interesses bastardos e transitorios.» [1] E desconhecendo em absoluto os caracteres anthropologicos e ethnicos, que separam as duas nacionalidades hispanicas, avança a estupenda affirmação: «a unidade de raça, de pensamento e de linguagem da Peninsula iberica, unidade que, se no campo dos factos historicos tem contradictores, n'esta esphera purissima intellectual e moral impõe-se incontestavelmente como obra da propria natureza, que em um molde unico e só formou a região em que hespanhoes e portuguezes habitamos.»

A esta affirmação vagabunda, contrapõe-se a observação de Moret, no seu discurso no Atheneu de Madrid sobre a Revolução de 5 de Outubro, de 1910: «na Hespanha não existe um typo senão em conjuncto. Aqui ha Vascos, Castelhanos, Catalães, Levantinos, etc. O que não ha, é verdadeiramente um typo hespanhol.» Apontando o preconceito da união moral dos dois povos, reconhece essa illusão: «Por motivos da visinhança, de sympathia e de communidade historica, parece-nos que não estamos tão divorciados como se julga.» Elle presente a differenciação do typo Galecio-asturiano, que ainda conserva a pureza anthropologica do typo *luso*, notando: «E' possivel que as provincias do norte tenham alguma se-

1 Desfaz este asserto, uma carta de Lope de Vega (Na *Filomena*, Carta 9.ª, a D. Juan de Arguijo, p. 188, ed. Barcelona, 1621), em que traz estas palavras de um portuguez: "Dois favores devo a Deus, o *não ter nascido idiota,* nem *castelhano.*"

melhança com as provincias hespanholas suas visinhas;...» Essas semelhanças sobrevivem no lyrismo dos nossos Cancioneiros trobadorescos, e na resistencia do *ethos* luso prevalecendo através das crustas do *Castelhanismo:* na poesia dramatica de Gil Vicente, na sentimentalidade do lyrismo de Sá de Miranda, de Camões e de Bernardes, na paixão intensa mas terna do *Amadis de Gaula* de Vasco de Lobeira, e da *Diana* de Jorge de Monte-Mór; apparecendo de um modo surprehendente na pintura, como se verifica na tonalidade e na sobriedade das côres em Affonso Sanches Coelho, e em Velasques, destacando-se do esplendor da pintura castelhana na sua grande epoca historica de Murillo, Zurbaran, Ribera, Alonso Cano, Morales.

Se o Castelhanismo pôde, em esfôrço secular pela perversão religiosa, habilidade politica e violencia material dominar a Nacionalidade portugueza, a sua Litteratura n'esses periodos bilingues, deu expressão ao genio da raça, ao *ethos* da sua psychologia collectiva, subsistiu pela ideia, e pela ideia revivesceu e resurgiu como um povo livre. Por isto ficaram modelares os Quinhentistas, deixando-nos a luz para os comprehender e imitar.

A transição da Edade média para a epoca da Renascença não se operou pela renovação da cultura classica, simplesmente, mas pela acção, agitando a ascetica apathia da disciplina contemplativa da Egreja, pelas expedições maritimas e Descobrimentos geographicos, e pela livre critica apoiada nas observações astronomicas. Portugal,

ao iniciar-se o seculo XVI, suscitava pelos seus descobrimentos a actividade das nações modernas e por esse estimulo creava tambem as fórmas artisticas para exprimir o ideal épico. Escreve Schuré: «Quando a necessidade da *acção*, de renascimento chega a um certo gráo de intensidade, não póde exprimir-se em poesia se não sob a *fórma dramatica*. A arte completa e soberanamente persuasiva não é a que anima a tela, o marmore ou o livro; quando ella se apodera de todas as fibras do homem, *impelle-o a representar o que imagina.*» [1] Foi esta a situação de Gil Vicente, creando na entrada do seculo o Theatro portuguez e a litteratura dramatica; os seus Autos pódem equiparar-se ás Comedias de Aristophanes, pois em ambos estes genios termina a *Arte viva* e começa a *litteratura*. As Dansas e as Canções dialogadas, os Colloquios e Exodios *(Cris-autos)* que eram Arte viva nas festas populares das *Maias, Lapinhas, Reisadas* e *Mouriscadas,* (Entrada do Verão e Sahida do Inverno), Estreias das Séstas e Cerração da Velha, encontraram em Gil Vicente o genio que soube dar-lhes fórma litteraria com que fundou o theatro nacional, rico dos seus typos e dos aspectos sociaes da sua época. Os seus Autos, Farças e Tragicomedias são completos pela integração das fórmas da poesia lyrica, das melodias e bailados *imitando os da serra,* e em que elle mesmo como poeta, musico e actor, sus-

1 *Le Drame musical,* p. 99.

citado pelos contrastes entre a côrte e a vida nacional, dá ás suas satiras e ao realismo dos costumes a *verdade* que se identifica com o bello. Em Gil Vicente acha-se a plena revelação da psychologia collectiva, o sentimento do *lusismo* e a consciencia nacional, embora ladeado das duas poderosas influencias desnacionalisadoras, o *Castelhanismo*, imposto pela vida palaciana para linguagem dos seus Autos, [1] e o Humanismo dos poetas e eruditos da eschola italiana, que em segunda mão só admirava as bellezas da Antiguidade classica. Tal é a sua energia organica, a vitalidade do meio provinciano em que nasceu e foi creado, e a poesia das tradições que o inspiram, que elle, como poeta lyrico soube continuar as fórmas gallaico-portuguezas das Serranilhas da epoca trobadoresca, e sem conhecer as Comedias aristophanescas, adivinhou-lhes a sua fórma, excedendo os comediographos italianos da Renascença, com que os nossos *homens de bom saber* o pretenderam amesquinhar, e deu nas suas Tragicomedias o typo da *Comedia famosa* ao Theatro hespanhol.

1 Dos 42 Autos de Gil Vicente, são escriptos em *castelhano* 10; em *castelhano* e portuguez, 15, bilingues; em portuguez inteiramente, 17. Nenhum escriptor appresenta, como elles a expressão mais completa da nacionalidade em todos os seus aspectos.

a) Gil Vicente e a creação do Theatro nacional

A vida publica na Edade média começou nas Cathedraes, onde o povo fazia as eleições e os contractos, as revoltas pela liberdade, e se fortificava pela unanimidade dos sentimentos; o theatro foi uma consequencia da vida publica, ligando-se ás fórmas ritualisticas das festas do Natal, Reis e Paschoa, e transitando da sua origem na Basilica para a parodia da vida civil nas comedias da *Basoche,* até chegar a exprimir as audacias da opinião popular. Quando no seculo XVI, se desenvolve a vida burgueza e mercantil, pelas condições dos descobrimentos maritimos, simultaneamente creou Gil Vicente a fórma dramatica na Litteratura portugueza, como um orgão espontaneo da opinião publica, luctando nas suas farças e autos pela liberdade de consciencia, supprimida pelo estabelecimento da Inquisição, pouco antes da sua morte. A obra genial de Gil Vicente, a mais organicamente inspirada pelo sentimento nacional, ficou esquecida e desconhecida, conjunctamente com a decadencia de Portugal conseguida pela sua desnacionalisação. Ahi por 1805 é que o erudito Bouterweck deu noticia na sua Historia da Litteratura hespanhola da existencia de um exemplar das Obras de Gil Vicente na Bibliotheca da Universidade de Gothingen, da qual saíu a copia para as edições modernas. A naturalidade do poeta chegou a ser ignorada pela terra que além da nobilitação de ter sido patria de tal vulto,

por esse facto melhor explicava as caracteristicas do seu genio. Nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães,* enumera o p.e Torquato Peixoto de Azevedo entre as celebridades lócaes rebuscadas entre frades e fidalgos, nomes insignificativos, faltando ahi os de Gil Vicente *poeta* e Gil Vicente *ourives,* que ainda pela depressão intellectual do paiz permaneceram esquecidos até á epoca do Romantismo.

1.º *Naturalidade de Gil Vicente — O burgo de Guimarães.* — Quando a *Terra Portucalense* ainda não tinha um centro em que apoiasse a sua autonomia, separando-a da incorporação no Condado da Galliza, Guimarães tornou-se a capital do novo estado politico, em quanto a occupação dos territorios conquistados do Douro até Coimbra, Santarem e Lisboa, não impunha uma localisação convergente em harmonia com o desenvolvimento da nacionalidade. Guimarães, que fôra séde de uma côrte, em que floresceu o lyrismo trobadoresco desabrochando das fórmas nativas das cantigas populares, [1] era organicamente um burgo ou povoação formada, junto do castello de San Mamede e da Cathedral ou collegiada da Oliveira, com independencia ecclesiastica do Arcebispado de Braga e de toda a jurisdicção senhorial. Foi aqui n'este burgo-concelho, que se creou uma população mais industrial e mercantil do que agricola, dando estes misteres aos seus incolas ha-

1 Recapitulação — *Edade Média,* p. 172.

bitos de independencia, de commodidades domesticas, contrapondo-se ao orgulho e sumptuosidade dos senhores. Herculano, definindo este typo social, conclue: «Assim o burguez é na primeira epoca da nossa historia o typo mais completo da classe média, que hoje habita os grandes centros de população, e que vive principalmente do trafico e dos misteres, que representa os progressos da civilisação material.» [1] Entre essas industrias locaes, cuja tradição se conserva ainda, como a dos tecidos de linho, a dos couros, cutelaria e ourivesaria, umas eram favorecidas pela concorrencia das feiras minhotas, outras pela sumptuaria, provocada pela frequencia das romagens ao sanctuario da Senhora da Oliveira. N'este meio burguez, é que pelo meado do seculo XV floresceu a familia de Gil Vicente no seu mister de ourivesaria. Pelos dados genealogicos de accordo com documentos officiaes estabelecem-se as biographias d'esses dois extraordinarios genios estheticos, os homonymos historicamente e moralmente inseparaveis, o auctor da *Custodia* dos Jeronymos, a idealisação religiosa dos Descobrimentos, e o fundador do theatro nacional.

Estas duas fórmas de arte inspiradas pelo espirito medieval apparecem na sua potente originalidade em antagonismo com a nova corrente do gosto da Renascença. Gil Vicente, poeta, o que deu fórma litteraria aos rudimentos populares do

---

1 *Hist. de Portugal,* IV, 25.

theatro mediévico, sustentou a tradição na lucta contra *os homens de bom saber,* os eruditos humanistas, que com as imitações da Comedia classica pretendiam amesquinhar a originalidade dos seus Autos. Egual antagonismo encontra Gil Vicente, ourives, nos que, como Garcia de Resende, proclamavam a supremacia dos ourives italianos. Uma mesma phase da historia da Arte portugueza, aproximando estas duas altas individualidades, impõe á critica o esclarecer o facto da sua *homonymia,* que não preoccupou a sociedade em que brilharam. Os documentos genealogicos dos linhagistas dos seculos XVI e XVII, offerecem elementos importantes, que nas suas confusões se corrigem pelos documentos officiaes, determinando factos irrefragaveis que destrinçam as duas individualidades, cujas familias se ligaram entre si por casamentos. Além da mutua interpretação e conciliação, importa subordinal-os aos dados autobiographicos esparsos nos monumentos litterarios.

Eis como as duas individualidades nitidamente se differenciam do seu commum tronco genealogico, o avô *Gil Fernandes,* ourives de Guimarães, que ainda em 1485 trabalhava pela sua arte; do seu casamento com Joanna Vicente, houve tres filhos:

— Luiz Vicente, tambem ourives, pae do celebrado *lavrante* da ra nha D. Leonor.

—Martim Vicente, pratives, pae do afamado poeta dos Autos.

— Vicente Affonso, curtidor.

Interessa-nos immediatamente a genealogia do

poeta; lê-se na *Pedatura lusitana* de Christovam Alão de Moraes, sob o titulo Dos Vicentes: «*Martim Vicente foi um homem natural de Guimarães; dizem que era Ourives de prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe de certo que teve a Gil Vicente.*»

E em successão, accrescenta:

«Gil Vicente, *filho unico d'este* Martim Vicente, *foi um homem discreto e galante, e por tal sempre muito estimado dos principes e senhores do seu tempo. Foi o que fez os Autos, que em seu nome se imprimiram, e que por sua muita graça fôram sempre celebrados, pelos melhores que se fizeram n'aquelle genero. Está sepultado em Evora. Casou com... de Almeida, filha de... de quem houve, etc.*»

Pelo epitaphio que escreveu o poeta para a sepultura de sua mulher sabe-se que se chamava *Branca Bezerra*, dos Almeidas de Torres Vedras. Houve o poeta os seguintes filhos:

— *Paula Vicente*, tangedora e môça da Camara da Infanta D. Maria, em 1543; teve o privilegio das Obras de seu pae em 1561.

— *Luiz Vicente*, que foi môço da Camara do Principe D. João, em 1552, passando pela prematura morte d'este para egual serviço do rei em 1555; publicou em 1562 as Obras de seu pae que deixara dedicadas a D. João III; em 1567 é ainda referido o seu nome no lançamento de uma contribuição sobre os habitantes de Lisboa.

— *D. Valeria Borges*, para a qual houve promessa de 11 de Julho de 1552 de um provimento

em favor de quem casar com ella. Em 1553 casa com Pedro Machado, môço da Camara de el-rei, do qual viuvou depois, casando em segundas nupcias por 1557 com D. Antonio de Menezes, de quem teve entre os numerosos filhos D. Beatriz de Menezes, em quem sua tia *Paula Vicente* renunciou uma tença de 12$000 réis para se metter freira.

— *Martim Vicente,* «que serviu bem na India, onde morreu solteiro.» *(Pedatura.)* D'aqui a lenda malevola, de que o pae o afastara pela rivalidade do seu talento.

Póde fixar-se com segurança a data do nascimento de Gil Vicente em 1470; na *Floresta de Enganos,* que tem a rubrica — a derradeira que escreveu em seus dias — em 1536, traz a referencia no verso: «Já fiz os *sessenta e seis.*» Todos os criticos interpretam egualmente o sentido autobiographico. Passou-se a sua mocidade em Guimarães, recebendo a cultura do *Trivium* (Grammatica, Logica e Rhetorica) nas Escholas da Collegiada da Oliveira, dirigidas pelo *Cabiscol* ou o Conego docente. Escriptores vimaranenses, que conhecem esse meio ethnico, explicam pela sua intuição especial o caracter artistico do seu conterraneo:

«Deve ter sido de superior alcance para os destinos de Gil Vicente, passar a mocidade em Guimarães, no centro mais nacional do paiz, a recolher na mente os eccos das maviosas serranilhas do Minho, e a enthesourar o ouro mais puro das fecundas tradições populares, habilitando-se,

de tal guisa, a ser mais tarde, pelo guindado alôr do seu genio, uma synthese rigorosa e translucida da raça e da epoca.» [1] Tambem Malheiro Dias, no estudo *Gil Vicente* — Algumas determinantes do seu genio litterario, põe em evidencia a influencia da sua naturalidade: «Não é raro encontrar na obra de Gil Vicente reminiscencias de trovas e cadencias gallegas. As suas mulheres têm especial encanto e por vezes até a ingenua alegria, que não é facil nas populações de Lisboa, encurraladas nas moradias do resalto, e telhado flamengo das viellas de Alfama, enlaçadas pelas muralhas de D. Fernando. Ha n'elle, de tempos a tempos, exuberancias lyricas e bucolismos da vida pastoril, que deixam adivinhar longinquas evocações de uma outra existencia anterior, onde as mulheres fôssem viçosas, os horisontes verdes, o céo mais claro, mais fresca a terra e mais suave a vida... E affigura-se-me que é ainda e sempre Guimarães, que o poeta, exilado na côrte, evoca com as suas torres vetustas, as muralhas de D. Diniz, a serra de Santa Catherina, as aulas claustraes da Collegiada, os seus riachos, onde as môças vão lavar, as suas procissões e festas sacras, as suas veigas onde pascem os rebanhos, e as adufas por onde espreitam os olhos negros das mulheres...» [2]

---

1 *Revista de Guimarães,* vol. XIX, fl. 72 (Pinceladas biographicas, do P.e A. Hermano.)

2 *Rev. de Guimarães,* p. 66.

«Não se pódem mesmo filiar na existencia da côrte os caracteres populares da sua obra, o seu culto pela natureza, a sua singular penetração da vida simples, o perfume da rusticidade de algumas das suas composições, o encanto sylvestre das suas mulheres, a sua como nostalgia dos horisontes verdejantes, que só em Torres Vedras serenava, pela identificação, ainda que vaga, com o panorama que rodeia Guimarães.» *(id.)* «Não foi na côrte nem na Universidade, que elle aprendeu a sentir a alma popular e lhe comprehendeu as aspirações sussurrantes. — Pelo contrario, Guimarães, com essa autonomia quasi suzerana com que a privilegiavam os Foraes e provisões de D. Diniz, D. Pedro I, D. Fernando, D. João I, D. Affonso V e D. João II, e onde as classes proletarias dominavam como sendo os elementos mais fortes do seu florescente progresso, feito a um tempo de actividade industrial e prestigio religioso, explica largamente, no filho do ourives esse feitio natural de independente, que a educação philosophica veiu ainda n'elle avigorar.» *(Ib.)*

A vinda de Gil Vicente para Lisboa frequentar os estudos da Universidade, mostra a sua cultura preparatoria e talento precoce, que os recursos da familia auxiliaram. Em Lisboa trabalhava Gil Vicente ourives, lavrante da Rainha D. Leonor, encarregado das joias e baixellas para o casamento do principe D. Affonso. Seria esse o movel que levaria a chamar para Lisboa o extraordinario lavrante? A epoca em que collocamos a sahida de Gil Vicente, poeta, de Guimarães, cal-

culamol-a por occasião da peste que ahi grassava em 1489, combinando esta data com a do curso da Universidade de Lisboa; assiste em 1491 ás festas do casamento do Principe, e achando-se habilitado já em 1493 para Mestre de Rhetorica de D. Manoel, herdeiro presumptivo do throno. Os nomes de Luiz e de Paula dados, mais tarde, a seus filhos, homenagem ao pae de Gil Vicente ourives, e a uma sua irmã, tambem nos revelam que assim confessava o reconhecimento ao apoio que lhe devera para a sua entrada na côrte e aproximação d'este espirito superior que foi a rainha D. Leonor, que soube avaliar o seu talento incomparavel.

A rainha D. Leonor pertence ao grupo das gloriosas soberanas que no fim do seculo XV representaram os ultimos esplendores da Edade média. Teve acção directa sobre os grandes Descobrimentos geographicos como a sua contemporanea a rainha Isabel, e como Anna de Bretanha influiu na manifestação dos genios artisticos, como se vê pela influencia que exerceu estimulando os trabalhos de Ourivesaria do seu lavrante Gil Vicente, e suggerindo a Gil Vicente, o poeta, mestre de Rhetorica de D. Manoel, a creação do theatro portuguez. Podia-se fazer um parallelo completo, com a sua contemporanea Anna de Bretanha, pelas suas profundas virtudes domesticas, e pela affectuosa energia que exerceu no espirito violento de seu marido D. João II, e na cultura do descuidado D. Manoel, que ella impelliu para a continuação dos descobrimentos. Em volta da

rainha D. Leonor creou-se uma atmosphera de elegancia e gosto artistico, actuando sobre o apparecimento de poetas fidalgos que frequentavam os Serões do paço; no seu tempo a côrte portugueza começou a ser matizada pela convivencia intima das donzellas fidalgas, como d'amas da rainha, a que se deu o nome de damas de honor, e açafatas. Foi por este costume da côrte franceza, que Brantome attribue á iniciativa de Anna de Bretanha, que em volta da rainha D. Leonor se agruparam as donzellas que inspiraram todo o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, cheio de allusões a intrigas amorosas, que conciliavam os interesses das familias aristocraticas. Foi esta dama excelsa a promotora dos trabalhos da Imprensa em Portugal, e á sua iniciativa se deveu a creação das Misericordias, em que a assistencia tomou um caracter publico de confraternidade, em que o proprio rei se inscrevia como irmão, em vez dos Hospicios, que bem serviam sómente as classes isoladas pelos costumes separatistas medievaes. A todos estes titulos, que excedem o da sua realeza, sobresáe a intelligente protecção que prestou sempre a estes dois extraordinarios espiritos, que as correntes do gosto e das opiniões artisticas e litterarias tentaram por vezes amesquinhar e mesmo ferir nos seus recursos economicos. Estava Gil Vicente com os seus vinte e tres annos, quando foi chamado para uma delicada funcção pedagogica no paço; mas a côrte brilhante de D. João II, offuscada por um terrivel desastre, não offerecia condições para creações de arte

e poesia. Sómente passados quasi dez annos, em 1502, á entrada do grandioso seculo da Renascença, é que esses dois genios encontraram o ensejo de revelarem a sua pujança creadora.

2.º *A entrada na Côrte e os Autos hieraticos.* — A vida escholaresca de Gil Vicente na Universidade de Lisboa, e a sua entrada nas festas da côrte de D. João II, por occasião do casamento do principe D. Affonso com D. Isabel, filha dos Reis Catholicos, vieram suscitar o seu genio dramatico. Viva impressão lhe deixaria o *singular Mômo de Santos,* em 24 de Septembro de 1490, quando D. João II regressou de Santhiago de Compostella, em que numerosos fidalgos «*hyam cantando diante do entremez e carro em que hya Santyaguo*» um vilancete composto por Pero de Sousa Ribeiro. Muito deveria ao ourives Gil Vicente, seu primo, *lavrante* da Rainha D. Leonor, trabalhando nas joias e aderêços e baixella destinados ao sumptuoso casamento do principe. Pela alta importancia d'este artista, pôde o escholar Gil Vicente contemplar de perto essas pompas pharaonicas com que se celebrou o casamento do principe em 29 de Abril de 1490, as Justas reaes de Evora em que D. João II manteve com certos Cavalleiros um *Tablado* ou Castello, e depois quando entrou na sala apparatosa invencionado *Cavalleiro do Cysne,* indo com *sua falla,* endereçar á princeza o Breve da *tenção.* Passados annos ainda esta impressão fulgurava no espirito de Gil Vicente, quando ao representar o *Auto Pastoril castelhano,* fazia uma allusão saudosa a D. João

II, cuja memoria era profundamente odiosa ao joven rei D. Manoel. Tem por isso mesmo mais valor a referencia, que deveria ser sympathica á excelsa rainha viuva:

> Conociste á Juan *Damado,*
> *Que era Pastor de pastores?*
> Yó lo vi entre estas flores
> Con grande hato de ganando,
> Con su cayado real,
> Repastando en la frescura,
> Con favor de la ventura;
> Di, zagal,
> Que se hizo su corral?

A imagem do *Pastor de pastores con su cayado real* correspondia a uma ideia então dominante; nas côrtes de 1439 e 1459, compara-se o rei ao pastor: «E porque, Senhor, sois vós nosso rei e senhor, e a vós pertence tosquiar e esquilmar as vossas ovelhas, seja vossa mercê que tal estabelecimento ponhaes que as vossas ovelhas sejam por vós tosquiadas e não por outrem; e assim viverão as vossas ovelhas e assim empenecerão, e correrão e serão guardadas *sob vosso cajado* e assim sereis pastor não mercenario.» [1] Ao nome de João *Damado,* poz Gil Vicente a nota: «dizia por *El Rei D. João II.*» *Damado* é o adjectivo de *Damo,* ainda hoje usado na linguagem popular:

---

1 Ap. J. P. Ribeiro, *Mem. sobre Prazos.* (Mem. da Acad., t. VII.)

Foste *dama* do meu *damo*,
Foste minha inimiga;
Nada passaste com elle,
Que elle agora m'o não diga.

(A. T. Pires, *Canc. popular do Alemtejo*, III, 279.)

Na noite de S. João
E' o tomar dos amores,
Que dá o *damo* á *dama*
Um raminho de flores.

(Villa Nova de Gaya.)

O verso, «Que se hizo su corral?» resumia todas as fatalidades que puzeram termo ao reinado de D. João II. O principe D. Affonso morre da desastrosa queda de um cavallo correndo o aléo no areal de Santarem em 13 de Julho de 1491. Depois d'esta data, em que a rainha D. Leonor se despojou de todas as suas joias, o ourives apenas lavrava alguns calyces e relicarios, ficando assim reduzida a sua actividade artistica. Como o Duque de Beja, D. Manoel, era o herdeiro presumptivo, a rainha, sua irmã, tratou logo de acudir á descurada educação, confiando-a a Gil Vicente, bacharel de direito cesáreo para mestre de Rhetorica do Senhor D. Manoel, como então lhe chamavam. No Nobiliario de Damião de Goes, fl. 98, vem: «*Gil Vicente foi Mestre de Rhetorica d'El Rei D. Manoel.*» Repetem este facto o genealogista Cabedo, e o professor Martins Bastos, na *Nobreza litteraria*, (p. 122. Ed. 1854.) A sua auctoridade philologica era reconhecida pelos seus contemporaneos, Fernão de Oliveira e João de

Barros, nas *Grammaticas* de 1536 e 1539, com que se abonam. Era um homem culto, com alta capacidade pedagogica, e não o histrião lendario da côrte; era um vehemente poeta lyrico, sustentando a tradição da eschola galecio-portugueza, que ainda lampejava na côrte de Fernando e Isabel, e não o jogral improvisando grosseiras facecias. A rainha D. Leonor teve a comprehensão do genio de Gil Vicente, e influiu directamente na sua revelação. A morte desastrada do principe D. Affonso, a doença mysteriosa com que faleceu D. João II, e a viuvez do novo rei D. Manoel, embaraçaram todas as manifestações festivas na côrte. Tanto o ourives como o poeta, não achavam estimulo para exercerem as suas faculdades creadoras. Mudaram as circumstancias por novas combinações politicas. Tendo o rei D. Manoel casado em segundas nupcias, com sua cunhada D. Maria, para vêr se assim realisava a união de Portugal com Castella, nasceu-lhe d'esse consorcio o principe D. João, (o III, de nome) em 6 de junho de 1502. Renovavam-se as esperanças para a realisação do plano de Fernando e Isabel — uma só Patria, um só Throno e um só Deus; plano contrariado pela morte do principe Miguel da Paz, do primeiro casamento do monarcha. Isto mesmo tornava o parto da rainha um regosijo publico; o jubilo da côrte estimulou o genio de Gil Vicente. Em um quarta feira, 8 de Junho, de 1502, na *segunda noite* depois do nascimento do principe, entrou Gil Vicente acompanhado de trinta fidalgos na camara da rainha, e

ahi caracterisado, recitou o *Monologo do Vaqueiro* ou da *Visitação*, especie de Vilancico das Lapinhas, no qual fazia offertas com venturosos augurios ao principe recemnascido.

Era um Auto, de que ainda no seculo XVIII se conservou a fórma no *Elogio dramatico*, e allegorico como o Monologo do Velho que a Villa de Obidos enviara com um presente á rainha D. Leonor, quando se achava nas Caldas. E' preciosa a rubrica que Gil Vicente poz a este Auto da Visitação, com que começa o corpo das suas Obras:

«*Porquanto a obra de devação seguinte procedeu de hũa visitaçam que o autor fez ao parto da Raynha Dona Maria e nascimento do muyto alto e excellente princepe dom Joam, o terceiro em Portugal d'este nome. Se poz aqui primeiramente a dita Visitação por ser a primeira cousa que o autor fez e que em Portugal se representou, estando o muy poderoso rey dom Manoel e a Rainha D. Breytis sua mãe, e a senhora duqueza de Bragança, sua filha, na segunda noyte do nascimento do dito Senhor.*»

Presta-se a interpretações dubias este modo de dizer da rubrica do Auto; Ferdinand Denis fixava a segunda noite depois do parto, em 7 de Junho, e Ticknor em 8, na sua *Historia da Litteratura hespanhola*. Houve grande intervallo de tempo entre o parto e nascimento, e ha grande differença entre o dia civil de sol a sol, e o dia astronomico de meia noite a meia noite. Haveria no poeta algum intuito tradicional, a que allu-

de Pictet: «Os Irlandezes, como todos os povos celticos, *contavam o tempo pelas noites,* e consideravam a noite como o que ha de mais antigo na natureza.» [1] Gil Vicente separa na sua rubrica o parto da rainha D. Maria e *nascimento* do principe D. João, determinando que o auto se representou *na segunda noyte do nascimento* do dito principe. Como se sabe pelos *Annaes de D. João III,* por Fr. Luiz de Sousa, os primeiros signaes do parto appareceram *lá sobre a tarde* do domingo 5 de Junho; ao espalhar-se a noticia pela cidade, fez-se uma procissão á Egreja de S. Domingos, pelo susto que «*a todos fazia de agouros e incertezas;*» o parto prolongou-se por todo o dia 6 e só ao fim de muitas horas é que o *perigo* da Rainha se converteu *em não cuidada alegria.* Duas horas depois da meia noite d'esse dia, isto é, ás duas horas da madrugada do dia 7 de Junho, nasceu o principe. Não era possivel representar-se o *Auto da Visitação* n'essa terça feira, bem aziaga, como diz o chronista: «*no mesmo dia* se armou no céo uma tormenta de aguas, trovões, raios e coriscos tão extraordinaria e *continuada todo o dia* e em tamanha furia e teima que ninguem a julgava menos que obra de espiritos infernaes.» As manifestações festivas da cidade só poderiam patentear-se depois de terminada a

---

1 *Du Culte des Cabires,* p. 22. O mesmo entre os Gaulezes, Germanos e Slavos, Chinezes e outros povos orientaes; e ao tempo decorrido entre uma e outra noite, chamavam dia. Creuzer, *Symbolica,* IV, 251.

extraordinaria tormenta, e não seria n'essa aziaga terça feira, 7 de Junho, que Gil Vicente, iria saudar a rainha, nem os fidalgos com o terror da continuada borrasca se prestariam a acompanhar o poeta no gracioso cortejo. Foi, em 8 de Junho, na *segunda noite* depois do *nascimento* do principe D. João (decorridas duas horas da madrugada de 7) que Gil Vicente iniciou o Theatro nacional e a Litteratura dramatica portugueza. [1]

O titulo de rainha dado a D. Beatriz, mãe do rei D. Manoel, era méramente honorifico. Cabe-lhe a gloria de ter estimulado esta espontanea iniciativa de Gil Vicente; no fim do Auto da Visitação, lê-se uma valiosa rubrica: «*E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha d'esta representação, que pediu ao auctor*

---

1 Insistimos n'esta minucia, porque Brito Rebello e Sousa Monteiro, ao celebrar-se o Centenario de Gil Vicente em 1902, adoptaram a data de 7 de Junho. No n.º 6 da Revista de Educação e de Ensino seguiu em 1897 esta data, repetindo Brito a affirmativa em carta no *Diario de Noticias*, de 12 de Abril de 1902: «Mezes depois sahiu á luz o volume da *Historia do Theatro portuguez* do Dr. Theophilo Braga, onde assignalou ao facto o dia 8.» Não fôram mezes depois, mas vinte oito annos antes, que na Historia publicada em 1870, p. 134, fixámos — 8 de Junho — já seguida por Ticknor.

Pretendendo corrigil-a escreve: «Julgo esta asserção uma pequena inadvertencia do meu eruditissimo amigo, cujo espirito absorvido em tantos trabalhos de elevada magnitude, não póde dedicar a sua attenção a uma minudencia á primeira vista insignificante. Isto succede a todos.» Para que estas despezas de tão fina ironia, quando funda a sua argumentação alterando o texto de Fr. Luiz de Sousa e abstrahindo de circumstancias n'elle referidas?

isto mesmo lhe representasse ás Matinas do Natal, endereçando ao nascimento do Redemptor.»

Gil Vicente, em vez de repetir pela festa do natal este Monologo, «*porque a substancia era mui desviada*», compoz deliberadamente o *Auto pastoril castelhano.* Do Monologo do Vaqueiro escreve Ticknor: «A poesia é natural, viva e animada, e expressa muito bem os sentimentos de admiração e surpreza que naturalmente deviam apoderar-se de um rustico ao entrar pela primeira vez no palacio. Considerada sob o ponto de vista de uma lisonja cortezanesca, a composição produziu o seu effeito.»[1] O Monologo era verdadeiramente original; a rainha velha recordara-se dos Vilancicos do Natal, e pedindo a sua repetição para d'ahi a sete mezes, suscitava no poeta a creação consciente do Theatro portuguez, no *Auto pastoril.* N'esse anno de 1502, Gil Vicente, ourives, synthetisava na Custodia feita com o primeiro ouro das páreas de Quilôa, o maior feito da historia de Portugal; e seu primo, Gil Vicente poeta, abria para toda a Hespanha uma época de florescencia artistica do Theatro moderno. Obedecendo ás circumstancias do meio palaciano, em que actuava uma imitação dos usos da côrte de Castella, teve não só de escrever em castelhano como imitar o poeta Juan del Encina, que ahi era muito admirado. Lê-se em um documento do tempo: «*Em 1492 começaram em Castella as compa-*

1 *Historia da Litteratura hespanhola,* I, 299.

nhias a representar publicamente comedias de Juan del Encina.» Gil Vicente teve de obedecer a essa corrente palaciana, para se emancipar genialmente, desde que pôde dominar esse meio. Falando do *Auto pastoril castelhano,* escreve Ticknor: «e assim compoz um Auto pastoril, no qual introduziu como interlocutores os quatro pastores e aos dois Evangelistas Lucas e Matheus. E não só imitou servilmente a fórma empregada por Juan del Encina, introduzindo no seu Auto o presepio de Belem, como este auctor anteriormente tinha feito, como copiou com bastante liberdade até mesmo versos seus.» *(Hist. litt. hesp.,* I, 299.) Era um trabalho feito com urgencia, para obedecer a um pedido irresistivel. E' essa influencia de uma alta intuição psychica, que importa accentuar.

A morte do principe D. Affonso era em Portugal considerada uma calamidade, como a do principe D. João, primogenito dos Reis catholicos; a impressão foi profunda entre os dois paizes chegando a reflectir-se nos romances populares. Na côrte de Fernando e Isabel, foi lida a paraphrase da Egloga v de Virgilio applicada por Juan del Encina a celebrar a morte do Principe D. Affonso; no argumento da Egloga, o declara: «en cuya muerte podemos entender la desastrada muerte del muy desdichado Principe de Portugal a quien la fortuna se quiso mostrar muy embidiosa en su mayor prosperidad ya que avia casado có la esclarecida infanta dona Isabel, hija de nuestros muy poderosos reys; princesa de Portugal a

cuya causa cô mucha razon nos cupo gran parte de su dolor.» E na bocca do pastor Mopso, põe a descripção da morte do principe:

> De Danes *muerto en el suelo,*
> que su madre le llorava
> e abraçava
> dando vozes contra el cielo
> con tan gran dolor y duelo,
> que a todos nos lastimava.
> Llorava su muerte tal
> la triste dona Ysabel,
> nuestra infanta principal,
> Princesa de Portugal,
> porque era su muger del;
> yo la vi tan dolorida
> que en la vida
> estava mas muerta que el
> haziendo llanto cruel
> ....

Devia ter causado grande emoção na côrte portugueza a leitura d'esta Egloga v, adaptada por Encina a celebrar a catastrophe do principe; a rainha D. Leonor seria a primeira a reconhecer o talento do poeta, e Gil Vicente vêr-se-hia interessado a tomar conhecimento das suas obras, e imitando-as aproveitar essa corrente de sympathia para a iniciação do Theatro em Portugal.

Compoz o *Auto pastoril castelhano*, na lingua então preferida no paço. A rainha velha, a mãe do rei D. Manoel ficou maravilhada com a nova obra; é de uma belleza ingenua a rubrica de Gil Vicente: «*A dita Rainha satisfeita d'esta pobre cousa, pediu ao auctor, que para o dia de Reis logo seguinte, lhe fizesse outra obra...*» Escre-

veu pois em 1503 o *Auto dos Reis Magos.* Ainda n'esse mesmo anno escreve e representa o *Auto da Sibylla Cassandra* em Enxobregas, o mosteiro predilecto da Rainha viuva D. Leonor. A irmã do monarcha, descobrindo este genio inventivo no que escolhera para mestre de Rhetorica do herdeiro do throno, animou-o deliberadamente para que continuasse a compôr mais obras n'aquelle genero novo. Em 1504 Gil Vicente representa nas Caldas diante da rainha D. Leonor, um trecho do *Auto de S. Martinho, «porque foi pedido muito tarde.»* E' ainda diante da rainha D. Leonor que em 1505 representa o *Auto dos Quatro Tempos*, nos Paços da Ribeira, e em 1508 o *Auto da Alma*, em Santos o Velho.

Em 1509 representa ainda diante da rainha o *Auto da India,* em Almada, e na Capella do Hospital de Todos os Santos o *Auto da Barca do Purgatorio*, que pertence a essa trilogia primeiramente escripta em portuguez com o titulo de *Auto de Moralidade*, e depois traduzida para castelhano com o titulo de *Tragicomedia allegorica del Paraiso y del Infierno.* Frequentaria Gil Vicente os serões do paço, versejando com os poetas palacianos que figuram no Cancioneiro de Resende? No *Cancioneiro geral* encontra-se um simulacro de Processo judiciario, feito por varios poetas a Vasco Abul, que vendo dansar uma cigana lhe lançara um collar por graça, fugindo ella em seguida; n'este processo apparecem uns versos epigrammaticos com esta rubrica: «*Parecer de Gil Vycente n'este processo de Vasco Abul á Raynha*

D. Leonor.» Foi a Rainha que lhe mandou que versificasse, como se infere pelo trecho:

> Voss'alteza me perdoe,
> eu acho muyto danado
> este feyto processado
> *em que manda que rasoe.*
> (*Canc. ger.*, fl. 201, col. 5.)

Em que data fixar este caso? Partindo da circumstancia, que a anecdota se passou em Almada, julgámol-a de 1494, onde estava a Rainha, vindo de Setubal muito doente; mas o luto constante em que vivia, e mesmo a gravidade da sua doença, não a fariam tomar parte n'esse certamen de poetas satiricos.

Adoptamos o anno de 1509, quando a rainha D. Leonor estanceou por Almada, mais conformada com a sua tremenda desventura. Mais isto nos revela, que Gil Vicente acompanhava a côrte, o que esclarece a situação definitiva da sua vida, e a creação do Theatro portuguez. Na dedicatoria da Tragicomedia de *Dom Duardos,* ao principe herdeiro de D. Manoel, confessa Gil Vicente que escrevera os seus Autos em serviço da rainha D. Leonor: «Como quiera, Excellente Princepe y Rey mui poderoso, que *las Comedias y Farsas y Moralidades, que he compuesto en servicio de la Reyna vuestra tia...*» (Ed. 1580 Fl.)

Estava o desenvolvimento do Theatro portuguez ligado ao gosto e sumptuosidade palaciana; de 1502 a 1536, em que Gil Vicente produz e exhibe toda a sua obra, raro é o anno em que não

compõe algum Auto para distrahir a côrte que foge das pestes de Lisboa, para Evora, Almeirim, Santarem, Coimbra, levando para ahi o germen em que se radica a sua imperecivel Eschola. Em qualquer successo das armas portuguezas na India, na Africa, Gil Vicente vem distrahir os animos alquebrados pelos desastres, ou exaltal-os no momento da partida, como na *Exhortação de Guerra*, na expedição para Azamor; é elle tambem que festeja o nascimento dos principes e infantes, como D. João, D. Luiz, D. Filippe, ou os casamentos reaes, como o de D. Manoel, D. João III, D. Isabel e D. Beatriz. Era preciso possuir um talento assombroso para atravessar as temerosas intrigas d'estas trez côrtes; sustentou-o sempre o apoio da Rainha D. Leonor, aquella que com a sua superior intelligencia, se assignalou na cultura portugueza.

3.º *Influencia de Juan del Encina e superioridade de Gil Vicente.* — Na ultima decada do seculo XV, as *Eglogas* e *Representações* de Encina exerciam um grande prestigio nos divertimentos dos palacios do Almirante de Castella, do Duque d'Alba, e na côrte dos Reis Catholicos, e eram imitados em Aragão por Pedro Manuel de Urrea, e em Castella por Pedro de Vega e Juan de Torres. Esta corrente da moda estendia-se á côrte portugueza, cuja curiosidade impelliria Gil Vicente, antes de poder affirmar a sua originalidade. Encina era um anno mais novo do que Gil Vicente, tambem escholar da Universidade de Salamanca, excellente musico, admittido por Leão X na sua

Capella, e com um saber de todos os generos e fórmas da poesia vulgar, de que fez uma *Arte de Poesia castellana.* As suas obras impressas em 1496 eram lidas na côrte portugueza, e como Mestre de Rhetorica do monarcha não podia desconhecel-as. Era inevitavel esse influxo, tanto mais que, como salamanquino, Encina pertencia á zona lusitana, empregando dansa e musica nas Eglogas, a uma das quaes chamou Auto. Facil foi á critica determinar esta influencia; não para amesquinhar Gil Vicente, mas para authenticar como elle se libertou e elevou acima do seu modelo. Assim observa Ticknor: «De sorte que os seis Autos pastoris de Gil Vicente, que versam sobre assumptos sagrados, escriptos como estão em castelhano para se representarem com acompanhamento de musica e dansa diante do rei D. Manoel, da rainha sua esposa e dos cavalleiros e senhores da sua côrte, devem ser considerados como *méras imitações das Eglogas de Juan del Encina.*» *(Ib.)* Amador de los Rios chama a esta imitação uma continuação da obra iniciada por Encina: «A imitação não era, certamente tão servil e inconsciente, que não aspirasse com justos titulos á originalidade que o seu engenho lhe permittia. Faltavam nos ensaios de Juan del Encina a propriedade dos caracteres, a flexibilidade e soltura nos movimentos dramaticos, o calor e o colorido na linguagem; e estes dotes, cuja exiguidade não era de extranhar em quem acommettia obra tão nova e difficil brilhavam nas producções de Gil Vicente, constituindo talvez o seu princi-

pal merito.»[1] Menendez y Pelayo, observando esta phase da actividade de Gil Vicente, põe tambem em relêvo a sua supremacia: «Estas primeiras obras são puras e nitidas imitações de Juan del Encina, sem nenhuma alteração ou progresso. — Basta lêr umas e outras peças para reconhecer que são da mesma familia. Os contemporaneos o sabiam, e Garcia de Resende o disse na sua *Miscellanea.*» Transcreve em seguida a celebre decima, que não contém sentido ironico, mas uma justa apreciação litteraria:

> E vimos singularmente
> Fazer *Representações,*
> De estylo mui eloquente,
> De mui nobres invenções,
> E feitas por GIL VICENTE.
> Elle foi o que inventou
> Isto cá, e *o usou*
> *Com mais graça e mais doutrina,*
> Posto que *Juan del Enzina*
> *O Pastoril começou.*

Era um facto conhecido de todos, por que o Cancioneiro que contem todas as Eglogas de Juan del Encina tinha já duas edições em 1496 e 1501, quando no anno seguinte «escrevia á sua imitação o monologo do Vaqueiro. — Não implica isto, nem pouco nem muito, que em Portugal, durante a Edade média, não tivesse existido o Theatro liturgico.» (*Antologia*, VII, p. CLXIX.) Continúa

1 *Hist. crit. de la Litteratura española,* t. VII, p. 402.

Menendez y Pelayo, com auctoridade critica, que vale mais que o nosso juizo: «Em nada diminue isto a gloria do poeta, que se não cifra n'estes primeiros tentames do seu engenho. Gil Vicente vale mais, muito mais que Juan del Encina.»

E em que estava essa superioridade? No lyrismo intenso de Gil Vicente, que vae repercutir-se em Lope de Vega, e na allegoria mystica dos seus Autos hieraticos que vão inspirar Calderon. Observa Pelayo: «o typo da barcarola lyrica introduzido por Gil Vicente no theatro, e Lope de Vega nos cantos intercalados nas suas peças, é indisputavelmente de origem galaico-portugueza, encontrando-se a cada passo bellissimas amostras no Cancioneiro da Vaticana.—Assim as fórmas lyricas e tradicionaes persistem por mysterioso atavismo na arte das edades cultas, e d'esta maneira, no immenso mundo poetico que chamam theatro de Lope de Vega, se reduzem á unidade harmonica de todos os elementos do genio popular.» (*Antologia*, VII, p. XCI.) Este profundo sentimento lyrico, das edades passadas, alliava-se ás aspirações da sua epoca perturbada, em que o espirito critico demolia para erigir a construcção futura. A concepção philosophica separava-o desde logo da imitação de Encina. Menendez y Pelayo assigna essa emancipação: «D'onde Gil Vicente começa a emancipar-se foi no estranho *Auto da Sibyla Cassandra*... dando pela primeira vez mostra da sua potencia creadora. Salvo o conteúdo theologico, que n'esta peça de Gil Vicente é mui exiguo, ali está, se não me engano, o pri-

meiro germen do Auto symbolico, que por excellencia chamamos *Calderoniano*. Porém, o que faz mais apreciavel esta rara composição, envolvendo-a em um ambiente poetico, é aquelle genero do *lyrismo popular* em que Gil Vicente alcança a perfeição sobre todos os seus contemporaneos, e chega mesmo a identificar-se com o povo.» *(Ib.*, p. CLXXII.) Ticknor, tendo exposto amplamente o Auto da Sibyla Cassandra, considera-o: «drama extravagante, pela união da indole dos antigos Mysterios e do Vaudeville moderno, em nada falho do espirito poetico.» *(Op. cit.*, I, 303.) Fitz Maurice Kelly estudando Gil Vicente na sua *Historia da Litteratura hespanhola,* acha no seu *Auto da Fé* «a prova da sua independencia por uma ingeniosidade e uma phantasia que é privativamente d'elle. Elle excede o seu modelo, elaborando o seu assumpto com todo o brilho, que seculo e meio depois, Calderon não se dedigna de tomar ao portuguez a ideia do seu Auto intitulado *El Lirio y la Azucena;* comtudo, o fundador do Theatro portuguez não é dramatico no mesmo sentido que Torres de Naharro. A sua acção é simples, a sua observação é convencional e elle é mais poetico que observador. Os seus poemas dramaticos são porém de uma singular belleza, concebidos em um tom de lyrismo mystico de que não se aproxima nenhum dos seus predecessores hespanhoes. Não se sabe se Gil Vicente foi alguma vez representado em Hespanha, mas é certo que influenciou em Lope de Vega e Calderon, como é fóra de duvida que elle proprio foi um discipulo de Encina.» *(Hist.*, p. 147-48.)

Chamando a Gil Vicente *soberano engenho,* escreve Menendez y Pelayo: «Gil Vicente é um dos grandes poetas da Peninsula, e entre os nascidos em Portugal ninguem lhe leva vantagem, excepto o épico Camões, que vêm mais tarde... A alma do povo portuguez não respira plenamente se não em Gil Vicente, e grande numero dos elementos mais populares do genio peninsular, nos Romances e cantares, superstições e refrães, estão admiravelmente entrelaçados nas suas obras, que são o que ha de mais nacional no Theatro anterior a Lope de Vega. Ao contrario dos insulsos trovadores cortezanescos do seculo XV, e ao contrario da maior parte dos poetas humanistas do seculo XVI, Gil Vicente viveu em communhão intima com a tradição da sua raça, e conseguiu haurir d'ella um novo e rico veio de poesia. Possuiu, além d'isso, o genio da creação dramatica em condições taes, que rompendo as faixas de um Theatro infantil, elevou-se pelo seu proprio e isolado esforço até á *comedia de costumes* e ao *melodrama romantico,* reflectindo, demais, em grandes allegorias satiricas todo o espectaculo da vida do seu tempo, e dando fórma comica phantastica ás grandes luctas de ideias da Renascença e da Refórma. Admiravel ás vezes pelo vigor synthetico das suas concepções, franco e ousado na execução, grande mestre da linguagem familiar mordente e expressiva; amargo e sarcastico nas situações burlescas, e mui suave nas verdadeiras, poeta e pensador de dupla vista, em quem sempre se adivinha mais do que a letra morta; por vezes

crente, outras cynico e libertino, pessimista lyrico, com uma concepção pessoal do mundo, como todos os grandes humoristas têm tido; a sua obra pela tendencia demolidora relaciona-se com os *Colloquios* de Erasmo, com o *Elogio da Loucura,* com o *Dialogo de Mercurio e Caronte,* com as mais valentes imitações lucianescas, que em grande copia produziu a primeira metade do seculo XVI; porém, pelo vôo da phantasia, pela mescla do mais trivial e baixo com as mais altas idealidades, pela plasticidade que adquirem ao sahirem das suas mãos as mais estranhas figuras allegoricas, pela força dos contrastes, pela fervida animação do conjuncto, pela veia poetica, tanto mais efficaz quanto mais silenciosa desliza entre o tumulto dos chistes e das truanices, Gil Vicente renovou, sem pretendel-o, a comedia *aristophanesca*, que desconhecia; e indica o que haviam ser, em tempos ulteriores, os immortaes *Sueños* de Quevedo. — Gil Vicente foi dos pés até á cabeça um *erasmista,* um espirito livre, mordaz e agudo, como outros muitos doutos hespanhoes do seu tempo, que com alguma rara excepção permaneceram dentro da Egreja ortodoxa, exercendo a sua tendencia critica sem grandes escrupulos nem respeitos, e algo dissolvente.» [1] Não era simplesmente o espirito dos contrastes que provocava em Gil Vicente a mordacidade comica; a comprehensão dos aspectos da vida e sobretudo das aspi-

---

1 *Antologia de Poetas,* vol. V, p. CLXIII.

rações moraes e mentaes da sua epoca, davam ao seu genio artistico a orientação philosophica que disciplina as concepções estheticas. Bouterweck assim caracterisa Gil Vicente, na sua obra: «estrophes e redondilhas harmoniosas; fórmas antigas, com uma maravilhosa verdade e simplicidade, tocando por vezes a perfeição na poesia dramatica, *exprimindo o pensamento e o espirito do seculo* XVI sem empregar as fórmas classicas.» [1] E comtudo, elle seguia a corrente humanista, como escreve Menendez y Pelayo: «Já dissemos que as suas ideias eram as do grupo chamado *erasmista*, que, embora collocado nas fronteiras da Reforma, nunca as transpoz. N'esse mesmo anno de 1527, no anno fatidico do saque de Roma, representava Gil Vicente, mezes antes d'aquelle grande escandalo da christandade, o *Auto da Feira*, cujo sentido é muito analogo ao da formidavel invectiva, que, no intuito de vingar o Imperador, compoz o secretario Alfonso de Valdés com o titulo de *Dialogo de Lactancio e um Arcediago*. — Grande temeridade parece á primeira vista o ter posto em um Auto da Natividade tão escorregadios conceitos theologicos; porém cessa de todo o ponto o assombro quando se repara que taes ideias estavam na atmosphera d'aquelle principio do seculo, e que não só se acham nos poetas e novellistas, a quem as enchanças da liberdade satirica podiam fazer suspeito-

1 *Hist. da Litt. hespanhola.*

sos de ensinamento ou hyperbole; pois tudo o que em Gil Vicente, em Torres de Naharro, ou Cristobal de Castillejos se lê, nada é em comparação do que disseram os asceticos e moralistas do tempo de Carlos V,...» (*Antologia*, vol. VII, p. 180.) Menendez y Pelayo, analysando as criticas feitas aos Frades na *Farça dos Almocreves* (1526), na *Romagem de Aggravados* (1533), no *Clerigo da Beira* (1526), na *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrella* (1527), no *Auto da Mofina Mendes* (1534), na *Náo de Amores* (1527), na *Fragoa do Amor* (1525), no *Templo de Apollo* (1526), em que falla dos frades, clerigos e ermitães, conclue: «Os mesmos chascos ou outros mais mordazes se encontram a cada passo em Lucas Fernandes, em Torres de Naharro, em Diego Sanchez de Badajoz, e em todos os auctores de nossas primitivas comedias, farças e eglogas.» (*Ib.*, p. 183.)

«Taes frades como estes, são os que teve de *reformar* o gram Cisneros, os que em numero de mais de mil emigraram para Marrocos em 1496 para viverem á larga, fugindo á reforma. E de taes frades, bem podia dizer Gil Vicente (*Antol.*, VII, 184.):

> Somos mais frades que a terra,
> Sem conto na christandade:
> Sem servirmos nunca em guerra.
> E haviam mister refundidos
> Ao menos tres partes d'elles
> Em leigos, e arnezes n'elles,
> E assi bem apercebidos
> E então a Mouros com elles.»

A verdade d'estes traços criticos está plenamente authenticada nas Instrucções da Curia romana dadas aos nuncios Capo Ferrato e Aloysio Lippomani, definindo todas as personalidades e influencias moraes da côrte portugueza, actuando intimamente sobre a familia real a intervenção politica de Carlos v, no plano castelhanista. N'este temivel meio palaciano, em que o sentimento nacional vae sendo lentamente asphyxiado, e em que prevalecem os mais corruptos pelo fanatismo hypocrita e pela abjecção dos caracteres, Gil Vicente ergue-se fortalecido por um ideal e exerce pelas emoções artisticas, com que encanta a côrte sombria e beata, um verdadeiro poder espiritual. Estudando Gil Vicente na independencia do seu espirito, descreveu Gaspar de Abreu, por occasião do Centenario do poeta: «Foi n'este meio assim entorpecido e corrupto, sem lei, sem justiça e sem moral, anarchia coberta por um véo de superstições, com o espectro do Santo Officio a dois passos, na Hespanha, sob a côrte de Carlos v, ligada por mais de uma alliança de sangue com a nossa côrte, que se encontra o lucido espirito, intuitivo e critico, de Gil Vicente, fazendo Autos para recitar diante de um auditorio de principes, de clerigos e aulicos. Que formidavel antagonismo ante esse hybrido conjuncto anarchico, de que a côrte, principalmente a dos reis D. Manoel e D. João III eram como uma synthese resumida, e a compleição moral, toda a intima personalidade do poeta! — Pois a despeito de todo este conjuncto de circumstancias adversas, Gil Vicente surge

nos salões da côrte e ali, em frente do monarcha, da rainha, de clerigos, de nobres, de todo o funcionalismo palaciano, lançando um olhar superior, como lh'o permittiam ou antes o exigiam as condições sociaes do meio em que nascera, para os abusos praticados á sombra dos privilegios das classes, tem a extraordinaria audacia sublime de os pôr a nú, inexoravelmente, trespassando-os de ironias pungentes, n'um ataque vigoroso e rude. Chega com effeito a ser de todo incomprehensivel como n'aquella côrte, em que dominava o ardente mysticismo da côrte de Castella, quando impõe ao rei D. Manoel, a trôco do seu casamento, o decreto da expulsão dos judeus,... no meio de um esplendor babylonico que consegue maravilhar Leão x, o papa sumptuoso; n'essa côrte onde se educa o espirito visionario e fanatico do instituidor da Inquisição, que mandara vir expressamente de Castella, para entretêr a devoção do paço, o mystico Francisco de Borja, que Gil Vicente se permittisse o arrojo ostensivo de fulminar com o látego da sua mordacidade implacavel as mais veneraveis personagens que se accolhiam ao favoritismo regio.» [1] Este poder espiritual do poeta provinha do dominio sobre as emoções produzido pela sua obra, de uma incomparavel idealisação; reconheceram-o os grandes criticos modernos. Assim considera Bouterweck: «Entre Gil Vicente e Calderon não ha aquella differença que vae de Hans

1 *Revista de Guimarães*, vol. XIX, p. 87. (1902.)

Sachs a Shakespeare; a graciosa simplicidade das scenas do drama religioso elevam-o infinitamente acima do sapateiro de Nurenberg.» O sabio critico, que estudou conjunctamente as litteraturas hespanhola e portugueza, attribue a Gil Vicente a creação da fórma do *Auto Sacramental,* em que veiu a sublimar-se o genio de Calderon, e dá como seu primeiro typo o *Auto de San Martinho,* representado na festa de Corpus Christi em 1504. Tambem na pintura dos costumes da sua epoca, no quadro da vida portugueza, em que attinge a perfeição, affirma o juizo de Bouterweck, que, se Gil Vicente se visse na situação de Molière, elle teria realisado a primeira *comedia de caracter* na litteratura dramatica dos tempos modernos.» Para produzir estas excepcionaes revelações estheticas, em que ao mais suave lyrismo amoroso e mystico se alliava o chasco demolidor e a ironia penetrante, ao sentimento religioso o criticismo do bom senso, ao perfume das canções populares as sentenças moraes dos humanistas, era preciso que o poeta possuisse uma admiravel plasticidade de espirito; elle encarna em si todos os typos, que representava, todos os meios em que assistira, todos os sentimentos que vibravam no seu tempo. Confirma-o Menendez y Pelayo: «Gil Vicente, cuja alma de artista era um ecco sonoro de todas as vibrações da consciencia do seu seculo, passava sem esforço d'este paganismo ingenuo e trasbordante, d'esta embriaguez e plenitude da vida, para a grave inspiração religiosa, ao profundo e moral sentido de todos os outros seus Autos...» *(An-*

tolog., VII, p. CLXXVI.) Esta assombrosa plasticidade é que suscita a sua originalidade; escreve Menendez y Pelayo: «Como artista dramatico, Gil Vicente não tem quem o exceda na Europa do seu tempo. Porventura, Torres de Naharro tinha mais condições technicas, era mais homem de theatro, porém menos poeta que elle; aproxima-se mais do typo da comedia moderna, as suas peças têm estructura mais regular, porém menos alma. Gil Vicente faz pensar e sonhar; Torres de Naharro, nunca. No conceito ideal o triumpho pertence sempre a Gil Vicente; no conceito realista, a farça de *Inez Pereira*, para não citar outras, prova o que teria podido fazer *se as condições do seu auditorio não se tivessem opposto ao total desabrochamento da sua arte.* As primeiras Comedias italianas, (exceptuada a *Mandragora)* parecem palidas copias de uma fórma morta, quando são comparadas com estas obras de apparencia tosca e informe, porém de tanta vida interior, de tanta philosophia pratica, de tão saboroso conteúdo.» *(Ib.*, p. CLXV.) A Comedia do *Viuvo,* que mais se parece com a *Aquilana* de Torres de Naharro, foi escripta por Gil Vicente e representada em 1514, em quanto esta só appareceu em 1517, na *Propaladia.* D'esta comedia do *Viuvo* deu Ticknor um excellente resumo, fazendo notar o seu enrêdo dramatico: «doutrinado pela experiencia e alentado pelo bom exito, que, ainda que não se distingam pelo bem conduzido do enredo, — são o que ha de mais perfeito e acabado no Theatro hespanhol d'aquella epoca.» *(Hist.*

litt. hesp., I, 303.) Da sua *Tragicomedia allegorica del Infierno y Paraiso*, primeira redacção dos Autos das *Barcas*, escreveu Gallardo, ser imitação de Valdez, que escreveu o seu *Dialogo* onze annos depois! Escreve Gallardo: «La traza de esta comedia menandrina (es decir ejemplar, moral) se echa bien de vêr que está tomada del *Dialogo de Mercurio y Caron* de Juan de Valdez.» *(Bibl.*, I, 984.) Pelas suas ideias *erasmistas* Gil Vicente conhecia o secretario latino de Carlos V, e alludiu a elle:

> Diz que não hade cá vir
> Sem *Joanna de Valdez.*

E' mais logico inferir que Valdez, onze annos depois de escriptas as *Barcas,* imitasse o seu *Dialogo* d'esta imponente obra de Gil Vicente, em que o Auto hieratico se desenvolvia á maxima magestade da visão dantesca. Do *Dialogo de Mercurio y Caron,* escreve Fitzmaurice: «é uma fabula engenhosa, á maneira de Luciano, com alguma reminiscencia de uma peça de Gil Vicente.» *(Op. cit.,* p. 171.)

Pelayo considera a Trilogia das *Barcas do Inferno,* do *Purgatorio* e da *Gloria,* representadas em 1517, 1518 e 1519 a obra capital de Gil Vicente: «Estas *Barcas* são uma especie de transformação classica das antigas *Danças da Morte,* não no que tinham de lugubre e aterrador, mas no que tinham de satira geral dos vicios, estados, classes e condições da sociedade hu-

mana. O quadro geral era o mesmo, porém o symbolismo tinha variado, tornando-se mais risonho e enlaçando-se com os preceitos artisticos de uma mythologia nunca morta de todo no espirito das raças greco-latinas e mais atroz do que nunca nos dias da segunda Renascença. Afugentado o horrivel pezadello da dança dos espectros que tinha obsidiado a imaginação da Edade média, tornava o barqueiro Caronte a sulcar as aguas do infernal lago, exercendo como nos dialogos do satirico de Samosata, não só o officio de conductor, como o de censor agridoce da tragicomedia humana, á maneira de Menipo o cynico, e de outros philosophos populares da antiga Grecia. Erasmo e Pontano cultivaram em latim este genero, e d'elles passou para as linguas vulgares, sendo o typo mais excellente em Hespanha o *Dialogo de Mercurio y Caronte* de Juan de Valdés;... Este Dialogo foi escripto e impresso em 1528, e por conseguinte não pôde influir nas primitivas *Barcas* de Gil Vicente; influiu porém com certeza em uma refundição castelhana, acabada de imprimir em Burgos em casa de Juan de Junta, em 25 dias do mez de Janeiro de 1539 com o titulo de *Tragicomedia alegorica d'El Paraiso e d'El Infierno. Moral representacion del diverso camino que hacen las animas partindo de esta presente vida figurada en los navios que aqui parescen; el uno del Cielo y el otro del Infierno, cuya subtil invencion y materia en el argumento de la obra se puede ver. Son interlocutores un Angel, un Diablo, un Fraile, una moza llamada Floriana, un zapatero,*

una alcahueta, un judio, un Corrigidor, un Abogado, un Ahorcado por ladron, cuatro Caballeros que murrieron en la guerra contra moros, el barquero Caron.

«Ha n'esta refundição muito de novo e bom: a força satirica é maior, o dialogo tem mais viveza, a versificação corre mais nitida e espontanea; alguns trechos são impagaveis pelo acre e picante das graças. — Será esta *Tragicomedia* castelhana de Gil Vicente, na realidade? — a edição de Bruges é anonyma. Em outro manuscripto, copia sem duvida de outra edição, que cita Aribeau nas suas anotações ás *Origines* de Moratin, parece que se lia a seguinte nota:=*Compúsola en lengua portuguesa, y luego el mesmo autor la trasladó á la lengua castellana, aumentandola.* = Se assim foi, temos de reconhecer que n'esta occasião se excedeu notavelmente a si proprio como metrificador de versos castelhanos.» *(Ib.,* p. 188.) Pondo em evidencia o valor da concepção dramatica de Gil Vicente, o critico hespanhol Menendez y Pelayo considera a influencia do auctor das *Barcas* muito maior no desenvolvimento do Theatro hespanhol, apesar da vitalidade da Eschola vicentina em Portugal, não se manifestando fóra da fórma rudimentar do Auto.

O poeta creador, que levara a Comedia hieratica á altura do *Auto Sacramental* calderoniano, e a Comedia heroica ou Tragicomedia á fórma definida por Lope de Vega na *Comedia famosa,* exerceu a sua influencia mais em Hespanha do que em Portugal. Da *Trilogia das Barcas,* escre-

ve Ticknor, na Historia da Litteratura hespanhola: «Os trez Autos das Trez Barcas, que transportam as almas ao Inferno, ao Purgatorio e ao Paraiso, parece terem suggerido a Lope de Vega o assumpto de uma das suas primeiras Comedias moraes;» e em nota fundamenta: «A Comedia de Lope de Vega, cuja ideia parece tomada d'estes Autos, é *El Viaje del Alma*, que se acha no primeiro livro do *Peregrino en su patria.* O começo do Auto de Gil Vicente tem notoria semelhança com os preparativos da viagem que o diabo faz na comedia. Tambem Gil Vicente manifesta de vez em quando o muito lido que era na litteratura castelhana.» [1] Do *Auto da Fé* aponta Ticknor a imitação por Calderon: «O Auto em que a Fé explica e declara aos pastores os mysterios do Christianismo, poderia ter servido, ligeiramente alterado, para o Auto composto por Calderon de la Barca, para uma procissão de Corpus em Madrid.» *(Ib.,* 306.)

A influencia vicentina no Theatro hespanhol é reconhecida por Menendez y Pelayo, ferrenho castelhanista, dando-lhe um logar primacial: «E' certo que se continuaram a compôr Autos portu-

---

1 *Op. cit.,* t. 1, 305.—Conhecem-se hoje os Catalogos das Livrarias do rei D. Manoel e da rainha D. Catherina, que seriam facultadas ao comediographo da côrte. Menendez y Pelayo encontra na *Exhortação de guerra* alguns versos traduzidos de Jorge Manrique; e no *Templo de Apollo* alguns dos *Disparates* de Juan del Encina, que o tornaram popular. *(Op. cit.,* p. 210.) Cita a *Celestina* e *Carcel de Amor.*

guezes e bilingues, interessantes todos elles para a historia da linguagem e dos costumes; graciosos alguns e ainda hoje dignos de serem lidos, mesmo para recreio. Porém, os melhores, os que fazem lembrar a maneira do mestre, os de Antonio Prestes, os do poeta Chiado, até os de Luiz de Camões — bastam para destacar Gil Vicente e mostrar que da sua geração foi unico. — A legitima descendencia de Gil Vicente ficou em Castella, aonde casualmente chegou a ser representada alguma das suas obras, e onde se fizeram muitas imitações d'ellas, como a *Tragedia alegorica del Paraiso y del Infierno* e *La Victoria Christi.* Porém continuando á evolução do Theatro hespanhol e sobretudo, depois de alcançada e fixada por Lope de Vega a sua fórma definitiva, Gil Vicente, cuja dramaturgia parecia já obscura e antiquada, foi tão esquecido como os demais precursores, prejudicando-o de mais a mais a sua condição do escriptor bilingue. *(Antol.,* VII, p. CCXIX.) E sobre o *Breve Summario da historia de Deus,* representado em 1527, nota o erudito critico Menendez y Pelayo, sobre este ponto de indiscutivel auctoridade: «Imitações d'este Auto de Gil Vicente tanto no plano como nos personagens, porém muito amplificado e com certeza sem vantagem poetica, é a famosa *Victoria Christi* do bacharel aragonez Bartolomé Palau, que a classificou de *allegorica representacion de la captividade espiritual en que le linaje humana estuvo por culpa original debajo del poder del demonio, hasta que Cristo nuestro Redentor con*

su muerte redimió nuestra liberdad, y con su Ressurreccion reparó nuestra vida. Este poema sem data foi escripto depois de 1537, em que a peça fôra dedicada ao Arcebispo de Saragoça. Foi grande a sua popularidade, e ainda hoje se representa em algumas povoações de Aragão e da Catalunha, sobrevivencia que não logrou nenhuma obra da nossa primitiva scena. Para mim é evidente que o bacharel Palau imitou Gil Vicente.» (*Ant.*, VII, p. CXVII.)

Em uma epoca em que o *castelhanismo* era uma força litteraria, politica e religiosa, que se empregava para apagar todos os regionalismos e differenças idiomaticas, o nacionalismo de Gil Vicente era a resistencia viva da individualidade lusa, impondo-se sobre a absorpção iberica. O theatro de Gil Vicente não era exclusivamente exibido nos salões da côrte e nos mosteiros, o povo conheceu-o. Da farça *Quem tem farellos?* de 1505, em que ha o typo do Escudeiro pobre e galanteador lê-se a rubrica do compilador: «Este nome da Farça seguinte: *Quem tem farellos?* poz-lh'o o vulgo.» Por certo que este pregão vinha com o seu sentido de jogo popular:

> Quem tem farellos, que venda
> P'ró burro que os encommenda? [1]

O typo da Mofina Mendes tambem se convertera em locução popular, como refere Jorge

1 A. Thomaz Pires, *Jogos e Rimas infantis*, p. 7.

Ferreira de Vasconcellos alludindo ás «lavadeiras que dão ceitis a meninos de eschola para lhe lêrem Autos» e toma como vulgar o typo: «formosura com vangloria dana mais que aproveita, e ás vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes*, e a boa diligencia acaba o que o merecimento não alcança.» (*Aulegraphia*, fl. 52.)

Pelo terceiro casamento do rei D. Manoel com D. Leonor de Austria, que o principe desejava para sua esposa, deram-se na côrte grandes bandos, congratulando-se uns pelas faustas nupciaes do monarcha, outros condoendo-se pela desolação do principe ludibriado pelo pae. Descreve Fr. Luiz de Sousa esta discordia nos *Annaes de D. João III*. Para a recepção da sua joven esposa, D. Manoel, na sua desvairada megalomania, quiz que na cidade de Lisboa se exibissem as mais esplendorosas festas. A Camara Municipal de Lisboa por Alvará de 29 de Novembro de 1520 encarregou Gil Vicente, ourives, para organisar e dirigir essas festas, que se acham precisamente descriptas nas contas da despeza prestadas pelo extraordinario artista. Se com isto agradava ao monarcha, que tanto o distinguira, lançava os germens do resentimento intimo no animo do principe D. João, que para não assistir ás festas, retirou-se para Evora, fazendo-se acompanhar por Gil Vicente, poeta, e distrahindo-se ahi com a representação magnifica da *Comedia de Rubena*. Entre estas desencontradas correntes palacianas encontravam-se os dois primos, que na superior intelligencia e auctoridade moral da rainha D. Leo-

nor, viuva de D. João II, sempre achavam uma defeza decidida e consciente. [1]

---

1 E' n'este logar, quando termina a carreira artistica de Gil Vicente, ourives, que importa consignar factos e datas da sua vida, que auxiliam á veracidade dos elementos biographicos do poeta.

Gil Vicente, ourives, filho de Luiz Vicente, tambem ourives, natural de Guimarães, apparece no Alvará de 15 de Fevereiro de 1509 designado como «*Ourives da Senhora Raynha minha irmã*». Era a rainha viuva de D. João II; n'esse Alvará é nomeado Védor de todas as obras de ouro ou prata mandadas fazer para o Hospital de Todos os Santos, Convento de Thomar, e Mosteiro de Belem.

— Em outro alvará de 4 de Fevereiro de 1513, lê-se, Gil Vicente, «*ourives da Raynha minha muito amada e presada irmã...*» N'este documento em que é nomeado Mestre da Balança da Casa da Moeda, vem a sigla marginal, por letra de quem registou o mesmo documento no livro da Chancellaria: «*Gil V.te trobador mestre da balança.*» Quando em 1872 copiamos este alvará, julgámos esta sigla insufficiente para sustentar a these da identificação do poeta com o ourives. Tendo Brito Rebello então trabalhado para destrinçar esta homonymia, veiu na sua *Ementa historica*, insinuar que o ourives e o poeta eram um só Gil Vicente. A sigla posta á margem não tem valor official; seria posta para as buscas no livro da Chancellaria, para o differençar de um outro Gil Vicente, que era môço no paço. Quando muito, poderia significar que o eximio lavrante da Rainha sabia fazer *trovas* no gosto popular. N'esse tempo o nome *trovador* não tinha o sentido elogioso da epoca medieval; na Renascença era uma designação banal, inferior á de poeta, adoptada pelos humanistas, podendo, e porque não, versejar nos serões do paço, como Diogo Fernandes, que era ourives e figura no Cancioneiro geral.

Authentica-se a sua alta individualidade pelo testamento do rei D. Manoel de 7 de Abril de 1517, em que se apontam duas obras suas — «*a Custodia feita por* Gil Vicente *para o Mosteiro de Belem — e a grande Cruz, tambem feita pelo mesmo* Gil Vicente.» Em 1517, por alvará de 6 de Agosto,

Pelo ascenso de D. João III ao throno não se fizeram festas pelos terrores da peste que de-

---

vendeu Gil Vicente o cargo de Mestre da Balança a Diogo Roiz, ourives da Infanta D. Isabel, a que casou com Carlos V; o poeta celebrou este consorcio com um Auto. E na verba do testamento da rainha D. Leonor, em que deixa ao Mosteiro da Madre de Deus: «*os dois Calices* que andam em minha Capella, a saber *o que corregeu Gil Vicente, e outro dos que elle fez*, que já está no dito Mosteiro...» (*Chr. seraph.*, III, p. 85.) Pela transcripção de uma verba d'este mesmo testamento, sabe-se que Gil Vicente morava junto do paço da Rainha em umas casas mandadas construir por ella para os seus serventuarios, «*e as em que vivia Gil Vicente*, que estão da outra parte (da rua) todas se vendam..» Sabe-se por documento datado de 1540, que o Ourives já era falecido; e no Lançamento da contribuição sobre Lisboa, concluida a cobrança em 5 de Junho de 1567, sabe-se que ainda vivia «Melicia Rodrigues, *mulher que foi de Gil Vicente*...» Vejamos os filhos que houve do seu consorcio:

— *Vicente Fernandes*, acompanhou para a India Affonso de Albuquerque em 1506; citado nos *Commentarios de Affonso de Albuquerque* pela antonomasia de—*o filho de Gil Vicente*, quando mandou assentar pazes com o adail de Gôa, indo elle como escrivão da embaixada: Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India* chama-lhe *Vicente Fernandes*. Por isto se verá que o ourives era mais velho que o poeta, cujo casamento é de 1513.

—*Belchior Vicente:* tambem é apontado como testemunha em um documento de 16 de Abril de 1540: o facto testemunhado, refere-se a 1519, e se diz: «It. *Belchior Vicente, filho de Gil Vicente*, que deus perdoe, môço da capella del rei;» o facto passara-se: «sendo elle testemunha *môço pequeno*.» Em documento de 14 de Março de 1540 é nomeado 2.° Escrivão da Feitoria da India, cargo que elle renunciou em 1545 em Affonso Castanho. Determina-se a epoca de seu falecimento, por que em 20 de Abril de 1552, é feita mercê á sua viuva Guiomar Tavares, de dois moios de trigo e mais outra de 10$000 réis, bem como para suas duas filhas Paula Vicente e Maria Tavares, que já tinha re-

vastava o paiz; Gil Vicente sentiu essa apathia da côrte, e ao representar em 1523 o *Auto pastoril portuguez*, lança á attenção de novo reinante esta estrophe, em que se lastima:

> E um Gil, um Gil, um Gil,
> (Que má retentiva hei!)
> Um Gil... já não direi;
> Um que não tem nem ceitil,
> *Que faz os Aitos a El Rei?...*
> Aito, cuido que dizia,
> Aito, cuido que assi he;
> Mas não já Aito, bofé,
> Como os Aitos que fazia
> Quando elle tinha com quê.

---

cebido as suas legitimas em 1565. No Rol da quotisação lançado a Lisboa chama-se a esta Paula Vicente *neta de Gil Vicente*, que é irrefragavelmente o ourives. Tambem um Belchior Vicente, que apparece apontado como môço da camara da Infanta D. Maria, que por ser casado com Catarina Arnaa, e despachado em 30 de Abril de 1567 Juiz dos Orfãos de Miranda de Podentes, deve considerar-se, segundo Brito Rebello, *neto do Ourives*.

Dois outros documentos destacam a individualidade: Entre os filhos de Luiz Vicente, ourives, existe uma filha — *Philippa Borges*: para o casamento d'ella concedeu o rei D. Manoel em Alvará de lembrança, de 1514, «que se desse a *Gil Vicente* vinte mil réis para ajuda do casamento de *Filipa Borges sua irmã*...» E effectivamente se effectuou a mercê assignada em 25 de Septembro de 1525: «*Gil Vicente, mestre da balança*» fez declaração de ter recebido essa quantia, casando sua irmã com Estevam de Aguiar Godinho. Aqui se enlaçam as familias do poeta e do ourives, pois D. Antonio de Menezes, neto de *Felipa Borges*, casou com Valeria Vicente ou Borges, filha do poeta dos Autos.

Esses bellos Autos da passada epoca manuelina eram o Auto da *Fama*, em que idealisava a grandeza dos Descobrimentos dos portuguezes, as tres *Barcas*, a comedia de *Robena*, de surprehendente espectaculo e de intenção philosophica. Elle sentia a hostilidade do pedantismo humanista, revelando-a na deformação da palavra *Auto*, por que os eruditos condemnavam esta designação rude da *Comedia*, propriamente grega. N'esse mesmo anno de 1523, rompeu o conflicto *com certos homens de bom saber*, que punham em duvida a originalidade dos seus Autos, uns insistindo com insinuações a Encina, outros a Torres de Naharro e os italianos. Levantando o répto, compoz a Farça de *Inez Pereira*, cuja rubrica encerra a franca situação em que se encontrara: «*O seu argumento é, que porquanto duvidavam certos homens de bom saber, se o Autor fazia de si estas obras ou se as furtava de outros auctores, lhe déram este thema sobre que fizesse: s. hum exemplo commum, que dizem:* Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. *E sobre este motivo se fez esta farça.*» O seu espirito deu fórma á primeira comedia *regular* do theatro moderno; entreviu um seculo antes a norma molieresca: com typos, caracteres e situações, libertando-se dos liâmes das *Sotties* medievaes e das parodias inintelligentes da comedia classica terenciana. O joven monarcha gostou tanto da farça, que pediu a Gil Vicente para escrever-lhe uma continuação. No anno de 1524 não ha documentos da sua actividade; nada pro-

duziu. Era a recrudescencia da terrivel peste, que se prolongou pelo anno de 1525. Em umas trovas ao Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, poeta do Cancioneiro geral, allude a ter tido morte em casa. Por ventura a rainha D. Leonor influiria ao rei, seu sobrinho, na tença de tres moios de trigo ao poeta, por alvará de 19 de Janeiro de 1525. N'este anno representa a *Fragoa de Amor*; d'ella escreve Menendez y Pelayo: «é uma das rarissimas peças em que Gil Vicente tem imitações directas de alguns classicos. Venus apparece procurando seu filho o Amor e queixa-se da sua pêrda em têrmos analogos aos do primeiro Idylio de Moscho, attribuido por alguns a Theocrito.» (*Ant.*, VII, CCXI.) «Porém, nem a Theocrito, nem a Moscho, nem a nenhum dos mestres do culto Idylio alexandrino, nem a Virgilio seu imitador, deve Gil Vicente o seu proprio e encantador bucolismo, que já desponta em alguns dos seus Autos hieraticos, e que logo mais deliberadamente se manifesta na *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrella*, e nos bellissimos *Triumphos do Inverno e do Verão*. E' evidente, que tambem n'este ponto teve por precursor a Juan del Encina, porém deixando-o a tal distancia, que mal se notará o arremêdo. A Egloga em Juan del Encina é realista em excesso e algo prosaica; em Gil Vicente é lyrica, é um impetuoso dithyrambo, um hymno ás forças vivas da natureza prolifica e serena; eterna desposada que resurge ao tibio alento de cada primavera, vencedora das brumas e das neves do Inverno.» (*Ib.*, p.

CCXVIII.) Um alento de vida era insuflado por Gil Vicente n'esse lyrismo cortezanesco; diz Menendez y Pelayo, com insuspeitas palavras: «Entre os engenhos que no fim da Edade média e alvores da Renascença rejuvenesceram a exangue poesia palaciana com o philtro magico da Canção popular, Gil Vicente é indiscutivelmente o maior de todos.» *(Ib.,* CCXVIII.)

Em 17 de Dezembro de 1525 deu-se o fallecimento da rainha D. Leonor; falhava-lhe aquelle providente valimento, quando se reduplicava a sua productividade e o genio mais se sublimava. Tinha de luctar de frente com a Eschola italiana, implantada por Sá de Miranda, que em 1526 regressara a Portugal, fascinado com o lyrismo de Petrarcha, com os Idylios de Sanazaro, com o poema de Ariosto, e com os *Assolanos* de Bembo. Como se vê pela sua Carta a Antonio Pereira, (st. 33) aquelle fundador da Eschola italiana em Portugal, chamava *Pasquinos* aos que mettiam em verso e arrastavam á scena os themas sacros, e queria restabelecer o titulo de Comedia, como o declara no prologo da sua dos *Estrangeiros.* Camillo quiz vêr na farça do *Clerigo da Beira,* uma allusão a Francisco de Sá de Miranda, *filho do conego* de Coimbra Gonçalo Mendes de Sá, n'esse Francisco filho do clerigo beirão a quem ajuda á missa e com quem anda á caça. O poeta lembra-se do pedido do rei e continua a *Farça de Inez Pereira* no typo lorpa e jovial do *Juiz da Beira,* em que caricatura a magistratura pedanea; os typos revelam-se com nitidez admiravel, como

o Fidalgo pobre na *Farça dos Almocreves*, e o *Ratinho* ou o ruão, o da arraia miuda que vive da sua infatigavel diligencia, figurando o *Stupidus* da Satira latina:

> Muitos *Ratinhos* vão lá
> De cá da serra a ganhar;
> E lá os vemos cantar
> E bailar bem como cá.
>
> (*Op.*, II, 443.)

Segundo Miguel Leitão, o *Ratinho* era o natural das aldeias e logarejos do concelho de Rates, dizendo: «d'elles se estende o nome a quasi toda a Beira...» (*Misc.*, p. 342.) Outros entendem que o nome de *Ratinho* vem da roupa de estamenha chamada *rates*. O poeta, que tanto se inspirava das tradições do Minho, imitava com sympathia os costumes da Beira, e admiravelmente os costumes do Alemtejo, como o comprovou com nitidez o Conde de Ficalho. A par da comedia de costumes e de typos, Gil Vicente ainda n'este anno de 1526 representa o *Templo de Apollo* nas festas do casamento de Carlos V com a Infanta D. Isabel de Portugal, tratando a comedia *allegorica*, «genero, que mais tarde se generalisou em Hespanha,» como observou Ticknor. (*Hist. litt.*, I, 305.) Estava na intensidade maxima do genio creador; ainda em 1526 representa a Tragicomedia de *Dom Duardos;* Ticknor viu n'ella a iniciação da fórma da *Comedia famosa*, o typo dramatico do assombroso Theatro hespanhol: «n'ellas introduz já um grande nume-

ro de interlocutores, e descobrem-se tambem, embora na realidade careçam da verdadeira acção dramatica, os principios do drama heroico hespanhol conforme se escreveu e representou meio seculo depois.» *(Hist. litt.,* I, 305.)

Entre as peças de Gil Vicente, o *Dom Duardos* não tem data, mas determina-se plausivelmente depois de 1524, por que n'este anno foi publicado o *Primaleão*, novella cujo titulo primitivo foi: *Libro segundo de* PALMEIRIM *(de* OLIVA) *que trata de los grandes fechos de Primaleon y Polendos sus hijos: e assi mismo de los de Dom Duardos, principes de Ynglaterra.* D'esta novella hoje rarissima tirou Gil Vicente a sua admiravel Tragicomedia, que termina com o Romance encantador em que eguala na mais espontanea emoção a melopêa popular. Camões conheceu esse romance, servindo-se de alguns versos sentenciosos; entrou na vulgarisação européa no Cancioneiro de Romances de Anvers de 1555, e ainda hoje se repete na tradição oral do Archipelago açoriano. Apreciando o *Dom Duardos*, observa Menendez y Pelayo: «escripto em polidas e gentis coplas de pé quebrado. Toda a peça é um completo idylio; porém, como no final quizesse Gil Vicente dar mostra do mais requintado da sua poesia lyrica, fez cantar ao côro um Romance incomparavel, como difficilmente se achará outro composto por trovador ou poeta de Cancioneiro: tão proximo está da inspiração popular, e de tal modo o arremeda, que quasi se confunde com elle — e basta para bem justificar e dar por bem

empregada a existencia do *Primaleão,* d'onde foi derivado.» *(Orig. de la Novella,* p. CCLXVII.) A Tragicomedia *Dom Duardos* foi publicada por Gil Vicente com uma dedicatoria a D. João III, que falta na edição posthuma de 1562, mas restituida á edição de 1586; n'ella ennumera as fórmas dramaticas que tratara: *Comedias, Farças* e *Moralidades,* não mencionando as *Tragicomedias,* em que agora se affirmava a plenitude da sua arte. Justificando a dedicatoria ao rei, e procurando conveniente rhetorica para satisfazer o seu *delicado espirito,* descreve Gil Vicente a origem da sua Tragicomedia: «Y assi con desseo de ganar su contentamiento, hallé lo que su estremo desseava que fué Dom Duardos y Flérida, que son tan altas figuras, como su historia recuenta, con tan dulce rhetorica y escogido estilo, quanto se puede alcançar en la humana intelligencia;... Pero yo me confié en la bondad de la historia, que cuenta como Don Duardos buscando por el mundo peligrosas aventuras para conseguir fama, se combatio con Primalion, uno de los mas esforçados caballeros que havia en Europa, sobre la hermosura de Gridonia, la qual Primalion tenia enojada.» A Tragicomedia foi escripta estando ainda viva a rainha D. Leonor *(vuestra tia),* que faleceu em 17 de Dezembro de 1525. Houve uma edição avulsa, d'onde se generalisou o romance, que em 1555 ficou compilado no Cancioneiro de Anvers. E' de 19 de Janeiro de 1525 o alvará de mercê de uma tença de tres moios de trigo a Gil Vicente «havendo respeito aos serviços rece-

bidos e aos que adeante espera receber d'elle.» Seria esta mercê de D. João III motivada pela dedicatoria de *Dom Duardos*, animando o seu trabalho começado logo no apparecimento da Novella em 1524. Fitzmaurice Kelly, no seu resumo da *Historia da Litteratura hespanhola*, fallando das Tragicomedias de *Dom Duardos* e de *Amadis de Gaula*, diz: «verifica-se um progresso eminente na composição e no bem acabado...» *(Op. cit.*, p. 147.*)* O *Amadis de Gaula*, publicado em uma esplendida edição em Veneza em 1534 pelo Padre Francisco Delicado, o auctor da novella picaresca *Lozana Andalusa*, foi lido na côrte, valorisando a Tragicomedia de Gil Vicente, da qual escreve Menendez y Pelayo, com juizo insuspeito: «*Amadis* pisou muito cedo os tablados do Theatro peninsular. Gil Vicente, o maior poeta de todos os dramaturgos das nossas origens, foi o primeiro que comprehendeu que nos livros de Cavallerias havia uma importante mina a explorar, e se internou por ella abrindo esta senda como varios outros, ao Theatro hespanhol definitivo, ao Theatro de Lope, e ainda poderiamos dizer ao de Calderon, que todavia tratou de alguns themas cavalheirescos como brilhantes libretos de opera. A Tragicomedia do *Amadis de Gaula*, composta por Gil Vicente em castelhano, é uma dramatisação dos amores de Oriana, especialmente do episodio da Penha Pobre, que parece ter sido o predilecto de todos os imitadores.» *(Orig.*, p. CCXXXVII.) Emquanto em Hespanha o thema novellesco do *Amadis* se vulgarisava na fórma dos

romances velhos, e no *Cancionero general* era tratado em outava rima, nas fórmas das modernas epopêas classicas, Gil Vicente avançava genialmente na evolução poetica e morphologica realisando a nova estructura da *Comedia famosa* com que os *ingenios* do seculo XVII enriqueceram o Theatro hespanhol.

Depois da morte da Rainha D. Leonor, interessou-se D. João III pela obra de Gil Vicente, como se vê pela actividade com que assignala o anno de 1526, em que compoz e representou o *Clerigo da Beira*, para continuar a pedido do monarcha a farça de *Inez Pereira*, a tragicomedia do *Templo de Apollo*, escripta para a partida da Infanta D. Isabel desposada de Carlos V, e ainda a *Farça dos Almocreves*, representada em Coimbra. Este titulo corresponde á alcunha que ainda em nosso tempo se dava aos habitantes de Coimbra, os arrieiros; n'esta farça está deliciosamente retratado o typo portuguez do Fidalgo pobre, nitidamente descripto em uma das Cartas do humanista Nicoláo Clenardo. O poder de figurar estes typos caracteristicos era admiravel em Gil Vicente; nota-o com admiração Menendez y Pelayo, referindo-se a um d'esses typos: «Para encontrar creaturas semelhantes é preciso chegar até ao *Lazarillo de Tormes*, ou melhor, nem uns nem outros são caricaturas, mas copias fidelissimas da vida peninsular, interpretadas por artistas de genio.» *(Ib.*, p. CCVII.) No anno de 1527, reduplicou de intensidade no trabalho, compondo e representando a *Náo de Amores*, a *Historia de*

Deus, a Comedia da *Divisa da Cidade de Coimbra*, o *Auto da Serra da Estrella* e o *Auto da Feira*. Todas estas composições se prestam a interessantes commentarios, sobretudo esta ultima em que transparece o espirito da Reforma na sua feição ortodoxa ou erasmistada: ahi «*um Seraphim enviado por Deus a petição do tempo*,» é que diz:

> A' feira! á feira, Egrejas, Mosteiros,
> Pastores das almas, Papas adormidos;
> Comprae pannos, mudae os vestidos,
> Buscae as çamarras dos outros primeiros,
> Os antecessores.
>
> Feirae o carão que trazeis dourado;
> Oh presidentes do crucificado,
> Lembrae-vos da vida dos santos pastores
> Do tempo passado.

O poeta sentia-se impellido para uma missão social; dava ás suas deliciosas creações ideaes o relêvo de uma realidade, a aspiração das consciencias da sua epoca que se tornava uma crise religiosa.

Na creação do Theatro portuguez por Gil Vicente observa-se um phenomeno esthetico, revelador da intuição que o levou em uma epoca de critica a achar os germens tradicionaes que evolucionaram na fórma artistica das Litteraturas. E' na Tragicomedia do *Triumpho de Inverno*, representada em 1529, que elle dramatisa o costume popular da Expulsão do Inverno, allegorisado na *Velha* que é obrigada a passar a *serra*; entrevê ahi os elementos poeticos populares da concepção mythica do Solsticio hibernal, que fôra celebra-

da entre os povos europeus em Canções bailadas, em paradas, cavalhadas, bafôrdos, que se misturaram com actos liturgicos da Egreja, como se vê na Italia com a velha *Befana,* figuração da *Epiphania.* E' como complemento d'esta concepção, a que se ligam os costumes pittorescos das festas de Maio, que Gil Vicente elabora uma segunda parte do Triumpho do Verão. Esta concepção mythica teve na Edade média a fórma dramatica litteraria no *Debat de l'Hiver et de lÉté.* Evolucionando sobre os rudimentos tradicionaes é que a litteratura grega apresenta os modelos classicos. Gil Vicente estava na orientação esthetica que dos elementos anonymos tradicionaes se eleva ás obras primas individuaes.

4.º *Acção social de Gil Vicente: a lucta pela liberdade de Consciencia.* — Achava-se Gil Vicente em Santarem, bastante doente, visinho da morte, como diz em uma carta a D. João III, quando se deu o terrivel terremoto de 26 de Janeiro de 1531, que ia subvertendo Lisboa; a repercussão sismica em Santarem levou os frades fanaticos a prégarem ao povo aterrado que era castigo do céo provocado pela impiedade dos christãos novos, exaltando o pavor popular com os prognosticos de outros terremotos. A população abandonou a cidade, conservando-se no seu susto pelos olivaes, á intemperie da estação e na anciedade de extirpar os christãos-novos. Gil Vicente, no seu corajoso bom senso, foi ao claustro dos frades, tocou a campa, ao som da qual logo os frades vieram a capitulo; em frente d'essa horda boçal fallou o

poeta e forçou-os a chamarem o povo para a cidade e a pacifical-o nos seus terrores. Gil Vicente communicou este facto a D. João III, como um serviço de ordem publica. Na *Historia das Origens da Inquisição em Portugal,* Herculano consignou este facto, que não sustou a fatalidade do estabelecimento do ominoso tribunal. Mas os frades por elle imporiam silencio ao poeta, e envolveriam a sua obra no obscurantismo e no esquecimento. Quando Gil Vicente desmascarava nos seus Autos a absorpção que o clericalismo estava exercendo na sociedade portugueza, manifestava-se como jurisconsulto proclamando a preponderancia da esphera civil; e propugnando pela liberdade de consciencia, discutia com liberdade a *disciplina* e os *dogmas* catholicos, presentiu a Reforma e acompanhava o Erasmismo de Hespanha. Por isso os Humanistas, por essa liberdade dos Autos hieraticos, lhe chamavam desdenhosamente *Pasquino,* e amesquinhavam a sua obra genial ante as frias imitações terencianas.

Em 1531, quarta feira 1 de Novembro, representou Gil Vicente em Alvito o *Auto da Lusitania*, para celebrar o nascimento do infante D. Manoel. O nome de Gil Vicente era já então conhecido e admirado fóra de Portugal; estava D. Pedro de Mascarenhas, o intimo amigo de Carlos V, embaixador em Bruxellas, e para celebrar alhi o nascimento do mais debil filho de D. João III, fez representar no seu palacio o *Auto da Lusitania*, em 1532. Assistiu á récita o inclyto Damião de Goes, o amigo de Erasmo e de Sado-

leto; André de Resende, o eximio humanista, descreveu essa grandiosa festa em exametros latinos sob o titulo de *Genethliacon*, revelando-nos que Gil Vicente era não só auctor mas tambem actor. Lamentou que Gil Vicente não compozesse os seus Autos em latim, em harmonia com o seu muito saber. E' de presumir que o *Auto da Lusitania* estivesse já impresso em folha volante, formando parte das obras que *andavam empremidas pelo meudo*. Damião de Goes e André de Resende, que sobreviveram a Gil Vicente, tiveram a desgraça de assistir á degradação da cultura portugueza pelo obscurantismo religioso e de serem victimas do monstruoso retrocesso. Na festa da Embaixada de Bruxellas representou-se uma outra peça de Gil Vicente no inverno de 1531, á qual allude o Dr. Frederico Bezold, na *Historia da Reforma religiosa na Allemanha:*

«O embaixador portuguez tinha feito representar no inverno de 1531, em Bruxellas, diante dos cavalleiros mais distinctos da côrte imperial, uma Comedia, que segundo o seu titulo, devia celebrar o Amor *(Fragoa de Amor?)*, porém desde o principio até ao fim não era mais do que uma série de criticas contra Roma e o Papa. Para esta representação um dos actores tinha arranjado um barrete de cardeal, e ao vêrem-no posto todos riram-se tanto, que parece que o mundo se desfazia em gargalhadas...» Sousa Viterbo observa que esta situação não se acha no *Auto da Lusitania;* o Auto de que Resente descreve o effeito na festa natalicia, é esse, como o entende

D. Carolina Michaelis, sendo preciso reconhecer que se dera uma outra anterior representação de um Auto de Gil Vicente, que pela enscenação o Conde de Sabugosa julga ser a *Barca da Gloria*.

No *Auto da Lusitania* vem essa lenda da origem do Conde D. Henrique, na allusão do Principe *que veiu da Hungria*. No tumulo do Conde D. Henrique na Sé de Braga leu Herculano o Epitaphio que o dá como vindo da Hungria. E Camões, tambem nos *Lusiadas* seguiu essa lenda, colhida em Duarte Galvão:

> ...*Henrique*, dizem que *segundo*
> *Filho de um rei de Hungria* experimentado.

Só no seculo XVII em um manuscripto de Pithou, do seculo XII, é que se descobriu que era um filho do Duque de Borgonha. Sismondi, seguindo na obra *Litteraturas do Meio Dia da Europa* as investigações de Bouterweck, aponta o facto da admiração que a obra de Gil Vicente causou logo na Europa: «Gil Vicente, que precedeu os grandes poetas dramaticos da Hespanha e da Inglaterra, bem como da França, adquiriu uma reputação européa, que logo se apagou. Erasmo, que os Judeus portuguezes refugiados em Rotterdam informavam, ao que parece, d'este restaurador do Theatro moderno, apprendeu o portuguez com o unico fim de poder lêr as comedias de um homem que excitava tanto enthuziasmo.» *(Op. cit.*, IV, 450.) E accrescenta o grande historiador: «Embora pareçam barbaros estes primordios do Theatro portuguez, nenhuma outra nação os tinha en-

cetado com mais vantagem. Na epoca de Gil Vicente... não existiam em nenhuma outra lingua obras dramaticas accolhidas pelo publico e na posse do theatro que mostrassem mais invenção, mais naturalidade, mais colorido.» *(Ib.,* 456.)

Em 1533 Gil Vicente, lisongeando o delicado gosto de D. João III, representou em Evora a Tragicomedia do *Amadis de Gaula;* o manuscripto da Novella portugueza estava na livraria do Duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, bastardo de D. João II, e ahi o poderia ter visto Gil Vicente, que confessa dever-lhe favores:

> O Mestre de Santiago
> De quem sempre mercê vejo.
> *(Romance á morte de D. Manoel.)*

Em Evora faleceu sua mulher Branca Bezerra; infere-se esta data do manuscripto de Torres Vedras, dizendo que a esse tempo Luiz Vicente, tendo nascido em 1514, contava 18 para 19 annos. Gil Vicente escreveu-lhe um Epitaphio, que nos revelou o seu nome ignorado até á publicação pelo erudito Rivara.

Branca Bezerra de *Almeida,* era filha de Martim de Crasto, e de Anna de Almeida, irmã do Prior da Collegiada de S. Maria do Castello, de Torres Vedras, Lourenço Esteves *Bezerra.* Estas particularidades são essenciaes para recompôr as relações de parentesco com Gil Vicente de *Almeida,* poeta comico, da segunda metade do seculo XVI e neto do fundador do Theatro portuguez.

Estes parentescos mostram que não é illosoria a assistencia de Gil Vicente em Torres Vedras nos ultimos annos da sua vida. Emquanto acompanhava a côrte em Evora em 1534, e ahi representava o Auto da *Mofina Mendes;* na festa do Natal, representava-se em Lisboa no Convento de Odivellas, o *Auto da Cananêa,* intermeiado de musica.

Não se encontra entre as obras que coordenara alguma que aponte a sua actividade em 1535; esta omissão é significativa, e poderia explicar-se pelas fundas perturbações da côrte com o fallecimento repentino e mysterioso do infante D. Fernando e de sua mulher D. Guiomar Coutinho, e tambem da ida do Infante D. Luiz á Expedição naval de Tunis, sem licença do rei seu irmão. Quando menos se esperava apparece-nos o *Auto da Festa,* em uma Miscellanea de Autos do seculo XVI, da Livraria do Conde de Sabugosa; o illustre escriptor reproduziu-o em uma edição critica e fac-simile determinando-lhe aproximadamente a sua data n'estes versos:

RASCÃO: Deveis-vos casar.
VELHA: Olhai, filho, cá vos direi:
já me a mim mandou rogar
muitas vezes *Gil Vicente,*
que faz os Autos a el Rei;
porém eu não estou contente,
antes me assi estarei.
RASCÃO: Por quê?
VELHA: Não me contento.
RASCÃO: Pois elle é bem sesudo!
VELHA: He logo mui barregudo,
e mais *passa dos sessenta.*

O poeta allude á sua situação de viuvo, e á edade sexagenaria. O Conde de Sabugosa no seu precioso estudo critico dá o *Auto da Festa* como representado em 1535, «o ultimo Natal em que o poeta podia ter representado,» e que o não fôra diante de D. João III. D'aqui talvez o ter ficado no esquecimento, por ter o poeta aproveitado algumas scenas do *Templo de Apollo.*

O poeta achava-se considerado pelos eruditos do seu tempo, como Fernão de Oliveira e João de Barros; subitamente, depois de ter escripto o Auto da *Floresta de Enganos,* em 1536, dá por finda a sua actividade litteraria, alludindo aos *seus sessenta e seis annos* e ter passado o seu tempo. Por ventura o falecimento do *ourives* Gil Vicente, o primo e artista genial que tanto o protegera, veiu causar-lhe esta depressão de espirito. Sabe-se pelo documento de 1540, em que é testemunha Belchior Vicente, que elle já era falecido. Mais do que isto; em Evora, recebia D. João III, em 22 de Outubro de 1536, o breve da fundação do Santo Officio em Portugal. Era a extincção da liberdade de Consciencia; em 1537 começava a censura e exame expurgatorio dos livros. Gil Vicente agonisava com a nação. Dos apontamentos manuscriptos de Torres Vedras, extrahiu Sanches de Baena: «Gil Vicente quatro annos antes de morrer retirou-se para a sua quinta do Mosteiro e ahi deu a alma a Deus nos fins de 1540.» *(Doc.,* p. 57.) Foi n'estes quatro annos que vêm de 1536 que o poeta se occupou a coordenar chronologicamente e systematisar por

generos toda a sua obra; solicita Paula Vicente auxiliava-o n'este empenho, sendo esta a realidade da tradição em que a dá como collaboradora dos Autos de seu pae. A coordenação d'esses Autos fôra provocada por D. João III, como se lê na dedicatoria do poeta ao monarcha: «Por cujo serviço trabalhei a compilação d'ellas com muita pena da minha velhice.» Por que se demoraria tanto a publicação das Obras de Gil Vicente até 1562? Brito Rebello suppõe negligencia dos filhos, causando isso a perda de muitas obras meudas, composições lyricas, que pelo que resta seriam incomparaveis. E' improvavel; o estabelecimento da censura religiosa desde 1539 e os anathemas dos Catalogos ou Indices Expurgatorios, embaraçaram o intento da publicação. Mas o grande numero de edições avulsas dos mais apreciados Autos de Gil Vicente, anteriores á censura, corriam de mão em mão e eram reproduzidos. A publicação de 1562, vindo já revista pela Censura, proveiu do expediente capcioso de amputar tudo quanto revelasse espirito critico. O interesse que o rei D. Sebastião mostrava na puericia pelos Autos de Gil Vicente, é que levara os Jesuitas seus directores a revêrem e retocarem toda aquella obra nacional e de protesto consciente. Apesar do dominio exclusivo dos humanistas da Renascença, a obra de Gil Vicente fructifica em uma poderosa Eschola nacional, em que a fórma do Auto foi sustentada por Balthazar Dias, Affonso Alvares, Antonio Ribeiro Chiado, Luiz de Camões, Gil Vicente de Almeida, Antonio Prestes,

7

Simão Machado, Fr. Antonio de Portalegre, Balthazar Estaço, P.e Anchieta, P.e Francisco Vaz, Fr. Antonio da Estrella, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello, P.e João Ayres de Moraes, Diogo da Costa, Braz Luiz da Fonseca, e outros mais. O Auto vicentino não evolucionou até á *Comedia famosa,* como em Hespanha, mas ainda hoje é cultivado pela sua feição popular e nacional. No *Cancioneiro musical do seculo XV,* publicado por Barbieri, acham-se muitas das melodias que acompanham as Canções da epoca, a algumas das quaes alludiu Gil Vicente. Torna-se urgente uma edição critica da Obra do poeta que mais se inspirou da alma portugueza; completará a consagração do seu quarto Centenario de 8 de Junho de 1902.

No principio do seculo XIX, ao estudar o exemplar das Obras de Gil Vicente da Bibliotheca de Goettingue, perguntava Bouterweck: «Como puderam os Portuguezes esquecer tão completamente o velho poeta favorito! No seculo XVII apenas se imprimiram isoladamente alguns Autos.» *(Hist. da Litt. portug.,* p. 87, ed. ingleza.) No seculo XVIII, quando a Arcadia Lusitana aspirava á restauração do Theatro portuguez, Garção invocava o prestigio do nome de Gil Vicente; foi impotente essa academia, por que estava abafado o sentimento da Nacionalidade. Pelas luctas contra o absolutismo bragantino, que determinaram a emigração de todos os individuos liberaes, em 1817, 1823, 1828 e 1831, é que o sentimento da nacionalidade portugueza acordou; a

obra de Camões appareceu como a expressão suprema da consciencia collectiva, e os Autos de Gil Vicente fôram pelo exemplar de Goettingue restituidos em 1834 á publicidade. Garrett, um d'esses emigrados politicos de 1823 e 1828, aureolou o nome de *Camões* com as emoções de um poema elegiaco, que universalisaram a comprehensão do pensamento contido nos *Lusiadas;* e quando o regimen constitucional parlamentar ia entrar em actividade normal da nação que se libertara, Garrett fundava o Theatro portuguez moderno derivando o seu esforço da iniciativa de Gil Vicente, tomando o thema do seu primeiro drama do auto allegorico das *Côrtes de Jupiter* dando-lhe vida. Como um mesmo pensamento aproximava estes dois grandes nomes! Consagrando em uma commemoração centenal estes vultos, Camões e Gil Vicente, (1880 e 1902) obedeceu-se a um impulso espontaneo, que fez presentir que por este modo se iria operando a revivescencia da alma portugueza.

Quando se celebrou em 1898 o Centenario do Descobrimento da róta maritima da India, os nomes dos dois artistas, Gil Vicente *poeta* e Gil Vicente *ourives*, appareceram como aquelles que mais cedo souberam idealisar esse grande feito que iniciou a vida moderna da Europa: a *Custodia* do Mosteiro dos Jeronymos, cinzelada com o primeiro ouro das páreas de Quilôa, symbolisava a emoção de um povo que ia dilatando a *Fé* e o *Imperio* — Por mares nunca de antes navegados; e o *Auto da Fama,* (1515) no seu rudi-

mento dramatico allegorisava a acção de Portugal invejado pelas nações modernas. Os dois filhos de Guimarães, sempre amigos na vida e inseparaveis na historia, precederam n'esta idealisação da actividade de Portugal a obra architectonica de João de Castilho e a Epopêa de Camões.

Completaram-se quatro seculos no dia 8 de Junho de 1902, em que o poeta representou a sua primeira obra dramatica, seguindo uma carreira ascencional até 1536, assignalada por larga serie de composições, em que ficou fundado o Theatro portuguez, creando a nova fórma da Litteratura dramatica que floriu pelo seu impulso no esplendido Theatro hespanhol. Elle teve a consciencia da importancia da sua obra, occupandose nos ultimos quatro annos da sua vida a organisal-a para a imprensa; atalhou a morte este trabalho realisado pela piedosa e intelligente dedicação de sua filha Paula Vicente, a amiga intima da Infanta D. Maria. Appareceu a *Compilação* de todas as suas obras em 1562, retocadas pela Censura clerical; muitos dos seus autos já corriam impressos, sendo apontados no primeiro Indice expurgatorio de 1551 do execrando Cardeal. Infante D. Henrique, nunca mais deixando a censura de deturpal-os, mutilal-os e embaraçando a sua leitura. Apesar de tudo, o influxo de Gil Vicente foi profundo, suscitando uma vigorosa eschola nacional de poetas comicos, continuando-se a imitação das suas fórmas por todo o seculo XVIII e o XIX. O vigor d'esta influencia proveiu das raizes organicas ou tradicionaes

d'onde Gil Vicente derivou a sua obra: elevou-se dos costumes populares, dos Dialogos e Colloquios das Lapinhas e das Canções bailadas de Maio aos rudimentos litterarios do Auto; em volta d'esta fórma agrupou as Canções lyricas com a mesma estructura das serranilhas da epoca de D. Diniz e dos seus trovadores, e as Canções narrativas do typo dos Romances velhos, que chegaram pela identificação com a alma popular a colligirem-se nos Romanceiros hespanhoes. Gil Vicente aperfeiçôou o rudimento do Auto, reflectindo n'elle os conflictos da vida social portugueza de uma grande epoca em que começava a preponderar a burguezia. As suas scenas e os seus typos têm intenção critica, exercida com lampejos da opinião publica. Gil Vicente collaborava na demolição de instituições abusivas e de extemporaneos poderes, que esgotaram as energias da nação e a conduziram ao seu estertor em 1580.

Por essa intuição genial é que a obra de Gil Vicente actuava nas successivas gerações e ainda hoje nos ensina como a Arte para ser viva, tem de inspirar-se na tradição e dar expressão ao sentimento nacional, idealisando uma realidade. A sua lição é hoje, mais do que nunca, proficua contra a *desnacionalisação* que ia aniquilando a nacionalidade. [1] Portugal subsiste por que tem um

---

1 Em 1898 por occasião do Centenario da India representou-se o *Auto pastoril portuguez* no Theatro de D. Maria II; publicando-se ao mesmo tempo uma edição in-4.º

Em 8 de Junho de 1902, celebrou-se o quarto Cente-

territorio, que patentêa ser a sua nacionalidade a de formação mais logica entre os estados peninsulares, como o reconheceu Pi y Margall; tem uma raça inconfundivel com o Ibero, como o comprova uma autonomia de oito seculos; tem uma tradição que nos liga sympathicamente, e que achou na linguagem de Gil Vicente e de Camões a expressão litteraria suprema e imperecivel.

---

nario da Fundação do Theatro portuguez, recitando-se na festa do Conservatorio e no Theatro D. Amelia, o Monologo da *Visitação*, e trechos do *Auto da Lusitania*, do *Juiz da Beira*, do *Triumpho do Inverno*, do *Auto da Feira*, do *Auto da Cananêa*, *Pranto da Maria Parda*. Foram publicados com o *Auto da Alma* e a *Carta a D. João III* em folheto in-8.°, de 99 pag.

Em 1905, publicou-se o *Auto da India*, para o povo e para as Escholas. Lisboa. in-8.°, gr. de 36 pag. (Ed. Callado Nunes).

Em 1906, o *Auto da Festa* com uma explicação prévia pelo Conde de Sabugosa. Edição fac-smile, in-8.°

Em 1907, excerpto das *Obras* de Gil Vicente por Mendes dos Remedios. (*Subsidios*, vol. XI, Coimbra).

Em 1910, *Amadis de Gaula*, versão paraphrastica em portuguez no *Instituto de Coimbra*, vol. 57, n.° 42, 43 e 44.)

Monologo do Vaqueiro, vertido do castelhano e adaptado por Affonso Lopes Vieira. Representado em 17 de Fevereiro de 1910 no Theatro de D. Maria II, e retirado da scena depois de cinco representações. Em Nota escreve Affonso Lopes Vieira: «Na nossa *hora incerta, ao mesmo tempo triste e renascente*, consolemo-nos com estas bellas redondilhas do *Vaqueiro*.» Idem — *Revista de Guimarães*, vol. XIX, n.° 2.

Passada a revolução de 5 de Outubro de 1910, e já na *hora renascente*, foi representada em Novembro de 1911, no Theatro da Republica, o *Auto da Barca do Inferno*, e impresso na Editora, in-8.° pequeno de 74 pag.

O Fidalgo presunçoso = da *Farça dos Almocreves*. = Adaptação de C. Martha. Lisboa, 1912. In 16, de 32 p.

b) Bernardim Ribeiro e o genero pastoril

O apagado lyrismo dos poetas palacianos recebeu o fulgor do genio de Gil Vicente inspirando-se das fórmas vivas dos cantos populares; e essas fórmas, como notou Frederico Diez, eram uma sobrevivencia das antigas serranilhas e dizeres dos velhos Cancioneiros trobadorescos portuguezes, que se conservavam na tradição. Bernardim Ribeiro, pela sua situação pessoal, encontrou nos quadros pastoris o meio de objectivar a intensidade dos sentimentos affectivos, alcançando pela verdade da emoção a mais surprehendente expressão do seu amor. No vasto *Cancioneiro geral* de Resende nada se acha que indique conhecimento do *bucolismo,* já nos fins do seculo XV cultivado na Italia por Sannazaro. Bernardim Ribeiro, depois de 1516, encetou esta nova fórma lyrica, e se não é anterior á idealisação pastoril de Sannazaro, pelo realismo que o inspira, é pelo menos independente seguindo uma tradição nacional. Bouterweck notou o facto bem caracteristico: «Portugal póde ser considerado como a verdadeira patria da poesia pastoril, que no mesmo periodo floresce na Italia, onde adquire fórmas mais cultas, particularmente depois de Sannazaro.» [1] Quando Bouterweck formulava este juizo, ainda eram desconhecidas as *Serranilhas*

1 *Hist. da Litteratura portugueza,* p. 43. (Trad. ingleza, 1804.)

e *Pastorellas* imitadas na côrte de D. Affonso III e D. Diniz pelos trovadores portuguezes; pela critica presentiu essa persistencia tradicional. Hoje, que a evolução d'esse lyrismo galecio-portuguez está conhecida, póde-se aproximar o *bucolismo* de Sannazaro e o de Bernardim Ribeiro de um mesmo influxo actuando em dois meios differentes. Sannazaro viveu em Napoles e na sympathia da realeza de Aragão, que alli implantara a cultura lyrica das côrtes hispanicas; antepassados seus tinham vivido e eram oriundos da Hespanha. Na côrte de D. Juan II de Castella e na de Enrique IV revivesceu a sentimentalidade lyrica do genio luso pela influencia dos poetas do Cancioneiro de Baena, e principalmente por Juan Rodriguez da Camara, de Padron, [1] que imprimiu a sua ardencia incomparavel ao lyrismo dos fins do seculo XV. Essa impressão viva reforçou as circumstancias ethnicas que actuaram em Gil Vicente quanto ás fórmas archaicas; poetas como Bernardim Ribei-

1 No certame do *Cuydar e Suspirar* é citado como auctoridade:

> Per boa confirmaçam
> Que temos de Juan de Mena,
> *Juan Rodrigues del Padron,*
> Manrique, e quantos sam,
> Ham suspiros por mór pena.
>
> (*Canc. ger.*, I. 41.)

E Jorge Ferreira de Vasconcellos escrevia na Comedia *Ulyssipo:* «Sabei por esse respeito, que me não trocarei por *Juan Rodrigues del Padron.*» (*Act.* II, sc. 2.)

ro e Garcia de Resende conheceram a novella amorosa de Juan Rodriguez del Padron *Siervo libre de Amor*, que revelava como o lyrismo brota da expressão das impressões vividas.

Pelo seu proprio temperamento affectivo e situação especial da sua vida, tirou Bernardim Ribeiro do isolamento da infancia no campo e da sensibilidade morbida de uma paixão absoluta todos os elementos de realidade do seu incomparavel lyrismo. Ha alguma cousa de parecido na sua vida com a do bucolista italiano: Sannazaro ficou muito cedo orfão de pae, tendo sua mãe pela desgraça domestica de recolher-se a uma pequena povoação de Nacera; pela revelação do talento fez o velho mestre Juniano Maius que viesse estudar para Napoles, onde pelo seu amor desventuroso pela gentil e esquiva Carmosina Bonifazia se lhe acordou o sentimento poetico; diante da indifferença da mulher amada, saíu de Napoles, procurando allivio nas viagens, e encontrando favor na casa real de Napoles, principalmente no principe Frederico de Aragão, com uma piedosa sympathia; sobreviveu á morte de Carmosina, exaltando-a na expressão da sua saudade pungente; prevaleceram acima das fórmas classicas do bucolismo de Theocrito e de Virgilio o realismo da sua paixão e a orientação atavica dos antepassados aragonezes.

Nas cinco Eglogas de Sannazaro o emprego da lingua latina forçava-o á subserviencia classica, pondo em contraste a naturalidade com o purismo academico. Nas cinco Eglogas de Bernar-

dim Ribeiro, a linguagem vernacula, na belleza dos modismos e locuções populares dá um maior relêvo á expressão apaixonada, pela harmonia com o quadro bucolico ou o meio campesino em que soffreu o seu mésto amor. O conhecimento da biographia do poeta, bem fundamentado, revelando-nos a verdade da sua inspiração, porá em evidencia a dominadora belleza esthetica das *Eglogas* e da *Menina* e *Môça*, sem egual nas modernas litteraturas.

Torna-se de uma justa comprehensão critica esta observação do Dr. Raul Soares: «O carinho com que falla da natureza, sobretudó do seu *pobre* Juan, uma doce nota pantheistica, realidade e idealisação de habitos pastoris, o suggestivo das suas scenas campestres, denunciam n'elle um positivo pendor para as cousas mansas, uma paixão para as cousas simples, o que mostra não ter sido por acaso que elle creou o genero bucolico em Portugal, escolhendo-o para a expressão de sua alma, mas para obedecer a uma tendencia do seu espirito.» [1] E' o que se prova n'este estudo. [2]

---

1 *O Poeta Crisfal* — Subsidios para o estudo de um problema historico litterario, p. 70. Campinas. 1909.

2 Com os factos allegados na tenção do desembargador Rodrigo Rodrigues de Lima, de 6 de Maio de 1642; as noticias genealogicas de D. Flaminio sobre a familia dos Zagalos, impressas por Sanches de Baena; dados autobiographicos das Eglogas e Novella de Bernardim Ribeiro, e contidos na Egloga *Alcixo*, de Sá de Miranda, e com as datas de documentos officiaes e bibliographicos faz-se uma verdadeira reconstrucção biographica.

1482 a 1503. — Damião Ribeiro, nascido na villa de Torrão, e empregado na administração da casa do Infante D. Fernando, d'onde passou para a da casa do Duque de Viseu D. Diogo, casara com D. Joanna Dias Zagalo, da familia dos Zagalos de Estremoz; d'este consorcio nasceu-lhes uma menina, *Beatriz,* que pouco viveu, e em 1482 *Bernardim Ribeiro,* que havia de immortalisar-se pela sua excepcional organisação poetica. A epoca da sua geração coincide com as grandes perturbações da conjura dos fidalgos contra o absolutismo imperialista de D. João II, de que resultou a execução no patibulo do Duque de Bragança em 1483, e o assassinato do Duque de Viseu pelo proprio monarcha, seu cunhado, em 23 de Agosto de 1484. Como empregado de confiança da Casa do Duque de Viseu, Damião Ribeiro conseguiu escapar-se de Setubal, e antes de se refugiar em Hespanha, foi entregar sua mulher e filhos á protecção dos primos, o desembargador Antonio Zagalo e sua irmã D. Inez Dias Zagalo, que se achavam vivendo na quinta dos Lobos, nas immediações de Cintra. [1] Damião Dias morreu assassinado em Hespanha por ordem de D. João II. Sob estes tremendos abalos moraes, isolamento imposto pelo perigo das denuncias e das perseguições, foi

1 Do Documento judicial de 6 de Maio de 1642: «Bernardim Ribeiro com sua mãe e *irmã* se socorreram do amparo do seu parente o Desembargador da Casa da Supplicação Antonio Zagalo e de sua irmã D. Inez, a qual os levou para a villa de Cintra, e os trouxe recolhidos no segredo por algum tempo na quinta denominada dos Lobos.»

creado Bernardim Ribeiro, na quinta e cercanias pittorescas da Quinta dos Lobos. Tudo influia na sua organisação para uma sensibilidade nervosa excessiva, que levou Bernardim Ribeiro a uma susceptibilidade delicada, para a receptividade de impressões, que pela precocidade do seu temperamento erotico transformariam qualquer emoção passional em uma psychose decisiva. E assim dar-lhe-iam, «este estado morbido dos elementos nervosos», as sobreexcitações, as condições fulgurantes do genio. A solidão agreste da Quinta dos Lobos aggravava a susceptibilidade sensacional, tomando as fórmas de ternura e de uma melancholia sem motivo. Importa conhecer esse meio em que decorreu a infancia e puericia de Bernardim Ribeiro, até ao anno de 1496, apoz a morte de D. João II. A quinta dos Lobos (morgado instituido em 1424 por Martim Gil Lobo) veiu para a familia Zagalo pelo casamento de Gomes Martim Zagalo com Brites Affonso, irmã do instituidor; fica proximo do Sabugo, a leste da estrada de Mafra, com uma casa de grossas paredes assentes sobre rocha, com a frontaria voltada ao sul, tendo ao sopé um ribeiro, que ao fundo do vale corre entre choupos e freixos, continuando os pinheiraes pelas serranias. Para o lado da casa elevam-se os montes, e a paizagem desvenda-se encantadora dilatando-se em terrenos até á falda de Cintra, e uma cordilheira para além da qual se avista uma parte do vale do Tejo e uma parte do Oceano na curvatura das costas de Cintra e de Cascaes. Ahi, n'essa quinta, occulta entre

uma garganta de serras, decorreu a creação e adolescencia de Bernardim Ribeiro, descuidada e livre, mas o que lucrava em robustez physica, a solidão desequilibrava em sensibilidade, em que as impressões objectivas d'esse meio edenico o embalavam em um *estado de poesia*. A vida campesina, pastoril, que observava em volta de si tinha uma effectiva realidade; e as situações affectivas que ahi se passaram identificaram esses logares com as suas saudades. Da revelação do talento precoce allude Sá de Miranda na Egloga *Aleixo*, em que desenha o drama da vida de Bernardim Ribeiro como um doloroso poema:

> Veislo que a maiores alcança
> En criança,
> En saber i ser lozano.
> Ai! de una vana esperança,
> Alfin que queda en la mano?
>
> Era locura pensar
> Cosas que aun niño dezia;
> Despues cantava i tañia
> El caramillo sin par.
> Sabia mas que...

As admirações com que accolhiam os prodigios infantis, nas esperanças de um futuro brilhante, impelliam-no ao exagero da subjectividade. E Maudsley, na *Pathologia do Espirito*, observa: «A imaginação precoce ou antes a phantasia da infancia devia ser reprimida como um perigo, em vez de animal-a como uma prova de talento.» (*Op. cit.*, p. 286.) A companhia do velho desembargador Antonio Zagalo influiria por certo n'essa

cultura intellectual, que tanto se patenteava. A vida interna da Quinta dos Lobos teve uma grande alteração: D. Inez Dias Zagalo casou com um rico proprietario de Extremoz, Sancho Tavares, para onde foi viver; pouco tempo depois, pelo falecimento do velho desembargador, entrou no dominio do morgado de Cintra Alvaro Pires Zagalo, casado em Alcacer do Sal. Tinha este dois filhos, um dos quaes *Bastião* Dias Zagalo apparece memorado na novella da *Menina e Moça* sob o anagramma de *Tasbião,* formando com *Bimnarder* (anagramma de Bernardim Ribeiro) a historia dos *Dois Amigos,* que constitue o thema da novella. Esses dois rapazes, intimos primos, com o temperamento amoroso dos Zagalos, em que fôram frequentes os dramas passionaes, galantearam duas irmãs de um pequeno lavrador de Cintra, do sitio de Ribafria, Ambrosia Gonçalves e Lucrecia Gonçalves. Figuram na Novella da *Menina e Môça* sob os anagrammas de *Romabisa* e *Cruelsia* (na edição de Ferrara, *Aquelisia,* aproximação de nome fatidico de Lachesis.) Era um folguedo da juventude, que se tornou a crise da sua vida. Diz Maudsley: «Na puberdade produz-se uma revolução corporal e mental, novos substratos do espirito entram em funcção, caracteres ancestraes, que se não tinham notado anteriormente, manifestam-se...» *(Pathologia do Espirito,* p. 96.) Na historia dos Dois Amigos, *Tasbião* soffre as indomaveis esquivanças de *Romabisa,* mas na realidade Ambrosia Gonçalves vem a casar com Sebastião Dias Zagalo; *Cruelsia* estimulava

o temperamento de *Bimnarder,* que, como o revela Bernardim Ribeiro na Novella: «*Cruelsia — obrigou tanto este Cavalleiro,* com cousas que fez por elle, que o *endividou todo nas obras.* Não lhe deixou nada, tão só para que lhe devesse a formosura. Parece que lhe quiz tanto bem, que não soffria a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: *deu-se-lhe logo toda.* Obrigou-o assi;...» (Part. I, 13.) Pelo falecimento de D. João II pôde Bernardim Ribeiro saír de Cintra, indo tomar conhecimento da sua casa do Torrão, utilisando as reparações que o rei D. Manoel dava aos perseguidos pelo assassino do seu irmão o Duque de Viseu. Continuavam as grandes fomes do Alemtejo em 1496, circumstancia que obrigava-o a regressar a Cintra e ahi permanecer, até seguir um plano de vida; á fome ajuntou-se a peste e a estiagem no Alemtejo, e muita gente convergia para Lisboa. Em 1501 Sancho Tavares entende que Bernardim Ribeiro com os seus *dezenove annos,* tem de tomar rumo; assim na Egloga *Aleixo,* diz *Sancho* (pastor) el viejo:

> Mal con hijos que he engendrado,
> Mal con los hijos agenos.
>
> Y esto ha sus *diez i nueve años*
> Quien del liempo no se vela,
> Parece que fué aier!
>
> (Sá de Miranda, *Obras,* p. 107.)

Em 1503 D. Inez Dias Zagalo foi chamada para o paço para ama da Infanta D. Beatriz; n'esta assistencia nos paços da Ribeira teve Bernar-

dim Ribeiro ensejo de vêr sua prima Joanna Zagalo, *d'antre treze ou quatorze annos,* como diz o poeta na Novella, e portanto nascida em 1489. A impressão foi profunda como uma commoção cerebral, em que a permanencia de horas e dias em uma abstração mystica se torna a loucura cataleptica. Diz Maudsley: «Considero que uma causa moral actue de uma maneira tambem physica como uma pancada que produz a paralysia ou a morte subita; é mesmo provavel que actue da mesma maneira.» *(Op. cit.,* p. 237.) E o celebre alienista explica esta commoção cerebral, que inicia a paixão como a passagem de uma base physica para a consciencia, «sentida na rasão da constituição dos centros cerebraes em que fôram depositadas as sympathias sociaes de edades succesivas...» N'esse seu modo de sentir, Bernardim Ribeiro tornava-se o completo representante da alma portugueza na sua immanente affectividade. Na Egloga II, descreve Bernardim Ribeiro a epoca em que veiu para Lisboa e o momento do seu encontro com Joanna:

> Quando *as fomes grandes* foram,
> Que Alemtejo foi perdido,
> Da aldeia que chamam *Torrão*
> Foi este pastor fugido;
> Levava um pouco de gado,
> Que lhe ficou de outro muito
> Que lhe morreu de cansado,
> Que *Alemtejo era enxuto*
> *De agua, e mui secco de prado.*
>
> Toda a terra foi perdida;
> *No campo do Tejo só*
> *Achava o gado garida;*

Vêr Alemtejo era um dó;
E Jano pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro maior foi achar.

Deu-se a commoção passional: Bernardim Ribeiro viu Joanna Zagalo n'aquelle momento em que a mulher ainda ignora o poder da sua belleza:

Joanna acertou de ir vêr
Que se andava pola *Ribeira*
Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia,
Um pouco affrontada andava,
Formosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava.

Mui perto estava o casal
Onde vivia o pae d'ella,
Que fez ir mais longe o mal
Que Jano teve de vêl-a.

D'aqui se entende que Sancho Tavares, o rico proprietario de Extremoz, achando que o talentoso moço seria um bom partido, facilitara as familiaridades, que tornaram mais vehemente a paixão. A mãe de Joanna, D. Inez Dias Zagalo, de accôrdo com a tenção do marido, empregou a sua influencia junto do rei D. Manoel para obter-lhe uma doação para seguir os estudos. Lê-se na tenção do processo de 1642: «Falecido el rei D. João, e succedendo-lhe *el rei D. Manoel, por mercê a D. Inez, que depois foi ama da sr.ª Infanta D. Beatriz*, Duqueza de Saboya, lhe fez muitos favores e accrescentos de fortuna, e *tomou o referido Ber-*

nardim Ribeiro sob sua real guarda, e o mandou cursar os estudos da Universidade, d'onde saíu com o gráo de Bacharel em Leis.» O poeta descreve esta crise decisiva da sua vida, que fixa em 1503:

> Agora *hei vinte e um annos,*
> E nunca inda té agora
> Me acorda de sentir damnos,
> Os d'este meu gado em fóra.
> Hoje, por caso estranho,
> Não sei em que hora aqui vim,
> *Cobrei cuidado camanho,*
> Que aos outros todos poz fim;
> Eu mesmo a mim me estranho.
> ....
> Dentro de meu pensamento
> Ha tanta contrariedade
> Que sento contra o que sento,
> *Vontade contra vontade.*
> Estou em tanto desvairo,
> Que não me entendo commigo.
> D'onde esperarei repairo?
> Que *vejo grande o perigo,*
> *E muito mór o contrairo.*

N'esta mesma Egloga II accentúa o conflicto que se passa na sua alma, o compromisso contrahido nos encontros intimos com Lucrecia Gonçalves, *(Cruelsia)* no tempo do seu isolamento da quinta dos Lobos:

> Vi *acabado um desejo,*
> *Outro maior começado.*

Foi em uma romaria, em Cintra, que Alvaro *Pires* Zagalo, sob a personificação de *Pierio,* o avisa dos perigos do abandono do que devia a Lucrecia Gonçalves:

Dia era de um gram vodo
Que a um santo se fazia,
Onde ia o povo todo
Por vêr e por romaria.
Lembro-me que andava eu então
Vestido todo de novo,
Ao hombro um chapeirão,
Que pasmava todo o povo,
Com um cajado na mão.

Na *Menina e Môça* encontra-se egual circumstancia: «Veiu assim acerto que perto d'alli havia uma casa de uma Santa de grande romagem, e era então o outro dia a vespera do seu dia; e a *Ama* e as mulheres da casa ordenaram de lá ir; e havia licença de Lamentor para *Aonia*...» Antonio Maria de Freitas localisa a casa da Santa na Ermida de N. S. da Piedade, no caminho do Almargen, proximo do valle em um planalto a trezentos metros da quinta dos Lobos, onde se celebrava uma feira franca.

Vendo-o tomar parte n'estas alegrias populares, *Pierio* presagia o perigo a que o arrasta o seu temperamento affectivo:

A *prophecia* é cumprida
que me *Pierio* foi dar,
Vendo-me a barba pungida. [1]

---

1 Nas poesias de Sannazaro encontra-se uma a *Pier-Leone,* sabio astrologo, medico e viajante do seculo xv, falecido em Florença afogado n'um pôço; n'essa poesia á sua morte representa-o em uma apparição, em que repelle a calumnia de suicidio, revela o crime de que foi victima e prophetisa outros desastres. Suggeriria esta figura de *Pier* a designação de *Pierio* com o poder prophetico na Egloga?

Tomando-me pelo braço
Pierio, então me levou
D'alli um grande pedaço,
Onde melhor sombra achou.
E mandando-me assentar,
Elle tambem se assentou,
E antes de começar,
Para mim um pouco olhou,
E a voltas de chorar:
....

«Vejo-te cá pola edade
De uma nuvem negra, cercado,
Vejo-te sem liberdade,
De tua terra desterrado
E mais da tua vontade.
....

Hasde morrer de uma dôr,
De que agora andas bem fóra,
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquella hora
Que lhe hade vir o amor.

Não póde já longe vir,
Jano, aquisto que te digo;
Vejo-te a barba pungir,
Olha como andas, comtigo.
A terra extranha irás
Por teu gado não perderes,
Longos males passarás
Por uns mui breves prazeres
Que verás ou não verás.

E *Pierio* aponta-lhe a fascinação a que obedece nos paços da Ribeira e a vingança do despeito que em outra parte se lhe prepara:

Nos campos de uma *Ribeira*
Onde vales ha a logares,
Te está guardada *a primeira*
Causa d'estes teus pesares;
N'outra parte a derradeira.

E' deliciosa a exposição da fascinadora causa dos pesares que envolvem o amor por Joanna:

> Geitos em cousas pequenas,
> Louros cabellos ondados,
> Porão para sempre em penas
> A ti e a teus cuidados;
> Fallas cheias de desdem
> De presumpção cheias d'ellas
> Cousas que outras cousas tem,
> Te causarão as querellas
> De que morrer te convém.

Ha já n'estes versos finaes a concepção pathetica da paixão avassaladora que só póde achar allivio na morte, como n'esse extraordinario thema de amor de *Tristão e Yseult*, que uma realidade revelou a Wagner. Em uma variante da Egloga lê-se mais nitidamente:

> Não te posso encarecer
> A grande dôr que me obriga
> A, calando, padecer;
> *Porque de minha fadiga*
> *E' só descanso morrer.*

1505 a 1521. — Fez-se em 1504 a reforma da Universidade de Lisboa, á qual o rei D. Manoel deu novos Estatutos; era tambem uma das fórmas da sua magnificencia real. Havia empenho de attrahir para as escholas superiores a mocidade nobre. Pelo documento judicial de 6 de Maio de 1642, allega-se que o rei, tendo tomado «Bernardim Ribeiro sob a sua real guarda — o mandou cursar os estudos da Universidade...» E por influencia de D. Inez Zagalo, ama da Infanta D. Beatriz, fez-lhe para esse fim: «A doação que

recebeu por essa occasião da Terra e Azenha de Ferreiros com seus termos — dita doação feita no anno de 1505, declara uniformalmente, que no caso do amerceado não haver filhos legitimos, passar os bens para a Casa de Bragança.» Os bens referidos n'esta doação eram situados na comarca de Extremoz, onde tambem os bens de Sancho Tavares; vê-se que assim preparava D. Inez Zagalo as condições para o casamento com sua filha Joanna (a *Aonia,* da novella.) Dos annos de 1505 a 1512 decorrem os assentos da matricula de Bernardim Ribeiro no Livro 1.º da Universidade, que ainda se guarda em Coimbra do pouco que para ali foi no tempo da trasladação. N'este periodo da formatura em direito civil ou cesareo contrahiu Bernardim Ribeiro essa encantadora amisade com outra joven poeta Francisco de Sá de Miranda, encontrando-se ambos, depois de graduados em Leis, frequentando os apparatosos Serões da côrte de D. Manoel, e confortando-se mutuamente nas decepções da vida que ambos affrontaram e soffreram. Nas Eglogas II e V de Bernardim Ribeiro figura Sá de Miranda como um verdadeiro refugio moral; e na Egloga *Alcixo,* descreve Sá de Miranda a situação angustiosa dos amores de Bernardim Ribeiro, a quem amparava na sua ruina mental. N'essa *surmenage* symptomatica do cerebro sobrexcitado pela insomnia, devaneios e aproximação da loucura, confessava Bernardim Ribeiro:

> Não posso dormir as noites
> Amor, não posso dormir.

Era pela distracção da poesia que Sá de Miranda tentava temperar-lhe as emoções e equilibrar-lhe o espirito. Observa Maudsley: «A um estado mental de illusão, que attingiu a loucura, só havia o benefico influxo de uma atmosphera moral conveniente, uma conducta rasoavel da vida podendo actuar de uma maneira inconsciente sobre a organisação mental alterada...» *(Op. cit.,* p. 217.) Isto comprehendeu e tentou Sá de Miranda, na intuição do bom senso, provocando Bernardim Ribeiro a desabafar a emoção pela idealisação poetica, em que ambos se interessavam. N'um d'esses colapsos catalepticos lhe acudiu Sá de Miranda, como revela na Egloga II:

E como a quem o ár falece
Caíu n'aquelle areal;
Grande espaço se passou
Que esteve ali sem sentido;
E n'este meio chegou
Um pastor seu conhecido,
E que dormia cuidou.

Franco de Sandovir era
O seu nome, e buscava
Uma frauta, que perdera
E que elle mais que a si amava.
....

E a frauta sua era aquella
Que *Celia* lhe dera, quando
O desterraram por ella,
Chorando elle, ella chorando.
....

De outro tempo conhecidos
Estes dois pastores eram;
De extranhas terras nascidos,
Não no bem que se quizeram.

As antigas relações da vida escholar achamse referidas por Franco:

> Cuidava agora, Jano,
> Que estavas em outra parte,
> E polo teu aqueste anno
> Me pesava ir por esta arte;
> Desejava vêr-te aqui
> Quando me contava alguem
> *A secca grande que ha ahi,*
> *Em Alemtejo,* e porém
> *Não quizera eu vêr-te assi.*
>
> Conta-me que mal foi este
> Que tão demudado estás?
> Ou que houveste? ou que perdeste?
> Se ha remedio, havel-o-has.

Estava-se passando um tenebroso drama na familia de Joanna; o rei D. Manoel afastou da côrte Sancho Tavares mandando-o como portador de uma carta datada de 23 de Abril de 1504 dirigida ao xeque e principaes de Azamor; e n'essa missão nomeou-o para a Capitania de Sofala em 1506, onde permaneceu até 1507; d'ahi foi mandado para a India, apparecendo em Gôa em 1511, e lá na companhia de quarenta cavalleiros que com o capitão de Goa Rodrigo Rebello investiram contra Pulatecão, com elles succumbiu em derrota completa. Este facto justifica certas tradições sobre a devassidão do rei D. Manoel, e o grande valimento que junto d'elle tinha Gaspar Gonçalves de Ribafria, seu alcoviteiro, e *mestre de dansa* das damas, e tambem a attenção que ligava a todos os pedidos de D. Inez Zagalo. Escreve Sanches de Baena no seu trabalho sobre a genealogia dos Zagalos: «E' caso mysterioso e até hoje inde-

cifravel a causa porque o rei D. Manoel elevou o pequeno lavrador do logar de Ribafria, Gaspar Gonçalves, a fidalgo da sua casa, a porteiro da sua camara, a alcaide mór de Cintra, e lhe fez presente de importantes sommas para comprar quintas e edificar casas apalaçadas na villa de Cintra, como foi notorio.» Todo esse favor regio serviu a tempo para Gaspar Gonçalves vingar sua irmã Lucrecia *(Cruelsia)* do desdem ou repulsa de Bernardim Ribeiro, obrigando Joanna Zagalo *(Aonia)* a casar com outrem, que não fôsse Bernardim Ribeiro.

E' n'esta situação angustiosa que nos apparece o poeta, representando o alarme de espirito e a *dôr psychica,* para que Joanna se lembre da constancia inquebrantavel que lhe votou. No Cancioneiro de Resende vem, sob a forma da oração religiosa *Memento,* que nos localisa a situação por 1516:

> Lembre-vos *quam sem porquê*
> *Desconhecido me vejo,*
> E comtudo minha fé
> Sempre com vossa mercê
> Com mais crescido desejo.
>
> Lembre-vos, que se passaram
> Muitos tempos, muitos dias;
> *Todos meus bens se acabaram,*
> Comtudo nunca cansaram
> Querer-vos minhas porfias:

Todas as poesias de Bernardim Ribeiro colligidas no *Cancioneiro geral* de 1516, exprimem o sentimento exclusivo da desesperança; fôram colligidas de cadernos particulares dos quaes sete

composições fôram incorporadas na edição da *Menina e Môça* de 1554 e de 1559. N'estas edições de Ferrara e Colonia, vêm mais duas composições suas que esclarecem o drama passional; deprehende-se, que disseram a Joanna Zagalo, ser Bernardim Ribeiro casado. Alludiriam ás suas relações irreflectidas com Lucrecia Gonçalves. A essa allusão responde:

> Nam sou casado, senhora,
> *Pois inda que dei a mão,*
> Não casei o coração.
>
> *Antes que vos conhecesse*
> Sem errar contra vós nada,
> *Uma só mão fiz casada,*
> Sem que mais n'isto metesse.
> Dou-lhe, que ella se perdesse;
> Solteiros e vossos são
> Os olhos e o coração.

Tem cinco estrophes a dolorida esparsa, cada qual mais bella exprimindo o mesmo pensamento:

> Não me engeiteis por casado,
> Que se a outra dei a mão
> Dei a vós o coração.

Era um meio de afastar Joanna Zagalo d'aquelle amor, por que Lucrecia Gonçalves casou, quando isso conveiu, com Affonso do Monte e Heredia, como se vê pelas genealogias. Mas a ordem superior teve de cumprir-se e a propria mãe de Joanna Zagalo, que tudo devia á munificencia do rei D. Manoel, forçou a vontade da filha a acceitar o casamento com Pero Gato, filho do Capitão de Çafim Nuno Gato. A Trova

em rimas dissolutas, impressas na edição de Ferrara e de Colonia, pintam o estado de alma de Bernardim Ribeiro, logo que se obteve a accedencia passiva de Joanna. Dá-nos o effeito de quem atravessa na escuridão um espaço desconhecido:

Hontem poz-se o sol, e a noite
Cobriu de sombra esta terra.
Agora é já outro dia,
Tudo torna, torna o sol;
Só foi a minha vontade
Para não tornar c'o tempo.
....
Dentro na minh'a vontade
Não ha momento no dia
Que não seja tudo terra;
Ora ponho a culpa ao tempo,
Ora a torno a pôr á noite
No melhor poz-se o sol.

Na *Menina e Môça* (P. I, cap. 29) descreveu Bernardim Ribeiro este lance desolador do casamento de *Aonia:* «E succedeu no castello um filho de um cavalleiro muito valido e rico n'esta terra, que *por meio de visinhos* desejou a *Aonia* por mulher; o que foi asinha acabado pela egualança de ambos, n'aquello em que a quizeram *aquelles em que estava o prasmo do casamento* — ...não no soube *Aonia* senão o dia d'antes que a havia de levar para o castello;... e bem lhe pareceu que se não descontentaria *Aonia* do esposo, porque era bem apôsto cavalleiro e dos bens do mundo abastado; e por isso tambem excusava dizer-lho então. Mas, não foi assim, que *Aonia* toda aquella noite passou em um grito. Se não fôra por *Enis,* que do

seu segredo era sabedor, morrera, ou se fôra por esse mundo; mas ella a consolou, e com muitas esperanças que lhe deu, não tão sómente a que não fizesse de si nada, mas antes ainda lhe fez ser contente d'aquella vida e desejal-a; porque lhe dizia; que:

«Segundo os casamentos occupavam os homens, *poderia ella ter a liberdade que quizesse, e com o resguardo faria o que sua vontade fôsse, o que não poderia na casa em que estava.*

«*Este conselho foi tomado sem Bimnarder,* porque a brevidade do tempo não deu logar para isso; *mas concertaram-se ambas,* que ficasse *Enis* pera lhe dizer ao outro dia, e depois mandaria por ella...» *Lamentor,* aquelle a quem estava o prasmo do casamento, é o R. D. Manoel (anagramma, com mudança do *t* em *d*); *Enis* é a Ama no paço, Inez Dias Zagalo.

Antonio Maria de Freitas, que descobriu o documento judicial de 1642, que projecta intensa luz sobre a vida de Bernardim Ribeiro, no seu estudo bibliographico e critico, transcrevendo esse trecho da *Menina e Môça,* exclama: «Repugna-nos commentar o que ha de deshumano e de peçonhento n'estas palavras de uma mãe a uma *filha.* — O casamento de Joanna Tavares com Pero Gato foi ajustado como se vê, sem ella o saber. Ao passo que a mãe, por um lado, a deixava á vontade com o primo, por outro tratava de a consorciar com um extranho, a que não bastava de certo ser *bem aposto cavalleiro e dos bens do mundo abastado,* para supplantar, em determinado

momento, um rival cuja preferencia estava consolidada por alguns annos de um convivio ardentemente amoroso.

«Inez Alvares dispunha na côrte de influencia bastante para que o processo do casamento corresse até final remate, sem que a filha e o namorado desconfiassem sequer. E sem duvida que *el rei D. Manoel não ignorava os preparativos d'essa cilada tão ignobilmente armada* pela Ama da Infanta D. Beatriz em vergonhoso proveito do filho do contador de Çafim.

«*Ninguem, nem a propria auctoridade ecclesiastica, conseguiu dominar* Inez no seu *damnado proposito* de casar a filha em condições tão profundamente tristes e vergonhas.»

Todas estas circumstancias revelam que Inez Alvares era um instrumento passivo ao serviço do damnado proposito de quem tudo mandava. Como diz Antonio Maria de Freitas: «N'essa mulher, porém, estavam mortos e bem mortos todos os sentimentos que constituem o fundo moral do seu sexo e que adquirem a sua expressão mais sublime na mulher-mãe. Foi a propria Inez quem *preparou o casamento* da filha com Pero Gato, surprehendendo a infeliz rapariga á ultima hora com essa resolução subita e inesperada.» Quando Freitas assim caracterisava o *espirito perverso* de Inez Alvares, ainda Sousa Viterbo não tinha summariado os documentos pelos quaes o rei D. Manoel afastava para longe de Portugal Sancho Tavares, mandando-o em missão de confiança a Azamor, depois fixando-o de 1506 até 1507 como feitor em

Sofala, e empurrando-o para a India, onde morreu em 1511 n'uma arrancada militar contra Pulatecão. Porque afastava o rei D. Manoel para muito longe o marido de Inez Alvares, o pae de quatro formosas meninas? A ama da Infanta D. Beatriz era connivente com os intuitos do rei devasso, que em tudo a favorecia; é aqui que se entrevêem os serviços do saloio de Ribafria Gaspar Gonçalves, auxiliando no isolamento de Cintra as aventuras licenciosas do devasso monarcha. Bernardim Ribeiro começa a novella da *Menina e Môça* pela aventura de *Lamentor,* que conduz áquella região afastada *Belisa,* que assaltada pelas dôres do parto, ahi dá á luz uma menina, que n'esse mesmo momento ficou orfã. *Belisa* (anagramma de Isabel) representa a joven Isabel Zagalo, filha mais velha de Sancho Tavares e de Inez Alvares, que segundo notas genealogicas foi sacrificada á sensualidade bruta do omnipotente monarcha. Este facto identificava-se com outro que mascarava o crime: effectivamente o rei D. Manoel teve a sua primeira esposa *Isabel* (viuva do principe D. Affonso), que morreu de parto. Por estas analogias materiaes Bernardim Ribeiro punha-se a coberto de interpretações compromettedoras. E comtudo, alguns vislumbres da verdade transpareceram, por que a Novella ingenua da *Menina e Môça,* que teve muitas copias manuscriptas, chegou a ser officialmente prohibida depois da sua publicação.

Que interesse tinha o rei em fazer casar Joanna Zagalo, a namorada do poeta que elle prote-

gera, com Pero Gato filho de um cavalleiro da sua Casa? Simplesmente satisfazer a pretenção de Gaspar Gonçalves, o irmão de *Cruelsia,* a Lucrecia Gonçalves, abandonada por Bernardim Ribeiro. Inez Alvares, tendo sacrificado já uma filha, Isabel, ao appetite do monarcha, sacrificou-lhe aos seus planos Joanna com a mesma abjecta subserviencia. [1]

Dando noticia dos documentos sobre Sancho Tavares, pelos quaes D. Manoel o afastou para muito longe de Portugal, Sousa Viterbo, sem relacional-os com a situação de Inez Alvares na côrte, lança este juiso: «Não contesto que Bernardim Ribeiro amasse uma Joanna, cuja comprovação real e historica ainda não foi encontrada.» No documento judicial de 1642, lê-se sobre a allegação de um bisneto do poeta: «Bernardim Ribeiro, escrivão privado do senhor rei D. João III,

---

1 Sousa Viterbo, que deu noticia dos documentos de 1506, 1507 e 1511, que afastaram Sancho Tavares para a Africa e India, não tirou a luz n'elles contida, e escreveu: «o seu falecimento deixou de ser um obstaculo, e o bucolico poeta podia emfim realisar a sua mais ardente aspiração. Não se sabe que *outro poder occulto embaraçasse o intento dos dois amantes,* attraídos por uma paixão irresistivel. O sr. dr. Theophilo Braga, pretende identificar por causa do anagramma, Inez Alvares, mãe de Joanna Tavares, com *Enis* ama de *Aonia,* aquella seductora imagem que hallucinou a phantasia do pastor *Bimnarder.* Esta identidade nem por hypotheses creio eu, se deve admittir, pois chega a ser um repugnante absurdo, que a mãe se transformasse em alcaiota, procurando impudicamente consolar a filha com a risonha perspectiva dos amores adulterinos.» E' um corollario moral, alheio aos factos implicitos.

nunca foi casado, nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastarda de *huma sua prima*, como allega o representante.» De facto nas memorias genealogicas de D. Flaminio, enumerando *Joanna Tavares* entre os filhos de D. Inez Alvares (por mercê de quem D. Manoel tomou Bernardim Ribeiro sob a sua real guarda), escreveu o cruzio: «D. Joanna veiu com suas irmãs de Extremoz para Cintra, e segundo varias memorias, era assás formosa, o que não deixou de concorrer para a sua desventura, por que ha noticias d'*ella se ter apaixonado por um seu parente,* e de ter sido por interesses de familia *obrigada a casar com Pero Gato*, filho de Nuno Gato...» Na novella da *Menina e Môça* este personagem é representado sob o nome de *Fileno* (sc. felino) e *Orphileno* (P.ro felino). Na memoria genealogica de D. Flaminio completa-se a tradição familial: «Pero Gato dizem que falecera pouco tempo depois do seu casamento e que essa morte fôra violenta. D. Joanna, depois de viuva, foi passar algum tempo em casa de seu tio Alvaro Pires Zagalo, que residia em Alcacer do Sal, até que foi recolhida a um convento e lá se finou professa.» Este testemunho é comprovado na Parte II da novella, capitulo XLVIII, em que se dá o encontro de *Orphileno* que «acabou sua vida a mãos de *Bimnarder*.» Quanto ao facto de Joanna ser recolhida em um convento authentica-se pela carta de 15 de Agosto de 1523 dirigida por D. Inez Alvares Zagalo a D. João III: «Vossa Alteza sabe como eu lá deixei *uma filha freira e tão doente,* que ha mis-

ter sempre duas e tres mulheres que a sirvam...» E já com todos estes documentos publicados, escrevia Sousa Viterbo, ácerca de Joanna: «Estou porém convencido que ella não representa senão uma synthese, um completo harmonico de todas as beldades que povoaram a phantasia do poeta.»

Esta carta de D. Inez Alvares ao rei fixa na data de 1523 a phase em que se encontrava o drama passional de Bernardim Ribeiro, e presta-se ao encadeamento dos factos: pelas suas poesias no *Cancioneiro geral* de 1516 vê-se que o alarmava a perspectiva da catastrophe das suas esperanças, e que o casamento de Joanna Tavares seria por 1517, decorrendo até 1523 um breve periodo conjugal, a viuvez e a assistencia em casa de seu tio, doença e entrada para o convento de Santa Clara de Extremoz, quando sua mãe partira com a Infanta D. Beatriz para Saboya.

Da situação de Bernardim Ribeiro n'este mesmo periodo, vê-se que pela intensidade da psychose ella tomou a fórma da perturbação da neurilidade, seguindo diversos gráos da funda tristeza, da anciedade melancholica levando ao desarranjo do tonus mental, que ulteriores circumstancias impeliram ao delirio tendo o seu termo na depressão idiotica. (Maudsley, *op. cit.*, p. 216.) Na côrte de D. Manoel dera-se uma forte alteração depois do falecimento de sua segunda mulher a rainha D. Maria; o monarcha tratou logo de obter de Carlos v a mão de D. Leonor de Austria sua irmã, que o principe pretendia para sua noiva. O rei D. Manoel affrontou o sentimento

do principe, e celebrou com toda a pompa o casamento, que interessava á politica castelhanista de Carlos v. Houve na côrte grandes dissidencias, afastando-se contristados do convivio do paço muitos fidalgos que não approvavam este terceiro consorcio ou se condoíam da decepção do Principe. Foi n'esta crise de 1521, da partida da Infanta para Saboya, que Bernardim Ribeiro se afastou da côrte, como Sá de Miranda, como D. Luiz da Silveira, como Martim Affonso de Sousa. Por um dos Manuscriptos da *Menina e Môça,* examinado pelo Arcediago de Barroso Jeronymo José Rodrigues, vê-se que ella estava escripta até ao capitulo xvii da Parte ii, terminando nas phrases: «*com demasiada ira disse contra a Donzella que ho aly trouxe estas palavras:*» E' como termina o texto da edição de Ferrara de 1554. Acompanhavam este texto interrompido da Novella em elaboração duas Eglogas, a i, que tem por interlocutores Persio e Fauno, e a ii Jano e Franco. As trez Eglogas que appareceram nas edições de Ferrara e de Evora só fôram compostas depois de ter Bernardim Ribeiro regressado á côrte em 1524.

A Egloga i póde ser melhor interpretada pela situação conhecida: *Fauno,* é o pastor ainda inexperiente no amor, lançando-se inconsiderado apoz o que a phantazia lhe representa; não sabe o que são desalentos, e trata de consolar *Persio,* que se lamenta desesperado, por ter sido despresado pela namorada para casar com um pastor mais rico.

Sendo livre, mui isento,
Viu dos olhos *Catherina,*
Cegou-o o entendimento,
E *Catherina* era dina
Para dar pena e tormento.
Logo então começou
Seu gado a emagrecer;
Nunca mais d'elle curou,
Foi-se-lhe todo a perder,
Com o cuidado que cobrou.
....
Confiou no merecer
Cuidou que a tinha de seu,
Veiu ahi outro pastor ter
Com o que prometteu e deu
Se leixou d'elle vencer.

Quem era este pastor Persio, segundo os traços da allegoria? E' plausivel a inferencia que fôsse o poeta do *Cancioneiro geral* Simão de Sousa de Ocem, que figura na côrte de D. Manoel, e soffrera o desterro em Ceuta, por ordem de D. João II, por ter amores com D. Catherina de Faria, filha do terrivel Camareiro-mór do reino Antão de Faria. Era um titulo para a sympathia de D. Manoel, e nos seus serões versejava:

Vi-me já preso; contente
A meu mal queria bem.

(*Canc. ger.*, III, 251.)

Na Egloga II, em que são interlocutores Jano e Franco o interesse moral augmenta. A personalidade de Bernardim Ribeiro é evidente em Jano ao descrever a sua naturalidade, como veiu da villa do Torrão para a côrte no tempo das grandes fomes e estiagem do Alemtejo. O nome

de Jano foi suscitado pela grande popularidade do Villancico de *Juan pastor,* que antes de 1514 servira de thema a Lucas Fernandes para um *Dialogo para cantar;* pozeram-o em musica Badajoz e Esteban Daza. A letra do villancico anonymo condizia com a situação de Bernardim Ribeiro:

"Quien te hizo, Juan pastor,
Sin gasajo y sin placer,
Que alegre solias ser?
....
— No te quiero negar cosa
Que una *zagala* hermosa
M'a trahido cariñosa,
No tengo ningun reposo,
Pensando que he de perder
La vida tras el placer.

(*Canc. de Barbieri,* n.º 360.)

O outro pastor é *Franco de Sandovir,* de «extranha terra nascido»:

Este era aquelle pastor,
A quem *Celia* muito amou
Nimpha de maior primor
Que em *Mondego* se banhou,
E que cantava melhor.

E a frauta sua era aquella
Que lhe *Celia* dera, quando
O desterraram por ella
Chorando elle, ella chorando.

Evidentemente este interlocutor é Francisco de Sá de Miranda, o amigo da epoca dos estudos na Universidade de Lisboa, que com Bernardim Ribeiro, por 1516, frequentava os Serões da côrte manuelina, onde se apaixonára por D. Isabel Frei-

re (*Celia = Elisa,* dos nomes Elisabeth = Isabel.) De facto Sá de Miranda foi um dos que saíram da côrte, em 1521, e que mesmo no inverno emprehendeu a viagem á Italia. O falecimento inesperado do rei D. Manoel, as negociações do casamento de D. João III, com D. Catherina de Austria, irmã da sua pretendida noiva e a virulencia da peste em Lisboa, até 1525, explicam a ausencia de Bernardim Ribeiro da côrte e mesmo a viagem fóra de Portugal.

1524 a 1536. — Os fidalgos que tinham seguido o partido do principe na occasião do terceiro casamento de D. Manoel, acharam-se favorecidos quando D. João III assumiu a realeza. Por carta regia de 23 de Septembro de 1524, D. João III «confiando na *bondade, saber e discrição* do Dr. Bernardim Ribeiro, *pela pratica e ensino que tem,* que me servirá com aquelle segredo e boa diligencia que se em tal caso requere e a meu serviço cumpre, querendo-lhe f. graça e mercê, tenho por bem *e o dou ora novamente, d'aqui em diante,* por meu escrivão da Camara, assi e pela maneira que o elle deve ser, e o são os meus escrivães da camara.» Póde d'este documento inferir-se, que já fôra anteriormente provido d'este officio de escrivão da real camara, para o compensar do desgosto que o alto poder lhe causara, e que ou o não acceitara ou não chegara a entrar em serviço. O titulo de Doutor e a referencia á *pratica e ensino que tem,* leva a suppôr, pelos seis annos da matricula na Universidade, de 1506 a 1512, que recebera o grão de

Doutor, e como Sá de Miranda regera alguma cadeira por substituição ou conductario. O poeta n'estes primeiros annos em que manteve um relativo equilibrio mental, entregou-se ao proseguimento da novella da *Menina e Môça,* e em seguimento do capitulo XXXI da Primeira parte, escreveu os capitulos XXXII a L, que se acharam deslocados na Segunda parte. O poeta suspendera a idealisação das Eglogas pela seducção das Novellas de Cavalleria, em que a galanteria cortezanesca se syncretisava com a ingenuidade pastoral, ao gosto de Sannazaro. Bernardim Ribeiro obedeceu a esta influencia propriamente popular, como notou Menendez y Pelayo: «influiu grandemente a novella sentimental do seculo XV, *El Siervo libre de Amor,* de Juan Rodriguez del Padron, *La Carcel de Amor* de Diego de San Pedro, genero influido por seu turno pelos livros de Cavalleria, que em toda a peninsula pullulavam, a cuja lição se entregava a mocidade cortezanesca. Bernardim Ribeiro, que não era grande poeta (!) mas sim uma alma muito poetica, de uma sensibilidade quasi feminina — atinou com a fórma que convinha a todas estas vagas aspirações dos seus contemporaneos, e poetisando livremente casos da sua vida com relativa ingenuidade de estylo e com uma harmonia desconhecida até então na prosa, e deu no livro de suas *Saudades* o primeiro ensaio de Novella pastoral quasi ao mesmo tempo que Sannazaro creador da pastoral italiana; porém com inteira independencia d'elle e seguindo outro caminho, — valendo-se,

como o auctor da *Cuestion de Amor,* dos anagrammas.» [1]

A allegação de Francisco Ribeiro da demanda de 1642, como bisneto de Bernardim Ribeiro, por uma *filha* que houve dos seus amores, fazia sentir a belleza da realidade d'esse «*cantar á maneira de soláo, que era o que nas cousas tristes se acostumava n'estas partes* e dizia assim:

> Pensando-vos estou, filha,
> Vossa mãe me está lembrando;
> Enchem-se-me os olhos de agua,
> N'ella vos estou lavando.

No Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco Corrêa vem uma glosa em decimas sentidissimas ás quadras do Soláo, com a rubrica inicial, que indica os auctores d'esse Cancioneiro:

Glosas aos versos pensando-vos estou, filha *por Bernardim Ribeiro.*

A simples leitura da rubrica não deixa duvidas na sua intelligencia; como se póde attribuir essas glosas a Camões? [2] Só um anno depois de

---

1 *Antologia,* t. VII, p. CLVIII.

2 No Cancioneiro de Luiz Franco um estudioso dos fins do seculo XVII apontou á margem de muitas poesias não assignadas aquellas que já *andavam* impressas nas edições das Lyricas de Camões, e assignalava dentro de um quadrado *Camoens, anda;* em outras que lhe pareceram de Camões, e por sua auctoridade poz-lhes *não anda.* O Visconde de Juromenha, que extractou todos os ineditos de Camões e as variantes d'este Cancioneiro rejeitou essa nota ás glosas do Soláo e traçou-as a lapis. Apesar d'isto

ter partido para a India, em 1554, é que se vulgarisou o texto da *Menina e Môça;* na sua vida tormentosa da India, China e Africa, não lhe podia chegar ás mãos a Novella, que, demais, foi prohibida pela auctoridade; no seu regresso a Lisboa em 1570 e vida tormentosa até 1580, não estava em estado de espirito para idealisar um sentimento de paternidade, que desconhecia. Na tenção judicial de 1642 escreve o desembargador Rodrigues de Lima: «Se o Doutor Bernardim houvesse filho ou filha, o sr. D. João III, que tanto o protegia e nem o desamparou da sua grande caridade nos ultimos annos da sua vida em que a luz do entendimento já fraca desde muito o veiu a desamparar de todo n'uma cella do Hospital de Todos os Santos, onde acabou, não tivesse remediado qualquer falta da sua mocidade, e fizesse algum bem aos que d'elle ficassem.»

Na segunda parte da *Menina e Môça,* capitulo XI, do texto das edições de Ferrára e Colonia, vem intercalado o Romance de *Avalor:*

> Pela ribeira de um rio
> Que leva as aguas ao mar...

Delphim Guimarães, reclama-as para Camões. *(Bernardim Rib.,* p. 129 a 131.)

As variantes dos *versos* do Romance glosado são notabilissimas na comparação do texto impresso de 1557, que com certeza se verifica não ter sido conhecido por Camões. Como pois admittir a phantasiosa hypothese de ter copiado esses versos de um texto inedito da *Menina e Môça?* Aonde leva o absurdo!

Esta composição, que tanto tocou Garrett, que a engastou no seu Romanceiro, mereceu a Menendez y Pelayo esta consagração: «Nada ha nas suas cinco Eglogas, nada no *Crisfal* de Christovam Falcão, nada na lyrica portugueza d'essa epoca, que tenha o estranho feitiço, o vago mysterioso do romance de *Avalor*, inserto na segunda parte da *Menina e Môça*...» [1] Vê-se pelo romance, que n'esse fragmento da Segunda parte da Novella ainda o espirito annuviado de Bernardim Ribeiro tinha relampagos de rasão e de inspiração.

Em 1526 regressou Sá de Miranda de Italia, e teve frequencia na côrte com especial estima de D. João III; a situação moral em que veiu achar Bernardim Ribeiro contristou-o profundamente. Procurou interessal-o pelo novo estylo italiano, pela versificação endecasyllabica, e na sua Egloga *Aleixo* descreveu o drama amoroso do seu desgraçado amigo. Lembram-lhe os Serões do paço, quando elle metrificava as tenções da lucida D. Leonor Mascarenhas:

> No sé como no llorava,
> Sabes porque suspirava?
> Porque aqui cantó *Ribero*,
> Aqui nuestro amo escuchava,
> Rodeado de pastores,

---

1 *Antologia*, t. VII, p. CLX. — No seu *Bernardim Ribeiro (o Poeta Crisfal)* Delfim Guimaraens considera este romance uma «enfiada de rimas sem senso commum e infamissima imitação», etc. (p. 97.)

Colgados de la su bocca,
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca,
Que le dió tantos loores
Y aora ge los apoca.

(*Ed. Sá de Mir.*, p. 116.)

A côrte de D. João III era considerada como um convento sombrio; contrastava com a de D. Manoel. O talento de Bernardim Ribeiro, e demais, nunca escrevendo em *castelhano*, era ali pouco apreciado, não se sabendo defender das intrigas palacianas; em uma versão da Egloga *Aleixo*, reconheceu Sá de Miranda esta nova fatalidade que envolvia o poeta:

No se me acuerda de mas,
Ni de mi, ni de *Ribero*
Amigo i buen compañero,
Quan presto dejado me has!
Bien pensé que mas d'espacio
Duraria
Nuestra dulce compañia,
Fue la tu muerte el palacio.

(*Op. cit.*, p. 697.)

E ainda insiste Sá de Miranda na influencia da côrte sobre a perturbação do seu espirito:

No siguió *Ribero* mas,
Antes como trasportado,
Estuvo un rato callado,
Pienso que te acordarás.
Hablava el poco y d'espacio,
Mas siempre a tiempo y lugar,
Ay, buen pastor, si caçar
No se dejara al palacio.

Na côrte corria a lenda genealogica da *Maria Pinheira*, para amesquinhar a geração de D. Antonio de Athayde, esse omnipotente favorito de D. João III, feito Conde da Castanheira tendo sangue judaico. Eram frequentes esses truques maliciosos; tambem na côrte dos reis catholicos Fernando e Isabel corria a tradição da judia *D. Paloma*, de Guadalcanal, de quem descendiam os maiores fidalgos castelhanos. D. Fradique, filho bastardo do rei Alfonso XI e de D. Leonor de Gusmão, teve d'esta judia *D. Paloma* um filho D. Alfonso Enriquez, primeiro Almirante de Castella, que de seu casamento com D. Juanna de Mendonza, houve, além de outros, uma filha que foi mãe do rei Fernando, o Catholico; assim, em uma velha Memoria, se dizia: «*casi no hay Señor en Castilla que no descienda de esta Paloma.*» [1] Dava-se o mesmo caso em Portugal com a *Maria Pinheira*, a proposito da qual se espalharam umas quadras, que satirisavam a geração do Conde da Castanheira:

D'este (pois nada se esconde)
Nasceu *Maria Pinheira*
Mãe da mãe d'aquelle Conde
E sua avó verdadeira.

Procurou-se saber de quem eram as Trovas; na Egloga *Aleixo* em que Sá de Miranda idealisa as desventuras de Bernardim Ribeiro, julgavam vêr uma allusão ao favoritismo do Conde da Castanheira nos seguintes versos:

---

1 Guichot, *D. Pedro Primero de Castilla*, p. 261.

D'aquel *gran pino a la sombra*
Que á tal dicha se plantó
Que el prado y çarças cubrió
Y los vesinos assombra,
No ha pero mucho, no,
Vino por *Ribero* ver,
Como otras vezes solia,
(Quan presto que huye el plazer!)
Consigo aqui te tenia
A cantar y a tañer
Mientras la siesta cahia.

Em uma nota manuscripta á margem, encontrou D. Carolina Michaelis, em letra do seculo XVII, a nota: *Inde o sentimento dos Athaídes.* Attribuiram essas Trovas a Damião de Goes, que em 1534 regressara a Portugal; Sá de Miranda recusou-se a dar explicações ao sentido de uma Egloga, e abandonou a côrte em 1534; tambem quizeram attribuil-as a D. Luiz da Silveira, Conde de Sortelha, que effectivamente se retirou da côrte para o seu solar. No Ms. das Trovas, da Bibliotheca nacional em que vem poesias de Sá de Miranda, e a Egloga *Alcixo,* as Trovas têm a indicação *por um cavalleiro da Casa de Sortelha.* Foi por esta epoca, que Bernardim Ribeiro compoz a sua Egloga *Trovas de dois Pastores,* de Silvestre e Amador, que com uma outra redacção e algumas variantes é entre as suas Poesias a Egloga III, extremamente apaixonada. Bernardim Ribeiro visitou D. Luiz da Silveira na Sortelha, representado como interlocutor da Egloga com o nome de *Silvestre,* e elle com o de *Amador.* D. Luiz da Silveira tambem soffrera uma decepção amorosa, quando namorado de D. Joanna

de Mendonça, que se casara quando se achava ausente da côrte. *(Canc. geral*, II, 463-5.) Elle decahira da privança de D. João III, quando estava em missão politica fóra de Portugal, cavando-lhe a ruina D. Martinho de Castello Branco e a familia dos Carneiros. No seu retiro de Góes é que o Conde da Sortelha, apaixonado poeta dos Serões manoelinos seria visitado por Bernardim Ribeiro, dando realidade á Egloga III, justamente a unica, que escapou ao sigillo das composições do poeta das *Saudades*, apparecendo em folheto avulso em Lisboa, em 1536. No preambulo da Egloga define-se o estado de isolamento de um e o accidente da passagem do outro pastor, ambos afastados de um mesmo perigo:

> Um coitado de um pastor
> Triste, mal aventurado,
> Vencido de grande dor.
> ....
> Com palavras mui cansadas,
> A quantos via passar,
> Com vozes desesperadas
> Os fazia esperar.
> ....
> Viu passar um amigo
> *Afastado do caminho,*
> *Caminho do seu perigo,*
> Que tambem se ia queixando,
> De grande mal que sentia,
> E com elle se ajuntando,
> Estiveram todo o dia
> Um ao outro consolando.

Depois de terem Silvestre e Amador referido

suas mutuas tristezas, quer o agitado forasteiro ir-se embora, ao que lhe retruca Silvestre:

Não aproveita andar
De uns vales em outros vales
Que não t'am d'aproveitar;
Nem que se muda o logar
Não se mudarão os males.

(Fol. de 1536.)

Amador prosegue na sua afflictiva peregrinação angustiosa:

Vou-me; fica-te embora.
Ficay embora enganados
Desejos desesperados,
Que eu não espero agora
Outro fim, antes cuidados.
Não te lembro que me viste,
Pois mais nunca me hasde vêr;
Bem me podes esquecer,
Que minha lembrança triste,
Mais triste me hade fazer.

(Ib., 1536.)

Fim

Agora me deixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As vontades rigorosas
Que tanta pena me dão.
Deixai-me cuidados vãos,
Desejos desesperados;
Olhos mal aventurados,
Quanto me foreis mais sãos
Se vos tivera quebrados.

Esta Egloga III foi impressa em 1536, quando já Bernardim Ribeiro se afundava na incon-

sciencia, por um manuscripto differente do que serviu para a edição de 1557. Têm estas *Trovas de dous Pastores* a summa importancia de terem sido conhecidas de Camões, como se prova pelo erro da glosa attribuida a Boscan, e suscitou a imitação da Egloga de *Crisfal,* tambem com a designação de *Trovas,* sem data.

A Egloga IV, é um monologo em que o pastor Jano descreve a sua vida errante, estando já viuva a namorada.

De si ella o desterrou
Pera longe terra estranha,
Seu mal o acompanhou;
Sobre uma magoa tamanha
Camanha magoa ajuntou:
Vendo-se assim desterrado,
Muitas vezes se subia
Pera um despovoado,
Por onde ir ninguem podia
Se não desencaminhado.

....

Eu polo pé d'estas serras,
De uma em outra vaidade,
Soffro, andando, longas guerras
Que me fazem soidade
D'ella e de tão longes terras...

....

O deserto e povoado
Todo é cheio de meus males;
Vim a esta serra cansado,
Não ha logar n'estes vales
Onde não tenha chorado.

N'aquella angustia inconsolavel lembra-se de tudo o que lhe dissera *Africano,* um pastor tambem naufrago dos seus sonhos:

A la fé, de culpa sou,
Que bem m'o disse *Africano*
Quando a Filippa fallou,
E lhe deu o desengano
Com que lh'a vida tirou.
— Guar'te do falso amor,
Que viverás sempre em medo,
Não te engane seu favor,
Podel-o-has fazer com cedo,
Porque tarde tudo é dor.
....
Quem me viu, *hoje ha dois annos:*
Oh Filipa, que fizeste?
Leixara-me meus enganos,
Olha que não quizeste
Por me dar a mim mais damnos.

Africano era o nome que se dava a quem tinha militado em Africa, como se lê na *Relação da conquista de Benguela;* [1] por isso devia ter existido um personagem historico sob este nome caracteristico. De facto no Cancioneiro geral de 1516 (III, 301) vêm umas trovas com a rubrica: «*De Dioguo de Melo, vindo de* Azamor, *achando sua dama casada.*» D'essa trova é que se vulga-

1 "Um Soba, o mais poderoso que havia em todo o reino de Angola, contra o qual D. Francisco de Almeida se tinha posto em suas terras com setecentos homens e cincoenta *Africanos*, que trouxe de cavallo..." Lopes de Lima, que publicou esta Relação, acompanha este texto com a nota: "Dava-se n'aquelle tempo o nome de Africanos aos homens de armas portuguezes que militavam nas guerras de Africa, em Marrocos e toda a Mauritania..." *Ensaio sobre a estatistica das Possessões portuguezas,* Liv. III, P. II, p. 28. — A *Relação* é rigorosamente do tempo de Bernardim Ribeiro.

risavam os dois versos dolorosos que outros poetas de amor doridamente glosaram:

> Casada sem piedade,
> Vosso amor me ha de matar.

Sendo a expedição de Azamor em 1513, estaria Diogo de Melo em Lisboa em 1514; e como as suas trovas appareceram no fim do Cancioneiro de Resende publicado em 1516, confirma a realidade o verso: «Quem me viu, *hoje ha dois annos!*» Foi tambem em uma ausencia que Jano viu tramar-se o seu mal, o casamento de Joanna em 1517:

> Este Outubro *fez um anno,*
> Quando eu na villa era,
> Vi crear-se este damno
> Que agora e então já era,
> Tirar-m'o podia engano
> ....
> Oh meu Amigo *Africano,*
> Agora vejo a verdade,
> Que me tem levado o engano
> Toda a minha liberdade...

A Egloga v, em que são interlocutores *Ribeiro* e *Agrestes* tem a rubrica *a qual dizem ser do mesmo auctor.* Tem importancia para justificar como mais tarde, na edição de 1645, appareceu o Romance em que o poeta exara o seu proprio nome, como na Egloga. O personagem *Agrestes* é evidentemente Sá de Miranda, vivendo já retirado no Minho:

Estes áres são mortaes,
E o que mais me desbarata
E dá dores desseguaes,
E' lembrar-me os sinceiraes
De Coimbra, que me mata.

E vivendo triste, cego,
Não sei mesquinho, que faça;
Estou metido em tal pégo,
Que suspiro por Mondego,
E choro por a Regaça.

. . . .

Oh Mondego, meu amigo
E senhor das claras aguas,
A ti só meus males digo,
Minhas mágoas vão comtigo,
Comtigo vão minhas mágoas.

N'esta Egloga v é lembrado um pastor *Florisendos*; por ventura proveniente do nome de *Florisando*, heroe cavalheiresco do Livro VI do *Amadis de Gaula*; o Dr. João de Barros, no *Espelho de Casados*, entre as novellas de cavallaria que condemna, enumera *Florisendo*.

Reconhecido no pastor *Agrestes* Sá de Miranda quando vivia já na sua Commenda das Duas Egrejas em 1535, é justo inferir que Bernardim Ribeiro, n'estes errores, fôra até ao Minho; ahi perto da Tapada, vivia seu tio Gonçalo Ribeiro, senhor de Aguiar de Neiva e Couto de Carvoeiro, no almoxarifado de Ponte de Lima. A visita a este tio paterno seria um alivio para o desolado poeta, tambem exacerbado pela mesma intriga palaciana que feriu com elle os seus dois amigos, o de Sortelha e o da Tapada, por causa das *Trovas da Maria Pinheira*. Entre as poesias publicadas

em 1693 por Estevam Rodrigues de Castro vem uma Egloga com as iniciaes D. B. R., que Barbosa Machado apontou como *De Bernardim Ribeiro.* E' já no estylo italiano, em endecasyllabos; é um ensaio entre dois poetas Ergasto e Delio, a que preside Laurenio. Faria e Sousa encontrou um texto d'esta Egloga em simples esboço, e reuniu-o á obra de Camões (Egloga XII) ajuntando-lhe depois outra remodelação (Egloga XIV.) Vê-se que estes ensaios condizem com o assumpto da Egloga. Como o iniciador do novo estylo foi Sá de Miranda o laureado chefe da eschola, seja esse o *Laurenio;* e como provocara Bernardim Ribeiro a ensaiar a versificação endecasyllabica cabe-lhe a personificação de *Ergasto.* Quem seria *Delio,* tambem tomado para juiz do pleito, por conhecer a nova eschola? A visita de Bernardim Ribeiro aos parentes do Minho fal-o-ia encontrado com João Rodrigues de Sá, celebrado poeta dos Serões do paço, que acompanhou á Italia a Infanta D. Beatriz, conhecia as *Heroides* de Ovidio e as traduzia; elle podia apreciar com imparcialidade a nova poetica.

O conhecimento e sentimento do estado mental de Bernardim Ribeiro fez a Sá de Miranda retocar differentes vezes a sua Egloga *Aleixo,* como tendo-o observado de perto. O interesse com que João Ribeiro (filho de Gonçalo Ribeiro) appresentou um instrumento para se tornar herdeiro dos bens vagos pela morte de Bernardim Ribeiro em 1552, prova-nos a veracidade de an-

teriores relações pessoaes; [1] estas pretenções fôram ainda pleiteadas por seu filho Gonçalo Ribeiro em 1564. Foi tambem um bisneto de João Ribeiro, primo-co-irmão de Bernardim Ribeiro, Manoel da Silva Mascarenhas, do Torrão, que reproduziu em 1645 o livro das *Saudades*, e o emocionante romance inedito: — Ao longo de uma ribeira, — em que o poeta sempre nos seus errores visitou Extremoz e viu no convento de Santa Clara Joanna Zagalo, que na sua loucura attonita já o não conheceu:

Minha vista então na sua
Puz; d'ella todo me enchi,
A primeira cousa que vi,
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem:
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrimas carregados,
Logo em vendo pareciam
Que de lagrimas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram gram tempo paces
Antre mim e meus cuidados.
Louros cabellos ondados
Que um negro manto cobria,
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me vêr
Como furtados, tirou;
Depois, em cheio me olhou,

1 Este primo co-irmão do poeta tinha regido uma cadeira de dialetica no Collegio de Santa Barbara, em Paris, em 1527. Documenta-o Quicherat. Seu irmão Gonçalo Dias Ribeiro era em 1517 môço da camara do rei D, Manoél.

Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando

....

Fui-me pera ella chorando
Para a haver de consolar.
N'isto poz-se o sol, ao ar,
E fez-se noite escura

....

E vi tudo escuridão.
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri...

A loucura do poeta chegou ao estado apathico, sendo recolhido por 1546 no Hospital de Todos os Santos, substituindo-o no seu cargo o Dr. João de Barros, o auctor do *Espelho de Casados.*

A data da morte de Bernardim Ribeiro está authenticada em 1552 na tenção do Desembargador Rodrigues de Lima. No assento da tença de 12$000 e mais dois moios de trigo a favor de Bernardim Ribeiro em 9 de outubro de 1549, tem á margem no livro da Chancellaria da Ordem de San Thiago: *Falecido.* As circumstancias da sua vida tornaram ancioso o conhecimento da sua obra que ficara fragmentada; é ella o reflexo de uma organisação delicada, sobre a qual actuaram impressões de grandes acontecimentos, anciedades do espirito e uma paixão que se tornou soffrimento, quebrando o equilibrio entre as circumstancias exteriores e o seu estado intimo, e não podendo reagir pela paixão continua que lhe excitava o systema nervoso, succumbiu á commoção, que Maudsley chama *dôr psychica.* A sua obra

não é de um genio, por lhe faltar o poder da assimilação mental; é um documento humano na verdade da expressão emotiva. [1]

c) Sá de Miranda

Apreciando a obra de Sá de Miranda enten-

---

1 Em 1908 appareceu em Lisboa um livro por Delphim Guimarães, *Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal)* em que pela voz dos noticiarios jornalisticos apurou «que Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão são uma mesma entidade; — demonstra que Bernardim Ribeiro e *Crisfal* representam um unico poeta, e que *Crisfal* é apenas um criptogramma formado pelas primeiras syllabas das palavras *Crisma* e *Falso*...: o nome de Christovam Falcão não pertencia a nenhum poeta, e as trovas do *Crisfal* eram obra de Bernardim Ribeiro. Era o desabar de uma lenda secular...» O vol. in-8.º de 274 de texto e edição ribeiriana da Egloga *Crisfal*.

Discutindo esta heteroclita these, o Dr. Raul Soares, publicou um opusculo *O Poeta Crisfal,* chegando ás seguintes conclusões: «Para combater directamente a multi-secular tradição elle (Delfim Guimarães) nada apresenta de concludente. (p. 11.); que é irreductivel o valor documental da asseveração dos editores, em vida de Christovam Falcão e apenas dois annos depois da morte de Bernardim... (p. 13); em extravagancias exegeticas (p. 41) affirmações completamente desarrimadas de argumentos ponderaveis (p. 47); que se não descobriu nenhuma impossibilidade historica; que se não documentou nenhuma impossibilidade logica, em summa, que nada foi articulado que pudesse abalar o credito que até aqui nos merecia a tradição. (p. 77.) Nada existe no *Crisfal* com que se possa abonar a revindicação a Bernardim, a maneira de tratar a Egloga, a natureza e desenho dos personagens, a ausencia de allusões e cryptonymos, detalhes psychologicos, a propria trama dos amores, minudencias de expressão e de metrica, em summa tudo se acumplicia para negar-lhe a paternidade da afamada Egloga.» (p. 78.)

deu Bouterweck em seu juizo, que na historia da Litteratura hespanhola ficaria uma lacuna se ahi fôsse omittido o seu nome; consideram-no assim os criticos e historiadores litterarios incorporando-o entre os classicos castelhanos. Comtudo, póde-se bem collocar Sá de Miranda a par de Gil Vicente pelo seu sentimento nacional e ingenuidade popular das suas Eglogas e Cartas. Possuido e inspirado pelas tradições medievaes, a sua capacidade artistica e intellectual apercebe as bellezas classicas da Antiguidade como hellenista e claro espirito da Renascença, inicia em Portugal a corrente do gosto italiano. Para esta missão teve uma boa cultura humanista na sua mocidade em Coimbra, onde nas escholas do mosteiro de Santa Cruz ensinavam os *Parisienses*, os conegos que iam doutorar-se a Paris. Era de uso mandar as familias fidalgas para ali seus filhos a fazerem os cursos menores. Determinou essa cultura humanista uma tendencia philosophica, que lhe formou o caracter e deu um intuito subjectivo á linguagem tornando-a intensamente poetica na representação do mundo exterior em equilibrio moral das proprias emoções. Pela sua vida e obra, ha em Sá de Miranda uma perfeita alliança entre o talento e o caracter; a sua vida e obra impõe-se á sympathia, achando por esse dom de affectividade cercado de uma nova geração que lhe foi pedir para dirigil-a na sua gloriosa iniciativa. No meio social moralmente perturbado, pelos grandes conflictos da epoca, as normas da sua acção fizeram com que o considerassem um *alto*

espirito. Pelo seu isolamento não interveiu temporalmente para a resistencia de uma sociedade que se desnacionalisava, mas pela sua renovação das fórmas poeticas abriu a senda por onde havia elevar-se Camões.

1.º *Os Serões do Paço*. — Francisco de Sá de Miranda nasceu em Coimbra em 27 de Outubro de 1485 (equivoco do biographo anonymo, 1495); fôram seus paes o conego Gonçalo Mendes de Sá e uma mulher nobre, solteira, Inez de Mello, como se prova por uma carta de legitimação, dada por D. João II em Evora, em 5 de Dezembro de 1490. Com esta mesma data são legitimados mais quatro irmãos, sendo elle o primeiro, o primogenito d'esses quatro. Fôram estas legitimações julgadas pelos desembargadores Fernam Roiz e Ruy Boto. Muitos outros filhos fôram posteriormente legitimados pelo Conego de Coimbra em 1499, Anrique, Manoel e Margarida; nos Nobiliarios manuscriptos apontam-se mais, Mem de Sá, o irmão querido, desembargador dos aggravos, que deixou um grande nome historico como governador durante dezesete annos, do Brasil, d'onde expulsou os francezes protestantes que ahi se instalaram; e duas irmãs freiras Helena de Sá, em Cellas, e Ursula de Sá, em Lorvão. Era um facto corrente esta vida dos clerigos usufruindo beneficios ecclesiasticos e constituindo familia civilmente. Entendia-se o conego Gonçalo Mendes de Sá com o bispo de Coimbra D. João Galvão, primeiro Conde de Arganil, que tinha amores com sua irmã D. Guiomar de

Sá. Quando D. João Galvão foi transferido para o arcebispado de Braga, casaram-a seus irmãos com Affonso de Barros; tanto que o soube o terrivel prelado, veiu de Braga a Coimbra para a matar *«e dizem que d'esta paixão morrera.»* [1] Havia n'esta familia uma tara de hereditariedade moral, a que se eximiu o poeta pela firmeza do seu caracter e austeridade de vida, reapparecendo desgraçadamente em seu filho Jeronymo de Sá. Em casa de sua avó D. Filippa de Sá, casada com João Gonçalves de Miranda e Souto Mayor, irmão do primeiro Conde de Caminha, passou Sá de Miranda a sua meninice, em Buarcos. O contacto com a vida campestre e a contemplação do oceano lhe despertaram a indole poetica, e o gosto do refugio na natureza. O poeta desvanece-se, apesar do seu nascimento espurio e sacrilego, na nobreza de seus avós; sua avó era filha de Rodrigo Annes de Sá, que foi por embaixador a Roma, e ahi casou com Cecilia Colona, da grande familia consular e principesca. Em uma das suas poesias falla: nos *Sás Colonezes.* Por parte de seu pae, dá-se como entroncado nos *Soutomayores,* com parentesco com os *Lassos de la Vega;* assim na Elegia á morte do poeta Garcillasso, iniciador da eschola italiana em Hespanha, escreve:

Al tan antiguo aprisco
De *Lassos de la Vega*
Tuyo *el nuestro de Sá viste ayuntado.*

---

1 *Pedatura Lusitana,* t. III, p. 174. Ms. da Bibl. do Porto.

De facto pelo Nobiliario do Conde D. Pedro, verifica-se o asserto pelo casamento de «uma filha de Ruy Paes de Souto Mayor com Garcillasso de la Vega, o velho.» [1] Quer pelo lado dos avós materno ou paterno, elle achava-se levado para a missão iniciadora do novo estylo italiano. Cursadas as Escholas menores no Collegio de Santa Cruz, feita a refórma da Universidade de Lisboa em 1504, póde-se fixar a sua partida para a capital em 1505, para seguir a faculdade de Leis; em 1505 ainda viu em Coimbra a abertura do tumulo do *santo* rei primeiro D. Affonso Henriques, por occasião da visita de D. Manoel ao mosteiro de Santa Clara. [2] A amisade fraternal com Bernardim Ribeiro, que se matriculou na faculdade de Leis em 1506, leva a inferir que fôra contrahida na frequencia escholar. Não era a vaidade nobiliarchica o que o levava a excavar os seus antepassados, mas o achar-se em contacto na côrte manoelina com o ramo dos Sás das *Galés*, João Rodrigues de Sá e Henrique de Sá, celebrados poetas dos Serões do paço, cujas composições fôram incorporadas no *Cancioneiro geral* de 1516. Garcia de Resende ainda colligiu quatorze composições lyricas já rubricadas pelo *Doutor Francisco de Sá*, [3] já a esse tempo graduado em leis e tendo uma cathedra por *substituição*. Ahi se

1 *Portug. Mon. hist.*, — Scriptores, p. 387.

2 Damião de Goes, *Chron.*, cap. 64, fl. 40.

3 *Canc. geral*, t. II, p. 316 a 325.

aproximou mais de Bernardim Ribeiro, que o fez seu confidente do exaltado amor por sua prima D. Joanna Tavares Zagalo, a decantada *Aonia;* e n'essa confiança moral revelar-lhe-ia o seu intimo culto por D. Isabel Freire, a idealisada *Celia*, que lhe acordara a linguagem da poesia — a frauta, que celebra Bernardim na sua Egloga II. Seguindo o uso da côrte, emprega a lingua castelhana em algumas coplas, e glosas de cantigas de D. Jorge Manrique e outros trovistas. Eram uma eschola de galanteria, de graça, um certamen de poesia, esses Serões do Paço; Garcia de Resende em uma carta a Manoel de Goyos, capitão na Mina, descreve-lhe o enthuziasmo dos Serões e as damas que os animavam:

Está já certo na mão
O dia que vae caçar,
Haver á noite *Serão*,
E não podeis lá cuidar
Os galantes que a elle vão.
Se acerta de não haver
Serão, é por entender
Em despachos e conselho,
Que me espanto não ser velho
Quem tanto tem que fazer.

. . . .

As damas, que lá ficaram
Quando d'aqui vos partistes,
Algumas d'ellas casaram,
E vivem por isso tristes,
E outras se contentaram.

. . . .

Dona Camila casou
Com *João Rodrigues de Sá,*
No outro dia a levou;
N'isto muitas cousas ha,
De que vos conta não dou.

Convidou as donas todas
Um dia antes das vodas,
Dom Martinho a gentar,
Houve ahi tal, que casar
Desejou mais, que aves gordas.

Dona Guyomar de Menezes
Está fóra, ha outo mezes,
De paço n'um moesteiro;
Nunca mais houve terreiro,
Nem no bailar *antremezes*.

E referindo-se a D. Joanna de Vilhena, prima do rei D. Manoel, que ia casar com D. Francisco de Portugal, um dos bons poetas da côrte:

Uma de sangue real,
Que se creou em Castella,
Sendo nossa natural,
Nam anda ninguem co' ella,
Nem casa em Portugal.

Faz mesuras de cabeça,
Nam acha quem lhe mereça
Mesura d'outra feição,
Se não primo coirmão,
Ou outrem que o pareça.

Depois descreve-lhe as filhas do Conde-Prior, D. Diogo Fernandes de Almeida, Conde de Abrantes e Prior do Crato, as duas solteiras, D. Leonor e D. Isabel de Vilhena:

Filhas do Conde-Prior
Sam duas aqui entradas
Nam têm inda servidor;
E uma d'ellas ousadas
Que é d'isso merecedor.
Gentil molher, despejada,
Da outra nam digo nada,
Vá na conta do que calo...

Vae citando em deliciosas decimas as damas mais deslumbrantes, D. Margarida de Mendonça, D. Maria Anrique, D. Joanna Manoel, Calatayud, Figueiró, D. Mecia da Silveira, D. Maria de Menezes, D. Mecia de Tavora. Dava-se uma alteração na vida palaciana, dominava um pensamento — obter graças regias, tenças, despachos:

> Nam ha já nenhum folgar,
> Nem manhas exercitar;
> E' tanto o requerimento,
> Que ninguem não traz o tento
> Se nam em querer medrar.
>
> . . . .
>
> *Os velhos sam namorados,*
> Os mancebos ocupados,
> Os casados são solteiros,
> Os fracos são mui guerreiros,
> E os clerigos casados.

Referia-se á paixão serodia de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra por D. Maria Manoel. (*Canc. ger.*, III, 573-584.) Duarte da Gama, em umas trovas satiricas descreve *as desordens que agora se costumam em Portugal:*

> Outros querem ir andar
> Na côrte sem ser casados,
> E se fazem desterrados
> D'onde deviam de estar.
> Outros se querem vender
> Que andam com damas de amores,
> Que não são merecedores
> De as vêr.
>
> (*Canc. ger.*, II, 508.)

Ahi apparecem ao vivo alguns dos episodios

graciosos que animavam os Serões do paço. O Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal apodou em um Rifão *tres Damas que se fôram uma noite do Seram;* desenvolveram em trovas jocosas Jorge Barreto, o Claveiro e Manoel de Goyos. De outra vez motejou o Conde *a uma Senhora que ao Seram poz os olhos n'um homem;* acudiram ao debique Ayres Telles, Luiz da Silveira, Simão da Silveira, Vasco de Foios, D. Alvaro Abranches, Garcia de Resende, João Rodrigues de Sá, Diogo de Mello, Alvaro Fernandes de Almeida, Estribeiro Mór, João de Abreu, *D. João de Menezes* e Gonçalo da Silva. *(Canc. ger.,* II, 591.)

A prolongada doença da rainha D. Maria, as animadversões provocadas pelo terceiro casamento de D. Manoel, e principalmente a avidez dos interesses na exploração da India e Brasil acabaram de offuscar o brilho dos Serões da côrte *tão fallados no mundo,* como notou Sá de Miranda na sua Epistola a D. Fernando de Menezes; [1] os poetas debandavam da côrte ao cheiro d'essa canella:

---

1 Era este D. Fernando de Menezes, primogenito de D. Pedro de Menezes e de D. Brites de Bragança; 2.° Marquez de Villa Real, casado com D. Maria Freire, filha herdeira de João Freire, senhor de Alcoutim, Seria um dos motivos da intimidade de Sá de Miranda com este titular o seu amor por *D. Isabel Freire.* Era filha de D. Fernando de Menezes, a celebrada latinista D. Leonor de Noronha, que traduziu as *Eneadas* de Marco Antonio Sabellico; o filho, D. Affonso de Noronha, foi vice-rei da India, em 1552.

Verdade é, que estes tempos não dão graça,
Aquella que dar soíam no passado,
Que saír não os deixa tanto á praça.

Teme-se de um inimigo apoderado
Da rasão, que só sonha India e Brasil
Té que cada um de lá torne dourado.

Lançam-nos a perder engenhos mil
E mil este interesse que hoje mal,
Que tudo mais fez vil, sendo elle vil!

Os Momos, os Serões de Portugal
Tão fallados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

Dos *Motes* o primor e altos sentidos?
Uns *Ditos* delicados, cortezãos,
Que é d'elles? Quem lhes dá sómente ouvidos?

Mas deixemos andar queixumes vãos.
Assi foi sempre, assi sempre será!
Vão trocando-se os tempos antre as mãos.
....

Porém, oh bom *D. João*, o *de Menezes,*
E o *Manoel,* que taes tempos lograstes,
Chamar-vos-hei ditosos muitas vezes;

Que com tanto louvor aqui cantastes;
E com tal rasão, donde *inda alcancei*
O derrtdeiro som que ó ár soltastes!

Depois, já fóra parte aqui escutei
E ouvi cantares; fôram elles taes
Que transportado assi cantando andei.

N'estes tercetos precisa Sá de Miranda o periodo de esplendor dos *Serões* do paço: em 1499 morreu o celebrado poeta D. João Manoel, e em 1514 o tambem grande apaixonado D. João de Menezes, cujas composições poeticas, além das

colligidas por Garcia de Resende, andam espalhadas por varios Cancioneiros castelhanos. [1] Os cantares *já fóra parte* que transportaram Sá de Miranda e que o levaram a revelar-se como poeta,

---

1 D. João Manoel, nascido em 1454, e fidalgo da casa do principe D. João em 1475, e depois camareiro de D. Manoel, intervindo nos dois casamentos do rei em 1497 e 1499, é o auctor do romance que encantou todos os espiritos nos seculos XV e XVI:

> Gritando va el caballero
> publicando su gran mal.

Era denominado *romance verdadero*, por lamentar a morte da sua namorada com vinte e dois annos de edade, D. Isabel de Menezes, filha de D. Affonso Telles de Menezes.

De D. João Manoel acham-se composições lyricas no *Cancioneiro* de Resende, t. I, p. 374-439; 134, 135; II, 580; III, 25; 116; 233. No *Cancionero general* de Castillo, N.os 85, 162, 277, 278, 445, 555, 642, 820. No *Cancioneiro Rennert (Museu brit.*, n.º 1043) os N.os 83, 308 a 312.

D. João de Menezes, da casa de Cantanhede, o mais valente dos capitães africanos, tambem tem numero avultado de poesias; no Cancioneiro de Resende, t. I, p. 107 a 135; 4, 21, 24, 43, 48, 341; II, 17, 576, 585, 599; III, 53, 58, 71, 98, 112, 135, 214, 232. No *Cancionero general*, n.º 337. No *Cancionero Rennert*, n.º 159 a 165 e 167, ahi denominado *El grande Africano, Un Galan, Gentilombre mucho conocido.*

Estes dois nomes reunidos por Sá de Miranda, já se confundiam nos Cancioneiros palacianos; a cantiga No hallo a mis males culpa, vem com o nome de D. João Manoel no Cancioneiro de Resende, t. I, p. 410; e no de D. João de Menezes no *Cancionero general*, n.º 337. A trova Señor mio, como estais, vem em nome de D. João Manoel, no *Cancioneiro Rennert*, n.º 83; e no de D. João de Menezes, no Cancioneiro de Resende, t. III, p. 136.

fôram as composições do apaixonado lyrismo de Bernardim Ribeiro fóra da côrte, substituidas as galanterias pelas expressões da mais emocionante paixão. No Cancioneiro de Resende figura o *Doutor Francisco de Sá* com poucas composições no estylo trovista; mas foi fertil a sua actividade n'este genero, como expressão de fino sentimento e delicado gosto. Frequentando os Serões do paço, quando elles iam decahindo, reconheceu que essas velhas fórmas de Cancioneiro eram substituidas no gosto por um novo estylo definido pelo genio italiano. Na Elegia II, ao Dr. Antonio Ferreira, apoda com certo desdem a antiga poetica, conservada e preferida na galanteria convencional da côrte:

Vem um dando á cabeça e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chammas,
Polas que fez: todo al lhe é claro engano.

Andam-se ás rasões frias polas ramas,
Um *Vilancete* brando ou seja um *Chiste*,
Letras ás invenções, *Motes* ás damas.

Uma *Pergunta* escura, *Esparsa* triste!
Tudo bom! quem o nega? mas porquê,
Se alguem descobre mais se lhe resiste?

E como, esta era a ajuda? esta a mercê?
(Deixemos já as mercês) este o bom rosto?
De menos custo emfim que este tal é?

E logo aqui tão perto, com que gosto
De todos Boscão, Lasso ergueram bando,
Fizeram dia, já quasi sol posto!

Ah, que uns tomam mais! vão-se cantando
De val em val de ár mais luminoso
E por outras ribeiras passeando.

2.° *O Petrarchismo e a influencia italiana*

Na phrase *aqui tão perto* referia-se Sá de Miranda á Hespanha, onde pela conversação com Navagero, embaixador de Veneza a Carlos v, fôra suggerida a Boscan, em Granada, a tentativa de substituir os versos de redondilha pelo metro endecasyllabo italiano. Boscan foi auxiliado n'esta iniciativa pelo genio lyrico de Garcilasso. Competia a um espirito orientado pelo gosto da Renascença tentar esta iniciativa em Portugal; a necessidade de ausentar-se da côrte, sob o pretexto de uma viagem á Italia, forneceu-lhe o ensejo de conhecer de perto esse fóco das artes e de gosar a viva poesia lyrica definitiva moderna na sua estructura italiana.

2.° *A viagem á Italia.* (1521 a 1526). — A primeira influencia da cultura italiana em Portugal começa nos fins do seculo xv, pelas relações de D. João II com Angelo Policiano, frequentando os filhos das familias fidalgas essas afamadas escholas humanistas. A viagem de Sá de Miranda á Italia, em 1521 «Em tempo de hespanhoes e de francezes», isto é no conflicto guerreiro entre Carlos v e Francisco I, embora obedecesse a uma necessidade de espirito do erudito poeta, foi determinada pela urgencia de sahir da côrte, desde que no anno de 1520 romperam as dissidencias do rei D. Manoel com seu filho, o prin-

cipe D. João, ao qual tirara a noiva, escolhendo-a para sua terceira consorte. Diziam as cantigas populares: *Grandes bandos andam na côrte.* A allusão que faz Sá de Miranda á exhumação dos ossos de D. Affonso Henriques em Santa Cruz de Coimbra em 16 de julho de 1520, fixa-nos a sua ausencia da côrte e regresso para Coimbra; iria apurar rendimentos da sua Commenda da Ordem de Christo, de San Julião de Mouronho, no bispado de Coimbra, para emprehender a viagem da Italia, onde estava no seu esplendor a Renascença na phase philologica e artistica. Sabe-se que em 1521 sahiram da côrte muitos fidalgos, que seguiam o partido do principe contra o acto egoista e mesmo odioso de seu pae o rei D. Manoel. Tambem o casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, a herdeira mais rica de Portugal, clandestinamente desposada com o Marquez de Torres Novas, levaria Sá de Miranda a pronunciar-se como jurisconsulto contra este escandalo de que ficou um ecco na Satira do tempo das Terçarias:

> Joeirou o thezouro
> do gran *Marialva*,
> e quiz-lhe a salva
> levar do seu ouro.

A occasião era azada para uma digressão artistica; sahindo abruptamente de Portugal, no inverno e quando a Italia estava convulsionada pela guerra entre Carlos v e Francisco I, obedecia a uma imperiosa causa. Estes accidentes tinham o

poder de universalisar a cultura italiana. Já no meado do seculo xv, nas escholas publicas de Florença e á mocidade burgueza era prestada a cultura liberal. Esta educação systematica creou uma superioridade, que a Italia manifestou logo nos estudos philologicos, tomando todo o ascendente e iniciativa sobre a erudição na Europa. Dante, Boccacio e Petrarcha formam uma trindade genial, que assimilando o sentimento da Antiguidade com a ingenuidade fecunda da Edade Média, fundaram as bases de uma litteratura nacional, que creou nos espiritos, muitos seculos antes da sua realisação politica — a unidade italiana. Dando expressão na belleza dos seus versos ou na graça da prosa descriptiva ao sentimento da Patria italiana, elles faziam resurgir a Antiguidade classica; Dante tomou Virgilio como seu guia e mestre, Boccacio e Petrarcha descobrindo os manuscriptos dos escriptores classicos, traduzindo-os, commentando-os, publicando-os, faziam d'esse achado de thezouros uma gloria. Assim se immortalisavam Poggio commentando-os com sympathia e admiração, assim Philelpho, Bessarion, Marsilio Ficino, vulgarisando-lhes as bellezas, assim em delicadas imitações Sanazzaro, Bembo, Sadoleto, Vida e Fracastor. A Antiguidade revivia; o espirito de Platão harmonisava-se com o christianismo, dirigindo em Florença as intelligencias em volta de Lourenço de Medicis, e fortalecia Pic de Mirandola; sobre as palavras de Aristoteles juravam, como dogmas da razão, Pomponio, George de Trebisonda e Tolomei em

Napoles. Os ciceronianos, como Busmanico e Bembo impunham ao estylo a estructura da phrase e o proprio vocabulario do grande orador romano. Espalhava-se o prestigio da Italia, no esplendido periodo da Pentarchia, de Florença, Roma, Veneza, Napoles e Milão.

Quando Carlos VIII tomou Florença em 1494, apoderando-se dos seus thezouros e maravilhas de Arte, teve a dita de trazer comsigo para França o erudito hellenista Lascaris, cooperador de Lourenço de Medicis, que veiu depois engrandecer a côrte de Leão X, e acordou junto de Francisco I o sentimento da arte. A França entrava na corrente da Renascença pela fascinação do genio italiano. Por seu turno, Luiz XII, ao tomar Milão, apodera-se de preciosos manuscriptos com que enriquece as bibliothecas de Paris, mandando á imitação dos principes italianos fazer traducções das obras da Antiguidade. Francisco I, tendo já recebido uma educação italiana por Quinziano Stôa, como duque de Milão, tinha pela Italia um espirito de sympathia, ahi recrutando os talentos para engrandecerem a sua côrte, Trivulce, Alamani, Lascaris, Scaligero, Alciato, Sadoleto, e fundava o Collegio de França.

Foi n'este periodo de deslumbramento pela Italia que Sá de Miranda, como o declara nos seus versos: Viu *Roma, Veneza* e *Milão*, gosando a convivencia dos mais insignes humanistas italianos, João Ruscellai, Lactancio Tolomei, e ainda *o bom velho* Sanazzaro. Ahi adquiriu as modernas ideias da litteratura italiana da Renascença e os mais

bellos modelos do *Stil nuovo*, que então revolucionava as litteraturas imprimindo á rudeza ingenua do gosto medieval os supremos typos da belleza classica.

Escreve o biographo anonymo de Sá de Miranda: «foi á Italia, visitando primeiro os mais celebres logares de Hespanha, e tendo visto com vagar e curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, e o melhor de Sicilia, se tornou ao reyno, e deteve-se algum tempo na côrte del Rey D. João o Terceiro, que já havia muito que reinava...» (Ed. 1614.)

Sá de Miranda, sem ser um genio primacial, achou a via para a iniciação de uma nova época na litteratura portugueza do seculo quinhentista. A vista das cidades italianas era já um prestigio que lhe enlevava os sentidos; viu Veneza, diz elle em uma epistola, a maravilhosa cidade insular, como lhe chamou Goëthe, com os seus canaes animados do crusamento das gondolas, reflectindo nas aguas dormentes a perspectiva das renques das casas altas, contrastando com o movimento das ruas, onde se accumulavam todas as riquezas do seu vasto commercio cosmopolita.

Em Veneza encontrara Sá de Miranda as edições recentes de classicos gregos e latinos, e as obras modernas dos poetas italianos, que seriam mais tarde o encanto da sua vida no retiro da provincia, lendo-os junto da fria fonte da Barroca.

Em Veneza ouviria celebrar o nome do seu parente Prospero Colonna, que em 1513 derro-

tara os Venezianos junto a Vicence, estando então em 1521 ao serviço do Duque de Milão, tomando aos francezes a capital da Lombardia. Em 1522, bateu Prospero Colonna o marechal de Lautrec, e defendendo em 1523 Milão contra Bonnvel, faleceu n'esse anno. Sá de Miranda ao visitar Milão ahi ouviria exaltar Prospero Colonna e seu sobrinho Marco Antonio Colonna fallecido no cêrco da cidade.

E' de suppôr que se demorasse algum tempo em Veneza e Milão, por quanto em Roma occorrera em 1521 o falecimento do papa Leão x, que jogara com um páo de dois bicos entre Carlos v e Francisco I na eleição imperial.

A vida sumptuosa de Roma achava-se retrahida pelo influxo do papa hollandez Adriano v, antigo preceptor de Carlos v, eleito por sua interferencia. Roma attrahia-o pela sua magestade monumental e pelo interesse de visitar a familia patricia de Colonna, com quem estava apparentado. Ahi podia dizer como Goëthe «começa uma vida nova, quando se vê com os proprios olhos e em conjuncto, aquillo que se tinha estudado fragmentariamente.» A impressão da campina deserta que se estende de Roma consignou-a em umas delicadas voltas, a que poz a rubrica: *Cantiga feita nos grandes Campos de Roma:*

Todos estes campos cheos
São de dor e de pesar,
Que vem para me matar
Debaixo de céus alheos,
Em terra extranha e mar.

O agro romano é uma planura humida coberta por camadas de lava, onde a agua das chuvas raramente se infiltra, de uma esterilidade descladora com marenas doentias a que se juntam os charcos de Ostia e Maccarese.

Sob esta impressão, a que não escaparam os mais celebres viajantes, Sá de Miranda allia a suas emoções intimas, recordando-se da mulher amada, Dona Isabel Freire, de quando se afastara da côrte:

Mal sem meo e mal sem fim,
Dor que ninguem não entende,
Até quam longe se estende
O vosso poder em mim.

Em Roma visitou o poeta a familia Colonna, relacionada com a de Sá, e tratou de perto com Vittoria Colonna, a formosa poetisa, então casada com o heroico Fernando d'Avalos, da edade d'ella, e que dos campos da batalha lhe enviava *Dialogos de Amor*. Esse aspecto sombrio impresso pelo ascetico papa Adriano v terminou com o seu falecimento em 1523, seguindo-se Clemente VII, primo de Leão x, dando-se o regresso á poesia e a efflorescencia das artes.

Pompeo Colonna, feito cardeal pelo papa Leão x, achava-se então reconciliado com Clemente VII. O palacio dos Colonnas, no Quirinal, na margem esquerda do Tibre *envôlto*, como lhe chama Sá de Miranda, era o ponto de convergencia das reuniões mais apparatosas da aristocracia romana. Fôra fundado pelo papa Martinho v, e enrique-

cido com grandiosas esculpturas e quadros, estando a extensa galeria illuminada por candelabros reluzentes, onde se exibiam as damas com vestidos de brocado de ouro e constelladas de brilhantes, entre cardeaes com vestes de purpura, cavalleiros da Ordem de Malta de severo traje preto, e typos audazes de nativos condottieri. Ahi viu Sá de Miranda, no esplendor dos seus trinta e dois annos, a *divina* Vittoria Colonna, como então chamavam á esposa do Marquez de Pescara, que á belleza plastica unia a perfeição moral. O poeta colhia impressões que lhe alimentariam para sempre a sua vida mental.

A retirada de Sá de Miranda de Roma coincidiria com o desventurado golpe soffrido por Vittoria Colonna; seu marido o Marquez de Pescara, empenhado na campanha de Carlos V contra Francisco I, cahiu ferido em um combate em 1525, vindo a falecer dos ferimentos heroicamente recebidos em 30 de Novembro. Carlos V offerecera a corôa de Napoles ao Marquez de Pescara, mas Vittoria Colonna levou-o a recusar a corôa. A emoção da sua superioridade moral reflectiu-se em Sá de Miranda muito depois ainda da morte da excelsa poetisa em 1547. O interesse com que lia os *Assolanos* do Cardeal Bembo, e o epitheto familiar do *bom velho* Sanazzaro, levam a inferir que tratara pessoalmente esses dois poetas. Na Egloga á morte de Garcilasso, allude a dois escriptores italianos com quem se encontrara, João Rüscellai, que faleceu em 1526, e Lactancio Tolomei.

Póde fixar-se o regresso de Sá de Miranda a Portugal em principios de 1526; a côrte fugira da peste de Lisboa, refugiando-se em Coimbra, e ahi apparece Francisco de Sá (nome com que é assignado no *Cancioneiro geral)* lendo uma Oração gratulatoria ao recebimento de D. João III e D. Catherina, por parte da cidade. A côrte demorou-se ahi algum tempo, vivendo á custa dos *parvos honrados*, e distrahindo-se com festas e caçadas. Gil Vicente representa em Coimbra em 1527 a sua comedia da *Divisa de Coimbra,* cujo mytho heraldico foi tambem elaborado por Sá de Miranda na sua extensa Ode a *Fabula do Mondego*. A demora da côrte em Coimbra causou a ruina de varias casas fidalgas pelas suas forçadas despezas, circumstancia a que allude Sá de Miranda na carta em redondilhas a Pero Carvalho, um dos maiores influentes palacianos, a quem não era agradavel a especial estima de D. João III pelo poeta. A Carta de Manoel Machado de Azevedo a Sá de Miranda o revela:

> Os *Carvalhos* e os *Carneiros*
> Da Beira, Entre Douro e Minho,
> São mui bons qua no seu ninho,
> Aos fidalgos e escudeiros.
>
> A quem d'elles se aproveita
> São de proveito e sustento;
> Mas *lá com seu valimento*
> *Só vive quem os respeita*.

N'esse anno de 1527 passava a vilissima proeza do Saque de Roma pelo Condestavel de Bour-

bon, e de que se não lava Carlos v; por essa borrasca politica D. João III regressou a Lisboa, e Sá de Miranda acompanhou a côrte que frequentou intimamente até ao anno de 1534, ensaiando durante este periodo o novo estylo da poetica italiana.

3.º *Frequencia na Côrte e seu ostracismo.* — Na dedicatoria da *Fabula do Mondego*, a D. João III, escripta em Coimbra, empregou Sá de Miranda o verso endecasyllabo, peculiar da poetica italiana, como para valorisar a sua tentativa:

> I viendo que bajais vuestros oidos
> Por esa tan humana mansedumbre
> *Al canto pastoril* ia hecho osado,
> Quiza moveré mas hazia la cumbre
> De aquel alto Parnaso, por olvido
> I malos tiempos ia medio olvidado.
> El bueno, el alabado
> Titiro mantuano,
> Alzando el cantor llano
> Del campo, nos dejó sobrada escusa
> D'irmos tras el: i aquella ufana musa
> Quanto las fuerzas podran sostener
> Como vemos que se usa,
> Reconociendo al tiempo el su poder.

a) Inicio da Eschola italiana

Para ensaiar o metro endecasyllabo já levado á perfeição desde 1524 por Garcilasso e Boscan, Sá de Miranda serviu-se da lingua castelhana, geralmente fallada na côrte portugueza. D'este emprego da lingua extranha por Sá de Miranda, observa Fitzmaurice: «das 200 peças do seu texto (Ed. Mich.) 74 são em castelhano... distingue-se

em castelhano *pela sua forma correcta,* pela sinceridade dos seus sentimentos e por um verdadeiro amor da belleza natural, que elle sabe exprimir em uma fórma artistica.» *(Op. cit.,* p. 157.)

Mas se a lingua castelhana, que manejava com correcta facilidade, lhe simplificava a imitação dos novos metros, na côrte predominava o gosto dos versos de redondilha ou de cancioneiro usado por todos os grandes lyricos castelhanos, e agora renovados pelos violistas e compositores musicaes do seculo XVI. As damas preferiam os versos curtos das cançonetas e letrilhas, das endechas e esparsas, dos romances velhos glosados, que se cantavam á viola d'arco. Os poetas palacianos, que glosavam Motes e faziam voltas, nos galanteios dos Serões, não se conformavam com uma metrificação de ambito extenso, mais propria para ser recitada, e com tendencia para a ampliação discursiva e mesmo para as reflexões philosophicas.

Antes de romper a lucta dos poetas da medida velha, Sá de Miranda continuou a empregar o verso de redondilha nos ultimos serões do paço em 1526. Em um *Dialogo ás Damas, estando ahi Dona Lianor Mascarenhas,* em que versejaram Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda em sextilhas de rimas dissolutas, esta illustre dama responde aos dois poetas:

Uma cousa vos digo eu,
Que não sam pera essas cousas!
. . . .
Desejos meus e cuidados
Não são postos n'esta vida.

Quando Sá de Miranda colligiu os seus versos para comprazer com o pedido do principe D. João, copiou esse Dialogo, pondo-lhe no fim esta nota: «Pelo d'ela (sc. Dialogo) que é cousa rara puz aqui isto, *por que se veja, que tambem Portugal teve a sua marqueza de Pescara.*» Quando Sá de Miranda escreveu esta nota, já era falecida Vittoria Colonna em 1547. Quem seria essa dama tambem com qualidades moraes, que a tornavam comparavel á Marqueza de Pescara? Ha no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende uma D. Leonor de Mascarenhas, que em 1488 despede os seus *servidores,* casa em 1489 e era já falecida em 1502; não póde esta ser a dama do Dialogo com Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, porque quando ella foi celebrada por D. João de Menezes e outros poetas em 1491, tinha Bernardim Ribeiro 10 annos e Sá de Miranda 7, apenas. A dama comparada a Vittoria Colonna, era D. Leonor Mascarenhas, nascida em Almada em 24 de Outubro de 1503, filha de Martim de Almada e de D. Isabel Pinheiro, como apurou lucidamente D. Carolina Michaelis (Ed. Miranda, p. 875.) Muito criança foi escolhida para dama da Rainha D. Maria, e em 1526 acompanhou a casa da Infanta D. Isabel, quando casou com Carlos v. Foi justamente em um serão do paço, logo depois do regresso de Sá de Miranda da Italia, que ali *cantou Ribeiro* pela ultima vez, trovando com amargura:

> E inda heide pedir a outrem
> Das suas culpas perdão.

Na resposta de D. Leonor Mascarenhas parece referir-se á catastrophe amorosa do poeta:

> Pois heide soffrer a outrem
> Culpas que não tem perdão.

Na resposta a Sá de Miranda, em que declara que os seus desejos e cuidados *não são postos n'esta vida*, referia-se ao voto que fizera em menina de manter perpetua castidade. D. Leonor Mascarenhas em 1527 ficou encarregada do principe D. Filippe, e mais tarde em 1546, serviu de mãe ao orfanado principe D. Carlos. D. Leonor, terceira mulher de D. Manoel, estimava-a muito, assim como a princeza D. Joanna, que prematuramente viuvou do principe D. João, para o qual Sá de Miranda compilara os seus versos em 1553. D. Leonor fundou em 1564, em Madrid um Convento de Santa Maria de los Angeles, onde se recolheu falecendo ahi em 1584. Era verdadeiramente comparavel a Vittoria Colonna; Sá de Miranda em um Soneto escripto em castelhano consagra-a pelo seu nome, na allegoria de um retrato:

> Despues de haver juntado hermosura,
> Virtud, gracia, valor, la gran maestra,
> Uma pintura hizo que nos muestra
> Ser quasi soberana su hechura.
> . . . .
> Y para que lo entienda quien *lo ignora*
> *En estas cinco letras* esculpidas
> Verá la que del mundo es vencedora.

(*Ed. Mich.*, p. 590.)

A sahida de D. Leonor Mascarenhas para Castella em 1526 tornou irrealisaveis os Serões do paço, que se transformara em um sombrio convento; a sua presença, como se vê pelo Soneto de Sá de Miranda, teria dado alento á Eschola italiana. Debalde Sá de Miranda procurava interessar Bernardim Ribeiro na imitação do novo estylo, achando-se isolado entre os poetas da côrte, combatido por risos sardonicos. [1]

---

1 Appareceu no Diario de Noticias (de 7-IX-921) uma *Solução integral de um tenebroso problema litterario*, em que o sr. Patrocinio Ribeiro, passando esponja sobre os trabalhos e documentos em que tem sido estudado Bernardim Ribeiro, appresenta D. Leonor Mascarenhas como a mulher idealisada pelo poeta das *Saudades*. Os factos que interpreta são um acervo de incongruencias e anachronismos:

1.° Quando Bernardim Ribeiro, nascido em 1482 entrou na côrte em 1503, contava 21 annos, como o confessa na Egloga II, em que narra a sua paixão subita por Joanna.

E' com esta Egloga II que o novo critico quer provar o amor do poeta por D. Leonor Mascarenhas nascida em 1503, em 24 de Outubro em Almada, forçando o nome de Joanna a dar o anagramma de Leonor.

2.° No *Cancioneiro Geral*, de 1516, vem uma poesia de Bernardim Ribeiro, *Memento*, que é a expressão impressionante da sua decepção amorosa. D. Leonor Mascarenhas então com 13 annos não podia ser dama da rainha.

3.° O poeta abandonou a côrte até 1524, em que D. João III o chamou novamente para seu secretario; e só podia encontrar ahi a D. Leonor de Mascarenhas que em 1526 partia para Castella com a Infanta D. Isabel, e já notabilisada pelo seu voto infantil de castidade perpetua. Como conciliou isto com o casamento de Joanna descripto na novella das *Saudades*, que fundamenta as desgraças de Bernardim Ribeiro?

B) Lucta com os Poetas da Medida velha (1526 a 1545)

A reacção que se deu tanto em Hespanha como Portugal contra o novo estylo italiano assentava sobre o emprego do verso endecasyllabo de preferencia ao octosyllabo de redondilha maior e menor ou a trova vulgar; a lucta foi muito tempo irreductivel, revelando no fundo o antagonismo entre o espirito medieval e a imitação classica, que despresava as velhas formas tradicionaes. Argote y de Molina, que era versado na antiga poesia hespanhola, não considerava o verso endecasyllabo uma novidade e filiava-o na poetica dos trovadores provençaes, cujo estylo brilhou nas côrtes peninsulares (Leão, Aragão e Castella): «Este genero de verso é na quantidade e numero conforme ao italiano usado nos Sonetos e Tercetos, d'onde parece não terem aprendido os hespanhoes dos Poetas de Italia, pois lêmos terem florescido muitos poetas hespanhoes provençaes, que n'elle escreveram...» E cita Jordi, Febrer e Ausias March. O erudito auctor do *Discurso sobre a antiga Poesia castelhana*, provando a preexistencia dos metros endecasyllabos na peninsula, entrevia a unidade morphologica das litteraturas novo-latinas. E caracterisando o verso de dez syllabas: «E' grave, pleno, capaz de todo o ornamento e figura, e finalmente entre todos os generos de versos podemos chamal-o *heroico*, o qual ao cabo de seculos que andava desterrado da sua natureza, voltou á Hespanha, aonde foi bem

recebido e tratado como natural, e mais se poderá dizer, que na nossa lingua, pela elegancia e doçura d'ella, é mais nitido e sonoro algumas vezes do que na italiana. — Não fôram os primeiros que o restituiram á Hespanha Boscan e Garcilasso, como alguns crêem, porque já no tempo de D. Juan el Segundo, era usado, como vêmos no livro dos Sonetos e Canções do Marquez de Santillana, que eu possúo (n'este tempo ainda estavam ineditas as suas obras) sendo comtudo os primeiros que melhor o trataram, particularmente o Garcilasso, que na doçura e belleza dos conceitos e em arte e elegancia nada deve ao Petrarcha nem aos mais excellentes poetas de Italia.» [1]

Sá de Miranda ao iniciar a eschola italiana, chegara á mesma comprehensão da sua origem trobadoresca, a que o genio italiano déra a definitiva forma artistica; dil-o na sua Carta a D. Fernando de Menezes:

> Entrando mais o tempo entrou mais lume,
> Suspirou-se melhor, veiu outra gente,
> De que o PATRACHA *fez tão rico ordume.*
>
> Eu digo *os Proençaes, que inda se sente*
> *O som das brandas rimas que entoaram*
> *De novo assi de Amor, tão altamente.*
>
> Despois, (ah que vergonha) emfim tornaram
> A eaír muitos n'este amor vicioso:
> O fino os peitos finos o salvaram.

---

1 No *Conde de Lucanor*, fl. 130.

A critica moderna reconheceu esta relação de Petrarcha, como o accentua Rathery: «as ideias requintadas de Petrarcha sobre o Amor, são evidentemente tomadas dos devaneios dos trovadores e exageradas pela subtileza e imaginação italiana.» Sá de Miranda teria conhecimento dos trovadores portuguezes? E' do seu tempo o retoque moderno feito a uma Canção de Ruy Queimado, trovador da Côrte de D. Affonso III, e que ainda alcançou a do rei D. Diniz. (N.° 130, da *Canc. d'Ajuda.)* Ouviria em Roma a noticia do Cancioneiro de D. Diniz guardado na bibliotheca de Vaticano, de que deu conta o chronista Duarte Nunes de Leão: «Grande trovador e quasi o primeiro que na lingua portugueza escreveu versos, segundo vêmos por *um Cancioneiro que em Roma se achou em tempo del rei D. João III*, e por outro que está na Torre do Tombo, de *Louvores de Nossa Senhora.*» *(Chron.*, t. II, p. 77.) Este guardava-se na Livraria da rainha Isabel de Castella. O quinhentista Ferreira, proclamava o Rei D. Diniz: «Das nossas *Musas rusticas* emparo.»

Da parte dos coplistas ou trovistas a que Soropita poz o nome de Poetas da *medida velha,* levantou-se o estandarte da revolta contra os Sonetos e Tercetos; assim escrevia com desdem Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia:* «hey muito grande dó de uns juizos poldros, e tão curtos de vista que acceitam toda a novidade sem pezo, a olhos, e assi me pareceu de vós, que, *por andar com o som de moderno sereis todo um So-*

neto, e condemnaes logo o outro verso, sem mais respeito nem consideração.» (Fl. 165 V.) Na dedicatoria da Egloga *Encantamento* a D. Manoel de Portugal, narra Sá de Miranda os ataques que soffreu contra a sua generosa iniciativa:

Andando após a paga, houve aos sisos
Grão medo (que o confesso) e a uns pontosos,
De rostos carregados e de uns risos
Sardonios ou, mais claro, maliciosos,
Quem tantos tentos, quem tantos avisos
Terá que empare os golpes perigosos...
. . . .
Rigores a departe, que são dignos
Do perdão os comêços. Já que fiz
Aberta aos bons cantores peregrinos;
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, um só dos lyricos latinos.

(*Ed. Mich.*, p. 476.)

Agradecendo a Antonio Pereira, senhor de Basto, a offerta que lhe fizera de um exemplar das lyricas de Garcilasso, alludia Sá de Miranda á sua iniciativa:

Que el son que me aplazia
Por mi hiziesse plazer a nuestra gente.

Esta tyrannia do costume, contra a qual se insurgia Sá de Miranda, tambem se impunha na fórma dramatica do Auto, a que oppoz na sua comedia *Estrangeiros* o typo da comedia classica já adoptado na litteratura italiana. Na fórma epica, contra a outava italiana fixada por Ariosto, continuaram os trovistas a fazer Romances velhos sobre os assumptos da historia das tradições

britonicas. A florescencia da Eschola italiana só começou quando Sá de Miranda se afastou magoado e aborrecido da côrte em 1534, confinando-se no seu voluntario ostracismo no alto Minho, na Commenda das Duas Egrejas, que lhe doara D. João III. Não faltavam motivos para lhe perturbarem o espirito; a expoliação dos bens de seus primos Simão e Gonçalo de Miranda por uma ordem regia; o escandalo da sentença contra o casamento clandestino do Marquez de Torres Novas, por ser extremamente rica D. Guiomar Coutinho, que o rei D. Manoel reservava para o Infante D. Fernando; a loucura declarada do seu intimo amigo Bernardim Ribeiro, exacerbada pela malevolencia do omnipotente favorito Conde da Castanheira; as imputações a varios poetas da côrte da Satira anonyma da *Maria Pinheira*, do tronco judaico dos Athaydes; as interpretações malévolas das suas Eglogas *Andres* e *Alcixo*, para o indispôrem com personalidades cortezãs, tudo o levava ao tédio d'esses contactos forçados da côrte. Determinou-se sob a commoção do facto da separação da Egreja de Inglaterra por Henrique VIII, *o malvado Inglez*, em 1534; e com o sombrio pesar do falecimento de D. Isabel Freire, que celebrara em seus versos, e que não fôra venturosa no casamento. Para o isolamento da vida de provincia levava comsigo as impressões vivas da viagem da Italia, e as bellas obras da litteratura que generalisavam o espirito da Renascença. Deixou a realidade crúa pela contemplação poetica e philosophica independencia.

c) Zagaes da Estremadura *(Discipulos de Sá de Miranda)*

D. João III, que sempre estimara Sá de Miranda, deu-lhe ao retirar-se da côrte a Commenda das Duas Egrejas, indo ahi o poeta fundar a Casa da Tapada, na freguezia de Fiscal, districto de Braga, proximo de Pico de Regalados, na margem esquerda do Neiva. Ainda hoje existe esta poetica residencia, na estrada de Amares, a meia legua da estação balnear de Caldellas, um exemplar de habitação solarenga, com sua elegante capella e jardim em frente. Alli vivia entregue á meditação, e emquanto celibatario, castigava a sensibilidade do isolamento na montaria aos lobos. Visitava alli perto o solar de Crasto, dos Machados de Azevedo, e a casa dos Senhores de Basto, os Pereiras Marramaque, mantendo com elles deliciosos convivios litterarios. Os senhores de Basto viviam na sua quinta da Taipa, e alli reunidos em horas de calma junto da fonte da Barroca liam os poetas castelhanos e os seus imitadores castelhanos. Agradecendo a Antonio Pereira a communicação das obras ainda manuscriptas de Garcilasso, descreve estes ocios aprazIveis:

A vossa fonte tão fria
Da Barroca, em julho e agosto,
(Inda me é presente o gosto)
Quão bem que nos i sabia
Quanto na meza era posto.
. . . .

Deshi, o gosto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e *furioso Orlando*,
Envoltos em tantas flores.
E da *Arcadia* os bons pastores (Variante.)

Liamos os *Assolanos*
De Bembo, engenho tão raro,
N'estes derradeiros annos,
E os pastores italianos
Do *bom velho Sanazzaro*.

Liamos ao grande *Lasso*
Com seu amigo *Boscão*
Honra de Hespanha, que são,
Ia-me eu passo a passo,
Aos nossos que aqui não vão.

Frequentando a Casa de Crasto, conheceu alli o poeta a D. Briolanja de Azevedo, irmã de Manoel Machado com quem convivera na côrte; pediu-lh'a em casamento. Realisou-se o enlace por intervenção affectuosa de D. João III, em 1536. Começou para Sá de Miranda uma vida tranquilla, de uma paz interior, em que assentava a firmeza de caracter na justa apreciação dos acontecimentos que em volta d'elle se passavam. No remanso da sua quinta de Entre Homem e Cávado, tornava-se mais intensa com a edade a sua energia, pelo maior relêvo que ia adquirindo a sua vida moral. Alli lhe iam ter as homenagens dos bons espiritos que surgiam na litteratura e na constante actividade do seu espirito retocava delicadamente o que escrevia, chegando a enumerar-se quatorze redações da sua Egloga *Basto*.

Em 1545 o Cardeal Infante D. Henrique mandava-lhe pedir as suas Comedias da nova eschola, os *Vilhalpandos* e *Estrangeiros,* para serem representadas em sua presença. O Principe D. João, unico herdeiro de D. João III, apaixonado pela poesia portugueza, mandou-lhe pedir a collecção dos seus versos; Sá de Miranda teve de comprazer com o desejo do principe, e começou a trasladal-os, remettendo-lhe successivamente os cadernos que apurava com um Soneto por dedicatoria. A primeira remessa continha cem composições da Escola velha, Cantigas, Esparsas, Vilancetes, Dialogos, Sextinas, Redondilhas, Trovas, com 21 Sonetos e uma Canção. Não renegava o seu passado litterario. A segunda remessa, continha as duas Eglogas, *Alejo* e *Basto* e as seis *Cartas,* de uma belleza incomparavel, em que a poesia e a philosophia se identificam; é a parte mais bella da sua obra. A terceira remessa, consta de cinco Eglogas, uma Elegia e Sonetos, fructos do novo estylo. Chegou Sá de Miranda a compilar um quarto corpo dos seus versos, mas não foi remettido ao Princepe D. João, que prematuramente morreu em 1554. As trez remessas constituem um manuscripto precioso, que foi parar ás mãos do insigne lusophilo Ferdinand Denis que o facultou a D. Carolina Michaelis, que por elle organisou a sua monumental edição das *Poesias* de Sá de Miranda de 1885.

N'este trabalho de compilação dos seus versos assiste-se á vida emotiva do poeta, recordando-se dos mais bellos momentos do passado; ao

formar a primeira remessa para o principe D. João, uma Sextina de D. Leonor Mascarenhas acordara-lhe a reminiscencia da *Marqueza de Pescara*, pela identidade da sua perfeição moral. Ao remetter ao principe o terceiro caderno de poesias, ahi por fins de 1549, transcreve a Egloga *Celia*, que dedicara ao Infante D. Luiz, na qual, alludindo á expedição a Tunis com Carlos v em 1535, celebra a morte de uma pastora gloriosa e de estremada beldade «en cuerpo tan sano alma tão sana.» Quem era *Celia*, tão fervorosamente celebrada por Sá de Miranda, mostrando como:

> asi va todo por suerte
> Y no por orden, *no por igualdade!*
> Tan presto tanta gloria se converte
> En nada, *estando en fuerte é fresca edade*,

Referia-se a Vittoria Colonna, falecida em 13 de Fevereiro de 1547;[1] contava ella cinquenta e sete annos. Tanto na primeira como na segunda redacção da Egloga III, ao cantarem os pastores a morte de *Celia*, ha o emprego intencional da palavra *victoria*, que suggere a nova interpretação:

> Estés por siempre, oh buena Celia en gloria,
> Y gozo allá, *i en fama eterna aqui:*
> Divida era esa paz a *tal vitoria*
> Del inimigo, del mundo e de ti!
> Tales contrarios, que en nuestra memoria
> No sé vencidos quien los haia ansi.
>
> (*Ed. Mich.*, p. 572.)

1 Interpretação pela primeira vez comprovada pelo sr. Patrocinio Ribeiro, e que n'este estudo adoptamos.

Victoria Colonna vencera-se a si, persuadindo seu joven esposo a recusar a *corôa* de Napoles; [1] venceu as paixões, na sua precoce viuvez, em um recolhimento e elevação intellectual. Desde 1538, eram conhecidos os seus Sonetos publicados em Parma, e em Veneza fôra em 1544 publicada nova edição mais completa das *Rime de la diva Vittoria Colonna de Pescara.* [2] Por isso podia escrever Sá de Miranda na Egloga III:

> Aquella Celia nuestra *és immortal!*
> Ciegos de nos, quien no lo demuestra
> Claramente tal vida i muerte tal.

Na falla do pastor Aurelio a Mauricio, ha uma prosopopêa dirigida a Celia, á qual póde entender-se como dirigida a ella esta estrophe:

> Quien podria dizer quanto tuvieron
> *Los versos tuios* vertud i poder
> De consolarme? Como ansi se fueron?
> Perdiendo el buen cantar i el buen tañer!
> Las buenas manos desaparecieron,
> Las malas vienem a todo correr;
> *Cantava Laso en el Andalusia,*
> *Sincero* aun lejos aca se oía!

(*Ib.*, p. 575.)

---

1 Na primeira redacção, lê-se esta variante:

> Y siempre *en fama*, qual dejaste aqui;
> Deve-se tal *corona a tal vitoria*,
> Del inimigo, del mundo i de ti!

2 Existe na Bibliotheca municipal do Porto um exemplar, do seu fundo primitivo.

N'esta estrophe lamentava Sá de Miranda o terem-se perdido os primeiros tentames da eschola italiana; mas, na dedicatoria ao Infante D. Luiz, que versificava no *Stil dolce,* alludindo á sua expedição com Carlos v a Tunis, manifesta-lhe a alegria dos novos pastores que surgem:

> Alla que os cantarian mas vezinas,
> Oiste-las quizá, cantar de veras,
> *Oilas heis aca como estranjeiras.*
> ....
> Poco aca, mas con fé, mas con poca arte
> *Cantan pastores al modo estranjero.*

E na segunda redacção da Egloga, accentua mais pedindo ao Infante D. Luiz auxilio para a Eschola nova, que elle conhecera revelada por Garcilasso de la Vega:

> Entre tanto el juizio alto, severo
> Que a engeños grandes pone sobrevienta,
> Bajad, señor, un poco al Miño, i al Duero
> Alli donde el ganado ora apacenta.
> Un pastor vuestro escuchá; el estranjero
> El rei de Francia haze de tal cuenta!
> El gran Carlo escuchava (oh muerte ciega!)
> Cantando *Nemoroso* de la Vega.

(*Ed. Mach.*, p, 565.)

Garcilasso de la Vega tinha morrido em combate em 1536; Sá de Miranda celebrara essa morte prematura do poeta com trinta e trez annos, na sua Egloga *Nemeroso.* Desde esse tempo, que estavam esquecidas as tentativas que encetára no seu regresso da Italia. Agora, depois de 1547,

surge a nova geração dos *Zagaes da Estremadura*, que vem ao seu encontro:

> Tanto tus dulces rimas me pluguieron
> Y tanto tuvon de fuerza i poder,
> Que otro me han hecho. Como se perdieron
> Entre nos el cantar? como el tañer,
> Que tanto nombre a los passados dieron?
> Mas dizen que me vienen a correr
> Ciertos *Zagales del Estremadura*
> Que ora, ora asomaran por esa altura.

Esses inspirados cantores da Estremadura, são os poetas quinhentistas que seguem o impulso intellectual de Sá de Miranda, reconhecendo-lhe a supremacia: são D. Manoel de Portugal, e Pedro de Andrade Caminha, Francisco de Sá de Menezes, e Dr. Antonio Ferreira, Diogo Bernardes e Agostinho Pimenta (Fr. Agostinho da Cruz) e Jorge de Montemór. Constituiam verdadeiramente a *Pleiada portugueza*, com o mesmo espirito classico da franceza. Sá de Miranda comprehendeu a sua missão, saudando-os:

> Venid, buenos Zagales; con favor
> De aquellas blandas Musas de Parnaso,
> Ynchid nuestros collados de sabor
> De la suave lira hallada acaso,
> Don de los Dioses. Vueltos en su loor,
> Cobrireis de ierva verde el monte raso,
> Las claras fuentes de sombras i flores,
> De espanto los oidos de pastores.
>
> (*Ed. Mich.*, p. 310.)

Annotando estes versos a insigne romanista D. Carolina Michaelis, põe em evidencia a nova

eschola lyrica, que se iniciava em Lisboa: «Miranda teve noticia de que em Lisboa (Estremadura) appareceram novos poetas, que seguem as suas pisadas, poetando nos metros italianos, e saúda-os cordealmente. E' pois racional datar de 1536 ou *dos annos immediatos* (fixamos de 1547) o augmento da nova Eschola, que o poeta do Neiva fundara depois de 1526; os seus primeiros adeptos foram Caminha, Francisco de Sá de Menezes e D. Manoel de Portugal.» Justamente aquelles que viviam no paço e conheciam a sympathia de D. João III por Sá de Miranda, e as relações litterarias com o Infante D. Luiz, com o Cardeal Infante, e o fervor de admiração com que o Principe D. João pediu a copia dos seus versos.

D. Manoel de Portugal enviava-lhe uma Egloga, no novo estylo «*que fizera n'esta arte italiana*», diz em um Soneto de dedicatoria:

> A vontade de vós seja estimada
> Que (em tão baixo tempo em que pureza
> Em que obras não ha) deve ter preço.

Na Egloga *Encantamento*, agradeceu Sá de Miranda:

> Aquella Egloga vossa me foi dada
> Encostado jazendo á minha fonte
> De *versos estrangeiros* variada;
> Parecia que andava a colher flores,
> Co'as Musas, com as Graças, c'os Amores.

Pero de Andrade Caminha, enviava-lhe tambem os seus versos, para que

...............os queiraes vêr
E riscar e emendar, porque emendados
Por vós, possam andar mais confiados
Do que por meus poderam merecer.

(*Son.* XXVIII.)

Enviara-lhe tambem uma Egloga, sua primeira tentativa. Francisco de Sá de Menezes mandou-lhe mostrar por seu irmão Antonio de Sá uma Elegia ou Capitulo sobre a Madanela *á Maneira de Italia.* A corrente foi engrossando; e Diogo Bernardes, que o visitava na sua adolescencia na quinta da Tapada, agora na vida turbulenta de Lisboa, enviava ao mestre uma copia das *Flores do Lima*, a que o philosopho-poeta agradecia no Soneto:

N'este começo do anno, em tão bom dia,
Tão claro, porque não faleça nada,
Me foi da vossa parte apresentada
Vossa composição bôa á porfia.

E na Carta I do *Lima*, escrevia-lhe Diogo Bernardes:

O doce estylo teu tomo por guia,
Escrevo, leio e risco; vejo quantas
Vezes se engana quem de si se fia.

Em a Carta IX, liv. I, do Dr. Antonio Ferreira, vem proclamada a sua supremacia:

Novo mundo, bom Sá nos fostes abrindo,
Com tua vida, com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descobrindo.

E em a Carta a Antonio de Sá de Menezes affirma Ferreira a existencia da nova Eschola:

Já esta nossa terra engenhos tem
Das Musas bem criados, *mas mal cridos*,
Que sempre o mal anda abatendo o bem.

Jorge de Monte-Mór tendo como musico da capella da princeza D. Joanna, vindo a Portugal pelo casamento do principe D. João, escreveu logo a Sá de Miranda uma Epistola em tercetos, enthuziasmado pelo seu prestigio:

De tu sciencia en el mundo florecida,
Me comunica el fruto deseado,
Y mi musa será favorecida.

Pues entre el Duero i Miño está encerrado
De Minerva el tesoro, a quien iremos
Si no a ti do está bien empleado?

En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente
Los que alcanzar lo cierto pretendemos.

André Falcão de Resende, que foi amigo de Camões, em um Soneto a Sá de Miranda *mandando-lhe uns versos*, confessa-lhe:

Mas, em que pouco dou, pois é o que tenho,
Se este ser pouco emfim lhe abate o preço,
Ante vós o abone a sã verdade.

Não apparece o nome de Camões entre a pleiada portugueza; elle conheceu o prestigio de Sá de Miranda, como se verifica pelo verso com

que o solitario da Tapada, caracterisava D. Manuel de Portugal — Lume do paço, das Musas mimoso; — Camões empregou esse nome como centão na Ode VII a D. Manoel de Portugal. A sua vida turbulenta e incerta desde 1546 em que saíu da côrte até ao embarque para a India em 1553, não deu a Camões ensejo para uma communicação espiritual com o poeta philosopho que admirava. O ascendente que elle exercia era geral; e apontavam-no como um *alto espirito*, que o rei devia consultar para as reformas da administração publica.

4.º *No remanso da provincia. Tristezas do fim da vida.* — Ficando consumado no estudo da philosophia moral e estoica, como notou o seu biographo anonymo (D. Gonçalo Coutinho), achou Sá de Miranda na poesia a expressão espontanea e ingenua do sentimento, nas emoções mais intimas da realidade da vida. Os seus versos referiam situações vividas, que o impressionaram e que elle julgava; isso dava ás suas composições um interesse, animando-as, sendo «todas ou as mais d'ellas sobre casos particulares que succederam na côrte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas d'aquelles que então viviam, de que ainda temos algumas tradições e vestigios derivados a nós dos contemporaneos que o venceram em dias; e se houvera algum que fizera uma anotação d'isto, por ventura que fôra bem agradavel historia...» O biographo anonymo, que soubera por Diogo Bernardes o viver intimo de Sá de Miranda no seu solar da Tapada

deu a verdadeira direcção á critica; aproveitando tradições dos seus contemporaneos, allude ás intrigas da côrte «concitando em seu damno uma pessoa muito poderosa d'aquella éra, em desprazer de quem se interpretava mal pela mesma inveja um logar da sua Egloga *Aleyxo*, o que sentindo elle, nem querendo declarar-se melhor, nem esperar a vista os effeitos da ira declarada — recolheu-se a huma quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da côrte...» Ficou já descripta a realidade d'esta allusão ao poderoso valido D. Antonio de Athayde, e as varias suspeitas odiosas e attribuições da Satira da *Maria Pinheira*. Lê-se no Nobiliario de Manoel Alvares Pedrosa: «Dizem que era grande amigo de João Rodrigues de Sá, senhor de Sever e Alcaide-mór do Porto, seu parente, e tambem poeta, o qual pedindo-lhe que escrevesse de Genealogias, respondeu em estes versos e outros mais, que andam em suas obras:

Senhor, é grande trabalho
Escrever de gerações;
Nem todos são Scipiões,
E podem cheirar ao alho
Gentis-homens e infanções,

Escrever com louvaminhas
Não é minha profissão:
Tirar unhas ao leão
Para pôl-as ás gallinhas
Outros o façam, que eu não. [1]

---

1 Op. cit. t. VII, fl. 215 v. Na Ed. Michaëlis, p, 524 são a est. I e III. Eis a *variante* do Ms. de Alvares Pedrosa

Sá de Miranda em uma Carta a seu cunhado Manoel Machado de Azevedo, descreve-lhe o perigo de tratar de Gerações, sem que se tope com fidalgos e ricos-homens que *cheiram ao alho,* isto é, ao povo que tem esse fartum quando se alimenta comendo o pão com alho. Por que de taes offensas resultaram terriveis vinganças, allude Sá de Miranda aos que alardeam altas prosapias:

> Dinheiro, officios, privanças
> A nobreza nos desterra;
> *Judeus* e *Mouros* na terra
> Nos trazem umas lianças,
> Que ha n'esta paz mayor guerra.
>
> Estes querem *tingir tudo*
> *Com poder mais soberano;*
> Quem não veste do seu pano,
> Convem-lhe fazer-se mudo
> Por evitar maior dano.
>
> (*Est.* V e VI.)

O commentario em prosa castelhana que acompanha estas quintilhas ainda dá mais relêvo á

---

em forma de decima com transposição de versos e deturpações:

> Escrever de Gerações
> E', senhor, grande trabalho;
> Nem todos cheiram ao alho
> *E tem nome de* Infanções.
> Nem todos são Scipiões,
> Nem é minha profissão
> Tirar unhas ao leão,
> Para pôl-as ás gallinhas;
> Escrever com louvaminhas
> Outros o façam, que eu não.

Satira que tanto escandalisara o Conde da Castanheira. A este perigo das pesquizas genealogicas tambem visa Manoel Machado de Azevedo na *Carta a seu cunhado* Francisco de Sá de Miranda:

Vosso parente e amigo
Joane de Sá-ber tanto
Descantou tanto em seu canto
Que deu n'um canto comsigo.

Descoseu linhas a tantos
(Se bem mais canonisou)!
Mas um d'esses se vingou,
Sem lhe valer estes santos.

(*Est.* 15 e 16.)

O biographo anonymo, colhendo as impressões que Diogo Bernardes conservava das visitas ao solar da Tapada, quando rapaz, ainda em Ponte de Lima, descreve-nos o aspecto e a feição moral de Sá de Miranda na sua vida intima: «grave na pessoa, melancholico na apparencia, mas facil e humano na conversação, engraçado n'ella com bom tom de falla, e menos parco em fallar que em rir..., tangia viola d'arco e era dado á musica, de maneira que com não ser muy rico tinha em sua casa mestres d'ella custosos, que ensinavam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado n'aquella arte, e contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto) que quando o ia a vêr vivendo em *Ponte de Lima patria sua*, lhe mandava tanger o filho em diversos instrumentos, e o reprendia alguma vez de algum descuido.»

E do seu estado de espirito, na previsão de futuras desgraças que resultariam da escriptura de casamento da princeza D. Maria com Philippe de Hespanha, aponta o biographo anonymo: «Foi sobrio e austero comsigo, e largo com algum excesso c'os hospedes que indifferentemente agasalhava, — e com rezam, por que se conta d'elle, que estando sem gente de cumprimento, e ainda com ella, se suspendia algumas vezes, e muy de ordinario derramava lagrimas sem o sentir; por que quando lhe acontecia á vista d'alguem, nem as enxugava nem torcia o rostro, nem deixava de continuar no que ia fallando, parece que — com a mágoa do que lhe revelava o espirito dos infortunios da sua terra...» O desmoronamento da sua felicidade domestica não o deixou assistir á desgraça publica que presentia. Confrangia-o o abandono das fortalezas de Africa, atirando-se toda a fidalguia para a chatinagem da India. Despovoava-se o reino ao cheiro d'esta canella; e já por Cabeceiras de Basto corriam os pardáos de Gôa. Mandara o seu filho primogenito servir dois annos em Ceuta para fazer jus a uma Commenda da Ordem de Christo; pouco tempo depois de ali chegar, morria tragicamente com mais cincoenta fidalgos na emboscada de Tetuão em 14 de Abril de 1553: ahi tambem pereceu seu sobrinho João Rodrigues de Sá, filho de Alvaro de Sá, e aquelle intimo amigo de Camões, o joven D. Antonio de Noronha. Sua mulher D. Briolanja de Azevedo não pôde resistir a este golpe, succumbindo em grandes angustias em 1555. No anno

anterior dera-se o falecimento prematuro do principe D. João, ficando os destinos do paiz dependentes do nascituro, que foi o degenerado D. Sebastião. N'estas amarguras, que de todos os lados o assaltavam, procurava consolar o rei D. João III, que, sob a emoção e morte do seu unico herdeiro e ultimo filho, falecia em 1557. O poeta confortado piedosamente pela geração nova que tanto o admirava, não podendo achar alento na solidão moral em que se via immerso, extinguiu-se em 1558. Não teve o gosto de contemplar os effeitos da sua iniciação litteraria; as poesias dos seus discipulos ficaram ineditas até ao ultimo quartel do seculo XVI, quando já estava perdida a autonomia da nacionalidade. O genio incomparavel que havia dar á Eschola italiana o seu maximo relêvo, e ao sentimento nacional a expressão esthetica imperecivel — Camões, estava a esse tempo vagando pelas Molucas e Extremo Oriente; morreu sem conhecer essa esperança.

Apesar de ter escripto uma boa parte das suas composições em castelhano, como purista, Sá de Miranda era um fervoroso propugnador da cultura da lingua portugueza, dando aos seus versos o matiz pittoresco e saboroso dos modismos populares. Castanheda no prologo da *Historia do Descobrimento da India*, confessa que a Sá de Miranda devia a animação para escrever as suas narrativas na lingua portugueza. Era consummado humanista, como consigna o biographo anonymo: «Soube tanto da lingua grega, que lia a Homero n'ella, e anotava de sua mão em grego

tambem...» Era o effeito da forte cultura classica dos Collegios de Santa Cruz de Coimbra; mas essa mesma florescencia, que ainda se reflectiu em Camões, estava offuscada pelo mesquinho methodo dos Collegios de Jesuitas, que monopolisaram os estudos médios, que assim apressavam a desnacionalisação portugueza. As edições antigas das Poesias de Sá de Miranda apresentam dois textos, o de 1595, impresso pelo manuscripto que andava na familia do Poeta, e o texto de 1614, que é formado atrapalhadamente sobre os cadernos remettidos por trez vezes ao Principe D. João; confessa-o o livreiro Domingos Fernandes: «Bem se mostra pelos primeiros tres Sonetos d'estes papeis, que o Principe D. João, filho del Rey D. João o III, os mandou pedir a seu Auctor por outras tantas vezes, e que elle lh'os mandou assi divididos *(quaes de cada uma, não pude alcançar)*...» A Edição fundamental de 1885, por D. Carolina Michaelis, seguiu o Manuscripto mandado ao Principe D. João, que existia na posse de Ferdinand Denis, (n.º 1 a 187), com textos ineditos e variantes do Manuscripto do Visconde de Juromenha; do Cancioneiro de Luiz Franco; do ms. da Bibliotheca de Evora, e aproveitando as versões e variantes das edições impressas de 1595 e 1614, de 1620 *(Satiras* com o retrato hoje vulgarisado) e os textos que estavam no *Cancioneiro* de Resende. As Comedias tiveram edições independentes por ordem do Cardeal Infante, em 1559 e 1560 os *Estrangeiros,* e ainda em 1561; em 1560, os *Vilhalpandos;* em

1569 os *Estrangeiros*. Foram ambas incorporadas na edição de 1784. A edição de 1885 é um verdadeiro monumento nacional de Sá de Miranda, o iniciador do lyrismo portuguez da Renascença; completamol-a com o seu poema, até hoje inedito, *A Egipciaca Santa Maria*.

3.º *Os Poetas da Medida velha*

O conflicto entre os poetas que preferiam os versos endecasyllabos, de imitação italiana, e os que mantinham as redondilhas do gosto vulgar, veiu suscitar a revivescencia da tradição lyrica das trovas de Cancioneiro, que se tinha quasi obliterado em todo o seculo XV. Notou Menendez y Pelayo: «quasi todo o capital poetico da primeira metade do seculo XV desappareceu, ficando uma grande lacuna entre os Cancioneiros da Eschola galleziana, que propriamente terminou no reinado de D. Affonso IV e o Cancioneiro de Resende, compilado nos primeiros annos do seculo XVI, com obras lyricas de auctores que floresceram quasi todos depois de 1450 e apparecem inteiramente dominados pela influencia de Castella.»[1] Esta grande lacuna pôde em parte reconstituir-se pelo Cancioneiro de Baena, em que entraram os elementos portuguezes e gallezianos no desenvolvimento lyrico da côrte de D. Juan II, Enrique IV, que se continuaram na côrte de Fer-

[1] *Origines de la Novella*, p. CCIV.

nando e Isabel, em que brilharam poetas portuguezes. Esses elementos tradicionaes refloriram em Gil Vicente nos seus Autos, em que intercala canções que são a mais pura reminiscencia das Cantigas de amigo e dos Cantares guaiados dos trovadores portuguezes dos seculos XIII e XIV, como o reconheceu e primeiro affirmou Frederico Diez. [1] Podia formar-se bem um precioso Cancioneiro compilando todos os versos e estrophes, que Gil Vicente intercalou nos seus Autos, Farças e Tragicomedias, de muitos dos quaes existe a musica hoje publicada por Barbieri no *Cancioneiro musical do seculo xv;* era possivel recompôr muitas d'essas Canções completando os seus desdobramentos. Na *Comedia de Rubena* é inapreciavel a scena em que a ama declara quaes são as Cantigas que sabe para embalar o somno das creanças:

FEIT.: E que Cantigas cantaes?
AMA: A *Criancinha despida*
Eu me sam Dona Giralda.
E tambem — *Val'me Lianor*
E *De pequena mataes, amor,*
E *Em Paris está Don'Alda*
Di-me tu, señora, di
Vamonos, dijo mi tio:
E Llevadme por el rio.
E tambem *Calbi orabi,*
E *Levantéme un dia,*

[1] *Ueber die erst portugiesischen Kunst und Hof Poesie*, p. 100.

Lunes de mañana,
E Muliana, Muliana,
E *Não venhaes, alegria,*
E outras muitas d'estas taes.
FEIT.: Deitae no berço a senhora,
Embalae, e cantae ora,
Veremos como cantaes.
AMA: (Canta) *Llevantéme un dia...*

(*Obras*, t. II, p. 27.)

Muitas d'estas Canções alludidas por Gil Vicente foram colligidas modernamente da tradição oral dos Judeus levantinos, das antigas familias expulsas de Portugal. Entre essas cantigas vem apontada a do *Velho malo,* a que tambem alludem Camões e Christovam Falcão, como revelando o fio d'essa revivescencia lyrica que se operava inconscientemente. E' por isso que certas designações de generos poeticos são empregadas pelos poetas da medida velha, como o *Solão.* Na *Cronica do Conde Pero Niño* (cap. 15) citam-se entre as formas poeticas do fim do seculo XIV as *Sonays* e *Sonies,* derivadas do seu acompanhamento a *sonajas* ou ferrinhos. Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos e D. Manoel de Portugal, alludem a esta forma poetica; assim Bernardim Ribeiro: «mas recolhidas que ellas foram aquella camera da fresta, onde dormiam, e pondo-se a ama a pençar a menina, sua criada, como sohia, como pessoa agastada de alguma nova dor se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estava pençando, cantar-lhe um cantar

á maneira de *Soláo*, que era o que nas cousas tristes se costumava n'estas partes...» (*Saud.*, cap. XXI.) Na *Aulegraphia* diz-nos Jorge Ferreira: «Que os môços de esporas que sohiam cantar de *Soláo* a vozes:

> Quebra, coração, quebra
> Quebra, que não és de pedra...

e outras do theor, emquanto os amos estavam no serão sem cuidado da sua ventura...» (*Prol.*, fl. 4 V.) Eram d'este theor as cantigas *Por amor de vós senhora* e *Coração de carne crúa*, a que allude na comedia *Eufrosina*. E caracterisando-lhe o gosto popular: «Se escreveis a lavadeira que falla frautado, morde os beiços, lava as mãos com farellos, *canta de Soláo*, inventa trovas, dá ceitis para cerejas a meninos de eschola, que lêa Autos...» (*Ib.*, p. 187.) Sá de Miranda conhecia tambem o genero, quando na Egloga IV diz:

> Que se os velhos *Soláos* falam verdade,
> Bem sabe ella por prova, como amor
> Magôa, e haverá de mi piedade.

E ainda na Egloga I em redondilhas:

> Cantando dos seus *Soláos*
> Que nos façam merecer.
> ....
> Com seus olhos vaganáos
> Bons de dar, bons de colher.

D. Manoel de Portugal deu o nome de *Soláo* a uma Elegia em tercetos, talvez pelo seu cara-

cter triste, como preconisou Garrett. E' certo que este fundo tradicional do lyrismo portuguez, que o Marquez de Santillana exprimiu na deliciosa serranilha da vaqueira de Finojosa, reapparece-nos nas Endechas á Barbora cativa de Camões, unificados pela mesma vibração do ethos luso a distancia secular.

No *Cancioneiro de Baena* (n.º 546) Villansandino, poeta gallego da segunda metade do seculo XIV, falla dos cantares de *ladino,* que se continuaram no seculo XVI até hoje entre os judeus levantinos, do exodo portuguez:

para los juglares
Yo fiz estribotes trovando *ladino*.

No Codice poetico de Gallardo (fl. 33 V), tambem se allude a este genero de origem trobadoresca:

Yo leí de limosines
sus cadencias logicales,
de las artes liberales
Prosas, Cantos é *Ladines*. [1]

Esta referencia aos Limosines confirma o sentido dos Cantos em *ledo*, do fragmento da Poetica trobadoresca portugueza, cap. IXº: «Outra maneira ha hy, en que troban dois homens et que chamam *seguir;* e chamam-lhe assy por que conven de seguir cada hun outra Cantiga a ssom,

[1] Ap. Amador de los Rios, *Hist. lit.*, t. VI. 144, not.

ou em prazer, ou en *ledo*. E este seguir se pode fazer em trez maneiras: a húa silaba et a ssom d'outra cantiga, et fazer-lhe outras palavras tão eguaes com'em as outras pera poder em ellas caber aquel som mesmos.» No Cancioneiro da Vaticana encontram-se alguns d'estes cantares em *ledo*, em que diversos trechos de Cantigas são intercalados e desenvolvidos na mesma forma em outra Canção. A Sá de Miranda chegou a tradição d'esta forma poetica:

> Antonces cantara *ledo*,
> Ora como cantaria?
>
> (Ed. Mich., 101.)
>
> Traía el rosto de *ledo*
> El coraçon de doliente.
>
> (*Id. Villanc.*, XXV)

Era este adjectivo *ledo*, empregado intencionalmente nos refrens de certos cantares de romarias, e como popular era designado como vernaculo ou *ladino*, sem mestria. Em algumas synagogas, certo numero de cantos judaicos Sephardin, são notados em melodias antigas peninsulares com a indicação em portuguez ou em castelhano (com caracteres hebraicos) *Em ladino*. Taes são os cantos *Tres colores en una*, e *La mansanica*. [1] Na edição do *Crisfal* de 1559, feita so-

---

[1] Communicação do distincto hebraisante Cardoso Bettencourt.

bre a de 1554 por judeus livieiros portuguezees em Ferrara, vem na estrophe 42:

Tendo parecer divino
pera que melhor lhe quadre
cantou cantar de *ledino*:
Yo me yva, la mi madre
a Santa Maria del pino.
O vestido lhe oulhei,
e vi que era um brial
de seda, e nam de saial,
a qual eu afigurei
a Mengua, la del boscal.

Segundo a Poetica trobadoresca portugueza é um Seguir em ledo, empregando versos de duas Canções differentes no mesmo som e em *ledo*. No *Cancioneiro musical de los siglos xv y xvi*, transcripto e commentado por Barbieri, (Madrid, 1890) encontra-se com a musica e texto, a Canção:

Mengua la del bustar,
que yo nunca vi serrana
de tan bonico bailar.

Yo me iba, la mi madre,
a Santa Maria del Pino,
vi andar una serrana
bien á cerca del camino.
Saya trala pretada
de un verde florentino...

(*Canc. Barb.*, p. 194 e 540.)

Os antigos editores de 1619 e 1721, não entendendo o verso *A Mengua, la del boscal,* emen-

daram para: *Manga larga no bocal.* E modificaram os primeiros dois versos da estancia 42:

> Tendo por parecer *benigno*
> para que melhor lhe quadre,
> cantou cantar *d'elle digno*...
> cantar cantou *de si dino.*[1]

Estas duas formas lyricas de *Cantar de Soláo* e *Cantar de Ladino*, revelam a sua epoca e origem, aproximadas pelo elemento musical commum. Em alguns psalmos, como observa Reuss, ainda se encontra a nota musical *Sélah*, embora ninguem possa dizer com certeza o seu valor. Este têrmo musicographico hebraico, pela influencia da musica rabbinica na peninsula, veiu a vulgarisar-se na designação de *Soláo*, que estava em vigor no seculo xv, em Portugal. Tambem nas Synagogas dos Judeus expulsos de Portugal, apontam-se as melodias tradicionaes das Coplas e trovas populares com a nota *Em ladino.* Houve de facto uma mutua influencia musical. O musicographo Soriano Fuertes, escreve, que desde o seculo VI Lusitanos e Gallegos se serviram das notas rabbinicas para *pontarem* as suas melodias, e por seu turno os Judeus ado-

---

[1] D. Carolina Michaelis, na *Rev. lusit.*, t. III, 347 a 362, traz um extenso artigo *Uma passagem escura do Crisfal*; e Julio Moreira, no tomo V, p. 55, preoccupado com os processos phoneticos e abstraindo da historia litteraria, interpretam *de ledino* por *d'elle dino*, contra Monaci e Menendez y Pelayo que seguiram o nosso modo de vêr como designação de um genero lyrico popular.

ptaram as linhas dos portuguezes e gallegos para notação, chegando assim, antes do seculo XIII, á forma da *musica quadrata seu mensurata,* descripta por Beda. O criterio philologico vae mais adiante do que o restricto processo phonetico.

Mas o que é apparentemente plausivel, tornase um absurdo quando o facto historico concreto se esclarece, pelo seu criterio peculiar. Em muitas Canções castelhanas é empregado o verso *Io me iba la mi madre — A Villa Verde* (Salinas citado por Milà y Fontanals) *A la romeria* (A. Rios,); as cantigas castelhanas, na epoca em que escrevia Christovam Falcão, como observara Jorge Ferreira, tinham-se apoderado dos ouvidos portuguezes. E' provavel que pela influencia de Salinas na côrte de D. João III, fosse esse cantar ladino vulgarisado. Quatro rainhas castelhanas e uma princeza tinham casado na casa real portugueza; e não seria indifferente esse facto para os celebres violistas castelhanos pôrem em musica muitas Canções portuguezas, como o observou Pedrell no livro de Luiz Milan, que fora chamado á côrte portugueza, e dedicou a D. João III em 1535 o seu *Libro de Musica;* n'elle se acham quatro Canções portuguezas:

— Levaes-me, amor, d'aquella terra,
— Fallae, meu amor, fallae-me,
— Pois dizeis que me quereis bem.
— Quem amores tem . . .

Apesar de terem acabado os Serões do paço, pela morte de D. Manoel e successivas pestes que

alvoroçaram a côrte, o lyrismo trovista era cultivado pelas exigencias do galanteio do paço. D. Francisco de Portugal revela-o na *Arte de Galanteria*, sustentando a medida velha: «Las *Decimas* no se les cerrerá la puerta del palacio... las otras modas de versos hizieranse para leydos, e estos para sentidos...» E justifica a preferencia das damas pelas redondilhas: «ni ay muger que apeteça versos si no aquelles que tienen pocas syllabas, pensamientos vivos y mucho ayre...» A esta influencia da galanteria do paço se deve attribuir a revivescencia das trovas de redondilha a que Sá de Miranda deu a extrema belleza nas suas Cartas ou Satiras, Caminha, D. Manoel de Portugal e o proprio Camões, em que Lope de Vega o considerava superior ás suas mais bellas composições do gosto italiano. Por vezes esses poetas escreveram em castelhano; não era o desdem da lingua nacional; era a exigencia da côrte, como se lê na *Arte de Galanteria:* «las coplas castellanas son las mas proprias para palacio...» O poeta Chiado descreve a corrente do gosto:

> Porque a trova para ser trova
> não presta se não fôr fina,
> delicada, cristallina,
> fundada em cousa nova;
> se assim fôr, fica divina.

FARIA: Para fazer um *rifão*,
mote, cantiga ou trovar,
d'onde se hade começar?

CAPELL.: Da mesma discrição.

(*Obr*. p. 31.)

Este caracter mantiveram alguns dos poetas que não acceitaram a eschola italiana, como D. Luiz da Silveira, que ainda brilha no Cancioneiro de Resende, auctor das *Trovas moraes*, que são memoradas pelo Chiado na *Pratica de oito Figuras;* Jorge Ferreira de Vasconcellos, com a *Carta* em redondilhas achada entre os seus papeis e juntada á *Aulegraphia;* as *Coplas do Moleiro,* de Luiz Brochado, e os *Letreiros sentenciosos, Avisos para guardar, Regra espiritual* e *Petição ao Commissario*, de Antonio Ribeiro Chiado, a *Malicia da mulher,* de Balthazar Dias, com o seu sabor satirico, definem a indole dos Trovistas.

O lyrismo de Cancioneiro vibrava agora com uma intensidade amorosa, que vencia a expressão reflectida da eschola italiana; n'esse verso de redondilha exprimiam os apaixonados poetas a realidade do sentimento profundo que os dominava. São incomparaveis por esta verdade psychica as Eglogas de Bernardim Ribeiro, e o *Crisfal,* de Christovam Falcão. Não surgiu ao acaso esta inspiração, tem antecedentes, que materialmente se determinam na predilecção dos Motes velhos tomados de Villansandino, de Juan Rodriguez del Padron, e de Garci Sanchez de Badajoz, cujo *ethos* se comprehende pelo seu lusismo de raça, que depois de ter influenciado na evolução da poesia castelhana, veiu fazer vibrar no mesmo unisono os poetas portuguezes. O thema da novella de Juan Rodriguez del Padron *Siervo libre de amor*, em que é assassinada uma donzella por ordem do pae do joven que a ama deli-

rantemente, veiu acordar no espirito de Garcia de Resende o sentimento da belleza poetica do caso pathetico de D. Inez de Castro, que elle tratou em bellas trovas que incluiu no seu Cancioneiro geral. A admiração pelos versos cheios de vehemencia de Garci Sanchez de Badajoz, vinha d'esse mesmo influxo do lusismo em que elle continuava a vibratilidade affectiva de Macias el Enamorado, Padron e Villansandino. Uma imitação do *Infierno de Amor* de Garci Sanchez de Badajoz apparece no *Fingimento de amores* de Diogo Brandão; *(Canc. ger.*, II, 227) assim como o *Memento* de Bernardim Ribeiro, que parodiava o officio de defunctos, na expressão pathetica da sua decepção amorosa. São numerosas as referencias aos versos tomados proverbialmente de Garci Sanchez pelos poetas portuguezes. No seu valioso estudo do auctor do *Infierno de Amor,* das *Lamentações* e das *Lições de Job,* D. Carolina Michaelis fixa a época e a extensão da influencia d'esse que enlouqueceu e se finou por amor, entre os nossos quinhentistas. De 1527 por diante determina uma série ininterrupta de imitações, glosas, elegias e satiras de — João de Barros, Jorge Ferreira de Vasconcellos, D. Francisco de Portugal, Sá de Miranda, Camões, Caminha e D. Francisco Manoel de Mello.

«A Portugal a fama dos amores e devaneios assim como do talento do pobre louco, chegou mais tarde, sendo divulgada por trez vias: em letra redonda pelos Cancioneiros e Pliegos sueltos; verbalmente, nas azas do bel-canto, tão cul-

tivado na côrte de D. Manoel e D. João III, emquanto o genio de Gil Vicente animava os Serões; e tambem por tradição espalhada pelos cortezãos que voltavam de missões diplomaticas á côrte hespanhola (exemplo D. João Manoel, Ruy de Sande, D. Luiz da Silveira). João de Barros na *Ropica pneuma* (Mercadoria espiritual) falla d'esta exagerada influencia dos apaixonados trovistas; censurando os prégadores que os citavam nos seus sermões: «Sabes, Razam, o que me causou leixar a theologia? Vêr estar um prégador quebrando a cabeça a si e a todolos ouvintes volteando no pulpito todo um sermam. E não lhe fica Garci-Sanchez de Badajoz, nem D. Jorge Manrique com a contemplaçam de *Recorde el alma dormida*, nem D. João de Menezes com *Quem tem alma não tem vida*,... nem quantos Sonetos fez Petrarcha a madame Laura, que todos não alegue.» Nas Comedias de Jorge Ferreira de Vasconcellos determinou D. Carolina Michaelis bastos trechos e referencias; das *Lamentações* na *Ulyssipo* (fl. 224 V): «E gabam-vos Castellanos o seu Mancias e todos esses outros bebados do *Inferno de Amor* de Garci-Sanchez, que nem elle me toma a palha.» *(Ib.*, fl. 96 V). Um outro personagem na sua jactancia metromanica, exclama: «Ora ouvi rimar! vereis se chegou aqui nunca Badajoz!» *(Ib.*, fl. 162 V.) Jorge Ferreira tambem faz fallar o desdem contra os poetas da medida velha, chamados *musicos de fantasia sem arte*, na *Aulegraphia:* «quando... diziam *En tus manos (la mi vida encomendo)*

então logo morriam. Vinham os Testamentos, e... os *Infernos de Amor*. E todo era aire.» *(Ib.*, fl. 78 V.) E na *Ulyssipo:* «o parvo do Mancias foi desprezado, e o doudo de Garci-Sanchez ficou en aire... e o Guevara escarnecido...» (fl. 233.) Na *Eufrosina* oppõe-lhe a nova corrente do gosto: «essas vaidades de amores passaram: e esse cabrão de Juan Rodrigues del Padron, se vivera agora, andara ás canastras e essoutro Badajoz deram mil sapatadas.» (fl. 293.) Jorge Ferreira distingue aqui o musico Badajoz da capella de D. João III e tambem poeta de Cancioneiro, citado por Gil Vicente, na farça de *Inez Pereira, d'esse outro*, que morrera louco e de amores. Camões cita uns versos das *Lamentações*, — *ansias y passiones mias*, no Auto dos *Anfitriões*. (acto II, sc. 3) ao qual tambem allude Jorge Ferreira, na comedia *Ulyssipo:* «Vós, como vos tirarem *de ancias y passiones mias* e *Quando Roma conquistaba*, perdeis logo a concorrente.» (act. V, sc. 7.) Pedro de Andrade Caminha glosou a cantiga de Garci Sanchez, *Justa cosa fue quereros* (n.º 267-8); e paraphraseou a Esparsa *El grave dolor estraño;* Caminha, Gregorio Silvestre e Estevam Rodrigues de Castro glosaram-lhe a cantiga *Tan contente estoy de vós;* é tambem de Garci Sanchez o mote glosado attribuido a Camões: *Olvidé y aborreci:*

> Hase d'entender assi.
> que yo fuy enamorado,
> pero despues que la vi
> olvidé y aborreci,
> a quantas hove mirado.

A discrição era condição para ser bom trovista; isso possuia Garci Sanchez de Badajoz, cujos ditos eram allegados, como vemos na *Arte de Galanteria,* de D. Francisco de Portugal: «Preguntó uno á Garci Sanchez, por qué causa, habiendo hecho tan buenas coplas, las hacia entonces tan malas? y respondió: — Porque agora no ando namorado.» *(Ib.,* p. *72.)* Foi esta causa flagrante que intensificou o genio de Bernardim Ribeiro, e que inspirou a Christovam Falcão a sua namorada Egloga do *Crisfal,* que prevaleceu sobre todos os grandes coplistas e trovistas castelhanos que eram conhecidos em Portugal no seculo XVI.

Christovam Falcão

Quando em 1871 reimprimimos as rarissimas obras de Christovam Falcão, a Egloga de *Crisfal,* a *Carta, Cantigas, Esparsas* e *Sextinas,* sobre o texto da edição de Colonia de 1559, conheciam-se apenas da sua biographia os dados genealogicos consignados por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* (I, 573), que Innocencio apreciava com um scepticismo vago: «A sua biographia é hoje pouco menos que desconhecida, e o que d'elle nos diz Barbosa, abunda em faltas e incoherencias taes, que é sobremaneira difficil chegar a conclusões seguras.» *(Dicc. bibl.,* II, 68.) Atacámos esse problema historico, chegando pelo criterio litterario a um ponto de vista de conjuncto, que ficou definitivo; mas os factos

particulares ou de detalhe, que dependiam de descobertas especiaes, é que foram levando por aproximações successivas á formação de uma biographia clara e fundamentada. Todos os erros e incoherencias de factos desde 1871 até hoje, exemplificam o processo methodologico; verifica-se por elle a verdade d'este juizo de Renan: «Em historia concreta, e em que os detalhes é que se prestam mais ou menos á duvida, em consequencia do caracter legendar dos documentos, *a hypothese é indispensavel.*» (*Os Apostolos,* p. VI.) Em um problema com incertos elementos para a sua resolução e lacunas que embaraçam a solução definitiva, só ha conclusões exercendo a critica por *aproximações successivas* e *n'uma direcção constante.* (E. Corra.) Na marcha d'este processo novas descobertas annullam opiniões anteriores, outras recebem coherencia pelo estabelecimento dos synchronismos, e achados isolados casualmente por quem não visa á construcção do conjuncto, decidem do exito convertendo o problema em resultado positivo. Os estudos biographicos sobre Christovam Falcam fundam-se em *trez aproximações successivas* subordinadas a uma direcção constante:

1872 — No livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 140 a 178, entraram os factos concretos genealogicos da *Pedatura Lusitana,* de Christovam Alão de Moraes (Bibl. do Porto, Ms. 441, fl. 485 V.): «CHRISTOVAM FALCÃO, foi o que fez as *Trovas* que chamam de *Chrisfal.* Este nome deduzido das primeiras syllabas do nome e

sobrenome d'este Christovam Falcão. *Não casou, porque não foi com sua dama, que segundo dizem foi D. Maria Brandão, filha de João Brandão, de Coimbra, e foi para a India onde morreu.*» E tratando da genealogia d'este João Brandão, dá-o como: «Filho de Alvaro Gonçalves Brandão, do qual herdou o officio de Contador do Porto; casou com D. Brites Pereira...» E entre os filhos enumera:

— Diogo Brandão.
— Fernão Brandão.
— D. Joanna Pereira.
— D. Filippa Pereira.
— *D. Maria Brandão*, mulher de *Luiz da Silva, que morreu em Tanger.*»

Foi sobre estes dados que interpretámos a Egloga; ora, como Diogo Brandão succedera a seu pae como Contador do Porto por carta de 19 de Abril de 1501, tivemos de collocar Christovam Falcão no principio do seculo já adolescente, e investigando a hypothese das relações poeticas com Bernardim Ribeiro, interpretando a Egloga I. Importa reconhecer que estes dados genealogicos são lendarios, e como taes sujeitos a ratificações especiaes.

1897 — No livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, p. 325 a 424, retomámos novamente o problema biographico de Christovam Falcão, com o auxilio dos documentos officiaes investigados na Torre do Tombo; os varios homonymos que figuram n'esses documentos, prestavam-se á localisação do poeta Christovam Falcão no principio

do seculo XVI. Os documentos da sua ida a Roma e carta sua escripta em 1 de Outubro de 1542 a D. João III; a carta de perdão passada ao poeta em 16 de junho de 1551, em nada prejudicavam a construcção biographica sobre os dados genealogicos da *Pedatura Lusitana;* nem mesmo a sua representação a D. João III sobre um seu sobrinho orfão.

1907 — Desmoronam-se os factos lendarios da *Pedatura Lusitana* de Alão de Moraes; o sr. Braamcamp Freire nas suas investigações sobre a Feitoria de Flandres, em 1907 descobre que esse

— João Brandão, não é o Contador do Porto, mas *João Brandão Sanches,* nomeado Feitor de Flandres, por carta de 8 de Agosto de 1509, o qual morrera em fins de Agosto de 1526 deixando uma filha unica:

— *Maria Brandão a do Crisfal,* que ficara ainda de menor edade (portanto não podia ser a terceira filha do Contador do Porto); que pela carta de quitação de 28 de Agosto de 1555, da gerencia de cinco annos e nove mezes (1 de Dezembro de 1520 a fins de Agosto de 1526) foi entregue o saldo *ao genro* de João Brandão Sanches, Luiz da Silva *de Menezes,* consequentemente sendo já falecida Maria Brandão, representada por seus filhos. Portanto, eliminação de Luiz da Silva *Capitão de Tanger,* na *Pedatura lusitana,* que é emendada conforme os documentos da Feitoria de Flandres, pelos nobiliarios de Diogo Gomes de Figueiredo, de Rangel de Macedo, (fl

365 V), e *Familias de Portugal*, (fl. 63 V), de Manso de Lima.

Depois d'estas trez ratificações ou aproximações successivas, faltava destrinçar entre os varios homonymos o Poeta, que pela sua edade dos amores referida na Egloga condissesse com a menoridade de Maria, e seu casamento a furto.

Foi este o retoque do sr. Delphim Guimarães substituindo o Cavalleiro pelo *môço fidalgo* Christovam Falcão, que á data de doze annos feitos fôra inscripto na Matricula da Casa Real por Alvará de 30 de Janeiro de 1527. [1]

Com todas estas acquisições de factos concretos substituindo as hypotheses indispensaveis, podemos dar toda a firmeza ao ponto de vista de conjuncto da historia litteraria.

1.° *Personalidade de Christovam Falcão.* — D'entre os numerosos homonymos, que tanto embaraçaram as investigações historicas, destaca-se este vulto immortalisado pela paixão amorosa a

---

[1] Em carta de 25 de Novembro de 1908, agradecendo a offerta do seu livro *Bernardim Ribeiro (o Poeta Crisfal)* lhe expuzemos: «acabando de fazer a destrinça entre o Poeta e seu primo mais antigo, deu-me elementos para uma melhor interpretação das Eglogas de Bernardim Ribeiro, (eliminadas as relações com Christovam Falcão) e mostrando como realmente as poesias d'aquelle, como mestre, influiram no mais môço, que como novel chega a fazer centões e intercalações de versos de Bernardim Ribeiro.» Mereceram estas palavras uma objurgatoria de 168 paginas com o titulo *Theophilo Braga e a Lenda de Crisfal*.

que deu a mais bella expressão lyrica. Foram seus paes João Vaz de Almada Falcão, Capitão da Mina, que segundo os testemunhos do tempo, *por bem servir não trouxe dinheiro e por isso viveu e morreu pobre*, e D. Brites Pereira, de uma honrada familia de Portalegre. Teve o poeta mais trez irmãos, Damião de Sousa Falcão, Barnabé Falcão e Briçaida de Sousa, que authenticam com factos e datas o schema da sua vida.

A data do seu nascimento fixa-se-lhe pela admissão á *matricula de moço fidalgo*, que se fazia normalmente aos *doze annos* de edade, como o confirma Duarte Nunes de Leão, na *Descripção do Reino de Portugal*, ajuntando: «o costume dos Reis de Portugal he não sómente dar sustentação a seus criados, mas de lhe tomarem por creados os filhos que têm, *como vem a idade de doze annos*, succedendo a seus paes no fôro em que em sua casa estão, e lhes dão a moradia que seus paes vencem; e ha para isso Livro de Matricula em que todos se assentam para se saber quando o filho vence o que tinha seu pae, e o que se dá, he certa cousa por mez, que se paga aos quarteis do anno: isto chamam moradias, por que os criados del Rey são moradores de sua Casa.» (p. 304.) Na Lista das Moradias da Casa Real, é designado Christovam Falcão como *môço fidalgo;* e na Ementa do Livro VII do registo das Moradias fl. 127 V, lê-se:

«Item, *Xpouão Falcão*, filho de João Vaz de Almada, haverá todo este quartel por mercê, sem cevada ao respeito: III rs. (3$000 rs.)

«Recebeu em Lisboa a xxx de Janeiro de mil quinhentos e vinte sete, por Simão Lopes por uma *procuração de seu pae*, pera os trez mil reaes.»

Deprehende-se por este documento que tinha os *doze annos* em 1527, [1] entrando logo no goso do privilegio da fidalguia, e portanto nascido em 1515, pagando-se-lhe *todo o quartel por mercê*, isto é, sem estar vencido.

Sobre esta data precisa fixa-se tambem a epoca dos precoces amores com Maria Brandão, em que fez o casamento a furto ou clandestino, a que se considerava obrigado pelas condições exigidas para a sua validade pelas Constituições do Arcebispado de Lisboa. Ahi se lê, no titulo VIII, constituição 1.ª, que para o casamento a furto ser valido bastava ter o noivo *quatorze annos* e a noiva doze: «Porêm se o homem fôr de *quatorze* e a mulher de menos de *doze;* ou a mulher de *doze* e o homem menos de *quatorze,* aquelle

[1] Escreve o Dr. Raul Soares: «de um documento de 1527, transcripto sem maior exame por Th. Braga, se vê que o poeta era então de *menor edade*, visto que era representado por procurador do pae. E é interessante observar, que *n'este documento, de onde decorre a menoridade de Falcão* em 1527, é que se fundava o infatigavel polygrapho para datar d'aquella epoca a frequencia do poeta no Paço = e as suas relações com Bernardim e Miranda = não ha nada que estranhar uma vez que, segundo resulta do estudo do snr. Delfim Guimarães, Falcão não podia ter sido amigo e companheiro de Bernardim e Miranda, pela desproporção de edade entre estes e aquelle.» *(Estado de San Paulo*, de 27-III, 907.)

que he em edade perfeita não se deve arrepender, e deve esperar até que o outro venha á sua edade perfeita; e se ho contradisser, poderá cada hum fazer de si o que lhe bem vier.» Relacionando os factos: tendo Christovam Falcão *môço fidalgo*, doze annos em 1527, achava-se nas condições canonicas para fazer o casamento a furto em 1529, logo que prefez os quatorze annos, entrando na puberdade. Maria Brandão ainda não tinha completado os doze annos, como se infere da Egloga, e se comprovará pelos dados chronologicos:

Sendo de pouca edade,
Não se vêr tanto sentiam,
Que o dia que se não viam.
Se via na saudade
O que se *ambos* queriam.

(*Est. 2.*)

E com quanto *era Maria*
Pequena, tinha cuidado
De guardar melhor que o gado,
O que lhe Crisfal dizia;
Mas, emfim, foi mal guardado.

(*Est. 3.*)

Quando vos dei a vontade
Inda vós ereis menina,
E eu de pouca edade:
Mas caíu minha mofina
Sobre a minha verdade.

(*Est. 84.*)

Mas que fosse assi e mais,
Que remedio vos dão,
Com quem conselho tomaes
A' grande obrigação
Em que a Deus me estaes?

Pela estrophe 88 se vê que a familia de Maria sabendo do casamento a furto, persuadiu-a a que podia arrepender-se porque não tinha a *edade perfeita* dos doze annos.

> ...dizem, que eu *môço era*
> Ao tempo que isso foi ser,
> Como tempo de crecer,
> Tinha, que assi *justo era*
> *Tel-o de me arrepender.*
> Isto e mais se me diz;
> Crê que te fallo verdade;
> Pois *não tinha liberdade*
> *Pera fazer o que fiz,*
> *Por minha pouca vontade.*

Estes contornos vagos precisam-se com datas officiaes relativas a João Brandão Sanches, pae de Maria; e sendo o casamento a furto em 1529, tendo o poeta *quatorze annos*, Maria que ia ainda nos onze, por isso que podia *arrepender-se*, nascera por 1518. E' aqui que cabem as noticias sobre João Brandão Sanches: era filho 2.º de Isabel Brandão e de João Sanches (filho de Antonio Sanchez, fidalgo *castelhano*, que vivia no Porto e de sua mulher Filippa ou Brites Aranha.) [1] Referem os linhagistas citados, que João

[1] Além d'este filho, tiveram outros muitos, entre os quaes se enumeram *Diogo Brandão Sanches* e *Fernão Brandão*, tios de Maria *a do Chrisfal*. Nada tem que vêr com esses dois poetas do Cancioneiro geral, Fernão Brandão e Diogo Brandão, filhos de João Brandão o velho Contador do Porto. Esta homonymia explica o equivoco de Alão de Moraes na *Pedatura lusitana*.

Brandão Sanches fôra Feitor de El-rei em Flandres, que era vereador em Lisboa, quando D. Affonso de Castello Branco e João Fogaça quebraram os escudos pela morte do rei D. Manoel; e commendador de S. João de Cabanas, na Ordem de Christo, por meado de 1516. Casou com Guiomar de Refoyos, filha de *Pantalcão* Dias de Landim e de Maria de Refoyos. Pelos documentos da Feitoria de Flandres, agora publicados no Archivo Historico, sabe-se que João Brandão Sanchez em 1 de Janeiro de 1509 começou a servir o cargo de Feitor em Flandres (Agente financial), que exerceu até 27 de Agosto de 1514. D'esta data até 18 de Junho de 1520, em que por alvará d'esse anno foi segunda vez encarregado da Feitoria de Flandres, é que permaneceu em Lisboa, onde esteve como vereador, sendo por mercê nomeado commendador de S. João de Cabanas, na Ordem de Christo. Começou a servir pela segunda vez em Flandres, em 1 de Dezembro de 1520; Carlos v, intercedeu junto do seu cunhado D. João III, em 28 de Fevereiro de 1522, para que conservasse João Brandão como Feitor em Flandres, e de facto ahi ficou até 1526 em que faleceu. Foi portanto no seu regresso a Lisboa, que João Brandão Sanches casara com Guiomar de Refoyos, por 1517, vindo a nascer-lhe a sua filha unica Maria Brandão, que os linhagistas distinguem como a do *Crisfal*. Ficou ella orfã com outo annos de edade; ahi perto dos doze annos, por 1530, é que os amores infantis com o filho de João Vaz de Almada Falcão tomaram a forma

de um casamento clandestino, segundo o costume do tempo e sanccionado pelas Constituições canonicas. O logar em que se viveu esse delicioso idyllio é indicado logo no começo das *Trovas do Pastor Crisfal:*

> Entre Cintra, a mui presada,
> E serra do Ribatejo,
> Que Arrabida é chamada,
> *Perto d'onde o rio Tejo*
> *Se mete na agua salgada:* . .

Em Oeiras, aponta o erudito empregado da Bibliotheca da Ajuda, Jordão de Freitas, como a localidade em que pastorearam as duas namoradas crianças por terem ahi bens os parentes de Maria:

> um pastor e pastora,
> Que com tanto amor se amaram;
> Como males lhe causaram
> Este bem, que nunca fôra,
> Pois foi o que não cuidaram.

E' no enlevo d'este poema vivido que o casamento a furto é denunciado á familia da juvenil Maria Brandão:

> Que depois de assim viver,
> N'esta vida e n'este amor,
> *Depois de alcançado ter*
> *Maior bem* para mór dôr,
> *Se houve emfim de saber.*
> Por Joanna outra pastora,
> Que a Crisfal queria bem.
> . . . .
> A qual, logo aquelle dia
> Que soube de seus amores,
> *Aos parentes de Maria*
> *Fez certos e sabedores*
> *De tudo quanto sabia.*

A familia de Maria sabia da pobreza do Capitão da Mina, orgulhoso da sua fidalguia, e achou máo o partido, persuadindo a menina a dar-se *por arrependida* do passo irreflectido:

> Crisfal *não era então,*
> *Dos bens do mundo abastado,*
> Tanto como de cuidado...
>
> E como em a baixeza
> De sangue e pensamento,
> E' certa esta certeza:
> Cuidar que *o merecimento*
> *Está só em ter riqueza,*
> Inquiriram, que teria,
> E do amor não curaram,
> Em que bem se descontaram
> Riquezas, que falecia
> Por males, que sobejaram.

Considerámos ser a *Joanna,* que denunciara Maria á familia, sua prima afastada Joanna, casada com João Patalim; oppõe Jordão de Freitas ser ella neta de um quarto avô de Maria, não condizendo com a causa da denuncia d'essa outra pastora, «*Que a Crisfal queria bem.*» E' esteril a investigação d'esta minucia. O idyllio converteu-se em tragedia; o austero Capitão da Mina pezou com toda a auctoridade paterna do velho direito romano de vida e de morte sobre o filho e conservou-o encarcerado: «*lá esteve preso no Castello,*» como o authentica uma carta dirigida a D. João III. [1] Na Carta, que se segue á Egloga,

---

[1] *Corpo diplomatico,* t. V, p. 171.

descreveu o poeta a sua deploravel situação; tem a rubrica historica: «*Carta do mesmo*, (Crisfal) *estando prezo, que mandou a ũa senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ela, os quaes a queriam casar com outrem, sobre o que faz, segundo parece, a passada Egloga.*» [1]

> Mal cuja dôr se não crê
> De *prisão* e de ausencia;
> Pois sem peccar, penitencia
> Faço *detraz de uma grade*.
> Meus olhos da escuridade
> Já não vêem, já estão mortaes;
> Mas para que era vêr mais,
> Dês que vos elles não viram,
> Dês que de vós se espediram?
> Bem se enxerga nos danos,
> *Que estou preso ha cinco annos*,
> A fóra os que heide estar
> Passando a desejar,
> O tempo que vos não vejo.

E' importante este facto, que logicamente se colloca de fins de 1530 a principios de 1536.

Um caso analogo nos revela o poeta do Cancioneiro geral, Alvaro de Brito em umas coplas *a sua dama estando prezo:*

> Por vós, minha esperança
> fim de todo meu desejo,
> de meus cuydados lembrança,
> emparo da esquivança
> dos males em que me vejo.

---

[1] Edição de Ferrara, de 1554, fl. 147 ℣. Na sua edição das *Trovas de Crisfal*, Delfim Guimarães supprimiu esta rubrica essencial.

Por vós vivo tam penada,
vida triste de tal sorte,
de esperança tam roubada
que desejo ver trocada
minha vida pela morte.

(Canc. ger. I, 359.)

Não é um facto isolado a prisão por amores. N'esta compressiva solidão e desalento moral, contrahiu Christovam Falcão um *estado de poesia*, ou subjectividade, que o elevava á expressão lyrica das suas emoções vividas, das suas esperanças e incertezas.

A situação de Maria é-nos descripta na Egloga:

Defendem-me meus parentes
Que te não falle e não veja.
....
Porque me dão a certeza
Por que fazem conhecer-me,
O que eu hei por gran crueza,
O amor que mostras ter-me
Ser só por minha riqueza.

A sahida de Christovam Falcão do carcere do Castello, onde o pae o teve preso, faria com que Maria Brandão fosse afastada para longe, para casa de seus parentes de Elvas: dil-o a Egloga;

Quando eu comtigo fallei
Aquella ultima vez,
O chôro que então chorei
O que o teu chorar me fez,
Nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira,
Mas começo da paixão,
Passando-me eu então
Para o *Casal da Figueira*
Do Val de Pantaleão.

Um Fernão Brandão, de Evora, apparece como tendo herdado o *Casal de Pantalião.* Jordão de Freitas acha n'este verso: Do *Val de Pantalcão* um designativo que lembra o nome do avô materno de Maria, *Pantalcão* Dias de Landim. Trataram de casal-a com um fidalgo de Elvas; foram falhando as propostas, a que allude o poeta em um estrophe da edição das *Trovas de Crisfal,* sem data:

Muitos pastores buscaram,
Mas hũ por ser-te amigo,
E outro por ser-te enemigo,
Um e outro se excusaram;
E dam-lhe logo commigo,
Gado que farão mil queijos;
Mas o com que se despediam,
E' já mostrar que temiam
Que o sabor dos teus beijos
Na minha bôcca achariam.

A edade ia exacerbando o temperamento de Maria Brandão, e tornava-se difficil sequestral-a ao influxo do apaixonado poeta já com os bons vinte e tres annos. Ella tinha primas e tias que eram freiras no Convento de Lorvão; lá a clausuraram. O poeta o declara na Egloga:

Então descontentes d'isto
Levaram-a a longes terras,
Esconderam-a antre as serras
Onde o sol não era visto,
E a Crisfal deixaram guerras.
. . . .
Sobre as Serras de *Lor-*
Vão alli grandes montanhas
De alguns valles abertos,
Todos de soutos cobertos..

No mosteiro de Lorvão era freira D. Cathe-

rina Brandão, filha de Luiz Brandão Sanches, prima de Maria, e tias paternas, e dos Brandões de Coimbra. A vida da grandiosa communidade era como a do lendario Mosteiro de Farfa, chegando o rei D. João III a enviar um clamoroso relatorio ao papa. Maria Brandão teve de submetter-se a acceitar um qualquer casamento que lhe impoz a familia. Casou com um fidalgo de Elvas, como refere Barbosa; nos Nobiliarios apontam-se trez homonymos Luiz da Silva, confirmando-se por documento official Luiz da Silva de Menezes, filho de Ruy Gomes da Silva e de D. Urraca de Moura. [1] O poeta falla com magoa d'este casamento, sem piedade:

> E depois que me chegou
> A perder vida e sentido,
> *Escolheu outro marido,*
> Que n'ella o premio gosou
> Do meu amor merecido.

D'este consorcio nasceram dois filhos: Francisco da Silva e Margarida da Silva. Parece que D. Maria Brandão era já falecida em 1555; porque na Quitação de 28 de Agosto d'esse anno passada *aos herdeiros* de João Brandão Sanches da sua gerencia da Feitoria de Flandres de 1 de Dezembro de 1520 a fim de Agosto de 1526, vem:

---

[1] Os homonymos são:

— *Luiz da Silva*, filho de Tristão da Silva e de D. Margarida de Arça (primo de D. Maria Brandão).

— *Luiz da Silva*, filho de Fernão de Oliveira e Sousa e D. Guiomar da Silva, com moradia na Casa do rei D. Manoel.

Luiz da Silva de Menezes, *genro e herdeiro do dito João Brandão.* [1] Por esta quitação pertenciam: «52$462 réis no Almoxarifado de Moura á mulher e *herdeiros* de João Brandão, que lhe sam devidos pelo cumprimento da pagua... a 5 de Novembro de 526.» [2] Falla-se n'essa quitação em *herdeiros*, que seriam os dois netos do Feitor, como representantes de D. Maria Brandão, e o *genro*, herdeiro da meação de sua filha unica, que a este tempo já não era viva.

---

[1] *Archivo historico*, vol. VI, p. 402. Braamcamp Freire infere que João Brandão dois mezes e meio depois do fim de Agosto, já era falecido. Todos estes dados nos trazem por *approximações successivas* á verdade.

[2] *Archivo Historico*, vol. VII, p. 321.

Tendo determinado estas datas authenticas é deploravel esta declaração do sr. Braamcamp Freire no Archivo Historico, vol. VI, p. 402: «do catalogo porém limitar-me-ei agora a extrahir os nomes dos officiaes da Feitoria, reservando-me para aproveitar *d'elles um dado importante para a biographia de Maria Brandôa, já coitadita!* quando este estudo apparecer a publico, *apeiada de heroina de Crisfal.*» Qual esse dado importante? Foi a Quitação de 28 de Agosto de 1555, á *mulher e herdeiros* de João Brandão; quer dizer, que Maria Brandão a esta data era falecida e representada por seus filhos herdeiros do avó. Em que pode este facto apear *Maria Brandão coitadita, de heroina do Crisfal?* Vê-se que encontrou datas e um mais seguro Nobiliario, mas deu provas de desconhecer tanto o quadro biographico, a ponto de communicar «que os estudos (do sr. Delfim Guimarães) haviam logrado convencel-o. E por tal fórma o convenceram que — logo abandonou a rotina, não carecendo para isso que a sentença sobre a prova passasse em julgado — como teve a bondade de enviar-me a prova typographica de uma passagem do seu estudo entrado no prelo, em que o conceituado escriptor confessa publicamente que Maria Brandão, a lendaria amada de Crisfal passara á historia.» (*Theophilo Braga e a Lenda do Crisfal*, p. 26.)

2.º — *Quando foram escriptas as Trovas do Crisfal.* — Tendo sido denunciado o casamento a furto de D. Maria Brandão feito *antes* dos doze annos, por 1530, a sua familia, que por isso o não considerava valido, afastou-a em 1531 do namorado môço Christovam Falcão e este pela dura auctoridade paterna ficou encarcerado durante *cinco annos* até 1536. A sua emoção poetica foi subitamente exaltada pela leitura da mais apaixonada das cinco Eglogas de Bernardim Ribeiro, a unica publicada em vida do desgraçado poeta, quando já avançava para a decadencia irremediavel do seu espirito. Appareceu em um folheto in-4.º, de quatro folhas a trez columnas sem numeração de paginas: *Trovas de dois Pastores*, S. Silvestre e Amador. *Feytas por Bernardim Ribeyro.* Novamente empremidas. Com outros dous romances com suas grosas, que dizem: *O' Belerma.* E *Justa fué mi perdiciön.* E *Passando el mar Leandro.* Semi-gothico. Lisboa, 1536. E' uma primeira redacção da Egloga III, das edições de 1554, 1557, 1559 e 1578; o poeta não teve conhecimento d'esta publicação avulsa, confiado talvez o texto ao amigo representado no dialogo dos dois pastores, que piedosamente o valorisara. E' certo que essas *Trovas* foram conhecidas por Camões, que glosou nas suas Redondilhas as coplas *Justa fué mi perdicion,* como de Boscan, por erro exclusivo d'essa folha volante. A intensidade da expressão apaixonada e tragica de Bernardim Ribeiro, que pelo desmoronamento da sua vida authenticava a verdade da sua linguagem

actuou immediatamente no espirito de Christovam Falcão, em plenos vinte e um annos e ainda com o coração sangrando. Essa leitura inspirou-lhe a narrativa dos seus desventurados amores, na mesma fórma de decimas em redondilhas, no mesmo estylo pastoril, movimentando as situações com dialogos, matizando-as com esparsas lyricas. O proprio titulo foi moldado pelo das *Trovas de dous Pastores*, tambem em 4.°, em 8 paginas a duas columnas não numeradas, sem data nem logar, com o titulo: *Trovas de hum pastor por nome* Crisfal, [1] texto fundamentalmente differente da lição de Ferrara e Colonia, e tendo uma estrophe a mais. As cem decimas de que consta essa Egloga não podiam ser compostas e impressas n'esse anno de 1536, em que appareceram e se generalisaram as *Trovas de dois Pastores;* e embora ambas as composições nos mesmos caracteres gothicos do mesmo corpo, tenham tambem vinhetas representando o pastor com capuz e cajado podem justificar a impressão do *Crisfal* em 1546, como observaremos mais adiante. Foi esta a edição do *Crisfal* conhecida por Camões e por Diogo do Couto; este citando: *aquellas antigas e nomeadas Trovas de Crisfal*, e Camões intercallando versos d'ellas na sua Carta de Africa em prosa de 1547. Não sendo esta folha assignada soube Diogo do Couto quem era o seu auctor, talvez revelado pelas suas relações com Camões;

---

[1] Bibl. nacional de Lisboa, *Miscellanea* n.° 218, 2.ª serie.

essa edição anonyma desappareceu totalmente, e em 1554 era impresso um texto diverso do *Crisfal,* com moderna classificação litteraria e declarando o nome do auctor: *Hûa mui nomeada e agradavel Egloga chamada* CRISFAL, *que diz:* Entre Cintra a mui presada, — *que dizen ser de Christovam Falcam, por que parece alludir o nome da mesma Egloga. E hûa Carta do dito:* Os prezos contam os dias, mil annos por cada dia. *E outras que entrelendo se poderem vêr.* Esse o texto da edição de Ferrara e de Colonia, de 1554 e 1559. Por estes annos escrevia o Dr. Gaspar Fructuoso a sua historia dos Açôres intitulada *Saudades da Terra,* e a proposito dos Falcões açorianos, parentes de Christovam Falcam escreve: «suave e doce poeta — que fez a afamada Egloga, das primeiras syllabas do seu nome e chamada *Chrisfal.*» (Liv. III, cap. 10, Ms.) Tambem Faria e Sousa no Commentario á Egloga IV de Camões, acceita a explicação do titulo: «assi como Christovam Falcão, autor de las buenas Coplas de *Crisfal,* fabricó este nombre de su nombre e appellido, tomando d'este el *Fal,* y de aquel el *Cris.*» Mesmo as formas castelhana e catalan do nome Christophoro, *Cristobal* e *Cristofal,* pela simples supressão da syllaba medial, davam a abreviação *Crisfal,* sem truncar os dois nomes. Póde-se considerar que a Egloga não era anonyma, por que o nome pastoril era apenas uma abreviação.

A eliminação da estrophe 91, das *Trovas de Crisfal,* fallando dos pretendentes de Maria:

mas o com que se despediam
é já mostrar que temiam
que o sabôr dos teus beijos
na minha bocca achariam.

leva a inferir, que Christovam Falcão retocara o texto que ficou definitivo nas edições de 1554 e 1559. D. Maria Brandão, quando appareceu a edição de Ferrara estava casada e com dois filhos, sendo já falecida em 1555.

A prova da influencia profunda das *Trovas de dous Pastores*, de Bernardim Ribeiro, no espirito de Christovam Falcão patentea-se nas involuntarias imitações das *Trovas do Pastor Crisfal*. Esse traço pittoresco da Egloga III de Bernardim Ribeiro:

Quando vem ao sol posto,
Que então sohia de vêr
Aquelle formoso rosto,
Torno a ensandecer,
Porque perdi tanto gosto;
Que vinha sempre cantando,
Tão desejoso de vêl-a,
E agora ando chorando,
Por que *a achava fiando*
E eu porque me fiei d'ella.

D'este simples traço, fez Christovam Falcão um quadro da mais deliciosa ingenuidade:

Alli triste, só, saudosa,
Vi entre duas ribeiras,
Uma serrana queixosa,
Carreando umas cordeiras,
Sendo cordeira formosa.
E, como alli tem por uso,
Em uma roca fiando,
Mas, com o que ia cuidando
Caía-se-lhe o fuso
Da mão de quando em quando.

E através de Christovam Falcão passou a influencia do traço de Bernardim Ribeiro para Camões, no verso: Quantas vezes *do fuso se esquecia*, — em um dos seus Sonetos.

Das *Trovas de dois Pastores*, apparecem estrophes soltas reelaboradas em Esparsas; lê-se na ultima estrophe da Egloga:

> Deixae-me, cuidados vãos,
> Desejos desesperados,
> Olhos mal aventurados,
> Quanto me fôreis mais sãos
> Se vos tivera quebrados.

No pequeno Cancioneiro, que vem no fim do *Crisfal* com Cantigas anonymas, algumas restituidas pela critica a Bernardim Ribeiro e a Sá de Miranda, [1] a quintilha acima transcripta, constitue uma Esparsa com esta quadra, com outro objectivo:

> Trabalho por não ser vosso,
> Cada dia, cada hora;
> E então fico, senhora,
> Contente, quando não posso.

---

[1] As Canções de Bernardim Ribeiro communs no Cancioneiro de Resende e a miscellanea de Ferrara e Colonia são:

— A uma senhora que se vestiu de amarello
— Antre tamanhas mudanças
— De esperança em esperança
— Chegou a tanto o meu mal
— Antre mim mesmo e mim
— Com quantas cousas perdi
— Cuidado tão mal cuidado

Pertencem a Sá de Miranda:

— Coitado, quem me dirá
— Commigo me desavim.

Ainda das *Trovas de dous Pastores:*

Já começo de acabar,
E nenhuma cousa acabo,
Por que vim a começar
Em males que não tem cabo
Nem lh'o posso desejar.

Sobre este pensamento um outro poeta elaborou a deliciosa Cantiga:

Vi o cabo no começo,
Vejo o começo no cabo,
De feição que não conheço.
Se começo nem se acabo.

Um poeta vibrante de emoção servia-se de versos de Bernardim Ribeiro, para os desabafos lyricos da sua situação quasi similar; assim do dos *olhos quebrados*, do fim da Egloga III, elabora esta estrophe para uma Cantiga á partida da namorada para longes terras:

Melhor me foreis quebrados,
Olhos, que n'esta partida,
Vêdes-me tirar a vida
E ficarem-me os cuidados!
Coitados, olhos, coitados,
Nascidos, para chorar,
Olhos, já fontes tornados
Em que me heide alagar.

No penultimo verso d'esta estrophe acha-se quasi semilhança do verso: — Seus olhos tornados fontes, da Egloga V, de Bernardim Ribeiro. Não basta isto para concluir que a Cantiga seja do auctor da Egloga, nem que o poeta anoynmo

plagiasse Bernardim. Como observa o Dr. Raul Soares, no seu luminoso estudo *O Poeta Crisfal:* «Esses encontros de ideias e expressões são frequentissimos, pois muita vez figuram como effeito decorativo, eram imitação consciente e propositada quando não constituiam, como é de todos os tempos, casos de mimetismo litterario.» (p. 59.) E para a metaphora de — os *olhos tornados fontes* — cita versos de Bernardes e de Gonzaga com identicas palavras:

— Vendo por ti meus olhos feitos fontes
— Se tu vês os meus olhos feitos fontes.
(Egl. III e IV.*)*

— Verterão meus olhos duas fontes.
(Lyra XVI, P. I.*)*

Da comparação de versos de Bernardim Ribeiro com versos de Christovam Falcão, criticos simplistas pretenderam unificar no poeta das *Saudades* o namorado *Crisfal;* sobre este processo conclue o Dr. Raul Soares: «o trabalho de reunir a monte semilhanças verdadeiras ou suppostas, mas completamente insignificativas, é de todo falho.» *(Op. cit.,* p. 53.) E exemplifica-o:

— O meu mal é tão sobejo, (Bernardim Ribeiro, Eg. v.)
— Um mal sobre outro sobejo *(Crisfal,* st. 18.)

Mas esta mesma expressão encontra-se trez vezes repetida por Sá de Miranda na Egloga *Montano:*

— Um cuidado tam sobejo
— Um tal tormento sobejo
— Com tão sobejo cuidado

Aos paradigmas accumulados, para mostrar a sua insignificancia quanto a Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, appresenta outros de poetas contemporaneos, e até de um seiscentista:

— Coitado, não sei que digo (Bernardim, Egl. IV.)
— Mas triste não sei que digo (*Crisfal*, st. 21.)
— Não sei já o que te diga (Miranda, Egl. *Mont.*)
— Ah, que não sei que digo (Bernardes, Egl. I.)
— Mas triste que digo em vão (R. Lobo.)

As imitações de Christovam Falcão impunham-se, como observa o mesmo critico «naturalmente como modelo ao joven *Crisfal*, que de certo nos versos d'elle (Bernardim Ribeiro) acharia as vibrações da mesma situação moral.» (*Op. cit.*, p. 53.) Umas vezes a imitação era intencional, para fazer sentir o contraste da situação material. Assim, na Egloga II, de Bernardim Ribeiro, diz-lhe Pierio, que o via:

Dos bens do mundo abastado
(St. 40.)

E na estrophe 5.ª do *Crisfal*, vem este mesmo verso, mas para significar uma situação completamente contraria, e que tanto influia na sua desventura:

Crisfal não era então
Dos bens do mundo abastado...

Notando este contraste, o Dr. Raul Soares

mostra que exprimia uma preoccupação do cantor de Maria: «Sente-se ao contrario, que a causa da desgraça de *Crisfal* foi a desproporção de fortuna a que allude largamente. (st. 5-7, 31, 34, 80, 87.) E' uma preoccupação que resalta até em trecho episodico.» (st. 44.) (*Ib.*, p. 68.)

O processo dos paradigmas para identificar em Bernardim Ribeiro o auctor do *Crisfal*, conduzindo á differenciação comprovada, torna-a absoluta ante o schema dramatico da paixão amorosa dos dois poetas, fundamentalmente diversa. Basta lêr as estancias 88 e 89 do *Crisfal;* lendo-as, conclue o Dr. Raul Soares: «Parece-nos fóra de contestação que no trecho citado se allude a um *matrimonio a furto*, o que encontra de frente a hypothese de que *Maria* seja a amada de Bernardim, que *não consta tenha casado clandestinamente.*» (*Ib.*, p. 45.) Sobre esta differença real, diversamente idealisaram os dois poetas as suas Eglogas; acham-se estheticamente bem caracterisadas: «O romance de amor de *Crisfal* é um drama trovado, que se póde reconstruir pela sua Egloga, circumstancia por circumstancia, desde o *idylio inicial*, o *casamento a furto*, o despeito da ex-namorada, a opposição dos parentes de Maria, em virtude da pobreza do trovador, a segregação para longe, a suggestão d'elles sobre o espirito da môça e até o ardil de que lançaram mão. Por isso a Egloga *Crisfal* é de grande effeito dramatico, effeito que nas Eglogas de Bernardim só póde provir da expressão pathetica e não do proprio entrecho. N'estas não existe acção: depois

de um ligeiro proemio, dois pastores se confidenciam magoas de amor — é sempre a mesma melancholia e desesperada lamentação.» *(Ib.*, p. 68.) A esta consideração da fórma esthetica dos dois poetas, tira ainda o Dr. Raul Soares uma prova emergente do drama amoroso de *Crisfal:* «se é certo que Joanna se chamava verdadeiramente a mulher que Bernardim immortalisou (Egl. II; e nas SAUDADES, *Aonia)*, não é crivel que o auctor da Egloga malbaratasse o nome que a todo o coração apaixonado sôa com mysterioso encanto e fulge com brilho peregrino, para empregal-o na figura secundaria e pouco sympathica em seu papel de delatora, a quem o trovador increpa, não sem azedume, a sua desdita.» *(Ib.*, 46.)

Da Egloga II de Bernardim Ribeiro, que esteve inedita até á edição de 1554, derivaram-se do vago contorno os comêços da Egloga de Christovam Falcão.

> Dizem que havia um pastor
> Antre Tejo e Odiana,
> *Que era perdido de amor*
> Por uma moça Joanna
>
> (Egl. II.)

> Antre Sintra a mui presada
> E serra do Ribatejo
> Que Arrabida é chamada,
> Perto d'onde o rio Tejo
> Se mete n'agua salgada
> Houve *um pastor e pastora*
> *Que com tanto amor se amaram*...

Apezar da similaridade do contorno, ha logo diversidade na paixão: na Egloga II, Bernardim

está perdido de amor, no CRISFAL *os dois namorados* amaram-se vehementemente. Escreve o Dr. Raul Soares: «Em *Crisfal* depara-se-nos o mesmo proemio narrativo, mas sem o sainete ribeiresco. Nota-se em primeiro logar a *localisação precisa*, que falta em Bernardim sempre parco em minudencias desta natureza... Esta differença sóbe de importancia, verificando-se não ser accidental. Effectivamente, o idylio de amor, a correspondencia de affectos, a felicidade reciproca, que *Crisfal* esboça desde o começo até á 4.ª estrophe, e que se vê da estrophe 94 a 98, não se encontra nas bucolicas de Bernardim. — Na Egloga ribeiresca não ha logar para mais nada além da expressão do amor desventurado do zagal: é um monocordio. — em *Crisfal* a narração é mais extensa, sendo ainda encaminhada por uma forma original e completamente fóra dos moldes do cantor de Joanna: *um grande sonho*, que vae da estrophe 28 a 98.» *(Ib.*, p. 64.)

E' justamente o grande sonho do *Crisfal* a estructura d'esse poema de amor, em que relaciona dois impressionantes episodios contemporaneos, o do casamento tambem a furto de Guiomar, e o de Elena com o velho. Tambem a lenda da *Fonte de Crisfal*, em Lorvão, recebe forma poetica como Segunda parte do Sonho.

A parte principal da Egloga, que constitue o nexo da narrativa e dá pretexto a dialogo, é o Sonho, em que a alma de *Crisfal*, arrebatada, e observando varias perspectivas, chega ao encontro de Maria, entre as Serras de Lor.

E como cansado estava
Do que no dia passei,
Em dormir pouco tardei,
E adormecido sonhava,
O que vos ora direi.

Antes de transcrever a ingenua e inimitavel narrativa, lembraremos aquelle sonho em que Sanazzaro, sempre magoado pelos desdens de Carmosina, a vê sorridente e bella, e procura prolongar o seu fugitivo somno: «Eu estava deitado, e a minha bem amada appareceu sorridente e bella, com um suave e humano rosto, a consolar-me no meu somno. E eu, enchendo-me de animo, contei-lhe todas as minhas magoas, que debalde tinha soffrido. Eu contemplei-a então cheia de compaixão, chamar-me para ao pé de si, dizendo: — Para que te amofinar e te anciar tão longe de mim? Bem sabes que as mesmas armas que fizeram a chaga a pódem curar? No entretanto o sonho ia-se esvaecendo; eu, para me illudir por mais tempo, não queria abrir os olhos; mas, aquella branca mão, que eu conservava tão apertada, senti que me abandonara.» [1]

---

[1] Transcrevemos na sua fórma e lingua italiana esta pequena Ode de Sanazzaro, *A Apparição*, cuja belleza suscitou o Sonho de *Crisfal:*

Venuta era Madona al mio languire
  Con dolce aspetto umano,
Allegra e bella, in sonno a consolarmi:
  Ed io, pendendo ardire
Di dirlo quanti affanni ho speso in vano,

Crisfal escutando a vaga melodia de uma cantiga feminil, sem saber

Que de quem ser podia,
Então suspeita me deu
Que todo o cantar seu
Era o da *minha Maria*,
Ou a do desejo meu.

Com um temeroso prazer,
Que sóe ter quem deseja,
Esperava eu de vêr
A quem eu ainda veja
Antes da vida perder.
N'este desejo, de cima
Estando-a eu ouvindo,
A Deus por ella pedindo
Via-a vir o vale acima,
Em seu cantar proseguindo.

Descreve-a no seu traje de noviça cisterciense com aquelles traços com que a representaria o pincel de Botticelli:

Muito a vi eu mudada,
Mas comtudo conheci
Ser a minha desejada
A que, assim vendo, vi,
A vista no chão pregada,

Vidila con pietate a se chiamarmi,
Dicendo: — A che sospire?
A che te struggi ed ardi di lontano?
Non sai tu che quell'arme
Che fer la piaga, ponno il duol finire?

In tanto il sonno si partio pian piano;
Ode io, per inganarmi,
Lungo spazio non volsi gli occhi aprire;
Ma della bianca mano
Che si stretta tenea, sentii lasciarmi.

Com o seu cantar pensoso,
E passadas esquecidas
A o tom d'elle medidas,
Vestida vir de arenoso
As mãos nas mangas metidas.
. . . .
Depois de me visto ter,
E já que me conhecia,
Lagrimas lhe vi correr
Dos olhos, que não movia
De mim, sem nada dizer,
Eu lhe disse: — Meu desejo,
(Vendo-a tal com assás dôr)
Desejo do meu amor,
Crerei eu a o que vejo,
Ou crerei ao meu temor?
. . . .
«Por ti me vi desterrada
Em estas extranhas terras
De d'onde eu sou criada,
E, por ti, entre estas serras,
Em vida eu fui sepultada;
Onde a se me perderem
A flôr dos annos se vão;
Ora julga se é rasão
Das minhas lagrimas serem
Menos d'aquestas que são.

Maria conta-lhe como a sua familia a prohibiu de vêl-o; como pela sua riqueza é que era amada, e os laços contrahidos não tinham valor, porque era de pouca edade quando isso fizera, e conclue:

«Não te veja aqui ninguem;
Vae-te, Crisfal, d'esta terra;
Não quero teu querer bem,
Porque me não dê mais guerra,
Da que já dado me tem.»

Dei-lhe uma voz mui sentida:
— Porque me negas conforto,
Alma desagradecida? —
Então caí como morto;
Oxalá perdera a vida!
Não sei eu o que passou
Emquanto isto passei;
Mas junto commigo achei
Quem me este mal cansou,
Depois já que em mim tornei.

E dizendo: «Oh mesquinha!
Como pude ser tão crúa!»
Bem abraçado me tinha,
A minha bocca na sua,
A sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
Que com a bocca gostei;
Mas com quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas doces achei.
. . . .
Então ella assim, chorosa,
De tam choroso me vêr,
Já para me soccorrer,
Com uma voz piedosa,
Começou-me assim dizer:
«Amor de minha vontade,
Ora não mais, Crisfal manso,
Bem sei tua lealdade;
Jesus, que grande descanso
E' fallar com a verdade!»
. . . .
N'este passo, acordei eu,
E o meu contentamento,
Que eu cuidava que era meu,
Deu-me depois tal tormento
Qual nunca cousa me deu.
. . . .
Por sonho ante vós ponho
O que eu, velando, vi;
Por meu mal foi tudo assi;
Mas seja para vós sonho,
Pois sonho foi para mi.

Fôra um *sonho acordado*, uma illusão da sua alma ingenua. A expressão lyrica d'este estado psychico, tomado da phrase de Salomão: *Ego dormio, et cor meum vigilat*, foi attingida por uma fórma incomparavel no Vilancete incluso na narrativa do *Crisfal:*

Como dormirão meus olhos?
Não sei como dormirão,
Pois que vela o coração.

Toda esta noite passada,
Que eu passei em sentir,
Nunca eu a pude dormir
De ser muito acordada;
Dos meus olhos foi velada;
Mas como não velarão,
Pois que vela o coração? [1]

(St. 63 a 66.)

---

[1] O grande poeta João de Deus em uma poesia a Pedro Soriano, (A P. S.) condemnado por uma aventura de amores, exprimia este mesmo pensamento:

Eu durmo, diz Salomão;
Mas durmo exhalando ais.
Que o meu coração vigia,
E sente como sentia...
Se ainda não soffre mais.

Não é com vinho que extraes
O veneno d'esse amor...
....
Taes nos fez o Creador,
Que sem a luz da rasão
Bem se reclina a cabeça;
Mas embora ella adormeça,
Vela sempre o coração.

(*Campo de Flores*, p. 128. Ed. 1890.)

E termina a terceira estrophe com o final em que encadeia a narrativa de Maria:

Em meus olhos aggravados
Vereis se tenho rasão,
Pois que vela o coração. [1]
(St. 71.)

---

[1] Vem no *Cancioneiro musical do seculo XV*, p. 253. Como no *Crisfal* intercala Christovam Falcão versos allusivos a Canções extranhas, taes como:
— Velho malo em minha cama
— Yo me iva, la mi madre
a Santa Maria del pino
— A Mengua la del bostal

Pareceu ao sr. D. Guimarães affirmar no seu *Bernardim Ribeiro*, cap. XX, que esses dois versos:

Em meus olhos aggravados
Vereis se tenho rasão

alludem a uma Cantiga de Bernardim Ribeiro, provando com isso que a Cantiga do *Crisfal*, estrophe 63 a 66 lhe pertence: «Ora essa Cantiga de Bernardim Ribeiro é precisamente uma das que constituem a Egloga *Crisfal*, e que o poeta faz cantar á personagem que figura com o nome de *Maria*. — Isto é, Maria voltava a repetir a Cantiga que já havia garganteado.

«Comprehende-se que um poeta faça allusão a uma Cantiga extranha, mas o que não é racional é admittir-se que alguem digno do nome de escriptor se aproprie de uma composição alheia, reproduzindo-a integralmente, sem dizer: agua vae.» (Op. cit., p. 188.)

Contra esta arbitraria attribuição pergunta o Dr. Raul Soares: «Mas onde se encontra essa Cantiga destacada da Egloga, e attribuida ao delicado cantor da *Menina e Moça?* E' o que não nos informa o livro; e quer-nos parecer, a despeito dos seus termos positivos, que o sr. D. Guimarães — conjecturou apenas.» (Folhetim no *Estado de San Paulo*, de 27-III-909.)

Pelo facto de em um Mote velho se celebrarem *Uns olhos verdes rasgados* (verso de Bernardim Ribeiro,) que *estavam aggravados*, concluiu que a Cantiga intercalada no *Crisfal* era um plagio de Christovam Falcão ou então que tal intercalação o inhibia de ser auctor da Egloga.

Quando *Crisfal* no seu sonho avança para a serra de *Lor*, encontrou *Natonio,* desconsolado, que para elle viera com tanta dôr:

> Quizera-o consolar,
> Mas em cujo poder ia,
> Não me deu a mais logar,
> Que ouvir-lhe que dizia
> —Oh *Guiomar, Guiomar,*
> Em ti puz minha esperança,
> E quanto ella encobre,
> *Agora em dôr se descobre!*
> Perigos, desconfiança
> Fizeram do rico pobre
> ....
> Deus lhe dê contentamento
> Pois que *nos fez a ventura*
> *Companheiros na tristura,*
> E que seu e meu tormento
> Cada vez tem menos cura.

O *casamento a furto*, d'onde deriva o soffrimento de *Crisfal,* é o que os faz companheiros na tristura, e essa dôr lhe dá dôr o lembral-a. Faria e Sousa ao commentar a Egloga VI de Camões, [1] apontou no *Crisfal* as allusões a D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva, casada a furto com o Marquez de Torres Novas, primogenito do Duque de Aveiro. D. Manoel antes de morrer encarregára D. João III de fazer o casamento de D. Guiomar Coutinho com seu filho o Infante D. Fernando; ao cumprir este encargo, o Marquez de Torres Novas fez publico o seu casamento, seguindo-se ruidosos processos

1 Sobre os montes *d'Arrabida* viçosos.

canonicos. Como observou Faria e Sousa, e se verifica na Egloga *Andrés* de Sá de Miranda, os poetas contemporaneos trataram o caso emocionante. O processo só terminou em 1527; seria a impressão causada em Christovam Falcão quando n'esse anno foi inscripto como môço fidalgo no livro das Moradias, com doze annos, que o levaria a imitar em 1529 o seu *casamento a furto* com a precoce Maria Brandão? Na primeira metade do seculo XVI foram frequentes os casamentos clandestinos na sociedade portugueza. O poeta Luiz Pereira Brandão, auctor da *Elegiada* casou a furto em Lisboa com D. Lourença de Almeida. O casamento do Marquez de Torres Novas, filho do Duque de Aveiro, em cuja casa se guardava o *Amadis de Gaula em Portuguez,* deve attribuir-se a uma sugestão romanesca:

> Não querendo mais haveres,
> Nem querendo mais riqueza,
> — Que o amor tudo despreza...
>
> (*Crisfal*, st. 21.)

No livro III, cap. 9 do *Amadis de Gaula* vem contado o casamento a furto de Oriana com Amadis por uma forma impressionante; era o caso lido com sabor entre os cortezãos. Ferreira commentara um d'esses casos novellescos em dois Sonetos. O narrador foi artista no seu quadro; conta como o santo eremita Nasciano confessou a Rainha e Oriana, fallando em todo o segredo das suas consciencias: «A Rainha confessou-se áquelle santo homem, e Oriana tambem; ao

qual teve de descobrir todo o seu segredo e o de Amadis, e como aquelle mesmo *(Esplandian)* era seu filho, e qual a aventura em que o perdera; a que até então a pessoa alguma do mundo o dissera... O homem bom ficou muito maravilhado de tal amor em pessoa de tão alta gerarchia, que muito mais que outrem era obrigada a dar bom exemplo de si. Mas Oriana disse-lhe, chorando, como no momento em que Amadis a libertara do Magico Archeláo, *d'onde primeiro o conheceu tivera d'elle como de marido se podia e devia obter.* D'isto foi o ermitão mui ledo... absolveu-a e lhe deu penitencia qual convinha...» (Liv. II, cap. 9.) É quando Nasciano revela o segredo ao rei, para que não trate do casamento de Oriana com o rei de Roma: «...soube de vossa filha Oriana, como, desde o dia em que Amadis de Gaula a libertara do Magico Archeláo e dos quatro cavalleiros que com elle a levavam preza... que assim por aquelle grão serviço que lhe fez... em galardão d'isso prometteu casamento áquelle nobre cavalleiro... d'onde se seguiu por graça e vontade de Deus, que nascesse *Esplandian.*» (Liv. IV, cap. 32.) As Novellas tinham um grande influxo na sociedade aristocratica; na côrte de Francisco I, onde se traduzira a novella, um cavalleiro francez era chamado *Amadis Jasmin.* A estes enlaces furtivos parece referir-se Brantôme, nas *Damas Galantes:* «Quizera tantas centenas de escudos na algibeira, como de mulheres tanto seculares como religiosas, que tem pervertido a leitura de *Amadis.*» O Marquez de

Torres Novas e o proprio Duque de Aveiro tinham o veneno em casa.

Christovam Falcão amplia o seu sonho com o quadro da pastora *Elena*, obrigada a casar com um velho:

> Troquei amor por riqueza
> Porque m'o trocar fizeram,
> Mas bem pago esta crueza...
> A meu esposo aborreço
> Quando lembrança me vem
> Do primeiro querer bem...
> . . . .
> Quando eu assim ouvi
> Doer-se de minha pena,
> Com novos olhos a vi,
> E então que era *Elena*
> Minha amiga, conheci.
> Esta pastora e dama
> Certo que melhor lhe ia
> Quando a cantar ouvia
> Dando fé, que *em sua cama*
> *O velho não dormiria...*

O nome de *Elena* tirado de *Emanuel* revela-nos M. Elena ou propriamente Dona Maria Manoel por quem se apaixonou o Duque de Aveiro (1481-1550) roçando pelos setenta annos; a dama da rainha D. Catherina tinha apenas dezeseis annos, e D. Jorge de Lencastre dizia aos filhos que *era casado com ella em segredo.* O caso, que anda referido nas memorias contemporaneas inspirou cantigas apropriadas da tradição popular. Nos Romances tradicionaes dos Judeus do Levante, encontrou Menendez y Pelayo o romance:

> *Viejo malo en la mi cama*
> *A la fin no dormiria* [1].

[1] *Antologia*, t. x. p. 356.

E Camões, que era um dos grandes apaixonados d'essa época, tambem escrevia no seu auto de *El Rei Seleuco:*

> Ouvistes vós cantar já:
> *Velho malo em minha cama?*

Mas esse philtro, que entontecia Goëthe e Chateaubriand, acha-se na cantiga do povo, que bem caracterisa Aonia, Maria e Nathercia:

> — Corazon enamorado,
> Dime, quien te enamoró?
> *Una niña de quince años,*
> Que à diez y seis no llegó.

A allusão ao casamento a furto do Duque de Aveiro com D. Maria Manoel, sendo elle quasi septuagenario, (1545 a 1550) prova-nos que o *Crisfal* fôra escripto quando se divulgara este caso pelo deportamento do Duque para Setubal. Por este tempo estava Bernardim Ribeiro já na inconsciencia, o que annulla qualquer hypothese phantasista fazendo-o auctor de *Crisfal.*

Todos estes amores, alheios ao influxo do idealismo petrarchista, têm as caracteristicas fundamentaes da Novella do *Amadis de Gaula:* a attracção sexual pela belleza dominante; a ternura ingenita na mulher e a adoração perenne do homem, em que a posse fixa a paixão eterna sublimando-se em virtude. O lance dos amores de Amadis e Oriana pelo casamento a furto, que muito influenciou no seculo XVI em Portugal, confirmava o que Brantôme escrevera nas *Damas galantes* de centenas de «mulheres tanto se-

culares como religiosas, que tem pervertido a leitura de *Amadis.*»

3.º — *Comprovações historicas — A lenda da Fonte do Crisfal.* — Não foi sómente a austeridade de João Vaz de Almada Falcão, filho do Vedor da casa de D. Affonso v e honrado capitão da Mina, que o levou a castigar por uma culpa de amor com uma prisão de cinco annos no Castello, o seu primogenito; feriu profundamente o seu orgulho o desdenharem da ingenua criança por não ser abastado de fortuna, e mofarem do nascimento. E essa auctoridade pezou sobre Christovam Falcão largo tempo, porque o pae era ainda vivo em 1548. A soltura do desventurado namorado deveu-se a influencia official, que era então o unico poder contra a paternidade inflexivel. A solidão do carcere transformara o temperamento amoroso de Christovam Falcão em uma organisação poetica, recebendo em cheio em 1536 a impressão das *Trovas de dois Pastores* de Bernardim Ribeiro.[1] A familia de Maria levou-a para casa de uns parentes em Elvas. O poeta indo refazer-se da oppressão em que vivera, foi para casa de seu avô em Portalegre; e deduz-se isto pela natural escapada até Elvas, para vêr Maria, que desabro-

[1] A popularidade d'esta composição revela-se-nos pelos versos do *Auto de Guiomar do Porto:*

> Muito gosto eu, senhora,
> de *Amadis, Carcel de Amor...*
> e mais *Silvestre e Amador.*

chava com os seus dezenove annos. Elle o dá a entender na Egloga que elaborava:

> Depois de ter já passado
> Este perigo de morte,
> Da terra mais abaixado,
> Contra a parte do norte,
> Sonhei que era levado
> *Entre Tejo e Odiana*
> *Era o meu caminhar...*

Maria lembra-se d'essas excursões, que foram immediatamente contrariadas:

> Foi esta a vez derradeira
> Mas começo da paixam,
> *Passando-me eu entam*
> *Para o Casal da Figueira*
> *Do Val de Pantalian.*

A impetuosidade das emoções vinha com a edade; Maria entrava nos vinte e um annos, com o temperamento de hespanhola pelos seus avós paternos. Clausuraram-a no grande mosteiro de Lorvão, onde tinha tias freiras e primas noviças, disfructando absoluta liberdade. Tambem de Portalegre era facil illudir a austeridade paterna e ir em uma escapada a Lorvão. Dil-o o poeta, ao descrever o seu Sonho:

> D'aqui fomos descorrendo
> Até o Tejo passar...
> ....
> Chorando a lembrança d'ella,
> Virada foi minha face
> Para onde o gado pace,
> Da grande Serra da Estrella
> Da qual o Zezere nace.

Indo com não menos dôr,
Inda que com mais socego,
Os ventos me foram pôr,
Depois de passar Mondego
Sobre as Serras de *Lor.*
Vam ali grandes montanhas
De alguns vales abertas...

Era alli junto de uma fonte do convento, que se passaram as deliciosas scenas das sentidas recriminações e das doces lagrimas de Maria saboreadas pela bocca do poeta; e na Egloga descreve o susto de Maria:

Não te veja aqui ninguem,
Vae-te, Crisfal, d'esta terra;
Não quero teu querer bem,
Porque não me dê mais guerra
Da que já dado me tem.

Isto mesmo exprime em uma Esparsa do pequeno Cancioneiro que ia compondo, sobre as situações vividas:

Nam passeis vós, cavalleiro,
Tantas vezes por aqui,
Que abaixarei meus olhos,
Jurarei que vos não vi.
....
Merecei-me em soidade,
Mas se passaes por aqui,
Pois nam tenho liberdade,
Jurarei que vos não vi.

Em uma Cantiga desenvolve a recusa do bem querer que Maria lhe manifestara:

Todo este tempo 'té agora
Em que me a mim bem não ia,
Nam me matava, senhora,
Se nam por que vos não via.
Agora, vindo-vos vêr
Desconhecerdes-me assim!
Acabo já de saber
Que não ha bem para mim.

O poeta sabia que lhe procuravam casamentos, que se mallograram; d'ahi talvez qualquer intervenção de o afastarem de Portugal em qualquer missão de confiança. Em uma das suas cantigas revela-o:

Busquei por terras extranhas
Logares de soydade,
Por desviar a vontade
De suas dôres tamanhas
Nada podem valer manhas
A quem no mal tem ventura
E no bem tam pouca dura.

Os documentos vieram authenticar esta viagem á Italia, em fim de 1541. D. João III, entre os muitos interesses que tinha de dirimir em Roma, e com um papa como Paulo III, «monteiro velho e com grande manha nos negocios», como o informava o Dr. Balthazar de Faria, tinha pendentes a obtenção da bulla do estabelecimento da Inquisição em Portugal, e o impedir que o bispo de Viseu D. Miguel da Silva recebesse o barrete de cardeal antes de ser conferido ao Infante D. Henrique. Para isto empregava enviados secretos, jovens fidalgos, a titulo de viagens de prazer. Em principios de Dezem-

bro de 1541 sôa na côrte que Paulo III tinha conferido o barrete de Cardeal a D. Miguel da Silva, desnaturalisado pelo monarcha, communicando a nova a seu irmão o Conde de Portalegre. Em 26 de Dezembro partiu de Lisboa Diogo de Mesquita com despachos para o embaixador Christovam de Sousa para obter do papa dispensa para o Duque D. Theodosio casar com sua prima D. Isabel de Alencastro. Attendendo ás demoras das jornadas podemos ao tempo em que de Roma escreveu Christovam Falcão a D. João III sobre a questão do Cardeal, julgar que a sua partida coincidiria com a do emissario para a dispensa. Nas memorias avulsas ha referencias a *um gentilhomem* enviado pelo rei sobre *o caso do bispo de Viseu.* Effectivamente Christovam Falcão escreveu uma carta a D. João III, por 10 de Março de 1542, antes da partida do embaixador Christovam de Sousa, dando conta do seu encargo *folgando acertar n'isso a vontade real.* Sabemos d'esta carta pela referencia que faz em outra de 1 de Outubro do mesmo anno, em breve recapitulação: «na mesma carta lhe dei conta de como *estou em casa do Marquez de Aguilar,* embaixador do Imperador Carlos V, como em casa de *meu primo segundo co-irmão,* que é onde eu sirvo a V. A. n'aquellas cousas, que servir posso, como lhe pode dizer Christovam de Sousa, e os mais que qua são em seu serviço...» A carta é immensamente interessante; falla em uma digressão, em que indo a Perusa com o Marquez, que acompanhara o Papa áquella cidade, elle o en-

carregara de ir com uma missão a Camarino, passando no caminho por Assis onde está o corpo de S. Francisco. Falla tambem como vão debandando os amigos do Cardeal *sem Viseu*, allusão a D. João III ter privado da mitra de Viseu D. Miguel da Silva.

As noticias pessoaes d'esta carta valorisam-se com uma que Francisco Botelho escreveu em 26 de Dezembro de 1542 a D. João III, em que nos dá preciosos elementos biographicos do poeta: «O Marquez d'Aguilar me deu essa carta, que com esta mando para V. A., que é sobre João Vaz de Almada, e *disse-me que era seu primo co-irmão*, e dizendo-me que V. A. lhe faria mercê de lh'a fazer chegar a elle, *qua traz em sua casa hum filho que la esteve preso no Castello, e trata-o como parente*, que certo elle me parece homem muy de bem, *por que nunca entrou em casa de D. Miguel e* nom sae da minha. He muyto desejoso de servir bem Vossa Alteza.» [1] Com certeza Christovam Falcão passou o anno de 1543 em Roma pela estima que lhe votara o Marquez de Aguilar, encantado pelo seu caracter, talento e com as confidencias dos seus tormentosos amores. N'esse anno o Dr. Balthasar de Faria recebia carta de 31 de Agosto, para tratar com o papa da situação em que se achava a vida claustral de Lorvão: «ha na dita casa cento e sessenta mulheres, antre freiras e novi-

---

1 *Corpo diplomatico portuguez*, t. v, p. 171.

ças e conversas, e ha sessenta annos e mais que n'ella sam abbadeças mulheres de linhagem das Eças, em modo que grande parte das monjas da dita casa sam da dita linhagem, que já nasceram na dita casa.» Em 1543, ainda se não tinha realisado o casamento de Maria Brandão, que a clamorosa situação do convento tornava urgente.

O regresso de Christovam Falcão não era n'esse anno cousa facil: «assy pelo caminho ser cheo de ladrões, e outros muytos inconvenientes, que ha em jornada tão comprida, mórmente em tempo de tamanha invernia.» [1]

A carta do Marquez de Aguilar ao pae de Christovam Falcão e por via do rei D. João III, leva a inferir que se tratava de abrandar-lhe a austeridade ou justificar a demora do regresso do talentoso primo, que certo o honrara com a leitura das *Trovas do pastor Crisfal*, ou de alguma copia, que ficára em Italia. Não andaremos longe da verdade fixando o seu regresso por fins de 1543 e 1544. A paixão por Maria reaccendeu-se; no começo dos seus amores viu-lhes logo o termo implacavel, e agora que tudo estava acabado, tudo revive e se inicia; exprime-o na Cantiga:

> Vi o cabo no começo,
> Vejo o começo no cabo;
> De feição que não conheço
> Se começo nem se acabo.

A presença de Christovam Falcão na côrte

---

1 *Op. cit.*, p. 173.

tornava-se um embaraço para a solução do casamento de Maria, *a do Crisfal,* como a apontavam nas conversas. Foi afastado o poeta para longe com despacho, que bem considerado era como um degredo, que leva a suspeitar a influencia do pae austero. Por carta de 21 de Março de 1545, datada de Evora, é despachado Feitor e Capitão da Fortaleza de Arguim, por trez annos. Que importancia tinha esta capitania da Fortaleza do Cabo de Gue? Apparece d'ella a descripção em um despacho para Christovam de Sousa de Abril de 1541: «está ao pé de um mui alto outeiro, muito mais que Alcáçova de Santarem — e tanto a prumo que nenhuma cousa póde andar por elle, e com as pedras de cima se póde dar na vila que não ha — aonde se accolha ao pé do outeiro mays que a cava em meyo, e cinge-a de toda a maneira que antre o mar e este outeiro fica muito pequeno espaço e de muita má terra. Pelas ilhargas da villa e d'outra parte bate o mar n'ella em penedia, onde não podem chegar bateis por uma calheta que se fez ao pico, e ao mar ha uma bahia d'aquella costa. Fez-se alli, porque em toda aquella costa não ha outra agua senão huma fonte que alli nasce, e quando se faz alardos d'aquella parte eram ruins e pelejavam com pedras em cevadeiras, e ha quinze annos que ainda o faziam.» No tempo de D. Manoel o capitão abandonou-a «porque o proveito era pouco,» como reza o despacho. 1 Para

1 *Corpo diplomatico,* t. IV, p. 367.

aqui veiu no vigor dos seus trinta annos, depois de ter visto no maior esplendor da Renascença Roma e as principaes cidades da Italia o apaixonado poeta. Acompanhava ainda o alento do seu amor, como o refere na cantiga:

> Perdi a vista no mar
> Indo meus olhos traz ella,
> Correu mais o desejar
> Que a náo que vae á vela.

Arguim, trez annos antes tinha sido cercada e derrocada a villa por dois atrevidos Xerifes de Marrocos, com bôa artilheria e espingardas. Ser Capitão e Feitor d'esta fortaleza do Cabo de Gue, recentemente reconstruida, e por espaço de trez annos, era um obscuro sacrificio. N'aquelle isolamento repassou-se Christovam Falcão da poesia do seu amor, e ao terminar este governo, em 1548, ao regressar ao reino, ao defender-se da accusação do ferimento do Meirinho de Portalegre, alludia «*ao pouco que tinha de seu*», se já em Março «a tal tempo estava n'esta côrte residente.»

N'esta ausencia da côrte durante trez annos, de Março de 1545 a tal tempo de 1548, passaram-se grandes successos, que directamente lhe tocaram: mão travessa, por inconfidencia, deu á estampa as *Trovas do Pastor Crisfal* em 1546, anonymamente e sem data. E póde-se fixar com rigor esta data, porque no texto da Egloga no caso do casamento a furto de D. Maria Manoel e da cantiga do *Velho malo*, de 1545, Maria

ainda não estava casada e Camões embarcando para Ceuta em 1547, de lá escrevia a sua Carta em prosa, com versos tomados das *Trovas do Crisfal*, das estrophes 10, 12, 43 e 85, que applicava proverbialmente á sua situação desolada. Quando Christovam Falcão chegou a Lisboa, findado o seu triennio em 1548, veiu saber do casamento de Maria Brandão, ironicamente conhecida pela *a do Crisfal;* essa noticia feriu-o como uma dôr repentina, a que deu expressão na Cantiga:

> Ao cabo de tantos anos
> Quando cuidei descansar,
> Em galardam de meus danos
> Querem-me desenganar;
> Pude com meu mal 'té aqui,
> De meu engano ajudado,
> Agora, triste de mi,
> Que farei desenganado?

E diante da implacavel realidade do casamento de Maria:

> Solteira foreis, senhora,
> Vira-vos viver contente
> Ainda que o eu não fôra,
> Fôra eu só o descontente,
> *Mas vêr-vos mal empregada,*
> *Triste de vós e de mim,*
> *De vós por serdes casada*
> E de mim porque vos vi.

E sob a mais pungente emoção dá desenvolvimento á celebrada volta tomada das trovas de Diogo de Mello, que Bernardim Ribeiro conheceria:

> Casada sem piedade,
> Vosso amor me hade matar.

Acontecimentos imprevistos vieram arran-ral-o á reconcentração da sua mágoa: por conflicto com o meirinho de Portalegre, Antonio Fernandes, que ficou ferido, fez-se uma devassa contra Christovam Falcão, em Março de 1548, tendo sido prezo, mas não julgado, porque o rei D. João III, escreveu em 14 de Junho de 1551 uma carta aos Desembargadores, e assignou-lhe um alvará de perdão em 16 do mesmo mez. O outro acontecimento foi o falecimento de sua irmã D. Braçaida de Sousa em 10 de Outubro de 1548; ficara um filho de seu primeiro marido Antonio Vaz de Magalhães, rico herdeiro, que o padrasto pretendia para genro seu; em 7 de Novembro de 1548 já Christovam Falcão intercedia junto de D. João III com petição para que tirasse «o moço do poder de seu padrasto e entregue sua pessôa *a meu pae seu avô*, ou a meu irmão Barnabé de Sousa... que vive em Portalegre... e o Alvará póde V. A. mandar dar a Damião de Sousa meu irmão, que lá anda...» Ha documentos de 1549, em que apparece Maria como casada. Depois de perdoado por alvará de 16 de Junho de 1551, demorando-se em Portalegre, por causa da defeza do sobrinho, que o padrasto subtrahira, Christovam Falcão ahi casou com uma senhora de uma antiga familia Caldeira. Lê-se no Nobiliario de Frei Bartholomeu de Azevedo: «Christovam Falcam *de alcunha o Chrisfal:* foi casado com D. Izabel Caldeira, de quem não houve filhos, mas houve em uma molher solteira hum filho que se chamou Christo-

vam Falcão tambem.» 1 Por um Obituario encontrado por Antonio Sardinha, lê-se que a esposa falecera em 7 de Maio de 1553 «*com os sacramentos Isabel Caldeira, m. de Xpovão Falcam e filha de mestre Mendo Caldeira e de Mor Dias.*»

O filho natural, Christovam Falcão, teria nascido de 1554 para 55, embarcou para a India em 1574; fez o seu casamento com D. Maria de Castro, filha de seu tio Damião de Sousa Falcão, sendo ambos herdeiros de outro tio Barnabé de Sousa. No Obituario da Misericordia de Evora, com a data de 16 de Fevereiro de 1566, vem apontada «Jusarta Lopes, *mãe de Christovam Falcão.*» 2 Será a mulher solteira; é presumivel.

Em 1552 falecera Bernardim Ribeiro, e logo em 1554 era publicada em Ferrara a *Historia da Menina e Môça e algumas Eglogas suas, e* conjunctamente *Hua mui nomeada e agradavel Egloga chamada* CRISFAL — *que dizem ser de Christovam Falcão, por que parece alludir o nome da mesma Egloga.* Por uma allegação juridica dos primos de Bernardim Ribeiro em 1552 ha referencia vaga á *Menina e Môça*, integrando n'este titulo os seus versos; com este manuscripto reservado alguem reuniu a Egloga do *Crisfal*

1 Ainda alguns subsidios, por Antonio Sardinha tomados do *Livro 3.° das Gerações, que foi trasladado fielmente do Livro que o Iffante D. Luiz mandou fazer a o chronista Damião de Góes*, com annot. do graciano Fr. Bartholomeu de Azevedo de 1638.

2 *Conimbricense*, n.° 6107; no Nobiliario de Rangel de Macedo dá-se-lhe por mãe Guiomar da Silva.

e um pequeno Cancioneiro de uma selecção de poesias de amor. Por ventura, da propria mão de Christovam Falcão teria sido facultada a Egloga, porque ella foi retocada, supprimindo a estrophe allusiva aos pretendentes de Maria, achando-se ella já casada. Sómente por esta acquiescencia, as *Trovas do Pastor Crisfal*, sem data e anonymas, é que teriam sido enviadas para os impressores de Ferrara. Era então costume *mandar imprimir fóra do reino* por contrafacção livros portuguezes, como se vê pelo alvará de 14 de junho de 1552, privilegiando contra essa fraude Fernão Lopes de Castanheda. O titulo de *Egloga* em vez de *Trovas* denuncia como a edição de 1554 se vulgarisou em Portugal, assim como a sua reproducção de 1559, de Colonia. Cita-se como de 1571, uma edição das trovas de *Crisfal*, que segundo Innocencio existiu na Livraria de Pereira da Costa; póde-se provar a sua existencia, porque na edição de 1619 falta a decima supprimida (n.° 93, ed. 1893) e tem duas estrophes a mais (n.° 88 e 102, ib.) sendo por tanto feita e retocada pelo auctor. D'aqui surge o problema da *Segunda parte do Sonho de Crisfal,* que se segue á Egloga na edição de 1616 em 24 paginas. Viria já esta segunda parte do *Sonho de Crisfal* na edição de 1571? No caso affirmativo, não podia ser attribuida a Fr. Bernardo de Brito, que nascera em 1569. Mas é explicavel, que tendo falecido Christovam Falcão em 1577, a lenda lorbanense da *Fons Crisfalis* chegasse ao conhecimento de Fr. Bernardo de Brito e elle a

ampliasse e adaptasse ás recordações da sua mundana mocidade com o titulo de *Sylvia de Lisardo,* algo declamatoria. Tal é a edição de 1597 da *Sylvia de Lisardo* em que ha varios Sonetos, Rimas com a *Segunda Parte do Sonho do Crisfal,* novamente impressas e postas em ordem por Alexandre de Siqueira. Lisboa. In-16, de IV, 76 p. Em successivas edições de 1626 recapituladas por Lourenço Craesbeck, 1632, 1639, 1668, 1721, 1784 e 1893, o *Crisfal* foi acompanhado da *Segunda Parte do Sonho do Crisfal,* que á parte o seu apocryphismo, liga-se á tradição de uns novos amores do cantor de Maria, passados com uma dama em Lorvão.

No *Theatrum Lusitaniæ litterarium* de João Soares de Brito, lê-se, «que conforme uma antiga tradição o mesmo Christovam Falcão se apaixonara por uma lindissima mulher, D. Margarida da Silva, a tal ponto que, tendo-se esta recolhido no convento de Lorvão, elle foi viver para aquelle sitio, conservando-lhe constante amor até á velhice. Que no Lorvão ainda existia em 1635 uma *Fonte do Chrisfal* onde costumavam ir os namorados.» [1] Alguns linhagistas dão-a como mãe do filho natural, e outros que se casara com o poeta. A nomeação de Christovam Falcão de Sousa, depois do primeiro regresso da India, em 1577, de fidalgo da Casa real por D. Sebastião, dá-nos a data do felecimento do Poeta.

1 Jordão de Freitas — *Chrisfal.* (No *Diario de Noticias,* de 28 de Novembro de 1908.)

Coplistas e Trovistas.—A preferencia que na côrte portugueza, em que predominaram rainhas hespanholas, encontraram as Canções e Romances castelhanos, foi secundada pelo influxo dos violistas, que pautavam para canto as mais inspiradas redondilhas. A descoberta da viola de arco veiu generalisar este gosto pelo seu acompanhamento; o genero da redondilha antiga teve uma extraordinaria revivescencia, pela sympathia com que eram glosados ou volteados os motes velhos. Gil Vicente creando o theatro nacional, desenvolveu esta corrente do lyrismo tradicional, intercalando nos seus Autos ou terminando-os com Cantares e Villancicos, que elle proprio punha em musica, *ensoava, arremedando os da serra,* como o declara em uma rubrica, continuando a relação tradicional com os Cantares jogralescos dos Cancioneiros portuguezes do seculo XIII e XIV, como o revelou Diez. No fim da Egloga *Crisfal*, vem um pequeno Cancioneiro, das mais deliciosas Esparsas, com coplas de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda com outras do namorado de Maria. E quando em 1549 Sá de Miranda estava colligindo os seus versos para comprazer ao pedido do principe D. João, tambem juntou todas essas composições ligeiras da época da sua mais agradavel sociabilidade da côrte, e que conservam a vibração das emoções vividas. A melhor parte das obras de Pedro de Andrade Caminha, conservada em dois Manuscriptos do Museu Britanico e da Bibliotheca Nacional de Lisboa, era

d'este lyrismo rejuvenescido, em que elle se nos revela mais poeta do que nas pautadas composições em endecasyllabos da escola italiana. E Camões formava no seu *Parnaso* a secção das trovas de Cancioneiro a que chamava *a manada dos engeitados*, e não tão dêdo queimado que D. João III não quizesse conhecel-as. Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia *Eufrosina*, allude a varias cantigas: *Por amor de vós, senhora* (p. 181) e *Coração de carne crúa.* Nos Autos de Prestes abundam as referencias a cantigas populares: *Como no venis amigo* (p. 115); Canta-se lá: *Miran ojos* (p. 300); E onde diz a cantiga: *Lá em Traz os Montes Nascem meus amores.* (p. 303.)

Os jesuitas procuraram combater o lyrismo popular; o chronista da Companhia P.^e^ Balthazar Telles, refere os esforços do P.^e^ Ignacio de Azevedo: «e para que os meninos fugissem de musicas deshonestas, fez compôr e elle mesmo compoz algumas Canções espirituaes e Cantigas devotas, que andam no fim da Cartilha, as quaes ainda que não são as que estimam os cultos são as que prezam os santos, e estas lhes fazia tomar de cór e lhes fazia cantar de dia e de noite...» *(Chr.*, P. II, liv. 4, cap. 59.*)* Esta obra de reacção contra a poesia, que tambem se alardea no prologo da *Paixão metrificada* por Fr. Antonio de Portalegre, começou antes dos Indices Expurgatorios pelas Constituições episcopaes; nas do Porto se prohibe o cantar «*chansonetas* e *villancicos,* nem motetes nem antiphonas

e hymnos, que não pertençam ao sacrificio que se celebra, nem emquanto se disser missa, se consinta cantar cantigas profanas nem festas nem dansas... nem clamores...» (Liv. II, tit. I, const. 7.)

Apesar de operar-se a separação entre os escriptores e o povo, tambem os Romances velhos tradicionaes foram galhardamente glosados pelos Trovistas e receberam fórma litteraria, dando relêvo ao seu espirito, na espontaneidade da redondilha. Na *Arte de Galanteria*, D. Francisco de Portugal, diz dos versos de poucas syllabas: «son propriedade de *Romance,* cuyos desenfados parece que se hizieron solamente para ellas (as mulheres).» Além d'essa sympathia feminina, foram postos em musica por Torres e Fuenllana, sendo cantados no paço. Jorge Ferreira de Vasconcellos protesta no seu lusismo contra esta absorpção castelhana, dizendo na *Aulegraphia:* «Não ha entre nós quem perdoe uma trova portugueza, que muitas vezes é da vantagem das *castelhanas, que se tem aforado com nosco e tomado posse do nosso ouvido.*» (Act. II, sc. 9.) Já se conformava mais com o Romance, tendo intercallado bastantes na sua novella de *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda,* e que se cantavam á viola d'arco: «n'este e por este modo usaram os passados celebrar seus heroicos feitos, porque a gloriosa memoria d'elles assi viesse até nossos tempos e se conservasse, de que tanto em Hespanha se usou muito, e usar-se agora para estimulo de

imitação não fôra máo.» O aulico Jorge Ferreira metrificou muitos romances sobre situações dos poemas da Tavola Redonda e Cyclo greco-romano, como na litteratura castelhana usaram Sepulveda, Lasso de la Vega e Juan de la Cueva. Tambem chegara a Portugal a paixão pelas glosas de Romances, a que tambem allude: «Poreis tenda em Medina de Campo, e ganhareis vosso pão meado em *grosar romances velhos,* que são apraziveis, e por-lhe-heis por titulo: *Glosa de um famoso e novo autor sobre:*

> Mal ouvistes los Francezes
> La caça de Roncesvalles...»
>
> (*Eufrosina*, p. 175.)

Este castelhanismo absorvente do meado do seculo XVI, levou Menendez y Pelayo á estolida miragem — que os Romances narrativos foram communicados por Castella á Galliza e a Portugal em paga das Canções lyricas. Confunde a linguagem do planalto isolado, com as tradições hespanicas anteriores á sua destructiva acção centralista, affirmando com entono: «tudo quanto ha em Romances velhos é resto de uma poesia inteiramente, exclusivamente do centro castelhano, no qual o norte (Galliza e Asturias) o oeste (Portugal) e o levante (Catalunha) não tiveram parte alguma.» Contaminada por este *castelhanismo* absoluto, complementar do imperialismo politico de Menendez y Pelayo, D. Carolina Michaelis, repete nos seus *Estudos sobre*

o Romanceiro peninsular: «A abundante colheita coordenada por Milá y Fontanals — nem a das Asturias, nem a de Portugal, é genericamente indigena e privativa de cada região. *O Romance nasceu em Castella, dos cantares de Gesta democratisados, irradiando para os lados.*» (p. 327.) A fórma do Romance é commum a todo o Occidente, e os seus themas poeticos subsistem similares entre os povos meridionaes. Mesmo alguns Romances historicos são adaptações de anteriores factos historicos, como um cantar da batalha de *Tunis* localisar-se na de *Lepanto* e em epoca ulterior em Matapan. E como synthese do seu trabalho conclue: «*Portugal não tem originalidade nem genio creador diverso do que se desenvolveu no magnifico isolamento do centro castelhano.*» Alheia aos estudos anthropologicos, D. Carolina soffre o deleterio influxo de Oliveira Martins e de Herculano, que consideravam o povo portuguez não uma raça com o seu *ethos,* mas uma adventicia população de colonias de asturianos e leonezes transplantados, [1] theoria que os castelhanistas exploram arteiramente.

---

[1] O empenho de apagar a existencia antonoma de Portugal é geral entre os Castelhanistas; um dos seus argumentos é o testemunho de certos escriptores portuguezes. Citam estas phrases de Oliveira Martins: «*Portugal acabou; os «Lusiadas» são o seu epitaphio.*» E da sua Historia de Portugal transcrevem esta monstruosidade: «Se por nacionalidade se entende um conjuncto de povoações ethnographicamente hemogeneas e localisadas em uma região li-

Scientificamente não ha *originalidade* quando se trata da tradição, transformando-se sempre na sua continuidade; n'este sentido, Castella não é mais rica nem original do que os outros Estados peninsulares. A theoria dos *centros de irradição* foi um preconceito, que o estudo scientifico dissolveu. O genio creador de Portugal é differente pelo seu *ethos* do de Castella; isto reconhece pouco adiante da sua negação: «*collaborou* esplendidamente *tomando a dianteira nas manifestações sentimentaes.*» (*Est.*, p. 334). Que outro titulo melhor e maior de individualidade ethnica de Portugal? Formulado este principio fundamental, logo o annulla incoherentemente: «Tal qual o *Cancioneiro popular* o *Romanceiro* é um producto da Peninsula inteira; as raizes, os Cantares de Gesta, e o tronco *estão no solo de Castella. Em Portugal ha apenas ramificações*, (alguns reflexos democratisados por jograes.») E em que se fundou a eximia romanista para tal asserto? Pelo emprego da lingua castelhana, dil-o: «Caracterisando o *Romanceiro de cá como méra ramificação do tronco plantado em Castella*, dei a devida importancia ao

---

mitada pela natureza, insistimos em dizer, que não nos achamos n'esse caso.» E addiciona-lhe o critico hespanhol: «*El propio Herculano comienza su obra monumental borlandose de la Lusitania y de los Lusitanos*. Portanto tal dotrina no puede ofender a los portuguezes, pues suya es.» G. Reparaz, Revista illustrada — (*El Centenario de Colombo*, vol. III, p. 6.)

facto de todos os cantares narrativos, citados *desde o ultimo quartal do seculo xv por auctores portuguezes* (com poucas excepções) e não lição idiomatica; e ao outro, de os tradicionaes haverem conservado até ao dia de hoje vestigios linguisticos da sua origem estrangeira.» *(Ib.*, p. 15.) Esse *castelhanismo* que se manifesta nos poetas palacianos do fim do seculo xv e por todo o seculo XVI, foi um phenomeno mimetico da côrte. O proprio Menendez y Pelayo corrige esta interpretação, quando das obras de portuguezes escriptas em castelhano, observa: «*a letra é que é estrangeira e o espirito é nacional.*» *(Antolog.*, vol. XIII.) E quando o erudito castelhanista, apesar do reconhecido *lusismo* do *Amadis de Gaula*, queria provar a sua primitiva redacção castelhana, recorria ao facto do portuguez archaico e o velho castelhano se aproximarem muito nas suas formas. O emprego official do castelhano produziu effeitos de contaminação nas outras linguas peninsulares; mas sem discutir os factos sociologicos, D. Carolina Michaelis, notando o bilinguismo litterario da Peninsula, desde o seculo xv, por gallegos, portuguezes e catalães, conclue derrogando o seu anterior argumento: «que romances escriptos em castelhano nem por isso são necessariamente obra de castelhanos.» *(Ib.*, p. 21.) E accentuando essa exterioridade: «as *Canções narrativas*, chamadas *castelhanas* por antonomasia.» *(Ib.*, p. 11.) Reconhecendo que os varios estados peninsulares elaboraram a tradição dos seus

romances, tira da perfeição da fórma castelhana a prova contraproducente da sua prioridade: «Não é de crêr que a Galliza, Leão e Asturias fossem extranhas á elaboração do Romanceiro. Se a porção relativamente pequena dos romances colhidos na Andaluzia corresponde á sua tardia reconquista, a abundancia e boa conservação das Asturias deve significar, pelo menos, que lá arreigaram fundo e se desenvolveram com viço.» *(Ib.*, p. 326 not.) No seu modo de vêr — de tronco e raiz de Castella, *irradiando para todos os lados?* E quanto ás versões portuguezas: «tantas são as versões e variantes incompletas e rebaixadas, desconnexas e deturpadas, quanto á forma e essencia; tantos e de tal ordem são os vulgarismos modernos que se infiltraram nos textos; tal é tambem a contaminação e fusão com assumptos analogos. *Tão perfeitas e abundantes são pelo outro lado, as versões castelhanas,* recolhidas recentemente *com arte e habilidade* digna de applauso, em regiões onde ninguem as suspeitava...» *(Ib.,* p. 8.) Esta perfeição desvenda a sua modernidade; ao passo que a diversidade das versões e variantes dos romances portuguezes exclue por isso o influxo de um centro de irradiação; resultam essas deturpações e fusão de assumptos analogos de um trabalho permanente, em que: «os Portuguezes continuam a collaborar na reconstrucção definitiva do admiravel Romanceiro hispanico,» *(Ib.,* p. 5.) prestando: «contribuições de grande valor, pois *constituem mais de uma vez o laço pro-*

curado debalde, entre as diversas redacções do mesmo romance...» *(Ib.*, 8.) Não é com o criterio da promiscuidade dos povos peninsulares, como proclamam *nuestros hermanos*, que se comprehenderá qualquer manifestação da cultura hispanica; é indispensavel conhecer os dados anthropologicos e ethnologicos subordinados á synthese sociologica.

D'este processo nos faz carga a fervorosa castelhanista, escrevendo: «Na synthese total, são esquecidas, como se *a influencia castelhana fosse um facto tardio e insignificante*, que em nada elucida sobre as origens. O interesse superior que ao historiador nacional inspiram os problemas *anthropologicos* e *sociologicos*, o modo como pensa a respeito das origens ethnicas [1] advogando uma serie de *arrojadas supposições*, o excessivo valor historico, assim como a nimia edade que attribue á poesia popular, suppondo que os textos metrificados (de que temos vestigios do seculo XV para cá) persistem ha muitos seculos na tradição oral, inhibem-no de reconhecer em geral a *unidade da civilisação portugueza e hespanhola*, e em particular a genese dos *romances castelhanos*.» *(Ib.*, p. 13.) Desde que os fócos de irradiação foram reduzidos ao facto positivo dos fundos communs de persistencia ethnica, as mesmas tradições nas suas varieda-

---

[1] São as doutrinas correntes desde Martins Sarmento. Vid. *Recapitulação: Edade Media*, p. 14 a 27.

des locaes completam-se aproximando-nos da ideia primitiva.

Quanto ao facto tardio e insignificante da *influencia castelhana,* esclarece-nos com nitidez o professor José Augusto Coelho, na sua monumental obra sobre a *Evolução geral das Sociedade peninsulares.* «Na zona sêcca e continental, de grande aridez e notavel esterilidade, teve de viver o Castelhano pela força opprimindo os povos das zonas ferteis, destruindo as suas resistencias contra a espoliação: — assim, teve de impôr o seu terrivel poder, primeiro ao Andaluz, ao Valenciano e ao Catalão, e mais tarde a uma bôa parte do mundo, a fim de viver á custa das riquezas extorquidas pela violencia ás multidões trabalhadoras.» (Vol. II, p. 239.) Para este fim serviu o Catholicismo por todas as formas cannibalescas da Inquisição, por todos os planos do Imperialismo romano-gothico, pela unificação iberica por casamentos reaes, e como Portugal, depois de levado pelos seus Reis a esta incorporação se libertou em 1640, ainda o Castelhanismo, para se consolar das perdas de Cuba e das Philippinas, vocifera com insania moral: *Aun tenemos Marruecos y Portugal.*

Sobre a funcção do Castelhanismo prosegue o eminente sociologo: «Concebendo a vida sob o fatal impulso de meios oppostos, *destruir* foi para o Castelhanismo a grande fórma do trabalho collectivo; *produzir,* foi-o para o *Lusismo.* Por isso, na sua longa e accidentada vida historica, o Hespanhol foi sempre a personificação

da força improductiva que arruina, do odio ao trabalho que cria, do orgulho altivo que esmaga os humildes, e, como o Romano dos velhos tempos, amou a guerra com todo o seu sombrio cortejo de espoliações, violencias, arbitrio, desegualdades pelos direitos de outrem; o portuguez, no periodo do seu esplendor historico e maior pureza ethnica, amou acima de tudo a exuberancia da vida agricola, a lucta commercial, a arrojada aventura maritima, toda a sua existencia de producção e trabalho pacifico. Foi irreductivel guerreiro o Castelhano; agricultor, commerciante e navegador o Lusitano. Em summa: a restricta orla occidental onde, na Iberia, conseguiu radicar-se o Lusismo, dilata-se á beira do bloco central onde o Castelhanismo se petrificava nas vetustas tradições do mundo antigo, como sendo em relação á maneira de conceber os fins da existencia collectiva, uma verdadeira nesga do mundo moderno.

«Esta opposição entre o Castelhanismo e o Lusismo é — uma consequencia fatal do Meio, e lança uma nitida linha, de separação entre a civilisação hespanhola e a lusitana.» *(Op. cit.*, II, 238-39).

D'esta funcção destructiva do Castelhanismo, deriva a sua evolução historica: «Trabalhavam as populações basicas da Iberia no fundo dos seus valles e planicies, nas veigas de Granada, nas huertas de Andalusia, nos portos da região barceloneza ou *atlantica;* accumulavam riquezas pelos esforços da sua energia e pelos calculos

da sua economia previdente, as mansas burguezas de Flandres, de Luxemburgo e da Italia: e o improductivo parasitismo do *planalto central das Castellas* a destruir, sempre a destruir tanta riqueza accumulada, e isto pondo em acção as expulsões systematicas dos Mouros ou Judeus, as vexações interminaveis do Fisco, as ferocidades da Inquisição, as irrupções furiosas da Fôrca, tudo em summa quanto a malevolencia humana póde inventar para aniquilar o pacifico trabalho das populações. Era isto possivel como fórmula definitiva de existir?» *(Ib.*, II, p. 355.) D'onde concluimos que para integrar a civilisação portugueza na influencia do «*magnifico isolamento do centro castelhano*», torna-se necessario o criterio *prussianista* na sua missão unificadora, para seguir a doutrina de Menendez y Pelayo completando a theoria de Milá y Fontanals. Tambem o prof. Baist vindica para Castella todas as *prosas novellescas*.

O desconhecimento das condições historicas de um pequeno povo, que na Epoca das Navegações e conquistas pouco passava de dois milhões e meio de incolas, faz com que d'esse mesquinho numero se conclúa sobre a sua exiguidade productiva. Assim no *Estudo sobre o Romanceiro peninsular*, escreve D. Carolina Michaelis: «E a falta estranhavel de romances sobre feitos historicos de Portugal? A tomada de Ceuta, de Tanger, Arzilla, Azamor, as batalhas de Aljubarrota, de Toro, a tragedia do Regente, o martyrio do Infante Santo; a actividade do

Navegador; os feitos de Affonso o Africano e seus Capitães; e *tantos e tantos casos poeticos da Historia nacional, não despertaram a musa épica popular.* Nem mesmo da prosa infantil das Chronicas do Condestavel, e do Infante Santo e de D. João I, ou da Historia Tragico-maritima se desprenderam romances populares.» *(Op. cit.,* p. 332.) Negativismo com laivos de pessimismo. Existiu uma grande actividade poetica, de que ficaram numerosos vestigios authenticos, máo grado o despreso dos eruditos pelos infimos e servis, como o alardeava no meado do seculo XV o Marquez de Santillana, e o rei D. Duarte detestando as Cantigas *sagraes.* Existiu ainda no seculo XIV o poema do *Abbade João de Monte-Mór*, e de epoca remota a cantilena de Santa Iria, trovas de Santo Antonio, romances da Rainha Santa, o Poema da Batalha de Salado, de 1340, o romance de D. Inez de Castro que se fusionou fóra de Portugal com o da morte de D. Maria Telles; o romance dos amores do rei D. Fernando com D. Leonor Telles, conservado pelos Judeus portuguezes do Levante, o Cantarcillo de Aljubarrota, as Nenias na commemoração do Condestavel, o Dito *Oh noite má*, da escalada de Tanger, o romance perdido da batalha de Toro alludido na côrte castelhana, os referentes á morte dos dois principes D. Affonso de Portugal e D. João de Castella; já no seculo XVI o romance do combate naval de Tunis de 1535 renovado na batalha de Lepanto de 1572; o romance á catastrophe de Alcacer-

Kibir cantado em castelhano. E ainda a imaginação popular desde o seculo XIII e XIV enlevada pelas cantilenas Carlingias e Lais bretãos narrativos, ou quando assimilava os quadros mais impressionantes do Romanceiro de Cid, que fôra armado cavalleiro em Portugal, na Sé velha de Coimbra. Os Romances da Historia de Hespanha vulgarisaram-se muito cedo em Portugal antes das Collecções castelhanas do meado do seculo XVI; a sua via seriam alguns *Pliegos sueltos* (Folhas volantes) que o povo ouvia lêr por aquella forma que revela Jorge Ferreira, da «lavadeira que canta de soláo e dá ceitis para cerejas a menino de eschola que leia Autos...» Sob este nome tambem se comprehendiam as Relações ou *Estorias* (Romances, na ilha da Madeira). A grande protecção que o rei D. Manoel dava aos jograes castelhanos, actuou n'essa vulgarisação de um cyclo especial, com que Gil Vicente teve de matizar os seus Autos. D. Joaquin Costa notou este facto referindo-se ao Cyclo dos romances dos *Sete Infantes de Lara*: «Muito populares deviam ter sido esses cantares soltos, quando na Farça de *Inez Pereira* (1523) Gil Vicente põe na bocca de um escudeiro o de:

Mal me quiren en Castella

«e na *Barca da Gloria*, faz dizer tambem a um arraes do Inferno:

Cântaremos á porfia
Los hijos de Dona Sancha...

«Estes cantares eram provavelmente reliquia de um extenso cyclo que teve de existir em seu principio, commemorando os feitos e o tragico fim dos Sete Infantes de Lara e do seu vingador Mudarra, antes que se iniciasse o cyclo dos romances.» 1 N'esta miragem do Castelhanismo, em que Menendez y Pelayo derivava todos os Romances do centro castelhano, e D. Carolina Michaelis esperava ainda descobrir a *Náo Catherineta* em um *prototypo castelhano*, a realidade dos factos especialisa-se como phase transitoria; a auctora dos *Estudos do Romanceiro peninsular* o reconhece a final: «Em Artes e Letras não havia fronteiras entre os dois reinos. Na politica sonhava-se (desde o seculo XIV e XV) a união de Castella e Aragão n'uma Monarchia universal, baseada na união iberica, sob o sceptro de um só principe nascido das duas dynastias, com a capital na bacia do Tejo, mas com o *idioma castelhano* como lingua official. Casamentos entre as familias reinantes tendiam a esse fim. Allianças entre nobres de cá apertavam cada vez mais os laços já existentes. As guerras de successão (Aljubarrota, Toro) a que finalmente conduzia a tendencia unitaria, redundavam em expatriações, embaixadas, viagens e nas terçarias. Depois veiu o desterro dos parentes e partidarios do Duque de Viseu e de Bragança (1483-1484); as festas de Evora pelo

---

1 *Introduc. a um Tratado de Politica*, p. 214.

casamento do Principe D. Affonso com a filha dos Reis catholicos (1491), a ida de D. Manoel a Çaragoça (1497), a fim de fazer proclamar successor o primogenito da mesma princeza com a qual casara. Todos esses e muitos outros acontecimentos notorios tiveram repercussão nas duas Litteraturas. Em geral o ecco é sympathico, o que não inhibe que Portuguezes e Castelhanos se crivassem escondidamente de fréchas satiricas, quer rindo, quer a sério.». (*Op. cit.*, p. 300.) Sendo estes factos cathegoricos, para que apagar o individualismo ethnico, e achar o nacionalismo luso fundado em supposições?

Os Romances cantados, glosados e parodiados ao divino ou em chasco tornaram-se por vezes proverbiaes, matizando conversas e cartas intimas, serõees da côrte e fiandões das aldeias. Nas *Decadas* de Diogo do Couto vem referencias a Romances velhos, que os cavalleiros portuguezes empregavam como senha nas expedições militares na India; D. Jorge de Menezes é avisado no mar por D. Antonio de Noronha, que lhe diz: *Vamonos, dijo mi tio — A Paris esa ciudad*, e elle comprehende que é para irem á expedição de Surate, respondendo com versos do mesmo romance: *No en traje de romero — Porque os no conoça Galvan.* Ao entrar victorioso em Barcellor D. Luiz de Athayde, ia o musico Veiga cantando: *Entram los Moros en Troya — Trez e trez, e quatro e quatro.* Debaixo das janellas do palació do Vice-rei

D. Constantino de Bragança, o partido do ex-governador Francisco Barreto cantava-lhe como chufa: *Mira Nero da janella — La nave como se hazia,* referindo-se á náo Chagas. Á tomada de Salsete em 1547 fez-se tambem um romance narrativo, de que Diogo do Couto traz o começo:

Pelos campos de Salsete
Mouros mal feridos vão;
Vae-lhes dando no encalço
O de Castro Dom João.
Vinte mil eram por todos...

(*Dec. VI*, L. V, cap. 10.)

Por este interesse geral é que os poetas dramaticos da eschola vicentina, nos quadros da vida intima portugueza misturavam trechos de romances velhos. Entre todos tem a primazia Gil Vicente; assim no *Templo de Apollo*, allude em proverbio ao romance de Bernardo del Carpio: — *Majadero sois, amigo — no mereceis culpa, no.* (II, 387.) E na farça de *Inez Pereira*, emprega do romance dos Sete Infantes de Lara: *Mal me quieren en Castilla — los que me habian guardar.* Na *Barca da Gloria: Los hijos de Dona Sancha; Mal amenazado me han.* (I, 227); *Guay Valencia, guay Valencia* (III, 270); *Donde estás, que te no veo* (II, 329); *Mas vale morir con honra* (I, 298); *Os braços trago cansados* (Pranto de Maria Parda); *En Paris estava Dona Alda* (Na *Rubena*); *Tiempo és el caballero, que se me acorta el vestir (Ib.).* Alguns d'esses romances já estavam em musica, como:

Nunca fué pena mayor, e *La bella mal maridada* e *Por Maio era por Maio* (III, 19, 823.) E parodiando os romances velhos, como o *Gayfeiros* e *Yo me estaba en Coimbra* (III, 212.)

Ferreira de Vasconcellos, deu o sabor portuguez ás suas comedias pelas locuções, modismos e adagios, completando o aspecto do tempo pelas numerosas referencias a romances castelhanos, que estavam em moda. Na Comedia *Eufrosina* (de 1527 a 1534) nota: «e ali tangem tudo sobre *Conde Claros.*» (p. 189.) E para caracterisar a antiguidade: «passou já com a sombra dos balandráos, e todas essas antigualhas de *Por aquel postigo viejo Buen Conde Fernan Gonzalves.*» Na comedia *Aulegraphia*, cita o romance tão glosado na sua epoca: *Retrahida está la Infanta* (fl. 256), e *Para que paristes, madre* (p. 260.) Cantae por desvio: *Mis arreos son las armas — Mi descanso es pelear.* (fl. 165.) Aquella *Bella mal maridada* não se toma com fita vermelha. (Fl. 46); e mais: «he uma atalaya de fortuna com epitaphio que diz: *A las armas, Mouriscote — Si en ellas quereis entrar* (Fl. 47); «eu vou n'outra volta *Ribera del Doro arriba* (fl. 80); «que me irei lançar en lençóes de velludo com a *Bella Infantinha* da minha guelas de cegonha...» (fl. 133); *Pregonadas son las guerras — de Francia contra Aragone.* (fl. 84 Y); na Comedia *Ulyssipo: Rey D. Sancho, Rey D. Sancho, no digas lo que te digo* (fl. 103); e «Vos deveis ser perdido por damices, e querel-as-heys que sejam bom chocalho ou pandeiro, e eu vou

n'outra volta *Ribeiras del Doro arriba* (fl. 80); *y los erros por amores — dignos son de perdonar*» (fl. 99 V.); «alegrias tristes, tristezas contentes, cuidados desesperados, obrigam impossiveis, com suas magoas de cada hora e de tudo em... *Para que paristes, madre, un hijo tan desdichado.* (Fl. 260.) E na *Segunda Tavola Redonda: Por el otro que se le iva — Las barbas se está messando.* (p. 341.)

Antonio Prestes, seguindo os passos de Gil Vicente, tambem entretece os seus Autos com versos dos Romances velhos. No *Auto da Avé Maria* cita *Moro Alcalde, Moro Alcalde; Yo le daria bel Conde;* e *Sereis vos un Durandarte.* No *Auto do Procurador* cita o *Vamonos, dijo mi tio.* No *Auto do Desembargador,* allude ao *Dom Duardos; Conde Claros; Falso, malo, enganador; Guay Valencia,* e *a Roma como se ardia* (Mira Nero de Tarpeia). No *Auto da Ciosa,* cita a *Bella maridada; Helo, helo, por do viene* em parodia; e o mesmo no *Auto dos Cantarinhos,* com mais: *Passeava-se el Rei Mouro; Don Duardos e Flérida;* e ás pancadas, *Mouriscote;* no *Auto dos Dois Irmãos,* o romance de Fernan Gonçales de *el partir de las tierras.* (p. 273). Antonio Ribeiro Chiado, escreve em uma carta: «com um só *Conde Claros* espantou os Francezes da costa.» No *Auto das Regateiras:* E vós *Bella mal maridada* (p. 65.) Seu irmão Jorge Ribeiro, cita *Sobre mi vi guerra armar.* Jorge Pinto no *Auto de Rodrigo e Mendo: En el mes era de Abril: Helo, helo por do*

viene, Bella mal maridada; Riberas del Douro arriba.

Camões pela incontestavel superioridade do seu genio soube conciliar as duas Almas, a influencia classica do erudito humanismo e a riqueza da tradição medieval; são numerosas as referencias a Romances velhos nas suas Cartas, Satiras e Autos. Vêm intercalados na prosa da Carta I, os versos *Ribeiras del Douro arriba; Su comer las carnes crudas,* e *A fora, a fora Rodrigo* e *Mouriscote.* Nos *Disparates da India,* vem *Mi padre era de Ronda, Villas y Castillos tengo — Todos á mi mandar sone; — Que se mataran con tres, — y lo mismo haran con cuatro.* No *Auto de Filodemo: Mi cama son duras peñas — Mi dormir siempre es velar.* No *Auto del rey Seleuco* intercala os versos de *Conde Claros: salté preste de la cama, — que peresco un gavilan.* No *Auto dos Amphitriões,* parodia os versos do romance do Cid: *bravo va per la batalla;* e do romance de Fontefrida, parodia o verso: *Malo, falso enganador.* Camões deixou bem expressa a razão d'este bilinguismo usado pelos Trovistas; não era uma imitação servil, do prestigio da admiração, mas uma moda, uma feição de essa epoca: para a trova ser fina,

> hade ser toda de un pano,
> que parece muito inglez,
> num pelote portuguez
> todo um *quarto castelhano.*
>
> (*Amph.* I, 6.)

Não era por falta de *originalidade*, como infere D. Carolina Michaelis, que os trovistas *castilhanisavam*, mas para darem relêvo comico aos seus versos (como declara Gil Vicente) e por isso eram apodados:

> Mis señores romancistas
> poetas de Lusitania
> que *hurtastes las invenciones*
> *a la lengua castelhana.*

Nas duas Cartas de Manoel Ocem, de Africa, são glosados muitos versos de romances velhos, *Mirando la mar de España; Vi venir pendon vermejo; A las armas Mouriscote; Donde estás que te no veo; Y que nueva me traedes; Una adarga até aos pechos; La flor de Berberia; Caballeros de Alcalá* e *Mira Nero.* Entre as relações poeticas, a *Historia da Imperatriz Porcina* de Balthazar Dias é extremamente parecida com a Patraña 21 de Timoneda, mas esse thema medieval acha-se contido na *Gesta Romanorum.* [1] Pedro de Andrade Caminha, emprega como centão no *El Peregrino Curioso* de Villalba, versos de romances: *A fuera, a fuera, Rodrigo; Camiño del Helesponta; Mala los visteis franceses; Mucho me plaze, el buen rey; Apesar del rey de França — los puertos de Aspa passó.*

[1] Joseph de Perrott cita o texto allemão do Dr. Grane, Leipzig, 1905, p. 144. (Carta de 8 de Abril de 1908.)

Os Romances castelhanos soffreram no seculo XVI uma transformação fundamental, sendo admittidos á forma litteraria. Jorge Ferreira de Vasconcellos favoreceu esta innovação no meio da corrente do gosto italiano pelo seu valor historico: «de que *tanto em Hespanha se usou muito, e usar-se agora para estimulo de imitação não fôra máo.*» Elle proprio seguiu o conselho compondo romances da Tavola Redonda e Greco-romanos; taes são *Gran Bretanha desleal* (*Memorial*, cap. 3); *N'aquella montanha Ydea*, (cap. 8); *Com lagrimas e soluços*, (cap. 12); *De ti casto Scipião* (cap. 13); *Diante os muros de Troia* (cap. 33); *No templo de Apollo Achilles*, (cap. 35); *De Roma sae Pompeo*, (cap. 45).

Gil Vicente dando ao Romance forma litteraria, chegou no seu romance de *Dom Duardos* a identificar-se com a alma popular; glosado em pliegos sueltos em Hespanha, conservou-se por seculos na tradição oral açoriana, e penetrou no *Cancioneiro de Romances*, de Anvers, de 1555. Nos seus Autos intercalou estes bellos Romances litterario-populares: *Remando vão remadores* (I, 246); *Niña era la Infante* (II, 416); *Pranto fazem em Lisboa* (III, 348); *Dezenove de Dezembro* (III, 355); *En el mes era de Abril* (II, 249); *Yo me estaba en Coimbra* (III, 202); *Voces daban prisioneros* (I, 333); *Dios del cielo, rey del mundo* (II, 478); *Por Mayo era por Mayo* (II, 531). Esta manifestação litteraria acha-se representada na *Floresta de varios Romances*, que forma a parte final do *Romanceiro*

geral portuguez. O genero derrancou-se no seculo XVII e XVIII, não merecendo o sacrificio de uma compilação reflectindo o cultismo seiscentista, as fórmas picarescas dos anti-arcades e a inconsciencia dos ultra-romanticos.

Novellas e Contos. — A Edade Média na dissolução catholico-feudal que se operava emquanto ia predominando a Renascença, ainda inspirava ficções sympathicas a essa phase social; as *Novellas de Cavalleria* eram elaboradas e lidas com fervor pelos que idealisavam as galhardias heroicas do Feudalismo, e os Contos, transformados em *Exemplos* moraes pelos pregadores e theologos, eram agora os quadros pittorescos da vida burgueza com um realismo dissolvente. A Renascença oppunha ás Novellas as Epopêas classicas e historicas, como a *Eneida* de Virgilio, a *Thebaida* de Stacio e a *Pharsalia* de Lucano; e o *Conto* tornava-se o germen do romance picaresco. Os humanistas condenavam estas fórmas das ficções medievaes, sendo coadjuvados pelos moralistas catholicos; Vives e Montaigne e outros cultos protestavam contra essa fascinação. O Dr. João de Barros, secretario de D. João III, no seu livro *Espelho de Casados,* chega a condemnar as Novellas mais afamadas e lidas como causando a ruina da mocidade: «Quando os mancebos começam a ter entendimento das cousas do mundo, gastam o tempo em livros mui desnecessarios e pouco proveitosos para si nem para outrem, assim como

na fabulosa historia de *Amadis*, nas patranhas do *Santo Graal*, nas sensaborias do *Palmeirim* e *Primaleão* e *Florisendo*, e outros assim, que haviam mister totalmente exterminados, que já de nenhuma cousa servem, onde ha tantos outros de que se pode tirar proveito.» E recommenda a leitura de Livio, Valerio, Curcio, Suetonio e Eutropio. O moralista bem conhecia o *Amadis de Gaula* em Portuguez, o manuscripto em poder do Duque de Aveiro D. Jorge de Lencastre, e talvez o exemplar impresso de 1510 que existia na Livraria do Rei D. Manoel; mas desconhecia a sua influencia profunda, nas imitações de outras Novellas celebres do seculo XV, como *Tirant il Blanc, Cifar* e *Esplandian*, e continuada no *Palmeirim de Oliva* e no *Palmeirim de Inglaterra*. A par do enthuziasmo da Renascença, nas suas formas philologica e critica, scientifica e philosophica, a paixão pela litteratura das Novellas sustentou-se até ao delirio da sua decadencia. Eram a delicia da côrte, pelos seus apparatos protocolares. Quando o futuro historiador João de Barros foi dado como guarda-roupa do principe D. João, teve de comprazer com esse gosto ao que o proprio rei D. Manoel tendia em aventuras galantes. Escreve Severim de Faria: «Era então João de Barros de pouco mais de vinte annos de edade, e como andava em serviços do principe, que lhe occupava a mór parte do tempo, só nos espaços que lhe restavam publicamente, e como elle diz, na mesma guarda-roupa do paço sem outro repouso nem mais re-

colhimento... em outo mezes compoz esta *Historia (de Clarimundo)*, que para tal edade e occupação se póde ter por grande cousa. Ainda que o principe D. João, a quem elle communicou seu intento, o favoreceu tanto, que elle mesmo ia revendo e emendando os cadernos que compunha; este favor lhe fez publicar logo o livro; e estando o rei D. Manoel na cidade de Evora, no anno de 1520, lh'o apresentou, dizendo-lhe, que a intenção com que o fizera fôra para se empregar na historia de Portugal e principalmente na da conquista do Oriente.» Teve essa diffusa Chronica do *Imperador Clarimundo* o merito de formar o estylo do preclaro narrador das *Decadas da Asia*. Publicou-se em Coimbra em 1520, tendo nova edição em 1553 no anno em que apparecia á luz em Lisboa a *Primeira e Segunda Decadas*. Apesar de Francisco Rodrigues Lobo consideral-o como um dos livros de Cavalleria mais bem escriptos, reimprimindo-se ainda em 1601 e 1742, é hoje illegivel por estar desprendido das allusões coévas, que suscitariam interesse. Camillo Castello Branco approxima estes dois homonymos: «Seria este (o Dr. João de Barros) um dos raros quinhentistas que em 1529 escarneciam as patranhas dos romances mediévos do rei Arthur e *as semsaborias do Palmeirim*, ao passo que outro João de Barros, seu parente, publicava nove annos antes a Chronica do *Imperador Clarimundo*, que requinta na insulsez e na inutilidade.»

Da imitação do *Amadis de Gaula*, que do-

minou as emoções do seculo XVI, surgiu um novo Cyclo de Novellas, a começar no *Palmeirim de Oliva* (Sevilha, 1525), continuado no *Primalcão e Polendos,* como seu segundo livro, no *Platir,* e no *Palmeirim de Inglaterra,* filho do rei *D. Duardos e Flérida* (filha de Palmeirim de Oliva), composto por Francisco de Moraes, em 1543. Quando, no *D. Quixote,* Cervantes descreve essa graciosa scena do Cura, licenciado Mestre Pedro, lançando á fogueira as Novellas de Cavalleria responsaveis por terem dado volta ao miolo do seu parochiano, elle salva de tão ignominioso auto de fé o *Amadis* e essa *palma de Inglaterra,* elogiando as aventuras do Castello de Miraguarda. Francisco de Moraes, já entrado em annos, como empregado do Thezouro da Casa Real foi encarregado de acompanhar como secretario o joven D. Francisco de Noronha em missão diplomatica a Francisco I para tratar dos interesses referentes aos bens que pertenciam á Infanta D. Maria, enteada d'aquelle monarcha, e irmã consanguinea de D. João III, que a retinha na sua côrte, embaraçando por todas as fórmas que ella fosse para a companhia de sua mãe. Foi essa missão delicada em 1540; então na côrte de Francisco I, as Novellas de Cavalleria dominavam em absoluto e n'esse mesmo anno publicava D'Herberay des Essarts o primeiro grande volume da versão do *Amadis de Gaula.* Em uma carta que em 10 de Dezembro de 1541 dirigiu Francisco de Moraes, de Melun, ao Conde de Linhares

D. Ignacio de Noronha, dá-lhe noticias do irmão e das Festas de Fontainebleau, em que as damas jogaram a péla com a maxima desenvoltura, o que descreve com a sensatez fria da edade.

N'esta laboriosa missão, mas n'uma côrte desvairada em apparatosas festas, Francisco de Moraes recordou-se dos divertimentos dos Serões de Portugal, já decahidos, e de quando Gil Vicente representou a Tragicomedia de *D. Duardos*, extrahida da Novella de *Primaleão*, publicada em 1524, em que se tratam os amores de *D. Duardos e Flérida*. Essa Novella provocava especial interesse por se dizer que era escripta *por mano de dueña*, uma Dama natural de Augustobriga, no territorio da Lusitania. Flérida era neta de Palmeirim de Oliva; e se d'esses amores tratara em tragicomedia Gil Vicente, lembrou-se Francisco de Moraes de continual-os no fructo d'elles, escrevendo *n'esses dias*, que esteve em França, de 1540 a 1543, uma novella em prosa que intitulou *Palmeirim de Inglaterra*, sob a impressão recente do *Amadis*, e suscitado pelas damas, com quem entretinha intrigas amorosas, como a de *la belle Torsi*, M.[me] Fontaine Chalandroy, que com outras damas figura na novella. Os *Dialogos em um desengano de amor* indicam o estimulo que o fez novellista. Ao regressar a Portugal em 1543, tendo de conferenciar longamente com a Infanta D. Maria sobre os seus capitaes e communicar-lhe as magoadas lembranças da rainha D. Leonor, sua

mãe, descrevendo-lhe a vida turbulenta e louca da côrte de Francisco I, tornava-se uma affectuosa homenagem á cultura litteraria da Infanta a dedicatoria da sua novella *Palmeirim de Inglaterra.* É admissivel que a Novella viesse já impressa de França, *em caracter gothico e redondo,* de que falla o editor de 1786, como existente na Livraria de San Francisco da Cidade; isto nos leva a inferir ser o infolio sem data, citado por Quadrio com o titulo *Livro do formosissimo e valerosyssimo Cavalleiro Palmeirim de Inglaterra.* É certo que esta edição tinha a Dedicatoria á Infanta D. Maria, que não foi impressa na edição de Evora de 1567, mas que apparece na edição de 1592 por Affonso Fernandes. N'essa Dedicatoria allude-se a D. João III como ainda vivo, isto é, onze annos antes da edição de Evora de 1567. Além d'esta circumstancia, ha inclusos na novella uns versos de Francisco de Moraes que foram glosados por Camões *A Tenção de Miraguarda,* colligidos no Cancioneiro de Luiz Franco. Foram glosados quando Camões frequentou a côrte de 1544-45. A novella tornou-se rara em Portugal, mas apanhado em Hespanha este folio gothico, o livreiro Miguel Ferrer fez a traducção castelhana do *Palmeirim de Inglaterra,* que imprimiu em Toledo, em 1547, dando-o *como original seu.* A versão é precedida de um encomio em verso feito por Luys Hurtado, que muito velhacamente das primeiras letras de cada verso fez em *Acrostico* o seu nome, e a phrase: *Luys Hurtado, Autor al*

lector. O poeta, conhecendo o roubo do livreiro, disfructou-o louvando-o no encomio e dando-se por auctor *Robando la fructa de agenos huertos.* Enganando-se mutuamente, roubaram o original de Francisco de Moraes. Constou o roubo castelhanista em Portugal, e por 1554 Antonio Prestes no seu *Auto dos dois Irmãos,* dizia por um dos seus personagens:

> Não é *Palmeirim* da França
> que nada se lhe joeira...
> será *Palmeirim pilhança.*
> Não venham livros d'estorias
> limar-vos pera mamados
> com *Palmeirim furtorias.*

Na novella apparecem nomeadas damas que brilhavam na côrte de Francisco I por 1540 a 1543, como Latranja, Talensi e Mansy, e deixando um Dialogo sobre os seus amores com *la belle Torsi;* descreve logares de Portugal, como o Castello de Almourol em Thomar. Pelo estudo comparativo do texto de Camões, nos *Lusiadas,* com o do *Palmeirim de Inglaterra,* põe em evidencia o dr. J. M. Rodrigues que fôra muito familiar ao poeta a leitura da novella de Francisco de Moraes. Por certo que essa leitura não foi feita pela edição de Evora de 1567, porque esse tempo foi aquelle da maior desolação e miseria do poeta torturado por Pedro Barreto, seu crédor; só poderia achar encanto na novella na sua rapida passagem pela côrte,

entre 1544 a 1545, quando glosara a *Tenção de Miraguarda,* e relendo um texto impresso, que por ventura possuiu. Os bibliographos Salvá e D. Pascual de Gayangos, tendo descoberto a edição castelhana de Toledo de 1547, com o usual criterio simplista d'esse imperialismo iberico que sempre sonha a sua expansão sobre Portugal, pretenderam a prioridade ou originalidade d'essas traducções sobre o texto portuguez. O erudito Benjumea provou que em 1547 Luiz Hurtado, nascido em 1530, não podia aos dezaseis annos ter escripto essa novella algo volumosa. A discussão d'este problema litterario pelo erudito brasileiro Odorico Mendes e D. Nicoláo Diaz Benjumea tornaram para sempre irrefragavel a originalidade de Francisco de Moraes, a quem foi dado como titulo de nobreza o nome de Moraes-*Palmeirim*, como affirmam os genealogistas Belchior Gaspar de Andrade e fr. Gaspar Barreto. Obedecia este onomastico ao mesmo espirito que designou o auctor das historias britonicas Galfridus-*Arturus*. Em edade septuagenaria morreu Francisco de Moraes em 1573, assassinado ás portas de Évora, então um fóco do Jesuitismo triumphante; só pode explicar-se este crime pelo fanatismo religioso exaltado pela consagração da matança da Saint Barthelemy. Ainda em 1592 foi reimpresso o *Palmeirim de Inglaterra*, achando continuadores cyclicos, como Diogo Fernandes publicando a terceira e quarta parte em 1587, 1604 e 1786; a quinta e sexta parte por Balthazar Gonçalves

Lobato, em 1602 e 1786, levando á insensatez estas imaginosas ampliações, em que cooperou tambem D. Gonçalo Coutinho com a sua *Historia de Palmeirim de Inglaterra* e de *D. Duardos,* perdida.

Ligado aos accidentes da côrte de D. João III, tambem Jorge Ferreira de Vasconcellos, Escrivão do Thezouro Real e da Casa da India, compoz uma novella de cavalleria, que com o titulo de *Triumphos de Sagramor,* appareceu publicada em Coimbra em 1554 em folio. É de extrema raridade, formando uma primeira parte, com a narrativa allegorica do celebrado Torneio de Xabregas de 5 de Agosto de 1550, em que tomou parte o mallogrado e auspicioso principe D. João. É natural que os *Triumphos de Sagramor* fossem escriptos immediatamente ao Torneio, não se tendo vulgarisado essa primeira parte impressa em 1554 pelo subito falecimento do joven principe. Jorge Ferreira retomou o seu thema transformando-o e completando-o com o titulo de *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda,* impresso em Lisboa, em folio em 1567; visava o joven rei D. Sebastião, que tambem se revelava com sympathia por obras imaginosas. O genro do novellista, referindo-se a retoques para futura reimpressão do *Memorial,* de 1567, allude á edição primitiva de 1554: «com a *Primeira parte* da Tavola Redonda, que para *terceira impressão* emendou o Autor em sua vida, de sorte que *do meio em diante tudo ficou differente,* e assi mais a Segunda parte da

mesma historia podereis começar a esperar muito em breve.» 1

Quando as Novellas pastoraes do gosto italiano eram imitadas sob a influencia classica da Renascença, Bernardim Ribeiro escrevendo a *Menina e Môça,* com a preoccupação lyrica do bucolismo em que é inexcedivel, deu á sua novella o caracter cavalheiresco d'esse mundo feudal que desapparecera sob a dictadura do absolutismo da realeza. Era uma fórma de melhor velar a realidade das situações que constituiram o drama tragico da sua vida. Essas allegorias, que tanto interesse provocavam na leitura da *Menina e Môça,* estão hoje explicadas graças aos elementos autobiographicos conjugados com o documento judicial de 1642 e a genealogia da familia Zagalos de Extremoz pelo cruzio D. Flaminio. A linha fundamental da Novella é a historia de *dois amigos* que com diversa ventura amaram duas irmãs; um é *Bimnarder (Bernardim* Ribeiro) que teve amores com *Cruelsia (Lucrecia* Gonçalves), e *Tasbião (Sebastião* Dias Zagalo, primo do poeta, e filho do proprietario da quinta dos Lobos, em Cintra, Alvaro Pires Zagalo) com *Romabisa (Ambrosia* Gonçalves),

---

1 O nome de *Sagramor* apparece no poema medieval *Bel Inconu;* e em uns fragmentos de um poema em médio alto allemão, enxerto secundario sobre as lendas arthurianas. (Gervinus, *Historia da Poesia allemã*, II, 42.) Em documento de 1533 vem citado um individuo pelo nome de *Sagramor* de Basto. *(Archivo portuguez oriental*, p. 57.)

com quem casara. As situações patheticas estão do lado de Bernardim Ribeiro, que pela paixão subita e invencivel por sua prima Joana Zagalo (*Aonia,* na Novella, e *Joanna,* nas Eglogas) abandona Lucrecia Gonçalves, cujo irmão, favorito do rei D. Manoel, faz com que o monarcha determine que Joanna Zagalo se consorcie com Pero Gato, filho do celebrado Capitão de Çafim. Estes lances, expressos nas mais vehementes estrophes das Eglogas, e na prosa ingenua e impressionante da Novella, conduziram á morte prematura do marido de Joanna Zagalo, á clausura d'ella em um convento de Extremoz, onde Bernardim Ribeiro a foi encontrar louca, e á ruina mental do poeta, que viveu alguns annos tambem allienado no Hospital de Todos os Santos até 1549. A *Novella da Menina e Môça* chegou a ser prohibida officialmente, talvez por se explicar a morte de *Beliza* (Isabel Zagalo) relacionada com uma aventura amorosa do rei D. Manoel. Os mais antigos textos da Novella, nas edições de Ferrara de 1554 e de Colonia de 1559 ficaram truncados, terminando abruptamente no capitulo XVIII, da Segunda parte; o mesmo se nota nos manuscriptos conhecidos, da Bibliotheca da Academia hespanhola (Ms. n.º 76, de p. 1 a 39) e no Ms. do Arcediago de Barroso, Jeronymo José Rodrigues. Sómente na edição de Evora de 1557, *trasladada do seu proprio original,* é que vem completa a Segunda parte com uma grande interpolação, em que o Capitulo XXXII até XXXVIII, se deverá seguir

ao cap. XXXI da Primeira parte. A allegoria da segunda parte, em que trata da historia de *Arima*, ainda não está completamente esclarecida, não devendo apesar das suas descoordenações considerar-se apocrypha.

As *Trovas* de Bandarra, que pertencem ao grupo das Prophecias nacionaes, são um reflexo das Prophecias de Merlim, que em Portugal foram conhecidas na sua relação mysteriosa do *Anno de quarenta*, em que se venceu contra a mourisma a celebre batalha de Salado; no poema ou *Cronica en redondillas* de Rodrigo Yanes narrando esse glorioso feito, que acabou para sempre com as invasões africanas, acham-se reminiscencias das Prophecias de Merlin, alludindo ao *Leão dormente* ou D. Affonso IV e ao Porco Espinho ou o rei de Benamarim. Sobre este schema tradicional, que o sapateiro de Trancoso Gonçalo Eanes Bandarra conservava inconscientemente, bordou as suas *Trovas*, que foram, desde as novas luctas africanas de Tunis até á derrota de Alcacer-Kibir e restauração nacional em 1640, — commentadas e ampliadas ao sabor das *esperanças lusonicas*. Pelo processo do Santo Officio de 1541, sabe-se que o auctor das *Trovas*, fôra abastado, mas para resistir á sua decadencia adoptara o mister de sapateiro. Durante nove annos leu a Biblia em vulgar, que pertencera a João Gomes da Gram, o que nos revela a corrente do protestantismo que se manifestava em Portugal. Em 1531 veiu Bandarra pela primeira vez a Lisboa, hospeda-se em

casa de João de Bilbis, pedindo-lhe alli João Lopes, caixeiro, a explicação das *Trovas*. Achando-se já em Trancoso em 1537, é visitado por Heitor Lopes, que lhe diz estar o livro das *Trovas* já muito velho, querendo mandal-o trasladar. Em 1538 é visitado em Trancoso por um Vargas, da Covilhã, para com elle argumentar sobre a Biblia; em 1539 regressando a Lisboa, encontra na Guarda Filelfo que lhe pergunta pelo Livro das *Trovas*. As Prophecias exerciam já uma grande fascinação, e outra vez é procurado em Trancoso em casa de Manoel Alvares para explicar as *Trovas*. A Inquisição em 1541 apoderou-se do pobre sapateiro, dando com a sua condemnação maior prestigio ás bucolicas *Trovas*, vendo os Christãos novos ahi allusões ao seu ideal messianico, e depois de 1578 os patriotas as esperanças do *Desejado D. Sebastião* e fundação do Quinto Imperio do mundo (ideias danielicas) ou adaptando-as ao *Encoberto*, o rei D. João IV, ou tambem a D. Pedro II pelos jesuitas que trabalhavam para a deposição de D. Affonso VI, unico meio de lançar fóra do poder o grande ministro Castello Melhor. Tudo isto mostra como essa exigua parte tradicional está syncretisada com excrecencias e adaptações apocryphas.

Os Contos. — O desenvolvimento dos Fabliaux da Edade média em Contos e Novellas litterarias é um dos caracteres das duas Renascenças, na Italia. Em Portugal temos a preciosa collecção dos *Contos e Historias de proveito e*

exemplo por Gonçalo Fernandes Trancoso, em que com o elemento tradicional e popular, se nota a influencia directa dos Novellistas italianos. A epoca em que veiu Trancoso para Lisboa pode fixar-se em 1544; nos *Contos* allude-se á morte do principe D. João em 1554; e no conto nono da segunda parte refere a terrivel calamidade da *Peste grande*, de 1569: «todos os que este anno de *mil e quinhentos e sessenta e nove*, n'esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforcemos e não nos entristeçamos tanto, que caiamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando occasião a nossa morte...» Na primeira edição dos Contos, de 1575, vem uma *Carta á rainha D. Catherina* com preciosos dados biographicos, em que diz Trancoso ter-se visto a cidade de Lisboa despovoada, e que lhe morreram sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e outro então menino de côro. [1] No meio d'esta tremenda angustia publica e domestica, tratou de escrever alguns Contos para desanuvear o espirito. Sobreviveu-lhe o filho Antonio Fernandes, que em 1596 publicou a terceira parte da collecção, que ao todo consta de vinte e nove Contos, importantes pelas suas origens tradicionaes, embora o estylo rhetorico e as divagações moralistas lhe empanem por

---

1 Esta carta vem transcripta na *Revista Lusitana*, vol. VII, p. 98.

vezes o seu merecimento. 1 Depois da edição de 1575 seguiu-se a de 1585, por seu filho, de 1589, a de 1596 com as trez partes; no seculo XVII, as de 1608, 1624, repetindo-se até ao fim do seculo XVIII, esperando ainda uma edição critica com notas comparativas.

A Eschola Vicentina

No desenvolvimento normal do theatro portuguez Gil Vicente elevou-se da Egloga pastoril ao Auto popular e hieratico, e esboçou a fórma da *Comedia famosa*, que se tornou definitiva e florente no espantoso desenvolvimento do theatro hespanhol. A razão d'este extraordinario phenomeno é encontrada por D. Agustin Duran na transformação natural dos Romances heroicos e das Novellas cavalheirescas em fórma dramatica, imposta pelo gosto popular e realisada no typo da *Comedia famosa*, que enriqueceu aos milhares o assombroso repertorio hespanhol. Pois este phenomeno foi iniciado por Gil Vicente nas suas duas Tragicomedias do *Amadis de Gaula* e de *D. Duardos*, tiradas do thema do *Primalcão*, segunda parte do *Palmeirim de Oliva*. A sua comedia de *Rubena* é uma caracteristica *Comedia famosa*. Tambem o cego trovista Balthazar Dias converteu na Tragedia

---

1 Vem resumidos nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, II, n.os 151 a 167.

do *Marquez de Mantua* o romance narrativo dos *pliegos sueltos* castelhanos. A Eschola de Gil Vicente dominou em Portugal em todo o seculo XVI e XVII, cristalisada na forma de Auto, vencendo as fórmas da comedia classica italiana e a comedia famosa hespanhola, e conservando sempre o seu espirito nacional. Esta actividade litteraria, que antecedeu a transformação do Romance em Hespanha, justifica a pobreza do nosso Romanceiro, sem que d'ahi se conclua por uma apparente falta de originalidade. E o que ha mais para notar é a contribuição dos talentos portuguezes cooperando com comedias famosas escriptas em castelhano para o esplendor do theatro hespanhol.

Affonso Alvares. — Improvisador satirico e compositor de Autos hieraticos ainda hoje populares, viveu em Evora como creado da casa do Bispo D. Affonso de Portugal, vindo depois do falecimento d'este para Lisboa, onde constituiu familia, ensinando meninos a lêr e escrevendo Autos *a pedimento dos muy honrados e virtuosos conegos de San Vicente.* Conhecem-se algumas circumstancias da sua personalidade pela *Querella* em quintilhas em que retrucou contra os chascos do afamado dizidor Antonio Ribeiro Chiado, que desde Evora já se hostilisavam. Como *mulato*, de raça inferior e filho de uma forneira, o apoda o Chiado:

> Eu não sei onde nasceste,
> cão, *mulato*, mú, rafeiro.

Tua mãe esteve em fôrno.
És tão boçal, que m'estou rindo
como soffres tal sejorno.

Eu te vi já em Arronches
ser cativo de um Sequeira...

Com os diabos armas laços
cáes em suas armadilhas,
nascem-te filhos e filhas,
os machos mulatos baços
e as fêmeas são pardilhas.

O pobre poeta, a quem o frade bargante diz com desdem: «Olhae que *passaes de velho*», replica-lhe aos insultos:

Tu não achas mais em mim
que *dar n'esta côr presente,*
pois que Deus me fez assi,
e não tão máo como ti
dou-lhe graças de contente.

Lembra-lhe a antiga amisade com que o acolhêra:

Devéras, porém, em razão
ingrato, desconhecido,
que me achaste percebido
sempre com obras de irmão
mais que de ventre nascido.

Que, se não foram filhinhos
e a honra que mantenho,
eu te fizera canhenho
de pernas, mãos e focinho
pela virtude do Lenho.

Os seus Autos de *Santa Barbara,* e de *S. Thiago* e de *S. Vicente* são simples dramatisações das narrativas da *Legenda Aurea,* com pouco relêvo poetico e muita credulidade. Mereceram apesar d'isso córtes da censura impos-

tos nos Indices Expurgatorios. No *Auto de Santo Antonio*, escripto em 1531, como se verifica pela circumstancia da *peste* e *terramotos* de 26 de janeiro d'esse anno:

> E por estas cousas taes
> vem a *rigorosa peste*
> e estes *tremores taes*...

elle descreve o typo do Villão, que vem á festa dos pescadores de Alfama, com traços caracteristicos. Pela estructura do Auto, que termina por uma oração liturgica, parece ter sido representado na egreja. Debalde procuraram oppôr este rival falho de sentimento poetico a Gil Vicente.

Antonio Ribeiro Chiado. — Fôra na sua mocidade donato dos frades franciscanos de Evora, professando na Ordem com o nome de Frei Antonio do Espirito Santo, entregando-se depois á vida airada como *bargante* e *dizidor*, sendo prezo por mandado do seu geral ou commissario e como reincidente expulso definitivamente da Ordem. Pelas *Querellas* em quintilhas que teve com o mulato Affonso Alvares, foram-lhe assacados factos intimos que desenham ao vivo a sua personalidade. Assacando-lhe a baixa origem, escreveu Affonso Alvares:

> *Nasceste de regateira*
> *e teu pae lançava solas*,
> d'onde apprendeste parólas
> e os anexins da ribeira
> do que cá tinhas escolas.
> ....

E diz mais: Não pode ser
que os de ruim villão
deixem de mostrar quem são:
que ninguem póde fazer
de vil raposo leão.

Assi que *de sapateiro*
não pode vir cavalleiro;
nem de regateira pobre
pode nascer filho nobre.

E repellindo os ataques satiricos do frade ribaldo, compara a sua situação:

Que *nunca cosi corrêa*
nem menos lancei tacão,
Faço obra do que sam,
e *a côr não me desfeia,*
minha honra e discrição.

Fere-o alludindo ao enxovalho do habito monachal:

Porque se vos enganaes
com ter a roupa comprida,
com isso não me fartaes,
que o que jaz n'ella mettida
quero que me o digaes.

E porém, *se tu praguejas*
da mãe que te trouxe em si,
como não dirás de mi?
Mas já sei que são invejas
que o mundo sabe de ti.

Chamas-te *do Espirito Santo,*
tão fóra de nunca o ter!
Porque quem tal nome quer
ha-de ser santo; *por tanto*
a ti não pode caber.

Antonio Ribeiro Chiado era arrastado pelo seu temperamento á vida dos goliardos da tra-

dição medieval escholaresca; evadiu-se do convento em uma d'essas usuaes aventuras; prezo e penitenciado no aljube, tornou a escapar-se, vindo viver secularmente em Lisboa, á custa das suas habilidades de repentista. Affonso Alvares assim o retrata:

> Mas tu, que, velhaco velho
> por bolires c'o *trebelho*,
> *foges pela contra-mina*,
> e pois te dão desciprina,
> porque tomas máo conselho.
> . . . .
> E tu queres ser *rufião*
> *e beber*, como francez
> *e comer*, como allemão,
> e *fallar velha e villão*,
> e dar aos Frades máo mez!

Quando já vivia em Lisboa proximo do convento do Espirito Santo da Pedreira, na Calçada de Paio de Novaes que o vulgo denominava *Chiado*, a que deveu o appellido, o ex-frade continuando a sua vida dissoluta frequentava o Pateo das Fangas da Farinha, e por esse estimulo começou a escrever os seus Autos graciosos. Affonso Alvares retrata-o n'esta vida de Lisboa por 1542, em que elle teve intimidade com Camões:

> Porque eras *tão conhecido*
> *por sacerdote perdido*,
> *com fama de gracioso*,
> sem graça de virtuoso,
> que era mal serdes soffrido
> sem castigo rigoroso.

Que *não ficava serão*
onde vós Frei mexilhão
não fosses meter o saco,
com vossas graças de vão
fallando velha e villão,
feito vasilha de Baccho.

Vê-se que além de compositor de Autos, o poeta Chiado era tambem imitador de typos populares, fallando de *velha* e de *villão*, com uma graça inventiva que suscitou o interesse de Jorge Ferreira de Vasconcellos, Escrivão do Thezouro real, que fallaria d'elle com tal interesse, que D. João III quiz ouvil-o. Prova-o o *Auto da natural invenção*, que foi representado diante do rei, máo grado as muito irregulares circumstancias da vida. Jorge Ferreira de Vasconcellos, na sua comedia *Aulegraphia* (fl. 126) de 1544, allude ao citar umas coplas do celebrado dizidor: — «Torná por alla; que concierto de razones! — Isso é vosso? — Senhor, não; é do escudeiro *Chiado.* — *Em algumas cousas teve vêa esse escudeiro.*» E um personagem estranhando o tratamento de *escudeiro*, protesta em seu favor: «como que não procedessem muitos de *mais baixos troncos.*» Camões cita o seu nome com estima no prologo gracioso do Auto de *El-Rei Seleuco* de 1546: «Aqui me veiu ás mãos sem piós nem nada, e eu por gracioso o tomei; e mais, tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, como eu ou como o *Chiado.*» Andaram os dois poetas nas esturdias nocturnas por Pateos e Côrros de Comedias, e n'essas vacações e paragens na taverna do Malcosinha-

do poz o Chiado a Camões a alcunha de *Trinca-Fortes*. Com todos estes accidentes e contactos com a vida do povo os Autos do Chiado estão repassados de traços vivos e definidos dos costumes portuguezes. Poucos são os Autos que restam, mas por elles se poderá fixar a epoca da representação. Na *Pratica de outo Figuras* allude-se ao casamento da Princeza D. Maria com Philippe II em 1543, e á concentração na fortaleza de Mazagão. No *Auto das Regateiras* falla na partida de D. Sebastião para Almeirim no inverno de 1568, e na quebra da moeda que antecedeu a Peste grande de 1569. A *Pratica de Compadres* pode fixar-se em 1572, alludindo á victoria de Lepanto, que acabou com o temor da vinda do Turco. O *Auto de Gonçalo Chambão*, de que existiam edições de 1613, 1615 e 1630, acha-se completamente ignorado. O poeta assistiu ás grandes calamidades do ultimo quartel do seculo XVI, falecendo em 1591.

Balthazar Dias. — De todos os poetas da eschola vicentina foi o querido do povo, cuja sympathia ainda dura, sendo lido e representado pelas aldeias: *Homem carecido de vista*, se lê d'elle em um manuscripto do seculo XVII, o que no alvará de 20 de Fevereiro de 1537 com o privilegio para a publicação das suas obras se confirma: «faço saber que Baltazar Dias, *cegua, da ilha da Madeira*, me disse per sua petyçam que tem feytas algũas obras assy em prosa como em verso, as quaes foram já vistas e aprovadas

e algûas d'ellas ymprimidas, segundo podia ver por um pubrico estromento que perante mi apresentou. E por quanto elle quer mandar imprimir as ditas obras que tem feitas e outras que espera de fazer, *por ser homem pobre e nam ter outra industria pera viver por o carecimento de sua vista* se nam vender as ditas obras, me pidia houvesse por bem, por lhe fazer esmolla, dar-lhe de privilegio pera que pessôa alguma não possa imprimir nem vender suas obras sem sua licença, com certa pena.» Concedido o privilegio e imposta multa de trinta cruzados ao contrafactor, impoz-se-lhe: «se elle fizer algumas obras que toquem em cousa de nossa santa fee, nam se imprimiram sem primeiro, serem vistas e enjaminadas por Mestre Pedro Margualho, e vindo por elle vistas, e achando que não falla em cousa que se não deva fallar, lhe passe disso certidam, com a qual certidam hey por bem que se imprimam as taes obras e d'outra maneira nam.»

Estes rigores da censura ecclesiastica foram systematisados no primeiro Indice dos Autos condemnados pelo Cardeal Infante D. Henrique em 1551, e pelos que prohibiram os Autos sobre assumptos tirados da Biblia e dos Evangelhos. Perderam-se o *Auto del rei Salomão*, o *Auto da Paixão de Christo* metrificado, o *Auto da Feira da Ladra*. São ainda de uma grande actualidade o *Auto de Santo Aleixo* e o *Auto de Santa Catherina* formados nas narrativas da *Legenda Aurea* e a tragedia do *Marquez de Mantua*. Tinha um vivo sentimento poetico, que faz com que

ainda sejam lidos pelas aldeias a *Historia da Imperatriz Porcina*, a *Malicia das Mulheres* e os *Conselhos para bem casar.* Por uma estrophe d'esta satira popular sabe-se que viveu os seus ultimos annos na Beira:

> Vossa fama pregoeira
> Me faz esta vos mandar,
> Posto que *estou n'esta Beira*
> Tão remoto de trovar,
> Que não faço trova inteira.

Bem mereciam todas estas obras de cunho classico dispersas em folhas volantes, ficarem reunidas em um volume com uma cuidada recensão litteraria. Suppõe-se ter falecido pelo fim do reinado de D. Sebastião.

Luiz de Camões. — Por que preferiria o poeta que deu á eschola italiana a perfeição summa no genero lyrico e epico, a fórma do Auto vicentino para a sua creação dramatica? Pelo prologo em prosa dialogada do *Auto de El-rei Seleuco*, vê-se que o poeta frequentava os Pateos e Côrros das Comedias, e as representações por casas particulares, como era então de uso, adoptando o estylo que estava mais no gosto dominante. O *Auto de El-Rei Seleuco* representou-se em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro de D. João III, e o prologo exibe os preparativos da recita. Tambem no *Auto dos Dois Irmãos*, Antonio Prestes tem uma scena inicial em prosa, em que o Auctor e um Licenciado discutem o gosto da peça

que se vae representar. Diz o Licenciado: «que cartimpacio é esse que trazeis, e *é já isso armardes-vos de tapeçarias d'Auto pera a festa?*» E como o Autor responde que mais quizera uma *armação de atuns,* continua o Licenciado: «Não; todavia bom é hũa talhada de Auto do Natal até aos Reis, dos Reis até ao Entrudo; sois rogado, sois chamado, sois gabado de S. Nicoláo como pião, etc., sabem-vos o nome, nam is por rua que vos não vejam, das janellas vos chamam: — Senhor, onde fazeis esta noite?» Tambem o poeta Chiado nas *Parvoices que acontecem muitas vezes,* aponta a de: «Quem consente lhe façam em casa Farças e dá dinheiro por ellas.» Prestes caracterisa o gosto dos Autos do Natal «em que pez a quem o fez, hamde seer boos, hamde ter letra que esmeche feguras, que escachem Entremezes, Passos novos e alagados em riso, vivos por saudades, por fio de mel, se não fazey Autos a rolas veuvas, que não riem, nem põe pee em ramo verde, nem bebem agua crara, e tudo são

> Pariome madre
> huma noche escura.

«nuns querem que se mate a Donzella, outros que mate o Escudeyro; huns Duques que quebrem encantamentos e levem os Marquezes pela mão; outros cousa do tempo corrente cada dia, e vista pelos olhos; e d'esta maneira, senhor Licenciado, he necessario que hun Autor se meta no Limoeiro das vontades de todos os ouvin-

tes...» Tambem no *Auto de El-Rei Seleuco,* o Mordomo diz aos espectadores: «Eis, senhores, o Autor per me honrar n'esta festival noite, me quiz representar uma farça; e diz, que por não se encontrar com outras feitas, buscou uns novos fundamentos para a quem tiver um juizo assi arrasoado satisfazer.» Tambem Pedro de Andrade Caminha dirigiu uma Letrilla *A ũa Dama, que em um Auto que representaram entre si representou de Matante:*

> Matante de olhar e graça,
> Agora d'espada e capa,
> Se a vida ás armas escapa,
> A alma no mais se embaraça.

O *Matante* era o typo do Auto portuguez, como o *Miles gloriosus* da comedia latina, ou o *Scaramuche* da do theatro italiano, ou o Guapo e Temerone das Comedias famosas. Camões tomou os seus themas da mythologia e da historia grega com os *Amphytriões* e *Seleuco,* dando-lhe a espontaneidade da fórma medieval. O *Auto de Filodemo* fel-o representar em Gôa em 1555, nas festas da investidura do Governador Francisco Barreto, como se sabe pelo texto trasladado por Luiz Franco. O poeta morreu desconhecendo essas suas trez perdidas composições dramaticas.

Antonio Prestes. — Natural de Torres Novas, d'onde foram os dois poetas dramaticos Simão Machado e Jeronymo Ribeiro seus contemporaneos, Antonio Prestes foi o mais fecundo

e popular representante da Eschola Vicentina depois de Antonio Ribeiro Chiado. Era *enquceredor do civel de Santarem*, circumstancia que lembra a profissão judicial dos *Clercs de la Bazoche*, creadores do velho theatro francez, e se reflecte nos seus *Autos do Procurador*, e do *Desembargador*. Em frente do *Auto dos Cantarinhos*, lê-se: «*representado n'esta cidade de Lisboa.*» O seu nome encontra-se no Livro do Lançamento e serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-rei no anno de 1565. Antonio Prestes conhecia as luctas contra a nova Eschola italiana, que no theatro imitava as Comedias de Ariosto; no prologo do *Auto dos Dois Irmãos*, diz o Licenciado: «aqui ha homens que fazem muito bem, e que têm as pennas muito certas e as vêas abundantes, e não seria máo registardes vossas cousas por elles.» Ao que responde o Autor: «mas elles não fazem bem se não pera afocinharem os que esbarram, e para os melhores que d'esse mester foram nos não receberem nossa defeza, *seguem Ariosto italiano* pera lançarem o Portuguez das contradictas; e *imitam Petrarcha, lêem Sanazaro, escrevem Garcilaso*, não porque lhe cheguem, mas para com esses zombarem de nós outros autores formigueiros; a mim dizemme: Foam, senhor, he cousa o que faz, que faz decer as aves; fez taes *Sonetos*, taes *Epigrammas*, tal *Epitaphio*, tem feito *Eglogas*, *rimas soltas*, *rimas encarceradas*, que he nadardes em pasmos. — hûs senadores muito seus — pela terra lhe triumpham fama que o carro d'ella leve

debaixo a nossos *Autos* de coscoram...» O Auto da *Ave-Maria* á uma composição extensa com personagens allegoricos no gosto da antiga Moralidade; ahi allude ás musicas *jusquinas*, das árias da córte de Josquin des Près; e falla com despreso dos Sonetos *emboscados*, ou imitados de Boscan. No seu odio contra a eschola italiana, tambem ahi se revolta contra as regras classicas da Architectura, personificando em um Diabo Vitruvio, cuja auctoridade era sustentada por Francisco de Hollanda no seu regresso de Italia (1547-48.) Ha ahi uma scena interessantissima para a historia da Arte em Portugal. Antonio Prestes conheceu as principaes novellas de Cavalleria, que cita no *Auto do Desembargador*, o *Amadis, Esplandiam, D. Duardos* e *Palmeirim de Inglaterra*, e matiza as situações com trechos proverbiaes dos romances populares. Todos esses Autos são preciosos para o estudo da linguagem popular, dos costumes portuguezes e das lendas medievaes. Pela incorporação d'esses outo Autos na Collecção publicada por Affonso Lopes em 1587, póde-se inferir que Prestes era já falecido a esta data.

Na mesma collecção figura o seu patricio Jeronymo Ribeiro Soares, com o *Auto do Physico* escripto por 1544, no começo da nova reforma dos estudos de Coimbra; ha tambem ahi o typo do Matante, e uma como parodia dos *Anfitriões*, na pessoa do medico fingido surprehendido pelo verdadeiro, typo de astrologo, empirico como o desenhara Gil Vicente.

Gil Vicente de Almeida. — Até Barbosa Machado chegou a tradição de que Gil Vicente tivera um filho que o supplantara no talento dramatico: «excedeu o pae na poesia comica, de tal sorte que para lhe não diminuir a gloria que alcançara, foi causa para o mandar para a India, onde mostrou em acção militar em que gloriosamente acabou a vida, que não era menos indigno da espada que da penna.» A lenda malévola esclarece-se pela realidade historica; o filho de Gil Vicente, e editor da *Compilaçam* das suas obras, Luiz Vicente, Escrivão do Thezouro real depois da morte de Jorge Ferreira de Vasconcellos, e nomeado em 10 de julho de 1563, casou com Mór de Almeida, e d'este consorcio baptisou na freguezia de Santa Cruz do Castello um filho com o nome de Gil, em 21 de Dezembro do anno de 1553. 1 Em casa de Luiz Vicente vivia uma menina, filha de D. Fulgencio, chantre de Barcellos (filho do Duque de Bragança) e de Maria Vicente Tavares, dos Borges de Creixomil; pelo Livro do Lançamento do serviço da cidade de Lisboa, de 1565, é ella indicada pelo titulo vago de *neta de Gil Vicente* e dá-se Luiz Vicente como *seu tio.* Estes parentescos encobriam a verdadeira filiação de D. Ma-

1 Este Luiz Vicente tem andado confundido com os seus homonymos Luiz Vicente de Crasto, fidalgo de Torres Vedras, morador da quinta do Mosteiro; e tambem com o outro que era em 1555 tabellião em Santarem. Corrige o estudo da *Eschola de Gil Vicente*, p. 224 e 255, nota.

ria Tavares, que viuvou de Gaspar de Góes do Rego, morto em Alcacer-Kibir em 1578. Gil Vicente de Almeida, que fôra de pequenino creado com ella, desposou-a em 1580, indo residir para a quinta do Mosteiro. Seria um casamento de paixão, por que Mayans, no prologo de *El Pastor de Filida* de Galvez de Montalto, citando os nomes das amadas de varios poetas, aponta: «*Gil Vicente el Mozo* á Clara.» 1 Vê-se que o poeta era conhecido fóra de Portugal, distinguindo-o do antigo; d'aqui o espirito da tradição malévola de origem clerical. Do seu consorcio houveram uma filha, D. Antonia de Almeida, que veiu a casar com D. Luiz de Almeida, filho de D. Valeria Borges. Na quinta do Mosteiro vivia Gil Vicente de Almeida, tendo além dos bens herdados de seu pae e dos officios que n'elle renunciara, a entrada na posse da capella de Lourenço Esteves Bezerra e a herança de sua tia Paula Vicente. N'esta situação desafogada entregava-se aos desenfados litterarios, escrevendo Autos. Lê-se em uma nota genealogica: «*Compoz hûs Autos, que vendem os cegos, e viveu em Matacães.*» (1569). Casou duas vezes... 2 Casou com sua prima segunda Helena Gil, filha do P.e Gil Fernandes, e neta do celebre ourives Gil Vicente, que lhe augmentou

---

1 Hazañas y la Rua, Obras de Gutierre de Cetina, I, p. LVI.

2 Ms. 306 da *Coll. Pombalina*, fl. 202. Bibl. nac.

os bens pelo morgado instituido pelo testamento de seu pae, de 6 de Agosto de 1567.

Barbosa Machado attribuiu ao velho fundador do Theatro nacional o *Auto da Donzella da Torre*, que nas folhas volantes do seculo XVII se diz: *feito por Gil Vicente da Torre.* O exemplar que passou da livraria de Salvá para a de Gayangos, vem com o titulo: «*Auto da Donzella da Torre*, chamado do *Fidalgo portuguez*. Auto feito por Gil Vicente da Torre, no qual representa, que andando hũ Fidalgo perdido num deserto achou uma Donzella fechada n'uma Torre, a qual tirou por uma corda que tomou a um pastor, e depois veiu um Castelhano que a tinha fechado e foy apoz o Fidalgo, e ficou o Castelhano vencido.» Barbosa cita uma edição de Lisboa por Antonio Alvares de 1643, in-4.º; a que possuiu Gayangos é do mesmo impressor, de 1652, in-4.º de 16 paginas. Cita-a Barrera y Leirado no seu Catalogo.

No exemplar do *Auto de D. André*, impresso por Vicente Alvares em 1625, que se guarda entre as raridades, lê-se no Indice manuscripto da collecção facticia: *Autor Gil Vicente*, e depois: *De Gil Vicente de Almeida.* E' inadmissivel esta segunda referencia, porque provado officialmente o nascimento de Gil Vicente de Almeida em 1553, o *Auto de D. André* já apparecera prohibido pelo Indice hespanhol de 1559. Nem mesmo poderá attribuir-se a seu avô, por uma referencia ahi feita a André Soares, magistrado e poeta sob o governo de Philippe II:

Onde é meu Senhor Valladares,
PAGEM Certo, senhor, não sei,
se nam he com *André Soares*,
será a fallar com El Rey,
nam erram um d'estes logares.

Tambem uma indicação da fórma do Soneto precisa a epoca da sua composição, quando era triumphante a eschola italiana:

Antes que d'aqui partamos
bom será primeiro dizer
hum *Soneto* de prazer;
ora sus, môços, vejamos
quanto é vosso saber.

Tambem Barbosa sob a fé de Faria e Sousa lhe attribue o *Auto de D. Luiz de los Turcos*, completamente perdido.

Simão Machado. — Era natural de Torres Novas e filho de Tristão de Oliveira e Garcia Machado; a sua habilidade poetica acha-se manifestada no certame metrico na entrega das Reliquias em S. Roque em 25 de Janeiro de 1588, a que concorreram Diogo Bernardes e Pero de Andrade Caminha. A sua *Comedia de Diu*, em duas partes, já corria impressa em 1601; baseava-se no facto historico da victoria de Nuno da Cunha sobre Badhur, assegurando assim o imperio definitivo de Portugal no Oriente depois das conquistas de Affonso de Albuquerque. Patentêa a transformação do romance narrativo na *Comedia famosa*, que ia absorver todos os ingenios no seculo XVII. A Comedia da *Pastora Alfea* é uma apparatosa magica em que mistura

a lingua portugueza com a castelhana e italiana, no gosto das *tramoias* do theatro generalisadas no seculo XVIII. Ao contrario do Chiado, Simão Machado deixou o theatro, fazendo-se frade franciscano com o nome de Fr. Buenaventura Machado, em um convento de Barcelona, publicando ahi em 1637 a *Silva de espirituales e morales pensamientos.* No fim da *Comedia Alfêa* justifica-se do emprego da lingua castelhana:

> Vendo quam mal aceitaes
> As obras dos naturaes,
> Fiz esta *em lingua estrangeira*,
> Por vêr se d'esta maneira
> Como a elles nos trataes.
>
> *Fio-me no castelhano,*
> *Fio-me em ser novidade...*

Muitos são os Autos anonymos, que pertencem ao seculo XVI, rarissimos quasi todos e outros totalmente perdidos; apontamos o Auto de *Guiomar do Porto,* typo comico da alcaióta, um arremêdo da *Celestina,* muito imitada como notou Jorge Ferreira; os Autos do *Duque de Florença* e *Florisbel,* com certa frouxidão na sua estructura; o Auto dos *Escrivães do Pelourinho,* e os bellos Autos hieraticos *Dia de Juizo,* da *Geração de Adão* e de *Deus Padre, Justiça e Misericordia.* A Censura ecclesiastica pelos seus Indices Expurgatorios fez com que muitos Autos se perdessem, como o *Auto de Braz Quadrado,* ainda representado em Gôa, no tempo de Camões, e quatro Autos de Gil Vicente prohibi-

dos pelo *Rol de Livros defezos* pelo Cardeal-Infante-Inquisidor de 1551: *O Auto de Pedreanes* por causa das matinas *(Clerigo da Beira)*, o *Auto do Jubileu de Amores*, *Auto da Aderencia do Paço* e o *Auto da vida do Paço*. No *Genethliacus Principis Lusitani*, de André de Resende, descrevendo a festa no palacio do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, refere que ahi se representou com grande applauso uma Comedia de Gil Vicente, que anteriormente representara na côrte. Que comedia seria? D. Carolina Michaelis encontrou na correspondencia do Legado Alexandre, nuncio de Clemente VII, uma carta de 21 de Dezembro de 1531, que descreve o escandalo da representação do *Jubileu de Amores*: «Foramos convidados — juntamente com os mais distinctos conselheiros do Imperador e muitos outros barões e nobres d'esta côrte, para assistirmos a um banquete do Embaixador portuguez, o qual fazia inauditas festas por causa do nascimento de um herdeiro do seu rei, primeiro ao Imperador e a Rainha sua irmã, e em seguida a nós. Ahi foi representada perante toda a assembleia uma Comedia em castelhano e portuguez, que sob o titulo de *Jubileu de Amor* era uma satira manifesta contra Roma, chamando ás cousas pelo seu nome, que de Roma e do Papa não vinha senão mercancia de indulgencias, e quem não desse dinheiro não era absolvido mas excommungado outra vez; e assim começou e proseguiu até ao fim a Comedia; e havia um personagem que fallava, vestido com um roquete

de bispo, e fazia de bispo trazendo um barrete cardinalicio na cabeça, obtido de casa do reverendissimo Legado, emprestado sem que os nossos soubessem para o que seria; e era tanto o riso de todos, que parecia geral o jubilo; em mim, verdadeiramente o coração confrangia-se, parecendo-me estar no meio da Saxonia a ouvir Luthero ou estar nos tormentos do Saque de Roma, etc.» [1] Além dos Indices Expurgatorios os Jesuitas atacavam os Pateos das Comedias; o P.e Ignacio de Azevedo com uma bandeira negra chamada *Pendão da Santa Doutrina* arrebanhava as crianças quando sahiam da eschola e com ellas invadia os Côrros e Pateos, saltando para a scena, e interrogando-as pela sua Cartilha. Apesar da irracional devastação, a Eschola Vicentina, alimentada pela tradição nacional, penetrou profundamente nos costumes, florescendo no seculo XVI como escriptores de Autos Simão Garcia, João de Escobar, Francisco Luiz, Fr. Braz de Resende, Fr. Antonio de Lisboa, Gaspar Gil Severim, Antonio Peres, e outros. Os Autos populares mantiveram o uso da lingua portugueza depois da pêrda da Nacionalidade, adoptando de preferencia o castelhano os cultos e eruditos, dos quaes escrevia Jorge Ferreira: «Sômos tão incrinados á lingua castelhana, que nos descontenta a nossa sendo dina de mais estima...» (*Aulegr.*, fl. 56 V.)

1 Ap. *Notas Vicentinas*, p. 20. Facto já apontado na *Historia da Reforma religiosa na Allemanha* de Bezold.

4.º *A Pleiada portugueza (Eschola Mirandina)*

A influencia da Italia na litteratura portugueza começa no tempo de D. João II, quando os filhos do chanceller João Teixeira iam estudar junto do grande humanista Angelo Policiano; torna-se exclusivamente philologica sob D. Manoel, quando Ayres Barbosa introduz em Portugal e Hespanha a cultura da lingua grega e André de Resende generalisa a composição da poesia latina e a redacção da prosa ciceroniana; a terceira phase, corresponde ao meado do seculo XVI, sob D. João III, quando as modernas formas da poesia italiana e a imitação dos poetas gregos e latinos, no lyrismo, na comedia e tragedia e na epopêa foram ensaiadas pelo grupo dos *Zagaes da Extremadura* sob a iniciativa de Sá de Miranda. Estas mesmas tres phases se observam na litteratura franceza, sob Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I, e depois de 1589 sob Henrique II, quando Ronsard tentou com a *Pleiade* ou a *Brigade* a renovação da poesia, libertando-a dos moldes medievaes. Não são estas phases um parallelismo casual; no *Quadro da Poesia franceza no seculo XVI,* Sainte Beuve tratando de Ronsard e dos poetas que intentaram com elle a renovação das formas poeticas, derruindo o estylo de Marot, assenta esta base critica: «Não me passou desapercebido, que a missão de Ronsard na França, como introductor de rythmo e fórmas poeticas novas, era em mui-

tos aspectos a mesma de Garcilasso de la Vega e de Boscan para a Hespanha, de Sá de Miranda para Portugal, de Spencer em Inglaterra; predominou um tom mais ou menos analogo entre estes poetas da Renascença, cuja iniciativa vinha da Italia. Estes diversos destinos tão pouco relacionados ao perto, considerados a distancia tomam desde logo um caracter de fatalidade e de connexão entre si; sob qualquer disposição agrupam-se em uma mesma zona litteraria, e parecem differir apenas em leves cambiantes.» *(Op. cit.,* p. 303.)

Ao grupo que cooperava na iniciativa de Ronsard, denominado a *Pleiade,* em que Du Bellaye foi o porta-estandarte doutrinario, corresponde a dos que em Portugal seguiram o pensamento de Sá de Miranda, e em que o Dr. Antonio Ferreira definiu o gosto classico em a disciplina critica. E em tudo se assimelhavam estas duas correntes; o espirito medieval contra a imitação classica sustentado em Rabelais, achava em Portugal o seu genial representante em Gil Vicente, tendo começado o seu conflicto com os humanistas em 1523. A *Pleiada* franceza, assim designada á imitação do grupo de litteratos alexandrinos sob Ptolomeu Philadelpho, definiu-se entre os seus numerosos sectarios, em Ronsard, Du Bellaye, Dorat, Belleau, Jodelle, Baïf e Pontus de Thyane; em Portugal os *Zagaes da Extremadura,* assim designados por Sá de Miranda, eram o Dr. Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes,

D. Manoel de Portugal, Francisco de Sá de Menezes, Frei Agostinho da Cruz e em seu logar André Falcão de Resende. Na Carta VIII, do *Lima,* Diogo Bernardes aponta estes poetas como a constellação, em que confunde outros já esquecidos:

> Tens o nosso *Ferreira* e tens *Castilho*
> E dous *Andrades*, todos luz do monte
> Dos quaes Phebo, eu não só me maravilho.
>
> Tens *Silva*, tens *Silveira*, que na fonte
> Apoz Miranda se banharam logo:
> E por que mais em outros não te aponte;
>
> Tens o de *Portugal*, que em claro fogo
> De um raro amor se vae todo abrazando
> Sem lhe valerem lagrimas nem rogo.
>
> D'estes, teu doce canto vá soando,
> D'estes, escuta tu o doce canto,
> Não *de mim*, que já rouco em serras ando.

Os eruditos humanistas escreviam e versejavam exclusivamente em latim, desdenhosos da lingua nacional; os poetas das Pleiades proclamando a imitação dos gregos e latinos reclamavam todo o esmero e sympathia para a linguagem vulgar. Du Belaye, na *Defeza e illustração da Lingua franceza,* datada de Fevereiro de 1549, increpa esse exclusivismo humanista: «Condemnar uma lingua como tachada de impotencia, é pronunciar com arrogancia e temeridade, como fazem hoje em dia alguns dos nossos nacionaes, que, a não serem Gregos e Latinos, despresam e rejeitam com supercilio mais que stoico, tudo quanto é escripto em francez. Se a

nossa lingua é mais pobre do que o grego ou latim, não é á sua impotencia que se pode imputar-lh'a, mas á ignorancia dos nossos antepassados, que nol-a deixaram tão mesquinha e tão despida, que ella carece de ornamentos e por assim dizer de plumagem d'outrem. Não percamos coragem. Os romanos souberam muito bem enriquecer a sua lingua sem sustar o trabalho de traducção; mas elles imitavam os melhores auctores gregos, transformavam-se n'elles devorando-os, e depois de os terem bem assimilado, convertiam-os em sangue e nutrição. D'esta maneira é que precisamos imitar os gregos e os latinos.»

E condemnando as fórmas poeticas medievaes, aponta os modelos latinos, para a *imitação:* «Tu, que te destinas ao serviço das Musas, volta-te para os auctores gregos e latinos; mesmo os italianos e hespanhóes, de que poderás tirar uma forma de poesia mais delicada do que a dos auctores francezes. — Lê pois e relè de dia e de noite os exemplares gregos e romanos; e deixa-te d'esses Jogos Floraes de Tolosa e do Puy de Rouen, todas essas velhas poesias francezas como *Rondeaux, Balladas, Virelais, Cantos reaes, Canção* e outras que taes drogas, que corrompem o gosto da nossa lingua e só servem para patentearem a nossa ignorancia. Atira-te a esses engraçados *Epigrammas* á imitação de Marcial, distilla do estylo fluente das lamentosas *Elegias,* a exemplo de um Ovidio, de um Tibullo, de um Propercio; dedilha

no arrabil estas *Eglogas* rusticas; entôa-me estes bellos *Sonetos* de sabor e agradavel invenção italiana; substitue a Canção pela *Ode;* a Chacota pela *Satira*, as Farças e Moralidades pelas *Comedias* e *Tragedias*. Escolhe-me, á maneira de Ariosto, alguns d'esses bellos velhos romances francezes, como um *Lancelot*, um *Tristão* ou outros, e faze-me renascer no mundo uma admiravel *Iliada* ou uma trabalhada *Eneida*.»

Tambem n'esta morphologia poetica entendia-se Sá de Miranda com o Dr. Antonio Ferreira, na sua Elegia II, apodando as velhas fórmas palacianas de Cancioneiro, o *Vilancete* brando, os *Chistes*, *Letras* e *Motes* agradaveis ás damas, as *Perguntas*, *Tenções* e *Esparsas* tristes, quando já tão perto raiava o novo gosto de Boscão e Lasso. Em uma Carta a Pero de Andrade Caminha, trata admiravelmente do pensamento da cultura litteraria da lingua portugueza, protestando contra a tendencia anti-nacional de escrever em castelhano:

D'aquella alta elegancia quanta parte
Deves, tu Grecia, áquelle tam louvado
Poeta, que assi sôa em toda a parte!

E tu, grã Tibre, de que estás honrado
Se não com a pureza dos escritos
D'aquelle Mantuano celebrado!

Garcilasso e Boscão, que graça e 'spritos
Déstes á vossa lingua, que princeza
Parece já a todos na arte, e ditos!

E quem limou assi a Lingua franceza
Se não os bons francezes curiosos
Com diligencia de honra e amor accesa?

E vós, oh namorados e ingenhosos
Italianos, quanto trabalhastes
Por serdes entre nós n'isto famosos!

Assi enriquecestes e apurastes
Vosso toscano, que será já tido
Por tal, qual pera sempre o vós deixastes.

E porque Andrade Caminha escrevia a maior parte dos seus versos em castelhano, Ferreira increpa-o ardentemente:

Mostraste-te té'gora tam esquecido,
Meu Andrade, da terra em que nasceste,
Como se n'ella não fôras nascido.

Esses teus doces versos com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a extranha gente os déste.

Porque o com que podias 'nobrecer
Tua terra e tua lingua lh'o roubaste,
Por ires outra lingua enriquecer?

Volve pois, volve Andradre, da carreira
Que errada levas (com tua paz o digo)
Alcançarás tua gloria verdadeira.
. . . .
Floresça, falle, cante, ouça-me e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva.

Se té'qui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que mal a exercitaram;
Esquecimento nosso e desamor.
. . . .
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Por que elles para os outros assi sejam.

E na Ode I, lembrando que os nossos feitos heroicos sejam celebrados no mundo, mostra a belleza da lingua nacional para esse novo Canto:

Renova mil memorias,
Lingua, aos teus esquecida,
Ou por falta de amor, ou falta de arte;
Sê para sempre lida
Nas portuguezas glorias
Que em ti a Apollo honra darão e a Marte.

A mim pequena parte
Cabe inda do alto lume
Egual ao canto; o brando Amor só sigo
Levado do costume;
Mas inda em algũa parte,
Ah, Ferreira, dirão, da lingua amigo!

A Carta a D. Simão da Silveira é como o manifesto da Pleiada portugueza, diante da Eschola da *Medida velha* e de novo ideal artistico:

Ficou o Mundo um tempo frio e mudo;
Veiu outra gente, trouxe outra arte nova,
Em que alçou ora som grave, ora agudo.

Chamou o povo á sua invenção *trova*
Por ser achado consoante novo,
Em que Hespanha té qui deu alta prova.

Eu por cego costume não me movo;
Vejo vir claro lume de Toscana,
N'este arço; a antiga Hespanha deixo ao povo.

Oh doce rima! mas, inda ata e dana
Inda do verso a liberdade estreita,
Em quanto co' som leve o juizo engana.

Não foi a consonancia sempre acceita,
Tam repetida, assi como a doçura
Contínua o appetite cheio engeita.

Mas sofframol-a, em quanto hũa figura
Não vêmos, que mais viva represente
D'aquella Musa antiga a bôa soltura.

Esta deu gloria á italiana gente:
N'este primeiro ardor co'o bom Miranda:
Vivam Lasso e Boscão eternamente.

Já com suas Nymphas Phebo entre nós anda,
Já a lyra a nossas sombras encordôa,
Responde o valle e o bosque á sua voz branda.

Por que mais Mantua e Smyrna que Lisboa?
. . . .

Quantos antes de Homero, mal cantaram!
Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,
Que depois tal som deram, se calaram?

Não creou logo Roma as altas pennas
Com que de bocca em bocca foi voando,
Eguaes fazendo ás Armas as Camenas.

E nós inda estaremos duvidando?
E o vivo fogo que se em nós levanta,
A outra lingua, ah crueis, iremos dando?

Docemente suspira, doce canta
A portugueza Musa, filha, herdeira
Da Grega e da Latina, que assi espanta.

Vá sempre victoriosa a alta bandeira
Ao som da nova lira, em paz, em guerra,
Vá Lusitania, se puder, primeira.

Quando Ferreira aspirava que o Canto heroico dos altos feitos portuguezes tivesse na lingua nacional a sublime expressão, já Camões trabalhava na execução d'esse *Pensamento novo,* e exaltava a belleza da lingua nativa nos immortaes versos do Episodio de Venus, affeiçoada á Gente lusitana:

Por quantas qualidades via n'ella
Da antigua tão amada sua Romana,
. . . .
E na Lingua, na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a latina.

No mesmo espirito, sem se conhecerem, Camões e Ronsard matizaram a linguagem poetica com *neologismos,* de perfeita e bella formação litteraria; ambos foram criticados por esse processo estylistico já admittido. Faria e Sousa apontou muitas d'essas *palavras novas,* por Camões empregadas nos *Lusiadas,* taes como *grandiloquo, exicio, cerúleo, salso, argento, estellifero, Dea, belligero, obsequente, cognito, ethereo, plumbeo, malévolo, méta, aurifero, odorifero, rubido, celeuma, amaro, immoto, inopinado, bellacissima, lacteo, horrisono, incola, flavo, nitido, ovante, eburneo, canoro, tréva, thálamo, infesto, inerte, armigero, intenso, hirsuto, fatidico, truculento, inopia, válido, crepitante, obumbrar, procella, celso, divicias, frondente, superar, undivago, tímido, prisco, crebros, equoreo, reciproco, gramineo, estilante, ignavo, diaphano, rotundo, profligado, imbele, quadrupedante, censura,* etc.

Vê-se, por estes factos como estava Camões na corrente do novo gosto e estylo da Pleiada portugueza; isto torna mais flagrante o silencio systematico que envolveu o nome de Camões entre os poetas quinhentistas, dedicando-lhe Bernardes um soneto depois de sua morte quatorze annos, e uma dedicatoria de uma Epistola de André Falcão de Resende. Esse impotente desdem collocou Camões no logar supremo e acima de todos no quadro litterario do grande seculo de quinhentos.

Doutor Antonio Ferreira.—Foi fecunda a sua actividade litteraria, embora curta a vida. Na Elegia á sua morte, escreveu Caminha: «Se teve (mágoa nossa!) a vida breve—Largo nome terá, larga memoria.» Nasceu em Lisboa em 1528, sendo seus paes Martim Ferreira, escrivão da fazenda do Duque de Coimbra D. Jorge de Lencastre, e D. Mecia Froes Varella. Por esta situação do pae explica-se [1] a intimidade litteraria que teve o poeta com os filhos do Duque e como na Livraria da Casa de Aveiro (em que foi mudado o titulo) pôde consultar o manuscripto do *Amadis de Gaula* em portuguez, como o manifestou nos dois sonetos em linguagem archaica. Começou a frequentar a Universidade de Coimbra n'essa florescente epoca em que se fundou o *Collegio real,* em que vieram professar os mestres francezes sob a direcção do insigne Principal do Collegio de Bordéos André de Gouvêa. Foi ao contacto d'estes professores, entre os quaes se distinguia o humanista Diogo de Teive, que Ferreira adquiriu uma bella disciplina philologica, tomando conhecimento dos auctores latinos e gregos, que elle soube conciliar com os poetas italianos, imprimindo ao seu lyrismo uma certa belleza classica. Mas todos esses modelos não poderiam animar-se no seu espi-

---

1 No Nobiliario de Meyrelles, tit. *Ferreiras Leites*, seu avô paterno foi Ruy Ferreira, instituidor do Hospital de S. André. em Leyria, que deixou em morgado a seus descendentes; e avós maternos João Fróes de Brito, de Torres Novas, e Leonor Varella. (Fl. 213.)

rito, fazel-o sentir a belleza se uma vibração emocional lhe não viesse revelar a realidade da vida no ideal do amor. Teve ahi em Coimbra um primeiro amor, que o fez soffrer, porque não foi correspondido, talvez por differença de edade. O seu amigo Caminha allude a essa crise affectiva:

> Olha o menino-cego,
> Que em teu peito assentado,
> Quer ser de ti cantado
> Ora em repouso, ora em desasocego;
> *Diga-o teu Mondego,*
> *Que já cantar te ouviu,*
> *Já chorar te sentiu*
> *Tudo em canto e som dino.*
> De se esquecer por elle o peregrino.
>
> *(Ode III)*

Os primeiros trinta e dois Sonetos são a sentida historia d'este mesto amor; em seis Sonetos allegorisa o appellido d'essa senhora, referindo-se intencionalmente á palavra *Serra:*

> *S'erra* minha alma em contemplar-vos tanto
> E estes meus olhos tristes em vos vêr,
> *S'erra* meu amor grande em não querer
> Crêr que outra cousa ha hi de mór espanto;
>
> *S'erra* meu 'sprito em levantar seu canto,
> Em vós e em vosso nome só escrever,
> *S'erra* minha vida, em assi viver
> Por vós continuamente em dôr, em pranto;
>
> *S'erra* minha esperança em se enganar,
> Já tantas vezes, e assi enganada
> Tornar-se a seus enganos conhecidos;

S'erra meu bom desejo em confiar
Que algũ hora serão meus males cridos,
Vós em meus erros só sereis culpada.

(*Son. VIII.* P. 1.)

Aquelle sol formoso, que na *Serra*
Nos sóe amanhecer, vós o encobristes...

(*Son. XIII.*)

Eu como abrandarei hũa dura *Serra*,
Por quem as noites choro, choro os dias,
E não me ouve, nem vê, nem crê, nem falla.

(*Son. XXII,*)

No Soneto XLVI, pelo seu regresso de Lisboa a Coimbra, revela como soube curar-se da dorida paixão. Camillo Castello Branco, referindo-se a um estudo de Julio de Castilho ácerca de Ferreira, diz: «Notou — que a palavra *Serra* se repetia em muitas poesias e só de uma assentada seis vezes n'um soneto, já com S grande, já com s pequeno. — Ora, em Coimbra houve por este tempo uma familia nobre e antiga Moraes da *Serra,* inferiu — que a primeira amada de Antonio Ferreira pertencesse a essa familia.

«Posso coadjuvar a conjectura... Quando Antonio Ferreira frequentava a Universidade, havia em Coimbra uma familia Serra... Diogo da Serra viera para Coimbra no reinado de D. João III, e casara com D. Maria Dias Barbosa. Tiveram dois filhos — Antonio e D. Jeronyma. Antonio casou com D. Filippa de Moraes, filha de Francisco de Moraes Cabral, o auctor do *Palmeirim*... Quanto a Jeronyma, que

podia ser a amada do poeta, essa não casou, viveu até 26 de Março de 1614, e no seu testamento ordenou que de seus bens se fizesse um morgadio em que succedeu seu sobrinho Paulo da Serra de Moraes. — Tambem me quer parecer que Diogo Bernardes, amigo de Antonio Ferreira, alludia á esta *Serra* no Soneto XCVI dirigido ao poeta:

> Ferreira, eu vi as claras e formosas
> Aguas do teu Mondego irem chorando
> As lembranças do tempo que cantando
> Andavas nas suas praias saudosas.
>
> Não vi os brancos lirios nem as rosas
> Vermelhas, que mostrava o campo, quando
> A *serra* docemente ias chamando
> Com vozes namoradas e queixosas.

Camillo reconhece uma intenção mysteriosa ligada ao vocabulo *Serra* no verso de Bernardes. 1

Antonio Ferreira curou-se d'essa angustiosa paixão com um outro amor; elle o confessa, ingenuamente:

> Em duas partes deixei lá partida
> Minha alma saudosa. Amor o sabe.
>
> (*Son, XXIII*, P. II)

E no Soneto XLV desenha o quadro moral d'essa transfiguração:

> A ti torno, Mondego, claro rio
> *Com outr'alma, outros olhos e outra vida.*
> Que foi de tanta lagrima perdida,
> Quanto em mim me levou um desvario?

---

1 *Narcoticos*, p. 167-169.

Quando eu co' rosto descorado e frio
Soltava a voz chorosa e *nunca ouvida*,
D'aquella mais que *Serra endurecida*,
A cuja lembrança inda tremo e esfrio.

Doce engano de Amor! que me escondia
Debaixo de vãs sombras, que passaram,
Outro ditoso fim, que a alma já via.

Já á minha noite amanheceu um dia,
Já riem os olhos que tanto choraram,
Já repousa em boa paz, boa alegria.

Antonio Ferreira deu realidade ao seu bello sonho de Amor, em uma illustre casa das visinhanças de Almonda; por uma Elegia de Caminha e em dois Epitaphios revela-nos o nome d'essa dama que foi esposa do poeta, *Maria Pimentel.* Ferreira descreve essa impressão primeira:

Quando vos vi, senhora, vi tão alto
Estar meu bem, que logo ali em vos vendo
O achei juntamente, e fuy perdendo
Ficando n'um momento rico e falto

E tal foi de vos vêr o sobresalto,
Que os olhos outra vez a vós erguendo,
Senti a vista e sprito ir falecendo,
Quando me olhei e vi posto tão alto.

(Son. XXXVI.)

Doce *amor novo meu*, tão bem louvado...
Amor doce, que em mim *de novo criando*
Novo desejo, novo sprito e santo...

(Son. XXXIV.)

A parte segunda dos Sonetos é consagrada á querida esposa, que prematuramente perdera:

Nimphas do claro Almonda, em cujo seio
Nasceu e se creou a alma divina,
Que em tempo andou dos céos cá peregrina,
Já lá tornou mais rica do que veiu.

Maria, da virtude firme esteio...

Camillo fixa o casamento com D. Maria Pimentel quando o poeta contava vinte e nove annos, por occasião do seu despacho:

Depois de *cinco lustres*, já aquella hora
Qual ao mundo me mostrou em noite escura,
Me torna a *quarta vez*, e com brandura
Do máo planeta me defende agora.

«Parece dizer, que aos vinte e nove annos a sua fortuna tinha melhorado em resultado do despacho.—Com os seus 50$ de ordenado annual e desembargador, na pujança dos vinte e nove annos, queria uma esposa e então pedia a Deus que o guiasse.—Não deixou o poeta algum Soneto commemorativo da sua felicidade como esposo de Maria Pimentel viva. É que ella viveu tão pouco tempo, que lhe não deu uma vaga para idealisar alegrias que o embargavam pela sensação. A mulher que se deseja poetisa-se angelicalmente; a que se possue adora-se humanamente; e a que se amou e se perdeu volta em espirito á poesia da saudade... Os Sonetos da sua dor são primorosos, são as joias de toda a sua alma, as unicas pouco maculadas da rhapsodia dos latinos.» *(Narcot.,* p. 178.) Durou trez annos esse periodo de ventura; não houve filhos que vivificassem as suas saudades. Em 1557 achava-se Ferreira em Lisboa, donde re-

mette uma carta ao Dr. Antonio de Castilho, datada de 3 de Julho, e começa a colligir e coordenar os seus versos com o titulo de *Poemas lusitanos.* Pela dedicatoria d'este livro em 1598 se lê: «Esteve este livro por espaço de *quarenta annos, assi em vida de meu pae, como depois do seu falecimento,* offerecido por vezes a se imprimir...» Vê-se que desde 1558 tinha Ferreira a sua obra prompta para se imprimir, tirando-se d'ahi a prova de que a Tragedia *Castro* estava já escripta, e determinada a epoca em que fôra lida por Diogo Bernardes.

A colleccionação dos *Poemas lusitanos* foi um refugio moral para o poeta na sua inesperada viuvez inconsolavel. Na Elegia v, o mais «sentido trecho de poesia que nos deixou o seculo xvi,» no dizer de Camillo, vê-se o estado de sua alma n'este lance:

> E pude eu vêr aquella formosura
> Dos teus olhos, que os áres serenava,
> Ficar-me assi ante os olhos cega e escura!
>
> E aquella doce voz que me encantava
> Entre rubis formada e perlas finas
> E os mais furiosos ventos abrandava.
>
> E mil outras não humanas, mas divinas
> Graças mil enterradas n'um momento
> Que de mil annos pareciam dignas!

O poeta D. Simão da Silveira, filho d'aquelle outro poeta da côrte de D. Manoel, D. Luiz da Silveira, vendo o seu amigo: «Sepultado em tristeza, em dôr, em pranto», escreve-lhe em um Soneto a confortal-o:

> Deixa lagrimas vãs, põe fim ás dôres,
> Asserena o semblante triste e escuro.
>
> Enche teu peito suave e peregrino
> De outro desejo mais são, *de outros amores*,
> Com que em ti, sem temer, vivas seguro.

Ferreira respondeu a este Soneto com outro, em que lhe confessa ter por elle sido chamado á vida. No Soneto LII do livro I confessa o novo amor, com uma dama do Porto com quem se consorciou em 1564:

> Alegra-me e entristece a real Cidade
> Que o Douro rega e meus Sás enobrecem
> . . . .
> Isto me alegra. E faz-me saudade
> *Ver a ditosa Terra em que apparecem*
> As raízes de *hũa planta em que florecem*
> *Formosura, saber e alta bondade.*
>
> Aqui o tronco nasceu, que em toda parte
> Deu gloriosos ramos de honra e gloria...
> *D'aqui nasceu hũa dama*, em que toda arte
> O Céo poz, *eu vontade, alma e memoria.*

Pelo Nobiliario de Meyrelles, fl. 213, lêmos: «Casou este poeta com D. Maria Leite, filha de Miguel Leite, commendador de Santa Comba dos Valles e de sua mulher D. Domingas Valente de Vasconcellos. Do casamento do poeta nasceram: Miguel Leite Ferreira, D. Catherina de Macedo e Ruy Leite.» [1] Camillo fixa a data

---

1 Camillo Castello Branco nos *Narcoticos*, p. 185, accrescenta mais noticias: D. Maria Leite era a neta de D. Maria Dias Leite, que viera de Guimarães casar no Porto com Diogo Carneiro — duas familias muito nobres. Miguel

do casamento: «Por 1564 aproximadamente casou o Dr. Antonio Ferreira com D. Maria Leite, que foi dotada com propriedades em Cabeceiras de Basto, onde vivera no reinado de D. João I, o seu avoengo Alvaro Annes Leite, senhor da terra de Calsos.»

Por motivo d'estes novos amores e apoz o casamento não teve Ferreira ensejo para dar á estampa os seus versos, «vivendo algum tempo na Comenda do sogro em Lamas de Orelhão, em *Santa Comba dos Valles*, onde foi colher inspiração para esse poemeto. Já governando D. Sebastião foi Ferreira enviado a Castella, e em 14 de Novembro nomeado desembargador da Casa do Civel, revalidando o cargo que já exercera pela sua «bondade, lettras e saber. No exercicio do seu cargo em Lisboa, foi atacado pela *Peste grande* de 1569, de que morreu.» A sua viuva, escreve Camillo, recolheu-se a Cabeceiras de Basto com dois filhos em mui tenra edade, Miguel Leite e Ruy.» *(Op. cit.,* p. 186.) Miguel Leite Ferreira, que succedeu na casa de Cabeceiras de Basto, viveu em Cainhos, solar de sua mulher D. Leonor de Tavora e foi capitão de cavallos em Mazagão. Na dedicatoria dos *Poemas Lusitanos,* allude á morte *tam antecipada do pae* «deixando-me em tal edade, que o não co-

---

Leite e seu tio Antonio Leite haviam servido valorosamente em Africa.—Miguel Leite casara em Arzila com Domingas Valente de Macêdo, de quem houvera dois filhos, Jorge de Macedo e Maria Leite.

nheci.» Já quando «com a edade foi crescendo a razão», tendo os seus trinta e trez annos feitos, é que salvou pela publicidade um dos mais bellos monumentos da litteratura portugueza, e valiosissimo pelas noticias que encerra.

Pedro de Andrade Caminha. — Descende de Fernão Caminha, que com outros fidalgos gallegos, emigrou para Portugal em 1367, quando Pedro Cruel, cuja causa seguiam, foi vencido pelo seu irmão bastardo. Facto analogo se repete nas genealogias de Sá de Miranda e de Camões. Seu pae, João Caminha, serviu na India sob o governo de Affonso de Albuquerque e na côrte de D. Manoel foi creado da Infanta D. Isabel; do casamento com D. Filippa de Sousa houve numerosos filhos, sendo Pedro de Andrade Caminha o primogenito, sobrevivendo a todos os irmãos. Por influxo de seu tio Vasco Fernandes Caminha, Camareiro-mór do Duque de Bragança D. Theodosio I, entrou muito joven para o serviço do Infante D. Duarte, ultimo filho do rei D. Manoel, como seu Camareiro-menor. Foi n'esta situação, que em relações intimas com o Camareiro-mór D. Antonio de Lima, conheceu e tratou de perto Catherina de Athayde, a namorada de Camões, á qual compoz um Epitaphio. No meio extremamente fanatico da casa do Infante D. Duarte, que morreu prematuramente pelo seu ascetimo em fins de 1540, o poeta Caminha deu largas a um religiosismo intolerante que o levava á crueza de

ir denunciar á Inquisição a Damião de Góes, já cahido nas garras do Santo Officio. Pelo nascimento dos filho posthumo do Infante em Março de 1541, o Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, continuou Caminha no serviço da Casa que ficou ligada á administração da Casa do Infante D. Luiz até 1555, em que este faleceu. Caminha manteve-se n'esta situação até 1577 em que o Duque faleceu em Evora, louvando-o no seu testamento pela *muita continuação* em que o serviu, *sem nunca lhe dar desgosto em nada.* Na pequena mas substancial biographia que d'este poeta escreveu Correia da Serra, na edição das suas Poesias de 1791, fixa authenticamente a data da sua morte: «veiu a falecer em 9 de Septembro de 1589, o que se prova com a verba que na Chancellaria de Filippe II se acha posta a uma mercê que este rei tinha feito a Pedro de Andrade de poder por sua morte renunciar a sua pensão de duzentos mil réis, a metade a favor de sua filha D. Mariana, e a outra metade a favor da sua mulher D. Pascuala de Gusmão.» [1] Por estes elementos chronologicos, podemos fi-

1 *Op. cit.*, p. IX. Este documento foi publicado pelo Dr. Prisbech, na edição das *Poesias*, de 1897, como *descoberto pelo Dr. Sousa Viterbo*, p. XL nota.

D. Pascuala Coutinho de Gusmão era filha de D. Jeronymo Coutinho; além d'esta filha D. Marianna Coutinho, que casou com Francisco de Miranda, teve mais: João Caminha, que morreu na India, Fr. Luiz, frade de Santo Agostinho, e outro que serviu na India. (Collec. Pombalina, Ms. 421 fl. 68 v.)

xar a data do nascimento por 1515, porque ainda conheceu Sá de Miranda na côrte, antes de se recolher á provincia, teve intimidade com João Rodrigues de Sá e Francisco de Sá de Menezes, e pela direcção litteraria que exerceu ao desabrochar do talento do Dr. Antonio Ferreira, nascido em 1528, e no de Bernardes, nascido em 1532. Caminha foi o que formou o nucleo da nova eschola lyrica, pela sua larga e insinuante sociabilidade. Pelos seus versos se conhecem as suas relações com todos os poetas da côrte, com os altos dignatarios e prelados, damas e artistas, sempre em enthusiastico convivio litterario e galanteria amorosa. N'esta numerosa galeria de personagens só se omitte um nome, o que parece uma intenção latente: «unido em correspondencia e amisade com os maiores engenhos que então poetavam em Portugal, menos, ao que parece com *Luiz de Camões,* do qual *nem elle nem os outros fazem menção.*» [1]

As relações intimas de Caminha com o Camareiro-mór do Infante D. Duarte, pae de Catherina de Athayde, davam azo a fazer-lhe sentir a pobreza de Camões contrastando com a edade ainda infantil da namorada. Caminha satirisando essa situação, glosara insistentemente o vilancete velho:

> *Con amor y sin dinero*
> Mira con quien y sin quien
> Para que me vaya bien.

---

1 Ibid., p. VII.

Motes, Canciones, Sonetos
Bien compuestos, bien medidos,
Aunque alegran los oídos
Ni llegan a los secretos.
Juzgan por muy más discretos
Los que tienen, ay ! de quien
Sin dinero quiere bien !

En amor y en versos vena
Cansa, aflige, fiere, mata,
mas vena de oro y de plata
Siempre para todo es buena.
Mas en los oídos suena
Quien con ella ama, que quien
Con solo amor busca bien.

(*Est.* 9 e 10; p. 449.)

Camões teve de se afastar da côrte e ausentar de Lisboa, por 1546, por causa dos *amores com uma dama do paço;* e para valorisar-se por serviços foi fazer uma estação militar de dois annos em Ceuta. Quando regressou a Lisboa em fins de 1549, com a deformação do olho direito, perdido pelo fructo acerbo de Marte, Caminha molestou-o com o Epigramma cx, que termina: «Pois dois olhos te vejo, um só tu a mim.» Camões não partiu na Armada da India em 1550, em que se inscrevera; grandes esperanças alentava o Principe D. João, mostrando-se muito apaixonado dos poetas, e tendo por seu mestre Antonio Pinheiro, que foi posto n'esse logar pelo jesuita Simão Rodrigues para afastar Damião de Góes d'esse encargo. Como dedicado aos Jesuitas não deixaria de intervir Caminha, para que Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, não ligasse importancia ao Soneto que

que lhe dirigira Camões, que no meio das mais inesperada hostilidades, depois de um anno de prisão foi forçado a embarcar para a India em 1553. É n'este periodo que dura até ao regresso de Camões á patria em 1570, que a influencia de Caminha se exerce entre os poetas da Pleiada; as suas *Poesias* revelam-nos circumstancias especiaess da vida d'esses poetas, principalmente do Dr. Antonio Ferreira e de Diogo Bernardes. Mantinha uma dependencia espiritual com o P.e Fr. Bartholomeu Ferreira, a quem os jesuitas confiaram o exame e a censura dos Livros, pelo seu rigorismo fanatico. Caminha confiava-lhe para exame de orthodoxia todas as suas Composições metricas; e assim como esse padre que denunciara o celebre theologo do Concilio de Trento Diogo de Paiva de Andrade á Inquisição, tambem Andrade Caminha foi denunciar ao Santo Officio o chronista Damião de Góes, quando já se achava nos carceres da Inquisição. Era a moral do tempo. Caminha elogiou o Cardeal-Infante por ter estabelecido a Censura dos Livros. Quando Camões tratou de imprimir os *Lusiadas,* topou como censor ecclesiastico o P.e Bartholomeu Ferreira; em 1572, o intimo amigo de Caminha, que os deformou calamitosamente. E quando o Senhor D. Duarte teve o commando da Armada que ia ajudar a Liga catholica, o seu camareiro Caminha bem soube influir para que Bernardes, seu intimo, fosse escolhido em vez de Camões para celebrar a empreza heroica de Afri-

ca. As suas obras foram impressas em 1771 pela Academia das Sciencias por dois manuscriptos do Convento da Graça e da Livraria da Casa Cadaval, e em 1898 pelo Dr. Priebsck, sobre o Manuscripto do Museu britanico, dedicado a D. Francisca de Aragão, e pelo da Bibliotheca nacional de Lisboa, dedicado a D. Duarte. Metrificava com correcção, conhecia os bellos modelos gregos e italianos; tinha talento, mas era um detestavel caracter.

Diogo Bernardes. — As datas do seu nascimento e falecimento e a terra da naturalidade foram desconhecidas, sendo actualmente determinadas por novas investigações. Por sua mãe Catherina Bernardes Pimenta, natural de Ponte de Lima, era o poeta neto de Diogo Bernardes Pimenta, capitão-mór d'essa localidade e ahi tabellião, por carta de D. Manoel e confirmado em 1522 por D. João III; seu pae, João Rodrigues de Araujo, era de estirpe gallega, e teve a propriedade do officio de tabellião e escrivão dos orfãos da Barca, onde residiu sempre a sua familia, que constou de onze filhos e filhas, sendo o poeta o primogenito. O prurido da nobreza materna, levava-o a declarar a sua patria Ponte de Lima; nos seus versos alludiu sempre desvanecido ao *patrio-Lima,* e na segunda edição das *Varias Rimas ao Bom Jesus,* de 1608, declara-se no frontispicio — *natural de Ponte de Lima.* Tambem na *Vida* do Dr. Francisco de Sá de Miranda, escreveu por 1613 o biographo ano-

nymo: «contava Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte d'isto), que quando o ia a vêr, vivendo *em Ponte de Lima, patria sua,* lhe mandava tanger o filho em diversos instrumentos...» O mais recente investigador de documentos sobre Bernardes, Alvaro Pimenta da Gama, inferindo da naturalidade do pae como da Barca dever ser este filho ahi nascido, conclue dubitativamente: «Tudo prova que João Rodrigues Collaço era originario da *Barca,* onde teve casa, interesses e empregos. Em todos estes diplomas nos apparece como morador da Barca e Diogo Bernardes d'essa villa *deve ser natural,* a não ser que nascesse em Ponte de Lima, em occasião de alguma accidental visita de sua mãe a Ponte de Lima, hypothese a que não pode attender-se.» [1] N'uma genealogia dos Bernardes (Ms. Pombalino, n.º 305, fl. 42 V) lê-se: «Diogo Bernardes, neto (ahi, erradamente, filho) d'este Diogo Bernardes Pimenta, *nasceu em Ponte de Lima,* cujo rio elle celebrou tanto nas suas obras poeticas que imprimiu com estylo mui elegante e natural, deixando n'ellas memoria de varios successos do seu tempo. Acompanhou o rei D. Sebastião a Africa e ficou cativo na infeliz batalha de Alcacer onde compoz a sua primeira Elegia, que começa:

> Eu que livre cantei ao som das aguas
> Do saudoso, brando e claro *Lima,*
> Ora gostos de amor, outr'ora mágoas.»

---

1 *Instituto* de Coimbra, vol. 58, p. 118.

Reconhecida a patria que elle tantas vezes confessa, nasceu Diogo Bernardes em 1532; prova-se pelo instrumento de renuncia da propriedade do officio de tabellião e escrivão dos orfãos de Ponte da Barca (para que seu pae fôra despachado por alvará de 30 de Agosto de 1532, com a mercê de ficar este e outros officios por seu falecimento ao filho mais velho); a renuncia referida foi feita em 27 de Agosto de 1558, sendo o poeta de maior edade, e accordo com seu pae, como dote de sua irmã Anna Gomes Pimenta, que casou com Payo de Araujo de Azevedo, que foi provido n'esse officio judicial, «*no impedimento de seu cunhado e proprietario do cargo.*»

Começaram as suas visitas a Sá de Miranda quando tinha vinte annos; e precisa-se a data de 1552, porque Gonçalo Mendes de Sá partira para Lisboa, para ir servir dois annos em Ceuta, como habilitação para uma commenda, e o velho poeta só tinha comsigo Jeronymo de Sá, *o filho,* que mandava tanger em diversos instrumentos. Bernardes cultivava ardentemente a poesia nas fórmas de Cancioneiro ou da *medida velha;* pelas visitas a Sá de Miranda ao solar da Tapada é que se apaixonou pelo lyrismo italiano, e d'ahi a vontade de vir a Lisboa e conhecer de perto os *Zagaes da Extremadura,* Pedro de Andrade Caminha, Dr. Antonio Ferreira, D. Manoel de Portugal, Francisco de Sá de Menezes. O poeta da Tapada lhe encarecera o merito d'esses amigos. Era-lhe facil a vinda a

Lisboa; aqui vivia o seu opulento tio-avô Antonio Vaz Bernardes, «*pessoa de muita auctoridade e estimação*» que voltara da India com avultada fortuna, e administrava a riquissima Casa da Infanta D. Maria, sendo o honrado executor do seu testamento. É por esta situação que explicamos as relações de Diogo Bernardes com a Infanta D. Maria, dedicando-lhe o seu poemeto de *Santa Ursula,* que mais tarde revindicou em um Soneto, contra os que o attribuiam a Camões. Seria a sua primeira viagem a Lisboa em 1553, d'onde escreve a Sá de Miranda accusando-se de ter malbaratado o tempo que ha-de recuperar em Ponte de Lima. Falla da morte do principe D. João em 1554, para quem Sá de Miranda colligiu todos os seus versos. A morte do Infante D. Luiz, outro grande amigo do iniciador da Eschola italiana em Portugal, fez com que em 1555 se separasse a Casa de D. Duarte, neto do rei D. Manoel, para a qual entrou seu joven irmão Agostinho Bernardes Pimenta, nascido em 1542, e já tambem apaixonado pela poesia. Não seria sem efficacia a intervenção de Caminha, para esta entrada de Agostinho Pimenta no serviço da casa principesca, onde era camareiro. Diogo Bernardes o industriaria nos seus primeiros ensaios poeticos; toda a vida as suas relações foram de um respeitoso enternecimento. Collocado o irmão na casa do Senhor D. Duarte, Diogo Bernardes regressa ao Minho em 1556. Começaram em Ponte de Lima os seus amores com Sylvia, que lhe en-

cheram a vida de incerteza moral. No Soneto LVIII condensa toda essa historia intima:

> Dos laços onde prezo, Amor, me tinhas,
> Parece que te não satisfizeste,
> Pois em *laços de silva* me prendeste,
> D'onde espinhado já fugindo vinhas.
>
> E para mais teu gosto e magoas minhas
> De tal maneira os urdiste e os teceste,
> Que rosas para vista entreteceste,
> E pera o coração duras espinhas.

Silva é o anagrama de *Luisa.* A *Sylvia* era natural de Ponte de Lima, como o declara na Elegia:

> Oh mil vezes ditosa esta ribeira
> Onde nasceste, *Sylvia*, e te criaste,
> Onde das suas ninfas és primeira.

E na Egloga X confessa o seu invencivel amor; e a inconstancia d'ella:

> De *Sylvia* bella ninfa, o fez sugeito
> Seu fado ou seu desejo, de maneira
> Que mil extremos tem por ella feito.
>
> Tam clara historia já n'esta ribeira
> Que serve já de aviso a outros pastores.
> *D'ella a quebrada fé*, d'elle a inteira.

As Eglogas XIV e XVIII exprimem todas as decepções, que lhe causara Sylvia, que se casara com um outro namorado. Foi esse o motivo da vinda do poeta para Lisboa, vivendo então na intimidade de Ferreira, Caminha, Francisco de Sá de Menezes, D. Gonçalo Coutinho. Na Carta XIV ao Dr. Antonio de Castilho, refere Bernardes o facto doloroso:

A Ninfa que cantei em doce rima,
Já, *dando ao Hymeneu consentimento,*
Não do amor, de interesses fez estima.

O Dr. Antonio Ferreira lê-lhe a sua tragedia *Castro,* por 1557, descrevendo Bernardes em um Soneto a sua impressão viva, deixando-nos assim um documento irrefragavel da originalidade do sabio quinhentista.

Pelo falecimento de seu pae em 1566, apparece Bernardes collocado na casa real em serviço de môço da camera; com excellentes relações com os mais influentes dignatarios como o Conde das Idanhas (Pedro de Alcaçova Carneiro) e o Conde de Mattozinhos (Francisco de Sá de Menezes), parece ter garantida a sua sorte. Serviu-lhe isso para se envolver na catastrophe nacional e acceitar as graças de Philippe II. Em 1576 acompanha o poderoso secretario de estado Pedro de Alcaçova Carneiro, na embaixada a Philippe II. É despachado môço da toalha, com 6$000 réis de ordenado por carta de 19 de Novembro de 1577; e por influencia de Caminha junto de seu amo o Senhor D. Duarte, é nomeado Bernardes em 1578 poeta official para celebrar o futuro triumpho de Alcacer-Kibir, que terminaria pela coroação do môço rei em Fez como imperador. Deu-se a tremenda derrota, devida ao estado de loucura em que o hallucinado rei se encontrava. Bernardes ahi ficou prisioneiro de guerra, com outros homens cultos como Ayres Telles, Fernão Alvares d'Orient , Miguel Leitão de Andrade e André de Qua-

dros. N'esta crise da vida já Bernardes se achava reconciliado com *Sylvia,* então em viuvez. Na Egloga II liga os dois factos:

> Sobre um alto rochedo, em Berberia,
> O sem ventura Alcido se sentava,
> Quando o cruel senhor lh'o concedia...
>
> Ah, vida no melhor menos segura,
> Quem podia cuidar quando cantava
> De Sylvia a peregrina formosura,
>
> Quando da prisão d'alma me queixava,
> Que já divina mão, cá n'esta parte
> Estes pezados ferros me forjava!
>
> *(Rimas do Bom Jesus.)*

A reconciliação com *Sylvia* fizera-se quando se preparava a empreza africana, como se infere pela Elegia II das *Flores do Lima,* em que termina:

> Mas se eu vir algum dia o que pretendo,
> Ah, se visse algum dia que me vias;
> Menos te ficaria então devendo.
>
> Que tu mais celebrada ficarias,
> *Amor obedecido, eu satisfeito,*
> Cantando só de ti noites e dias,
> Com verso mais conforme a tal sogeito.

Em 1581 já Bernardes se achava resgatado, recebendo de Philippe II a tença de quinhentos cruzados em fazendas e propriedades, por carta de 16 de Outubro de 1582, pelo fundamento de ter sido *môço da toalha* de D. Sebastião, «*e ir com elle na jornada de Africa e a ser cativo na batalha de alcacere.*» Por carta de 13 de Septembro de 1593 deu-lhe Philippe II outra tença de quarenta mil réis em cada anno de sua vida,

podendo testar metade d'esta quantia em sua mulher e filhos. Vê-se que esta graça fôra alcançada por motivo do casamento do poeta. Na Carta XXIV a D. Manoel Coutinho, falla-lhe do novo estado:

> Passou aquelle tempo que sohia
> Cantar versos alegres e suaves,
> Junto do *patrio Lima* á sombra fria.
>
> Carregaram em mim cuidados graves,
> Depois que me entreguei ao Hymeneo,
> Que fecha a liberdade com mil chaves.
>
> Ando das brandas musas tão alheio,
> Tão longe de Hippocrene e do Parnaso,
> Tão sumido nas aguas do Letheio,
>
> Que tenho pouco gosto e menos azo
> Para poder formar um culto verso,
> Se não sae da penna algum acaso.
>
> Do que já fui me sinto tão diverso,
> Que me queixo do tempo e do que vejo,
> Áquelles que não vejo e que converso.

Na Carta XXX, a um sobrinho de Christovam de Moura, pede que interceda junto de quem dispensa as mercês do rei:

> Se fôra para mim, dissimulara,
> Com minha necessaria pretenção,
> Já que pobre naci, pobre acabara.
>
> Porém, a *conjugal obrigação*
> Me move a requerer, antes me obriga
> Por ley divina e natural rasão.

Annotando o Soneto de Camões: *Brandas aguas do Tejo, que passando,* mostra o visconde de Juromenha achando-o nas *Flores do Lima,* n.º XXVII, ser contradictorio Bernardes: «nas poe-

sias escriptas por este no cativeiro de Africa, é pelo *Lima*, sua *patria*, que suspira, nem é natural dirigindo-se á amante e *compatricia*, a sua *Sylvia*, que dissesse, suspirasse por outros sitios que ella não habitasse, certamente não seria uma delicadeza para a dama que galanteava.» (Jur., *Obr.* II, 436.) No Cancioneiro do P.ᵉ Pedro Ribeiro, de 1577, vem em nome de Bernardes; annulla a casuistica amorosa de Juromenha. Bernardes deixava a existencia alegre de Lisboa, ao regressar a Ponte de Lima onde vivia a adorada *Sylvia*, sempre esquiva, e desconfiando de não tornar a vêr estas brandas aguas do Tejo, allude ao seu *Lima:*

> Encherei de suspiros outros áres,
> Turvarei outras aguas com meu pranto.

Encontrando-se o magnifico Soneto: *Horas breves do meu contentamento* em Camões (Son. CLXXX) e nas *Flores do Lima* de Bernardes (Son. LXXV) observa, que o seu espirito não condiz com os amores d'este: «*que veiu a casar com a sua Silvia, que d'elle ficou viuva.*» (*Ib.*, p. 462.) Este Soneto apparece colligido pelo P.ᵉ Pedro Ribeiro em nome do Infante D. Luiz; era uma joia bella, que se tornou commum, adaptando-a cada namorado á sua situação, e Bernardes transformou-lhe completamente os tercetos:

> Amor com *rosto ledo e vista branda*
> *Promette quanto d'elle se deseja*,
> Tudo possivel fáz, tudo segura;

Mas, diz que dentro d'alma reina e manda,
Como na minha fez, quer que se veja,
Quão fugitivo é, quam pouco dura.

Definia a sua situação; *Sylvia* depois de o ter encantado, passou a outros amores, despresando Bernardes, e casando-se. Só depois de ter o poeta regressado do cativeiro em Berberia, e estando *Sylvia* viuva é que casou com ella. Pela carta regia de 4 de Septembro de 1605, se vê que falecera sem filhos; elle casara em 1593, porque da graça dos quarenta mil réis annuaes, que lhe fizera mercê, «ey por bem que *por seu falecimento possa testar vinte mil réis de tença per sua mulher e filhos* como lhe aprouver...» (Alvará de 13 de Septembro de 1593). Pela carta regia que passava esta tença para a sua *Sylvia* é que se encontrará o nome d'essa dama de Ponte de Lima. Juromenha achou-o na Chancellaria philipina explicando o anagrama de Luisa.

Na carta de servidor da toalha passada a Diogo Solis em 4 de Septembro de 1605 é-lhe feita «mercê do officio de meu servidor da toalha, *que vagou per falecimento de Diogo Bernardes, de quem não ficou filho nem filha,* avendo outro si respeito a aver onze annos que serve o dito officio de serventia, o qual terá e servirá assy e da maneira que o tinha e servia o dito Dy.º Bernardes e averá seis mil reis de vestiaria em cada hun anno...» Vê-se que em 1594, o poeta entregara o exercicio do seu cargo a um serventuario, e que durante estes onze annos se dedicou á compilação e publicação das suas

obras poeticas. N'esse anno de substituição imprimiu as *Varias Rimas ao Bom Jesus*. Em 1596 imprime *O Lyma com Eglogas e Cartas*, e as *Rimas Varias — Flores do Lima*. É n'esta collecção de 1594 que imprime a *Historia de Santa Ursula*, — dirigida á Infanta D. Maria, com um soneto dedicatorio em que revindica o poemeto: «A honra me roubou um vil engano.» Parece que esta pressa de imprimir os seus versos era para se antecipar ás investigações que já se faziam para se imprimirem as Lyricas de Camões, que justamente com as suas já se achavam colligidas desde 1577 no Cancioneiro de P.e Pedro Ribeiro. Em 1597 tiveram nova edição as *Flores de Lima*, e em 1608 as *Varias Rimas ao Bom Jesus*. Tendo falecido antes de Septembro de 1605, ainda n'este anno compoz o Soneto que acompanha as *Eglogas* de Francisco Rodrigues Lobo. Para a edição das *Rimas* de Camões de 1595 escreveu um Soneto laudatorio a pedido do seu grande amigo D. Gonçalo Coutinho, a quem communicara as tradições pessoaes sobre a vida de Sá de Miranda. Acompanha-o a lenda sympathica de ter pedido para ser enterrado proximo da sepultura de Camões.

Um facto da vida de Fr. Agostinho da Cruz vem auxiliar o conhecimento da data da morte de seu irmão Diogo Bernardes: quando o frade arrabido tinha 65 annos, o seu provincial nomeou-o guardião do convento de S. José de Ribamar, em 1605. Nas *Flores do Lima*, dirigiulhe Bernardes a este proposito um Soneto:

Agostinho, irmão meu, se n'essa dura
Serra, de bravas ondas solapada,
Onde guiando vás pobre manada
Por via assás estreita, mas segura,

Te lembras algum dia, por ventura,
Que *vou casi no cabo da jornada*
Lá, como a Cananêa por mim brada...

Fr. Agostinho da Cruz conservou-se na guardiania para conseguir obtêr do provincial a patente para se entregar á vida solitaria na serra da Arrabida; n'esse mesmo anno renunciou o cargo e tratou de procurar um abrigo n'esse ermo. É já no seu retiro em dura penitencia que lhe chega alli a noticia do falecimento do irmão querido.

Pode-se pois fixar a data da morte de Diogo Bernardes em 1605, antes de setembro; a leitura da Elegia do P.[e] Fr. Agostinho da Cruz Á MORTE DE DIOGO BERNARDES SEU IRMÃO foi escripta quando o veneravel poeta já se achava vivendo como solitario anachoreta na serra da Arrabida, por patente do Provincial da sua ordem de 1605:

Mas porque mais não note, nem argúa
Os defeitos communs da Natureza,
Dos meus quero tratar, da **morte tua.**

Eu cuidava bastar a fortaleza
Da *solitaria serra em que habito*
Para fortalecer minha fraqueza;

Mas **n'ella se abalou mais meu esp'rito**
Accrescentando mais o sentimento
De um brando coração n'um peito afflicto. [1]

---

[1] *Rimas varias. Flores de Lima*, p. 221. Ed. 1770. — No *Anno Historico* lê-se que Bernardes faleceu em 30 de Agosto de 1596 (vê-se que foi erro, por 1605.)

As *Varias Poesias* de Fr. Agostinho da Cruz ficaram ineditas, mesmo depois da sua morte em 1619; e na edição das *Rimas Varias* de Diogo Bernardes, de 1633, não vem essa Elegia á morte do irmão, que ficara entre os seus manuscriptos, guardados reverentemente pelos frades da Arrabida, que só permittiram que fossem publicados em 1771. José Caetano de Mesquita (na Arcadia *Metalezio Klasmeno*) reimprimindo em 1770 as *Rimas Varias* de Bernardes, é que lhe ajuntou a preciosa Elegia que fixa a data da morte do Poeta quando Fr. Agostinho da Cruz já se achava na serra da Arrabida em 1605.

Fr. Agostinho da Cruz. — Decimo filho de Catherina Bernaldes Pimenta e de João Rodrigues de Araujo, o Colaço, nasceu em Ponte da Barca, em 1541; foi o irmão querido de Diogo Bernardes, a quem deveu a sua cultura e gosto litterario. Quando o Duque de Guimarães, D. Duarte, neto do rei D. Manoel, teve casa com estado principesco, de que foi mordomo Pedro de Andrade Caminha, em 1555, veiu para o serviço da casa ducal Agostinho Pimenta. O joven duque era creado no mais exaltado fanatismo, e sua mãe a Infanta D. Isabel, entregava-se a fundações religiosas, e só pensava em que se publicasse o penegyrico das virtudes com que prematuramente falecera seu marido, do qual já andavam milagres e beatificas visões na tradição. Como o chronista Damião de Góes não se prestou

a escrever essa relação agiologica, foi mais tarde denunciado á Inquisição pelo Caminha, e quando já se achava prezo pelo tremendo tribunal. Ao palacio do duque vinham os frades de maior ascese e eram preconisadas as penitencias exageradas dos frades Franciscanos da Provincia da Arrabida. O empenho da duqueza foi realisado pelo insigne humanista André de Resende no magro opusculo intitulado *Vida do Infante D. Duarte,* no qual se reflete com a maior sinceridade esse meio beato e contagioso, em que a delicada criança vinda do Minho aos quatorze annos foi empolgada por essa atmosphera de dolente mysticismo. Qualquer visita á surprehendente Serra da Arrabida, o espectaculo das grutas servindo de cellas aos monges, os horisontes longinquos do mar e das povoações dispersas, bastavam para lhe acordar a anciedade da solidão, o goso poetico da vida subjectiva. O pobre rapaz desejou ser capucho, abandonar a vida moral no seu alvorecer e tomar o habito monachal: era victima inconsciente de uma seducção, sem um motivo que justificasse aquella prematura renuncia do seu sêr moral. Foi admittido ao rigoroso noviciado no convento da Serra da Cintra. Rasgou todas as poesias que fizera das suas primeiras inspirações, e foi-lhe lançado o habito de professo em 3 de Maio de 1561 no dia da Vera Cruz, tomando o nome de Fr. Agostinho da Cruz, contando apenas dezenove annos. N'essa vida contemplativa e apathica e de isolamento systematico, em contacto

com a natureza agreste, a sua religiosidade tornou-se um estado de poesia permanente; escreveu muitos versos da eschola italiana e da medida velha de Cancioneiro com uma consoladora unção mystica. Seguindo o seu exemplo Frei Rodrigo de Deus tambem cultivava a poesia compondo as quadras da *Fortaleza divina,* que se tornaram populares em todas as vias-sacras. Com a benevolencia da ordem, Frei Agostinho da Cruz fazia da versificação a expressão da sua ascese. Ainda existe e é visitada a sua cella na Serra da Arrabida; pela sua descripção se podem avaliar as impressões que o inspiravam: «A habitação de Fr. Agostinho da Cruz está situada n'um logar da qual se disfructa o mais soberbo e imponente panorama da serra, estendendo-se a vista, por dias claros, até á ponta de Sines. A casinha assenta n'um pequeno planalto, talhado no quadrado do monte e encostada á riba alcantilada.

«Compunha-se a habitação de Fr. Agostinho de dois compartimentos sem chaminé, apenas resguardados das intemperies do tempo pelos muros e telhado. O compartimento maior, a alcova de Fr. Agostinho, onde caberia apenas o piedoso eremita, foi transformado em 1720 n'uma capella dedicada a Santo Antonio. — O panorama que se disfructa do planalto onde assentam as ruinas da casa de Fr. Agostinho, é verdadeiramente esmagador de imponencia e magestade.

«Para a direita e para a esquerda cavam-se

escarpas abruptas, formando os valles de S. Pedro e de Nossa Senhora, opulentos de frondosas matas. Entre matagaes e penedias as habitações dos velhos freires, humildes e singelas na sua construcção tôsca.

«Todas tinham o seu pequeno horto, vedado por piteiras bravas, onde os monges cultivavam as flores destinadas ao altar da Virgem, e as couves e nabiças, que quasi constituiam a sua habitual alimentação.

«Ao occidente, e apenas separado do espectador pelo valle de S. Paulo, ergue-se magestoso o Monte Abraão, em cujo cume aguçado se levantam trez cruzes de enormes madeiros tôscos.» 1

N'este contacto com a natureza e na sua serenidade moral, Fr. Agostinho da Cruz é um romantico emanuelico com a sinceridade da sua epoca, n'um rapto mystico que o torna impassivel ás grandes catastrophes da derrota de Alcacer-Kibir e da invasão de Philippe II, com a incorporação castelhana da nacionalidade portugueza. Elle proprio confessa que a sua renuncia do mundo fôra um presentimento de defeza. Manteve sempre as suas relações litterarias com Diogo Bernardes, e chorou-o na sua morte em 1605, em uma suavissima Elegia, sentindo mais aquella perda, quando o seu Provincial lhe con-

1 *Uma excursão á Serra da Arrabida*, p. 13 (Annaes da Academia de Estudos Livres.).

cedia o viver como anachoreta na serra. As suas ultimas composições, tendo falecido em 14 de Março de 1619, foram dois Sonetos nos *Motivos espirituaes* de Fr. Rodrigo de Deus, publicados em 1620. A Communidade da Arrabida conservou as *Poesias de Frei Agostinho da Cruz,* em um volume in-4.º de 154 folhas, que comprehendia: 2 Epigramas, 81 Sonetos, 1 Egloga á Ingratidão, 15 Elegias, 3 Eglogas, 5 Odes, Motes e Glosas, 4 Cartas, 1 Epigrama, 1 Epitaphio, Outavas de S. Pedro: *Flevit amare,* e 57 Outavas da Vida e morte de Santo Eustachio.

Apenas na *Chronica da Arrabida,* em 1728, é que se publicaram um Mote e Voltas com dois Sonetos de Fr. Agostinho da Cruz. Em 1771 o professor de rhetorica P.ᵉ José Caetano de Mesquita, conseguiu publicar uma boa parte das poesias do codice da Communidade. Outro manuscripto, classificado como autographo por Barbosa Machado, se conservou no Convento de Verderena. Por ventura são estes dois codices representados pelos Manuscriptos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, e da Bibliotheca municipal do Porto. No *Archivo bibliographico da Bibliotheca da Universidade,* em 1909, foram publicadas todas as composições d'esses vinte e dois cadernos de boa letra contendo numerosas poesias ineditas de Frei Agostinho da Cruz. O Codice do Porto é um valioso Cancioneiro, com composições de outros poetas e com variantes do texto de Coimbra. Tanto as poesias de Diogo

Bernardes como as de seu irmão Agostinho da Cruz, bem carecem de boas e completas edições criticas; mas no quadro dos quinhentistas é que encontram o seu relêvo, por que, como disse Litré — *le tout — en bien de cas il est le juge supreme des parties. (Glanures,* p. 398.)

D. Manoel de Portugal. — Sá de Miranda chamava-lhe na sua Egloga IV «Lume do paço, das Musas mimoso.» E Camões na Ode VII, que lhe dirigiu, emprega este verso de Sá de Miranda — *Senhor Dom Manoel de Portugal,* como para mostrar-lhe que bem conhecia o quanto o distinguia o iniciador da Eschola italiana. Era effectivamente Lume do paço pelo seu nascimento, filho de D. Francisco de Portugal 1.º Conde de Vimioso, e apreciado poeta do Cancioneiro geral, e de D. Joanna de Vilhena, prima do rei D. Manoel. Viajou na Italia por 1542. Quando D. João III deu casa ao principe D. João, grande amigo de poesia, concedeu a D. Manoel de Portugal todas as entradas; talvez confiado n'esta influencia sympathica junto do principe, dirigiu-lhe Camões a Ode em que se mostrava a hera que carecia de um tronco firme, para celebrar as memorias gloriosas. Mas D. Manoel de Portugal nada lhe pôde prestar, porque a direcção mental e moral do principe fôra confiada a D. Antonio Pinheiro, afastando pela imposição d'este humanista chamado de Paris, a Damião de Góes. Tambem foi sem influencia o Soneto dirigido a D. Antonio Pinheiro, quando andava

já elaborando o pensamento da Epopéa nacional, que designava por *Pregão eterno*. D. Manoel de Portugal foi um dos poetas que se apaixonaram pela celebrada dama da rainha D. Catherina, a intelligente e arrebatadora D. Francisca de Aragão, que era para a côrte de D. João III, o que D. Leonor de Mascarenhas fôra na de D. João II. Todos esses poetas a divinisavam em exaltadas composições, e D. Manoel de Portugal foi um d'esses namorados infelizes, como Andrade Caminha. Ella pediu versos a Camões, que lh'os enviava por carta. Fallava-se castelhano na côrte, e segundo a *Arte de Galanteria* era do protocollo usar essa linguagem com as damas. D. Manoel de Portugal obedeceu a tal praxe palaciana, estando ainda ineditos os seus versos amorosos no Cancioneiro de Luiz Franco, e perdidos por collecções manuscriptas. Sem succumbir na sua decepção, casou duas vezes, uma com D. Maria de Menezes, irmã de um dos Cinco Governadores do Reino D. João Telles de Menezes, e a outra com D. Margarida de Mendonça, Senhora do Morgado da Palma, e irmã do poeta do *Naufragio de Sepulveda* Jeronymo Côrte Real. Os desastres que ruiram sobre a sua familia sob o dominio castelhano, contra o qual foi sempre suspeito, a perda da nacionalidade com que não se conformou, deram-lhe essa profunda tristeza que impelliu o seu espirito para a monomania ascetica. A collecção impressa dos seus versos quasi todos em castelhano, inspiramse de um vago amor divino e da preoccupação

constante do estado transitorio da vida. Faleceu em 26 de fevereiro de 1606, sendo do anno anterior a edição dos seus versos. D. Manoel de Portugal ainda viu o triumpho da Eschola italiana na fórma da Epopéa moderna, no applauso dos *Lusiadas* e das *Rimas* de Camões, longe da esperança da restauração da nacionalidade, cuja consciencia seria acordada pelo incomparavel poema.

Francisco de Sá de Menezes. — D'este poeta, que desde 1537 e 1549, serviu como aio e camareiro o Principe D. João, influindo no seu gosto litterario e a grande veneração por Sá de Miranda, diz D. Carolina Michaelis: «Ninguem pois se lembrou de revindicar para Francisco de Sá de Menezes o logar de honra que lhe pertence na Eschola de Sá de Miranda, ao lado de Diogo Bernardes e D. Manoel de Portugal.» Entre as causas que explicam o seu esquecimento, aponta a homonymia de Francisco de Sá de Menezes com seu sobrinho auctor do poema da *Malaca conquistada*, ou quando assigna as suas composições com o nome de Francisco de Sá, confundindo-se com o de Miranda nas abreviaturas dos manuscriptos. Sá de Miranda, o Dr. Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, André Falcão de Resende conheceram os seus versos, exaltando-o pela suavidade com que celebrava a sua *Filis* com os nomes de *Sazio* e *Salicio.* Em um manuscripto da bibliotheca de Evora acham-se 66 sonetos inedi-

tos que lhe pertencem, assim como no Cancioneiro de Luiz Franco. Era filho do famoso poeta do *Cancioneiro geral* João Rodrigues de Sá de Menezes o Velho; occupou altos logares na côrte de D. João III, regencia de D. Catherina, D. Sebastião e Cardeal D. Henrique, e confiaram-lhe as mais delicadas missões diplomaticas: em 1543 acompanha a Castella a princeza D. Maria, é nomeado camareiro-mór de D. Sebastião em 1558 e Capitão da Guarda real; medianeiro no conflicto entre a Regente D. Catherina e o neto; um dos Cinco Governadores do Reino; camareiro-mór de D. Henrique, sendo em 1580 feito Conde de Mathosinhos, de que seu pae era senhor desde 1524. Não podia deixar de influir na corrente litteraria da côrte de D. João III, que tambem versificava e era julgador de poesia. No meio de tantas calamidades nacionaes, Francisco de Sá de Menezes deixou a vida publica e refugiou-se em Mathosinhos, onde faleceu em 1584. Ao rio Leça, que passa em Mathosinhos, escreveu as celebradas endechas de que apenas se vulgarisaram estas trez estrophes na *Apologia por Camões* de João Soares de Brito:

Oh rio Leça,
Como corres manso!
Se eu tiver descanso,
Em ti se começa.

A aurora em nascendo,
Quando estás mais liso,
Com alegre riso
Em ti se está vendo,

Quando o mar não tôa
E passam mil velas,
Em ti faz capellas,
De que se corôa.

Olmos abraçados
Tenhas smpre de hera;
Sempre a primavera
Alegre teus prados. [1]

Francisco de Sá de Menezes compoz um *Capitulo* ou *Elegia da Madanela, á maneira de Italia*, e seu irmão Antonio de Sá, tambem poeta, a mandou mostrar a Sá de Miranda, que saudou o auctor em um Soneto com o fecho: «Tantos suspiros! um só nunca em vão!»

Em um manuscripto do seculo XVI intitulado *Memorias dos Ditos e Sentenças dos Reys, Principes e senhores portuguezes, e outras pessoas de fama*, [2] vem uma anecdota passada com D. João III, pela qual se vê o fervor com que se cultivava na côrte a poesia da eschola italiana; fallase ahi dos versos de Francisco de Sá de Menezes, e dos de Jorge da Silva: «O cardeal D. Enrique fez hũa Exposição sobre a Oração do Pater-noster, tão copiosa em alegorias que em muitos lugares se desviou do proposito; e n'este tempo fizerão Francisco de Saa de Menezes, e Jorge da Silva duas *Homelias* em tercetos, *ao modo italiano*, e mostraramnas a el Rey, e elle gavou-as

1 O Dr. Sousa Viterbo achou a Endecha completa com a versão latina ao lado na Torre do Tombo.

2 Torre do Tombo, Cod. 1126, a fl. 25.

ao Duque de Aveiro, e o Duque pediu-lhe licença para fazer outra, e depois trazendo-lh'a, quando el Rey lh'a tornou gavou-lh'a muito; e o Duque olhando-a muito, disse-lhe — que em S. A. a não emmendar ou riscar algûa cousa, não hia satisfeito; e el-rei tornou-lhe: — Ella está muito bôa, e quando eu ouvera de riscar, ahi está o Pater-noster do Cardeal meu irmão.» Que o Duque de Aveiro, amigo de Sá de Miranda, era poeta, e que no paço estava em fervor o gosto da poetica italiana, são factos conhecidos; o que se ignorava é que D. João III, entendido da metrica, tambem fazia o seu verso. Lê-se no citado codice: «El-rey fez hû (sc. trova ou pé de cantiga) e deu-o a Jorge da Silva, para que o mostrasse ao Regedor seu pay; e o Regedor depois que o vio foi-se a el Rey e pedio-lhe a mão pela mercê que lhe fizera em lhe communicar aquella sua habilidade, de que elle não sabia parte; e el Rey disse-lhe: — Eu tenho algumas partes de que se não sabe parte.» 1 Saboreado este dito gracioso, temos a noticia dos dois poemetos elegiacos em tercetos, feitos a *Magdalena* por Francisco de Sá de Menezes, e por Jorge da Silva, o namorado da Infanta D. Maria; da primeira Elegia resta-nos hoje apenas o Soneto de Sá de Miranda agradecendo a offerta; 2 parece que a composição de Jorge

1 Ibid., Cod. 1126, a fl. 21.

2 Hoje publicada no *Cancioneiro de Evora*, pag. 54, n.º 56. Edição Hardung.

da Silva tambem fôra mandada a Sá de Miranda, porque com o nome do destinatario foi copiada no Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro, do qual Barbosa Machado dá o primeiro verso:

A Magdalena ho seu esposo buscava...

É exactamente assim que começa a *Omilia feita a Madalena, tirada de origine de Jorge da Silva;* [1] tambem pertence a Jorge da Silva essa outra Elegia *da Alma devota a seu Esposo,* de 1551, que em nome de Sá de Miranda colligiu o Padre Pedro Ribeiro.

Oh bom Jesu, e por que me não vejo. [2]

Vê-se que estas duas poesias foram enviadas a Sá de Miranda, e que por terem sido encontradas entre os seus papeis annos depois da sua morte, as trasladou com o seu nome em 1577 o P.e Pedro Ribeiro

André Falcão de Resende.—Um dos mais notaveis poetas da Eschola mirandina, embora pouco conhecido por terem ficado ineditas as suas obras. Filho de Jorge de Resende, poeta do *Cancioneiro Geral*, colligido por Garcia de Resende, o celebrado chronista, seu tio; nasceu em Evora, em 1535, como se infere dos seus versos.

---

1 Vem no opusculo, *Omelia do santissimo sacramento*, fine.

2 Vide *Sá de Miranda e a Eschola italiana*, p. 371.

Evora era o centro da cultura humanista, convergindo ali sabios estrangeiros como Nicoláo Clenardo, o bispo D. João Petit, Maffei, e entre os nacionaes Pedro Nunes, André de Resende, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio e João Vaz, encarregados da educação do infante D. Henrique, bispo de Evora. Chamou o Infante os Jesuitas para Evora em 1551 para com elles fundar o Collegio do Espirito Santo, que depois se converteu em Universidade. Naturalmente ahi cursou estudos menores André Falcão de Resende, que em 1553 apparece na matricula do pessoal da casa do Infante D. Henrique. Terminou a sua formatura em direito civil em 1558, sendo em seguida nomeado Ouvidor da Casa do Duque de Aveiro.

Sob o pezado regimen e falso gosto de erudição latinista das escholas jesuiticas, escreveu Falcão de Resende o illegivel poema didactico alegorico da *Creação do Homem,* que andou intercalado entre as obras de Camões, mesmo depois de ser reconhecido como apocrypho. Falcão de Resende tentou uma versão poetica das Odes de Horacio, que não terminou. Tambem Jorge Fernandes, chamado o *Fradinho da Rainha* (que tomou o nome de Fr. Paulo da Cruz), fez algumas traducções das Odes horacianas, pela mesma epoca. Através das poesias de André Falcão de Resende descobrem-se as aventuras de um romantico amor, que o fez abandonar a casa paterna e soffrendo a pêrda prematura da desposada. Ainda dirigiu versos a Sá de Miranda

24

e celebra uma dama que lia por Sá de Miranda, caso singular. Exerceu o cargo de juiz de fóra em Torres Vedras em 1577, e, não obstante o aborrecimento que lhe causavam os litigios, desenfadava-se escrevendo versos, umas vezes para dar noticias a seu cunhado Heitor da Silveira e a Antonio de Abreu, poetas amigos de Camões, na India, outras vezes para se fazer lembrado dos potentados da governação ou moralisar sobre os costumes do tempo. Tambem fez a peregrinação de requerente a Madrid para obter uma mercê de Philippe II, queixando-se da pobreza nos seus versos. Tem uma secura de magistrado, que afugentava as musas. Uma cousa o distingue entre todos os quinhentistas da pleiada, cita o nome de Camões intitulando-o *bacharel latino,* na Satira que lhe dedica, pondo em contraste a situação dos bôbos da côrte de D. Sebastião, que fruiam o tratamento de *Dom.* Em uma Egloga parece referir-se á morte de Camões. Falcão de Resende morreu da peste de 1599. Dos seus versos ficaram tres manuscriptos; um, que colligira para o filho segundo do Duque de Aveiro; outro a que allude no Soneto xxv, e finalmente o autographo da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, sobre o qual se imprimiu toda a parte portugueza por intervenção do Dr. Ferrer e revisão de Joaquim Ignacio de Freitas; a parte castelhana foi publicada pelo Dr. Garcia Perez no seu *Catalogo razonado.* (Pag. 161 a 205.)

O Theatro classico: Comedias e Tragedias. —

Quando Sá de Miranda tentou introduzir a Comedia classica, reagindo contra a fórma do Auto, em redondilhas, e atacando a eschola de Gil Vicente, escreveu no prologo: «Estranhaes-me, bem o vejo... mas não ha de falecer quem me arremede.» A Comedia *Estrangeiros* foi escripta de 1527 a 1529, e já em 1527 Jorge Ferreira de Vasconcellos, ainda na juventude, compozera nos estudos collegiaes de Coimbra a sua comedia em prosa *Euphrosina*, occultando o seu nome. N'ella escreve: «Na antiga Coimbra, corôa d'estes Reynos, á sombra dos verdes sinceiraes do Mondego, naceo a portugueza *Euphrosina*...» E na dedicatoria ao principe, diz: «venho ante Vossa Alteza com as *primicias* do meu rustico engenho, que é a Comedia *Eufrosina*, e foi o *primeiro fructo*, que d'elle colhi *inda bem tenro*...» Fixa-se bem a data da composição, por que em uma scena se lê uma carta datada de Gôa de 28 de Dezembro de 1526, além de factos historicos alludidos. No prologo da Comedia pede favor para o *novo Autor* em nova invenção, e o real amparo «*que por ser invenção nova n'esta terra, e em linguagem portugueza tão invejada e reprehendida*, por certo tendo de ser salteada de muitos censores...» Desde que foi escripta até ser trasladada para ser offerecida ao principe D. João «andou por muitas mãos devassa e falsa,» quer dizer por copias cheias de erros.

É natural que Sá de Miranda não desconhecesse esta tentativa de Comedia em prosa, mas não a considerava servindo o pensamento da es-

chola italiana, embora ambos despresassem a forma do Auto: Jorge Ferreira partia da fórma medieval da *Moralidade,* vivificando-a pelo interesse das situações. Castigando o vicio pela sua representação exagerada, tomava por modelo fundamental do genero a *Celestina;* Sá de Miranda, aconselhava «*a logares o arremedar a Pluto e Terencio*...» e principalmente tomando por modelo a «*Ariosto, natural de Florença, homem de muitas letras e muito engenho*...» Ambos, porém, queriam a Comedia em lingua portugueza, e Sá de Miranda na Carta dedicatoria ao Infante D. Henrique diz-lhe: «em Portugal escrevem pouco; n'esta maneira de escrever ninguem...»

No seculo XVI a *Celestina* tornou-se o typo modelar de todos os escriptores dramaticos, chegando a ser proverbial o seu nome; ainda é conhecida pelo povo na locução de *Artes da madre Celestina, encantadora.* Jorge Ferreira allude ao seu titulo de *Tragicomedia de Calisto e Melibêa,* e imitou-a ñas suas outras Comedias *Ullyssipo,* de 1547 e na *Aulegraphia,* que deixou inedita pela morte do principe D. João em 1554. Proximo a Jorge Ferreira deve apreciar-se Camões pelo seu Auto dos *Amphytriões,* que é uma imitação de Plauto, em redondilha popular, conciliando os dois estylos.

As duas Comedias de Sá de Miranda *Estrangeiros* e *Vilhalfrandos,* foram representadas diante do Cardeal Infante D. Henrique em 1538, em Braga, quando ahi fôra estabelecer a Eschola

latina dirigida por Nicoláo Clenardo: «as duas Comedias que fez em prosa, que per rasão do estylo comico são mui licenciosas, o Cardeal D. Henrique que depois foi Rey... não só lh'as mandou pedir para as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que depois foram gravissimos ministros, a que se achou presente entre outros D. Jorge de Athayde, bispo de Vizeu... senão que depois de Francisco de Sá morto, por que se ellas não perdessem as fez imprimir ambas em Coimbra, na fórma em que andam.» *(Biogr. anon.)*

O Dr. Antonio Ferreira tornou realidade o presentimento do mestre; arremedou a comedia italiana. Allude a varios divertimentos dramaticos escholares, por occasião das festas pelo casamento do principe D. João com a filha de Carlos v: «N'esta Universidade... *onde pouco antes* se viram outras, que a todas as dos antigos ou levam ou não dão vantagens.» E no Prologo confessa o que a Sá de Miranda deve: «não fallo nos que o *seguiram até agora em Italia*, pois em nossos dias vemos n'este Reyno a honra e o louvor de quem novamente a trouxe a elle, com tanta differença dos antigos quanto é a dos mesmos tempos.» E declara por fim, que a comedia *Bristo* fôra composta em ferias furtadas ao estudo «como cousa de poucos dias ordenada.» A Comedia do *Cioso* pertence á mesma corrente de imitação classica terenciana dos *Adelphos*, em que os personagens são o fanfarrão *(Miles gloriosus)* a manceba *(cortegiana* e *he-*

taira grega) e os filhos-familia pervertidos. Pela morte inesperada do principe D. João ficaram interrompidos estes divertimentos escholares, que pelo novo regimen da Universidade obedeciam a um intuito pedagogico. No Collegio de Guyenne d'onde viera André de Gouvêa para Coimbra, exigia-se aos professores que soubessem — *composer et prononcer Oraisons, Harangues, Dialogues et Comedies.* No tempo em que André de Gouvêa reorganisou o Collegio de Bordeus, em 1524, ahi desenvolveu as representações dramaticas, de que falla Montaigne, então seu discipulo: «*j'ay soustenu les premiers personages ez latines de Buchanan, de Guerente et de Muret, qui se representerent en nostre College de Guienne avecques dignité; en cela,* Andreas Goveanus, nostre principal, *comme en toutes aultres parties de sa charge, feut sans comparaison le plus grand principal de France.*» (*Essais*, liv. I, cap. 25.) Quando por pedido de D. João III, André de Gouvêa veiu em 1547 reorganisar os estudos humanistas em Portugal, implantou estes exercicios dramaticos, que tambem eram seguidos na Universidade de Salamanca, em cujos Estatutos de 1538 se lê: «It. de cada Collegio cada anno se representará una Comedia de Plauto o Terencio, o Tragicomedia, la primera el domingo de las octavas de Corpus xpi, y las otras en los domingos siguentes...» Em Coimbra por occasião do doutoramento de D. Antonio, Prior do Crato, representou-se a Tragicomedia *Golias* em latim «pelos estudan-

tes nobres da Universidade, no claustro da Portaria, que fica anterior ao Mosteiro de Santa Cruz. Entre os professores de Bordeus que vieram para Coimbra figura Jorge Buchanan, que nas ferias escholares fez representar as suas tragedias latinas *Joannes Baptista, Jephté,* e as suas traducções da *Medea* e de *Alcestes* de Euripedes. Devido a esta influencia pedagogica, traduziu Anrique Ayres Victoria, com o titulo de *Vingança de Agamemnon,* a tragedia *Orestes* de Sophocles, impressa em Lisboa por German Galhardo. Acabou-se aos 6 dias de Novembro de 1555. [1]

Faltava ainda na iniciativa de Sá de Miranda a manifestação original de uma tragedia classica; apparecem junto com o manuscripto da Egloga *Aleixo* uns versos lyricos e sextilhas octosyllabicas que pertenceram á sua tragedia *Cleopatra,* hoje desconhecida. Seria este thema tragico suscitado pela *Cleopatra,* de Jodelle, de 1552, com que iniciara o theatro classico. A Renascença, tomando uma direcção exageradamente erudita, afastava-se das tradições nacionaes, fazendo dispender a actividade litteraria em traducções e

---

1 *Tragedia da Vingança* que foy feita sobre a morte de Agamemnon. Agora novamente tirada do grego em linguagem trovada por Anrique Ayres Victoria, cujo argumento é de Sophocles. Agora segunda vez impressa e emendada e anhadida pelo mesmo Autor.

Começa a *Tragedia Orestes.* Tirada do grego em romance trovado por Anrique Ayres Victoria *natural do Porto e dirigida a muy manifica senhora D. Violante de Tavora.*

imitações. Cabe a Antonio Ferreira a gloria de ter comprehendido e achado um thema nacional para a tragedia classica; quando elle residia já na capital, occupando o cargo de desembargador da Relação de Lisboa, escreveu a tragedia *Castro,* cuja composição póde ser fixada em 1557. O pensamento d'esta tragedia nacional foi-lhe despertado pela audição em Coimbra de cantares do povo sobre os amores de D. Inez de Castro; a elles allude D. Marcos de S. Lourenço, conego cruzio, ao commentar o maravilhoso episodio dos *Lusiadas,* e o proprio Ferreira forma os seus córos com as *môças Coimbrãs.* Conhece-se pela *Castro,* que Ferreira imitou directamente a estructura das tragedias gregas, sem recorrer aos palidos reflexos de Seneca, como era então frequente nas litteraturas. Elle representa esse caracter *divino* da tragedia antiga na lucta entre o amor e a obediencia filial; uma sombra de *fatalidade,* logo no principio, empana a alegria do Côro que dá inicio á acção com tristes presentimentos. Nos monologos e dialogos ha esse ardor exaltado, que na tragedia é o movimento dithyrambico do lyrismo dionysiaco religioso. A acção dramatica é simplesmente episodica em volta d'esse lyrismo elegiaco, servindo para produzir logicamente a catastrophe, que se sabe que hade succeder *fatalmente.* Para imitar o iambo trimetro usado pelos gregos para a linguagem simples, Ferreira serviu-se pela primeira vez do *verso solto,* usado por Trissino, quebrando-o nos seus hemistychios. A theoria do *Côro* grego, tão

difficil de comprehender, acha-se no modo como talhou os seus Córos. Analysando a *Castro* no seu conjuncto, nota-se que Ferreira não procurou o effeito artistico, mas sómente a reconstrucção consciente da estructura já não comprehendida da Tragedia grega. Combina os longos discursos *(rhescis)* com os versos aphoristicos *(stichomytias.)* Posto que a *Castro* não seja a primeira imitação da tragedia classica que appareceu nas litteraturas modernas, conservará sempre a *legitima* prioridade, por ser o primeiro thema da historia nacional idealisado na Renascença.

Importa fixar bem a data de 1557, em que Antonio Ferreira compoz a *Castro;* á emoção causada pela sua leitura refere-se Diogo Bernardes em um Soneto a que Ferreira responde immediatamente. A compilação dos *Poemas Lusitanos* estava feita em 1557, ficando inedita por causa do seu falecimento da *Peste grande* de 1569, até ser publicada por seu filho em 1598. Tendo estas datas presentes se explicará o plagio do frade dominicano Hieronymo Bermudez, que com o pseudonymo de Antonio da Sylva, publicou em 1575 a *Nise lastimosa,* uma incorreta traducção da *Castro* de Ferreira sobre uma copia que alcançara. Confrontadas as duas Tragedias, coincidem os Actos e as Scenas, diferindo apenas a 1.ª scena que Ferreira abre com o Côro, Inez e a Ama, e Bermudez substituiu por um monologo de D. Pedro.

Desconhecendo estas datas, o sabio Bouterwek, na *Historia da Litteratura hespanhola* ap-

presenta Bermudez como «o primeiro que considerou a historia de Inez de Castro digna da poesia, por que Camões, que tirou d'esta historia um episodio celebre, *ainda não tinha feito os Lusiadas.*» Todos sabem que a primeira edição dos *Lusiadas* é de 1572, antecedendo trez annos o apparecimento da *Nise lastimosa.*

Do indecoroso roubo castelhano não suspeitava o sabio allemão, por que nem falla no nome de Ferreira, engrandecendo os talentos de Bermudez; mas a questão foi tratada a fundo por Martinez la Rosa, reconhecendo a authenticidade e prioridade da Tragedia de Ferreira. Um dos Mestres francezes que vieram para Coimbra com André de Gouveia, Nicoláo Grouchy, traduziu por 1553 a *Castro* de Ferreira, dedicando-a ao Conde de Athouguia, quando ensinava latim a seu filho. Barbosa Machado falla d'esta traducção hoje perdida. *(Bibl. Lus.*, I, p. 278.) Jeronymo Bermudez morreu em 1589; mas dois annos antes do seu falecimento foi publicado em Coimbra o texto authentico, que elle plagiara: «*Tragedia muy sentida e elegante de D. Inez de Castro, a qual foi representada na cidade de Coimbra. Agora novamente acreçentada.* Impressa com licença por Manoel de Lyra. 1587. In-8.º» Esses accrescentamentos seriam as sticomittias, ou discursos que se supprimiam na representação por embaraçarem os dialogos. O texto de 1587 tem variantes do de 1557, posthumamente publicado em 1598. Ainda contra o plagio de Bermudez protesta a tragedia *Nise*

laureada, em que elle dramatisa a coroação de Inez de Castro, dando largas como frade dominicano ao prazer do canibalismo da vingança de D. Pedro. Da *Nise lastimosa* (roubada a Ferreira) diz: «Embora a tragedia no seu conjuncto esteja longe da perfeição, *o poeta elevou-se em algumas scenas a toda a altura da arte tragica*.» Da *Nise laureada*, escreve Bouterwek: «A segunda tragedia de Bermudez mal merece ser citada; *a escolha do assumpto está abaixo da critica, e o desfécho é insuportavel*... Desde que começa a cerimonia do julgamento, o horror e desgosto fazem cahir o livro das mãos. — Declamações sanguinarias acompanham a execução da sentença real, e o Côro exprime a sua alegria, emquanto os algozes fazem o seu officio. Para achar pathetico n'estes horrores *era preciso ser hespanhol* e acostumado desde a infancia a abafar os sentimentos da natureza, desde que a voz do que se chama a justiça se faz ouvir pelo orgão da auctoridade real ou ecclesiastica; mas tambem era preciso esta alteração do caracter de um povo tão naturalmente generoso, para que as festas religiosas em que se queimavam judeus e hereticos se tornassem, assim como as corridas de touros, o divertimento nacional.» É o caracter ethnico que separa o *ethos* luso do imperialismo iberico ou castelhanista.

Novellas pastoraes. — Este genero acha-se representado pela *Diana* de Jorge de Monte-Mór, que como a *Arcadia* de Sidney, pertencem já a

essa corrente de requintado gosto italiano da *Arcadia* de Sanazaro, tornando-se cada vez mais affectado no *Amintas* e no *Pastor Fido* de Guarini. Mas a *Diana* de Monte-Mór venceu a decadencia do genero, insuflando-lhe a paixão realista com esse fundo sentimental caracteristico da alma portugueza. Apesar de escripta em castelhano e de ser um fragmento apenas, a *Diana* é a prova da persistencia do *ethos* luso, e por elle prevaleceu em todas as litteraturas. É sob este aspecto que Bouterwek a aprecia: «Um dos grandes meritos d'este poeta é de falar sempre com ternura, sem cahir nunca na monotonia; é inesgotavel em translações e imagens para variar a expressão do amor. Eguala Sá de Miranda na profundeza e na verdade do sentimento.» E equipara a sua popularidade em Hespanha á que excitou o *Amadis*, que como elle teve numerosos imitadores. Sabe-se da sua vida o que nos revelou em versos e referencias autobiographicas, e nos documentos officiaes. Nasceu em Monte-Mór o Velho em 19 de Março de 1523, (data apontada no *Calendario musical*, que se attribue a Soriano Fuertes), da familia dos de Paiva e de Pina, como se lê na Elegia que lhe fez Durante. Fernão de Pina, que fez a reforma dos Foraes no tempo de D. João II e D. Manoel, pelo que soffreu graves perseguições, houve filhos bastardos Antonio de Pina e *Jorge* de Pina, o poeta, que saiu de Portugal por 1541 para ganhar como cantor a sua vida, trocando o apellido da familia pelo da sua naturalidade *Monte-*

Mór. Em uma Epistola dirigida a Sá de Miranda em 1553, descreve-lhe a sua mocidade:

Riberas me crié del rio Mondego,
A do jamas sembró el fiero Marte
Del rey Marsilio a cá desasociego.
... .

El rio de Mondego y su ribera
Con otros mis éguales passeava
Sugeto al crudo Amor y su bandera.

Con ellos el cantar exercitava
Yá bien sabe el Amor que mi Marfida
Yá entonces sin la veer me lastimaba.

Aquella tierra fué de mi querida,
Dexéla, aunque quise, por que veya
Llegado el tiempo yá de buscar vida.

Estes idylios de amor divagando na adolescencia pelas margens do Mondego com outros companheiros tambem poetas, lembram o que representa Camões na Ode IV, de *Sibela,* os seus primeiros amores. O tempo chegado de buscar vida, propriamente os dezoito annos, levaram-no a emigrar para a Hespanha, que accolhia nas suas Cathedraes e capellas todos os cantores portuguezes. Jorge de Monte-Mór fez do seu talento profissão; confessa-o na Epistola a Sá de Miranda:

En Musica gasté mi tiempo todo,
Previno Dios en mi por esta via,
Para me sustener por algun modo.

Por 1541 seria 'esta primeira partida de Portugal, deixando a namorada Marfida entregue á sua saudade; e ao regressar á patria, quando se

tratava do casamento da Princeza D. Maria com seu primo Philippe de Castella, veiu encontral-a já desposada com um rival que detestava. Foi sobre esta situação pessoal que compoz a novella com «muy diversas historias de cosas que verdaderamente han succedido, aunque van disfarçadas debaxo de nombre y estilo pastoril.» E personificou a sua namorada de Formoselha, nos arredores de Coimbra e nos campos do Mondego, na pastora *Diana* dos campos de Leão, ribeiras do Rio Ezla, e amada por Sireno, requestada ao mesmo tempo por Sylvano, que ella aborrece; eis resumido o seu argumento: «Succedia pués que como Sireno fuesse forçadamente fuera del reyno, a cosas que su partida no podia escusarle, y la pastora quedasse muy triste per su ausencia, los tiempos y el corazon de *Diana* se mudaran, y ella casó con otro pastor, llamado Delio, poniendo en olvido el que tanto avia querido; el qual *veniendo despues de un año de ausencia* con gran deseo de veer a su pastora, supo antes que llegasse como ya era casada.» E de facto em 1543 Jorge de Monte-Mór já se acha em Lisboa fazendo parte da Capella da Princeza D. Maria, que se lhe organisou quando desposou Philippe de Castella, partindo com o cortejo para Hespanha. Escreve o Dr. Sousa Viterbo: «O poeta não indica nem a condição nem os annos em que partiu para Hespanha, mas estou persuadido que seguiria na comitiva da Princeza D. Maria, filha de D. João III, que em 1543 se matrimoniou com o prin-

cipe D. Filippe, filho de Carlos v... N'esta persuasão me confirma a dedicatoria das obras... o poeta se declara *Cantor de la Capilla de su Alteza, la muy alta y muy poderosa senora Infanta D. Maria.*» Sousa Viterbo achou uma prova mais decisiva no livro ms. Papeis da Embaixada de Inglaterra e da Jornada de Castella sobre a yda da Inff.ª Dona Maria; a fl. 98 vem a lista dos Cantores da Capella da Princeza e o quinto dos *Cantores e Musiquos* é Jorge de *mõte mor*, tendo por anno XL$. N'esta lista encontra-se no primeiro logar a *Bartolomeo de Quevedo*, o amigo de André de Resende, com quem se carteava sobre musica, [1] e Villadiego celebrado por Gil Vicente. [2]

Aqui surge o problema da composição da primeira parte da *Diana*, escripta logo que soube da deslealdade da pastora, ainda antes de regressar á patria, praticada um anno depois da sua ausencia: foi n'estas condições que imprimiu em Valencia a primeira edição da *Diana*, sem data e que os bibliophilos collocam em 1542. A grande celebridade da novella não foi repentina, conseguindo ver em sua vida cinco edições da *Diana*, 1545 e 1560 (Zaragoza), 1561 (Barcelona, Valladolid e Cuenca.) Diz o editor Lourenço Craesbeeck, na edição de 1640: «chegou

1 Vem nos *Musicos portuguezes*, de Joaquim de Vasconcellos.

2 *Archivo historico portuguez*, vol. I, p. 257.

a ver cinco impressões da sua *Diana,* sendo tão geralmente estimada e valida, que não havia casa onde se não lêsse, rua onde se não cantassem os seus versos, nem conversação onde se não engrandecesse o seu estylo, desejando toda a pessoa, por authorisada que fosse, de ter particular merecimento do seu auctor.» Elle vivia em casa do Duque de Sesa, e assistia ás merendas que a duqueza dava ás altas damas, marquezas de Guadalcassar e de Comareso, e a ellas alludia no texto das novas edições da sua *Diana.*

A Princeza D. Maria faleceu dois annos depois do seu casamento em 13 de Julho de 1545; Jorge de Montemór continuou a usar o titulo de *Cantor da Capella da Infanta,* recebendo os quarenta maravedis de salario, passando pouco depois a formar parte da Capella que em 1551 se instituiu á princeza D. Joanna quando casou com o principe herdeiro de Portugal, o mallogrado D. João, filho unico de D. João III. No mesmo documento transcripto por Viterbo, veiu sob o titulo de *Cappilla de la Señora Princeza,* a mesma lista dos Cantores e musicos que pertenceram á Capella da Infanta D. Maria; ahi se lê no mesmo logar:

«*Jorge de Montemayor,* tiene por ano otros tantos ... ... xl$» [1]

---

[1] Torre do Tombo, Ms. 169, fl. 132 e 133. (Ap. *Arch. hist.*, vol. I; p. 288.)

Assim se lê no *Rol dos creados e pessoas que agora tem a Senhora Princeza Donna Joanna, filha do Emperador o qual rol mandou a El Rey Nosso Senhor Lourenço Pires de Tavora, sendo Embaixador.*

Os talentos de Jorge de Montemór eram apreciados por D. João III, que lhe fez a mercê da escrivaninha de um dos navios da carreira da Mina, em 14 de Março de 1551, quando entrou ao serviço da *princeza Dona Joanna*. 1

Jorge de Monte-Mór veiu para a côrte portugueza pelo casamento do Principe D. João em 1552; é n'este segundo regresso que dirige a Sá de Miranda a sua curiosa Epistola autobiographica:

> De mi vida el discurso yo me obligo
> A contártelo en breve, aunque mas breve
> Fortuna se mostró para conmigo...
>
> En este medio tiempo la estremada
> De nuestra Lusitania alta Princeza
> En quien la fama siempre está occupada;

---

1 Eis o diploma, publicado por Sousa Viterbo:

«Eu El Rey, faço saber a vos feytor e officiaes da casa da India e Myna, que ey por bem e me praz de fazer mercê a Jorge de Monte Moor, criado da princeza mynha muito amada e prezada filha, da escrevanynha de hũ dos navios da carreira da Myna, por hua viagem por ida e vinda e com o ordenado conteudo no Regimento depois de compridas as provisões que das taes escrevanynhas tiver passadas a outras pessoas feytas antes deste. Noteficovolo asy e mando, que tanto que pela dita maneira ao dito Jorge de Monte mor couber entrar na dita escrevanynha o metaes em posse d'ella e lhe deyxes ir servir e aver o dito ordenado como dito he, e os proes e precalços que lhe dereytamente pertencerem

Tuvo, señor, por bien de mi rudeza
Servirse, mi baxo ser alevantando
Con su saber estraño y su grandeza;

En cuya Casa estoy ora passando
Con mi cansada musa, ora en esto,
Ora de amor y absencia estoy quexando.

Ora mi mal al mundo manifesto
Ora ordeno partirme, ora me quedo,
En una hora mil vezes mudo el puesto.

O poeta era arrebatado pelo espirito aventureiro, e não se achava bem na côrte beata de D. João III; queria lançar-se ao grande mundo. Sá de Miranda aconselha-lhe serenidade, junto dos jovens principes; e escreve-lhe:

Levanta tus sentidos al amparo
Tan seguro e tan alto, como tienes
D'esta Princeza nuestra, un sol tan claro.

No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conocen ; mira que acontece
A pocos, lo que a ti si bien te avienes.

O temperamento irrequieto de Jorge de Montemór fel-o voltar para Hespanha ainda em 1553, para a Capella Real. N'este breve tempo de Lisboa, conheceria Camões que estava prezo no tronco da Cidade, como se infere da anecdota dos *Apophtegmas* de Pedro José Supico. Repugnar-lhe-ia a caballa dos poetas Caminha, Jero-

---

sem nyso lhe ser posto duvida nem embargo algum, por que asy he minha Mercê, e elle jurará na Chancellaria que bem e verdadeiramente a sirva. Antonio de Mello o fez em Almeirim a xiiij dias de março de j̄bᶜlj. André Soares o fez escrever.» Torre do Tombo, Chancell. de D. João III, *Doações*, Liv. 62, fl. 167. Ap. Viterbo, id., p. 256.

nymo Corte Real e mais sequazes contra Camões e o seu quasi desterro para a India. Refere Lourenço Craesbeeck o projecto de Jorge de Montemór de escrever em verso um poema sobre o *Descobrimento da India Oriental*, «mas a morte que logo lhe sobreveiu atalhou este intento.» Impressionara-o o pensamento que absorvia o genio de Camões.

O falecimento prematuro do Principe D. João em 1554 veiu entenebrecer o problema da successão da corôa de Portugal; o nascimento posthumo do *desejado* D. Sebastião veiu adiar a solução secreta da escriptura do casamento da princeza D. Maria. Tendo regressado a Hespanha a princeza viuva D. Joanna, que em 1552 nomeara Jorge de Monte-Mór Aposentador da sua casa, com 30$000 réis de ordenado e mais 10$000 réis para ajuda, a ella recorre em 1557 o poeta, para que interceda junto da rainha D. Catherina sua sogra e tia, influindo em D. João III, para que seja dado a seu pae um emprego que requerera. 1 Em uma das edições da *Diana*

---

1 Embora a carta não esteja datada, tem escripto no verso o anno de 1557:

«Señora — Monte maior tiene ay a su padre y desea mucho que el Rey my señor le haga merced de un oficio que pide: suplico a V. Al. sea servida de aiudarle con su alteza pera que le haga la merced que oviere lugar que pera mi será muy grande toda la que V. Al. le hiziere en esto: nuestro señor guarde a V. Al. como yo deseo — besa las manos a V. Al. — la princesa.

(Sobrescripto) Reyna mi señora 1577. — Sousa Viterbo, *Archivo historico portuguez*, vol. I, p. 256,

já allude á viuvez da princeza D. Joanna, mãe de D. Sebastião:

> La otra junto d'ella és Dona Joana
> De Portugal princeza y de Castilla
> Infanta, a quien quitó fortuna insana
> El cetro, la corona y alta silla.

Entrando para a Capella ambulante de Philippe II, acompanhou-o em 1558 na sua viagem a Inglaterra (ap. Luiz Cabrera, Filippe II, rei de Espanha, p. 31. 1619.) d'onde regressou n'esse mesmo anno. No seu impulso aventuroso partiu para a Italia; seria talvez em qualquer missão politica de Philippe II a Emmanuel Philiberto, então um centro de resistencia contra a França. Em Turin o duque prestava grande adhesão a esta politica, mas o elemento protestante manifestava grande sympathia pela França. Por um Soneto de Faria e Sousa, na *Fuente de Aganipe*, sabe-se que Jorge de Monte-Mór morrera no Piemonte, e Barbosa Machado fixa a data em 26 de Janeiro de 1561, quando as tropas francezas evacuaram Turin. Bartolomé Ponce, no prologo da sua *Clara Diana*, diz que em 1558 encontrou Jorge de Monte-Mór, com quem conversara: «Perdone Dios su alma, que nunca mas lo vi, antes de alli a pocos mezes, me dijeron como *un mui amigo suyo lo habia muerto per ciertos celos ó amores.*» Attendendo aos grandes conflictos entre os catholicos e protestantes no Piemonte, e especialmente o predominio dos Valdenses em Turin, mais forte do que a rivalidade amorosa era a exaltação

fanatica, em que se achava envolvido o poeta.

Como a novella de *Diana* ficou na primeira parte no ponto em que ella pela primeira vez apparece na acção para justificar a violencia da familia que lhe impozera o casamento, nasceu o apetite de fabricarem continuações da novella. Na *Segunda parte da Diana*, conta Alonso Perez, que Jorge de Monte-Mór á partida para a Italia lhe communicara o plano que tinha em mente. Por todo o quartel ultimo do seculo XVI e começos do XVII a *Diana* teve a efflorescencia das continuações, como se vê pelas varias edições: 1564, a 2.ª parte por Alonso Perez Salamantino; e a *Diana enamorada* de Gil Polo; 1566, *Arbolanche*, considerada pelos annotadores de Ticknor uma das primeiras imitações da pastoral; 1580, a *Clara Diana* por Bartolomé Ponce; 1601, *El Prado de Valencia* de D. Gaspar Mercader; 1627, *Tercera Parte de Diana* por Hieronymo Texeda, Paris.

O genero pastoral estava em plena degradação pelo requinte do estylo ou preciosismo e pela prolixidade tediosa. No fim do seculo XVI cultivou-o Fernão Alvares d'Oriente na sua *Lusitania transformada*, que é uma imitação da *Arcadia* de Sannazaro, em prosas allegoricas intercaladas de versos, fazendo a vaga narrativa de uns amores que o forçaram a partir de Gôa, sua patria para a Europa em 1576. Ficou cativo na jornada de Africa em 1578; resgatado pelo dinheiro castelhano, recebeu de Philippe II a mercé de duas viagens de Coromandel na vagante dos

providos em 1584, conseguindo o privilegio de poder transferir esse direito para seu filho Luiz Alvares por alvará de 25 de Março de 1598. Fez a viagem da Italia, como era de uso na Renascença, onde tomou conhecimento da *Arcadia* de Sannazaro, procurando sobre esse modelo reproduzir a novella pastoral allegorica *Lusitania transformada* sobre os costumes do tempo. Começou esta pastoral a ser escripta em 1594, como se deduz da referencia á homenagem de D. Gonçalo Coutinho mandando pôr uma lapide sepulchral na Egreja de Santa Anna como *sepultura honrada* de Camões. Alvares d'Oriente regressara para a India em 1591, talvez pela vagante da viagem de Coromandel. Em uma carta regia de janeiro de 1591, dirigida ao vice-rei Mathias de Albuquerque, lê-se no § XXX, que Fernão Alvares d'Oriente regressara para a India, *espalhando ali novas do reino que eram muito prejudiciaes ao estado;* estranhando que em vez de ter sido castigado pelo Governador Manoel de Sousa Coutinho, este o nomeara védor da Fazenda de Ormuz; e terminava a carta ordenando que quanto antes o remettessem prezo para o reino. 1 A data do seu falecimento pode ser fixada em 1599 como victima dos primeiros rebates da peste. Na revivescencia litteraria, que começou no fim do seculo XVI, a *Lusitania transformada*, veiu á luz em 1607 coadjuvando essa corrente.

1 *Archivo portuguez oriental*, fasc. III, p. 298.

§ II

Camões e o Sentimento nacional

Na Renascença ha o antagonismo de duas Almas, que se não comprehendem embaraçando a evolução normal da grande epoca historica: a Antiguidade classica, com o genio grego ponderado, artistico, scientifico, philosophico e politico, estabelecendo a harmonia entre a razão e o sentimento; e a Edade Média, impulsionada pelo christianismo, nascido dos cultos orgiasticos orientaes, contagiando o delirio religioso dos mythos patheticos que renovara. Verdadeiramente inconciliaveis, estas duas Almas aproximaram-se na Renascença hellenica dos seculos XIII e XVI, quando a theologia catholica reproduzia a metaphysica alexandrina, e quando as Litteraturas nacionaes procuravam imitar a belleza da fórma. Raros foram os artistas e poetas que souberam realisar este accôrdo. A Renascença sob o influxo da Italia appresenta esses dois aspectos, prevalecendo a auctoridade classica; os genios e os talentos originaes abdicam da sua individualidade, imitando subservientemente os novos modelos, como se observa em Garcilasso, Boscan, Sá de Miranda, Ronsard e Spencer. Essa subserviencia levou ao exagero da admiração exclusiva dos escriptores gregos e latinos, ao emprego do latim nos escriptos scientificos

e historicos, e abandono das linguas vulgares no regimen pedagogico dos jesuitas. Protestantes e catholicos tinham egual desdem pela Edade Média. Sómente um genio capaz de se inspirar do ideal humano e de sentir a tradição nacional, em uma creação desinteressada poderia unificar como synthese essas duas Almas, conciliando as duas epocas pela sua continuidade historica. Realisaram este accordo artistas como Raphael, Miguel Angelo e Corregio, e poetas como Camões, cuja caracteristica é a conciliação dos dois espiritos classico e medieval. Este o seu logar na eschola italiana em Portugal; e em relação á Renascença na Europa, não pertence sómente á litteratura portugueza.

A sua obra, inspirada de todos os elementos poeticos que constituem a tradição de uma nacionalidade, idealisa e representa esse grande facto da vida historica do seculo XVI, a alliança do Occidente com o Oriente, realisada pelos Descobrimentos dos Portuguezes. A gloria de Camões tem sempre augmentado com o progresso das sciencias e da philosophia; Humboldt considera-o um grande poeta da natureza, da realidade objectiva; e Frederico Schlegel, que pertence á epoca do romantismo em que se restabeleceu a continuidade entre o mundo greco-romano e medieval, aponta-o como a expressão de uma litteratura inteira. Verifica-se o asserto nas suas creações estheticas; oriundo de uma familia do Algarve e de stirpe da Galliza, Camões funde na sua emotividade e idealisação as tradições po-

pulares e o lyrismo trobadoresco, excedendo em belleza os *ingenuos* villancetes de Gil Vicente e as trovas mais apaixonadas de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Educado com todos os recursos da erudição humanista do seculo XVI, não cae na exclusiva admiração das obras classicas nem em uma supersticiosa imitação dos poetas italianos, imprimindo-lhes o seu modo de sentir individual pelo relêvo que recebeu nos conflictos da sua tempestuosa vida. Na eschola italiana é o genio proeminente, completando a iniciativa de Sá de Miranda, achando a fórma definitiva de uma nova epoca litteraria visando ao destino social.

A) Vida do Poeta

1.º — *Nascimento em Lisboa — Mocidade em Coimbra; seus Estudos e primeiros amores.* — As altas individualidades só podem ser conhecidas e julgadas pelos recursos da critica psychologica; observou Maudsley, na *Pathologia do Espirito:* «para ter uma psychologia completa do individuo, é indispensavel estudar as circumstancias no meio das quaes elle viveu e ao contacto das quaes se desenvolveu, bem como observar os seus habitos de pensamento, de sensação e de acção.» Nenhum facto é indifferente para nos revelar a formação de um grande typo da humanidade: os seus antecedentes atavicos e hereditariedades, a cultura mental systematica, definindo o seu temperamento, a pressão do meio

social, determinando á actividade e o caracter, tudo converge para essa creação esplendida da natureza. Para a biographia de Camões tem valor historico o ser oriundo de uma familia fidalga da Galliza, sobretudo na orientação do seu genio lyrico: foi seu terceiro avô Vasco Pires de Camões, poeta celebrado no Cancioneiro de Baena e ainda lembrado pelo Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal. A emigração do fidalgo gallego para Portugal em 1368, com outros como os Mirandas e Caminhas, da aristocracia portugueza, veiu a actuar n'uma revivescencia da poesia trobadoresca da epoca dionysiaca, quando no seculo XVI, pelo impulso de Sá de Miranda e depois de Camões, que comprehendendo o humanismo da Renascença, fecundaram esse luminoso periodo litterario dos — Quinhentistas.

Não destituindo de importancia esta correlação das duas epocas: abundam nos versos de Sá de Miranda as fórmas gallezianas, ainda inconscientemente conservados na linguagem oral; em Camões, em Jorge Ferreira de Vasconcellos, em Gil Vicente, essa persistencia dos *galleguismos* não impressiona tanto como certas formas lyricas, as *Serranilhas*, os Cantares em *ledo*, e *guayados*, os de *soláo* e de *estavillar*. Os poetas quinhentistas, sob o prestigio da imitação italiana, foram fascinados pelos Motes velhos d'essa tradição lyrica galleziana.

Do filho segundo de Vasco Pires de Camões, o fronteiro João de Camões cujo solar era em

Coimbra, pelo seu casamento com Ignez Gomes da Silva, nasceu o avô do poeta; este dado geneologico nos explica as relações de intimidade de Luiz de Camões com a familia do Regedor D. João da Silva, a quem dedicou versos, e as confidencias amorosas de Jorge da Silva platonicamente apaixonado pela Infanta D. Maria. Seu avô Antão Vaz de Camões casou com D. Guiomar da Gama, dos Gamas do Algarve nobilitados pela arrojada empreza maritima de Vasco da Gama, idealisada no poema *Os Lusiadas*. Não é indifferente esta circumstancia na determinação do poeta em tomar como thema dos seus cantos o descobrimento da róta do Oriente, e lhe faria notar a coincidencia de ter nascido no mesmo anno em que falecera o destemido navegador.

Do casamento de Antão Vaz de Camões, que alguns dão como companheiro de Vasco da Gama, provieram dois filhos, Simão Vaz, pae do grande épico, e D. Bento de Camões, conego regrante do opulento mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Cancellario da Universidade depois da sua mudança de Lisboa em 1537, e Prior geral da aristocratica ordem. Sobre o poeta exerceu este tio uma influencia decidida nos estudos menores que cursou no internato dos Collegios de S. João e de Santo Agostinho, fundados no mosteiro de Santa Cruz, para onde convergiam todos os filhos das familias nobres portuguezas. Alli conheceu as lendas agiologicas do fundador da monarchia portugueza, com que matizou

a sua epopêa: e alli contrahiu a amisade pessoal com os representantes da nobreza do seu tempo.

Simão Vaz de Camões, casou em Santarem com Anna de Sá e Macedo, filha de Jorge de Macedo, e sobrinha neta de Philippa de Macedo, a que foi mãe do Conde de Vimioso. Ayres Gonçalves de Macedo, pae de Jorge de Macedo, depois de viuvo fez-se clerigo e foi vigario geral do bispado de Coimbra, e um seu filho natural Marçal de Macedo, casou com Philippa de Sá, filha de Heitor de Sá, d'onde provém os Sá de Macedo de Coimbra. (Este Heitor de Sá era primo de Sá de Miranda.) Estes parentescos explicam as relações intimas do poeta com D. Manoel de Portugal, e como a Casa de Vimioso lhe mandou a mortalha; e tambem como a mãe de Camões adoptara o apellido de Sá de Macedo, em reconhecimento do carinho que achara n'esse ramo de Coimbra, contrastando com o orgulho dos Vaz de Camões. (Não deixa de ter sentido o nome de Luiz *de Sá* de Camões, no alvará de 5 de fevereiro de 1585.) Pela parentella da mãe do poeta se explica a lenda de ter nascido Camões em Santarem, em Alenquer, em Coimbra.

Nasceu Luiz de Camões em Lisboa, onde foi creado, como o refere o licenciado Manoel Correia, parocho da Mouraria e seu amigo, em 1524. Como se fixa esta data? Pelo alistamento de Camões na Casa da India para ir como soldado na Armada que partia em 1550, conseguiu-se

além dos nomes e morada de seus progenitores, a edade que elle então contava: «Escudeiro, de *vinte e cinco annos,* barbiruivo; trouxe por fiador seu pae.» Todos os commentadores e com elle Faria e Sousa conheceram o uso da antiga chronologia em que o anno começava a computar-se da Paschoa em diante, e como essa inscripção foi feita antes de 28 de Março de 1550, fixaram o nascimento do poeta em 1524. Esquecida mais tarde esta circumstancia, produziu-se o vulgar reparo do bom senso de Latino Coelho contra a arithmetica de Faria e Sousa, que o Dr. Storck tambem expoz: «Pois então *cincoenta* menos vinte e cinco, dá *vinte e quatro.*» (*Vida,* p. 140.) Não lhes occorreu que no seculo XVI prevalecia ainda na Europa a chronologia ecclesiastica. 1

Na Canção XI, Camões assignala a data do

1 Casos identicos esclarecem esta data de Camões. O poeta Ronsard nasceu em 11 de Fevereiro de 1524, e referindo em uma epistola ao seu amigo Belleau o dia do seu nascimento, escreve:

> L'an que le Roy François fut *prit devant Pavie*
> Le jour d'un samedi, Dieu me presta la vie.

Sainte Beuve explica o facto autobiographico:

«A batalha de Pavia teve logar em 24 de Fevereiro de 1525; como o anno começava então na Paschoa, referia-se a batalha á data de 1524, e a este anno alludia Ronsard. Gouget dava-o como nascido em 1525. Tambem Du Bellaye disse que dedicara a Defeza e Illustração da Lingua franceza ao Cardeal — em Fevereiro de 1549, mas como o anno só começava a contar-se da Paschoa importa ler-se — em Fevereiro de 1550. (*Tableau de la Poésie française*, p. 290 e 331.)

seu nascimento pelo horoscopo da calamidade annunciada para 4 a 5 de Fevereiro de 1524:

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo, logo me fizeram
> *Estrellas infelices* obrigado.

Alludia ao prognostico aterrador do encontro do signo de Piscis em conjunção de varios planetas, de que resultaria um grande diluvio; o terror foi tal, que Carlos v mandou o seu astrologo Cristobal de Arcos combater em uns opusculos esta falsa previsão, e em Portugal a rainha D. Leonor encommendou egual serviço ao Dr. Fr. Antonio de Beja, imprimindo o opusculo *Contra os falsos juizos dos Astrologos;* e ainda no meado do seculo Garcia de Resende metrificava na sua *Miscellanea* a noticia d'esse extraordinario terror. Por esta singular referencia pode bem inferir-se em 4 a 5 de Fevereiro de 1524: (comprovam-no os 25 annos feitos ao alistar-se em Março de 1550 na Casa da India.) A sua naturalidade de Lisboa é tambem affirmada na Elegia III, em que descreve a viagem para a India, equiparando-se a Ovidio desterrado para o Ponto; e de Lisboa se lembra, como de Sião se lembravam no cativeiro de Babylonia os israelitas.

Continuadas pestes salteavam Lisboa embaraçando as festas do casamento de D. João III com Catherina de Austria, agravando-se pavorosamente em 1525; pela Extremadura e Alemtejo alastrava em 1527 uma peste devastadora, fugindo o rei e a côrte d'essa ameaça para Coim-

bra, demorando-se ahi largamente. Pouco antes de 1527, o tio do poeta D. Bento de Camões tomou o habito no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra *(os Bispos de Sansão)*; este facto motiva a sahida de Simão Vaz com a esposa e o filhinho para Coimbra. Ahi teve de deixal-os, para acudir ao serviço dos Armazens da Guiné e India e expedição das Armadas, pelo que D. João III concedeu a Simão Vaz as prerogativas de *cidadão de Lisboa* por Alvará de 4 de Outubro de 1529. Por este facto se justifica o residir em Coimbra por alguns annos Anna de Sá e Macedo, criando o seu filho, tornando veridico o facto allegado pelo livreiro da Universidade Domingos Fernandes, da puericia de Camões em Coimbra. N'esse meio caricioso desenvolveu-se-lhe o sentimento amoroso com uma precocidade impressionante:

> As lagrimas da infancia já manavam
> Com uma saudade namorada...
> Co'o Fado estava a edade concertada,
> Pois quando por caso me embalavam,
> Se de amor versos tristes me cantavam,
> Logo me adormecia a natureza;
> Que tão conforme estava co'a tristeza,
>
> *(Canc.* XI.)

A vida da côrte em Coimbra era uma festa continuada; era um modo de afugentar os terrores da peste; Gil Vicente ahi representava a *Farça dos Almocreves* (alcunha dos filhotes coimbrões), a comedia allegorica da *Divisa da Cidade de Coimbra,* o *Auto da Serra da Estrella.* D. João III occupava-se a planear a reforma

dos Conegos regrantes obrigando-os á clausura, vindo em 1528 de Paris *em forma de Universidade* professores que elevaram os estudos, Pedro Henriques, Gonçalo Alves, Vicente Fabricio, D. Damião de Sousa, D. Dionysio de Moraes, e creou bolsas para estudantes porcionistas, ou Collegiaturas. D. Bento de Camões gosava a sympathia de D. João III por ser um dos conegos que promptamente se submetteram á nova regra da clausura.

Não podia Camões n'esta sua descuidada infancia estar fóra das relações intimas com os Camões de Coimbra, então representados pelo bacharel João de Camões, que fez o Morgado de Alenquer, e vivia na sua casa da Porta Nova, que terminava no Chão de Joanne Mendes; tinha de sua primeira mulher Catalina Pires, um filho Simão Vaz de Camões, em quem ambos renunciaram o Praso de Alvor; e do seu segundo casamento com Branca Tavares, houve uma filha Isabel Tavares. D'esse primo do poeta, o estouvado Simão Vaz de Camões, que assalta o convento das freiras de Santa Anna, á imitação de seu tio Pedro Alves de Camões que tinha amores com uma freira de Odivellas, restam documentos que patenteam a sua desgraçada nevrose; de Isabel Tavares, sabe-se que lhe foi cedido o praso das Casas da Porta Nova para casar com Alvaro Pinto (Escriptura de 3 de Agosto de 1553.) Com estes elementos esclarece-se um problema da vida de Camões, quem lhe inspirou a Canção IV, em que se irisa a

psychose do seu primeiro amor. Como se sabe, João Pinto Ribeiro, juiz de fóra de Pinhel e de Ponte de Lima, a alma da Revolução de 1640, compoz, como diz Fr. Antonio Brandão, «*o excellente Commento que tem feito ás obras do nosso Camões.*» Faria e Sousa leu este Commento, e ahi achou que o poeta amara *uma sua prima*. No seu Livro de *Lembranças* Diogo de Paiva de Andrade (sobrinho do celebrado theologo do Concilio de Trento) enumerando todos os soffrimentos que ao poeta causaram os seus amores «foi quatro vezes desterrado: *uma de Coimbra — para Lisboa.* 1 Nem Paiva de Andrade nem Camillo Castello Branco comprehendiam que amasse uma mulher, que não fosse Catherina de Athayde, sendo a de mais perto essa que morreu em Aveiro. Mas o poeta revela nos seus versos o nome de Isabel Tavares no anagramma *Sibela,* que emprega nos mais sentidos Sonetos, e *Beliza* na Elegia VIII, e nas Eglogas III, IV e VII. Camões descreve como nasceu esse amor:

Conversação domestica affeiçôa,
Ora em forma de limpa e san verdade
Ora de uma *amorosa piedade*,
Sem olhar qualidade de pessôa.

Se depois, por ventura nos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo emfim perdoa.

---

1 Faria e Sousa seguindo o mesmo systema da coordenação por *desterros*, considera 1.° o de Lisboa para o Ribatejo; tendo perdido toda a tradição dos amores de Coimbra.

Essa intimidade começaria nas excursões á quinta de Villa Franca, de seu pae João de Camões, na margem do Mondego; dil-o no quadro do Soneto:

> N'um bosque que das Nymphas se habitava
> *Sibela*, Nympha bella andava um dia
> . . . .
> As setas traz nos olhos com que tira,
> Oh pastores! fugi, que a todos mata,
> Se não a mim que de matar-me vivo.

Em outro Soneto elle queixa-se da esquivança de *Sibela,* devido por ventura ao atrevimento do poeta:

> Tal mostra de si dá vossa figura,
> *Sibela*, clara luz da redondeza
> . . . .
> Eu pois por escusar tal esquivança,
> A rasão sujeitei ao pensamento,
> A quem logo os sentidos se entregaram;
>
> Se vos offende o meu atrevimento,
> Inda podeis tomar nova vingança
> Nas reliquias da vida que ficaram.

Camillo nas *Notas biographicas* sobre Camões, transcreve um Soneto em que apparecem terminados esses amores, pelo casamento com quem a não merecia:

> Já não sinto, senhora, os desenganos
> Com que minha affeição sempre tratastes,
> Nem ver o galardão que me negastes
> Merecido por fé de tantos annos.
>
> A magua chóro só, só choro os damnos
> De ver por quem, senhora, me trocastes;
> Mas em tal caso vós só me vingastes
> De vossa ingratidão vossos enganos.

Dobrada gloria dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa.

Mas eu de vossos males e esquivança
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanta á vossa custa.

Camillo commenta: «Claro é que Luiz de Camões allude á mulher que o vinga padecendo as magoas resultantes de uma alliança em que elle foi ingratamente sacrificado. Á outra dama que morreu estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biographos, não diria Camões:

..................a vingança
Não a quizera tanto á vossa custa.

«O Soneto não attrahiu ainda notavel reparo de algum biographo, sendo a pagina mais para estudo nos amores de Camões.» (*Not. biogr.*, p. 24.) O Soneto não se pode referir a Catherina de Athayde de Sousa, que em 1543, deixava de ser dama da rainha para vir para Aveiro casada com Ruy Borges, quando Camões na Canção IV fazia a deliciosa despedida do Mondego, onde ficavam os seus amores e as emoções mais suaves da mocidade. E o que diz Camillo da falta de exame d'este Soneto, tambem acontece com a Canção IV, em que se representa esse periodo inicial da sua vida affectiva. Conhecida a realidade d'esses anagrammas de *Sibela* e *Belliza,* em *sua prima,* dos Camões soberbos de Coimbra, *Isabel Tavares,* irmã do estouvado

Simão Vaz de Camões, antes de chegar ao momento do seu *desterro de Coimbra para Lisboa,* é o poeta pela direcção do seu tio D. Bento admittido a uma Collegiatura em Santa Cruz.

A epoca em que entrou Camões para os estudos menores fixa-se em 1537, porque era depois dos doze annos que começava a admissão ás Escholas do mosteiro de Santa Cruz, como o affirma o chronista regrante D. Nicoláo de Santa Maria. Tinham estes estudos sido reorganisados por ordem de D. João III pelo reformador Fr. Braz de Barros, que mandara vir differentes professores de Paris. Desde 1528 eram estas escholas frequentadas por toda a aristocracia portugueza, e alli encontrou Camões o germen das valiosas amisades que toda a vida o acompanharam, como a dos filhos do Duque de Bragança, a dos filhos do Conde de Sortelha, D. Gonçalo da Silveira, memorado nos *Lusiadas*, Heitor da Silveira e D. Alvaro da Silveira. O professor de Grammatica latina era ahi o cruzio D. Maximo de Sousa, filho de um fidalgo de Soure casado com Anna de Macedo, natural de Santarem; por ventura seria o celebrado mestre aparentado com o poeta, interessando-se em tornal-o um eximio latinista. O Curso de Artes e Humanidades constava de quatro annos: no primeiro dava-se a introducção *(Isagoge),* os *Predicaveis* de Porphyrio, *Predicamentos* e *Perihermeneias* de Aristoteles; no segundo anno, os *Priores* de Aristoteles, *Posteriores, Topicos* e *Elencos,* e os seis livros da *Physica* de Aristo-

teles; no terceiro, dois livros da *Physica (De Coelo) Metaphysica, Meteoros* e *Parva Naturalia;* no quarto anno, *De Generatione, De Anima, Ethicas* e a 1.ª e 2.ª de S. Thomaz. Fallava-se obrigatoriamente em latim no trato escholar, e em Camões resente-se este effeito na estructura syntatica das suas estrophes e na propriedade com que formava neologismos, que lhe enriqueciam a elocução poetica. O excesso do aristotelismo averrhoista, que predominava na cultura peninsular, deveria actuar sobre o genio poetico, fazendo que predominasse a reflexão sobre a imaginação. Camões escapou a esse perigo, por que veiu no momento em que as doutrinas de Aristoteles e de Platão tinham sido conciliadas na obra muito lida de Leão Hebreu, o judeu portuguez Juda Abarbanel, nos seus *Dialogos de Amor,* que foram encontrados em lingua portugueza entre os livros do espolio de Spinosa. Fallando dos *Dialogos de Amor,* notou Fitzmorice Keley a sua influencia sobre o lyrismo de Camões: «A obra de Abarbanel, foi traduzida em castelhano, em francez e em latim; ella influenciou em mysticos taes como Luiz de Leon e Malon de Chaide e poetas como Camões e Herrera.» 1

Em 1537 a mudança da Universidade para Coimbra fôra um triumpho para o Mosteiro de Santa Cruz, vencendo as reclamações do corpo

1 *Hist. litteratura castelhana,* p. 143.

docente de Lisboa, as exigencias de Evora, e ainda do Porto pelos pedidos do Arcebispo de Braga. As enormes rendas do Mosteiro, tiradas as do Priorado geral, foram applicadas á nova installação e reforma da Universidade, precedidas por uma remodelação dos estudos médios. As Escholas permaneceram de 1537 a 1541 junto de Santa Cruz, donde passaram para os Paços do rei, na cidade alta, sob a reitoria de D. Garcia de Almeida. Vieram numerosos lentes estrangeiros; e os Collegios foram por carta de 15 de Dezembro de 1539 incorporados na Universidade: «que d'aqui em diante seja e se chame hũa Universidade, e que todos juntamente hajam e gosem de uns mesmos privilegios...» Em uma descripção coéva do Mosteiro de Santa Cruz, vem o quadro da animação dos escholares: «Em este tavoleiro ha grande concurso de estudantes, que continuamente conferem entre si, huns em *Grammatica,* outros em *Rhetorica,* outros em *Logica* e *Philosophia,* outros em *Santa Theologia,* outros em *Medicina...;* e a todos é opprobrio fallar salvo em lingua latina ou grega. Estes estudantes sáem como enxâmes de abelhas de dois polidos e concertados Collegios, que estão a dextra e a sestra d'esse Mosteiro, e não em pequeno ornamento seu. D'estes Collegios o primeiro se diz de *Santo Agostinho...* e o segundo de *S. João Baptista;* são as aulas ou Geraes, em elles, dez, ladrilhadas e forradas e providas de cathedras muy artificiosas.» Em 1540 frequentavam a Universidade 612 Escholares, e

com certeza entre os 25 Dialecticos, 10 Philosophos e 48 Rhetoricos, n'essa chusma se encontrava Camões. Em 15 de Dezembro de 1539 foi conferido aos Priores Geraes de Santa Cruz a dignidade de Cancellarios da Universidade, desempenhando este alto cargo D. Bento de Camões, o tio do Poeta, eleito pela sua ordem em 5 de Maio d'esse anno.

O talento poetico de Camões revelara-se n'este meio suggestivo; muitos e bellos Sonetos lhe tinham sido inspirados por *Sibela* ou *Beliza* (sua prima Isabel Tavares); e em harmonia com o caracter de seu tio dedicou-lhe a *Elegia da Paixão,* precedida de um bello Soneto dedicatorio. Pelos recursos da opulenta livraria do Mosteiro pôde elle lêr e imitar Petrarcha, conhecer o *Orlando* de Ariosto e as *Pastoraes* de Sannazaro, e Boscan e Garcilasso iniciadores do estylo italiano em Hespanha. Em 1542 passara por Coimbra o duque de Bragança D. Teodosio em regresso da Romaria de S. Thiago, indo albergarse no mosteiro de Santa Cruz; dedicou-lhe então Camões dois Sonetos, não de certo primeiros ensaios. Tendo começado os estudos da Universidade em Março de 1538, terminou os quatro annos do Curso de Artes em 1542, graduando-se *Bacharel latino* (segundo a phrase allusiva do seu amigo André Falcão de Resende). N'este meio em que era admirado o seu descommunal talento e galhardia, em que poderia alcançar altas posições na egreja ou no estado, Camões sáe contra vontade de Coimbra, em *desterro para*

Lisboa, como o classifica o antiquario Diogo de Paiva de Andrade. Na deliciosa Canção IV, em que o poeta se despede de Coimbra, indica o motivo d'essa violencia:

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego descendo,
> E mansamente até ao mar não param;
> Por onde *as minhas magoas*
> Pouco a pouco crescendo
> Para nunca acabar *se começaram*.
> *Alli se me mostraram*
> N'este logar ameno
> Em que inda agora mouro,
> *Testa de neve e de ouro;*
> *Riso brando e suave; olhar sereno,*
> *Um gesto delicado,*
> Que sempre n'alma me estará pintado.

E descrevendo esta alegria synergica de plena mocidade alentada pelo seu amor:

> N'esta florida terra,
> Leda, fresca e serena,
> *Ledo e contente para mi vivia.*
> *Em paz com minha guerra,*
> *Glorioso co'a pena*
> *Que de tão bellos olhos procedia.*
> De um dia em outro dia
> O esperar me enganava;
> Tempo longo passei,
> Com a vida folguei,
> Só por que em bem tamanho se empregava.

É n'este sonho da existencia que bruscamente acordado tem de partir, por não convir a sua presença em Coimbra:

Oh, quem me ali dissera,
Que de *amor tão profundo*
O fim pudesse vêr eu algum hora!
E quasi cuidar podera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha senhora!
Para que, desde agora
Já perdida a esperança
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no *derradeiro despedir-me*.

A esquivança da namorada tantas vezes expressa nos Sonetos, é a que lhe exproba n'esta despedida a que o condemnaram:

Mas a mór alegria
Que d'aqui levar posso
E com que defender-me triste espero,
E que *nunca sentia*
No tempo que fui vosso
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.

Na Elegia VIII, que começa: «*Belisa,* unico bem d'esta alma minha», vem esboçado o facto cantado no Soneto em que *Sibela* pelo seu casamento o vinga:

Assi nenhum pastor *a quem te rendas*,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas!

Como já agora não te satisfazes
Das penas d'este amor, que por querer-te
De teu merecimento são capazes?

Pois quem com outro mérito render-te
Presume (oh raro monstro de belleza!)
Muito mais longe está de merecer-te.

Este si que merece a gran crueza
Com que tu de acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se présa.

Na Egloga III, em que se encontram Almeno e *Belisa,* vem a recriminação que acclara essa despedida forçada:

> Como te esquece já, gentil pastora,
> Que folgavas de lêr nos freixos verdes
> *O que de ti escrevia cada hora?*
>
> Porque a memoria tão depressa perdes
> Do amor que me mostravas, que eu não digo,
> Se o vós, oh altos montes, não disserdes?
>
> *E como te não lembras do perigo*
> *A que só por me ouvir te aventuravas,*
> *Buscando horas da sesta, horas de abrigo?*
>
> *Co'a maçã da discordia me atiravas*
> ....
> Mas era aquella com que Galathea
> O pastor cativou, como elle canta.
>
> *Se más tenções puzeram nodoa feia*
> *Em nosso firme amor, de inveja pura,*
> Porque pagarei eu a culpa alheia?

Belisa increpa-o, lançando á desenvoltura de Almeno a causa:

> *Mas teu sobejo e livre atrevimento*
> *E teu pouco segredo, descuidando,*
> *Foi causa d'este longo apartamento*
> ....
> Um só segredo meu te manifesto
> Que te quiz muito em quanto Deus queria,
> Mas de pura affeição, de amor honesto.
>
> *E pois de teus descuidos e ousadia*
> *Nasceu tão dura e aspera mudança,*
> *Folgo; que muitas vezes t'o dizia.*

Na Egloga IV do poeta vem a nota pungente do desengano:

> A quem *Belisa* ingrata te entregaste?
> *A quem deste cruel a formosura,*
> Que a meu tormento só, só se devia?
>
> Porque uma fé deixaste firme e pura?
> *Porque, tão sem respeito me trocaste*
> *Por quem só nem olhar-te merecia?*

Nas tres familias dos Camões de Evora, de Coimbra e de Lisboa existia a nevrose hereditaria; a riqueza e a importancia hierarchica deram-lhe o caracter de estouvamento e desenvoltura, que vêmos em seus primos Simão Vaz de Camões, de Coimbra, no Luiz de Camões, de Evora que foi á batalha naval de Tunis, e Pero Alves de Camões, que vivia em Lagos. Com certeza este amor de *Belisa* é explicavel na sua desventura pela simples causa de ser Isabel Tavares irmã consanguinea de Simão Vaz de Camões. Na sua pobreza e desgraça o genio do poeta apurou-se, resistindo em todos os meios pela *nooenergia.*

2.° — *Na côrte de D. João III — Novos amores: 2.° Desterro no Ribatejo. Dois annos em Ceuta. 3.° Desterro em Africa.* — Deu-se na passagem brusca de um meio placido e contemplativo como Coimbra, sob a disciplina escholar, uma profunda modificação, aggravada pela crise da adolescencia vigorosa, quando Camões se viu com independencia franca, em uma capital faustosa agitada por vastos interesses economicos como Lisboa. Soffreu uma violenta adaptação

o poeta, que o impellia para a nevrose da sua parentella, arrebatado pela desenvoltura de uma outra mocidade insubmissa. Do seu talento e saber já o tinha precedido a fama, que chegara até ás damas do paço, que bem desejavam conhecer esse rapaz que sabia alliar a *cortezia* com o *gracejo*, a galanteria com o desenfado ou espontaneidade. Na Ecloga II descreve Camões o seu estado moral n'esse anno turbulento de 1543, já liberto de surprezas affectivas depois da paixão mallograda de Coimbra:

> A barba então nas faces me apontava,
> Na lucta, na carreira, em qualquer manha
> Sempre a palma entre todos alcançava.
>
> Da minha tenra edade, em tudo estranha,
> Vendo, como acontece, affeiçoadas
> Muitas Nymphas do rio e da montanha;
>
> Com palavras mimosas e forjadas
> De solta liberdade e livre peito
> As trazia contentes e enganadas.
>
> Mas não querendo Amor, que d'este geito
> Dos oracções andasse triumphando
> Em que elle creou tão puro affeito;
>
> Pouco a pouco me foi assi levando
> Dissimuladamente ás mãos de quem
> Toda esta injuria agora está vingando.

Era a paixão, que se tornou um destino. A vida do paço era perigosa; já tinha perdido Bernardim Ribeiro, e a custo se salvou Sá de Miranda pelo seu voluntario ostracismo; e como escapar-lhe uma natureza em tudo estranha, excepcional, em tenra edade? Além das damas,

era tambem por auctorisados eruditos *bem visto e melhor ouvido,* como por tradição o referiu o encyclopedico do seculo XVII Macedo. Essa côrte de D. João III tão caracteristicamente descripta nas Instrucções dadas ao nuncio de Paulo III, Aloysio Lippomano em 1542, patenteam-nos o meio tremebundo para onde fora attraido.

O fervor dos estudos humanisticos da Renascença litteraria e scientifica, que tanto influira na reforma da Universidade em 1337 e fundação do *Collegio Real,* irradiou principalmente da côrte de D. João III, para onde chamava os principaes philologos portuguezes e estrangeiros para pedagogos de seus irmãos. Por convite de D. João III, Ayres Barbosa, disciplulo de Angelo Policiano e iniciador dos estudos humanisticos em Hespanha, foi chamado de Salamanca para vir ser mestre dos infantes D. Affonso e D. Henrique; Pedro Margalho, que se doutorou em Paris, André de Resende, amigo de Erasmo, o celebre hellenista Nicoláo Cleynartz renovador dos estudos classicos em Louvain, e Antonio Pinheiro, feito bispo de Miranda, vieram chamados das escholas estrangeiras para dirigirem a educação dos irmãos e do filho do monarcha. O celebrado Dr. Pedro Nunes dava lições de mathematica e astronomia ao Infante D. Luiz. Porém, todo este fulgor se obumbrou com a entrada dos Jesuitas em Portugal, um pequeno grupo de clerigos que acabava de constituir-se em Roma como instituição predicante e docente, votada ás missões longinquas e á direcção espiri-

tual dos potentados; recommendou-os a D. João III o embaixador em Roma D. Pedro de Mascarenhas. Facil lhes foi apoderarem-se do espirito de D. João III, convencendo-o o astuto P.e Simão Rodrigues, que a renovação dos estudos humanistas, era a emancipação da rasão, que conduzia ao livre exame e ao protestantismo. Pela fundação do seu Collegio das Artes começaram os Jesuitas a minar as reformas brilhantes dos estudos, e emquanto preparavam os estratagemas com que haviam de expulsar os mestres francezes e apoderarem-se da Universidade, entregaram-se na côrte á direcção espiritual, empregando as excitações do fanatismo pelos *Exercicios* de Ignacio de Loyola, pelas suggestões do confessionario e terrores das penas do inferno. O culto Infante D. Luiz ficou sob a direcção espiritual do jesuita P.e Diogo Mirão; o cardeal D. Henrique era dirigido por outro jesuita, o P.e Leão Henriques; outro jesuita o P.e Gonçalo de Mello dirigia as timoratas consciencias da infanta D. Isabel e de seus filhos D. Duarte, D. Maria, princeza de Parma, e da duqueza de Bragança D. Catherina. Multiplicavam-se as devoções ridiculas, repetiam-se semanalmente as confissões e provocava-se uma illuminação contemplativa com as orações mentaes, as exhortações fervorosas e as penitencias depressivas. A rainha D. Catherina, como castelhana e herdeira de uma psychologia morbida transmittida na epilepsia de que todos os seus filhos prematuramente morreram, agravava esta exaltação dos je-

suitas com o seu rigorismo ou regimen ascetico, contagiando a vesania obscurantista a toda a fidalguia que tolevara que lhe fossem raptados os filhos para a Companhia. O povo apupava com o nome de *Franchinotes* esses heteroclitos padres, que se davam a si mesmo o titulo de *Apostolos,* provocando o escarneo por causa dos seus habitos de pellotes com mantéo curto, chapéu de côco, bordão de cana e alforges pendurados a tiracolo com fitas de ourêlo.

Camões conheceu logo esta odiosa praga, descrevendo os seus processos na Carta inedita (hoje impressa) dos Mss. Vimeiro: «Outras damas hay cá, que ainda que não sejam tão fermosas como Helena, são altivas, como são hûas beatas de San Domingos e outras que conversam os *Apostolos;* estas se geram de viuvas honestas e de casadas que tem os maridos no Cabo Verde; assim que hûas por casar e outras por lhe Deus trazer os maridos, de cuja vinda ellas fogem, nem que lhes escapam as quartas feiras em Santa Barbara, as sextas em Nossa Senhora do Monte, os sabbados em Nossa Senhora da Graça, dias do Espirito Santo. Hûas dizem que jejuam a pão e agua, outras que não comem cousa alguma que padeça de morte...» Em Coimbra estes *Apostolos* empregavam outras girias, como refere o P.^e^ Hermes Poen em carta ao P.^e^ Fabro, descrevendo como lá produziam a exaltação religiosa: «no silencio da noite ao som de uma compainha, despertavam os cidadãos com terriveis vozes, pelas ruas, que mo-

viam ao horror da morte e do dia de Juizo e isto por diversas vezes. O que entoavam era por esta fórma:

> Temed, ó pecadores,
> de las penas eternas los rigores!
> Repara, hombre obstinado,
> que la mayor miseria és el pecado.
> Pecador! alerta, alerta,
> que la muerte está á la puerta.

«muitos maridos de admiração perguntavam que significava este extraordinario modo de prégar, de clamar e de mendigar? Uns diziam que eram loucos ou nescios...» 1

Era n'esta côrte funérea e estupidecida, que entrava Camões, um dos mais esclarecidos espiritos da Renascença em antinomia completa com este ascetismo. Não se apagara totalmente a luz do grande seculo na côrte de Lisboa; porque em volta da Infanta D. Maria, ultima filha de D. Manoel, permittiram-lhe todas as distracções e recreios musicaes e litterarios para attenuarem o golpe de lhe tirarem o noivo Philippe de Hespanha para sua sobrinha a Princeza D. Maria. Os fidalgos que ainda conservavam a tradição trobadoresca e o gosto pelas coplas de Cancioneiro tomavam parte nas veladas da Infanta. Camões, pela sua cultura encyclopedica, conquistou a admiração de Francisco de Moraes, que vivera trez annos em Paris na côrte de Fran-

---

1 Padre Balthazar de Alcazar, *Hist. Chron. da Companhia*, P. I, p. 52.

cisco I; por elle foi apresentado ao Conde de Linhares, camareiro-mór da rainha, e pela intimidade de D. Manoel de Portugal, que regressara da Italia, tornou-se um triumpho para a sua entrada na côrte. Chamavam-lhe a *Sereia do paço;* as damas pediam-lhe versos; e a gentil D. Francisca de Aragão, a dama mais querida da rainha, e sempre esquiva para os poetas palacianos como D. Manoel de Portugal e Pedro de Andrade Caminha, mandava ella a Camões Motes e Tenções para que os glosasse pela sua extrema graça e sensibilidade delicada. Foi esta situação excepcional a primeira causa das invejas e dos odios que o tornaram desgraçado, um perseguido.

A Ode VII dirigida por Camões a D. Manoel de Portugal, um dos mais prestigiosos adeptos da Eschola de Sá de Miranda, revela-nos a situação em que se achava em 1544, antes da sua entrada na côrte; considera-o a arvore a que se arrima a hera florescente: *Por Mecenas a vós celebro e tenho;* e falla-lhe nas rhapsodias historicas ou poemetos:

O rudo Canto meu que resuscita
As honras sepultadas
As palmas já passadas
Nos bellicosos campos lusitanos...

Não ha n'essa Ode a minima referencia a Navegações; não tinha ainda sido deslumbrado pelas assombrosas Colgaduras dos *Triumphos da India.* Só na entrada dos paços da Ribeira é que contemplou essa representação ornamental

sumptuosa, que lhe suscitou o *pensamento novo:* a empreza dos Descobrimentos como centro da acção do poema que apenas resuscitava as Memorias sepultadas. N'este anno de 1544 tinha sido constituida a casa do Principe D. João, e por honra especial foram concedidas as entradas a D. Manoel de Portugal. Que melhor Mecenas?

Na côrte de D. João III existia uma sombra de despeito contra aquelles fidalgos que tinham applaudido o casamento extemporaneo do rei D. Manoel com Leonor de Austria, noiva do principe seu filho, que lhe succedeu. Desenvolvia-se um plano de evasivas diplomaticas para evitar a entrega da Infanta D. Maria, a sua mãe, casada em segundas nupcias como Francisco I, ou a Carlos V, para assim evitar o satisfazer as clausulas onerosas do seu dote. Em volta da Infanta forma-se uma pequena *côrte litteraria,* com que se distrahia nos seus intimos desgostos, permittida pela austeridade devota da rainha sua tia. Sendo chamado a Portugal Diogo Sigeo para mestre de D. Theodosio, a Infanta D. Maria tomou para a sua companhia Luisa Sigea, esmerada poetisa, e polyglota, conhecedora do latim, grego, hebraico, arabe e syriaco, e tambem sua irmã Angela Sigea; além da erudita Joanna Vaz e Paula Vicente *tangedora,* que figuram nas moradias da casa da rainha, pertenciam a este cenaculo de damas illustres, D. Leonor de Noronha, occupada em traducções latinas, e em compôr novellas da cavalleria, e D. Leonor Coutinho. Desde que vêmos Camões ten-

cionando sobre o Episodio de *Miraguarda*, do *Palmeirim de Inglaterra* offerecido por Francisco de Moraes á Infanta em 1543, torna-se evidente o influxo d'esse meio sobre o poeta, pelo que o rei desejou tomar conhecimento dos seus versos, facto alludido na Carta II: «este Mote, que escolhi da manada dos engeitados, e cuido que não é tão dedo queimado, *que não seja dos que El Rei mandou chamar...*»

O gosto litterario da eschola italiana introduzido por Sá de Miranda, não era o mais seguido na côrte, onde os velhos usos do tempo de D. João II e D. Manoel se mantinham com rigor; as coplas de Cancioneiro, as redondilhas, os motes, as voltas, as tensões, as esparsas, as endechas e outras fórmas poeticas atrazadas do seculo XV é que achavam melhor curso nos serões do paço, e os seus adeptos constituiam uma eschola intransigente e em hostilidade contra o endecasyllabo, eschola a que chamavam da *Medida velha*. Camões metrificou no gosto da *medida velha* sobre todas as peripecias do paço, a pedido das damas, e os que se lembrassem ainda ou tivessem lido as *Trovas* de Bernardim Ribeiro ou as de Christovam Falcão, ficavam maravilhados dos admiraveis improvisos, a que Camões dava o nome de *manada dos engeitados* por excluil-os do seu *Parnaso*, e que os editores colligiram sob o nome de Redondilhas.

D. Manoel de Portugal, da illustre casa do Vimioso, representava no paço a nova eschola italiana, sendo um dos mais intimos amigos de

Camões. O infante D. Luiz era tambem poeta, e alguns sonetos que pertencem a Camões andam em seu nome. Outro discipulo de Sá de Miranda, Pero de Andrade Caminha, camareiro do infante D. Duarte, frequentava o paço e confiava os seus versos a Camões, antes de vir a proromper n'essa miseravel inveja que lhe ditou alguns epigrammas contra Camões, baixos no intuito mas preciosos como documentos para a vida do poeta. Jorge Ferreira de Vasconcellos vivia na intimidade do paço e do principe D. João. Em volta de Camões agrupavam-se os novos talentos, os temperamentos apaixonados, como Jorge da Silva, que nutria uma adoração intima pela infanta D. Maria, o irrequieto João Lopes Leitão, D. Simão da Silveira e outros naufragos do amor.

A preoccupação devota da rainha D. Catherina exigia uma forte austeridade de costumes no paço, e os versos improvisados tornaram-se pelas restricções dos hypocritas intrigantes fundamentos de accusação. A rainha queria evitar escandalos amorosos, como o do marquez de Torres Novas, no principio do reinado de D. João III; logo que se descobriram os amores de Jorge da Silva, apesar de ser da familia do Regedor, foi prezo para o Limoeiro; por ter espreitado as damas, foi João Lopes Leitão mandado prender em sua casa; mais tarde esse outro amigo de Camões, D. Antonio de Noronha, da casa de Linhares, foi mandado servir nas guarnições de Africa para assim abafar uma paixão

amorosa. Camões achava-se em uma côrte onde pelas dissidencias intellectuaes ou pela espontaneidade affectiva, tinha que cahir fatalmente em desgraça: a independencia de caracter alliada a uma valentia decidida, eram tambem motivo para comprometter o seu genio deslumbrante. Como succedera a outros poetas, Camões tambem se apaixonou por uma *dama do paço da rainha*, segundo o dizer tradicional conservado por Mariz, o que quer dizer, uma dama submettida á suspicaz disciplina da rainha D. Catherina. Um accidente de tal ordem era uma perda irreparavel desde que fosse conhecido.

Quem era essa dama? O poeta, em uma copla de redondilha, traz o acrostico: LUIZ — CATERINA DE ATAIDE, conservado entre os manuscriptos colligidos por Faria e Sousa, que se guardaram na Bibliotheca das Necessidades. No Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco, fl. 287, vem uma Ecloga *á morte de D. Catherina de Athayde*, por Camões; e d'entre os manuscriptos de Faria e Sousa, extrahiu o editor-critico padre Thomaz J. de Aquino a Ecloga XV, que tinha a rubrica «*de Luiz de Camões á morte de D. Catherina d'Athayde, dama da Rainha.*» O facto de ser «*dama da Rainha*» repete-se no Epitaphio XXII de Pero de Andrade Caminha: «*Á senhora D. Catherina de Ataide, filha de D. Antonio de Lima, Dama da Rainha*». Assim se determina a personalidade historica da mulher que fôra o ideal e o estimulo do genio de Camões. Pelo *Nobiliario* de D. Antonio de Lima, sabe-se que

ella era filha d'esse outro D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte, e depois camareiro-mór do filho do mesmo infante, sendo sua mãe D. Maria Bocanegra, que viera de Hespanha como dama da rainha D. Catherina; o Nobiliario traz estas sêccas linhas, que nem deixam adivinhar as decepções profundas de uma alma: «*D. Catherina de Athayde, que sendo dama da dita rainha morreu no paço moça*».

A descoberta d'estes amores proveiu de odios contra o poeta, por inveja do brilhantismo do seu talento, e por despeitos namorados; na côrte existiam ao mesmo tempo outras damas nobres e bellas que tinham este mesmo nome de *Catherina de Athayde*, que a tradição ligou tambem aos amores do poeta.

Entrou D. Catherina de Athayde, com treze annos de edade para dama da rainha, pela vaga deixada por D. Catherina de Athayde de Sousa, pelo seu casamento com Ruy Borges, como se lê pelo assento no Livro das Moradias da Casa da Rainha: *Cataryna d'atayde f.ª d'alv. de sousa.* E á margem do assentamento: «Em almeirim a VII de dez.º de 1543 ouve certidão *dona cateryna pera tirar seu casamento por fazer certo ser casada* pera fazenda del Rey noso Senhor e *portanto foy riscada...*» Eis historicamente determinada a vaga, em que muito môça entrou a filha de D. Antonio de Lima para *Dama da rainha.* Sua mãe D. Maria Bocanegra viera de Hespanha com a rainha, e achando-se com quatro filhos e quatro filhas, sem outros recursos

além dos proventos do paço, obteve este favor especial em beneficio de sua filha mais velha. É fundamental esta circumstancia para comprehender a hostilidade provocada por esses amores entre uma menina de treze annos e um rapaz de vinte e um, intelligente e admirado. Ella como de sangue castelhano tinha uma belleza e precocidade affectiva, e distinguiu o poeta pelo seu deslumbramento: Camões rendeu-se-lhe por aquelle impulso que submetteu o bravo Roland á ingenua Alda — *ella sorriu-se para mim.* Camões tinha já lido as *Saudades* de Bernardim Ribeiro (dil-o na Carta já citada) e lembrar-se-ia da justificação de Aonia: menina de entre treze e quatorze annos, *não sabia que cousa era amar.* Nos seus primeiros amores de *Sibela* ou *Beliza,* só encontrara esquivanças.

Sendo Camões escaço de recursos como ia olhar para uma menina pobre, que a Rainha protegia? Por ventura seria alguma outra Catherina de Athayde, sua homonyma entre as damas da côrte? A filha de Alvaro de Sousa, estava longe da côrte e casada; o seu confessor Fr. João do Rosario, perguntou-lhe depois de 1546, se tinha sido amada por Camões: «E todalas vezes que no *Poeta desterrado por essa rasão* lhe fallava, sempre em resposta havia que assim não era...» Em 1552, quando o poeta estava prezo em Lisboa, era ella sepultada no convento de S. Domingos de Aveiro.

Outra *D. Catherina de Athayde* era a setima filha de D. Francisco da Gama, ainda parente

de Camões por seu avô Antão Vaz de Camões; o patriota João Pinto Ribeiro conservára a tradição de ter o poeta amado *uma sua prima;* nas redondilhas ineditas colligidas por Manoel de Faria e Sousa, acham-se umas voltas ao mote:

> No monte de amor andei
> Por ter de monteiro fama,
> Sem tomar gamo nem *gama*.

As voltas são mimosissimas, e todas frisando o equivoco do nome de *Gama:*

> Levava por meus monteiros
> N'esta caça dos tormentos
> Os meus ais, que como ventos
> Iam diante ligeiros.
> Huns tão tristes companheiros
> Levei, como quem ama,
> Por descobrir esta *gama*.

Esta D. Catherina de Athayde, filha do segundo almirante D. Francisco da Gama, casou com D. Pedro de Noronha, senhor de Villa-Verde. Camões sentiu-se ferido pelo desdem ou desconsideração d'estes seus parentes, porque nos *Lusiadas* eternisou esse resentimento (Cant. v, st. 99):

> Ás Musas agradeça *o nosso* Gama
> O muito amor da Patria, que as obriga
> A dar *aos seus* na Lyra nome e fama
> De toda a illustre e bellica fadiga;
> Que elle, *nem quem na estirpe seu se chama*
> Calliope não tem por tão amiga,
> Nem as filhas do Tejo, que deixassem
> As telas de ouro fino, e que o cantassem;

Ha aqui um facto importante, com uma intima rasão de ser. Quando se descobriram na côrte versos amorosos a uma certa dama D. Catherina de Athayde, cada uma d'este nome deu naturalmente excusas da imputação: a filha de D. Alvaro de Sousa conhecia a *grande alma* do poeta, e por ella explicava as emprezas a que o poeta se arrojára; a filha de D. Francisco da Gama, foi porventura crúa repellindo o poeta, cuja pobreza e falta de valimento official contrastavam com a superioridade intellectual e moral. Desde que por exclusão os amores se localisaram na filha de D. Antonio de Lima, *dama da rainha,* não deixaria a inveja odienta de Caminha de provocar o escandalo para que o poeta fosse desterrado da côrte; as duas Catherinas de Athayde casaram, e a *Nathercia*, a filha de D. Antonio de Lima, devia ter soffrido contrariedades persistentes, porque segundo as phrases dos linhagistas «*morreu moça no paço.*»

Uma tia de Catherina de Athayde, D. Cecilia de Mendoza y Bocanegra, era casada com o poeta Felippe de Aguilar, da eschola de Sá de Miranda, e trinchante do Principe D. João. Era tambem da intimidade de Pero de Andrade Caminha, que lhe communicaria o seu odio por Camões, fazendo sentir a sua pobreza. Elle exprimiu allusivamente esta situação glosando o velho vilancete:

Con amor y sin dinero
Mira con quien y sin quien
Para que se vaya bien.

Na antithese entre o Dinheiro e o Amor apoda Caminha o talento com sarcasmo:

Tenga uno Minerva y Apolo
Tenga las Hermanas nueve,
Tenga otra dita: este mueve
Todo a si, queda otro solo;
Mas ese d'uno a otro polo
Está lexos de si quien
Busca sin dinero bien.
. . . .
Amor y altos pensamientos
Seron jazgados por buenos,
Mas en vasos de oro llenos
Se hazen los fundamientos.
Ay de los entendimientos
Que quieren lo menos! quien
Sin lo que es más, tendrá bien?

Agora referindo-se á namorada ingenua:

Aunque biviendo se mueran
No les vale amor ni lloro;
Vale a quien le tiene el oro,
Que haze con que lo quieran.
Enganados los que esperan
Amor por amor, que quien
Más ama halla menos bien.

A ultima estrophe foi a terrivel prophecia da que *morreu moça, no paço:*

Al que sin dineros ame
No le dá Amor otro medio
Que sin esperar remedio
Morir por quien lo desama.
Morirá porque la llama
D'amor sin dinero, a quien
No quitará todo bien.

(*Poesias*, p. 448-52. Ed. Priebsck)

Facil foi á familia castelhana de Catherina de Athayde atalhar a estes *amores sem dinheiro*,

mostrando ao bigotismo da Rainha o atrevimento de Camões, *Sereia do paço,* requestar uma sua Dama e perigosamente pela menoridade, que tinha de ser defendida. A rainha D. Catherina mandava tanto como D. João III, e *a instancia de los parientes d'ella,* diz Faria e Sousa, o poeta foi por simples ordem verbal afastado da côrte, para evitar a eventualidade de um *casamento a furto.* O caso do *Crisfal* era então memorado.

A este *desterro por amores* se referiram Frei João do Rosario, Diogo de Paiva de Andrade, filho do chronista, e Pedro de Mariz.

Severim de Faria, colligindo a tradição, diz, que: «uns amores que tomou no paço, *o fizeram desterrar da côrte*». Na Elegia I o confirma o poeta:

> D'esta arte me figura a phantasia
> A vida com que morro *desterrado*
> Do bem que em outro tempo possuia
> . . . .
> Aqui me representa esta lembrança
> *Quão pouca culpa tenho ;* e me entristece
> *Vêr sem rasão a pena que me alcança.*

A côrte, segundo o sentido legal, era Lisboa. Camões submettendo-se á fatalidade que continuava a perseguil-o, faz no Soneto CXCIII a synthese dos motivos da sua desgraça:

> *Erros* meus, *má fortuna, amor* ardente
> Em minha perdição se conjuraram ;
> Os *erros* e a *fortuna* sobejaram,
> Que para mi bastava *Amor* sómente.

D'estas tres causas, fica examinada a que pertence ao *amor.*

A *má fortuna* está implicita em uma circumstancia que não foi indifferente á vida de Camões. Seu tio D. Bento de Camões tivera um conflicto com D. João III em 1538, ácerca da posse de um thesouro achado nas escadas da torre do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, vindo a decidir-se por sentença a favor do rei: logo em 1540 vagando as grossas rendas do Priorado-mór de Santa Cruz por morte do infante D. Duarte, D. Bento quiz incorporal-as no mosteiro, e D. João III reclamou-as para um seu bastardo, a quem fizera arcebispo de Braga apenas com vinte um annos de edade; o papa Paulo III decidiu tambem a favor do monarcha.

Desde que o odiento Caminha revelasse a D. João III que Luiz de Camões era sobrinho do Prior geral D. Bento de Camões, porque este Caminha como pertencendo ao pessoal da casa do infante D. Duarte conheceria esta questão, com certeza, o rei perderia toda a boa vontade e aproveitaria qualquer ensejo para repellir o poeta. Á sua situação assim precaria bem chamava o poeta *má fortuna*.

Os *erros*, que indica como fautores ou cooperadores da sua desgraça, são as qualidades e manifestações do caracter individual, os actos suggeridos por um impetuoso temperamento. Camões era um *valentão*; esta palavra tem um definido valor historico, designando a monomania da aristocracia hespanhola e portugueza do seculo XVI; andava-se em arruaças, até provar

a *valentia,* e nunca se largava a espada. Camões allude muitas vezes a este seu caracter, dizendo: «que nunca ninguem lhe vira as solas dos pés, antes vira as de muitos.» Em companhia do ex-frade franciscano o poeta Antonio Ribeiro Chiado, corria os magustos, punha em debandada os rufiões, e dava assaltadas aos *côrros* ou theatros particulares, que começaram no seculo XVI. No prologo do auto de *El-rei Seleuco,* descreve Camões estes costumes, e para o côrro de Estacio da Fonseca escreveu elle o Auto, que representado em 1545, porventura serviu de fundamento a invenciveis intrigas no paço.

O que é descripto por Camões no seculo XVI vemol-o repetir-se no seculo XVIII, ao lêr este trecho do *Folheto de ambas Lisboas,* de 1730: «N'este bairro (Tanoaria), ás luzes de pallidas fogueiras entre os nocturnos divertimentos, que permitte o festivo da noite, se representaram uns divertidos Entremezes, e não acabarem como taes á pancada se tem por milagre, porque certos rebuçados foram á vista da funcção esmoer a cêa...» 1 Parece-nos lêr o prologo de *El-rei Seleuco,* apesar de dous seculos de distancia. Os costumes populares persistem fortemente. O Auto referia-se aos amores do filho do rei Seleuco pela formosa Stratonice, mulher de seu pae, que lh'a cedeu para salval-o da perigosa doença da paixão que soffria. Haveria n'este assumpto dra-

1 *Papeis varios,* t. LXV. (Collecção da Academia).

matico allusão aos amores do principe D. João III por D. Leonor de Austria, que o rei D. Manoel tomou para si em terceiras nupcias? O facto de apparecer o manuscripto do Auto em poder do conde de Penaguião, camareiro-mór do principe D. João, filho de D. João III, revela-nos que algum intuito o fez ir parar áquellas mãos. Era um dos *erros* do poeta, que lhe prejudicava o futuro; submetteu-se á fatalidade e sahiu da côrte.

Em 1546 já o poeta divagava pelo Ribatejo, na intenção de ir a Coimbra; dil-o n'uma carta: «buscava me servisse o conselho qual *estou resoluto de ir este anno a Coimbra, restituir-me aos ares em que me criei*, parte do tempo que perdido tenho...» Não teve effeito esta resolução, que pacificaria talvez a sua vida; seu tio D. Bento de Camões falecera em 2 de janeiro de 1547. Demorou-se pelo Ribatejo, segundo um Epigramma latino de Manoel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) hospedado na Quinta dos Vaqueiros de seu amigo D. Gonçalo Coutinho. Pela Carta XXVII de Diogo Bernardes *A D. Gonçalo Coutinho estando em hũa sua quinta que chamam dos Vaqueiros*, se faz uma ideia clara de quanto era consoladora essa hospedagem:

Ahi mais cedo vedes a manhã
  Que bella no Oriente se levanta,
  Vestida de ouro e azul, de neve e gram,
Ahi o rouxinol mais doce canta
  E as mais aves livres de senhores
  Mais ledas vôam de uma em outra planta.

Ahi se alegra a vista com as flores
Que tem a verde selva matizada
De novas, naturaes, alegres côres;
Ahi no ramo a fruita pendurada,
O gosto vos desperta e vos convida
Não colhida sem tempo nem comprada.
.. ..
Foi liberal em tudo a natureza
Com essa vossa Quinta dos Vaqueiros
E deu-lhe indo convosco mais riqueza.
Um gabo me esquecia dos primeiros
Que lhe pudera dar, pera troféo
Dos mais honrosos seus, bem verdadeiros.
E é, que tal licor lhe deu Lyeo,
Que não sómente alegra uma alma afflicta
Mas antecipa o placido Morfeo.

Na Egloga II, Camões descreve este valle de altas arvores sombrio e a vista ao longo do Tejo suave e brando, que dá o tom da paizagem ribatejana.

Demorando-se pelas visinhanças do Zezere, como se infere da canção XIII, o falecimento de D. Bento de Camões fez caducar o motivo que o levára a Coimbra; e propagando-se a noticia do cêrco de Mazagão, lançou-se na carreira das armas, partindo n'esse mesmo anno para a Africa.

No anno de 1547 os mouros tentaram arrasar Azamor e atacar Mazagão; este successo determinou um enthuziasmo na mocidade para tomarem parte n'essa empreza. Jorge Ferreira de Vasconcellos na sua Comedia *Ulyssipo*, escripta em 1547, falla por vezes n'este accidente de occasião: «quero-vos mostrar uma carta que fiz em resposta d'outra, que me escreveu um

gentil fidalgo dos da minha cevadeira, que é em Mazagão n'estas campanhas que lá foram.» (Fl. 117). — «E inda mal, que não imos a Marrocos derrocar esses perros como nabos. Alli que não ha outra vida senão a dos soldados. Parece-me que nunca vivi senão esses dois dias que estive em Mazagão; e cada hora me vem engulhos de tornar lá, antes que se venham as companhias. E confesso-vos, que saudades de Lisboa me desatinava lá e me fez vir antes tempo.» (Fl. 200 V.) A partida para Mazagão tornava se um correctivo moral para os môços desvairados; dil-o Jorge Ferreira na mesma comedia: «Esse rapaz promette-vos que eu o contramine e mande n'estas *companhas que vão de soldados a Mazagão*, pelo tirar d'essa milgueira...» (Fl. 220.) «E por que nos não fique cá quem nos ladre, *o bom será mandal-o tambem a Mazagão* na volta do vosso filho pera que vão esparecer por esses mares.» (Fl. 221 V.) «O pae, por lhe fazer a vontade, e juntamente vêr se o pode tirar do seu cativeiro, determina sobre consulta que tiveram ambos, *mandal-o a Mazagão.*» (Fl. 274.) Jorge Ferreira de Vasconcellos vivia na côrte e conhecia todas as suas intimas intrigas; n'esta situação descripta estava incurso Camões, se é que reconditamente se referia a elle, tendo ambos por este tempo relações com o Chiado.

Em fim a partida de Lisboa para Africa é considerada o *terceiro desterro*, pelos antigos biographos, podendo ser o serviço de *dois annos*

exigido para ser cavalleiro e provimento de commenda, o que levava o poeta Manoel d'Ocem a dizer que não terá o ancioso regresso

> Senão vendo aquelle dia
> Que hade ser *fim de dous annos.*

A Egloga II, tem no Ms. de Luiz Franco a rubrica *De Ceuta a um amigo;* nos *Lusiadas* deixou em uma magnifica imagem a impressão da caçada ao leão em Ceuta. É na Carta de Africa de 1547 que intercalla versos aphoristicos do *Crisfal,* nada menos de 10 versos (Est. 85, 10, 12 e 43); lêra as *Trovas* anonymas e por ventura tratara com Christovam Falcão, antes de partir para a Capitania de Aguim, em 1545.

Durante o serviço na guarnição de Africa é que o poeta reconheceu os primeiros symptomas da decadencia portugueza; e destemido, em uma das terriveis surprezas dos arabes perdeu o olho direito, accidente que serviu mais tarde para os epigrammas de Caminha. Com o regresso a Lisboa de D. Affonso de Noronha em 1549, porque estava então despachado vice-rei da India, partiu Camões de Ceuta, e em Lisboa inscreveu-se na Casa da India em 1550 para seguir na armada que partia n'esse anno. Eis o assento do registro copiado por Faria e Sousa: «*Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, escudeiro de 25 annos, barbiruivo, trouxe fiador a seu pae; vae na náo dos Burgalezes.*» Era esta náo S. Pedro dos Burgalezes, a capitaina da armada; a

sua partida foi a 28 de março de 1550; mas por effeito de forte temporal a náo arribou, e só depois de reparos partiu no meado de maio. Conciliam-se assim as datas do *Indice de toda a Fazenda* de Figueiredo Falcão. Camões não seguiu viagem na S. Pedro dos Burgalezes. Uma esperança de abrir caminho ainda pelas letras o determinou a ficar em terra. Foi a ultima das suas esperanças, que, segundo elle proprio diz, enforcou com baraço e pregão, quando se viu forçado a partir para a India em 1553, solto poucos dias antes da cadeia do tronco.

3.º — *Embarque forçado para a India — Cruzeiros — Naufragios — O injusto mando.* — Camões tinha consciencia da sua superioridade intellectual, e era plausivel a esperança de adquirir a amisade do principe D. João, que se mostrava muito affeiçoado ás bellas lettras.

A côrte litteraria da infanta D. Maria, e a cultura de espirito do infante D. Luiz, influiram de algum modo na educação do auspicioso principe D. João, que desde a puericia manifestava grande predilecção pelos poetas. Era o unico filho que subsistia d'entre a numerosa prole de D. João III, victima da epilepsia exacerbada pelo regimen do ascetismo do paço; o casamento prematuro com uma princeza hespanhola esgotou-o, morrendo de inanição ao fim de dous annos, deixando um filho posthumo, herdeiro do throno e da sua exaltação sentimental, o phantastico e allucinado D. Sebastião. As obras dos

principaes poetas quinhentistas andavam em traslados manuscriptos; o principe D. João, valendo-se do prestigio da sua elevada gerarchia, emprehendeu reunir essas obras em um monumental cancioneiro; escrevia a Sá de Miranda, que vivia retirado no alto Minho, para que lhe enviasse o volume dos seus versos. Por tres vezes Sá de Miranda enviou ao principe cadernos das suas composições, acompanhadas de um Soneto dedicatorio. Mandava tambem o principe a Evora o seu secretario Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, para copiar as poesias de Diogo da Silveira, irmão de Heitor da Silveira, esse grande amigo de Camões. Para o principe escrevia Jorge Ferreira de Vasconcellos comedias em prosa no gosto da *Celestina*, saturadas de modismos e anexins populares. O Camareiro-mór do principe era o poeta João Rodrigues de Sá. No séquito da princeza D. Joanna, sua esposa, regressa tambem a Portugal o poeta bucolico Jorge de Monte-mór; emfim, o grande amigo de Camões, o joven D. Antonio de Noronha, fôra o escolhido para justar com o principe no Torneio de Xabregas, em 1550, por occasião d'esse casamento.

Camões não podia deixar de conceber em 1550 uma ultima esperança de tornar a ser admittido no paço, desde que o principe D. João reconhecesse a sua superioridade sobre os outros poetas. O pensamento dos *Lusiadas* surgiu-lhe no espirito como o meio de patentear a inspiração genial. Sendo o primeiro canto da epopêa

escripto ainda em Lisboa, como se prova pelo manuscripto de Luiz Franco, com certeza esta apostrophe ao principe:

> E vós, oh bem nascida segurança
> Da lusitana antigua liberdade...
> Maravilha fatal da nossa edade...

não pode historicamente referir-se a D. Sebastião, mas sim ao principe D. João, que era na realidade uma *certissima esperança* já em 1554, como filho unico de D. João III, [1] e como organisação artistica. É a esta época que se referem os Epigrammas malevolos de Caminha, como se deduz d'aquelle que allude ao poeta ter perdido um olho, e pelo motejo á *furia grande e sonorosa* invocada no primeiro canto do novo poema então denominado *Elusiadas*. Havia portanto uma intriga para que Camões não alcançasse o favor do principe D. João, e a essa intriga não foram indifferentes o camareiro João Rodrigues de Sá, Pero de Andrade Caminha, Jeronymo Côrte Real, e Filippe d'Aguilar.

D. João III e a rainha D. Catherina rogaram a Damião de Goes, que estava casado em Flandres, que viesse encarregar-se da educação do Principe D. João; sabendo d'isto o intrigante jesuita P.e Simão Rodrigues foi logo denuncial-o á Inquisição como hereje. Assim o revela Da-

---

1 Pelo casamento da Princeza D. Maria com Philipe II, ficaria este herdeiro do throno de Portugal, não havendo succesão; ella morreu em 1545.

mião de Goes no interrogatorio do Santo Officio: «o dito Mestre Simão, chegando eu á cidade de Evora meado do mez de Agosto do anno de mil quinhentos e quarenta e cinco, logo no septembro do mesmo anno testemunhou, a qual pressa como se claramente vê foi para me estorvar o bem para que eu fora chamado por cartas de El Rei — e da Rainha, para ser mestre e guarda roupa do Principe D. João — como foi publica voz e fama, do qual senhor Principe elle era mestre de doutrina e pretendia, segundo se pode suspeitar, o ficar tambem por seu mestre de Lettras, o que não alcançou, e o que se me estorvou a mim se deu a Antonio Pinheiro, Bispo que agora é de Miranda...» Este Antonio Pinheiro era de uma familia humilde do Porto, e por influencia do Dr. Diogo de Gouvêa admittido na lista dos Estudantes d'El-Rei no Collegio de Santa Barbara, onde foi mestre da Humanidades, publicando em 1538 a interpretação do livro terceiro das *Instituições rhetoricas* de Quintiliano; seguiu o curso de theologia, de que occupava uma cadeira, quando por influencia jesuitica foi chamado para Mestre do Principe D. João. Regressando de Ceuta em fins de 1549, dirigiu Camões um Soneto a D. Antonio Pinheiro, confiado na sua apregoada cultura humanistica, manifestando a sua esperança de realisar a Epopêa em que trabalhava:

> Oh *ditoso pinheiro!* Oh, mais ditoso
> Quem se vir coroar da rama vossa,
> *Cantando á vossa sombra Verso eterno!*

O pedagogo, condiscipulo do P.e Simão Rodrigues, o partidario ignobil de Philippe II, espirito fechado ao ideal humano, não quiz entender o appêllo de Camões.

Conhecida a valentia de Camões, suscitada pelos costumes do tempo, estas intrigas provocaram-no para um acto de perdição; effectivamente em 1552, no dia da procissão de Corpus, quando Gonçalo Borges, môço dos arreios de D. João III, passeava do Rocio para a rua de Santo Antão, dous embuçados chasquearam do seu garbo, e acharam-se ali de repente de espadas desembainhadas; por fatalidade ia passando Camões, e conhecendo os dous como seus amigos, atirou uma espadeirada ao toutiço de Gonçalo Borges. Ficou irremediavelmente perdido; prenderam-no na cadeia do Tronco da Cidade, e ahi jazeu perto de um anno, saindo em 7 de março de 1553, com julgamento livre por perdão do queixoso, tendo de partir para a India na armada a 24 d'esse mesmo mez. Os seus inimigos tinham conseguido tudo contra elle. [1]

---

1 Pelo documento da Carta de Perdão podemos recompôr a série dos documentos perdidos relativos ao poeta: 1.º Devassa que se tirou sobre o ferimento de Gonçalo Borges, em 1 de maio de 1552; 2.º Petição de Luiz de Camões; 3.º Instrumento de perdão de Gonçalo Borges, feito nas notas do tabellião Antonio Vaaz de Castello Branco, a 23 de fevereiro de 1553; 4.º Parecer, e Passe, do Rei; 5.º Assignado do Bispo de S. Thomé, de que pagou 4$000 reis, para a Arca da Piedade; 6.º Assignado de carga em receita do capellão do rei, Alexandre Lopes; 7.º Carta de Perdão notificada em 7 de março de 1553.

No carcere soturno pôde Camões procurar alivio nos gosos mentaes, tomando conhecimento da obra da *Historia do Descobrimento da India pelos Portuguezes*, por Fernão Lopes de Castanheda, impressa em Coimbra em 1551 (e o segundo e terceiro livro em 1552.) O poeta pôde ahi achar os elementos realistas para elaborar a sua idealisação épica. Em um Soneto colligido nas *Flores varias de diversos Authores lusitanos*, Camões expande o seu sentimento na prisão do Tronco:

> Com que voz chorarei meu triste fado
> Que em *tão dura prisão* me sepultou,
> Que mór não seja a dor que me deixou
> O tempo de meu bem desenganado.
>
> Mas *chorar não se estima n'este estado*
> *Onde suspirar nunca aproveitou;*
> Triste quero viver, pois se mudou
> Em tristeza a alegria do passado.
>
> Assi, a vida passo descontente,
> *Ao som, n'esta prisão, de grilhão duro*,
> Que lastimo no pé que o sofre e o sente.
>
> De tanto mal a causa é amor puro,
> Devido a quem de mi tenho ausente,
> Por quem a vida e bens d'ella aventuro.

O poeta sentia — «que a piedade humana lhe faltava.»

Não havia outro caminho senão abandonar esta sociedade pervertida, que conspirava para lhe escurecer o talento e derribal-o; a ideia da viagem do Oriente tornou-se-lhe uma necessidade, desde que o pensamento dos *Lusiadas* illumi-

nára os longos dias desconfortados da prisão do Tronco da Cidade. Foi esse o pensamento que lhe serviu de apoio em todos os seus desastres, nos desterros, nas guarnições doentias e tediosas, na miseria dos hospitaes, nas traições dos amigos, e nos carceres. Nos *Lusiadas* vibram todas estas notas de sentimento, e apesar das fórmas virgilianas da epopêa, o poema identifica-se com a alma moderna por esta verdade das grandes impressões realistas.

No Archivo da Casa da India, hoje perdido, achou Faria e Sousa um outro assento com o titulo: *Gente de Guerra,* que dizia: «Fernando Casado, filho de Manoel Casado, e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro. *Foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, Escudeiro, e recebeu 2$400 como os demais.*» Por outro registro notado pelo padre D. Flaminio ficou por fiador de Camões n'este segundo alistamento seu tio Belchior Barreto, cunhado de sua mãe. É natural que Simão Vaz de Camões estivesse n'este tempo ausente de Lisboa, como se infere por esta substituição da fiança; segundo Mariz, era tradição que Simão Vaz «naufragára nas costas da terra firme de Gôa». Na relação de Manoel Rangel do *Naufragio da náo Conceição* em 1555, apparece um feitor com o nome de Simão Vaz, e pelo *Indice* de Figueiredo Falcão acha-se em 1553 uma náo com este nome arribada. É crivel portanto que o pae do poeta andasse embarcado; no Alvará de 1585 vem citados os *serviços de Simão Vaz.*

circumstancia que fortifica a nossa interpretação á allusão de Mariz.

Pela partida para a India procurava Camões fugir *«a quantos laços lhe armavam os acontecimentos»*, como diz na sua primeira carta. Embarcou na náo S. Bento, que era a capitaina da armada, a qual sarpou em 24 de março de 1553, soffrendo no largo uma terrivel tempestade, e sendo como *«a maior e melhor que então havia na carreira»*, a unica que n'esse anno chegou a Gôa. Estes temporaes da carreira da India eram conhecidos, mas a administração da marinha não attendia ás épocas do anno para o despacho das Armadas; em uma carta do Viso-rei D. Francisco de Almeida a D. Manoel, accusa-se este erro: «não são chegados cá os officios, nem outros provimentos, e tudo é porque os vossos officiaes de Lisboa dizem que vos forram dinheiro em *despachar as armadas em abril.*» E accrescenta com a sua experiencia: «mande V. A. que *partam em fevereiro o mais tardar,* porque bem vêdes o jogo que vos tem feito o partirem as náos de lá tarde; e perguntae a vossos officiaes qual é mór perda — se gastar e perder um mez e dias de soldo d'armada, que elles dizem que vos aproveitam em deter a partida das Náos em Lisboa, ou se é mór perda um anno que as Náos ficam em Moçambique, porque chegam tarde, do que elles darão conta a Deus da gente que ahi morre ao desamparo...» Estas observações explicam a desgraçada viagem da Armada de 1553, acontecendo por accidente a Náo S. Bento

ao dobrar o Cabo não poder ir a Moçambique por ser já tarde, pôr-se ao largo da ilha de S. Lourenço, e conseguir assim chegar ainda em outubro á barra de Gôa.

No livro de Pyrard, *Viagem contendo a noticia da sua navegação ás Indias Orientaes, de 1601 a 1611*, acham-se preciosas noticias dos costumes, leis, usos, policia e governo d'aquellas regiões, que elucidam com uma luz immensa a vida de Camões no periodo da sua expedição de 1553 a 1569. A estabilidade dos costumes nas colonias portuguezas do Oriente permitte a interpretação dos factos alludidos por Camões nos seus versos e cartas, aproximando-os das descripções pittorescas de Pyrard e Linchott. A partida da Armada de Lisboa era feita de um modo particular, como relata o viajante francez: «Quando se quer fazer um embarque de Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo o Portugal em cada freguezia, como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e condição que seja, comtanto que chegue á edade de nove a dez annos; e esses tomam a rol e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de edade e todos são matriculados na Casa da India, de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhe todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre e tem necessidade de se vestir e armar». O facto de ter Camões care-

cido de *fiador,* que d'esta segunda vez foi seu tio Belchior Barreto, e de receber 2$400 reis, *como os demais,* revela-nos ou a grande pobreza em que estava sua familia, ou peior, que na saída da prisão do Tronco da Cidade lhe deram praça forçada, obrigando-o á viagem da India. As palavras que proferiu ao embarcar, apropriando-se da phrase historica de Scipião, significam um desespêro profundo contra uma violencia desconhecida. Para Camões não houve differenças de gerarchia: «Entre esses soldados matriculados, diz Pyrard, ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras, e estas precedencias lhe vêm umas de raça e prosapia, outras de seus serviços e virtudes, e outras ainda de favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais, outros menos». Matricularam-no pois entre a *gente de guerra,* e pagaram-lhe *como os demais.*

A Armada de Fernão Alvares Cabral foi bastante batida pelos temporaes, e as borrascas no Cabo da Boa-Esperança, descriptas na Elegia III, suscitaram no espirito de Camões a sublime creação do *Adamastor;* essa Elegia traz no manuscripto de Luiz Franco a rubrica: *Da India, a D. Antonio de Noronha* (fl. 4), aquelle galhardo mancebo morto prematuramente em Africa. A Náo S. Bento dobrou o Cabo da Boa-Esperança em tempo em que não podia já ir aportar a Moçambique, e ao chegar a Gôa em fins de Septembro de 1553, separada de todas as outras, foi mandada logo em Novembro em ser-

viço na expedição que o Vice-rei D. Affonso de Noronha commandou contra o Radjah de Chembé, que hostilisára os principes de Cochim e de Porcá. N'essa mesma Elegia III diz Camões: «Foi logo necessario termos guerra». Portanto Camões, ainda cançado da viagem, serviu logo como soldado na Armada do Sul. Pyrard descreve estas Armadas que sahiam de Gôa regularmente em outubro: «Para a guarda pois de toda a costa da India, desde Gôa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz, de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorim para impedir as carreiras dos Corsarios malabares, apercebem duas Armadas em Gôa, e chamam *Armada do Norte* a que vae até Ormuz, e *Armada do Sul* a que vae até ao Comorim; e são compostas de cincoenta a sessenta galeotas, com uma ou duas galés, como as da Hespanha. Essas Armadas sáem no mez de outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes, pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os Corsarios malabares».

A *Armada do Sul*, em que seguira Camões, restabeleceu em dous dias o principe de Porcá, mas só terminado o seu cruzeiro é que voltou a Gôa, como se deprehende da relação de Mesquita Perestrello, que refere da Náo S. Bento: «e foi surgir na entrada do mez de fevereiro á barra da cidade de Gôa, onde esteve descançando dos enfadamentos do mar». Então já em terra, escreveu Camões essa sua primeira Carta da India, na qual diz: «que estava mais quieto do

que cella de frade prégador.» A vida dos marinheiros portuguezes em terra é descripta por Pyrard de um modo que nos faz comprehender as relações do poeta com Alvaro da Silveira e Heitor da Silveira, com João Lopes Leitão, com D. Francisco d'Almeida, com D. Tello de Menezes, D. Jorge de Moura, e outros muitos fidalgos e poetas, que seguiam no Oriente a vida das armas: «juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos... Mobilam estes aposentos de leitos, mezas e outros utensilios, e têm um escravo ou dous para todos. De ordinario moram em casas terreas por causa do grande calor. Estes soldados vivem pela maior parte mesquinhamente, ao menos aquelles que não têm alguma traça». Isto restitue á sua verdadeira luz o vêrmos Camões pedir esmola em verso ao Vice-rei para acudir a Heitor da Silveira, e essa situação que motivou entre os outros seus amigos o *Banquete das trovas*. Pyrard continua: «Em todo o dia estão na sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra e á fresca em camisa e ceroulas, e ali cantam e tocam guitarra ou outro instrumento. — São mui cortezes com quem passa pela rua e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam entrar os que passam, sentar-se, galhofar e praticar com elles. Nunca sáem todos juntos pela cidade, mas aos dous e aos tres quando muito, porque ás vezes não têm mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou a doze». Por isto se comprehenderá agora

o que significa essa redondilha de Camões na India: «*A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante, que lhe prometteu*». Como este facto foi deturpado pelos biographos! «E toda-via, prosegue Pyrard, quem os vir marchar pela cidade dirá, que são senhores de dez ou doze mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam junto a si um escravo, e um homem que lhes segura um grande sombreiro ou guarda-sol. (Um epigramma de Camões, começa: *Quem por abas me quer conhecer*, allude a este costume). Andam os soldados de que fallamos, vestidos de sêda o mais soberbamente que se póde imaginar, mas logo que chegam ás pousadas promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem sahir por seu turno. Vagueiam de noite pela cidade, e por via d'elles corre-se muito risco de andar pela rua depois das oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são muito fortes».

Camões viu-se envolvido entre esses *valentões*, e na sua Carta I allude a ter sido tomado por juiz de certas palavras, n'um conflicto em que Manoel Serrão, um anonymo immortal, fez desdizer um soldado que era tido em boa conta pela postura de sua pessoa.

A vida de Gôa era dissolvente, e Camões pelo seu temperamento exaltado mal poderia resistir-lhe; depois das arruaças dos valentões, vinham os odios secretos das mulheres, as ruinas do jogo, e as vinganças dos que se davam á embria-

guez, e que se julgavam offendidos pelos versos do poeta.

O Vice-rei D. Affonso de Noronha para iniciar seu filho o joven D. Fernando de Menezes nos feitos militares, deu-lhe o commando da Armada do Norte, que partiu em principios de Fevereiro de 1554 para ir ao Estreito de Meca, e d'ahi a Mascate e golfo de Bassorá contra o afamado pirata Ale-Chelaby. Foi uma Armada apparatosa, em que a direcção ia incumbida ao experimentado Manoel de Vasconcellos. Camões fugindo ás calmas e impaludismos de Gôa alistou-se n'esta expedição enthuziastica, e em um Soneto ao joven commandante *Illustre e digno ramo dos Menezes*, exalta-lhe o animo:

> Erguei flammas no Mar alto Erythreu,
> E sereis nova luz em Portugal.

Em outro Soneto Camões celebra a estação em Bassorá na margem occidental de Eufrates. Foi ahi que a Armada apparatosa atacou o pirata Ale-Chelaby, que fugia, sendo-lhe tomadas seis galés com valiosas cargas, e cincoenta canhões de bronze. Em 20 de Septembro a Armada triumphante dirigiu-se para Gôa, onde foram encontrar a Náo Santa Cruz, chegando do reino com o novo Vice-Rei o velho e austero D. Pedro de Mascarenhas. É por esta occasião que Camões recebe as terriveis novas da morte do seu joven amigo D. Antonio de Noronha, no desastre de Ceuta em 1553, e o falecimento prematuro do Principe D. João em 2 de Janeiro

de 1554; sabe por amigos que Nathercia resistia contra os *domesticos venenos.* Nas Cartas que escreveu para o Reino falla de uma Egloga que escreveu sobre a morte do principe, remettida em Janeiro de 1555.

O quadro da vida em Gôa acha-se esboçado n'estas linhas de Pyrard: «Os exercicios a que se dão os portuguezes, tanto em Gôa como em outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo, e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas, e jogando cannas uns com outros, e estando cada um o melhor apercebido e ordenado que póde. No que respeita a jogos de cartas e dados de azar são permittidos e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a el-rei... a maior parte até comem, bebem, dormem ali por não terem outra occupação fóra d'esta. A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes, mas raras, se visitam. Mas, ainda que em Gôa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima e os alimentos da terra as favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos porguezes ha alcouce publico... O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todos os dias ás janellas, e são mui bellas, grandes e espaçosas em fórma de galerias e sacadas, com gelosias e rótulos mui lindamente pintados, de modo que ellas podem ver sem ser vistas».

Camões feriu a sociedade de Gôa na satira

dos *Disparates da India,* fallou dos jogadores e beberrões na *Satira do Torneo,* e das mulheres dizia que já não seguravam ponto, que a sua linguagem era mascavada de ervilhaca (o portuguez *reinol).* Aquelle meio dissolvente actuava sobre Camões; os amores com a cativa Bárbora, celebrada em umas mimosas redondilhas, traduzidas por Chateaubriand, revelam que o poeta era arrastado n'essa corrente de paixões lubricas.

«Aquella cativa — que me tem cativo» como principia a endecha, foi mal comprehendida pelos biographos. Pyrard descreve com o seu realismo *de visu* estas seductoras môças indianas: «*Entre as escravas encontram-se ali raparigas mui bellas e lindas*, de todas as partes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, coser mui delicadamente e fazer toda a sorte de dôces, conservas e outras cousas. — *Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas e gentis, outras trigueiras, morenas e de todas as côres.* — As môças adornam-se muito para agradar e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se ali lhes fazem proposições amorosas, *de nenhuma sorte se mostram esquivas,* antes acceitam logo a troco de alguma cousa que se lhes dê...» Comprehende-se pois o valor e a verdade da *Endecha a huma cativa, com quem andava de amores, na India, chamada Bárbora,* descrevendo a belleza sensual d'essa morena:

Rosto singular,
Olhos socegados,

Pretos e cansados
Mas não de matar;

Uma graça viva
Que n'elles lhe móra...
Pretos os cabellos...

Leda mansidão,
Que o siso acompanha...

Presença serena
Que a tormenta amansa...

É de suppôr ter sido Camões o requestado, pelo que se deprehende dos costumes descriptos por Pyrard: «todas estas mulheres da India, assim as christãs ou mestiças, desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os Indios, e ainda em cima lhe dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas por isso, porque ellas amam muito os homens brancos, e ainda que haja indios mui brancos, não gostam tanto d'elles». D'esta vida enervada, em que se via Camões *mais festejado que touro da Merceana*, como descreve na Carta 1, sómente o poderia arrancar a actividade da guerra.

A 16 de setembro de 1554 chegou a Gôa o novo Vice-rei D. Pedro de Mascarenhas; organisou-se então a Armada do Norte com tres galés e cinco galeotas para irem bater o corsario Sofar no Mar Vermelho; a partida effectuou-se por fevereiro de 1555, indo cruzar diante do Monte Felix, ao norte do Cabo de Guardafú. Camões partiu novamente n'esta Armada, e descreve o terrivel cruzeiro, em que o escorbuto fez grandes estragos sobre a guarnição. Contrasta

com a expedição apparatosa do anno anterior. É assombrosa e esplendida essa Canção x, pela expressão do seu estado de espirito: «Aqui me achei gastando uns tristes dias...» Nunca a linguagem humana excederá a eloquencia d'estas estrophes. N'esse cruzeiro perdeu Camões o seu amigo e companheiro de armas Pero Moniz, natural de Alemquer, cuja morte celebra no inimitavel Soneto 103.

Da estação do Monte Felix foi a Armada invernar a Mascate, no Golfo Persico, para d'ali acompanhar em comboio as Náos de Ormuz para Gôa. Regressou portanto Camões a Gôa no mez de junho de 1555, porque é a 16 d'este mez que succede no governo, por morte do Vice-rei D. Pedro de Mascarenhas, o severo Francisco Barreto, em cujas festas pela nomeação o poeta tomou parte. Para as festas da investidura de Francisco Barreto adaptou o *Auto de Filodemo*, como se sabe pela cópia do seu amigo Luiz Franco. As Comedias eram um dos grandes divertimentos publicos de Gôa, sobretudo entre os estudantes das escholas dos Jesuitas, e Camões não quiz ficar atraz d'esses chôchos humanistas. As usanças nas festas dos Vice-reis e governadores acham-se tambem descriptas por Pyrard: «levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á egreja cathedral, e cada officio e classe de mercadores fazem o seu sem competencia uns com os outros.» As festas de Francisco Barreto tornaram-se uma monomania vertiginosa; Camões atacou então os

jogadores e beberrões que exploraram esse regosijo publico, na mordente *Satira do Torneo.*

Depois dos dois cruzeiros do Golfo Persico em 1554 e do Estreito de Meca em 1555 na *Armada do Norte*, tinha Camões direito de descansar em terra no anno de 1556; mas o seu embarque na Armada do Sul, por ordem do Governador Francisco Barreto, pareceu aos biographos do poeta um castigo injustificado. O caracter nobre de Francisco Barreto, tio de D. Francisca de Aragão, não commetteria tal iniquidade. Precisou da valentia de Camões para a realisação de um plano decisivo — destruir o pirata Chansilau, que embaraçava o commercio dos portos de Cantão, e a carreira da China e Japão. Para isso aproveitou com a partida da Armada do Sul concentrar em Malaca uma esquadrilha commandada por um homem da sua confiança, Francisco Martins. O sacrificio que exigiu de Camões foi compensado por um *provimento*, que era uma viagem de favor, que o poeta podia vender ou explorar associado com mercadores das especiarias das Molucas. Assim annulla-se o problema do desterro para Macáo, com a imaginaria *Provedoria dos Defunctos e Ausentes* e se esclarecem os problemas de Ternate e da prisão sob que regressou a Gôa.

A monção de Gôa para Malaca era em Maio e em Septembro, como o confirma a carta do jesuita P.e Balthazar Dias, de 19 de Dezembro de 1556. N'esta primeira monção partiu de Gôa para Malaca em Abril a *Armada do Sul,* levan-

do o novo Capitão de Malaca, D. João Pereira, filho segundo do conde da Feira, que ia succeder ao falecido D. Antonio de Noronha, filho do antigo Vice-rei D. Garcia de Noronha. N'ella devia ter partido Camões, como militar.

De conserva com esta Armada iam de Gôa com destino á China e ao Japão «seis náos portuguezas, de que era Capitão hum mercador que se chamava Francisco Martins, feitura de Francisco Barreto, que então governava o Estado da India...» (Pinto, *Peregrinações*, cap. CCXXVI).

Tambem n'esta monção de Abril partiu a náo *Santa Maria dos Anjos*, capitaneada por Antonio Pereira Brandão. A *Náo das Drogas* (nome com que vulgarmente se distinguia da *Náo da Prata*), que se dirigia da China para o Japão, partiu em 12 de Abril. Tudo indica a intenção de convergirem a Malaca, para o projectado combate. Escreve Jordão de Freitas no seu estudo *Camões em Macáo*: «Da mui interessante carta inedita do P.^e Balthazar Dias, de 19 de Novembro de 1556, escripta de Malaca, consta, que este companheiro de Camões na viagem de Lisboa para a India, saiu de Gôa para Malaca em a *Náo das Drogas*, do dia 12 de Abril d'esse anno (*o primeiro domingo depois de Paschoa* — chegando aqui a 25 de Maio, *vespera do Espirito Santo.)*»

Esta carta espalha luz sobre a ida de Camões de Malaca á ilha de Ternate, que elle localisa na Ode VI, descrevendo o extraordinario vulcão, cuja actividade assombrosa é de Septem-

bro a Abril. N'esta carta de 19 de Novembro de 1556, escripta já de Malaca, refere o P.e Balthazar Dias o regresso de dois navios (na 1.a e 2.a semana de julho), com os jesuitas P.e João da Beira e Irmão Nicoláo Nunes, e *uns homens que longamente descreveram aquellas Ilhas e especialmente a de Ternate e seu Vulcão.*» (J. Freitas, *Op. cit.*, p. 14.) Coincidem estes dados com a ida de Camões ao archipelago das Molucas e a Ternate, cujo vulcão *(pelo Espirito Santo)* estava então apagado. Tendo-o descripto na Ode VI, ardendo com força desusada, por Septembro, deduz-se que não seguiu para a China na esquadrilha de Francisco Martins, encontrando-a Fernão Mendes Pinto já em Lampacao, vindo de regresso do Japão. Pela Ode VI, vê-se que em 1557 ainda Camões estava em Ternate, tomando parte nos tragicos successos d'esse anno em que ficou ferido.

Tendo Camões feito a expedição a Ternate, Borneo e ás outras Molucas, ahi recebera a parte que lhe competiria da *viagem de mercê*, que lhe dera o Governador Francisco Barreto. A este facto se refere o annotador da edição dos Piscos *(Lus.* de 1584): «por que o Camões *andando na India, começando a fortuna a favorecel-o, e tendo algum fato de seu...*»

Em consequencia d'estes lucros, é que na *enchente de bens que lá grangeou, foi gastando muito liberal e magnifico os bens temporaes,* como refere Pedro de Mariz. E annunciando as suas calamidades, Camões aponta entre os:

Novos trabalhos vendo e *novos danos*, dois transes que tem sempre andado confundidos:

> Agora da *esperança já adquirida*
> De novo mais que nunca derribado.

Explica estes versos o commento da edição dos Piscos: «e tendo algum fato de seu *perdeu-se na viagem que fez para a China...*» De todos os commentadores, só Garcez Ferreira é que acceitou esta narrativa; todos os demais commentadores, confundiram este naufragio da *Náo das Drogas*, em que perdera Camões todos os seus lucros, com a viagem sob prisão do *injusto mando*, e naufragio da *Náo da Prata:*

> Agora ás Costas *escapando a vida*
> Que de um fio pendia tão delgado.
> (*Cant. VII*, est. 80.)

> ....quando
> *Será o injusto* mando executado...
> (*Cant. X*, 128.)

Temos bem determinados dois naufragios, um por 1558, em que o Poeta perdeu os bens adquiridos pela *viagem de mercê*, seguindo depois para a China, onde ainda malbaratou magnificentemente o que lhe restava; e outro o naufragio *antes de passar a Costa da China*, em 1559, nos baixios na foz de Mekong. Importa sempre determinar o fundo de verdade nas tradições dos contemporaneos de Camões.

Segundo a tradição colhida pelos mais antigos biographos de Camões, Francisco Barreto

nomeou o poeta *Provedor-mór dos Defuntos e Ausentes na China*, tendo partido na esquadrilha de Abril de 1556.

É justamente d'este anno, que o capitão e commerciante Leonel de Sousa escreveu em data de 15 de janeiro de 1556 a D. João III, da cidade de Cochim, queixando-se de lhe terem tirado a *Provedoria dos Defuntos:* «eu não levei mais que a licença e trabalho de Capitão, sem nenhũa ajuda, nem favor de cousa de Sua Alteza; mas ainda a *Provedoria dos Defuntos me tiraram a mim*, e sómente a licença me deram e que a dão a quantos lá querem ir assy os Governadores, como Capitães de Malaqua, e a China quem nam leva cabedal nã no traz porque nam tem, se não vender e comprar.» (Torre do Tombo, ap. J. Freitas, p. 19.)

Parece que alcançamos a base dos *mexericos de amigos*, que provocaram o *injusto mando* contra Camões. *Leonel de Sousa* faz o poeta responsavel por ter-lhe sido tirada a *Provedoria dos Defuntos*, e vingou-se logo que pôde. Camões não podia locupletar-se com o dinheiro das partes, caso fosse effectivamente *Provedor-mór*, pois que desde 2 de Novembro de 1556 existia o *Regimento do Thezoureiro do Dinheiro dos Defuntos da India*, o qual era fortificado com varias Instrucções para a boa arrecadação das fazendas dos finados; este cargo até 1553 andava adjuncto aos Capitães das Viagens da China.

Em Maio de 1558 partiu *Leonel de Sousa* para o Japão no goso da segunda viagem da

India, das duas que lhe tinham sido concedidas em 12 de Fevereiro de 1547.

Provedor dos Defuntos e Ausentes na China era um titulo annexo ao Capitão de uma *viagem de mercê,* como se nota pela carta de Leonel de Sousa a D. João III; com esta cathegoria apparecem Provedores dos Defunctos em Liampó (1544) Chincheo (1548); «a PROVEDORIA DOS DEFUNCTOS, *que outros sempre levaram,* me tiraram...» escrevia Leonel de Sousa, fidalgo de Tavira.

É presumivel, que pela perda da *viagem de mercê,* na viagem para a China, Camões quizesse resarcir-se com o cargo da *Provedoria dos Defuntos e Ausentes* na nova séde que se abria ao Commercio portuguez em Macáo em 1558; e que por esta circumstancia fôra *mexericado de amigos,* perante o *Capitão do Mar,* Leonel de Sousa, que estava resentido contra o Governador Francisco Barreto, que o privara d'esse recurso, e contra o seu protegido.

Emquanto na solidão de Macáo se occupava Camões em 1559 em continuar a elaboração dos *Lusiadas,* interrompida no canto I, em Gôa era *mexericado por alguns amigos,* como relata Manoel Correia, no commento aos cantos VII, est. 81, e X, est. 128. Segundo tradição constante, escreveu Camões grande parte do poema em uma *gruta,* no alto do monte ao norte de Macáo, na aldeia de Patane. Em um livro de viagens, *La vida en el Celeste Imperio,* por D. Eduardo Toda, acham-se dois preciosos capitulos sobre a

colonia portugueza de Macáo; para os estudos camonianos, interessa-nos especialmente a parte descriptiva da peninsula onde Camões se inspirou para continuar o seu poema tantas vezes interrompido, e onde deixou a irradiação eterna da sua personalidade na tradição da Gruta, que desde os fins do seculo XVI se denominava os *Penedos de Camões*, visitada como um sanctuario por todos os viajantes. São sempre apreciaveis as impressões directas, que juntamos ás outras descripções já conhecidas da *Gruta de Camões* em Macáo: «Ao dobrar a ponta do canal de Lantáo, que marca exactamente a metade do trajecto (entre os portos de Hong-Kong e Chacau), entra-se em um estreito braço de mar, limitado em sua parte opposta pelas serras de Jeoug Shan, ou *Montanhas perfumadas.* Ao pé d'estas, começa a distinguir-se a pequena peninsula, onde já de tres seculos fluctuam as gloriosas Quinas portuguezas. Aquella paizagem seria extremamente pittoresca se durante a maré baixa uma ramificação de Chu Kiang que ali desemboca não lhe convertesse as aguas em verdadeiro mar lodacento. — Ao aproximar-se das costas, o viajante que tenha visto o golfo de Napoles, nota immediatamente a grande similhança que existe entre o porto exterior de Macáo e a Chiaia da antiga Parthenope. Vê-se no mesmo golfo, ainda que com limites mais reduzidos, egual distribuição das montanhas de *S. Paulo*, que correspondem ao S. Telmo, e da *Guia*, que poderia tomar-se como o Vesuvio.

Esta illusão dura os instantes que se leva a dobrar a barra do rio e franquear o porto interior, magnificamente situado, porém quasi impraticavel aos navios pela grande quantidade de lodo, que tem accumulado no fundo, e que nunca se cuidou de extrahir. — A Macáo anda unida uma recordação, que nunca esquece ao viajante por menos instruido que seja: é a do immortal poeta Luiz de Camões. — Junto ao porto interior da peninsula, acha-se um grande jardim, tão pittoresco como abandonado, que se chama a *Gruta de Camões;* por ali ia o poeta com frequencia, para distrahir-se das largas horas de ocio e de nostalgia. A *Gruta* é formada por tres grandes pedras de granito: duas acham-se parallelamente, e a outra descança sobre aquellas, formando uma porta». Bordallo comparou tambem esta quinta no seu aspecto geral á quinta da Penha Verde, em Cintra: «Lindas ruas de copado arvoredo serpenteando em volta de uma montanha, e ladeadas por enormes massas de granito, d'entre as fendas das quaes surgem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas de Java, das Filippinas, da India e mesmo da peninsula malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao pincaro de um monte sobranceiro á povoação chineza de Patane e ao rio, onde está a procurada *Gruta de Camões.* — Eil-a, dois rochedos quasi perpendiculares e proximos um do outro, sustentam um terceiro que serve de tecto á gruta.» (*Panorama*, t. XI, p. 36.) Quando o poeta levava já no canto VI a composição dos

Lusiadas, foi repentinamente mandado embarcar na *Náo da Prata* que em fins de 1558 vindo do Japão seguiu para Gôa. Partiu debaixo de prisão, succedendo-lhe o naufragio na costa de Cambodja, onde se salvou a nado com o manuscripto do seu poema, como elle proprio refere no canto x, estancia 28:

> ....o Canto que molhado
> Vem do naufragio triste e miserando
> Dos procellosos baixos escapado.

Estes factos assim authenticados deram logar a interpretações gratuitas e inadmissiveis pela condição das monções, que regulavam as viagens e pelos anachronismos dos personagens. Hoje, pelo conjuncto de factos já se pode precisar quem ordenou a prisão arbitraria de Camões:

> ....*o injusto mando* executado
> N'aquelle cuja Lyra sonorosa
> Será mais afamada que ditosa.

Pode-se determinar o tempo do naufragio e mesmo o navio perdido; basta agrupar os dados complexos do problema.

Estabelecem-se os Portuguezes em Macau em 1557 (apoz a derrota de Chansilau, e tomando o seu reducto); mas sob condições restrictissimas: não terem casas de pedra, nem auctoridade territorial. Tornou-se Macau a estação de partida para o Japão, adquirindo por isso toda a importancia e desenvolvimento.

A acção maritima contra os Piratas devia

ter-se realisado em Julho ou Agosto de 1557, quando chegou á China a Náo da Viagem commandada por *Leonel de Sousa,* que em meio de 1558 partiu para o Japão. (Carta de Bungo, de 24 de Outubro de 1559, referida a 1558): «Ahi soubemos como estava (em Firundo) a Náo de *Leonel de Sousa»;* 1 «no anno de 1558 foram ao Japão dois navios, o de Leonel de Sousa e o de Guilherme Pereira. 2 Qual d'elles é que se perdeu *«em huns baixios?»* A Náo de Leonel de Sousa» com certeza:

«É elle proprio que nol-o affirma, na carta que em 1563 dirigiu á rainha D. Catherina, onde se encontram estas palavras:

«...E porque esta deve ser a Resolução de V. A., lhe peço por grande e acostumada virtude que se lembre que passa de corenta annos que syrvo S. A. seim ter houtra mercê nem satisfação mais que *esta viajê da China em que me perdi* e não houve effeito.»

«Se a náo a que esta carta se refere (do P.e Balthazar Gago, do Japão de 3 de Novembro de 1559) fosse realmente aquella em que Camões viajara e naufragou, — o naufragio teria succedido no principio de 1559 *(ou fins de 1558)* visto que a Náo que alli se falla não pode ter sido a que saiu da China nos fins de 1557

---

1 J. Freitas, Op. cit. p. 26.

2 Este partira de Gôa em Septembro de 1556, na segunda monção.

(Francisco Martins), mas a que de lá partiu em fins de 1558 *(Leonel de Sousa.)*» (J. Freitas, *ib.*, p. 33.)

«Tanto eram de 1558 as Cartas que se perderam no naufragio da Náo de que falla o P.e Balthazar Gago, que n'este anno os registos da Correspondencia dos Jesuitas do Oriente não accusam uma só carta escripta do Japão ou mesmo de Malaca.» *(Ib.*, p. 34.)

Sobre o naufragio de Camões nas costas de Cambodja, escreve Ferdinand Denis: «Um viajante que percorreu estas regiões, alguns annos depois do successo que esteve a pique de ser tão funesto ao poeta, faz admiravelmente comprehender como o naufrago carregado com o seu precioso volume pôde salvar-se desde que attingiu o curso lento e placido do Mecon. Este vasto rio, effectivamente, tem a nascente nos confins da China, e rega o reino de Cambodja, tem cheias como o Nilo, e é sensivel ás marés até uma distancia consideravel; na baixa-mar os navios encalham frequentemente, e a sua embocadura póde ser passada a váo. Internando-se algumas leguas, Camões poderia ter visitado as maravilhas da cidade de Angor, e encontrar hospitalidade em um dos mais ricos imperios do Oriente. Ignoramos o acolhimento que encontrou n'essas paragens, mas ahi permaneceu muitos mezes...» [1] Ferdinand Denis escrevendo em

[1] *Nouvelle Biographie génerale*, t. VIII, p. 351.

1855 referia-se á extraordinaria civilisação cambodjiana, n'esse mesmo anno descripta por Bastian no seu *Cambodische Altertümer,* em cuja grande capital Ongcor, coberta das mais estupendas maravilhas de architectura, parece ter-se associado o genio chinez com o árico, produzindo na Arte o mesmo syncretismo religioso das doutrinas buddicas. O paiz de Cambodja, denominado reino de Khmer pelos seus habitantes, tem sido estudado pelos archeologos e ethnologistas europeus, e os prodigios da sua arte, em parte reunidos no Museu de Compiègne, acham-se descriptos no livro recente de Delaporte, *Le Cambodje;* uma simples inspecção dos monumentos da Arte Khmer lembra immediatamente as obras architectonicas da civilisação mexicana, vestigios morphologicos das construcções egypcias, porventura pelas relações do estylo indo-árico de Casmira. A impressão d'esses pasmosos productos de uma civilisação extincta ficou ligada aos desastres da vida de Camões, que no canto x dos *Lusiadas*, fallando das circumstancias de ser o Mecon analogo nas suas cheias ao Nilo, mostra conhecer os costumes e ritos dos *Khméres:*

> A gente d'elle crê como indiscreta
> Que pena e gloria tem depois da morte
> Os brutos animaes de toda sorte.

Nitidamente se descriminam os dois naufragios soffridos por Camões: o primeiro *na viagem que fez para a China,* como indicou o annotador de 1584, (Ed. *Lus.,)* perdendo tudo, quan-

do *começara a fortuna a favorecel-o.* No Canto VII, estancia 79, o poeta o confirma:

> A Fortuna me traz peregrinando,
> *Novos trabalhos vendo e novos danos*
> *Agora o mar...*
>
> Agora *da esperança já adquirida*
> *De novo, mais que nunca derribado.*

E no Canto X, estancia 129 particularisa o horror d'este:

> naufragio triste e *miserando,*
> *Dos procellosos baixos escapado.*

Em carta de Leonel de Sousa de 1561, encontrou Jordão de Freitas referencia a este naufragio *em pleno mar da China* em um dos baixos das ilhas de Pracel.

O segundo naufragio deu-se *antes que passasse a Costa da China,* como o refere o P.^e^ Balthazar Gago em Carta de 1 de Novembro de 1559; Camões, no Canto X dos *Lusiadas,* estancias 127 e 128, confirma este naufragio na Costa de Cambodje (Cochinchina):

> Agora ás *Costas escapando a vida,*
> Que pendia de um fio tão delgado...

Depois dos *procellosos baixos,* encontra os bancos de areia do rio Mecon, d'onde se salva:

> Este, receberá *placido e brando*
> No seu regaço o Canto, que *molhado*
> *Vem do naufragio triste e miserando*
> Dos procellosos baixos escapado...

Vê-se, que sendo este naufragio em principio de 1559, [1] ainda vinha *molhado* o Canto, do recente naufragio de fins de 1558. São dois quadros differentes e que se contrastam, e que o commentador da edição de 1584, Leonel de Sousa e P.^e^ Balthazar Gago apontaram, confirmando os dois logares do poema, os *procellosos baixos* do mar da China, e *as Costas* da Cochinchina, de que escapou o poeta.

Mas não acabavam ainda as suas desgraças.

Logo que o poeta chegou a Gôa, em 1561, foi recolhido á cadeia; e já reduzido á miseria pelo naufragio, recebeu um novo golpe com as cartas chegadas do reino, que lhe traziam a noticia do falecimento de *D. Catherina de Athayde, muito moça.*

A noticia era do anno de 1556, recebida passados cinco annos: o poeta ajuntou mais esse golpe ás suas fatalidades. No Soneto CLXXX, que nos manuscriptos trazia a rubrica *Das suas perdições*, memora a par do seu naufragio a morte da *cordeira gentil que tanto amava:*

> Liso, quando quizer o fado escuro,
> A opprimir-te virão *em um só dia*
> *Dois lobos;* logo a voz e a melodia
> Te fugirão e o som suave e puro.

---

1 Lêmos em uma *Exploration du Mekong*, por Carné: «Nós entravamos *no mez de Novembro*, o rio baixava todos os dias e as margens bordavam-se até perder de vista de *uma larga franja de areia branea*. Os perpetuos nevoeiros davam logar a um véo transparente de vapores.» (Rev. dos Deux-Mondes, 1868, vol. III.)

Bem foi assim, por que um me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes augmentos esperava.

E por mais dano o outro me matou
A cordeira gentil que eu tanto amava,
Perpetua saudade da *Alma minha*.

A situação descripta revela o estado da emoção que lhe fez conceber aquelle soneto *Alma minha gentil*, o typo perfeito e modelar da Oração. Camões foi logo recolhido ao Tronco de Goa; o Vice-Rei D. Constantino de Bragança já no fim do seu governo, nada resolveu sobre a prisão do poeta; sómente depois de lhe ter succedido em Septembro de 1561 D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, o mandou soltar o vice-rei, apesar dos embargos que em 1562 lhe poz por dividas o capitão chatim Miguel Rodrigues o Fios-Seccos. Pouco aproveitou a Camões a boa vontade do Vice-rei; elle falecia repentinamente em Fevereiro de 1564.

Novas esperanças de Camões em Gôa seriam motivadas pela nomeação do Vice-rei D. Antão de Noronha, seu antigo amigo dos tempos de Africa, que chegára do reino em 3 de setembro de 1564. Na Ode XIII, Camões refere-se áquella *primeira aurora*, quando D. Antão de Noronha militava em Africa, e pede-lhe que esqueça o camarada antigo, que não lembre essa egualdade de outr'ora que póde offuscar o brilho do Vice-rei. Por esta mesma Ode se deprehende que D. Antão de Noronha lhe pedira versos; o Vice-rei proveu Camões na Feitoria de Chaul, logo

que se desse a primeira vaga; sobre este costume escreve Pyrard: «Emquanto aos Capitães e fidalgos portuguezes, esses não recebem outros presentes senão capitanias vagas, permissões de certos traficos ou privilegios e cargos». Vinha a competir-lhe a entrada na posse da Feitoria pouco mais ou menos em 1570; porém, Camões tinha quasi completo o seu poema e anciava por voltar a Portugal; a ideia de ir para Moçambique occorreu-lhe como um meio de regressar em algum galeão, e aproveitou-se da transferencia de Pedro Barreto da Capitania de Sunda para Moçambique para vir na *matalotagem*, isto é, sem pagar passagem, apenas comendo á sua custa.

Em Moçambique Pedro Barreto portou-se infamemente exigindo ao poeta duzentos cruzados; e quando em 1569 regressava para Portugal o Vice-rei D. Antão de Noronha, ao aportar a náo *Santa Clara* a Moçambique, ahi encontraram Luiz de Camões «tão pobre, que comia de amigos», como conta pittorescamente Diogo do Couto na *Decada VIII*. Os amigos quotisaram-se para lhe arranjarem roupa, e libertal-o dos crédores, e trouxeram-no para o reino como seu matalote. Este costume acha-se descripto por Pyrard: «Quando o Vice-rei recolhe a Portugal, escolhe os navios que quer e os faz prover de mantimentos, a que chama matalotagem, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum Vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae

embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'estes casos todos quantos vão no navio, tirada a gente de mar e officiaes do mesmo navio que levam e têm sua *matalotagem* á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados». Em a náo em que regressava o Vice-rei D. Antão de Noronha, Camões entrou na *matalotagem* de Diogo do Couto, D. João Pereira, D. Pedro Guerra, Ayres de Sousa de Santarem, Manoel de Mello, Gaspar de Brito, Fernam Gomes da Gram, Luiz da Veiga, Antonio Cabral, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, Lourenço Vaz Pegado, e o seu grande amigo e poeta Heitor da Silveira. Segundo o dizer de Diogo do Couto, em Moçambique acabou de aperfeiçoar os *Lusiadas*, e trabalhava no livro, que intitulava o *Parnaso*, a collecção systematica dos seus versos lyricos. Deprehende-se a indole d'este livro da rubrica da Elegia á morte de D. Tello de Menezes: «*Achou-se em um manuscripto* do Bispo D. Rodrigo da Cunha *feito no anno de 1568*». A natureza da composição, e o manuscripto formado na epoca em que estava Camões em Moçambique, em 1569, confirma a interpretação que damos á noticia de Diogo do Couto.

Estava terminada a empreza do sonho de fortuna no Oriente; Camões regressava á patria desilludido, doente e na indigencia, mas trazia comsigo o pregão da immortalidade do ninho seu paterno, onde queria morrer, o *Tesoro del Luso*, como lhe chamou Cervantes.

A partida de Moçambique para o reino effectuára-se em Septembro de 1569, sahindo as náos juntas sob a capitania da náo *Chagas;* porém a náo *Santa Clara,* em que vinha Camões, e seus amigos Diogo do Couto e Heitor da Silveira, commandada pelo capitão Gaspar Pereira, obedecendo á força das correntes adiantou-se a todas as outras, e chegou á ilha de Santa Helena vinte dias mais cedo. No regresso da India, as náos tomavam a direcção do Archipelago dos Açôres, onde eram esperadas por uma armada que as ia encontrar annualmente ás ilhas para as proteger da pirataria. Quando a náo *Santa Clara* chegou a Cascaes, em 7 de abril de 1570, ainda se achava n'aquella bahia a armada que se dirigia annualmente para as ilhas dos Açores, prestes a partir. Teixeira Soares é de opinião que a náo *Santa Clara* tocára nas ilhas dos Açores, inferindo este facto da referencia de Diogo do Couto á impressão directa da *ilha do Pico*, que só teve occasião de vêr no seu regresso em 1570. E admittido o facto, torna-se plausivel a hypothese de que a ilha Terceira foi o elemento objectivo que serviu a Camões para accentuar alguns traços descriptivos da *Ilha dos Amores.* Tal é a opinião de dois eruditos açorianos, o Padre Jeronymo Emiliano de Andrade e o Dr. Moniz Barreto Côrte Real, comprovando a topographia da ilha Terceira com a descripção da ilha maravilhosa, e explicando a referencia ao porto de Angra:

> Onde a costa fazia *uma enseada*
> *Curva e quieta . . .*

e aos tres cumes tão caracteristicos do Monte Brasil:

> *Tres formosos outeiros* se mostravam
> Erguidos com soberba graciosa,
> Que de gramineo esmalte se adornavam
> Na formosa ilha alegre e deleitosa.

Evidentemente o poeta alludia nos *trez formosos outeiros* aos trez cumes do Monte Brasil e na *enseada curva e quieta* ao porto de Angra; a *Insula divina* confinando com muitas outras condiz com o nome da *Ilha de Christo,* como primeiramente foi designada a ilha Terceira. Além da impressão pessoal tinha Camões o facto real que o levava a idealisar a *Ilha dos Amores* na Terceira; o intitulado Roteiro de Vasco da Gama ficou interrompido, referindo-se á passagem pelas ilhas de Cabo Verde (28 de Abril) e d'ahi até á chegada a Lisboa em 28 de Septembro de 1499 (Gaspar Corrêa) aportou o navegador na ilha Terceira, onde faleceu Paulo da Gama seu irmão. Pela definitiva localisação *atlantica* e pela observação do Sol em Cancer, a 20 de Junho, tendo já chegado ao Lago de Temistião (Golfo do Mexico) concluiu Leone, os nautas aportaram á ilha Terceira em Julho de 1499. Tocando Camões no seu regresso, por Março de 1570, na ilha Terceira, suscitaram-lhe estas recordações a phantasia; a flora açoriana partilha das floras americana e africana, prevalecendo a *europêa.* Humboldt, observou que as

plantas e fructos da *Ilha dos Amores* são exclusivamente da Europa, taes como myrtos, jacintos, violetas, lirios rôxos, açucenas, narcisos, pinheiro, loureiro, alamo e cyprestes, a laranjeira, a cidreira, as cerejas, e a *lima doce* (lima da Persia, assim chamada nos Açores):

> O pomo que da patria Persia veiu,
> Melhor tornado no terreno alheio.

A impressão da natureza esplendida dos Açôres lembra-lhe o effeito das Colgaduras que vira nos Paços da Ribeira:

> Pois a tapeçaria bella e fina
> Com que se cobre o rustico terreno,
> Faz ser a da Achménia menos dina,
> Mas o sombrio valle mais ameno.
>
> (*Lus.*, IX, 60.)

A chegada á patria foi acompanhada de novos desastres: «no dia em que vimos a roca de Cintra, escreve Diogo do Couto, faleceu Heitor da Silveira, por vir já muito mal.» Camões perdia esse poeta e amigo que o acompanhava desde que regressara a Gôa. A náo Santa Clara chegou a Cascaes em sexta feira 7 de Abril de 1570 «e ahi surgimos, por *estar a cidade em peste*», como narra Diogo do Couto; ao fim de dois dias, (domingo) é que chegaram de Almeirim as ordens para a náo entrar e dar fundo no Tejo para o desembarque. Que desoladora perspectiva a da cidade devastada pela terrivel epidemia que ficou na historia com o nome de *Peste Grande*, no auge da qual morriam diariamente

entre quinhentas e setecentas pessoas, andando os frades fanaticos hallucinando o povo com prognosticos aterradores, morrendo os moradores á mingua de soccorros pelos olivaes das cercanias. Além da peste, a miseria publica era incalculavel pela perturbação da quebra da moeda feita por uma lei de 14 de Abril de 1568, para evitar que o ouro fosse levado para Inglaterra. Camões voltava á patria em um calamitoso momento para assistir a outro ainda mais tremendo, em 1580; elle não pôde continuar a sublime estrophe: *O prazer de chegar á patria cara.*

4.º — *Regresso á patria — Publicação dos Lusiadas — Alcacer Kebir — Morte de Camões; triumpha o Castelhanismo.* — A Peste grande cessou pelo esgotamento da virulencia dos seus germens, e em 20 de Abril de 1570 fez-se uma apparatosa Procissão em acção de graças, com dansas e invenções: «A quarta-feira, véspera do dia da procissão se mandou deitar pregões, que toda a pessoa puzesse de noite uma vela accesa ou candêa á janella da banda do mar e de terra. Houve tambem toda a noite fogueiras e festas pelas ruas.» [1]

No meio d'esta desolação Camões achava-se completamente desvalido, sem lar onde se accolhesse, ao favor casual, de que lhe resultou o

---

1 Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, II, 167.

furtarem do seu pequeno espolio o manuscripto dos seus versos lyricos. Diogo do Couto, na Decada VIII, falla d'essa calamidade: «*livro de muita erudição e philosophia que intitulava* PARNASO, *o qual lhe furtaram,* e nunca pude saber no reino d'elle por muito que o inquiri, e foi furto notavel.» Por esta noticia deprehende-se que as poesias do *Parnaso* de Camões eram acompanhadas de prosas explicativas dos factos historicos e logares a que alludiam e onde foram escriptas reflexões psychologicas sobre os sentimentos que as inspiraram; formava um todo organico e autobiographico como a *Vita Nuova* de Dante. E esse furto irreparavel, feito apoz a sua chegada, revela-nos que não encontrara a casa de sua mãe, ausente de Lisboa. Pelo Nobiliario ms. de Pantoja, de Elvas, sabe-se, que por morte de Simão Vaz de Camões, no naufragio da náo Conceição em 1555, Anna de Sá e Macedo, não sabendo novas do filho da India (periodo de 1556 a 61) convolou a segundas nupcias com um veterinario, 1 para depois dos cincoenta annos se salvar da indigencia. Pela situação do segundo marido, que nada tinha que fazer durante a Peste grande em Lisboa, é presumivel que se ausentassem para longe. Observando Camillo com dureza, não encontrar nas poesias de Camões referencias a sua mãe, torna-

---

1 Communicação do erudito elvense Antonio Thomaz Pires, falecido em 4 de Agosto de 1913.

se explicavel o facto: longe de Lisboa e na sua obscuridade, ninguem soube dar-lhe noticia d'ella á chegada á patria, e só depois de dois annos da morte do poeta, é que o ministro Pedro de Alcaçova Carneiro soube da existencia de *Anna de Sá, mãi de Luis de Camõis muito velha e pobre,* pelo que lhe foi feita mercê de seis mil réis por anno dos quinze da tença vaga pela morte do filho, por alvará de 31 de Maio de 1582. E como o poeta não recebera os primeiros dois quarteis do anno de 1580, apurou-se a data do seu falecimento, para entregar o que se devia da tença a sua mãe; em 5 de Fevereiro de 1585 foi-lhe completada com mais nove mil réis por anno a tença que seu filho tivera. Se a existencia de Anna de Sá fosse conhecida n'este tremendo decennio de 1570 a 1580, o ministro que admirava Camões não lhe acudiria só passados dois annos em 1582 e 1585. Revelam-nos estes dados a solidão moral em que viveu Camões, condizendo com a lenda da unica sympathia do seu jáo, que o servia na pobreza domestica.

O roubo do *Parnaso* forçava o poeta a tratar da publicação dos *Lusiadas,* para os salvar de um golpe traiçoeiro, vindo encontrar accesos os velhos odios dos que lhe invejavam o genio. A occasião não era azada para a publicação de poemas, quando a miseria publica, as complicações internacionaes e o governo desvairado do joven D. Sebastião absorvido pelos Jesuitas que o sequestravam, e a clausula secreta castelhana, traziam os espiritos em alarme. Em

um *Soneto que se fez na Côrte* synthetisa o quadro de desorganisação; é uma reclamação dirigida ao rei, e a sua resposta desvairada:

Señor, no se despacha pretendiente,
El Turco baxa, el Francez se altera
Quema tus puertos con audacia féra
El poderoso imigo en Ocidente.

Armada no parece, falta gente
Que sulque el mar y empare tu frontera,
En palacio no hay blanca, y paga espera
El rico, el pobre, el sano y el doliente.

Tu Magestad lo vea y dê la traça,
Que al provido remedio mas importe,
Que mi vegez en llanto la resuelvo.

— Denme caballos, salga el duque a caça,
Corranme toros, mudese la Còrte,
Y digan a la Reyna, que ya buelvo. [1]

Ficou desfeita a lenda de ter Camões sido apresentado a D. Sebastião, porque no Canto x dos *Lusiadas* (st. 154) diz claramente: *De vós não conhecido nem sonhado.* Para vencer a censura ecclesiastica exercida pelo P.ᵉ Bartholomeu Ferreira a contento dos Jesuitas; para obter um privilegio de dez annos para o seu poema com data de 24 de Septembro de 1571, e poder imprimir-se; e para lhe ser concedido o alvará da tença de 15$000 réis desde 28 de Março de 1572, era preciso que um influxo intelligente e extraordinario interviesse deliberadamente. A unica pessôa que dispoz do seu poder foi Dona Francisca de

1 *Parnaso* de Luiz de Camões, vol. I, p. 183.

Aragão, pelo grande ascendente que tinha sobre a rainha D. Catherina, pela sympathia de seu primo D. João de Borja, filho do ex-duque de Gandia, geral dos Jesuitas, com quem veiu a casar; e como sobrinha do governador Francisco Barreto, de quem na India Camões fôra acatado. Na Ode VI, nos dois manuscriptos de Juromenha e Luiz Franco, vem a rubrica *a D. Francisco de Aragão,* que editores boçaes supprimiram; ahi confessa Camões á alta luz serena:

Qual a vi no meu longo apartamento
Qual em presença a vejo;
Taes azas dá o desejo ao pensamento.
. . . .
Por vós levantarei não visto Canto,
Que o Betys me ouça, e o Tibre me levante,
Que o nosso claro Tejo
Envolto um pouco o vejo e dissonante.

Os *Lusiadas* já estavam impressos á data do alvará de tença de 28 de Julho de 1572, sendo publicados então. A impressão que devia causar a sua leitura teve de prevalecer sobre grandes commoções publicas que occorreram. Em carta de D. João de Borja ao secretario Zagas, em 9 de Septembro de 1572, dá noticias das festas que se fizeram em Lisboa para celebrar a matança da Saint Barthelemy (noite de 24 de Agosto): «Ayer, dia de ñsa Señora, se hizo una procession muy solene con todas las ordenes, dando gracias per el suçesso de Francia. Fué el Cardenal en ella de pontifical. Llevó el Lignum Crucis. Salió la proçession de la See á San Domingos, adonde predicó Fr. Luis de Granada,

admirablemente.» Quem gosava estas festas cannibalescas não podia sentir as puras emoções da arte. Uma outra depressão publica, veiu com o vendaval que caiu sobre Lisboa destruindo na noite de 13 de Outubro de 1572 a Armada que estava no Tejo, que D. Sebastião enviava á Santa Liga. E no meio do esgotamento do erario a tença a Camões, pelo *«seu engenho e habilidade, e a sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India»*, veiu acirrar a guerra contra o poeta, que procurava defeza nos amigos.

As duas referencias de Manoel Correia e de Diogo do Couto, de lhes ter Camões pedido que commentassem os *Lusiadas*, só significa a necessidade de defeza contra a má fé litteraria, que delatava o poema aos escrupulos da censura clerical, que em 1584 deturpou boçalmente essa maravilha de arte. O commentario de Diogo do Couto comprehenderia principalmente a geographia, a fauna, a flora, a ethnologia e historia oriental do poema; o commentario de Manoel Correia abrange principalmente as reminiscencias classicas e interpretações de sentido. Sabe-se que o *Doutor Portuguez*, o affamado medico João Fragoso, tambem interrogára Camões sobre phenomenos idealisados nos *Lusiadas*.

Duperron du Castera, defendendo a sua traducção franceza dos *Lusiadas*, em um opusculo separado, allude a tres cartas de Camões (totalmente desconhecidas hoje) em que o proprio poeta se defendia contra certas arguições do medico João Fragoso. Deprehende-se pela noticia

de Castera, que elle vira *tres cartas* de Camões, uma em latim, outra em castelhano, e outra em portuguez, contendo explicações sobre o seu poema.

O licenciado João Fragoso era natural de Lisboa, e foi medico da rainha D. Catherina, mas viveu em Castella desde que seguiu a infanta D. Isabel, que casou com Carlos v. Os medicos da côrte, que o tinham por um temivel rival, chamavam-lhe *El Doctor Portugués,* como o usa Dionisio Daza Chacon. Estava no auge da sua reputação, quando Camões regressára da India a Portugal; em 1570 publicára os *Erotemas Chirurgicos,* e em 1572 o resumo dos *Colloquios dos Simplices* do Dr. Garcia d'Orta, com o titulo *Discursos de las Cosas aromaticas, arboles, frutas y medicinas simples de la India que sirven al uso de la Medicina;* em 1581, publicou a *Cirurgia universal.* Pelo apreço em que tinha Philippe II a Camões, e pelo enthusiasmo que o poema dos *Lusiadas* despertou em Hespanha, sendo duas vezes traduzido em 1580, e outra em 1591, é natural que o *Doctor Portugués* escrevesse a Camões, e portanto que as referencias ás cartas em que João Fragoso discute com Camões ácerca do seu poema sejam uma realidade. O poema, como se vê pelo privilegio real, foi considerado como uma obra scientifica; sobre este aspecto seriam tambem as observações do medico da côrte de Philippe II. Crêmos possivel o encontrarem-se algum dia essas Cartas.

Os amigos de Pero de Andrade Caminha

conspiravam por todas as fórmas contra a gloria de Camões; em uma Epistola a Francisco de Sá de Menezes, escripta por Jeronymo Corte Real antes de 1574, falla o prosaico poeta como se não existissem os *Lusiadas:*

> Estes auctores lendo fui cuidando
> Com quanta mais razão justo seria
> Dos nossos Portuguezes ir tratando,
> Pois em batalhas mil se lhes devia
> Uma fama, e um nome eterno ao mundo
> E de Homero ou Virgilio a poesia.

Antes de partir para a expedição de Africa, nomeou D. Sebastião um poeta para celebrar-lhe os seus feitos, sendo preferido Diogo Bernardes, e afastado o nome de Camões por essas influencias odientas. Apesar da cabala dos amigos de Caminha, era Camões geralmente denominado principe dos poetas do seu tempo, como vêmos na phrase de Diogo do Couto, e em volta d'elle agrupavam-se Estacio de Faria, Magalhães Gandavo, Manoel Barata, D. Gonçalo Coutinho, e não cessavam de pedir-lhe versos, de importunal-o, como se sabe pela anecdota de Ruy Dias da Camara, sobrinho dos dois jesuitas Luiz Gonçalves e Martins Gonçalves.

Em 1575 eram acabados os tres annos da tença, renovada pela Apostilla de 2 de agosto de 1575, ficando comtudo sem receber esses miseraveis 15$000 reis até 22 de junho de 1576. D. Sebastião, cada vez mais fanatisado pelos jesuitas, emprehendia uma cruzada na Africa; o papa para o exaltar, enviou-lhe como reliquia

uma seta de S. Sebastião. Camões tratou este assumpto, mas não avançou em sympathia. Em 1577 escreveu André Falcão de Resende uma Satira sobre os costumes decadentes da sociedade portugueza, dedicada a Luiz de Camões, em que diz terem na côrte mais valimento os bôbos do que os poetas. Em 1577 começou o P.e Pedro Ribeiro a formar um Cancioneiro dos poetas do seu tempo, no qual colligiu bastantes versos lyricos de Camões. Tasso e Herrera saudaram Camões pela obra dos *Lusiadas*, e parece ter elle tido conhecimento d'estas homenagens, como se deprehende do verso da Ode VI: «O *Betys* me ouça, o *Tibre* me levante». Quando se organisou a expedição de Africa, Camões não tinha na côrte quem fizesse valer a sua superioridade; a infanta D. Maria falecera em 1577; D. Manoel de Portugal e Pedro de Alcaçova Carneiro estavam por embaixadores em Hespanha; D. Luiz de Athayde partira pela segunda vez para a India.

A expedição de Africa era uma loucura de rapaz, animada pelos jesuitas que intrigavam ao serviço de Philippe II; havia uma má vontade contra essa empreza sem pensamento, e no cometa de 1578 quiz vêr o povo a annunciada ruina de Portugal. Na sua miragem, D. Sebastião já levava a corôa com que se havia de proclamar Imperador de Marrocos. A partida para a Africa effectuou-se em 25 de junho de 1578, e a 4 de agosto essa luzida cavalhada desappareceu na carnificina e nos cativeiros, deixando a nação en-

tregue á demencia e hypocrisia do cardeal D. Henrique, o tempo bastante para preparar pela nomeação dos Governadores do Reino a entrega de Portugal a Philippe II, de Castella.

Segundo a tradição transmittida por Bernardo Rodrigues, poeta coévo, Camões rasgou o comêço de um poema em que celebrava a empreza de Africa. A degradação moral era profunda: no cativeiro, os fidalgos gastavam o tempo e o dinheiro do resgate em jogar, emquanto as mulheres andavam em Lisboa por casa das bruxas fazendo toda a ordem de superstições para saberem dos maridos. N'este periodo, que vae de 1578 a 1580, chamado na historia *o tempo das alterações*, Philipe II tratou de comprar para o seu partido a fidalguia portugueza com cedulas ou promissorias de dinheiro, e com o dinheiro hespanhol vinham resgatados para Sevilha os cativos de Alcacer-Kibir. Foi durante estes dous annos que Camões adoeceu; a ruina do caracter portuguez e a perda quasi imminente da nacionalidade feriram-no mortalmente. O seu poema era destinado a outra época, e a outras almas educadas por esse ideal de patria. Os amigos de Camões, D. Francisco de Almeida, D. Manoel de Portugal, eram todos do partido nacional, queriam como rei o Prior do Crato; mas faltava a este illegitimo o que teve o bastardo da segunda dynastia, um Condestavel e um João das Regras, um braço e um pensamento. O Prior do Crato, pela indignidade da sua origem, entrou em ajustes com Philippe II,

que lhe não chegou ao preço; e essa figura miseravel satirisada no typo do *Barão de Foeneste,* do celebre romance de Agrippa d'Aubigné, serviu para tornar mais amarga a decepção do partido nacional. 1 O dinheiro de Philippe II, como se conta na Satira *Sobre a perda da nacionalidade,* fez cahir as muralhas d'esta Jerichó. No meio do desalento dos partidos, a quem faltava o apoio da nação, da soberania nacional, Camões escreveu a D. Francisco de Almeida, que estava por capitão-general na comarca de Lamego: «*Emfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não só me contentei de morrer n'ella, mas com ella*».

A temerosa crise da fome e o apparecimento da peste de 1579, que se prolongou pelo anno de 1580, victimando na Europa outenta mil pessoas, causaram esse quebrantamento moral, que tanto favoreceu a traição das Côrtes de Almei-

---

1 Falando do typo do *Barão de Feneste* como tendo realidade historica na figura do Prior do Crato escreve Mazade: «Elle andava assim errante e esfrangalhado, uma vez na Bretanha, outro dia em Poitou, umas vezes em volta de Paris, outras na Rochella, esgotando os seus recursos, vendendo suas joias, reduzido a viver de emprestimos ou do soccorro do rei de França, e o feroz escarneo de Aubigné pinta-o de um traço no *Barão de Feneste*, ao falar da jobelinerie du prince Malaisé de la Rochelle.» *(Revue des Deux Mondes*, t. I de 1866, p. 103.) O Prior do Crato offereceu a Soberania do Brazil a Catherina de Medicis, se esta rainha o auxiliasse na sua restauração em Portugal. Este plano foi executado por D. João IV, cedendo o Brazil aos Hollandezes, para que o não perturbassem em Portugal.

rim abertas em 1 de Janeiro de 1580. Ahi declarou Phebus Moniz, que o Cardeal *queria dar o Reino a Castella.* As votações em que prevalecia o sentimento patriotico eram annulladas, e eram expulsos alguns fidalgos e prezo D. Manoel de Portugal por fallar *contra a voz de Castella.* O Cardeal-Rei faleceu em 31 de janeiro de 1580 satirisado pelo povo em cantigas, por ter deixado em testamento *Portugal aos Castelhanos.* Esta politica estava assegurada do seu exito, porque quatro dos Cinco Governadores do reino eram castelhanistas; entre os quatro vereadores, trez adoptavam a causa castelhana. Os agentes de Philipe II, Duque de Ossuna, Christovão de Moura e dois Letrados discursaram sobre os direitos de successão d'el rei de Castella, enviando d'isso apontamentos aos prelados e fidalgos. Aquelles nobres que seguiam a causa da independencia nacional foram afastados de Lisboa, a pretexto de assegurarem a ordem publica, indo cada um tomar o governo da sua Alcaidaria; outros foram mandados inspeccionar torres e fortalezas.

Como continuava a peste o Cardeal nomeára Provedor-mór da Saude Fernão de Pina Marrecos, de um castelhanismo ferrenho; em nome dos Governadores do Reino, fez despejar a cidade de todos os doentes, isolando-os em barracões, servindo este expediente hygienico para envolver entre os pestiferos os cidadãos que eram conhecidos como contrarios ao dominio de Castella. E tanto abusou d'este arbitrio o Provedor-mór da saude, que foi assassinado por par-

tidarios do Prior do Crato, como correra, em 7 de Abril de 1580. Foi portanto, pouco antes d'esta data, que arrojaram Camões, que andava adoentado desde o *tempo das alterações*, para o tropel dos *impedidos, agasalhados em tendas*, para onde *despejavam os doentes da cidade*, conforme a ordem de 12 de Março de 1580. Ahi se viu Camões desconhecido, desenhando-se a sua situação moral no soneto

A Nossa Senhora da Penha de França

Do meu tormento, cá do vall'sombrio
Onde vivo em amargo e triste pranto,
Á alta penha do teu throno santo
Os olhos rasos de agua lá envio.

N'elles e em minhas lagrimas confio
Piedade obter em meu mortal quebranto;
Inda que mais não digam, clamam quanto
Calla a mudez no anciado calafrio.

Queixume d'alma em vão é se se escreve
Com agua unicamente, e minhas queixas
Podes lêr n'esta que me cae dos olhos.

Fita o misero que a viver se atreve,
Pois se te demorares e me deixas
Tua piedade quebram meus escolhos. [1]

E nas *Flores varias de diversos Authores lusitanos*, fl. 374, vem como o seu ultimo grito, o Soneto que sob n.º CCCXXXIX publicou Ju-

---

1 *Parnaso* de Camões, vol. I, p. 368. O Soneto é do seculo XVI, attribuido, e em castelhano. Empregamol-o como quadro.

romenha. Reproduzimos apenas duas estrophes pelo valor das suas variantes:

O dia em que eu nasci morra e pereça,
Não o queira jámais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse n'esse espaço o sol padeça.
. . . .
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais *desaventurada* que se viu.

Confirma esta tremebunda situação, o testemunho de Fray Josep Indio, visitando as tendas ou abarracamentos dos pestiferados: «*Yo lo vi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una savana con que cubrirse...*» O frade escreveu estas palavras no poema dos *Lusiadas,* com o doloroso considerando: «*Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal logrado!*» Segundo a tradição, da Casa de Vimioso lhe mandaram um lençol com que Camões foi arrojado á vala no Adro da Peste da encosta de Santa Anna, na fórma da Provisão dos Governadores do Reino: «no despejo da gente deveis levar *mais esquifes* — que andem n'isso *com escadas e tavoas...*» Em 4 de Junho a peste tinha recrudescido tanto que os Governadores fugiram para Salvaterra, dirigindo-se para Setubal; na terça-feira, 10 de Junho, expirou Camões *quasi ao desamparo,* como escreve seu amigo o Licenciado Manoel Corrêa, e *miseravelmente,* como relata Alvia de Castro, que o ouviria de Pedro

Craesbeck, que se interessava pelas tradições camaneanas. Desde 1566, que os terrenos da encosta de Sant'Anna foram sagrados para *Adros da Peste*, onde se abriam as valas para os mortos de cada dia; eram abaixo da Egreja da Pena. Como observou Faria e Sousa «*los enfermos en los hospitales en elles se enterran*», e esse Adro da Peste na encosta de Sant'Anna denominou-se tambem *Cemiterio do Hospital*. Por isso todas as pesquizas para encontrar a sepultura de Camões na Egreja de Sant'Anna, partiram do equivoco entre o Adro da Peste e a egreja pela designação vaga de ter *morrido no hospital* e sido enterrado o poeta em *Sant'Anna*.

É pavorosa a situação portugueza descripta em documentos officiaes, pouco tempo antes da morte de Camões. Em despacho de 20 de Abril de 1580, dirigido a Villeroi, escrevia Jean de Vivonne: «J'ai bien peur que infin les Portugois se laissant prandre les mins en la poche, enquore qu'ils disant qu'ils seront plutaust du diable que de Castille. Mais infin je croy que se ne seront que parolles, et aultre que heulx ne s'en meslant». [1] «E em carta de 7 de Abril de 1580 escrevia Philippe II: «En Portugal no hay gente, aunque tienen por lista para 20 de

1 Ms. da Bibl. Nat. F. fr. 16107. Apud José Caldas, que commenta: «e a tanto declamar ao vento, permittia-se o ministro do ultimo dos Valois dar o qualificativo ironico de *claquements de langue et cliquetis de ferraille tout cela!*»

Mayo salgan todos los listados, que dicen son ochenta mil hombres; *todo es nadie y fanfarria; no tienen que comer un dia, ni municiones, la necessidad los hade hacer venir á lo que mucho pesa, que no pueden llevar en paciencia los señores portugueses.*» 1 Philippe II tinha já em 9 de Abril 80 peças de campanha e 80.000 homens passando junto a Mérida, e como escreve o novellista Espinel — «*socegadas, ó por mejor decir reducidas a mejor forma las cosas de Portugal...*» A entrada de Philippe II em Lisboa em 26 de Junho de 1581, extincta a peste, foi festejada pelo clero com acção de graças e applausos da nobreza, e de homens de letras como Diogo Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, André Falcão de Resende, Pedro da Costa Perestrello, Fernão Alvares d'Oriente, Francisco Rodrigues Lobo, e tantos outros que bajularam o invasor e acceitaram-lhe as tenças e despachos. Camões escapou d'esta degradação: *morrendo com a patria,* que havia de resurgir pelo seu *Pregão eterno.*

B) A Eschola camoneana

No periodo mais calamitoso da sua vida, na *dura Moçambique,* refugiava-se Camões no encantador trabalho de coordenar todas as suas composições lyricas sob o titulo de *Parnaso,*

---

1 *Doc. para la Hist. de Espana*, t. VII, p. 285.

agrupando-as pelas fórmas poeticas em grupos de Sonetos, Canções, Odes, Elegias, Eclogas, Outavas, Sextinas e as Redondilhas, do antigo genero de Cancioneiro. Esta é a disposição seguida pelo P.e Pedro Ribeiro em 1577, na collecção que formara, admittida depois pelos editores como Soropita, Domingos Fernandes, Faria e Sousa, D. Antonio Alvares da Cunha. Nunca mais houve noticia do *Parnaso de Camões*, furtado ao desventuroso poeta logo á chegada a Lisboa; mas a grande quantidade de poesias avulsas colligidas pelos seus amigos foram-se incluindo em differentes Cancioneiros manuscriptos dos fins do seculo XVI e XVII, como o Cancioneiro de Luiz Franco Corrêa, do P.e Pedro Ribeiro e de D. Cecilia de Portugal, nos cadernos em papel asiatico de Antonio de Abreu, Manuscriptos vindo da India com outros do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, de Manoel Godinho, e ainda as *Flores varias de diversos Autores lusitanos*. Todos estes materiaes contribuiram para a reconstrucção do *Parnaso* de Camões, e pela incorporação inevitavel de elementos apocryphos, se verifica pela similaridade do estylo lyrico a vasta influencia do poeta na pureza do sentimento e da dicção caracterisadas como *camoneanas*.

A vida de Camões é um drama doloroso, e todas essas emoções intimas vibram nos seus versos; mas, a sentimentalidade da raça, o *ethos* luso, dá-lhes a resonancia tornando-os a viva expressão da alma nacional. Eis o valor supre-

mo do lyrismo de Camões. No seu forte estudo da *Evolução das Sociedades ibericas*, José Augusto Coelho assenta a base da actividade do *Lusismo* na *concepção esthetica*; e de facto, nas naturezas superiores a cultura esthetica suppre a moral vencendo os impulsos da degenerescencia, e dá o ideal como o estimulo do heroismo, até á facil imitação das obras bellas. De entre estas *concepções estheticas* «é o Lyrismo subjectivo aquelle que o Lusismo mais ama — reduzido a ter por objecto a emoção pura»; — «na maior epoca da sua pureza não é religioso, nem metaphysico nem scientifico, é apenas esthetico, e ainda n'este terreno é, acima de tudo, *amorosamente lyrico*. O lyrismo subjectivo reflectindo-se na consciencia da raça como producto d'essa mobilidade nervosa em nós creada pela humidade tépida do meio, esse sim, esse serpenteia por baixo de quantas correntes se cruzam ao longo da nossa historia litteraria, ora diminuindo, ora engrossando, mas sempre continua limpido e cristalino. — Os proprios Quinhentistas que, mais tarde e em tempo de impureza e falta de ingenuidade para o Lusismo, revelam mais intenso o espirito da nacionalidade, são todos elles poetas lyricos de amor. E assim Gil Vicente é o reflexo do bom senso pratico das massas trabalhadoras e do scepticismo luso; Bernardim Ribeiro, canta na *Menina e Môça* o amor como uma realidade da vida; Falcão dá-nos no *Crisfal* uma deliciosa inspiração amorosa; Camões, balouçando a ardente phantasia á mercê das cor-

rentes diversas, é sempre um lyrico delicioso de amor...» *(Op. cit.,* II, p. 278.)

Acima de todos os lyricos quinhentistas Camões eleva-se pela affectividade ingenita, pelo temperamento em que o Amor se converte em um destino. É o que Maudsley define admiravelmente: «É bem menos á educação do que á *hereditariedade*, que um homem deve a sua coragem ou a sua timidez, a sua generosidade ou o seu egoismo, a sua ostentação ou a sua modestia, o seu *temperamento fogoso* ou pacifico; o tom fundamental do seu caracter é innato e imprime com o seu cunho particular as emoções, as ideias associadas que nascem consequentemente. A influencia de uma cultura systematica sobre o individuo é indubitavelmente muito grande; mas o que determina o limite e mesmo até certo ponto, a natureza do effeito da cultura, o que constitue a base natural sobre a qual a arte vem firmar as suas modificações — é a *organisação hereditaria*.» *(Path. do Esp.,* p. 345.) Isto salvou Camões da corrente do platonismo alexandrino e petrarchista, que empolgou os outros lyricos da Renascença; elle soube conciliar as duas disciplinas antagonicas, o racionalismo aristotelico com o espiritualismo platonico, em conflicto na Italia: o racionalismo preponderante em Veneza, Padua e Bolonha; o idealismo em Florença. Esta conciliação tinha sido realisada nos *Dialogos de Amor*, de Leão Hebreu, actuando nos maiores poetas lyricos europeus: O Amor uma Vontade; realisando o fim supre-

mo do sêr, o Bem; a emoção tornando-se acção perfeita *(agir par affection)*, que os mysticos chegaram a exprimir nas suas effusões religiosas. O amor considerado como um sentimento divino, a natureza rehabilitada pela observação da sciencia, a belleza exaltada como uma manifestação sobrehumana, as imagens da mythologia hellenica e biblica ajudando como quadro allegorico a revelar um novo estado da alma moderna; a graça anecdotica, a equiparação dos phenomenos naturaes com os moraes, a vaga incerteza entre os limites da realidade e da aspiração, a ingenuidade quasi vulgar e instinctivamente destructiva das convenções banaes, tudo isso anima o lyrismo de Camões, fazendo das suas despedaçadas composições, reunidas casualmente, um poema subjectivo. Pelos seus Sonetos se reconstrue o quadro psychologico dos seus primeiros amores precoces com *Sibela* ou *Belisa*, e a paixão decisiva por *Nathercia*, a cordeira gentil, que lhe encheu a existencia. As Odes, as Canções e Elegias são a autobiographia formada dos mais flagrantes documentos psychologicos, em que a comprovação critica da realidade historica lhes dá um surprehendente relevo esthetico. O poeta lyrico paira á mesma altura do poeta épico, synthetisando o seu genio na unificação da narrativa heroica com os episodios amorosos. No seculo XVI era-se *camoneano*, como no fim do seculo XVIII pela technica da metrificação se era *elmanista* ou *philintista*.

1.º *Os Lyricos camoneanos.* — A imitação do gosto e sentimento do lyrismo de Camões muito antes da publicação das suas *Rimas* explica-se pelas numerosas copias dos seus versos colligidos pelos amigos, e pela impressão directa das relações pessoaes com que tanto se ufanavam. Na vida aventurosa da India, esses capitães das armadas e das feitorias não despresaram a poesia com que brilharam na côrte de Portugal Ao Vice-Rei o Conde de Redondo, o pae da gentil D. Guiomar de Blasfet, Camões appresentava o venerando sabio Dr. Garcia d'Orta com o seu manuscripto dos *Coloquios dos Simples e Drogas,* exaltando-o em uma incomparavel Ode; e em espontaneas redondilhas requeria em favor do seu amigo e tambem poeta Heitor da Silveira. Quando reunia os amigos em Gôa recolhendo dos cruzeiros era com a surpreza de Trovas que os banqueteava, na sua commovente hilaridade. Por esses seus companheiros de armas e de desventuras na India, percorreremos a sua eschola.

João Lopes Leitão. — Companheiro e amigo de Camões, entrou muito cedo para o serviço do paço como pagem da lança do principe D. João, e no torneio de Xabregas, em que fôra armado cavalleiro, foi João Lopes Leitão parelha com Fernão da Silveira, poeta da nova eschola. Era filho de Francisco Leitão, fidalgo da côrte de D. Manoel e de D. Joanna Freire, filha de D. Rodrigo de Sande, védor da rainha D. Maria e embaixador em Castella, acompanhando Fernan-

do o Catholico na conquista de Granada. Sua avó materna D. Margarida Freire foi uma das damas mais celebradas pelos poetas do *Cancioneiro geral*. Na côrte Camões foi seu confidente; e no Soneto CXXXIV dá-lhe noticia da sua namorada, *estando elle prezo em sua casa, por entrar uma porta a ver as Damas:*

> Senhor João Lopes, o meu baixo estado
> Hontem vi posto em grão tão excellente,
> Que sendo vós inveja a toda a gente,
> *Só por mi vos quizereis ser trocado.*
>
> *O gesto vi suave e delicado,*
> *Que já vos fez contente e descontente,*
> Lançar ao vento a voz tão docemente,
> Que fez o ár sereno e socegado...

Pela Epistola VII de Caminha, a *João Lopes Leitão indo-se para a India*, vê-se quanto era apreciado como poeta, e que algum desgosto intimo o levou a seguir a carreira das armas no Oriente:

> Quer de ti mais agora, já te chama
> A quanto com rasão de ti se espera,
> Que a Marte darás nova gloria e fama.

O desastre de Ceuta em 1553 e a morte prematura do Principe D. João, levaram-o a abandonar a côrte, e em 1555 já se achava em Gôa; nas festas que se fizeram celebrando a investidura do Governador Francisco Barreto e em que se representou a tragicomedia de Camões *O Filodemo*, João Lopes consagrou essa revelação do seu genio dramatico em um bello soneto:

Quem é este que na Harpa lusitana
Abate as Musas gregas e as latinas?
E faz que ao mundo *esqueçam as plautinas*
Graças, com graça e alegre lyra ufana?

Este Luiz de Camões é, que a soberana
Potencia lhe influiu partes divinas,
Por quem expiram as flores e as boninas
Da homerica Musa e mantuana.

Escrevendo este soneto, talvez recitado no fim da representação do *Filodemo*, já faz extraordinaria referencia á Epopêa em que trabalhava Camões em 1555. Camões agradeceu-lhe com um soneto egualmente bello pelas mesmas consoantes. Emquanto Camões soffria os trabalhos da lucta contra os piratas de Cantão, os naufragios do *mar da China* e nas *costas da Cochinchina*, ao chegar a Gôa prezo pelo injusto mando veiu encontrar a noticia da morte de João Lopes Leitão, no mar. Heitor da Silveira, escrevendo uma Epistola a Caminha, dá-lhe tão dolorosa nova e pede-lhe que consagre essa memoria:

Mandas, Silveira meu, que vá cantando
D'este espirito gentil e claro amigo,
Quantos bens se iam n'elle renovando...

Pelos dois Epitaphios que lhe dedicou Caminha sabe-se que morreu no mar.

De João Lopes Leitão aqui se encerra
O claro nome, *o mar seu corpo cobre*,
Cheio de siso em paz, de esforço em guerra,
E de um espirito em tudo claro e nobre...

Sendo, como pagem de lança do principe D. João, de edade aproximada, infere-se que

tendo morrido depois de 1561 não chegara aos quarenta annos. Para mais desgraça sua, e nossa, não foram colligidas as suas poesias, tão louvadas por Camões, Heitor da Silveira e Andrade Caminha. Que referencias preciosas nos revelerariam, como a de uma filha natural, Violante Leitão, que professou em Odivellas.

Heitor da Silveira. — Nos *Lusiadas*, canto x, est. 60, celebra Camões o bravo Heitor da Silveira, que embarcara para a India em 1521, com vinte e quatro annos, e morrera na Ilha das Cobras em combate em 1531, com trinta e quatro annos. (*Nobil. ms.* dos Silveiras, fl. 238.) Camões quiz consagrar a memoria do desgraçado tio do poeta e querido amigo Heitor da Silveira, que em Septembro de 1561 chegara a Gôa, sob a pressão de tragicas fatalidades.

O heroe da Ilha dos Mortos era filho do terrivel Coudel-mór Francisco da Silveira; não podendo supportar o temperamento implacavel do pae, que foi o algoz de toda a sua familia, tomou como refugio ir militar na India. O Coudel-mór querendo por todas as fórmas desherdar o filho mais velho Fernão da Silveira, o poeta, escreveu a Heitor da Silveira para que viesse tomar conta da Casa; o joven cavalleiro recusou-se a ser instrumento d'essa iniquidade. O ferrenho Coudel-mór serviu-se do seu filho mais novo Bernaldim da Silveira, e casando-o com uma filha de um grande valido do rei D. Manoel, conseguiu por este modo se fizesse ou confirmasse

a doação dos bens da Sovereira a Bernaldim da Silveira, desherdando d'elles o seu primogenito Fernão da Silveira.

Do casamento de Bernaldim da Silveira, com D. Ignez de Noronha, filha do valido D. Bernaldim de Almeida, é que nasceu este Heitor da Silveira, o grande amigo de Camões e apaixonado poeta, depois de 1536. Lê-se no *Nobiliario* de D. Luiz Lobo, fl. 202: «a justiça que Fernão da Silveira não achou diante dos homens não faltou diante de Deus, porque Bernaldim da Silveira não logrou mais aquella injusta mercê que quatro annos, porque morrendo seu pae no anno de 1536, elle morreu afogado no de 1540, vindo da India, e seu filho *Heitor da Silveira*, nascido do matrimonio causa d'aquella mercê, que n'elle succedeu, posto que com duas ou trez mulheres fosse casado, de nenhuma teve filhos, e tambem morreu vindo da India, de peçonha.» Tinha-lhe sido confirmada a casa da Sovereira em 28 de Septembro de 1540, porque seu irmão primogenito, Francisco da Silveira, morrera com seu pae, que fôra por capitão da *Náo Gallega*. Duas irmãs, D. Cecilia e D. Margarida de Noronha, foram freiras, uma em Odivellas, e outra em Evora em Santa Catherina de Sena. O Nobiliario de D. Luiz Lobo, declara ácerca de Heitor da Silveira: «Foi fidalgo de muito bom entendimento e cortezão: foi casado com D. Jeronyma de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, de quem teve Bernardim da Silveira, que morreu menino; e por morte d'esta mu-

lher casou D.... filha de... que não teve geração, por que não permittiu Deus que a injustiça feita a seu pae e a elle em desherdamento de Fernão da Silveira tivesse effeito na mais longa successão...» *(Ib.,* fl. 240 Ỽ.)

Nas Poesias de André Falcão de Resende, a Epistola v, tem a epigraphe *A Heitor da Silveira, seu cunhado, estando na India.* De facto Heitor da Silveira casara em Evora com Isabel Falcão, filha do Ouvidor dos Orfãos, e irmã de André Falcão de Resende. Com que saudade se revela o sentimento doloroso de Heitor da Silveira, longe do seu lar:

Quem foge de seu bem, da patria amada,
Do amigo que lhe fica, e da pobreza
Segura, *por buscar vida enganada;*
Que enleva a tantos já a vã riqueza,
Que tão infernal é; e quem se abala
A vel-a com vontade tão accesa!
. . . .
Ditoso, vós, que estaes seguro e quedo,
Amparado do vento á sombra cara
Em campo ou em ribeiro, ou em casa ledo!
. . . .
Triste de quem em vivo e largo pranto
A cruel sorte noite e dia chora,
Que o coração cobriu de um negro manto!
Nem ha no mez e anno uma só hora,
Que alegre vêr-me possa em tal estado
Longe de quem de cá minha alma adora.
. . . .
Quem mais que vós, André, rico e ledo anda.
Quem mais que eu triste e pobre? pois a sorte
Minha do meu bem fugir me manda?
Que vida póde ser mais dura e forte,
Que a que vive morrendo, e não vê a guia
Da amada e clara luz e certo norte?

Não se vê na amada companhia
De Beliza, amor doce, por quem vivo;
E por quem vejo a morte cada dia.
Ah! livre me eu veja d'este esquivo
Mal, que assi me atormenta e me embaraça
Do doce amor primeiro mais cativo!
D'estes meus tristes olhos se desfaça
A grossa nevoa, e veja cedo claro
Um bem, que a alma me ajunte e alegre faça.
O meu doce repouso, o meu sol claro,
Aquella alma de minha vida e gosto,
Que é só o meu desejo, e meu amparo.
N'esta saudade, André, me fico posto,
Ou vou por esse mar, ao vento entregue,
Juntando a um cada hora outro desgosto.
(*Poesias de Falcão*, p. 337 a 340.)

E respondendo á Epistola de Falcão pelos mesmas consoantes, falla da ausente esposa:

—O certo norte meu, luz clara e guia,
Beliza da minha alma—em vão chamava;
Jurara, amigo André, ora que a via.
Beliza, amor *Beliza*, mal cuidava
Quando de vós fugi quasi voando,
Que vinha o mal voando, e cá o achava!
Parti-me sem vos vêr, assi enganando
A dura saudade bem guardada,
Que inda ora, mais que então, estou chorando.
Mas não seja fortuna tão ousada,
Se a doce liberdade me ora nega,
Que muito tempo assi me tinha atada.

Falcão de Resende lembra-lhe na sua Epistola I aquelle viver simples e feliz da Sovereira:

A vida montanheza da *Sovereira*
Agora na aspereza do alto monte
O javali seguindo ou na ribeira;
Agora a par da cristalina fonte
Que com sua frescura e lymphas claras
Mil historias passadas vos reconte!
E as doutas Irmãs nove, nunca aváras
Ali da sua doce companhia,
Guiando-vos á penna em cousas raras?

> *Gosámos ambos isto algum dia;*
> Muito gosar podemos quietamente;
> Mas, ah! que a inquietação nol-as desvia!
> . . . .
> Quem a cobiça indomita não doma,
> Tão pobre emfim, da pobre *Sovereira*
> Será sendo senhor, como de Roma.
> Olhae bem lá, claro amigo Silveira,
> Não vos opilem o limpo e bom juizo,
> Aquesta fera sêde interesseira...

Em um Soneto a Falcão de Resende confessa-lhe Heitor da Silveira, quanto deve á sua direcção mental, alludindo tambem á saudosa esposa:

> No furioso e cruel mar em que ora
> Vou sujeito a perigos, e *apartado*
> *D'aquella doce imiga, que o cansado*
> *Espr'ito meu socega, onde a alma mora;*
>
> André, crescendo em mim vae de hora em hora
> A luz do fogo teu, da qual guiado
> Seguindo alegre vou do alto e sagrado
> Parnaso a occulta via a mi té agora.

Falcão de Resende fortifica-o ácerca da esposa, que o espera:

> Mudar todo o elemento de hora em hora,
> Arando toda a vida o mar salgado,
> Poderás, claro Heitor, *sem ser mudado*
> *O amor que levas n'alma e por ti chora.*

A Sovereira, em que o cunhado lhe fallara, despertou-lhe a necessidade do regresso á patria: por fatalidade o vice-rei Conde de Redondo, com quem viera para a India em 1561 faleceu repentinamente em 1564; ainda serviu com D. An-

tão de Noronha e João de Mendonça, aproveitando logo a primeira occasião para voltar ao reino. Foi na arribada da *Náo Santa Clara*, a Moçambique, em que vinha D. Antonio de Noronha, que elle e os seus companheiros de matalotagem, ahi encontraram Camões, *tão pobre que comia de amigos;* trouxeram o poeta comsigo, mas ao chegarem á patria em 7 de Abril de 1571, Heitor da Silveira expirou á vista da terra. Diz o Nobiliario de D. Luiz Lobo, que morrera de peçonha, por que não se sabia ainda que se morria de commoção.

Antonio de Abreu, Luiz Franco Corrêa, Diogo do Couto. — Estes tres poetas, valorisavam-se com a referencia á amisade de Camões. Em um manuscripto de Poesias de Camões se encontraram versos de Antonio de Abreu *seu amigo e companheiro no Oriente.* No Cancioneiro colligido por Luiz Franco Corrêa, sob o seu nome accrescentou *Companheiro e muito amigo de Luiz de Camões em o Estado da India.* Diogo do Couto, que fizera um Commentario ao poema de Camões, chama-lhe na Decada VIII, *meu matalote e amigo.* Antonio de Abreu teve por paes Duarte de Abreu e Castello Branco e Brites Teixeira. Diogo do Couto fala da sua estada na India em 1558, e assigna em 7 de Septembro de 1574 como Contador de El-rei o orçamento do Estado da India. Os seus talentos poeticos foram exaltados por André Falcão de Resende, no Soneto XXXV dirigido para a India:

Se este vosso Falcão, senhor, voára,
Co'as azas do seu baixo entendimento,
Que ao *alto cume de um tal merecimento*
Qual é o vosso, como quer chegara.

Sei que assim minha penna illustrara
Com vosso claro nome...

Em uma Sextina allude ás suas viagens da India a Lisboa e á Italia. Sob os n.os XXXVII, XXXVIII e XLI vem trez Sonetos de Antonio de Abreu incluidos nas Poesias de Falcão de Resende. São no mesmo estylo das composições publicadas em um pequeno opusculo em 1805; abre esta collecção com um Soneto, que é como o preludio de um livro:

Oh vós, que ouvis o som dos nossos versos,
E minha antiga rithma conhecestes,
Applaudi a quem fez differente estes
Conceitos, dos antigos meus perversos.

De facto seu irmão Fr. Bartholomeu de Santo Agostinho (no seculo Diogo de Abreu) colligira os versos de Antonio de Abreu com o titulo de *Versos sagrados e profanos.* Na collecção impressa em 1805 vem um Soneto ao Provincial da Companhia de Jesus, na India Antonio de Quadros, defuncto; sonetos *Á sepultura de Affonso de Albuquerque, Ao Cerco de Chaul,* e uma *Descripção de Malaca,* em outavas. Seu irmão Diogo de Abreu era tambem poeta, como o testifica o soneto dirigido a Falcão de Resende. Antonio de Abreu ainda vivia em 1578, celebrando a catastrophe de Alcacer Kibir; o seu nome apparece na *Memoria d'aquelles a quem se*

deram cédulas, quando se venderam a Filippe II para a successão d'este reino.

A esta pleiada indiatica pertence tambem Luiz Franco Corrêa, formando um vasto Cancioneiro de composições dos Poetas do seu tempo, interessando-se em extremo pelos ineditos camoneanos, que nos dão o limite da compilação desde 1555 em que insere a tragicomedia de *Filodemo* (fl. 269 a 186) *representado na India a Francisco Barreto*, até 1572, em que pára na copia do 1.º Canto dos *Lusiadas*, por estar publicado. Enriqueceu a sua vasta collecção em 1589 em Lisboa, pelas relações pessoaes com D. Manoel de Portugal, D. Simão da Silveira, Jeronymo Côrte Real e Francisco de Andrade. Em 1594, quando D. Gonçalo Coutinho mandou pôr uma lapide sepulchral em honra de Camões na hoje demolida Egreja de Sant'Anna, dirigiu-lhe Luiz Franco um Soneto em italiano como ao que lhe fôra *Mecenas na morte*. Faria e Sousa encontrou um Soneto amoroso de Luiz Franco (fl. 50), e outro a um desafio de D. Martim de Castelbranco (Ms. fl. 54.); um soneto seu em castelhano vem publicado no opusculo de 1588 á trasladação das reliquias trazidas por D. João de Borja para a egreja de S. Roque. — Manoel Severim de Faria, no Elogio do Chronista Diogo do Couto, dá noticia das *Poesias varias*, e do seu Commentario aos *Lusiadas*; infelizmente estes ineditos perderam-se por incuria, ficando assim ignorados factos que o seu alto criterio teria apontado.

Fernão Alvares d'Oriente e P.e Pedro Ribeiro. — A franca imitação do estylo camoneano fez com que Fernão Alvares d'Oriente fosse inculpado como plagiario; mas a sua admiração por Camões sincera e fervorosa não lhe permittia defraudar a posthuma gloria. Colloca-se o seu nascimento entre 1540 e 1542; apparece o seu nome como commandante de uma das setenta e seis fustas da expedição com que o vice-rei D. Antão de Noronha foi libertar a fortaleza de Damão do cêrco de Hecobar imperador dos Mogoes. (Couto, *Dec.* IX, 13.); Barbosa Machado assevera que commandara uma fusta sob o governo de Antonio Moniz Barreto. É justificada a hypothese de Fernão Alvares d'Oriente ter conhecido Camões antes do seu regresso á patria. Ainda em 1576 militava na India; até lá chegara o prestigio do poema, que elle lia do principio ao fim:

> Outr'ora até o epilogo do prologo
> *Os Lusiadas* lia ou as *Eneidas.*
>
> (*Lusit. trans.*, p. 460)

Na pastoral em que relata os seus desventurosos amores, a *Lusitania transformada*, intercalou numerosas poesias lyricas, em que se acham constantes imitações de versos e linguagem de Camões, centões poeticos, glosas, sonetos, outavas, e referencias a factos particulares da vida de Camões. Allude ao seu desterro da côrte (p. 31, ed. 1781); á Ecloga á morte do joven D. Antonio de Noronha (*ib.*, p. 32) e glosa a outava:

Toda a alegria grande e sumptuosa; e o verso *A formosura d'esta fresca serra; (ib.,* p. 40 e 41) lembra-se do verso: *Pelo mundo em pedaços repartida,* na sua situação pessoal: «repartindo a vida por muitas partes» (p. 88); glosa o soneto: *Horas breves do meu contentamento* (p. 143); centonisa o verso: *Que de Helicona as Musas fez passar-se,* e traduz o verso italiano que vem nos *Lusiadas:* «Entre a espiga e a mão mui grosso muro,» (p. 520). Das imitações e centões da *Lusitania transformada* conclue-se que elle conhecera as *Rimas* antes de 1595, em que se imprimiram. Como soube Fernão Alvares d'Oriente usar a elocução camoneana, expressa em textos perdidos desde 1570? Isso suscitava a suspeita dos plagios. Na *Lusitania transformada* descreve as suas relações litterarias como o Pastor Ribeiro, parocho de Santa Luzia, na collina oriental de Gôa; é esse o P.e Pedro Ribeiro, que compilou um importante Cancioneiro em que desde 1577 estava reunido o primeiro corpo das Lyricas de Camões; n'esta mesma collecção inseriu a Elegia de Fernão Alvares d'Oriente, *Saiam d'esta alma triste e magoada,* que o editor das *Rimas* de 1668 attribuiu a Camões. O P.e Pedro Ribeiro tambem cultivava a poesia, e no Cancioneiro incluiu dez Sonetos seus, que começam:

— Espirito mais que raro e peregrino
— Quem fôra tão ditoso avara terra
— Escuro é o sol em que vivia,
— Fazendo de boninas dois mil molhos
— Se lembranças saudosas não matassem

— Se queres ser empenho delicado
— Qual o grave doente, que affligido
— Faça já seu dever o duro fado
— Se a soberba Ferrara tanto estima
— Outro novo engenho e nova lyra.

Foi estando Camões em Gôa ainda, que o P.e Pedro Ribeiro pôde alcançar esse material de 63 Sonetos, 5 Elegias, 9 Canções, 2 Epistolas (Outavas), 1 Sextina, 1 Septina, 1 Capitulo, 1 Canção, 3 Eclogas, 1 Redondilha. Os Editores do seculo XVI e XVII não conheceram esta fonte, ficando por isso até hoje ineditos 14 Sonetos de Camões, nunca encontrados nos manuscriptos explorados por Soropita, Domingos Fernandes, D. Antonio Alvares da Cunha Faria e Sousa e Visconde de Juromenha.

A parte relativa a Diogo Bernardes no Cancioneiro do P.e Pedro Ribeiro, foi obtida pela amisade de Fernão Alvares d'Oriente, em 1578 companheiro do cantor do *Lima* na empreza de Africa e no cativeiro. Tambem n'esta collecção D. Gonçalo Coutinho é representado com um Soneto *O cantardes-me assi na vossa lyra.* Fernão Alvares d'Oriente louva-o por ter dado a Camões o titulo de *Principe dos Poetas*, trasladado na sua sepultura por *Hum peito illustre e generoso.* No cativeiro de Africa tambem conheceria Miguel Leitão de Andrade, sentimental poeta e admirador convicto de Camões; a desgraça irmana as pessoas.

Miguel Leitão de Andrade. — Nasceu na villa de Pedrogam em 1555, onde viveram e

faleceram seus paes Belchior de Andrade e Catherina Leitão, tendo de seu consorcio dez filhos. Ficara de treze annos quando o pae em 1568 faleceu, sendo o penultimo da sua velhice. Depois dos estudos menores no mosteiro de S. Domingos de Pedrogam, acompanhou seu irmão mais velho Fr. João de Andrade, que estivera no Concilio de Trento, para Madrid onde com elle frequentou a Universidade de Salamanca, vindo depois para a de Coimbra cursar a faculdade de Canones. No seu livro de Memorias historicas e pessoaes a *Miscellanea*, descreve os preparativos da guerra de Africa, já em 1575: «E já na *Instituta* e primeiro anno do Canon se começou a revolver a todo o reino em reboliços de guerra, com grande estrondo de passar, el rei em Africa fazel-a, e a mim o sangue de o acompanhar...» Partiu para Lisboa com dois estudantes, e em poucos dias, sem commodidades, mal apercebidos, se foram aprestando; embarcaram em 24 de Junho de 1578 dia de S. João «*com festa em todos os navios, de charamellas, trombetas, bastardas e outros instrumentos bellicos que estrugiam os áres...*» É precioso o relato de Miguel Leitão de Andrade da viagem até chegarem a Arzilla e da hallucinante derrota de 4 de Agosto, a mortandade da *gazua* em que os mouros passavam á espada os moribundos, e o seu cativeiro, em que chegou a sensibilisar a *leila*, a viuva moura do seu primeiro dono. Ali sob a emoção religiosa fez sonetos misticos, tomando o cativeiro como castigo «Em pena do meu

erro aparelhado.» Joven, valente e destemido Miguel Leitão conseguiu fugir, e depois de dramaticas peripecias, chegou a Almeirim, e quando passando em Santarem procurava um barco, encontrou casualmente seu irmão Pedro de Andrade, partindo com alvoroço para casa de sua velha mãe. Na alegria do seu resgate fez á Virgem da Conceição uma apparatosa festa que durou trez dias, falecendo sua mãe na ultima hora das festas. Fez-lhe uma Elegia repassada de melancholia camoneana. Lançou-se no partido da independencia nacional, representado pelo Prior do Crato, ficando outra vez exposto á morte pela crueza de um fronteiro castelhanista, de que escapou por uma audaciosa fuga.

Depois de tamanhas calamidades, Miguel Leitão de Andrade casou com sua prima D. Beatriz de Andrade, viuva de Balthazar de Seixas, proprietaria da quinta do Carregado; residindo ahi, faleceu-lhe a esposa querida, deixando-se ficar sete ou outo annos viuvo, tendo em sua companhia uma irmã D. Catherina Leitão de Andrade. Ao fim d'esses annos de viuvez, e falecimento de sua irmã em 1596, casou com D. Isabel de Athouguia, viuva de seu tio Diogo Cabedo de Vasconcellos, e refere um linhagista que Leitão *a matou.*

Na *Miscellanea* refere mysteriosamente o caso: «he-me forçado contar-vos como *me foi imputada uma morte*, não mais que por ser apressada, sobre que houve grandes exames por um Corregedor da côrte, *com medicos e parteiras* e

mil perguntas perigosissimas e barrancos ou laços em que cahir, vos não quero contar; porém, tão persuadida ficou esta morte, do Vice Rei e dos tribunaes, que não havia cuidar outra cousa... Por que sendo as partes muito poderosas, de alguns que eram Desembargadores principaes e Corregedores; e tendo grandes correlações com os tribunaes todos, té no Conselho de Castella...» Referia-se á familia dos Cabedos de Setubal, com altos magistrados e jurisconsultos. Esteve cinco mezes no Limoeiro, e no dia do julgamento, quando foi solto, todos julgavam que seria degolado. Publicou o seu livro da *Miscellanea* aos setenta e quatro annos, incluindo na prosa dos seus dialogos muitas poesias de Camões, com variantes que correspondem a uma elaboração reflectida de um mesmo sentimento. Miguel Leitão de Andrade só podia ter fallado com Camões na sua passagem por Lisboa para a Universidade de Coimbra em 1575, ou nos poucos dias antes do embarque para Africa em 24 de Junho de 1578; se fruisse essa ventura tel-o-ia revelado no livro que foi o seu relicario intimo. Mandando pôr uma tarja de azulejos na Egreja de Santa Anna, consolou-se assim da obscuridade e humildade da sepultura do *mais afamado que ditoso* poeta.

D. Gonçalo Coutinho. — Barbosa Machado consigna a tradição de ter este fidalgo hospedado Camões, na sua quinta e commenda dos Vaqueiros (*Bibl. Lus.*, II, 342.) E tendo em 1594,

passados quatorze annos depois da morte de Camões, honrado a sua sepultura ignorada com uma lapide, o italiano Carlos Antonio Paggi, justificou esta tardia homenagem, por que *«suo stretto amigo, stato absente alla sua morte.»* De facto todos os fidalgos que eram suspeitos ao partido castelhanista de sentimentos patrioticos eram mandados saír de Lisboa para governos e capitanias. Paggi, o traductor da *Lusiada italiana,* ainda colheu a tradição de ter sido o cadaver de Camões lançado á vala dos pestiferados: *«Giaquero l'ossa, secondo molti, in vergognoso e aperto piu campo che cimitero, se non insepolto, certamente senza honore de sepeltura...»* A phrase mais campo aberto do que cemiterio, refere-se ao denominado Adro da Peste da *encosta de Sant'Anna;* por aqui se vê que os ossos levados para a Egreja de Sant'Anna, depois de laboriosas pesquizas, não tinham authenticidade, limitando-se a homenagem a uma inscripção pomposa. D. Gonçalo Coutinho deveu a sua cultura poetica a Diogo Bernardes, respondendo-lhe em umas Sextinas:

> Só vós me daes a mão para ir ao monte
> Do qual nunca acertar soube o caminho.

O cantor do *Lima* era o confidente dos seus amores por *Armia,* consultando-o nos desgostos de namorado:

> Diogo, amigo meu, meu bom Diogo,
> Pois de amor tens cantado variamente,
> Ora em estado triste, ora em contente,
> Um conselho me queiras dar, te rogo.

Abrazo-me de amor em vivo fogo;
E aquesto que mais alma triste sente,
E' vêr tão fria a causa do accidente,
Que está d'este meu mal fazendo jogo.

Dei já de meu amor mil claras provas,
Com lagrimas cem mil tenho lavado
A culpa que me deu a minha *Armia*.

Estas da vida minha são as novas;
Aconselha-me tu, se n'este estado
De meu remedio tenho melhoria?

Bernardes aconselhava-o a que não desistisse do amor, porque por elle se sublimava no sentimento poetico.

Coutinho, em tudo puro, em tudo brando,
E nos amores teus mais brando e puro;
Com teu felice engenho o pé seguro
Moves pelo Parnaso caminhando.

Armia era uma gentil viuva de Jorge de Mello da Cunha, D. Maria de Oliveira, filha do Desembargador do Paço, Manoel de Oliveira, juiz da Fazenda do rei D. Sebastião; com ella casou o senhor e morgado dos Vaqueiros, vivendo ahi em um bem estar edenico que Bernardes descreve na sua Carta XXVII:

Concede-vos ahi a noite e o dia
Branda conversação, casta, suave
Com vossa bella esposa em companhia;

Ella do peito seu vos deu a chave,
Vós lh'a destes tambem do peito vosso,
E assi não tem amor de que se aggrave.

D. Gonçalo Coutinho fôra capitão de Mazagão e escreveu um livro da *Jornada e Governo de Africa;* foi Governador do Algarve e do conse-

lho de estado de Philippe III. Morreu em 1634 deixando colligidas as suas obras poeticas, que se conservaram na livraria do Cardeal-Arcebispo D. Luiz de Sousa, d'onde passaram para a Livraria do Duque de Lafões, em parte ainda conservada. Quando em 1595 com o titulo de *Rimas* se imprimiram os versos lyricos de Camões, o livreiro Estevam Lopes dedicou a D. Gonçalo Coutinho o livro em que se iniciou a reconstrucção do perdido *Parnaso*. É lamentavel, que tendo convivido D. Gonçalo Coutinho com Camões, e sendo tão solicito em escrever memorias dos seus governos e cartas, e em aproveitar-se das recordações de Bernardes e D. Manoel de Portugal sobre a vida de Sá de Miranda, não fizesse o mesmo colligindo os traços vivos da biographia da individualidade que mais alto nos representa.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita. — Destaca-se entre os poetas seus contemporaneos pelo sentimento nacional, acordado pela emoção dos *Lusiadas*, que o interessou pelas despedaçadas lyricas camoneanas. Era natural de Lisboa, filho do licenciado Manoel Alves, tendo nascido em 1562, como se infere da sua matricula aos dezaseis annos na Faculdade de Direito em 1578. Não tem o poeta o nome de Soropita na matricula da Universidade de Coimbra, que se continua regularmente até 1583-84. Seria uma alcunha escholar, pelo que se lê no *Hospital das Lettras:* «Fernão Rodrigues Lobo, a quem dis-

seram o *Zarapita...»* Já em Lisboa, seguindo a advocacia, teve de fugir em 1589 diante da invasão ingleza, indo para Thomar; Philippe II mandou occupar Lisboa por trez mil castelhanos. O terror era geral e foi por sobresaltos da familia, que Soropita se evadiu e principalmente pelas execuções terriveis que se fizeram. No meio de tantos terrores, nunca Soropita perdeu o seu genio chocarreiro e o estylo faceto, que contrahira em Coimbra na desenvoltura escholaresca. As suas cartas e prosas lembram por vezes o estylo epistolar de Camões adquirido no mesmo meio; os seus versos pertencem em parte a esta primeira maneira, como os do *Vejamen* a dois lentes da Universidade, e a Satira: *Ao som de um berimbáo Luiz cantava*, feita a um preto, escravo de um seu amigo. [1] Esta maneira achase ricamente documentada com prosas ineditas no ms. *Flores varias de diversos Authores lusitanos*, que um dia se fundiram no pequeno volume publicado por Camillo. Tendo regressado a Lisboa, o *Licenciado Soropita, Advogado n'esta Côrte* (assim assigna no prologo das *Rimas* de Camões em 1595) teve relações com todos aquelles poetas, que tocados pelo sentimento nacional consagravam o cantor dos *Lusiadas*, D. Gonçalo Coutinho, Diogo Bernardes, Diogo Taborda Leitão, Luiz Franco Corrêa, Fernão Alvares d'Oriente,

[1] Juromenha publicou esta Satira como anonyma e dirigida a Camões, pela illusão do nome de Luiz e da lenda da cativa Barbara.

André Falcão de Resende, D. Manoel de Portugal, Bernardo Rodrigues. N'esta phase o seu amor pela causa nacional revela-se por uma vehemente Satira em quadras contra os traidores que venderam a Patria a Castella:

> Já que teu senhor passado
> Sobre ti em pleito andou,
> *Agora que te comprou,*
> Has de pagar o fiado...
>
> *O som do metal cobarde*
> *Abateu todos os mais;*
> E são suas forças taes
> Que n'elle o fogo não arde.
>
> Mas, ai dos lobos guerreiros!
> Fica sendo o mal singelo,
> Porque *cobras de capello*
> Bebem sangue dos cordeiros.

As lyricas camoneanas foram copiadas «*de alguns Livros de mão, onde estas obras se achavam espedaçadas*... vae assi como se achou escripta, e muito differente do que houvera de ser, se Luiz de Camões em vida a dera á impressão.» Em 1597 Soropita entregou-se de vez á advocacia, imprimindo allegações de Direito, em 1605 continuava n'este genero de escriptos. Sob a depressão dos abalos moraes da sua epoca cultivou a poesia mystica, e na Elegia *Penitencia de Soropita*, representa o estado do espirito portuguez, inferindo-se d'ella que professara nos franciscanos da Arrabida, antes de 1619, trazido ao estado religioso por Fr. Agostinho da Cruz segundo uma Ecloga sua.

Estacio de Faria. — Camões celebrou em um admiravel soneto este poeta e soldado, que alimentava a sua inspiração pelo amor de uma mulher. Assim no Soneto CXCII exalta-o carinhosamente:

> Agora toma a espada, agora a penna,
> *Estacio* nosso, em ambas celebrado,
> Sendo no salso mar de Marte amado,
> Ou na agua doce amante da Camena.
>
> Cysne canoro per *Ribeira* amena
> De mi para cantar-te é cobiçado;
> Porque não podes tu ser bem cantado
> De ruda frauta nem de agreste avena.

Estacio de Faria, filho de D. Catherina de Faria e de Manoel de Sousa Homem, foi creado em casa de seu avô João de Faria, Chanceller-mór do reino e Commendatario de Pombeiro; serviu nas armadas commandadas por Diogo Lopes Sequeira, occupou cargos da Fazenda e teve assentamento nos livros das Moradias. No Nobiliario ms. de Meyrelles de Sousa, lê-se: «*Foi douto em letras humanas, grande e luzido poeta e um dos singulares cortezãos do seu tempo.*»

A allusão do verso de Camões á *Ribeira amena* teve a sua realidade em Francisca Ribeiro, dama do Couto de Pombeiro de Entre Douro e Minho, da qual houve uma filha Luiza de Faria, que pelo seu casamento com Amador Perez de Eyró nasceu o que havia de ser o acerrimo commentador de Camões. Manoel de Faria e Sousa lembra-se de ter visto entre os papeis que seu pae deixara, «un manuscripto de *prosas e versos,*

obra que tuvo per de mi abuelo, por aver el sido de grande ingenio...» O gosto camoneano que n'esse livro predominava fez com que o commentador imaginasse que seria o *Parnaso* roubado a Camões.

Bernardo Rodrigues. — D'este poeta amigo de Camões, que transmittiu a tradição de um projectado poema sobre o futuro triumpho da empreza africana escreve Faria e Sousa: «hombre de grande ingenio como se vê de sus versos, y de mucha verdad y limpeza.» D. Francisco Manoel de Mello na *Visita das Fontes* falla d'elle: «eu conheci *Bernardo Ruiz*, que chamam o Môcho e foi secretario do famoso Miguel de Moura, o mayor ministro de Portugal em seus tempos, e governador d'este reyno...» Attribue-lhe o Soneto as trez Balatas e a Ecloga que sob as iniciaes D. B. R. vêm na collecção publicada por Estevam Rodrigues de Castro, que Barbosa encampa a Bernardim Ribeiro. No *Elogio dos Poetas portuguezes*, por Jacintho Cordeiro, foi-lhe prestada homenagem:

> De *Bernardo Rodrigues* luz y el fruto
> De versos, de conceptos y de frores,
> Coronas del laurel por atributo
> A tal ingenio quedan inferiores.

João Pinto Ribeiro, no *Lustre ao desembargo do Paço*, transcreve um dos *Tercetos ao SS. nome de Jesus,* tambem citados por Barbosa *(Bibl. lusit.,* I, 537.)

Pedro da Costa Perestrello. — Achou-se no combate de Lepanto, em 1571, com o posto de Capitão, celebrando-o em um poema épico em seis cantos com o titulo de *Batalha Ausonia,* em outava rima em castelhano, dedicado a D. Pedro de Toledo, quinto marquez de Villa Franca. Gallardo no seu *Catalogo de una Biblioteca española,* dá noticia d'este poema inedito; do exemplar autographo transcreve a dedicatoria, que apresenta estes traços autobiographicos:

Los yerros de mi vana juventud
Y fruto de mis años mal perdido
Mil versos derramados sin virtud,
El sugeto damnado esclarecido,
Verguenzas de mi pobre senectud,
Entregues con razon á eterno olvido
. . . .

D'esses versos de amor, que Perestrello considerava a vergonha da sua velhice, apenas escaparam umas redondilhas na pequena collecção dos seus versos impressa em 1791 por A. Lourenço Caminha, examinada pela Meza da Commissão geral sobre o Exame e Censura dos Livros. [1] Transcrevemol-as como caracteristicas:

Fez-vos, senhora, a Ventura
Muito dura e rigorosa;
Porém, fez-vos mais fermosa
Que rigorosa e que dura.

[1] *Obras ineditas dos nossos insignes Poetas.* Pedro da Costa Perestrello — fielmente trasladadas dos seus antigos originaes. t. I, p. 1 a 91. Lisboa, 1791. In-8.°

Volta

Fez vossa figura bella,
E depois de a fazer
Arrependeu-se, de vêr
Que ereis mais fermosa que ella;
E então de inveja pura
Deu-vos dura e rigorosa,
Porém fez-vos mais fermosa
Que rigorosa e que dura.

De tão rara e peregrina
Perfeição, só se espera
Por natural não ser féra
E ser branda por divina.
Furtae a volta á Ventura,
Que se vos fez tão fermosa,
Como adultera invejosa
Vos quiz rigorosa e dura.

N'esta phase amorosa da sua juventude cultiva já a eschola italiana, e o Soneto *A uma Dama*, que começa: *Si gran gloria me viene de mirar-te*, foi publicado em 1616 incluso nas *Rimas* de Camões. A corrente do fanatismo castelhanista da Santa Liga absorveu completamente Perestrello, a ponto de equiparar Philippe II com Cesar (que subjugou a Lusitania):

.... as Aguias co'a victoria
De novo exaltarão *tuas santas Quinas*,
Dino por ellas de immortal memoria;
De Julio Cesar renovando a Era,
Novos Homeros cantarão tua gloria.

Perestrello acceitou a ignominia, e foi secretario do Cardeal Archiduque Alberto posto por Philippe II no governo de Portugal. É n'esta triste depressão moral que se entrega á poesia ascetica, traduzindo em tercetos alguns trechos do *Livro de Job*, Odes horacianas e Sonetos mo-

raes. Merece conhecer-se o Soneto que começa:

Dos annos mal gastados pede *conta*
Aos mortaes o grão Senhor do *tempo;*
A conta é larga, e tão breve o *tempo*,
Que não ousam chegar a lhe dar *conta* [1].

Na *Satira, que o Secretario fez a Madrid e sua Côrte estando n'ella*, de que Barbosa apenas aponta o primeiro verso, descreve o planalto, sem comprehender que d'elle provém todo o impulso absorvente do imperialismo castelhano:

Prado tienes de plazer
Cercado de bosque ameno
Fuera de ti como ageno.
Porque ansi fué menester,
Para ser el prado bueno,
Secas de verano el rio,
Llevas do invierno la puente
Eres seco indifferente,
Eres mas que el hielo frio,
Mas que la frágua caliente
Quien te busca no te alabe,
Si no despues que te viere.
Que dirá si sabio fuere,
Quien te quiere no te sabe,
Quien te sabe, no te quiere.

(*Op. cit.* p. 51.)

---

[1] A fórma mais antiga dos numerosos Sonetos da *Conta e tempo*, é de 1557 por Sá de Miranda, em castelhano (na *Egypciaca Santa Maria);* e ainda no seculo XVI, a de Miguel Leitão de Andrade *(Miscellanea*, p. XVI); de Martim de Castro do Rio (Ms. da Bibl. de Evora); e os de Frei Bartolomé Serrano, Ms. de 1680; e de Almazan (Bibl. de Paris); e o de Frei Antonio das Chagas. *(Est. da Edade Media.)* Lope de Vega tambem o adoptou, e no seculo XVIII, Verney o colligiu com variantes.

Francisco Galvão e *Manoel da Veiga Tagarro.* — Á casa de D. Theodosio II, duque de Bragança, pertenceram estes dois poetas camoneanos. A memoria de Camões não podia apagar-se n'aquella casa ducal; o poeta celebrara, ainda em Coimbra, D. Theodosio, no seu regresso da romagem a Compostella ao albergar-se no mosteiro de Santa Cruz, e D. Constantino, quando vice-rei da India em 1561. O sentimento nacional alentava ahi uma esperança de independencia; a situação dos dois poetas acordava-lhes a comprehensão de Camões. Francisco Galvão nasceu em Villa Viçosa em 1563; estribeiro do duque, a convivencia com D. Duarte, marquez de Franchilla, seu irmão, e tambem poeta, actuaria na sua cultura artistica. Era de 1584 o manuscripto das Poesias de Francisco Galvão copiadas por A. Lourenço Caminha; trez Sonetos d'esta collecção apparecem no Cancioneiro de Luiz Franco em nome de Camões, e com variantes nas edições das *Rimas* de 1616 e 1685. Um quarto Soneto vem na *Lusitania transformada.* Predomina em Francisco Galvão o sentimento religioso, proprio de uma epoca de profundos abalos moraes e sociaes. As *Trovas de hum homem aborrecido do mundo,* tem a vibração das Redondilhas de Camões depois do seu naufragio.

Manoel da Veiga Tagarro, nasceu em Evora, e ahi na Universidade fundada pelo Infante D. Henrique cursou Canones e Direito civil, desenvolvendo-se uma paixão de uns amores em

seus doze annos, que se tornou o drama da sua vida. Na collecção dos seus versos, *Laura de Anfriso*, a realidade do sentimento vence as duas correntes do lyrismo gongorico e italiano, inspirando-se das situações soffridas:

> As Rimas *em grilhões foram nascidas*
> E *entre Leis e Digestos* mal polidas.
>
> *(Op. cit.*, p. 257.)

E descreve a origem d'esses amores prematuros:

> Vós sereis testemunhas, se quizerdes
> *Do meu primeiro amor*, rios de prata
> Que correis para o mar despedaçados.
> *Escassamente entrados*
> *Tinha doze annos na florida edade*
> Já cantando movia
> O monte a saudade.
> Já os ramos tocar do chão podia.
>
> (*Ibd., p. 6.*)

Era um quadro que lembra o de Crisfal e Maria: a namorada era de alta linhagem e de prestigio historico:

> Uma alta Lusitana,
> Filha de um excellente
> Que illustrou Portugal com nome ingente.

Quando as cousas pareciam encaminhar-se para um venturoso hymeneu, a namorada recolhe-se a um convento inesperadamente, e o poeta na sua angustia deserta da casa paterna, abandonando o estudo da Theologia:

Em mi perdido andei mesmo em deserto;
Minha alma estava feita um labyrinto,
Sepultadas em dôr minhas potencias,
Levar-me de um tormento em outro sinto.
Tudo era magoa, tudo desconcerto,
Tudo rigores, tudo violencias!
    Ah, crueis insolencias.
Oh asperas prisões, oh duros laços!

O joven escholar eborense foi procurado na sua aventurosa digressão e pela auctoridade paterna submettido a carcere privado durante cinco mezes, tendo por unica luz apenas a do luar:

Eu só triste, affligido e descontente,
Atado em dura e aspera corrente,
    Dos grilhões faço lyra,
E o carcere tambem chora e suspira,
    Vendo que um breve instante
Me não deixa o tormento penetrante.

Quando o poeta se submetteu á disciplina paterna, a namorada soffria uma perigosa doença, mas salvou-se em um estado moral, que a determinou a adoptar a vida da clausura:

De grosso saco e aspero cilicio
    Já Laura se vestia,
Quando ao summo Deus de si fazia
    Suave sacrificio.
    Que edade de flores
Tendo com Christo Amor doces amores.

(*Ib.*, p. 235.)

Na sua vida claustral, a sentimentalidade mystica levou-a á idealisação artistica, e entregava-se á *pintura*, produzindo quadros que a tornaram admirada. Anfriso descreve esta circumstancia, que põe a descoberto o nome d'essa dama illustre:

Ornamentos de *telas* singulares
Laura fazendo está para os altares;
Já move em campo de ouro
A mão, que era de graças um thesouro:
Tão proprio nas *pinturas*,
Que as arvores tem voz, alma as figuras.

O poeta em trez estrophes aponta o assumpto de algumas d'essas telas:

Alli pinta subtil o engenho vario
Aquelle eterno tempo imaginario
A Trindade ali pinta...

Pintou o azul do mar e as arenosas
Praias pintou com pedras preciosas...

Alli pintava o campo damasceno
Antigo berço do Adão terreno;
Alli trazia vedado
Escamoso Dragão n'elle enrolado;
Alli pinta sobre aguas
Aquelle que é allivio a nossas maguas.

Deve existir na historia da Arte portugueza do fim do seculo XVI o nome de alguma dama, que corresponda a esta que o poeta idealisou na *Laura de Anfriso* nos versos alegoricamente:

Formosa *Margarita* em vaso de ouro,
Das graças em geral vivo thesouro,
A um claro ajuntamento
Podera ser estrella e ornamento;

De *D. Margarida de Noronha*, escreve Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal* (p. 152): «Esta donzella pinta tão bem a oleo, illumina com tanta perfeição, que espanta aos maiores mestres da arte.» Era natural de Evora, e filha de D. Francisco de Noronha, segundo Conde de Linhares e de D. Violante de Andrade, dama da

Imperatriz D. Isabel. Na sua esmerada educação, conhecia as linguas latina, o francez, o italiano e inglez; era irmã d'aquelle joven amigo de Camões D. Antonio de Noronha, morto em 1553 no desastre de Ceuta.

Todos estes elementos historicos restituem a vida moral á *Laura de Anfriso;* Manoel da Veiga não se sente humilhado por D. Margarida de Noronha se votar á perpetua clausura na ordem dominica (Soror Margarida de Paulo), elle proprio approva e applaude a sua absorpção no amor divino:

.... oh bella Laura,
Emprega-me essa vida venturosa
Onde ella se restaura,
N'aquella cruz formosa,
Do piloto Jesus não gloriosa.

(*Ib.*, p. 215.)

Anfriso tambem abandona o mundo a seu exemplo, seguindo a vida religiosa:

Troca seda em burel, em pranto o riso,
Na altiva primavera o grande Anfriso;
Descalso e descoberto
Se mette nas entranhas de um deserto,
Onde uma cova pobre
O penitente corpo apenas cobre.

Refere-se á Cartucha de Evora; já n'esta vida do cenobio estreitou as relações com o duque D. Theodosio, a quem dedicou a Ecloga II *indo a Lisboa, na vinda de El-rei,* quando chamado por Philippe II, á côrte, sahiu de Villa Viçosa, chegando a Lisboa em 20 de Julho de 1596. O irmão do Duque de Bragança, D. Duarte, que

Philippe II conservava em Madrid, a quem dera o titulo de Marquez de Frechilla com quatro mil cruzados de renda, casando na Casa de Oropeza com D. Brites de Toledo Monroy y Ayala, em 25 de Fevereiro de 1596. Por occasião do baptismo de D. João, duque de Barcellos, seu sobrinho, o Marquez de Frechilla veiu a Portugal em 1604; por esta occasião colligiu e dedicoulhe os seus versos. Seria esse Luiz da Veiga, um dos amigos que trataram Camões em Moçambique, irmão do auctor da *Laura de Anfriso?* Na Ode á imitação de Horacio, Manoel da Veiga refere-se á partida para a India:

> Ligeira náo formosa,
> Que acometteis o *Indico Oriente*,
> Tão alegre e contente,
> Vendo os mares largos,
> De ter assento ethereo como o de Argos.
> . . . .
> *Um irmão me levaes*
> *Irmão que era metade da minha alma*
> Porque ides tão asinha?
> Ou por que me deixaes
> N'esta ausencia tão dura,
> Passando a saudade em vida escura?
>
> (*Ib.*, p. 96.)

Manoel da Veiga repassou-se da imitação de Camões:

> O grande engenho, *Homero lusitano*,
> . . . .
> Aquelle que na estirpe generosa
> Poz esmaltes tão ricos e perfeitos,
> Com partos de sciencia gloriosa;

Aquelle a quem seriam muito estreitos
Os cargos e excellencias, que a cadeira
Vai dando em Lusitania aos sabios peitos.

Então cantava a Frota aventureira,
Quando o grão Manoel, rei soberano
Poz sobre o mar castellos de madeira,

Canta como gemera o Oceano
E encolhera seus hombros cristallinos
Sentindo o grave pezo lusitano.

(*Ib.*, p. 51.)

Manoel da Veiga não chegou a vêr todo o effeito dos *Lusiadas* no acordar da consciencia nacional, na revolução de 1640. D. Margarida de Noronha, segundo Barbosa Machado, morreu em 1636 com oitenta e seis annos. Nascida portanto em 1550, pode tambem aproximar-se a data do nascimento do autor da *Laura de Anfriso*, que começou a amal-a aos *doze annos*. O Marquez de Frechilla era tambem poeta, e com Lope de Vega foi juiz no celebre Certame de Madrid em 1625 pelas festas da canonisação da Rainha Santa Isabel. Foi elle que provocou a publicação de *Laura de Anfriso*, por ser em portuguez, que Manuel da Veiga nunca abandonou sob o dominio castelhano.

Balthazar Estaço. — Natural de Evora, nasceu em 1570, e seguindo a vida clerical, foi conego da Sé de Vizeu, e amigo intimo do D. João de Bragança. Cultivava a poesia mystica em segredo, seguindo a *medida velha*, e por determinação do seu prelado, ajuntou esses versos que elle mandou imprimir. O apparecimento das *Rimas*

de Camões revelou-lhe o gosto do lyrismo da eschola italiana, chegando a reproduzir como centões muitos dos seus versos; assim na Ode com que se excusava ao trabalho de reunir os seus versos:

> *Como queres que cante*
> *A gente que não ouve?*
> Como queres que faça a Musa humana.
> Que minha voz levante
> E que com ella louve
> A quem com esperanças vãs me engana?
> Se a Musa profana,
> Melhor se premiára
> Não era o erro tanto
> Abaixar pelo premio d'alto canto;
> Mas se eu assi cantara
> Tivera o premio humano
> *Que teve o grão Cantor do Oceano*
> *Se a mente ás Musas dada*
> O premio lhe tirou
> Do esforçado *braço ás armas feito*.
> Como será estimada
> A Musa que cantou
> Fundada só no verso mal acceito?

No Soneto *A um irmão ausente*, sem duvida o antiquario Gaspar Estaço conego da collegiada da Oliveira, em Guimarães, deixa transparecer um pouco da sua personalidade apagada pela emoção mystica:

> Dividiu o amor e a sorte esquiva
> Em partes o sujeito em que moraes;
> Este corpo tem prezo onde faltaes,
> Esta alma onde andaes anda cativa.
>
> Contente na prisão, mas pensativa
> Por que este mal tão mal remediaes,
> Que vós commigo lá solto vivaes,
> E eu sem mim e sem vós lá prezo viva.

Mas lograes d'esse bem quanto lograes,
Que eu como parte vossa o estou logrando,
E sinto quanto gosto andaes sentindo,

Cá folgo, por que sei que lá folgaes,
Por que minha alma logra imaginando
O que lograr não pode possuindo.

(*Sonetos. Canç.*, fl. 28.)

Vasco Mousinho de Quevedo. — Pelas genealogias e matriculas da Universidade de Coimbra, sabe-se que era natural de Setubal, e filho natural do clerigo Vasco Anes Mousinho de Cabêdo, e neto de Gonçalo Dias de Cabêdo. Matriculou-se na Faculdade de Canones em 1589; provou os cursos *in utroque jure* (civil e canonico em 5 de Novembro de 1589, e de 8 de Julho de 1590 nas *quatro cadeiras grandes*, bem como os cursos de 1 de Outubro de 1592 e 19 de Junho de 1594.) [1] Pertencia á familia fidalga dos *Cabêdos;* por despeito e resentimento de o considerarem como *filho natural,* trocou o nome pela fórma castelhana *Quevedo*, contrariando o sentimento patriotico da familia, seguindo o partido castelhanista. [2] Nas suas poesias lyricas, principalmente os Sonetos, apresenta bastantes reminiscencias de Camões e o seu tom lyrico. Foram publicadas em 1596 com o seu poemeto

---

[1] Liv. IV, dos Autos e Provas de Cursos, de 1591 a 1594. P. 2.ª fl. 207. (Termos de Julho de 1594. Arch. da Univ.)

[2] Á familia Cabêdo pertenciam poetas, jurisconsultos, magistrados e lentes: Miguel Cabedo de Vasconcellos, Antonio Cabedo, Manoel Cabedo de Vasconcellos e Gonçalo Mendes Cabedo de Vasconcellos.

Discurso sobre a Vida e morte de Santa Isabel e outras Varias poesias. Amigo do primeiro biographo de Camões Pedro de Mariz, estas relações o levariam a tomar conhecimento d'aquelle surprehendente lyrismo. É um dos primeiros poetas quinhentistas em que se manifesta o gosto culteranista, principalmente no poema epico *Affonso Africano*, de 1611, empolgado pela emphase gongorica. Em Coimbra, concluiu o poema em outava rima *Vida de Santa Isabel*, terminando por uma allusão á Invencivel Armada que ia atacar a heretica rainha Isabel, que motiva o seu poema:

> *Isabel* escolhi por mais conforme
> A este tempo da impia *Isabella*,
> Para que a sua vida tão enorme
> Se confunda com esta vida bella.

O desastre de Alcacer-Kibir tambem tem aqui o seu ecco. Na dedicatoria do livro a D. Alvaro de Lencastre desculpa-se d'este seu delicto da mocidade: «desculpe-me a brevidade do tempo que n'isto empreguei a intervallos da obrigação do estudo, com os quaes é bem d'aqui por diante corresponder só, porque inda que agora me mostre Poeta, fruito colhido na passada edade, espero cedo mostrar-me jurisconsulto, fruito d'ella.» E mostra-se indifferente á critica: «quanto a mi como não grangeo venturas, nem as espero de trabalhos semelhantes, não ha que temer avêssos.» Apesar de considerar improductiva a poesia, foi sempre semeando em bajulações ao Reitor Antonio de Mendonça, e

ao Cardeal Archiduque Alberto, (Soneto, fl. 85) que ficou governando Portugal por ordem de Philippe II, seu tio e cunhado, e compondo o *Triumpho de Filippe III*, na sua entrada em Lisboa em 1616.

Balthazar de Brito e Andrade. — Mais conhecido pelo nome de Frei Bernardo de Brito, e pelo seu methodo historico imaginoso, crendo nas phantasias de Anio de Viterbo e de Martinus Polonus, com a erudição da eschola dos falsos Chronicões. Essa tendencia poetica teve o seu legitimo desafogo na sua mocidade accidentada. Nasceu na villa de Almeida em 1569, filho de Pedro Cardoso de Andrade e de Maria de Brito; seu pae andava como capitão nas guerras de Flandres, quando teve a fatalidade de ficar orfão de sua mãe, e tratou de mandal-o ir para a sua companhia. Contava então onze annos; em breve conheceu o pae as complicações de situação da criança, e tratou de o mandar para Roma, em 1581, por ter ali melhores recursos de educação. Nos poucos annos que se demorou em Roma, a vista dos monumentos da antiguidade despertou-lhe as curiosidades da historia: «E como n'aquella tenra edade me não sahissem das mãos os livros da historia, e me levasse a inclinação natural a buscar cousas antigas, ia-se-me accrescentando com os annos uma vontade entranhavel... para emprehender a composição de uma historia geral da patria...» Por um impulso do seu temperamento fugiu

de Roma e embarcou para Portugal sem o pae saber e veiu refugiar-se no mosteiro de Alcobaça, para seguir a vida monachal n'essa rica abbadia da Ordem de Cister. O pae faleceu em 17 de Agosto de 1585, e n'esse mesmo anno Balthazar de Brito professava contando apenas dezesseis annos, com o nome de Frei Bernardo de Brito, indo em seguida frequentar os estudos de Coimbra. Ahi sob a disciplina de Fr. Francisco Carreiro, entregou-se nos ocios escholares á poesia, fazendo *com boa elegancia obras em verso*, como declara o seu austero panegyrista Fr. Fortunato de S. Boaventura. Em 1589 foi frequentar o curso de philosophia no mosteiro de Tarouca; foi portanto n'este meio escholastico clerical do Collegio dos Bernardos de Coimbra, onde estudou theologia, que cultivou a poesia ora escrevendo em castelhano ora em portuguez seguindo o gosto camoneano, idealisando uma *Sylvia* e representando-se a si sob o nome de *Lisardo:*

> Houve um Pastor do Tejo, a quem ventura
> Fez em perfeições de alma tão ditoso
> *Que duvido achasse formosura*
> *Em rosto, que o fosse mais formoso.*

Lisardo é o requestado das damas, e *por desfavor de Sylvia mudou a vida e trajo*. É uma paixão *en l'air*, sem realidade, para exercicios de imitação rhetorica em Eclogas e Sonetos imitados de Camões, composições avulsas que os amigos guardaram por curiosidade litteraria. Passaram esses fumos poeticos, e como frade discreto, Fr. Bernardo de Brito foi a Madrid, cen-

tro do imperialismo iberico, offerecer a Philippe II o seu trabalho da *Monarchia Gentilica*, e em 1592 dirige-lhe umas Outavas castelhanas. Exhibia os seus titulos de erudição e de gosto para uma mitra. Em 1597 publicou Alexandre de Sequeira um pequeno opusculo de Sonetos, Canções e Redondilhas, com a continuação ou *Segunda parte do Sonho de Crisfal*, anonymo, com o titulo suggestivo de *Sylvia de Lisardo*. Bastava a continuação das *Trovas de Crisfal* para despertar o interesse dos cultos: é natural que os compiladores d'estas composições anonymas relacionassem essas situações sentimentaes com Frei Bernardo de Brito quando escholar. Era este interesse acordado no momento em que Frei Bernardo de Brito pretendia obter de Philippe II a nomeação de um bispado: a politica habil fundamentou a excusa em que lhe faltava a edade canonica dos *trinta annos:* elle nascera em 20 de Agosto de 1569, tendo portanto quando appareceu em 1597 a *Sylvia de Lisardo*, livro de amores profanos, apenas vinte outo annos; Fr. Bernardo de Brito, dava-se como nascido em 13 de Septembro de 1568, a roçar pelos trinta annos; mas Philippe II, foi cortando de longe as pretenções á mitra, encarregando-o por carta de 2 de Abril de 1597 de continuar a *Monarchia Luzitana*. Conservou-se sempre anonymo o auctor da *Sylvia de Lisardo* até ao meado do seculo XVII, chegando a dizer-se que Paulo Craesbeck fôra o seu auctor; D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das Lettras*, escripto em 1667,

moteja em um dialogo: «com pouca consciencia se atreveram alguns livreiros malvados a encadernar suas obras (de Camões) junto com a *Sylvia de Lisardo.* — Que *Sylvia*, ou *sylva* ou *selva* (allusão ridicula a *Sylvio Silves de la Selva)* he essa que não está no meu mappa... São certas obrasinhas de um Poeta nosso... Comtudo se affirma que era homem douto e *religioso*... Frei Bernardo de Brito, *Lisardo,* quando poeta.» Pelo seu lado Faria e Sousa tambem attribuia a *Sylvia de Lisardo* a Fr. Bernardo de Brito, justificando o anonymo, porque: «em Portugal saben los Religiosos *huyr de nombrarse* en escritos agenos de sus institutos...» Ainda no principio do seculo XIX o monge de Alcobaça Fr. Fortunato de S. Boaventura defendia o seu confrade do seculo XVI d'essa attribuição: «Quanto pude alcançar nas indagações que fiz sobre a genuinidade d'esta obra, digo e direi sempre que Fr. Bernardo de Brito não é o seu auctor; pois que elle cortando na flor dos annos pelas mais lisongeiras esperanças do mundo para se enterrar nos claustros de Alcobaça — *mandasse publicar versos amatorios...*» Com certeza quando a *Sylvia de Lisardo* foi impressa em 1597 por Alexandre de Sequeira como compilação anonyma, não foi por iniciativa de Fr. Bernardo de Brito, que nem talvez se lembrasse dos versos avulsos que espalhara nos seus ocios escholares fragmentariamente. A attribuição, que chegou ao meado do seculo XVII a D. Francisco Manoel de Mello e a Faria e Sousa, foi uma

perfidia habil das intrigas clericaes para excluirem o erudito frade da prelatura assoalhando copiosamente esse delicto sympathico da mocidade. A parte mais bella da *Sylvia de Lisardo* é a *Segunda parte do Sonho de Crisfal*, que figura em uma edição do *Crisfal*, de 1619 — considerada como reproducção da rarissima de 1571. — D'esta identificação se conclue que a linda composição fôra elaborada quando Brito tinha dois annos de edade e Christovam Falcão era ainda vivo.

Estevam Rodrigues de Castro. — Nasceu em Lisboa em 1559; D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das Letras* (p. 76) aponta-o entre os grandes medicos portuguezes do seculo XVI, tendo como Amato Lusitano de se refugiar na Italia porque «*tinha melhor Musa que fé*». Foi lente na Universidade de Pisa e Physico-mór do Grão-Duque de Florença. Por amor da lingua portugueza cultivou a poesia e transcrevia em um pequeno Cancioneiro os melhores versos que chegavam ao seu conhecimento; publicou-o seu filho Francisco Estevam de Castro, declarando: «posto que a maior parte são composições de meu pae, que quasi violentado lhe tirei das mãos, vão juntos alguns poemas de diversos, diversamente assignados, huns com nomes expressos... Basta-me com esta diligencia dar a cada um o seu.» Figuram assignando composições Fernão Rodrigues Lobo (Soropita), Jorge Fernandes o *Fradinho da Rainha* (Fr. Paulo da Cruz), D. Fer-

nando Corrêa de Lacerda (D. F. C. L.) e B. R. (que Barbosa Machado lia por Bernardim Ribeiro). Em nome de Estevam Rodrigues de Castro apparecem alguns Sonetos, que os editores das *Rimas* encontraram por manuscriptos em nome de Camões; outros que indubitavelmente lhe pertencem são verdadeiramente camoneanos pela perfeição artistica e por uma melancholia vaga que tanto o separa do modo de sentir dos seus contemporaneos. D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das Lettras* (p. 316) com um raro tino critico aproxima-o de Soropita: «Dois Rodrigues e... ambos poetas thizicos, *segundo são diminuidos seus volumes*... Fernão Rodrigues Lobo, a quem disseram o *Zarapita*... no espirito poetico que o informou, está são de todos os quatro costados. *Foi Poeta mestre,* e quando não escrevera mais que os seus desvarios (as *Prosas* burlescas) bem se vê que quem desvariando acertava por aquelle modo, quanto acertaria atinado!... E Estevam Rodrigues de Castro — este outro com um breve volume estampado em Florença.» Apesar de reproduzir o sentimento de Camões, Estevam Rodrigues de Castro bajulou Philippe II, em um Soneto, em que allude á sua vinda a Portugal em 1581:

> .... o grão Rey que senhorêa
> Ambas as Indias, *ambas as Espanha*
> ....
>
> Por vós aquelles ficam, a quem se estende
> Tal braço, olhos taes, *paga tal mão*,
> Bem governados, *vistos*, satisfeitos...

Segundo o auctor da *Bibliotheca Lusitana* faleceu este poeta em 1637; não viu o formal desmentido da revolução de 1640 em que fulgiu o sentimento redivivo da nacionalidade.

2.º *Os Lusiadas e as Epopêas historicas do seculo XVI.* — Os eruditos da Renascença confundiram as Epopêas organicas da Grecia com as Epopêas litterarias de Roma, adoptando a doutrina da *Poetica* de Aristoteles para a elaboração d'esta fórma mal comprehendida da poesia nas litteraturas modernas ou nacionaes. O elemento mythico, das epocas primitivas, foi convertido no artificio de ficções allegoricas ou o emprego de uma mythologia sem sentido, um ingrediente banal denominado o *maravilhoso;* o elemento historico, sem comprehensão synthetica baseava-se nos factos narrados nas chronicas para o engrandecimento de um monarcha, tornando-o pela bajulação um heroe. Taes foram as Epopêas da Renascença, trabalhadas por Trissino, Jeronymo Sempere, Luiz Zapata, Balthazar del Hierro, Alonso Ercilla, Ronsard e Torquato Tasso. Entre este torneio de poetas, compõe Luiz de Camões a Epopêa dos *Lusiadas*, sob as mesmas doutrinas litterarias, seguindo o modelo commum virgiliano, na lingua menos conhecida, e quando a sua nacionalidade era submettida ao castelhanismo; e esse poema atravessando ainda as deturpações da censura ecclesiastica, resôa como o Pregão eterno de um povo e do triumpho da Civilisação Occidental sobre

o Oriente. Como explicar este exito supremo? Pela mesma causa que immortalisou a *Eneida*. Embora ainda nos fins do seculo XIX, escrevesse Leon Gautier, que a *Eneida* era na realidade uma Epopêa inteiramente litteraria como a *Franciade* de Ronsard e a *Henriade* de Voltaire, acima de tudo está a intuição genial que teve Virgilio do *momento historico* da acção universalista de Roma *(Pacis imponere morem)* e o torna a consciencia do ethos de um grande povo. Essa comprehensão faltou a todos os poetas épicos da Renascença: Camões toma para o *momento historico* o feito que tornando imperecivel a memoria de Portugal, dava á sua patria a consciencia da alta missão de impulsora da Europa e de factor na marcha da humanidade.

Hegel, na *Esthetica*, fallando da elaboração épica na epoca da Renascença classica e scientifica, actuando n'ella as alterações religiosas, novos equilibrios politicos dos estados, mudança de costumes e relações sociaes, exemplifica-a com o poema de Camões, como uma das epopêas que tem por principio a cultura classica: «Com os *Lusiadas*, obra inteiramente nova pelo assumpto, porque elle canta as audaciosas emprezas maritimas dos Portuguezes, nós abandonamos a *Edade Média* propriamente dita, e achamo-nos levados a *interesses que annunciam uma Era nova*... Comtudo, aqui ainda, apesar do ardor do patriotismo e da verdade das descripções, tiradas ordinariamente da experiencia e do conhecimento pessoal da vida, apesar da *unidade perfeita da*

composição, faz-se sentir o desaccordo do assumpto nacional e da cultura artistica, tomada em parte aos antigos, em parte aos italianos, desaccôrdo que destróe a impressão de uma originalidade épica.» *(Esthet.*, IV, p. 383.) Ha aqui um preconceito de Hegel, considerando a Antiguidade classica e a Edade Média antagonicas, quando são a mesma Occidentalidade, cuja evolução competia á Renascença unifical-a em um destino consciente. Não o comprehenderam os eruditos no seu criterio exclusivo; mas sentiram os artistas geniaes essa harmonia das *Duas Almas*, e é essa uma das caracteristicas de Camões.

Sentiu a Antiguidade, não pelo emprego de uma mythologia, cuja vacuidade reconhecia, mas por essa *lucta entre o Oriente e o Occidente*, que Herodoto considerou a ideia fundamental da Historia, lucta fatal dos Gregos e dos Barbaros, especie de epopêa historica, que ainda não é Historia universal mas um preludio magnifico. D'aqui as analogias entre as Epopêas de Homero e a Historia de Herodoto, proseguidas pelos Poetas Cyclicos. O Oriente é representado pelos Persas, dominadores que vencem os Lydios, Babylonios, Medos, Egypcios, Thracios e Macedonios, esbarrando-se nos areaes da Lybia e nos desertos gelidos da Scythia, até *serem derrotados pelos Hellenos.*

Herodoto, nascido entre as Guerras Medicas, *em que a Grecia vence a Asia*, e a Guerra do Peloponeso, em que a Grecia se dilacerava, considera o passado em relação ao presente e faz

d'essa victoria o momento historico do mundo na sua epoca. Quando sob o imperialismo de Alexandre, se opéra a maravilhosa empreza da Asia e os seus triumphos são representados pelo Baccho indiano, celebrado nos Poemas alexandrinos, comprehende-se como Camões ligou o maravilhoso dos *Lusiadas* a esse dominador do Oriente, relacionando a empreza dos Portuguezes com essa primitiva e agora definitiva *missão occidental.* [1] As Cruzadas tinham sido apenas Episodios transitorios do heroismo occidental; o Descobrimento da róta maritima da India pelos Portuguezes puzera termo a essa lucta de seculos iniciando a alliança entre o Occidente e o Oriente, que é hoje a acção mundial das nações européas.

Por um pensamento immanente manifestavam-se em Portugal esforços para a realisação de uma epopêa; presentiu-a João de Barros, e Antonio Ferreira suscitava a Caminha essa as-

---

[1] O poema de *Alexandre*, tão popular na Europa da edade média, tem origens orientaes; conheceram-nas em Portugal por influencia das nossas relações maritimas com o Oriente. Em uma carta que Luiz Falcão escreveu de Ormuz a D. João de Castro, em 1546, vem citada uma *estorya de Allyxamdre:* «Alleyxes de carualho me dixe da parte de vosa s. que lhe mãodase *allyxandre* hem persyo: lla lho mãodo, haindaque has escreturas destes mouros, tenho-as por menos autentes que has nosas. Nese llyvro vam houtras *estoryas* ha-fóra has *d'allyxamdre*, has quays me parese que follguará mays com ellas etc.» A esta mesma historia allude uma carta de Garcia de la Penha: «Aleyxes carvalho pedio qua a el-rey e goazil hemires hum livro da *ystoria dalyxamdre*. Com muyto trabalho acharão hum, que lhe mandão.»

piração; Jorge de Monte-Mór projectava um poema do *Descobrimento da India Oriental;* chegou a metrificar uma narrativa do *Descobrimento de Vasco da Gama.* Esse bello thema indicado pelos chronistas quando comparam as expedições maritimas dos antigos com as viagens dos portuguezes, mal podia ser tratado por individuos educados sob um regimen de erudição *livresca* (como dizia Montaigne), sabios de gabinete, escrevendo em nobres ocios, como poderiam sem virilidade moral e independencia intellectual conceber a Epopêa de uma nação? N'esse meio culto em que os eruditos confundiam a toponymia portugueza com os nomes lendarios do Cyclo greco-romano, e as theorias politicas da *Monarchia universal* provocavam a realeza a estender a Fé e o Imperio pelos descobrimentos maritimos e conquistas longinquas, Camões soube tirar o colorido d'esses elementos eruditos, focando-o n'este titulo de *Lusiadas,* que desde 1531 tinha sido composto por André de Resende no seu *Erasmi Ecomium,* [1] escripto em Louvain e remettido para Friburgo, no verso

Nec tibi *Lusiadae* infensi, te noster adorat.

Era conhecida na tradição escholar a *Oratio pro rostris,* recitada na Universidade de Lisboa em 1534, na qual André de Resende torna a empregar o prestigioso verso dos *Lusiadas.* A re-

---

[1] Impresso em Basilêa em 1531, na Miscellanea *Carmen eruditum et elegans.*

sonancia ideal de uma sentida epopêa tomou corpo fóra d'essas influencias eruditas pelas impressões fortes da realidade dura, que o salvaram do pedantismo humanista em que se annullaram os outros poetas. Os *Lusiadas* foram elaborados nas emoções da mocidade de Coimbra, diante dos monumentos do passado e das maravilhosas tradições; contemplando as impressionantes Colgaduras dos *Triumphos da India* nos Paços da Ribeira, no desterro da côrte e angustiosa estação militar de Ceuta, na prisão de Lisboa, em que a piedade humana lhe faltava, refugiando-se na leitura da *Historia dos Descobrimentos* publicada por Castanheda em 1552, na tormentosa travessia para a India, nos cruzeiros do Mar Rôxo e do golfo de Meca, nos naufragios do parcel do Mar da China e da Costa da Cochinchina, sob a irresponsabilidade do *injusto mando* e miseria de Moçambique, e peior ainda, diante da *austera, apagada e vil tristeza* em que veiu achar a patria, avançando para o vórtice em que se afundava a sua autonomia. Tudo isto deu á linguagem dos *Lusiadas* uma commoção empolgante, e o tom grandiloquo na affirmação gloriosa da missão historica universalista da nossa pequena nacionalidade.

A Epopêa é escripta na *ottava rima* usada por Ariosto, com a estructura virgiliana; mas salva-a da imitação a impressão viva da realidade e o pensamento philosophico que pela idealisação do feito epico aproxima a Civilisação occidental do seu paradigma oriental. Baccho, op-

pondo-se ao descobrimento da India, é esse deus *Soma*, que sob a fórma do orgiasmo religioso de *Dionysos* veiu pela Thracia para a Grecia, e da Grecia sob a forma de Christianismo para a civilisação europêa. E Venus, patrocinando os portuguezes, é uma divindade maritima italica, da antiga Roma, continuada na incorporação do mundo por esta nacionalidade novo-latina. Uma intuição poetica profunda levou Camões a esta aproximação da Mythologia heleno-romana com o Christianismo, provocado por esse extraordinario phenomeno de conformidade entre os Mythos Kristna e as lendas de Christo, que no proprio *Roteiro* attribuido a Vasco da Gama e ao chronista Castanheda não passara desapercebida. Com incomparavel invenção artistica soube Camões agrupar em volta do facto historico, que constitue o poema épico, todas as bellas tradições lendarias das chronicas nacionaes, formando os mais encantadores Episodios; e animando a narrativa com a allusão ás suas desgraças pessoaes, e ás carinhosas affeições, ligando ao Pregão eterno os nomes de Heitor da Silveira (o Drago) de Gonçalo da Silveira e dos *temidos Almeidas*, por quem ainda o patrio Tejo chora. Na sua independencia de caracter condemna a iniquidade do rei D. Manoel contra Duarte Pacheco, e verbera a crueza de Affonso de Albuquerque mandando matar o joven soldado Ruy Dias por uma impulsão amorosa. Mas diante da *vil tristeza*, que impelle Portugal para o abysmo pelos delirios de uma criança fanatisada, elle

interrompe abruptamente os *Lusiadas* no doloroso grito *No mais, Musa.* O poema foi publicado no momento em que se augurava a ruina da autonomia nacional, mas n'elle se conservou o espirito da independencia que se revindicou na revolução de 1640.

No final da *Evolução das Sociedades ibericas,* synthetisou J. Augusto Coelho a acção exercida pelo poema de Camões na *funcção de perpetuar na esphera do ideal a Nacionalidade lusa:* «Sob a pressão esmagadora do Castelhanismo triumphante sossobrara — a autonomia politica de Portugal; mas a Nacionalidade, na sua essencia, ficou de pé. E ficou de pé como *Ideia* e como *Realidade.*

«Como ideia, manteve-a viva e luminosa o Genio de Camões, cristalisando-a e até ampliando-a no seu immortal Poema; como facto real, ficou todo esse conjuncto — a tradição viva do passado, as classes dirigentes, as massas dirigidas, a communidade de interesses, uma alma nacional definida, e finalmente essa cadeia unitaria de variados elementos, que n'um meio perfeitamente caracteristico, tantos seculos haviam creado. — Mas não foi apenas no mundo Ideal que a Nacionalidade persistiu; ella tambem de alguma maneira continua a viver sob o pezo do Castelhanismo, no terreno da realidade.

«Com effeito, quantos elementos fundamentaes constituem a base de uma Nacionalidade todos permaneceram intactos. Filippe II ao sujeitar ao sceptro hespanhol a nação lusa, pru-

dente e dissimulado como era, fel-o dando á conquista a apparencia de uma simples coexistencia de duas nacionalidades e não a da oppressão de uma pela outra. — E assim a instituição das Côrtes portuguezas ficou de pé; os Governadores do Reino são portuguezes ou membros da familia real; só a portuguezes são dados os empregos do Estado: só tropas portuguezas defenderão as praças de Portugal; todos os diplomas serão escriptos em lingua portugueza.» (*Op. cit.*, II, p. 615.) Sobre estes elementos que se atrophiariam, Camões manteve na esphera ideal a Nacionalidade lusa; teve o dom de provocar a *sympathia social*, é esse o caracter do seu poema, que não se atraza, porque exerce cada vez mais o grande influxo da convergencia affectiva.

Camões e o Sentimento nacional é um dos mais curiosos problemas da Sociologia, porque partindo do facto — como uns aggregados de povoações cantonaes chegaram á unificação de Patria pelo amor do seu territorio, a necessidade de mantel-o em independencia obrigou-os a uma acção commum, a um ideal collectivo que fortifica o sentimento de Patria em Nacionalidade. No seculo XII, como notou Herculano, já o nome de *portuguez* destacava as povoações de Cidades livres, que a realeza submetteu por contracto defensivo á subordinação monarchica; porém, uma Patria portugueza sómente apparece em toda a plenitude do sentimento no heroismo da victoria de Aljubarrota e na idealisação do *santo Con-*

destavel. A actividade maritima que levou os portuguezes a procurarem no Atlantico a liça para o esforço, e a apoiarem pelas descobertas maritimas a exiguidade do territorio, fez com que essa Patria, pequena mas muito amada, se convertesse em uma fecunda Nacionalidade. Tal é a synthese das navegações portuguezas e da descoberta do caminho maritimo da India. Camões deu expressão a este sentimento que transformou uma Patria em Nacionalidade historica. O valor da sua epopêa está n'este poder de concepção e na sublimidade da expressão esthetica, que torna os *Lusiadas* uma creação typica da arte moderna.

O genio de um escriptor, não se revela completamente pela sua obra, nem esta se aprecia pela belleza a que dá expressão; mas pela sympathia social, que desperta, e que é a sua consagração, fica em plena evidencia a intenção e capacidade esthetica do artista. Toda a obra de arte, produzindo a sympathia social realisa o fim das creações estheticas, elementos constitutivos de uma synthese affectiva. A obra de Camões adquire de época em época mais valor, porque a sympathia social que o poeta provocou com ella, ainda se não extinguiu, apesar de terem envelhecido as fórmas da linguagem, o estylo mythologico da Renascença, a organisação social que celebrava, e de se ter obliterado o pensamento nacional que nos levava ás descobertas geographicas e á expansão colonial. A sympathia social suggerida pela obra de Camões, começou muito

antes do interesse que lhe ligaram os eruditos; e nunca se extinguiu, mesmo nas crises mais profundas do sentimento nacional, quando parecia apagar-se nas consciencias. Quando este sentimento se vivificou, na transformação das instituições politicas, a sympathia social pela obra de Camões augmentou de intensidade, chegando ao ponto de identificar-se com o sentimento nacional. E o momento sublime e claramente comprehendido d'essa identificação, foi a festa triumphal do terceiro Centenario de Camões. N'esta comprehensão a sciencia europêa precedera-nos estudando Camões como o symbolo da civilisação portugueza.

Depois da publicação dos *Lusiadas* em 1572, manifestou-se uma efflorescencia de Poemas épicos em 1574, 1578, 1588, 1589, 1594 e 1598; aconteceu a Camões, o *Homero das Linguas vivas,* o mesmo que ao velho Homero com os Poetas Cyclicos, como tambem a Virgilio, suscitados pela *Eneida,* Lucano, Stacio, Silio Italico e Valerio Flaco. O primeiro d'estes poetas chronistas que affectaram desconhecer Camões, é:

Jeronymo Côrte Real, filho de Manoel Côrte Real, capitão da Ilha Terceira, e de D. Brites de Mendonça, neto de D. Maria de Baçan, e aparentado com a principal fidalguia hespanhola, o que influiu para que versejasse por vezes em castelhano. Depois de ter seguido a vida das armas nos póstos militares da Africa e da India, recolheu-se em 1571 a Evora á sua vivenda abas-

tada do Morgado da Palma. Casou por este tempo com D. Luiza da Silva, filha de Jorge de Vasconcellos, o Provedor dos Armazens, mui afamado poeta do *Cancioneiro geral*, e considerada Dama da fralda da rainha D. Catherina. Eram tios de sua mulher João Rodrigues de Sá, e Francisco de Sá de Menezes, capitão das guardas reaes e poeta da eschola mirandina. Em 1573 dirigia uma Epistola extensa em que dá conta a Sá de Menezes dos seus ocios litterarios:

> Passados quantos termos a ociosa
> Edade juvenil vae tropeçando...
> Me recolho no campo, e fui deixando
> O vão inutil tempo em que vivia
> *E ao estudo latino me fui dando.*
> Umas horas gostando da poesia,
> Buscando as duras guerras do Troyano
> E os naufragios do mar que padecia.
> Buscava tudo o mais que o Mantuano
> D'elle cantou com voz tão desusada,
> Mostrando-nos o engenho mais que humano.

E depois de descrever a vida descuidada e satisfeita do Morgado da Palma, aponta-lhe outras leituras que o distrahiam:

> Lia continuamente o que escreveram
> Salustio e Tito Livio apregoando
> As cousas que os Romãos então fizeram.
> ....justo seria
> *Dos nossos Portuguezes ir tratando...*
> *Uma fama e um nome eterno ao mundo,*
> E de Homero ou de Virgilio a poesia.

Não é natural que Jeronymo Côrte Real desconhecesse os *Lusiadas* publicados no anno anterior, que pagava esta divida de uma fama e eterno renome; esta omissão de Camões é inten-

cional. Lembrou-se de celebrar o *Segundo Cerco de Diu; estando D. João de Mascarenhas por Capitão da fortaleza:*

> Este Cêrco, que em Diu foi segundo
> Quiz escrever, assi como pudesse
> E o animo esforçado e furibundo.

Não se contentou com metrificar esses feitos heroicos, illustrou os secos versos com desenhos da sua aristocratica habilidade:

> Da minha propria mão a bellicosa
> Historia debuchei, e aquelle horrendo
> Castigo que fez vista piedosa.
> Não mais outro interesse pretendendo
> Que acudir ao que já se ia apagando
> E já quasi de todo escurecendo.

Na dedicatoria ao joven rei D. Sebastião em 1574 é mais explicito: «E porque a leitura é grande, debuxei de minha mão os combates, os socorros e tudo o mais que no decurso d'este trabalhoso Cêrco succederam, para que a invenção da pintura satisfaça a rudeza do verso.» Encareceram-lhe os contemporaneos o seu talento para a pintura; mas Raczinsky destitue-o de todo o merito. No fim da Epistola a Francisco de Sá de Menezes:

> Peço, com diligencia e com cuidado
> Queiras vêr este Livro que escrevi,
> Que a mi tanto trabalho tem custado.

Sahiram a louval-o com versos acompanhando o poema, Luiz Alvares Pereira, Francisco de Andrade, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes e D. Jorge de Menezes. Os *Lusiadas*

appareceram desacompanhados de todo o encomio em 1572; é um facto significativo. Pelo seu parentesco fidalgo, foi o poema do *Segundo Cêrco de Diu* traduzido em castelhano em 1597, quando Filippe II procurava pela litteratura unificar os dois povos.

Para lisongear Philippe II escreveu sobre a batalha de Lepanto, um poema em castelhano com o titulo *Victoria de D. Juan de Austria en el Golfo do Lepanto.* Na dedicatoria a Philippe II em 1576 garante-lhe o rigor historico: «Trabajé para aver para este effecto las mas verdaderas informaciones...» E acompanha o poema com uma pintura da batalha naval: «*debuxado de mi mano,* para que la verdad de las colores e la invencion de la pintura a que V. M. es inclinado, haga facil aquel peso y molestia de una lectura falta de invencion...» Philippe II agradeceu-lhe de Madrid, em 8 de Novembro de 1576: «Porque *en la carta mostraes el affecion que teneis a mis cosas,* y en la obra ingenio...» O despota era sufficientemente entendido em poesia e pintura para garantir-lhe a sua generosidade: «hallarés en mi la voluntad que vuestra persona merece.» O poema foi publicado em 1578 quando Jeronymo Côrte Real se aprestava ao chamamento de D. Sebastião para partir para a empreza de Africa, onde ficou cativo depois da tremenda catastrophe de Alcacer-Kibir, com seus dois sobrinhos filhos de D. Manoel de Portugal.

Depois do regresso do cativeiro, entregou-se todo a suavisar as saudades de sua esposa

D. Luiza da Silva; consta que elaborara um poema que intitulava *Perdição de El-rei D. Sebastião em Africa e das calamidades que se seguiram a este Reino,* que mais parece titulo de uma chronica. É natural que o poema ficasse em projecto, apesar dos quadros realistas que o impressionaram; mas para lisongear sua mulher entregou-se á composição do poema o *Naufragio de Sepulveda,* que depois da sua morte em 15 de Novembro de 1588, publicou seu genro Antonio de Souza, em 1594, que declara: «fez este discurso do naufragio de Manoel de Sousa Sepulveda e D. Leonor de Sá, sua mulher, vindo da India por capitão de uma náo por nome o *Galeão Grande, assy por ser esta senhora muito parenta de sua mulher D. Luiza da Silva, a quem elle muito amava...»* Caminha conheceu o poema manuscripto, celebrando-o em um Epigramma. É tambem em verso solto, seguindo n'isto a doutrina de Ferreira contra a rima; começa desde o nascimento de D. Leonor de Sá, da qual se namoram os Tritões, provocando o naufragio, para a possuirem! As trez estrophes dos *Lusiadas* no vaticinio das ameaças do Adamastor, são trez diamantes ao pé de tanto cascalho. Que profunda poesia na prosa da *Relação do naufragio do Galeão Sam João,* diante da versificação fria e rhetorica de Jeronymo Côrte Real. Como muitos que soffreram o cativeiro de Africa e assistiram á degradação da patria, cahiu na depressão moral e mental religiosa, entregando-se a versificar meditações asceticas

como o *Auto dos Quatro Novissimos do Homem, no qual entra tambem uma Meditação das Penas do Purgatorio,* que ficou inedito até 1768.

Luiz Pereira Brandão. — No Nobiliario de Rangel de Macedo vem os traços biographicos; era filho de Antonio Pereira Brandão e de D. Francisca das Neves. O poeta Fernão Brandão, que figura no *Cancioneiro geral* e foi camareiro-mór do Infante D. Fernando, era seu tio; e talvez por esse temperamento hereditario casou a furto em Lisboa com D. Lourença de Almeida, filha do capitão de Tanger Ruy Gil Magro de Almeida. Acompanhou D. Sebastião na expediçãão de Africa e lá ficou cativo, sendo resgatado pelo ouro philippino, como o manifesta a offerta do poema *A Elegiada* sobre a derrota de Alcacer-Kibir ao Cardeal-Archiduque Alberto, que governava Portugal por ordem de seu tio e cunhado Philippe II. O poema publicado em 1588, recebeu grandes elogios de Jeronymo Côrte Real, e era encarecido por quantos tentavam offuscar o poema de Camões. E comtudo a impressão dos *Lusiadas* reflectia-se em imitações, como a de recapitular a historia de Portugal, não como quadros completos mas como derramados discursos.

Francisco de Andrade. — Á *Elegiada* de Luiz Pereira, seguiu-se em 1589 o poema do *Primeiro Cêrco de Diu,* por Francisco de Andrade, mais conhecido como chronista, escolhido para substituir Antonio de Castilho na vacatura de Guarda-mór da Torre do Tombo, e por Philippe II no-

meado Chronista-mór do Reino por Alvará de 24 de Julho de 1599. O poema do *Primeiro Cêrco de Diu,* em vinte cantos em outava rima, é de uma monotonia invencivel pelo prosaismo aggravado por impertinentes epithetos para encherem o verso. Tambem se resente da impressão de Camões na ficção de uma Ilha encantada. (Cant. IX, not. 38). As suas composições lyricas ficaram ineditas, hoje perdidas; formavam um Cancioneiro, onde existiriam preciosas referencias historicas para a epoca quinhentista.

Vasco Mousinho de Quevedo.—Como lyrico já vimos a sua biographia; Camões tinha celebrado nos *Lusiadas* esse periodo cavalheiresco das expedições de Africa iniciadas pela conquista de Ceuta; Mousinho de Quevedo tratou no poema épico *Affonso Africano* uma parte d'esse Cyclo heroico, que estendeu Portugal para os *Algarves de Além-mar,* em Africa, deixando de ser um appendice de Hespanha, mesmo antes dos Descobrimentos maritimos. Appareceu o poema em 1611; viria lembrar as glorias passadas á extincta nacionalidade? Como o poeta não curou do assumpto idealisando os elementos objectivos ou historicos, allegorisou com intuitos moraes: D. Affonso V symbolisa o varão que a si se combate para avassalar a Cidade da Alma, sendo a mesquita a allegoria do coração humano! A bajulação ao jugo castelhano por Vasco Mousinho de Quevedo, mostra que não sentia a nacionalidade, e que a sua depressão mental só se exercia n'uma rhetorica moralista.

§ III

O Humanismo em Portugal

A grande crise da Civilisação da Europa no seculo XVI, denominada a Renascença, funda-se em dois factos capitaes: sae da *apathia ascetica* da Edade Media para a *actividade intellectual* pelo estudo das Litteraturas classicas e continuação do regimen scientifico dos mathematicos e astronomos gregos, e arroja-se á acção não de estereis Cruzadas mas dos Descobrimentos maritimos, que deram ao esforço humano um destino real, facilitando a concentração do Poder temporal fragmentado no Feudalismo, em uma Dictadura monarchica, que incorporou a burguezia como terceiro estado na sociedade moderna. A Gothia ou a Era medieval é supplantada pelo genio hellenico, que approxima as nacionalidades modernas em um mesmo ideal esthetico, um mesmo espirito scientifico e uma consciente independencia civil. Croizet, ao terminar a *Historia da Litteratura grega*, no seu occaso bysantino, chega a esta conclusão fundamental: «Este Hellenismo que desapparece, na realidade subsiste como um dos elementos mais duraveis e mais importantes do patrimonio moral da Humanidade. Envolto no olvido, mal comprehendido durante seculos, reapparece na Renascença com um fulgor admiravel, e basta que reappareça

para que o mundo seja transformado. Ante a sua presença acaba a Edade Média immediatamente: e eis que, ávida de pensamentos e de conhecimentos a sociedade, lhe lança como uma semente fecunda, todas as ideias que constituirão um dia a sciencia e a consciencia moderna. — Restaurado o Hellenismo, não diminuiu na realidade, porque as outras influencias que podem parecer succeder-lhe, não são mais do que a sua continuação. E por uma razão muito simples: é que o Hellenismo não foi mais do que o livre desenvolvimento da natureza, no que ella possue de melhor e de mais necessario. Ao encontral-o, a humanidade não fez se não achar-se a si propria e reatar a sua tradição.» *(Op. cit.,* t. v, p. 1066.)

A coincidencia dos dois extraordinarios factos, o descobrimento cosmico e renovação do mundo moral, torna o seculo XVI o maior seculo da historia.

Na sua complexidade a Renascença desponta no fim do seculo XV, como observou Lange, e continua-se pelo XVII na evolução plena dos seus aspectos, conforme as variadas crises da decomposição do Regimen catholico-feudal. Na transição do XV para o XVI seculo, a Renascença é essencialmente *philologica e artistica;* as luctas religiosas da Reforma, que perturbam todo o seculo XVI, pelo influxo dos estudos philologicos que se desenvolvem pelo humanismo, impõem-lhe o caracter *theologico;* e n'essa actividade critica do racionalismo fortificado pelos

resultados *scientificos* dos Descobrimentos dos Portuguezes, com a prova verificada da esphericidade da Terra, a Renascença torna-se *philosophica*, chegando no seculo XVII ás grandes syntheses subjectivas de Bacon e de Descartes.

A transição da Edade Média para a Renascença foi verdadeiramente o fim do predominio do Germanismo, preponderante desde o seculo V, e a reposição da cultura greco-romana na organisação social e na disciplina mental: a unidade romanica substituindo a unidade gothica. Prevaleceu o poder dos reis sobre a theocracia medieval, e a burguezia industrial sobre o feudalismo militar. Os grandes Descobrimentos maritimos impulsionaram a actividade pacifica e o desenvolvimento da classe média. Os reis, acharam-se naturalmente protegendo os estudos humanistas que tornavam conhecida a ideia do Imperialismo romano; e os cultores das bellas-letras, embora por vezes desprezassem as linguas vulgares ou nacionaes pelo emprego do latim ciceroniano, creavam a necessidade de imitar a belleza das fórmas classicas, que faltava ás litteraturas da Edade Média, e fundaram a solidariedade intellectual que se estabeleceu pela epistolographia entre todos os espiritos cultos que foram constituindo a *Republica das Lettras*, em todo o Occidente europeu.

A Renascença da Antiguidade classica iniciada pela Italia veiu imprimir um mesmo espirito nas Litteraturas romanicas, que se exerceu aproximando-as pela successiva hegemonia de

cada uma d'ellas sobre as outras, quasi sempre em correlação politica. A Europa torna-se assim uma grande Pentarchia intellectual: depois da hegemonia litteraria da França na Edade Média, segue-se na Renascença a hegemonia classica da Italia, succedendo-se no seculo XVII a hegemonia da Hespanha e da Inglaterra, e no fim do seculo XVIII, principios do seculo XIX, a influencia da Allemanha pelo Romantismo, actuando em todas as litteraturas occidentaes pela renovação das tradições nacionaes ou medievaes tomadas como os verdadeiros themas modernos da idealisação artistica.

Esboçado este vasto quadro nos seus contornos geraes mas decisivos, podemos descrever a Renascença portugueza, sem perigo de divagação estylistica. Apontando cada um dos seus aspectos, o *philologico e artistico,* o *theologico e critico,* e o *scientifico e philosophico,* reconhece-se que Portugal teve uma Renascença propriamente sua, em que imprimiu o *ethos* da sua raça, e em que revelou a estupenda energia da sua acção maritima, acompanhou com assombrosa fecundidade especulativa o Humanismo, nos estudos philologicos, historicos e pedagogicos. E o que é mais extraordinario, no seculo XVI, quando as tradições medievaes eram despresadas pelo prestigio das obras classicas, e a nacionalidade era atraiçoada pelos seus reis, que pelos casamentos castelhanos procuravam realisar a unificação iberica, adoptando quasi como lingua da aristocracia o *castelhano,* é n'esse se-

culo que se produz a edade de ouro da litteratura portugueza, em que se crearam os modelos classicos, ainda predominantes da época *Quinhentista*. O esplendor do genio portuguez na sua intensidade artistica não abrange todo o seculo; no seu primeiro quartel, os individuos mais cultivados e audaciosos são absorvidos pela actividade da Navegação e das conquistas; no ultimo quartel já estavamos a cahir sob a incorporação castelhana de Philippe II, realisada em 1580.

N'este periodo intermediario de cincoenta annos, é que o *sentir* e o *pensar* do genio portuguez, suscitado pela cooperação dos estudos humanistas na Europa, estabelece a disciplina grammatical da lingua nacional e realisa as belas creações da sua litteratura. Observa o illustre Guilherme de Humboldt: «A maneira de *sentir* e de *pensar* de um povo não pode deixar de actuar desde logo sobre a sua *lingua*. Sómente é preciso que o philologo saiba que a influencia d'este espirito nacional não se exerce unicamente sobre a fórma exterior; que elle tambem tem na lingua um dominio mais elevado, menos coercivel, em que mais transparece a sua verdadeira originalidade. — Ha nas linguas duas cousas: a sua *grammatica* e a sua *litteratura*, e ninguem contestará que é na litteratura que melhor se manifesta o seu espirito. Uma vez a lingua formada e prompto o instrumento a nação começa a servir-se d'elle. Alguns cantares, algumas orações e legendas são o fundamento da sua litte-

ratura. Assim a lingua chega ao uso dos poetas e dos philosophos, que a animam e vivificam, emquanto os grammaticos propriamente taes, dão a ultima mão ao aperfeiçoamento do seu organismo: a lingua adquire uma alma, ao passo que o seu corpo acaba de se formar. A lingua deve estar em um movimento e como em uma corrente perpetua, *remontando-se do povo aos escriptores e aos grammaticos,* e redescendo d'elles para o povo. É a condição da vida, e emquanto esta vida continúa, a lingua não cessa de se enriquecer e de ganhar finuras e delicadezas de toda a especie. Quando a actividade do espirito que trabalha incessantemente estacou, chega então o momento da sua decadencia, na qual os esforços de alguns homens de genio podem ainda reanimal-a.

«É sobre tudo nos periodos litterarios que a lingua recebe e manifesta o seu caracter, o seu genio. Então ella eleva-se acima das necessidades quotidianas da vida material para entrar na região do pensamento puro e da livre imaginação.» [1]

Estes pensamentos de Humboldt fazem comprehender como a lingua do povo, n'esta phase da Renascença portugueza, se disciplinou em grammaticas, e os escriptores quinhentistas fixaram a norma classica da lingua nacional.

---

[1] *Introducção e ensaio da Lingua kavi.*

A) Periodo philologico e artistico

A grande cultura hellenista de Sá de Miranda e o conhecimento do gosto italiano, não o embaraçaram de se apropriar da linguagem do povo, locuções e modismos, com que deu uma ingenuidade rustica mas bella ás suas Eglogas, e um tom patriarchal aos conceitos moraes. Jorge Ferreira de Vasconcellos é opulentissimo em dicções e phrases anexiristicas, que realçam na imitação da linguagem fallada nas suas comedias. A influencia de Gil Vicente foi mais profunda; pela natureza dos seus escriptos comicos, representando o viver das differentes classes da sociedade portugueza, era levado pelo seu genio creador a dar um vivo relêvo á linguagem popular, que se tornava archaica e obliterada. Nos seus Autos accumulam-se em abundancia os vestigios de uma lingua nacional substituida por um vocabulario erudito determinado pelas obras traduzidas e escriptas, que foram no seculo XVI principalmente de theologia, de moral e direito, coadjuvando o conflicto entre a tradição medieval e a erudição humanista.

Com auctoridade de grammatico duas vezes apparece citado o fundador do theatro portuguez; abonam-se com os seus escriptos Fernão de Oliveira e João de Barros. Conforme a tradição conservada pelos linhagistas, Gil Vicente fôra mestre de rhetorica do Duque de Beja desde que se achou indigitado para succeder a D. João II. O grande poeta comico era natural de Guima-

rães, na provincia do Minho, onde a lingua portugueza conserva um caracter archaico; vivendo em Lisboa, Santarem e Coimbra, com frequentes permanencias em Evora, os typos dos seus Autos fallam a linguagem da Beira e bailam as suas dansas, mostrando sempre um vivo conhecimento da dialectologia popular. Os factos o comprovam, basta volver qualquer pagina: *nego*, tornada conjunção é de um emprego habitual; umas vezes faz os futuros paraphrasisticos: «Azevias *trazerei*» *(Op.* III, 34); outras vezes contrae as formas verbaes: «Mas não sei se *querá*...» (II, 245): «E tu por que não *faes sôpas*...» (I, 139): «E assi o *faes* tu comego» (I, 140). As velhas expletivas da lingua põe-as em vigor: «E eu do bem *er* tambem, Ora vos *er* ides vendo... *A* segundo o que eu entendo» (III, 132); os participios em *udo*, já abandonados, usa-os como quem emprega um dialecto: «E o trigo era *creçudo*.» (III, 167). Imitando a morphologia popular, Gil Vicente torna certos verbos regulares: «Não *podo*, que estou pejada» (III, 260); faz imperativo do verbo haver: «*Ave* dó, senhor, te peço.» (III, 329); reproduz a forma archaica do superlativo: «Que dos *mui muitos* ciumes — Nasce o *mui muito* amor.» (III, 278); e a fórma da negação que se aproxima do *pas* francez: «*Nem passo* se esquecia.» (III, 350); e o substantivo *casa* tornado adverbio como o *chez* francez: «Porém mesmo *en cas* demorei.» (II, 422.) Assim dava a expressão do *sentir* portuguez, tornando a lingua

apta para expôr o *pensar* dos seus grandes narradores.

1.º *As Grammaticas de Fernão de Oliveira* (1536) *e de João de Barros* (1539). — Embora cite a auctoridade grammatical de João de Barros, Fernão de Oliveira, allude á sua iniciativa justificando-se do tentâme: «Quem não folga de dizer mal terá excusa com olhar a novidade da obra e como escrevi sem ter outro exemplo antes de mi, e isto mais excusará o defeito da ordem que tive em meu proceder, se foi errada.»

Posto que as ideias grammaticaes de Fernão de Oliveira estivessem viciadas por uma falsa comprehensão da origem ethnologica do povo portuguez, e derivasse a sua lingua das colonias romanas, e a sua erudição resultasse da auctoridade pedantesca citando indigestamente Marciano Capella, Nebrissa, Marsilo entre Cicero, Quintiliano, Marco Varrão e Probo Grammatico, é certo que a sua origem popular influiu bastante para possuir um conhecimento especial da lingua nacional. Na dedicatoria da *Grammatica da Linguagem portugueza* a D. Fernando de Almada, confessa o seu humilde nascimento: «Sou um homem baixo.» (p. 4.)

Fernão de Oliveira era natural da provincia da Beira, onde a lingua como a tradição poetica mantinham um caracter archaico; foi educado em Evora, considerada a capital da erudição humanista: «Sendo em môço pequeno fui criado em S. Domingos de Evora, onde faziam zombaria de mi os da terra, porque o eu assi pronunciava,

segundo que o aprendera na Beira.» (p. 114.) Mais tarde foi preceptor em casa de D. Fernando de Almada, que tambem era homem lido: «Aproveita seu tempo lendo bons livros para si, e no regimento de sua casa primeiro, cria com muito cuidado D. Antão seu filho, a quem Deus guarde e prospére, para cuja doutrina com muita despeza me trouxe a sua casa, e graciosa e cumpridamente me conserva n'ella.» (p. 4.) Aqui temos as condições especiaes de Fernão de Oliveira para assignalar as revoluções experimentadas pela lingua portugueza no primeiro quartel do seculo XVI. Elle nota o grande desleixo que os portuguezes tem pela lingua nacional, caracterisando o estado da indisciplina grammatical: «Já confessamos ser verdade o que diz Marco Varrão nos livros da *Etymologia*, que se mudam as vozes e com ellas é necessario tambem que se mudem as letras; mas não com tão pouco respeito como agora alguns fazem, os quaes como chegam a Toledo, logo se não lembram de sua terra, a que muito devem. E em vez de apurarem sua lingua, corrompem-na com emprestilhos, nos quaes não podem ser perfeitos. Tenhamos pois muito resguardo n'esta parte, porque a lingua e escriptura é fiel thesoureira do bem da nossa successão, e são, diz Quintiliano, as letras para entregar aos que vierem as cousas passadas.» (p. 18.)

Fallando da renascença dos estudos humanistas sob D. João III, prosegue: «porque já os priguiçosos não têm excusa, nem se podem chamar

remissos por falta de premio: e comtudo appliquemos nosso trabalho a nossa lingua e gente, e ficará com maior eternidade a memoria d'elle; e não trabalhemos em lingua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com bôas doutrinas que a possâmos ensinar a muytas outras gentes e sempre seremos d'ellas louvados e amados, porque a semelhança é causa de amor, e mais em as linguas. E ao contrayro vêmos em Africa, Guiné, Brasil e India não amarem muito os Portuguezes que antre elles nacem só pella differença da lingua: e os de lá nacidos querem bem a os seus portuguezes, e chamam-lhes seus, porque fallam assi como elles.» (p. 16.) Fernão de Oliveira presentiu vagamente que a lingua é um elemento statico que conduz á unificação nacional: «por que desfazem muito na gloria do çeptro e corôa do nosso reino estes, assi como cortam a perpetuidade d'elle os que de novo trazem nova lingua á terra: porque a lingua e a unidade d'ella é mui certo appellido do reino, do senhor, e da irmandade dos vassalos..., quanto de minha parte, segundo eu entendo eu juraria que quem folga de ouvir outra lingua na sua terra não é amigo da sua gente nem conforme a musica natural d'elle; etc.» (p. 72.) Visava o uso do *castelhano*. D'aqui tira Fernão de Oliveira a prova da necessidade de se estabelecer a disciplina grammatical da lingua portugueza: «é verdade que se não tivermos certa lei no pronunciar das letras não pode haver certeza de preceitos, nem arte na lingua; e cada dia acharemos

n'ella mudança não sómente no som da melodia, mas tambem nos sinificados das vozes...» (p. 25.) Estas duas alterações da lingua, notadas por Fernão de Oliveira, são o *Archaismo* e o *Neologismo*.

O velho grammatico observou o phenomeno do archaismo no portuguez pela estabilidade da dicção popular: «As dicções velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas... *ruão,* que quiz dizer cidadão, segundo eu julguei em um livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei D. João..., e chama-se *estoria geral;* no qual achei estas com outras anteguidades de fallar... Poys em tempo del rei D. Affonso Anriques *capapelle* era nome de uma certa vestidura, e não sómente de tanto tempo, mas tambem antes de nós hum pouco nossos paes tinham algumas palavras que já não são agora ouvidas; como *compengar,* que queria dizer, comer o pão com a vianda; e *nemichalda,* o que tanto valia como agora *nemigalha,* segundo se declarou, poucos dias ha, uma velha, que por isto foi perguntada, dizendo ella esta palavra; e era a velha a este tempo, quando isso disse, de cento e dezasseis annos de sua edade... *acarão* quer dizer junto ou a par; e *samicas,* que significa por ventura, e outras peores vozes ainda agora as ouvimos e zombamos d'ellas... muitas vezes algumas dicções, que ha pouco são passadas, são já agora muito avorrecidas, como: *abem, ajuso, acajuso, a suso,* e *hogano, algorrem,* e outras muitas; e porém se estas e quaes outras as mete-

ram em mão de um homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal; etc.» (p. 80 e 82.) Da observação dos phenomenos de archaismo da lingua, é Fernão de Oliveira levado para a comprehensão das fórmas dialectaes: «tambem se faz em terras esta particularidade, *por que os da Beira tem umas fallas, e os Dalentejo outras;* e os homens da Extremadura são differentes dos d'Antre Douro e Minho; por que assi como os tempos, assi tambem as terras criam diversas condições e conceitos; etc.» (p. 85.) «E tambem se este verbo *nego* servia em logar de conjuncção, e valia entre os velhos como *senão,* e ainda agora assi val na Beira.» (p. 118.)

O desenvolvimento dos neologismos era provocado pelos nóvos progressos da vida civil no seculo XVI; Fernão de Oliveira nota este facto; «o costume novo traz á terra novos Vocabulos; como agora pouco ha, trouxe este nome *picote,* que quer dizer burel; do qual por que de fóra trouxeram os malgalantes o costume, ou para melhor dizer o desdem de vestir o tal pano, trouxeram tambem o nome com esse costume; e *alquice,* tambem pouco é vestido da nossa terra, por isso tambem traz o nome estrangeiro comsigo. E *arcabuz,* ha sete ou outo annos pouco mais ou menos, que veo ter a esta terra com seu nome d'antes nunca conhecido n'ella.» (p. 69.) «Tornemos a fallar das dicções alheias, as quaes tambem com algum trato vem ter a nós como de Guiné e da India, aonde tratamos, e com arte não sómente quando a arte vem novamente a

terra, como veo a da Impressão; mas tambem nas artes já usadas, quando de novo usam algum costumes os alfayates em vestidos, e os sapateiros em calçado, e os armeiros em armas de novas feições, e assim os outros; porque os homens falam do que fazem, e portanto os aldeãos não sabem as falas da côrte, e os sapateiros não são entendidos na arte de marear, nem os lavradores d'Antre Douro e Minho entendem as novas vozes que este anno vieram de Tunis com suas gorras.» (p. 70.)

Estas tres correntes do *Archaismo*, da *Dialectologia* e do *Neologismo* são uma revolução menos radical, de que as modificações operadas nos *sons*, nas *fórmas* e *construcções* da lingua portugueza no seculo XVI, como vamos vêr pelas proprias observações de Fernão de Oliveira:

a) *As alterações phoneticas.* — Da mudança do *l* por *r*, fixando-se o seu uso no seculo XVI, diz o velho grammatico: «saberemos que a fórma e melodia da nossa lingua foi mais amiga de ser sempre *r* onde agora escrevemos ás vezes *l*, como: *gloria* e *flores*, onde diziam *grorea* e *frores*, e tambem outras partes com'estas.» (p. 35.) «...*pollo conselho de meus amigos*, em logar de *por o* conselho de meus amigos. *Pul-a mão*, por puz a mão...» (p. 42.) As alterações phoneticas d'esta época, correspondem ás duas correntes, a *popular*, que tende a modificar os sons latinos, e a erudita, que tende a restabelecel-os artificial e inorganicamente, como se vê em *trauto*, *auto*, substituidos no seculo XVI por

tracto, apto e *acto.* Na differenciação do portuguez medieval para o portuguez classico ou quinhentista, nota-se a queda do *d* medial nas segundas pessoas do plural dos verbos; ex.: *digades, digaes; faredes, fareis; sodes, sois.* Fernão de Oliveira nota a indisciplina da pronuncia da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser:* «o verbo substantivo, o qual huns pronunciam em *om,* como *som,* e outros em *ou,* como *sou;* e antes em *ão,* como *são,* tambem outros que eu mais favoreço em *o* pequeno (breve) como *so.* Do parecer da primeira pronunciação com *o* e *m,* que diz, *som,* é o mui nobre Joham de Barros, e a rasão que dá por si he esta, que de *som,* mais perto vem a formação do seu plural, o qual diz *somos.*» Preponderou a opinião de Fernão de Oliveira no uso definitivo.

b) *As alterações morphologicas.* — Decahiram do uso alguns suffixos, como o *mento,* tão peculiar dos substantivos no seculo xv; Fernão de Oliveira notou este facto: «os quaes velhos tambem foram amigos de pronunciar uns certos nomes verbaes em *mento,* como *comprimento, affeiçoamento,* e outros que já agora não usamos.» (p. 99.) Por effeito da imitação latina pelos eruditos, o emprego do suffixo *mente* nas formas do adverbio tornou-se mais raro: «e não todos os que sinificam calidade acabam em *mente,* por que já agora não diremos *prestemente,* como disséram os velhos, nem *raramente.*» (p. 98.) A fórma quinhentista era *présto, raro.* A fórma

em *om* dos substantivos passou para *ão*, complicando assim a formação dos pluraes: «se olharmos ao singular antigo que já tiveram, não mudam tanto como agora nos parece, porque estes nomes todos os que se acabam em *ão* ditongo, acabaram-se em *om*, como *liçom, podom, melom*, e accrescentando um *e* e *s*, formavam o plural *lições, podões* e *melões*, como ainda agora fazem; e outro tanto podemos afirmar dos que fazem o plural em *ães*, como *pães, cães*, dos quaes antigamente era o seu singular *pam, cam*, cujo testemunho ainda agora dá Antre Douro e Minho.» (p. 108). A alteração morphologica do infinito *poer* (ponere) em *pôr* é notada por Fernão de Oliveira: «este verbo *ponho, pões*, faz o seu infinitivo em *ôr*, dizendo *pôr*, o qual todavia já fez *poer* e ainda assim ouvimos a alguns velhos...» (p. 114.) Os participios dos verbos da segunda conjugação, que eram formados em *udo*, como vemos nos Cancioneiros e Ordenações Affonsinas, alteram-se em *ido* confundindo-se com os participios da terceira conjugação, posto que este phenomeno caracteristico do seculo XVI se manifeste já de épocas mais remotas.

c) *Alterações syntaxicas*. — As modificações na syntaxe de uma lingua não são tão faceis de dar-se como as phoneticas e as morphologicas, posto que sejam solidarias entre si; estabelecido uma vez o organismo de uma lingua, mantem-se, embora o vocabulario se renove completamente e a sua morphologia varie. A construcção syntaxica apenas está sujeita á influencia indivi-

dual, no que respeita ao estylo, mais ou menos elliptico e figurado. Na epoca quinhentista a lingua portugueza não soffreu alterações syntaxicas, transformando-se comtudo completamente o estylo; escriptores como Gil Vicente e Jorge Ferreira aproximam-se da elocução popular, outros imitam as construcções latinas, tomando Tito Livio como o modelo das narrativas historicas, Horacio e Virgilio como normas da linguagem poetica.

Fernão de Oliveira accusa os grammaticos do abuso da aproximação forçada da lingua portugueza da latina: «dando noticia dos *casos* a seus principiantes, e quam mal o elles entendam se mostra no pouco proveito que lhes com isso fazem, e mais lhes parecem que podem ensinar a fallar com cerimonias mudas.» (p. 101.) João de Barros conmetteu este erro na sua *Grammatica*, e o desvairamento erudito mostra-se no esforço de escreverem versos em portuguez podendo lêr-se com inflexão latina.

Poucos livros portuguezes estavam publicados, quando Fernão de Oliveira quiz constituir a nossa disciplina grammatical; precisava de auctoridades escriptas, e muitas vezes teve de abonar-se com o uso oral: «n'este vocabulo *convem* a saber, ao qual podemos dividir e dizer *como vem* a saber. Porque assi o ouvi pronunciar poucos dias ha no pulpito ao muito reverendo padre mestre Balthazar, da Ordem do Carmo, cuja lingua eu não tenho em pouco antre os portuguezes.» (p. 53.) Quanto ao uso de escrever e

pronunciar *até* ou *té*, abona-se com mais auctoridades oraes: «Antre os quaes eu contarei trez não de pouco respeito na nossa lingua: antes se ha de fazer muita conta do costume do seu fallar, e são estes: *Garcia de Resende*, em cujas obras eu li no *Cancioneiro portuguez*, que elle ajuntou e ajudou. E *Joham de Barros*, ao qual eu vi affirmar que isto lhe parecia bem; e o mestre Balthazar, com o qual fallando lhe ouvi assi pronunciar este adverbio que digo, sem *a* no começo; e comtudo a mi me parece o contrairo; e ao contrairo o uso dando-lhe *a* no comêço, assim como o damos a muitas dicções, segundo o que fica dicto.» (p. 77.) [1] Cita egualmente a auctoridade de dois poetas do *Cancioneiro geral*, Jorge da Silveira (p. 107) e Nuno Pereira (p. 108) para a formação de certos pluraes, e para as interjeições, *Gil Vicente*. (p. 32.) Fernão de

1 Duas vezes é aqui citado o P.ᵉ Mestre Balthazar, como auctoridade grammatologica. Não se acha o seu nome na *Bibliotheca lusitana*, por não ter deixado escripto impresso ou mesmo inedito. Na *Chancellaria do D. Manoel*, L. 39, fl. 76 ℣, acha-se registada uma carta de 24 de Abril de 1521, confirmando a sua eleição para lente da cadeira de prima da faculdade de theologia, vaga pelo falecimento do Dr. Frei João Claro. Nas Escholas geraes do Estudo de Lisboa, em 14 de Abril d'esse anno ao Geral onde se lê os Canones, sendo reitor Ruy Gonçalves de Maracote, e que se procedera á eleição em que votaram conselheiros, deputados e escholares; eram tambem oppoentes (oppositores) mestre João Francez, os bachareis Fr. Diogo Nogueira, dominicano, e Frei Luiz franciscano. Entre 24 votantes, obteve Mestre Balthazar 14 votos, *e havido conseguintemente por eleito*.

Oliveira bem conhecia que era cedo ainda para fixar a syntaxe portugueza, abstrahindo das variações do estylo, e por isso diz: «N'esta derradeira parte, que é da constituição ou composição da lingua não dizemos mais, por que temos começada uma obra em que particularmente e com maior cumprimento fallamos d'ella.» Não chegou a apparecer esta obra; é ainda hoje a parte falha dos estudos glotologicos.

A Grammatica de João de Barros (1539.) — O insigne historiador das *Decadas* tambem compoz uma Grammatica, que elle considerava a primeira escripta na lingua portugueza; exemplificando o uso do nome proprio desacompanhado de artigo, diz: «*João de Barros foi o primeiro que poz a nossa linguagem em Arte,* e a memoria de Antonio, seu filho, que a levou ao principe nosso senhor, não será esquecida.» Como se sabe pelo proprio João de Barros e por Severim de Faria, esta Grammatica foi escripta para por ella ser ensinado o principe D. Filippe, que então tinha por mestre o prégador Fr. João Soares, que o fôra da infanta D. Maria. Escripta em 1538, esta Grammatica foi publicada logo no anno seguinte pela avidez do livreiro; vem confundida com um cathecismo religioso; com este livro começou o celebre alphabeto por *arte memorativa,* com as vinhetas ainda hoje populares: *A, arvore; B, bésta; C, cêsta; D, dado;* etc. João de Barros teve a intuição do criterio comparativo nas linguas romanicas, conhecendo a utilidade da comparação do italiano, francez e

hespanhol, sem comtudo o ter applicado. A monomania da erudição humanista leva-o a conformar artificialmente o portuguez com o latim, tornando assim improficuas muitas observações da sua *Grammatica.*

Quanto ao *Archaismo,* cita poucos factos de persistencia: «E *apraz, jaço,* carecem de participio em boa linguagem; porque os rusticos o formam muitas vezes.» (p. 139.) João de Barros era a favor dos archaismos: «Não sómente os que achamos per escripturas antigas, mas muitos que se usam *Antre Douro e Minho, conservador da semente portugueza:* os quaes alguns indoutos despresam por não saberem a raiz d'onde nacem.» (p. 225).

Com o *Neologismo* não é este grammatico tão complacente por causa do purismo classico; elle indica alguns neologismos resultantes da actividade social: «mas agora em nossos tempos com ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e franceza a traducções latinas, usurpando vocabulos, que os fez mais elegantes do que foram ora ha cincoenta annos. Este exercicio, se o nós usaramos, já tiveramos conquistada a lingua latina, como temos Africa e Asia; á conquista das quaes nos démos mais que ás traducções latinas. E o signal d'esta verdade, é que não sómente temos victoria d'estas partes, mas inda tomámos muitos vocabulos; como podemos vêr em todolos que começam em *al* e *xa,* e os que acabam em *z,* os quaes são mouriscos. E agora da conquista da Asia tomamos *chatinar,*

por mercadejar; *beniaga,* por mercadoria; *lascarim,* por homem de guerra; e outros vocabulos, que são tão naturaes na bocca dos homens que n'aquellas partes andaram, como o seu proprio portuguez.» (p. 224).

Com a sua preoccupação de rhetorica, João de Barros não vê nas *alterações phoneticas* mais do que figuras, paragoges, barbarismos. Esse resto de galleguismo, aristocratico nos Cancioneiros do seculo XIV, e popular ainda além do seculo XVI, considerava-o elle como a figura antithese: «como quando dizemos *dixe* por *disse.*» (p. 165.) Chama paragoge esse outro facto natural da phonetica popular: «como se faz nos rimances antigos, que por fazerem consoante diziam — os que me sóem *guardare* — por guardar.» (p. 163).

Porém sobre as *alterações morphologicas* provenientes dos Neologismos, apresenta João de Barros uma concepção justa; diz elle do emprêgo do infinitivo: «por que os meninos quando começam formar nossas palavras, primeiro conhecem a elle, que algum outro modo, e por elle os ensinam suas madres. Os barbaros que vem a nosso serviço d'elle começam como em primeiro elemento de formação verbal.» (p. 141). Por fim chama barbarismo as alterações phoneticas e morphologicas que a nossa vida historica causava na lingua: «E em nenhuma parte da terra se commette mais esta figura da pronunciação do que n'estes reinos, por causa das nações que trouxemos ao jugo do nosso serviço.» (p. 161.) João

de Barros comprehendeu que era este o momento historico em que a lingua portugueza, máo grado a corrente *castelhanista,* constituía a sua disciplina grammatical; mas sob o jugo da grammatica latina, não soube observar as tendencias d'ella, tornando-se por isto culto.

2.° *O Humanismo italiano.* — N'este esforço da dissolução da Edade Média e de combate contra o Scholasticismo dominante nas Universidades, acordando o sentimento humano pela emoção das obras primas da Antiguidade helleno-romana, cabe a gloriosa iniciativa á Italia; não lhe foi preciso o refugio dos sabios byzantinos depois da queda de Constantinopla em poder dos turcos, para começar esse renascimento da antiguidade classica. «Na sua essencia, como observa Kestner, a cultura italiana conceber-se-ia sem a antiguidade: ella é um fructo do genio nacional vasado em um molde antigo, e a sua expressão é tomada da civilisação greco latina. — Pela substancia das suas ideias e dos seus sentimentos, como pela fórma que revestem, a Renascença rompe com a Edade Média, criando uma vida nova, que da Italia se diffunde por toda a Europa.» D'aqui a razão da sua iniciativa n'esta corrente dos estudos humanistas; como considera Burckardt, na *Cultura da Renascença na Italia,* ahi o homem do povo distanciava-se pouco do homem instruido, para se interessar pelas cousas de arte e de archeologia, como se não davam os separatismos por nascimento; esboçavam o homem moderno sem pre-

conceitos religiosos nem sociaes, patenteando individualidade moral e espiritual.

Fóra das Universidades fulgiam as altas capacidades, que eram procuradas como mestres, vindo de longe discipulos receber a sua cultura, como aconteceu com Angelo Policiano. Na Italia appareciam as individualidades excepcionaes, encyclopedicos de um saber geral universalista; a esta cathegoria pertenciam Leonardo de Vinci, Miguel Angelo e Baptista Alberti.

O espirito da Renascença demolindo o saber do Scholasticismo das Universidades e acordando o individualismo abafado pela credulidade religiosa, não poderia propagar-se se não tivesse sido protegido pela realeza, como um motivo para o seu esplendor. Os despotas lisongeam os humanistas, attráem-os com bons partidos. O prurido da cultura classica, começa em Portugal com D. João II, que se carteava com Angelo Policiano; seguia o que estava em moda na côrte de Fernando e Isabel de Castella, com que se ligara pelo casamento do principe D. Affonso. A catholica rainha apprendera o latim com D. Beatriz Galindo, a *Latina* por antonomasia; as damas da sua côrte, D. Joanna de Contreras, D. Isabel de Vergara, D. Francisca de Nebrixa, D. Francisca Pacheco, tambem estudaram latim. O reflexo determinou esse enthuziasmo nas damas da côrte portugueza sob D. Manoel e D. João III; era ao que o poeta do Cancioneiro geral Ayres Telles chamava o *sino de latim* horoscopo dos que nasciam sob este prurido palaciano. Para

a côrte de Castella fôram chamados mestres de Italia, eruditos como Pedro Martir d'Angleria, Lucio Martineo Siculo e os irmãos Geraldinos. N'esta corrente o nosso Ayres Barbosa regressando dos seus estudos classicos de Florença, inaugura com Nebrixa o ensino da lingua grega em Hespanha. Reconhecendo esta iniciativa portugueza escreve Menendez y Pelayo: «Nebrixa auxiliada por Ayres Barbosa deram aos estudos humanistas o fervor e *a organisação definitiva* que haviam de conservar no glorioso seculo XVI.» *(Antol.,* vol. V, p. XI.) O mestre escolhido para D. João III quando principe foi Luiz Lobo Teixeira, um dos quatro filhos do chanceller João Teixeira, que foram discipulos de Angelo Policiano: elle regera em Ferrara uma cathedra de prima de leis por instancia do Duque Ercoles 2.º, Hermio Caiado, que estudara humanidades em Portugal com Cataldo Siculo, e laureado em jurisprudencia em Bolonha, na dedicatoria de sua Egloga chama-lhe *eloquentiæ ipsius alumnus*.

Em todo o reinado de D. Manoel conservou a aristocracia portugueza o costume de ir frequentar os pedagogistas italianos, influindo essa direcção na reforma da Universidade de Lisboa em 1504. A Italia foi verdadeiramente a patria do Humanismo, «por que a obra dos Alexandrinos estava sepultada com os proprios objectos das suas investigações; e a obra dos Byzantinos não exercia influencia alguma sobre o movimento dos espiritos na Europa, — faltava-lhe completamente a qualidade constitutiva da

sciencia, o espirito critico.» [1] Foi por ventura, mais por este espirito critico do que pela expressão monumental latina, que D. João II convidava Angelo Policiano a escrever a Historia de Portugal, que tambem D. João III queria ver narrada por Paulo Jovio. Cataldo Siculo, que por 1482 professara rhetorica em Padua, foi chamado a Portugal para dirigir a educação de D. Jorge de Lencastre, bastardo de D. João II e a de D. Manoel. A *Arte nova*, que Nebrixa fizera a pedido da rainha Isabel, sob a influencia dos seus estudos em Italia, veiu destronar a *Arte velha*, de Pastrana, continuador dos velhos methodos de Alexandre Villa Dei, Raban Mauro e Garland, os grammaticos medievaes. Nas universidades italianas, em Pisa, Bolonha, Ferrara, Padua, Turin e na Sapiencia romana, professam theologia, canones, jurisprudencia, medicina e philosophia dezenas de portuguezes, que ahi tinham recebido a cultura da Renascença. Estevam Cavalleiro, professor de grammatica latina na Universidade de Lisboa, foi á Italia tornar-se peritissimo no grego, e cabe-lhe a gloria de ter tido por discipulo André de Resende. Ayres Barbosa, natural de Aveiro, depois dos estudos em Salamanca, foi para Florença ouvir as lições de Angelo Policiano, onde teve por condiscipulo João de Medicis (Leão X); depois de

[1] Hillebrand, Introducção á *Historia da Litteratura grega* de Ottfried Muller.

ter professado vinte annos rhetorica, latim e grego, como cooperador e continuador de Nebrixa, vem para Lisboa, chamado por D. João III para mestre dos cardeaes infantes D. Affonso e D. Henrique, seus irmãos, falecendo ao fim de sete annos em 1530. Era um eximio poeta latino. Nebrixa deixara-lhe em testamento o encargo de revêr as suas obras. Achilles Estaço, nascido em 15 de Junho de 1524, foi discipulo de André de Resende no latim e lettras humanas em Evora, frequentando Louvain e Paris, entregando-se ao estudo dos escriptores gregos e latinos, na intimidade de Paulo Manucio. Foi para a Universidade da Sapiencia de Roma, sendo o bibliothecario da livraria manuscripta do cardeal Sforcia, e não acceitando a nomeação para secretario do Concilio de Trento, Pio V, nomeou-o secretario das cartas latinas. Para identico serviço o chamaram D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique, preferindo a vida em Roma, entregue aos estudos dos textos de Cicero, de Horacio, Catullo, Tibullo, Calimacho, commentando-os, e traduzindo obras dos PP da Egreja. Fundou a bibliotheca Staciana, onde se conservam os seus manuscriptos; faleceu em 28 de Septembro de 1581.

O seculo XV fôra a edade de ouro do humanismo na Italia; então nas cidades, nas côrtes principescas, nas familias nobres, os eruditos são os secretarios, os conselheiros, os preceptores, os redactores dos documentos officiaes mais solemnes. A decadencia foi resultante de

um progresso; appareceram outros humanistas primaciaes como Erasmo, outros fócos de cultura como os Collegios de Paris e a Universidade de Louvain, generalisaram-se pela imprensa os textos criticos das obras classicas, e a critica philologica dispendeu-se na discussão da Reforma, que veiu dar o destino social ao livre espirito. A Renascença accentuava uma tendencia dominante na civilisação, que desde a Edade Média se ia homologando em todos os estados da Europa. Diversas as nacionalidades modernas, o espirito cosmopolita fal-as assimilar as mesmas influencias da *litteratura,* da *religião* e da *philosophia,* vulgarisando as industrias, alargando as relações commerciaes e organisando os mesmos trabalhos scientificos. Pela influencia da Pedagogia em um systema de instrucção publica cria-se o homem moderno, mais do que nacional, europeu. E quando a dissolução da Edade Média se effectuava pelo exito da Renascença e a unidade potente da Egreja era abalada pelo Protestantismo, — «formava-se, como diz Burckardt, um novo meio espiritual, que da Italia se diffundiu por toda a Europa e se tornava uma como atmosphera moral commum aos espiritos esclarecidos.»

O antagonismo da Gothia e da Renascença, reflectiu-se capitalmente na Arte; já no tempo de D. João II se obedecia na Architectura á influencia italiana introduzida por André Contucci; a tradição medieval reagiu no reinado de D. Manoel com o *gothico florido,* que embora

seja designado pelo nome de *manuelino,* apparece tambem em Hespanha, como observa Raczynski, tendo o caracter geral de uma reacção do gothico contra o estylo classico propagado por Balthazar Peruzzi, Bramante e Raphael. No *Auto da Ave-Maria*, de Antonio Prestes, pergunta um official ao Diabo «a que vem a esta terra?» Ao que o personagem maligno responde:

> Mostrar mi saber, mis manos;
> suena allá *que lusitanos*
> *su gusto aora se encierra*
> *en edificios romanos.*

Na Pintura caracterisou nitidamente esta reacção da eschola italiana contra a influencia ou genero flamengo e allemão, o sabio critico da arte Raczynski, «na epoca de D. João III entre 1530 e 1550.» *(Lettres,* p. 176). Na Ourivesaria, tambem Garcia de Resende na Miscellanea proclamava os italianos: *Ourivises e Escultores — são mais sutis e melhores.* Francisco de Hollanda, que se educou na Italia (1517-1584) e em Roma gosou a intimidade de Miguel Angelo, Julio Clovio, Sebastião del Piombo e do erudito Lactancio Tolomei, não cita nos seus *Dialogos da Pintura* os nomes de Grão Vasco e de Nuno Gonçalves. Na Poesia a revolução litteraria foi completa; o Auto vicentino é substituido pela Comedia italiana e pela Tragedia classica; a Trova das endechas e esparsas é substituida pelo endecasyllabo. E isto que se passava

em Portugal era simultaneo nas outras nações modernas.

3.º *Humanismo francez.* — Os estudos na Europa estiveram sempre sob a influencia das Universidades de Bolonha e Paris, conforme se procurava o conhecimento do Direito, de que a Italia era o fóco mais activo, ou o da Theologia, de que Paris era o centro nas disciplinas escholasticas. Quando em um paiz predominava o espirito democratico, era na Italia que a intelligencia procurava a orientação: se prevalecia sobre todos os outros poderes a auctoridade monarchica, para Paris, cidade monarchica, os reis enviavam os seus estudantes. No reinado imperialista de D. Manoel terminam as garantias locaes foraleiras, acaba o costume das behetrías e implanta-se um franco absolutismo; correlativamente é para Paris que se dirigem os alumnos portuguezes, entre os quaes se distinguiram os grandes pedagogistas Gouvêas. Com a reforma da Universidade de Lisboa em 1504, póde determinar-se a época em que em Portugal se implanta o humanismo francez; D. Manoel avocou a si o poder de fazer estatutos para a Universidade, seguindo em tudo o systema da Universidade de Paris. Muitos dos costumes escholares existentes foram decretados ou confirmados por D. Manoel. É n'esta reformação que se acha consignado o costume da *troça* ao doutorando, o *Actus gallicus,* a que nas Universidades hespanholas se chamava o *Vejamen,* e que em Lisboa devia ser feito «*em linguagem, per palauras ho-*

nestas de alguns defectos para folguar, que nom seja muito de sentir.» A corrente franceza dominava no ensino, como vêmos por outros factos; em 1516 o rei manda vir de França o Dr. Diogo de Gouvêa para oppositor á cadeira de vespera de theologia, sendo em 1517 provido Mestre João Francez. A Universidade reagiu contra muitas das determinações de D. Manoel, como se infere de um alvará de D. João III. D'esta lucta resultou a segunda reforma da Universidade em 1537, por D. João III, que a transferiu para Coimbra, incorporando n'ella as Escholas do Mosteiro de Santa Cruz, e entregando o seu governo ao Prior como Cancellario; as Escholas do mosteiro de Santa Cruz eram regidas por professores vindos de Paris, o que accentuava mais o caracter do humanismo francez. Depois de 1526, quando Francisco I perdeu o dominio da Italia, e muitos eruditos, philologos, poetas e artistas italianos se refugiaram em França, deslocou-se o fóco da Renascença; o casamento de Francisco I com D. Leonor de Austria, viuva do rei D. Manoel, fazendo com que se estabelecessem maiores relações entre as duas côrtes, a mocidade portugueza preferiu tambem as escholas de Paris. Já em 1520 figura como *principal* do Collegio de Santa Barbara Diogo de Gouvêa, o antigo; sucessivamente brilham á frente do mesmo estabelecimento pedagogico André de Gouvêa, em 1530, o mestre eminente de Montaigne e de Rabelais; em 1534 Diogo de Gouvêa o môço, e em 1540 outra vez Diogo de

Gouvêa o antigo. Na *Chronica dos Conegos Regrantes* descreve-se a reforma das Escholas do Mosteiro de Santa Cruz, no periodo de 1527 a 1547: o padre Damião, que estudára em Paris, indigitou os Mestres que deviam ser convidados, vindo de Paris Pedro Henriques e Gonçalo Alvares para mestres de grammatica grega e hebraica, e Dionysio de Moraes, para lêr canones. Com este pessoal vindo de Paris se reorganisou a Universidade em 1537. No Regimento de 9 de Novembro de 1537, dado por D. João III á *Universidade dos Studos de Coimbra,* ordena «que os lentes lêam em latim, e ho Rector mandaraa que se cumpra assi;» e mais: «que os scholares das portas das scholas para dentro *falem latim.*» Em uma Noticia das Escholas, ao tratar dos estudantes se lê: *«A todos é opprobrio fallar, salvo em latim ou grego.»* Assim a Renascença reagia pelo seu fervor humanista contra o desenvolvimento das linguas vulgares.

Pedro de Mariz falla no seu Dialogo quinto da reforma da Universidade em 1537, dizendo: «houve tambem outros muitos n'este primeiro principio, que successivamente lhes succederam, tambem *filhos da Universidade de Paris,* que illustraram esta notavelmente; como foi o doutor Lopo Gallego, Ignacio de Moraes, Belchior Belliago, o mestre André de Resende, o Cayado, todos portuguezes; e Nicolao Cleynarts, e outros muitos, que em letras de humanidade foram eminentes.» Na visita que fez Clenardo a Coimbra em 1537, falla do professor de grego Vi-

cente Fabricio «que explicava a Homero, não como quem o traduzia do grego para latim, mas como quem na mesma Athenas o estivesse lendo.» Em outra carta, Clenardo falla da amisade ao doutor de Paris João Petit, sem a presença do qual «recearia ser-me impossivel continuar a estar até hoje entre os portuguezes.» D'esta reforma dos estudos sahiram os principaes genios da Litteratura portugueza, como Camões, que frequentava a Universidade de Coimbra, por 1542.

Em 1547, D. João III tentou uma nova reforma da Universidade; fundou o *Collegio Real,* encarregando André de Gouvêa de convidar os professores francezes que vieram para Portugal do Collegio de Guienne em Bordeus. Póde talvez attribuir-se esta reforma á necessidade de emancipar a Universidade da dependencia do Collegio de Santa Cruz, seguindo n'isto a Universidade de Paris que prevaleceu sobre os Collegios; André de Gouvêa trouxe para Portugal o celebre Jorge Buchanan e seu irmão Patricio Buchanan; Nicolau Grouchy (1520-1572) elogiado por De Thou; Guilherme Guerente, celebrado por Montaigne como auctor de tragedias latinas; Elias Vinetus e Arnaldo Fabricio; com estes vieram o celebre Diogo de Teive, e João da Costa e Antonio Mendes, distinctos nos estudos em Bordeus. Sobre a importancia pedagogica de André de Gouvêa, basta lembrar as palavras de Montaigne: «*feut sans comparaison le plus grand principal de France.*» (*Essais*, liv. IV,

c. 25.) D'esta época data a corrente do gosto litterario, de que o Dr. Antonio Ferreira, educado em Coimbra e auctor da tragedia classica *Castro,* é o superior representante.

Entre as Denuncias feitas á Inquisição de Lisboa, ha uma de 4 de Septembro de 1550, bem caracteristica da reacção que os Jesuitas promoviam contra o Humanismo francez em Portugal: «No dia 4 de Septembro compareceu Pedro Luz Monteiro, filho de Alvaro Luz e cavalleiro fidalgo da casa del Rei, morador em Setubal, que disse ter estado em França no *Collegio de Bordeus* e d'ahi foi para Paris para o *de Santa Barbara,* por o portuguez Francisco de Lucena, agora na India, lhe ter dito mal do de Bordeus. Quando chegou a Paris disse-lhe Mestre Diogo de Gouvêa, o velho, que folgasse de não ficar em Bordeus, por dizerem que lá havia muitos lutheranos, e que muito lhe pesava terem sido de lá chamados por El-rei para Coimbra. Disse que em Bordeus tinham sido seus professores Mestre João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Bucanano. Que, indo de uma vez a Flandres para buscar dinheiro, fôra seu componheiro D. Lopo de Almeida, irmão do Conde D. Lopo, *que não servia de nada tirar barrete a santos,* se rira dos seus temores do Purgatorio, negando-lhe existencia, falando contra a confissão, jejuns, poder do papa, dizendo que os homens de talento seguiam a seita lutherana como eram os professores da Universidade de Bordeus, Mestre André de Gouvêa e seu irmão Antonio de Gou-

vêa, que tinha casado em França, Mestre João da Costa, Mestre Diogo de Teive, Mestre Jorge Bucanano, e Antonio de Barros, filho de João de Barros, feitor da Casa da India. D. Lopo de Almeida convivia de perto com os Mestres mencionados e em Paris com os sobrinhos do bispo de Tanger. A testemunha conviveu em Paris com Achilles Estaço. Encontrando-se a testemunha em Bucellas com Antonio de Barros, perguntou-lhe se era lutherano, o que elle negou queixando-se de D. Lopo o ter dito. A testemunha era de 24 annos de edade. (Nota: *Foy prezo dom Lopo e os outros de quem aqui se falla.)*»

Em 4 de Maio de 1552, fez-se esta outra denuncia:

«No dia 4 de Maio compareceu o licenciado Jorge de Sá, medico, natural de Coimbra, que denunciou Mestre Fabricio, lente de grego na Universidade de Coimbra, porque quando ia ouvir missa levava os *Dialogos* de Luciano, apostata, segundo o denunciante ouviu a D. Basilio conego de Santa Cruz e ao Dr. Antonio Correia, irmão do denunciante. Mestre Fabricio comia carne ás sextas feiras e mais dias defezos, assim como um livreiro de Coimbra, Henrique de Colonia. Tambem d'esta vez impedira de rezar um criado (Nota á margem: *Parece caso para prover.)*» [1]

1 D'estas prisões se trata na *Historia da Universidade de Coimbra*, t. I, cap. VI, p. 485 a 592.

Dava-se na Europa uma crise profunda no ensino; o espirito *scientifico e philosophico* reagia contra a falsa direcção theologica e dialectica, de que o Protestantismo era a deploravel consequencia.

Onde havia liberdade mental prevaleceu o regimen scientifico; nas nações occidentaes, a intolerancia religiosa impoz-se pela reacção catholica violentamente na Inquisição, perfidamente pelos Collegios jesuiticos. D. João III, que admittira a Inquisição em 1536, acabou por entregar o ensino publico aos Jesuitas, que absorvendo o *Collegio Real* no seu *Collegio das Artes,* pelas dependencias pedagogicas se apoderaram da Universidade de Coimbra. O Dr. Diogo de Gouvêa, o velho, recommendara a D. João III a nova instituição de Loyola, orgulhando-se de ser cofundador da Companhia, e na cultura humanista queria que os estudantes fôssem *mais catholicos e menos latinos.* Os professores trazidos a Portugal por Mestre André de Gouvêa uns foram arrojados aos carceres estreitos e infectos da Inquisição, como Jorge Buchanan, [1] Diogo de Tei-

---

[1] Em 6 de Junho de 1906, celebrou-se o 4.º Centenario de George Buchanan em Edimburgo, pela grande acção nas luctas da Reforma no seu tempo. Prezo pela Inquisição de Coimbra com os outros professores do Collegio real, foi mandado para os carceres de Lisboa, onde jazeu dezoito mezes, soffrendo os apertados interrogatorios de quatro audiencias, sendo condemnado a prisão ao arbitrio da Inquisição no Mosteiro de S. Bento de Xabregas, onde permaneceu ainda outo mezes. Conseguiu safar-se para Inglaterra em Março de 1552 em uma embarcação de Creta. Retomou o

ve, Dr. João da Costa, outros expulsos do ensino e de Portugal, fechada a eschola de André de Resende pelo influxo dos fautores da *austera, apagada e vil tristeza* com que terminou a época fecunda dos Quinhentistas.

4.° *O Humanismo allemão.* — Suscitada a actividade da intelligencia pelo fervor da Renascença, ficaria esse movimento confinado na esphera mental, se lhe não desse o simultaneo acordar da consciencia todo o seu relêvo social. A Reforma completou essa grandiosa revolução do seculo XVI. Como observa Kestner: «O espirito da Reforma foi seguramente mais longe do que a Renáscença. — Restringindo-se sobre um pequeno numero de pontos, elle tinha a vantagem de abrir brecha nas profundezas sociaes, onde a luz da Renascença só muito tarde poderia penetrar em consequencia d'ella. — Historicamente, é certo que a constituição da sociedade moderna teria sido impossivel se a Reforma não tivesse quebrado os liâmes que se oppunham ao seu advento.» Mais alto do que o acordar o sentimento de duas nacionalidades, a allemã e a ingleza, para o novo equilibrio europeu, foi o effeito do conflicto dos Poderes temporal e espiritual, forçando-os a uma remodelação.

---

seu logar na Universidade de Paris, que occupou até 1561, sendo então nomeado preceptor da rainha Maria Stuart. Indignado com ella, depois do assassinato do seu primeiro marido, lançou-se á frente da Reforma, ajudando Knox Melville e merecendo a confiança da rainha Isabel. Faleceu com setenta e seis annos em 28 de Septembro de 1582.

André de Resende na *Oratio pro rostris,* lida na inauguração dos estudos na Universidade de Lisboa em 1534, para despertar o interesse intellectual no nosso paiz, invoca a corrente humanista allemã: «Possem utriusque rei exempla non pauca in medium adducere, non jam ex *Italia* ipsa studiorum altrice, verum etiam ex *Gallia,* ex *Britania,* ex *Germania, nostra hac aetate cum Italia de litterarum palma contendente,* et denique ex Sarmatia omnium quondam terrarum barbarissima.» Queria Resende por estas palavras incitar-nos pela allusão ao movimento intellectual na Allemanha, acordada por Luthero, e até pelo exemplo da Polonia atrazadissima; e elle que viajara pela Italia e Flandres, confessa que eramos mal vistos: «*quibus* Lusitanum nomen *gratiosum non est.*» Todo esse impulso litterario irradiava de um fóco, Erasmo, que sem acompanhar a Reforma, acordava os espiritos pela livre critica. Este influxo mental penetrou em Hespanha, onde ás novas concepções da Renascença se dava o nome de *Erasmismo;* e contra a reacção fradesca que sentia o effeito da nova disciplina, correu o ditado do bom senso vulgar:

> Quien dice mal de Erasmo
> ó es fraile, ó es asno.

Na citada *Oratio pro rostris,* lida por André de Resende na abertura da Universidade de Lisboa em 1534, proclama Erasmo o primeiro critico do seu seculo: «Desiderius Erasmus, acerrimi vir judicii, alterque nostri seculi in judican-

dis scriptoribus Aristarchus.» Na sua ingenuidade, D. João III teve a insensatez de convidar Erasmo para a Universidade de Lisboa. Não era preciso tanto; mesmo de longe, poderia esse espirito actuar elevando o ensino como se viu na Universidade de Louvain; ahi frequentava os estudos Fr. Diogo de Murça, o activo organisador da reforma da Universidade de Coimbra em 1547.

Damião de Góes, um dos mais altos espiritos do seculo XVI, foi amigo intimo de Erasmo, seu hospede por alguns mezes, auxiliando, com os seus capitaes, a publicação das obras completas do grande humanista. Nas confissões impostas pelo tribunal da Inquisição, que processara e condemnara o incomparavel chronista, achamse bellas paginas autobiographicas: «Depois que vim a Portugal... El-Rei e os Infantes seus irmãos, e outros senhores do Reino, me perguntaram com muito gosto, e mui particularmente pelo discurso de minhas peregrinações, fallandome em Luthero e nas cousas da Allemanha... e por El Rei saber que vira eu já *Erasmo Rotherdamo e que eramos amigos, me perguntou per algumas vezes se o poderia eu fazer vir a este Regno pera elle servir em Coimbra...»* Na traducção da obra de Cicero *Catão Maior ou Da Velhice,* publicada em Veneza em 1538, Damião de Góes torna a referir-se á sua intimidade com Erasmo: «Nem deixarei de recitar o que d'aquelle prudentissimo e gravissimo Erasmo, n'este nosso aureo e doctissimo seculo princepe de toda

doctrina e eloquencia, sobr'este negocio algũas vezes, juntamente com muitas sanctissimas confabulações *(per espaço de cinquo mezes que com elle* em Friburgo de Brisgoia *pousei)* entre nós ouvi affirmado não ter achado no estudo cousa mais ardua que tralladar (traduzir) nem digna de moor louvor fazendo-se bem, nem pelo contrario de moor reprehêssam.» E procurando desculpar-se de — «todo erro que na policia e ornamento de nossa linguagem portuguesa comettesse», expõe: «Visto que em dezasseis annos (da força e frol de minha edade) quatro mezes sómente quis minha sorte estar n'estes Reinos e côrte, logar de minha honra e criaçam... A qual longueza de tempo (principalmente misturada com tantas e tam varios generos de linguas e costumes) é assas sufficiente, não tam somentos a homem ser barbaro em sua lingua, mas ainda, a de todo a esquecer.» São assombrosas as relações pessoaes e intimas que tinha Damião de Góes com as grandes figuras intellectuaes do seculo XVI, como Vives, o cardeal Bembo, Sadoleto, Paulo III, Luthero, Melanchton, Clenardo, Jacob Frugger. D. João III chamou-o novamente a Portugal para encarregal-o da educação do esperançoso principe D. João, mas sorrateiramente o jesuita P.e Simão Rodrigues, foi denunncial-o á Inquisição de Evora, conseguindo logo o effeito de o afastar d'essa missão, e deixando ahi o fermento odioso da perseguição religiosa de que quando conveiu foi victima. Emquanto a reacção jesuitica affrontava indignamente o

insigne humanista e individualidade europêa gloriosa, Erasmo dedicava a Damião de Goes em 1544 o seu *Compendium Rhetorices.* Uma tréva moral exclue a alma portugueza, avançando ás cegas para o abysmo, em que a Santa Liga, servindo os planos de Philippe II, precipita a nacionalidade.

B) Periodo theologico e critico

O conhecimento dos poetas e moralistas greco-romanos, tirava ao catholicismo o seu exclusivo imperio da *verdade theologica;* o conhecimento da lingua grega, que revelava as obras primas do genio hellenico, tornara accessivel o exame dos Evangelhos, assim expostos á livre interpretação. Lidos os Evangelhos com intuito philologico, nasciam as conciliações heterodoxas; o conflicto religioso provocava um maior movimento intellectual, e a Egreja reduzida a um partido de combate, resistindo aos que a seguiam sinceramente. Começou a *Reforma* pelo pensamento ortodoxo de fortificar a Egreja pela reorganisação da sua *disciplina.* Com Fernando de Hespanha catholico, o rei D. Manoel, pelos seus embaixadores, pediam ao papa «como obedientes filhos da Egreja catholica, que quizesse *poer ordem e modo na dissolução da vida, costumes e expedicção de breves,* bullas e outras cousas que se na côrte de Roma tratavam, *de que toda a christandade recebia escandalo.*» *(Chr. D. Man.,* P. I, cap. v.) É n'esta corrente que o poeta

comico Gil Vicente, diante do rei D. Manoel verbera Roma nos seus Autos de Devaçam; e n'esse ideal confiavam Sá de Miranda, Sadoleto, e os membros do *Oratorio do Amor divino,* Victoria Colonna e Miguel Angelo. Refractaria á reforma dos seus costumes, a Egreja viu-se atacada na sua *hierarchia;* discutiu-se a auctoridade do papa e a sua dispensabilidade na religião. Esse novo campo de lucta é já o Protestantismo remodelando o Poder espiritual, ainda a maior aspiração moderna.

O conflicto entre o Poder temporal e espiritual *(Sacerdocio* e *Imperio)* que no seculo XIII determina a fundação das Universidades e o apparecimento do Terceiro Estado que fortifica a independencia da realeza contra o Feudalismo, caracterisa outra vez a crise social do seculo XVI. N'esta segunda phase da Renascença o Poder espiritual tende a deslocar-se da Egreja, abandonando a auctoridade dos dogmas pela livre critica individual; e o poder temporal separado de toda a interferencia clerical, reduz a actividade militar a um officio estipendiado nos exercitos permanentes, favorecendo ao mesmo tempo o trabalho pacifico da burguezia e o absolutismo monarchico. Como consequencia dos estudos philologicos, é investigado o texto da Biblia, que foi traduzida nas linguas vulgares e tornada accessivel ás intelligencias individuaes; a discussão dos textos sagrados exerce a razão em uma theologia escholastica, e na renovação das noções moraes em uma artificiosa casuistica. A decadencia do

poder espiritual da Egreja pareceu provir da corrupção dos costumes da hierarchia ecclesiastica; os que consideraram a crise moral sob este aspecto, appellaram para uma *reforma*, tentando remodelar a Egreja sobre a sua primitiva constituição. O Protestantismo foi esta solução irreflectida, que entre os povos germanicos e saxões desviou os espiritos para o fervor proselytico de imitação da primitiva Egreja e da idealisação absurda da theocracia hebraica. Dentro da propria Egreja a crise foi vista sob outro aspecto: a decadencia do poder espiritual provinha da usurpação da realeza, e por isso o papado procurou defender-se com essas duas milicias, a Inquisição e a Companhia de Jesus. Estes dois factores perturbaram profundamente a marcha historica do seculo XVI, um aterrando os espiritos pelos processos tenebrosos e pelas hecatombes dos Autos de Fé, e o outro apoderando-se da corrente humanista da Renascença e conseguindo dirigir a educação publica da Europa. Na Italia a Inquisição teve um caracter politico manifesto, garantindo a supremacia dos papas contra os partidarios dos imperadores; mas sob a protecção do *braço secular*, este tribunal tornou-se uma especie de policia secreta dos reis, sendo por isso substituido pelos Jesuitas, que se consideravam os janisaros do papado.

a) *Influencia da Inquisição em Portugal.* — O estabelecimento da Inquisição em Portugal data da bulla de 23 de maio de 1536; o proprio D. João III dizia que trocava gostosamente o

seu titulo de rei pelo de inquisidor-geral, e coube esta dignidade ao cardeal-infante D. Henrique, em 3 de julho de 1539, cooperando desde logo para a ruina da nacionalidade. Começaram as perseguições contra os christãos-novos, e nas satiras contemporaneas, como as quadras da *Maria Pinheira*, contra o Conde da Castanheira, valido do monarcha, em que se dizia que era neto de uma judia, se vê quão terrivel era esse golpe vibrado contra qualquer familia. Prohibiram-se as traducções da Biblia, e a entrada de livros extrangeiros, porque podiam trazer as heresias da Reforma. O espirito publico teve uma forte depressão, cahindo n'essa tristeza já notada por Gil Vicente, quando diz que as «cantigas do prazer acostumado, todas tem som lamentado.» E Sá de Miranda allude tambem com pesar á melancholia da côrte, onde já se não encontram os *Serões* em que tanto figuraram D. João de Menezes e outros afamados poetas do Cancioneiro geral, cujas ultimas vozes elle ainda ouviu. A reforma da Universidade de 1537 ficou tambem improficua pela intolerancia inquisitorial.

b) *Os Jesuitas apoderam-se do Ensino publico.* — Em 1540 o Dr. Diogo de Gouvêa recommendou a D. João III a nova corporação religiosa dos Jesuitas, e postoque dominasse na côrte a Inquisição, o rei resistiu a todas as violencias da rivalidade, protegendo deliberadamente a Companhia. Recebeu os padres que lhe enviou Ignacio de Loyola, e lhes recommendou que «tomassem muito a seu cargo o cuidado dos mô-

ços fidalgos que trazia em seu paço, para que os doutrinassem nos bons costumes e os instruissem em toda christandade.» Prosegue o padre Balthazar Telles: «Obrigação que sempre foi continuando nos da Companhia, até o tempo de el-rei D. Sebastião, no qual os companheiros do Padre Mauricio seu confessor, tinham á sua conta doutrinar os môços illustres que no paço serviam as pessoas reaes.» 1 Em 1542 Ignacio de Loyola manda para Portugal mais padres, que tinham estudado em Paris, e Simão Rodrigues dirige-se para Coimbra, onde funda o Collegio das Artes, sendo o governo d'elle dado ao Padre Gonçalo de Medeiros; para alliciar os estudantes a concorrerem ao Collegio, o Padre Manoel Godinho andava «vestido em trajos de estudante, para que d'esta maneira o admittissem pelo habito, além de ser mui conhecido pela pessoa. Vivia elle e tratava com os estudantes, era religioso, e mostrava-se secular...» 1 Foi com estas e outras artimanhas, que os *Franchinotes*, como então lhes chamavam em Coimbra, alliciaram os filhos da principal nobreza, como D. Gonçalo da Silveira, de vinte annos de edade, D. Rodrigo de Menezes, e D. Theotonio de Bragança. O caso produziu uma certa impressão no publico, e o Reitor da Universidade Fr. Diogo de Murça fez em 1544 um inquerito ao Collegio das Artes,

---

1 *Chr. da Companhia*, liv. I, cap. VIII.
2 Ibid., cap. XXI.

não descobrindo erros de doutrina, nem violencia na conservação dos escholares. A Companhia achava-se escudada com o favor do monarcha, e tornava-se provocadora, como se viu no caso do doutoramento do padre Melchior Barreto; usava-se no fim da cerimonia dar um *Vejamen* ao graduado, 1 e o padre Simão Rodrigues ordenou ao Barreto que levasse ás costas pelas ruas da cidade um carneiro esfolado, indo offerecel-o a casa do Dr. Marcos Romeo seu padrinho no gráo. Barreto obedeceu, dizendo ao cathedratico de theologia: «Este é, senhor Doutor, o *Vexame* que, depois do meu doutoramento me dá a Companhia de Jesus, a fim de me graduar no espirito da mortificaçam e desprezo do mundo.» 2

Quando D. João III foi a Coimbra em 1550, visitou o Collegio das Artes, que contava já quarenta alumnos de theologia; os Jesuitas trataram logo de apoderar-se da Universidade, e por Carta de 1556 dirigida a Diogo de Teive, ordena o rei: «Mando-vos que entregueis esse Collegio das Artes e o governo d'elle mui inteiramente ao Padre Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus, o qual assim lhe entregueis do primeiro do mez de outubro que vem d'este presente anno de 1555 em diante...»

Estavam os jesuitas occupados com a cons-

---

1 Vid. *Historia da Pedagogia em Portugal* (Rev. de Estudos Livres, t. II, p. 477).

2 *Chr. da Companhia*, cap. XII.

trucção do seu Collegio, cuja primeira pedra fôra lançada em Abril de 1547, quando se acharam repentinamente de posse do *Collegio Real* em 1555. A preza embaraçava-os. No Collegio de cima, «no alto da cidade, no fundo da rua nova de el rei, pouco distante do muro da cidade» não havia agua e custava muito a acarretal-a do rio; o provincial Miguel de Torres entendeu pedir a D. João III, que cedesse definitivamente á Companhia o *Collegio real* situado na baixa, e que o rei tomara por emprestimo ao Mosteiro de Santa Cruz. D. João III, em 14 de Septembro de 1556, escreveu ao Prior geral D. Francisco de Mendanha, para que cedesse para sempre a propriedade dos Collegios aos jesuitas, obrigando-se a indemnisar o Mosteiro, o que não chegou a satisfazer por ter fallecido em 11 de junho de 1557. Os Jesuitas conservaram o Collegio de cima, e lá incorporaram o *Collegio real,* cedendo os Collegios da Sophia ao cardeal D. Henrique para estabelecimento da Inquisição, recebendo em troca a bella quinta de Villa Franca para seu recreio.

Os Collegios estavam sob a dependencia das Universidades; os Jesuitas inverteram esta organisação franceza. Por opposição á Universidade de Coimbra o cardeal-infante D. Henrique tenta fundar em Evora uma outra Universidade, obtendo bullas do Papa em 1558; sendo inaugurada no 1.º de novembro de 1559, já em 1563 era equiparada á Universidade de Coimbra em privilegios. Nos Apontamentos dos Prelados,

de 17 de fevereiro de 1563, protesta-se contra esta absorpção dos Jesuitas: «Que o *Collegio real* de Latim e Artes se reduza ao que era d'antes, por ser de menos muita despeza, e avia n'elle Mestres dos que mais sabiam; que mais facil he acharem-se de todo o reino, que soo de hũa Companhia, e de milhores Mestres se segue mais fruito. — E por ser hum logar só e pubrico, que temos como aquelle, não estando reduzido soo aos da Companhia, possam os filhos dos nobres e os da terra leer e perfeiçoar-se naquellas profissões, e aja Latim no Reino e Mestres que o ensinem, que vae faltando de todo, e unir-se-ha com a Universidade, sem aver divisão.» 1 Em Carta de Martim Gonsalves da Camara ao Reitor da Universidade em 1570, respondia a queixas analogas, que os portuguezes se contentavam mais em serem *«catholicos, ainda que menos Latinos.»*

Os Jesuitas, que na questão theologica se achavam em antagonismo com os Protestantes, oppondo a doutrina das obras ou do livre arbitrio á da graça, obedeceram á cega admiração do regimen polytheico, tornando-se agentes de propagação d'esse exagerado humanismo da Renascença. Em uma Carta do Padre Palanco ao Padre Mirão, em 1564, lê-se: «Na éra em que estamos, por toda a parte se tem muito em conta a erudição nas cousas de humanidades, tanto que

1 Ap. *Reflexões hist.*, t. II, pag. 116.

sem ellas a doutrina melhor e mais solida parece que luz menos. — Por isso ao P. Geral pareceu conveniente que se escrevesse ás provincias, que tenham conta com estas letras humanas, e façam estudar bem, quem mostrar aptidão, pelo menos o *Latim*, e a *Rhetorica*, e que não passem ás *Artes* ou pelo menos á *Theologia* sem se excitarem bem n'estas lettras.» 1

O regimen pedagogico dos Jesuitas acha-se implicito n'esta carta do P.e Palanco: «*que nenhum mestre de Theologia nem de Artes tenha opinião nova.*»

O Aristotelismo que na sua fórma de Scholasticismo cahia na Europa, manteve-se em Portugal de um modo absoluto, que se tornou conhecido pelo titulo de *Philosophia Conimbricense*. Tornaram-se proverbiaes os *Coimbrões* pelos seus diffusissimos Commentarios.

Em 1551, o sinistro D. Henrique, Cardeal Infante Inquisidor Geral d'este Reyno, mandava publicar um *Rol dos Livros defezos*, em que atacava os Autos de Gil Vicente. Em 1564 estabelecia a formação de Indices Expurgatorios para os livros com doutrinas prohibidas; 2 e por

---

1 *Livro das Obediencias geraes* (Extractos de Gabriel Pereira).

2 O Dr. Antonio Ferreira, nos *Poemas lusitanos*, t. II, 112, lamenta este retrocesso:

> Escuro e triste foi aquelle dia
> Em que ao saber e engenho um juiz foi dado,
> Que nunca ao claro sol olhos abria.

provisão de 3 de Fevereiro de 1578, impunha que nenhum livro se lêsse sem a censura prévia dos Jesuitas.

No fim do seculo XVI já se notava na litteratura portugueza o máo gosto *culteranista*, consequencia directa da separação entre os escriptores e o povo. Essa separação resultára do exagerado regimen da erudição; preferia-se escrever em latim, tanto na poesia como na historia, como vêmos em André de Resende, Caiado, e em Jeronymo Osorio. O dominio absoluto dos Jesuitas no ensino publico aggravou este vicio geral da Renascença. O *methodo alvaristico* era um processo violento com que ensinavam o latim pela volumosa Grammatica do Padre Manoel Alvares, 1 cujas regras eram escriptas em latim, e decoradas automaticamente pelos alumnos, com appensos de *Chôrros, Cartapacios, Promptuarios* e *Paes-Velhos* para a traducção dos textos fragmentados das suas *Selectas* de 1587 e 1594. Traduzia-se do latim para grego e do grego para latim. Perdera-se o sentimento nacional nos espiritos mais elevados; e

1 *Padre Manoel Alvares.* Natural da ilha da Madeira (n. na Ribeira Nova), filho de Sebastião Gonçalves e de sua mulher Beatriz Alvares, povoadores do logar. Deu-lhe as primeiras ordens o Bispo Ambrosio Brandão em 22 de Agosto de 1533. Tendo vinte annos de edade, tomou a roupeta em 4 de junho de 1544. Foi um dos primeiros Mestres das Letras no Collegio de S. Antão, e por muitos annos Reitor do Collegio das Artes de Coimbra, Preposito da Casa Professa de S. Roque e Reitor do Collegio e Universidade de Evora, onde faleceu em 30 de Dezembro de 1583.

a sua ausencia nas obras da litteratura não é ainda assim tão lamentavel, como nos actos dos homens publicos que venderam a sua nacionalidade a Philippe II em 1580, com uma indifferença tal, que deixou assombrados os embaixadores venezianos.

Na lucta do elemento medieval contra a imitação classica, foi o theatro portuguez o que resistiu mais tenazmente, apresentando em Gil Vicente um verdadeiro caracter nacional: foi especialmente contra o Theatro portuguez que os Jesuitas dirigiram as prohibições, quando pela sua preponderancia pedagogica e politica se apropriaram em seu interesse da corrente humanistica da Renascença. No Index de 1564, prohibe-se a *Ulyssipo* de Jorge Ferreira, e manda-se cortar o prologo das obras de Gil Vicente, onde se diz que el-rei D. Sebastião se recreava com a leitura d'esses velhos Autos; no Index de 1581 e 1597, prohibem-se «Comedias, Tragedias, Farças e Autos onde entram por figuras pessoas ecclesiasticas.» Lê-se na Synopse do Padre Antonio Franco: «A esforços e conselhos do Cardeal Alberto (1586) são os comediantes condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes. Elles offerecem dotar a cinco donzelas orfãs e resgate para cinco cativos com tanto que os deixem. Os padres mofam d'esta liberalidade e foram aquelles pobres coitados expulsos de Lisboa! Não desesperam no emtanto de tão mofina sorte, tanto que voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita

dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Santa Casa por cada um d'elles; mas os Jesuitas não cedem, e fazem com que refuzem o pedido.» 1

No regimen escholar era de costume festas nas classes; usavam os Jesuitas representar uma comedia antes dos premios, a que chamavam *Ludi priores*, e por occasião da distribuição dos premios, representava-se outra comedia de apparato em verso latino, a que chamavam *Ludi solemnes*. De taes festas nasceu esse genero litterario, que os Jesuitas usavam em todas as grandes festas da Companhia, as *Tragicomedias*. Na visita que D. Sebastião fez a Coimbra, os Jesuitas representaram a tragicomedia *Sedecias*, do Padre Luiz da Cruz, em 1570. Distinguiram-se n'este genero hybrido o Padre João da Rocha, D. Affonso Mendes, o Padre Simão Vieira, e o Padre Antonio de Abreu; os mestres de rhetorica eram obrigados a estas composições.

c) Periodo scientifico e philosophico

Emquanto os estudos humanisticos, principalmente os hellenicos, concorriam na Europa para a renovação das Sciencias pela leitura das obras de Archimedes, Apollonio, Euclides e

---

1 *Synopsis Annalium e Societatis Jesu in Lusitania*, auct. Padre Antonio Franco. Trad. Henriques Leal, *Apontamentos*, II, 205.

Diophante, e pelas obras politicas de Thucydides e Aristoteles, nós os portuguezes, pelos descobrimentos geographicos e pela circumducção do globo, coadjuvámos o criterio da observação e da experiencia, fundamentando de um modo positivo o *espirito scientifico*, que determinou o estado actual da consciencia moderna. As descobertas astronomicas e mathematicas de Copernico, comprovadas pelas navegações portuguezas, como elle o confessa, e as de Galileo deram logar a seguras concepções sobre o Systema do mundo; reconheceram os espiritos especulativos a necessidade de uma nova synthese philosophica, tentada com rigor por Bacon e Descartes, separada nas suas bases natural e moral. N'estas duas fórmas de actividade scientifica da Renascença, Portugal foi dignamente representado: na parte *scientifica* por capacidades eminentes como Pedro Nunes, D. Francisco de Mello e Garcia d'Orta, na parte philosophica por Antonio de Gouvêa e principalmente por Francisco Sanches. A grande somma de obras cosmographicas e de livros de viagens que apresenta a litteratura portugueza do seculo XVI deve tambem considerar-se como uma fecunda cooperação scientifica, como se vê pelos geographos coévos copiando as Relações dos portuguezes e as noticias transmittidas pelo embaixador de Veneza Pietro Pasqualigo e pelo enviado do Duque de Ferrara, Alberto Cantino, sobre as viagens de Gaspar Côrte Real nas regiões da America. Uma profunda curiosidade scientifica, si-

multanea com a audacia aventureira, estimulava a alma portugueza.

a) *Dr. Pedro Nunes e D. Francisco de Mello.* — Os estudos mathematicos foram os que maior desenvolvimento receberam na Renascença, pelo influxo dos escriptores gregos d'esta sciencia: Mausolico vulgarisa as secções conicas, Galigai as equações do segundo gráo, Tartaglia e Cardan a applicação da Algebra á Geometria. No estudo sobre *A Algebra de Pedro Nunes* escreve Bosman, determinando o seu logar na sciencia: «De Tartaglia, Cardan e Stifel até Viéte, decorreram cincoenta annos. Por desgraça a historia da Algebra pouco se occupa d'isso. Durante este tempo homens de talento fazem progredir lentamente, mas seguramente, a sciencia. Infelizmente para elles a gloria incomparavel dos mestres que os precederam e a de Viète que os continuou, embaraça o brilho do seu merito, de apreciar a importancia dos seus serviços.

«Foram, comtudo, trabalhadores habeis e conscienciosos, digamos melhor, *homens verdadeiramente grandes,* como Butéon, Gosselin, Peletier, *Pedro Nunes!*

«Sem o seu trabalho intelligente e tenaz as immortaes descobertas de Viète teriam sido impossiveis. A sciencia, para evolucionar, precisa de um terreno preparado; quanto mais se estuda a historia, mais nos convence d'isto. Ella avança e marcha; não corre precipitando-se para diante por saltos e trambolhões.

«Viète teve precursores. Pedro Nunes foi um dos principaes. Nenhum contemporaneo o excedeu em rigor; sómente Mausolyco o alcança pela abstracção e generalidade de raciocinio, pela elegancia e feliz escolha de algorithmo.

«Reconhecemos, entretanto, que esta grande justeza de espirito diminue-lhe por vezes um pouco a envergadura. Nunes não aprehendeu, por exemplo, o futuro reservado ás soluções negativas das equações, cuja utilidade era já tão bem entrevista por outros, principalmente por Lucas de Borgo.

«Não obstante esta tenuissima sombra talvez pairando sobre a sua memoria, Nunes, não deixa de ser *um dos algebristas mais eminentes do seculo* XVI. Era preciso, escrevia Gosselin, jurar nas *palavras de um tal mestre.* [1] Entre os grandes mestres que separam Stifel e Cardan de Viète, elle brilha na primeira fila. É uma das glorias de Portugal.» [2] Na *Algebra* de Peletier, impressa em 1554, já apparece uma referencia ao Tratado de Pedro Nunes, com certeza ainda vulgarisado em manuscripto: «*L'ay encores oui dire de* Pierre None, *Mathematicien de Lisbonne*

---

1 Na dedicatoria *De Arte Magna*, Paris, M. D. LXXVII, na lista dos Auctores consultados escreveu adiante do nome de Pedro Nunes: «*In cujus verba juravi.*» Dez annos antes tinha sido impresso em Anvers o *Libro de Algebra*, que Pedro Nunes traduzira em castelhano, julgando que seria mais lido.

2 *Annaes scientificos* da Academia Polytechnica do Porto, vol. III, p. 222 a 271.

en Portugal, qu'il l'avait aussi traicté (Algebra) en son langage Espagnol; mais ie n'ay veu son Livre.» No seu livro *Sobre os Elementos geometricos de Euclides*, que Peliker publicou em 1557, ahi incluiu uma das suas cartas a Pedro Nunes. Na dissolução religiosa da Reforma, criava-se uma communhão scientifica, reveladora do futuro poder espiritual.

Pedro Nunes (1502-1577), tendo cursado Medicina e Philosophia em Lisboa, e Mathematica na Universidade de Salamanca, foi em 1529 nomeado cosmographo-mór do reino, e em 1530 professor de Philosophia na Universidade de Lisboa e conjuntamente mestre do Infante D Luiz. Acompanhou a Universidade na sua transferencia para Coimbra em 1537, regendo ahi a cadeira de Mathematica de 1542, anno em que publicou o seu livro *De Crepusculis*, no qual «existem elementos de Newton sobre as côres» até 1562; exerceu uma grande influencia scientifica. Attribue-se-lhe a prioridade no estudo da loxodrómia ou propriedades das linhas curvas; e Ticko Brahe e Halley serviram-se nos seus trabalhos astronomicos do *Nonio*, apparelho micrometrico de que fôra inventor, hoje capciosamente designado *Vernier*.

Menos conhecido é o mathematico D. Francisco de Mello, nascido em Lisboa em 1490, tendo como *estudante del rey* frequentado a Universidade de Paris com o subsidio de 38$160 pagos pela Feitoria de Flandres. Terminados os cursos de Mathematica e Philosophia, D. João

III o tomou para mestre do infante D. Henrique, e por ventura por este contacto lhe veiu a vesania de fazer-se padre. Conservam-se ainda ineditos, e em latim os *Elementos de Geometria necessarios á Astronomia;* commentou em latim as obras de Euclides e Archimedes. 1 Sobrevive na memoria pela nota comica de Gil Vicente:

> Esse *Francisco de Mello*,
> Que sabe sciencia avondo,
> Diz que o Céo é redondo,
> E o Sol é amarello,
> Diz verdades, não o escondo.

Como homenagem de gratidão ao rei D. Manoel, dedicou-lhe um Commentario em latim sobre a theoria de *Optica e Perspectiva* attribuida a Euclides (confunde o mathematico alexandrino com o philosopho de Megara, erro do seculo XVI), emprehendeu outro Commentario ao livro ainda então inedito de Archimedes, *Dos corpos fluctuantes*. D. Francisco de Mello, tendo tomado o gráo de licenciado em Theologia, foi reitor da Universidade de Lisboa de 1531 a 1533, e em 1534 eleito Bispo de Gôa, falecendo em Evora em 27 de abril de 1536. Não chegou a cooperar na reforma da Universidade iniciada em 1537.

O Dr. Garcia d'Orta. — No Congresso internacional dos Medicos das Colonias, em Amsterdam, em 6 de Septembro de 1883, ao inaugu-

1 Mem. da Academia (Litteratura), vol. VII, p. 255.

ral-o, o Prof. Stokvis, disse na sua saudação: «rendamos sobretudo homenagem a esse nobre portuguez Garcia d'Orta, medico do Vice-rei da India, que n'um livro afamado com razão fez primeiro que ninguem conhecer, no meado do seculo XVI, em 1563, um grande numero de plantas medicas das Indias Orientaes desconhecidas até então na Europa.» Referia-se ao celebre livro dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, impresso em Gôa em 1563, acompanhado de uma admiravel Ode de Camões appresentando-o ao Vice-rei Conde de Redondo:

E vêde-o, *carregado*
De annos, lettras e longa experiencia,
Um velho, que ensinado
Das gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil e arte silvestre
. . . .
Vêde que em vosso tempo se mostrou
O fructo d'aquella Horta, onde florecem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.

É n'este livro que se encontra a primeira descripção do *Cholera asiatico*, e o fructo da *Strychna nox vomica*, o mais poderoso veneno. No preambulo do seu livro escripto pelo medico valenciano Dimas Bosquo ha preciosas referencias biographicas, e o erudito Antonio Thomaz Pires encontrou noticias genealogicas d'este extraordinario sabio natural de Elvas. Pelo quadro da sua actividade, Garcia d'Orta nasceu aproximadamente por 1490. Era filho de Jorge d'Orta, logista estabelecido em Elvas, em 1504, frequentou as Universidades de Salamanca e Alcala

(1520 a 1525) voltando graduado de licenciatura a Portugal, indo estabelecer-se em 1526 em Castello de Vide; é chamado para a Universidade de Lisboa, regendo *por encommenda* (provisoriamente) a cadeira de Philosophia natural em 1530, e em 1532 encarregado da cadeira de *Sumulas Logicales* (o resumo de Pedro Hispano). Leu Arte até março de 1534, acompanhando para a India Martim Affonso de Sousa. Por lá se demorou o Dr. Garcia de Orta por mais de trinta annos como medico chamado para as côrtes dos rahjás, e colligindo plantas desconhecidas e inquirindo das suas propriedades. Esta accumulação de factos systematisou-os em um livro escripto em lingua portugueza em fórma de Dialogo entre Ruano e Orta, symbolisando os dois espiritos, o auctoritario tradicionalista, adstricto aos gregos e aos arabes, e o experimentalista, acceitando só os factos verificados: «Não me ponhaes medo com *Dioscorides* nem *Galeno*, por que eu não hei de dizer senão a verdade, e o que sey...» Segundo o Conde de Ficalho no livro *Garcia d'Orta e o seu tempo*, faleceu por 1570, quando ainda figurava em Elvas Jorge d'Orta, cirurgião abastado, seu sobrinho, filho do bacharel Francisco d'Orta, cirurgião em Portalegre. Nos *Colloquios* (p. 206) allude a um seu parente *physico em Baçaim;* uma sua irmã Beatriz d'Orta, falecida em 1568, casara com o bacharel Gabriel Luiz. Por estes elementos genealogicos vê-se a importancia d'esse meio burguez na cultura portugueza. O que o

poema de Camões é para a poesia, no seculo XVI, equipara-o na sciencia o livro de Garcia d'Orta.

b) *A Synthese negativista de Francisco Sanches.* — Quando em uma epoca entra em circulação um grande numero de ideias, os espiritos sentem a necessidade de reorganisarem as suas concepções por uma nova synthese. Aos trabalhos criticos e scientificos da Renascença são correlativas as luctas doutrinarias para destituir a philosophia scholastica que se identificara com o aristotelismo; as Universidades, então impotentes para fundarem um novo poder espiritual, tornaram-se fócos de atheismo, como a de Padua, e de heresias como as de Modena e Veneza. Existia uma revolta contra o subjectivismo theologico, e campeava a critica de negação; em 1536 na Universidade de Paris apresentou-se Pedro Ramus sustentando a celebre these: *Quæcumque ab Aristotele dicta essent, commentitia esse.* Todas as coisas ditas por Aristoteles são pura mentira. A these seduziu os espiritos mais especulativos, e o pedantismo doutoral presentiu a sua ruina, quando em 1543 Ramus publicou as *Aristotelicæ animadversiones.* Era preciso oppôr um antagonista a Pedro Ramus; o reitor da Universidade de Paris escolheu o grande humanista e jurisconsulto portuguez Antonio de Gouvêa, que n'esse mesmo anno publicou a *Pro Aristotele responsio adversus Petri Rami calumnias*, sendo o seu triumpho proclamado por um conselho de arbitros composto de Pedro Danes e Francisco de Vicomercato, e pelo

reitor João de Bomont com João Quentin, decano de direito. Porque defendia Antonio de Gouvêa as doutrinas de Aristoteles contra o espirito de livre critica da Renascença, quando este professor illustre era apontado como sceptico no meio das luctas religiosas, e o proprio Calvino o considerava como atheu *(Calvinus vocat illum atheum)?* 1 Antonio de Gouvêa era um dos mais profundos humanistas da Renascença, como o confessa de Thou; assim como os seus estudos e Commentarios sobre Cicero, Virgilio e Terencio lhe revelaram a verdadeira comprehensão do Direito romano, sendo por isso o iniciador da escola de Cujacio, tambem a leitura directa do texto grego de Aristoteles lhe revelou quanto as doutrinas do grande sabio andavam pervertidas pelas apostillas dos commentadores escholasticos. Gouvêa precedeu o seculo XIX na rehabilitação de Aristoteles, conhecido na Edade Média através das subtilezas *alexandrinas* e *averroistas;* foi esta a causa da força da sua argumentação. 2

---

1 *Scaligerana*, p. 79; apud Caillemer, *Étude sur Antoinede Govea*, p. 33.

2 *Antonio de Gouveia*, era natural de Beja, filho de Ignez de Gouvêa e do fidalgo castelhano Affonso Lopes de Ayala (que alli se homiziara). Antonio seguiu para Paris com seus irmãos André e Marçal, para se educarem no *Collegio de Santa Barbara*, dirigido proficientemente por seu tio Diogo de Gouvêa, o velho, que recommendara a D. João III os novos sectarios de Loyola da nascente Companhia de Jesus. André de Gouvêa foi o admiravel Principal do *Collegio de Guienne*, em Bordeus, glorificado pelo seu

Contra a emancipação intellectual da Renascença, organisaram-se os Jesuitas, estabelecendo o nexo *entre a religião e a litteratura;* tornaram-se pedagogistas para dirigirem o ensino publico europeu, e sustentarem com todo o afinco as velhas fórmas peripateticas, esgotando a rasão no esforço de conciliação dos diversos commentarios de Aristoteles. É então que em Portugal recrudesce de intensidade o ensino da Philosophia *aristotelico-alexandrista,* quando decahia em descredito na Europa; o *Collegio das Artes* de Coimbra brilhou pela argucia dos Commentadores do *Organum,* tornando-se esta renovação dialectica dos Jesuitas em Portugal conhecida como um phenomeno singular e pelo titulo de *Philosophia Conimbricense.*

---

discipulo Montaigne, e por chamado de D. João III trouxe comsigo um grupo de professores para o estabelecimento do *Collegio real* em Coimbra, que depois por sua morte em 9 de Junho de 1548 foi empalmado pelos Jesuitas. Seu irmão Marçal, tambem um dos humanistas, acompanhou-o como professor, achando-se entre as perseguições que soffreram. O mais celebre d'estes foi Antonio de Gouvêa, eximio humanista e restaurador da Philosophia de Aristoteles. Frequentou jurisprudencia em Tolosa em 1539, sendo chamado para Avinhão. Brilhou como professor em Tolosa, Delphinado, Cahors e Grenoble; o duque de Saboya chamou-o para a Universidade que fundara em Montdevis. Morreu em Tolosa em 1565. Além dos seus commentarios legistas, commentou Cicero, Virgilio e Terencio, com recensão de textos, e relacionando-os com as interpretações juridicas. Pelo seu saber philologico consideravam-o em extremo Ferreto, Alciato, Duareno, Concio, Renardo, Balduino, Budeo, Fabre e principalmente o seu glorioso continuador Cujacio.

Os estudos hellenicos na Italia tornaram accessivel o texto puro de Platão, que pela primeira vez sob Lourenço de Medicis (1470-1492) apparece separado das phantasmagorias da Escola de Alexandria. E ao passo que em Padua, Veneza e ao norte da Italia se adopta o texto verdadeiro de Aristoteles, em Florença impera o idealismo platonico, que tanto inspirou o genio artistico da Toscana. Tal foi a causa do esplendor da Poesia lyrica italiana, que se impõe como modelo de todas as litteraturas. Conciliando estas duas correntes philosophicas, o judeu portuguez Judah Abarbanel, nascido em Lisboa antes de 1482, publicou já refugiado em Italia os *Dialogos do Amor*, de Leão Hebreu, vertidos para latim, francez, castelhano e portuguez (texto citado no catalogo da pequena livraria de Spinosa). Consta de trez Dialogos entre Philon e Sophia, discutindo a *Essencia do Amor*, a *Universalidade do Amor* e a *Origem do Amor*, nos quaes deduz toda a Doutrina affectiva da concepção de Aristoteles sobre a finalidade do Bem, cujo mobil primario é o Amor. Esta conciliação com o idealismo platonico actuou profundamente na inspiração dos grandes poetas modernos, levando-os á idealisação da realidade. Camões reflecte nos seus Sonetos essa concepção; n'elle e em Ronsard, Montaigne e Shakespeare apontou Fitz Maurice Kelley a influencia dos *Dialogos do Amor* do perseguido judeu portuguez. A comprehensão do platonismo revelada por Camões nos Sonetos, e tão cedo abafado pela *Philosophia*

Conimbricense, que fez prevalecer na educação portugueza o aristotelismo-alexandrista, collocou este poeta acima de todos os lyricos quinhentistas.

N'estas vacillações doutrinarias era impossivel formar a synthese para a qual convergiam os espiritos, taes como Bacon e Descartes; e d'esta propria impotencia tirou Francisco Sanches os elementos com que estabeleceu o seu negativismo philosophico, que o tornou o verdadeiro precursor de Descartes, de Hume, de Kant e de Augusto Comte. Francisco Sanches era natural de Braga (n. 1552); filho do medico Antonio Sanches, acompanhou seu pae para França, viajou pela Italia e permaneceu algum tempo em Roma. Doutorou-se em Montpellier, e segundo Brucker ensinou philosophia por espaço de dezouto annos, e onze medicina, escrevendo ao mesmo tempo sobre Mathematica. [1] Pelo ensino philosophico conheceu os vicios da velha dialectica, e pela Mathematica e Medicina com-

[1] A data do seu nascimento em 1552 authentica-se pelos annos da edade com que faleceu em 1632, *setenta*, conforme apontou Guy Patin. Matriculou-se na Faculdade de Medicina em 1573, com 21 annos, doutorando-se ao fim de 6 annos, para entrar no magisterio por 1580. Já por 1576 elaborava o seu livro celebre *Quod nihil scitur*, publicado em 1581. Desde o seu curso médico ensinou Philosophia durante 18 anos, e dando lições de Medicina durante 11 annos, terminou essas lições em 1591. Depois da sua jubilação, (1593-98) entregou-se á compilação dos seus Tratados philosophicos e Obras médicas, que se imprimiram quatro annos depois do seu falecimento em 1636.

prehendeu não só a necessidade da renovação da methodologia, como dos novos conhecimentos que tinham de prestar-se á deducção philosophica. Era-lhe impossivel satisfazer-se com o idealismo de Ramus ou com o aristotelismo-alexandrista, e de 1576 data a formação do seu livro extraordinario *De multum nobili et prima universali Scientia — Quod nihil scitur.* O livro veiu á luz em 1581. A fórmula negativista *Nada se sabe,* em uma epoca de conflicto entre as noções absolutas da theologia e da metaphysica, foi accolhida com assombro. Sanches apenas sustentava o principio positivo da *relatividade* dos conhecimentos humanos; elle fundamenta a sua doutrina sobre a noção de Sciencia, isto é, um conhecimento baseado sobre tres elementos: *res cognita* ou os dados objectivos, *ens cognoscens* ou a receptividade das relações, e *cognitio ipsa* ou a subjectividade mental na fórma superior e abstracta de lei. Para a comprehensão da *res cognita* estabelece Sanches a necessidade da variedade de sciencias, sua subordinação hierarchica e educação encyclopedica; quanto ao *ens cognoscens,* reconhece que as apparencias afastam o espirito da realidade, e que os conhecimentos advindos e comprovados pelos sentidos são os mais perfeitos; quanto á *cognitio ipsa,* diz: «Nenhuma sciencia se formou com Syllogismos, ao contrario muitas se têm esterilisado e pervertido por causa d'elles.» A revolução philosophica dos seculos XVII e XVIII estava implicita na concepção de Sanches; renova-se a psychologia

em Locke e Hume, como ratificação do *Ens cognoscens,* e Kant, na sua poderosa especulação critica, chegou á conclusão suprema, de que o conhecimento só era verdadeiro quando se realisava o accôrdo entre o dado objectivo *(res cognita)* e a noção subjectiva *(cognitio ipsa).* Sanches tinha effectivamente em vista organisar a nova synthese philosophica; 1 faltavam-lhe o concurso das sciencias inductivas, como a Chimica e a Biologia, systematisadas no fim do seculo XVIII, e as profundas investigações psychologicas da Escola escosseza, que coadjuvaram o criticismo de Kant. A *perfecta Scientia* ou o Positivismo só foi possivel no seculo XIX, iniciado por Comte. Em todo o caso, elle não é um systematisador do scepticismo, como se repete estupidamente nos apanhados de historia da Philosophia, mas o precursor da grande synthese da relatividade pelo accordo e dependencia dos elementos objectivos e subjectivos do conhecimento. Dotado de uma extrema lucidez de espirito e de uma forte erudição, no seu livro, como observa e conclue Franck, ha *o espirito de liberdade, que pressagia ao espirito humano uma nova éra.*

1 Diz elle: «Mihi namque in animo est firmam et facilem quantum possim, Scientiam fundare; etc.»

§ IV

Historiadores, Viajantes, Moralistas

Pela compressão material dos exercitos permanentes, e pela asphyxia intellectual organisada pelo Concilio de Trento, Monarchia e Egreja colligadas na Santa Liga, perturbando a evolução normal da Renascença, conseguiriam o retrocesso da civilisação europêa se o não impedisse a generalisação do *espirito scientifico* moderno. A Hespanha de Carlos v e de Philipe II tornou-se o instrumento d'este assombroso retrocesso, em que a Inquisição religiosa, perseguindo os pensadores e confiscando-lhes os bens, se transformou em uma inquisição policial do estado e exactor financeiro do governo absoluto. Diante dos novos habitos de internacionalidade, a Historia deixava de ser a Chronica official, panegyrico dos reis, para achar a comprehensão dos factos da solidariedade europêa; as relações das Viagens, em vez da curiosidade aventurosa, eram a informação para as expansões do cosmopolitismo; a Moral deixava de ser a admoestação catholica, a reflexão ascetica para se elevar a uma das grandes cathegorias da Philosophia. N'esta corrente de retrocesso do fim do seculo, os escriptores que seguiram o criterio scientifico na ordem das investigações apontadas foram verdadeiros martyres, victimas inultas

pela sua independencia intellectual. Soffreram extorsão degradante dos dois abusivos Poderes, Damião de Góes, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Corrêa, Diogo do Couto, Fernão Mendes Pinto.

Damião de Góes

Individualidade que representou Portugal de um modo inconfundivel no grande movimento europeu da Renascença, na intimidade dos humanistas eximios, dos soberanos prepotentes, no desempenho das missões diplomaticas e defendendo sempre os interesses da sua patria, só modernamente se conheceram as datas do nascimento e morte de Damião de Góes, e entre os factos capitaes da sua vida o *mysterio* da perseguição religiosa que o victimou. Que pena o ter desapparecido a sua Autobiographia, a que alludiu nas declarações na Inquisição, em que na caixa em que tem guardado o seu testamento «tambem acharão na dita sua boeta *hum papel escripto de sua mão em que tem escripto o descurso de sua vida e das pessoas com quem tratou e communicou*, que o mandem tambem vir e por elle verão o que passou e assy acharão na dita boeta um livro impresso em que estão todas as obras que elle fez em lingua latina, que o mandem vir para vêrem n'elle com quem communicava, e tambem se acharão entre os seus papeis quatro ou cinco Cartas de Erasmo escriptas de sua mão, das quaes algumas d'ellas andam empremidas...»

Conveiu aos inquisidores boçaes destruir estes titulos gloriosos, para com mais impunidade sacrificarem ao seu fanatismo Damião de Góes. A revelação do seu processo do Santo Officio veiu acordar a necessidade de reparação historica, fundamentada nas importantes investigações de Joaquim de Vasconcellos, Guilherme J. C. Henriques e Sousa Viterbo; por elles se torna facil hoje esboçar a biographia de Damião de Góes.

No seu interrogatorio, declarou Damião de Góes, aos inquisidores, ser «natural de Alemquer e seu pae se chamar Ruy Dias e sua mãe Isabel Gomes, já defuncta, e que he de edade de *setenta* annos, os faz em este fevereiro que vē...» (Fl. 63.) Sendo este auto de perguntas feito em 19 de Abril de 1571, deduz-se a data do seu nascimento em 1502. Seu pae foi casado quatro vezes, tendo por ultima consorte Isabel Gomes de Lemy, neta de Nicoláo de Lemy, homem nobre do condado de Flandres, que veiu a Portugal tratar negocios da princeza D. Isabel, casada com o Duque de Borgonha. Não é indifferente esta circumstancia, porque Damião de Góes, o segundo genito d'este quarto consorcio, sendo muito joven ainda foi despachado para a Feitoria de Flandres e empregado em missões diplomaticas em varios estados do norte. Em 1517 já Damião de Góes se achava empregado na côrte de D. Manoel, onde recebera a educação prestada aos môços fidalgos. Na especie de autobiographia, que sob o titulo dos Góes con-

signou no *Livro das Linhagens*, descreve Damião de Góes o primeiro periodo da sua vida, de 1523 até 1545, em que desde o despacho para a Feitoria de Flandres até ser chamado por D. João III para mestre do Principe D. João, revelou as suas extraordinarias aptidões, que o fizeram querido dos mais altos espiritos: «foi um dos homens portuguezes que mais terras e provincias viu, porque em peregrinações passou vinte e dous annos da frol da sua edade, das quaes algumas fez por mandado d'el rei D. João III e as mais por curiosidade e desejo que tinha de vêr mundo. As viagens que fez por mandado d'el rei fôram ir por duas vezes á côrte de Sigismundo rei de Polonia, uma no anno de 1529 e outra no anno de 1531; [1] e em este mesmo anno foi tambem por mandado do dito senhor á côrte de Frederico, rei de Dinamarca duque de Holst, e assy á côrte de Gustavo, rei do grande reino da Suecia; frequentou as côrtes do papa Paulo III, do impera-

---

[1] Tratava-se do casamento do Infante D. Luiz com a princeza da Polonia, uma das sete noivas que D. João III não achou hypocritamente condignas do irmão. Na biographia de Damião de Góes *(Plutarcho port.*, I, 27) escreve Joaquim de Vasconcellos: «O casamento com a princeza da Polonia, herdeira de um paiz que era então uma potencia militar de primeira ordem, envolvia para Góes a ideia capital de uma liga que collocava o imperio turco entre dois fogos, e o obrigaria a saír da Europa. É inutil ponderar a influencia de semelhante cruzada para a consolidação dos nossos dominios em todo o Oriente. Os Turcos ameaçavam então a civilisação européa e avançavam até Vienna. D. João III fingiu nada entender dos planos de Góes.»

dor Carlos v, de el rei D. Fernando seu irmão rei dos Romanos, de Hungria e de Bohemia, e d'el rei Francisco de Valois rei de França, e de el rei Henrique de Inglaterra, outavo de nome. Teve grandes amisades com muitos principes, cardeaes e prelados de toda a Europa e com quasi todos os homens doutos que viveram no seu tempo, como se vê pelas cartas que andam impressas em latim, que lhe escreveram e elle a elles — serviu nas partes da Allemanha, Flandres, Brabant e Holanda em negocios de muita importancia; aonde foi tão bemquisto e acceite que o tinham todos por seu natural...» — «soube muitas linguagens e douto na lingua latina e compoz o livro dos *Costumes e Religião dos Christãos sugeitos ao Imperador da Ethiopia* e *Rei dos Abexins* e a *Guerra que tiveram os Portuguezes na India com os Reys de Cambaia sobre a cidade de Diu*, e as *Grandezas e poder e fertilidade de Hespanha*, e outros livros em latim, e na Musica compoz muitas cousas, na qual foi tão destro e exercitado, que nas terras por que andou lhe chamaram *o musico* d'alcunha.» No mesmo esbôço genealogico autobiographico, continuou: «Emquanto o dito Damião de Góes viveu, fez muitos e bons serviços a estes reinos de Portugal e foi de todo apartado e alheio de cobiça, porque o dito sñor D. João III lhe deu de seu proprio motu o officio de Thezoureiro da Casa da India e o mandou para isso chamar estando em Frandes no anno de 1533, sendo ainda solteiro, e veiu a estes reinos a lhe beijar

por isso a mão e sem querer acceitar o officio se tornou logo para a Alemanha a se vêr com Erasmo Rotherdamo, grande seu amigo, que então vivia em Friburgo de Brisgoya, onde esteve em sua casa por espaço de seis mezes, e d'ali se foi a Italia, onde em Padua residiu seis annos continuando em seus estudos de Philosophia, e d'ahi se tornou a Frandes onde se casou;...» No auto das perguntas na Inquisição refere o seu primeiro regresso a Lisboa: «Depois que vim a Portugal no anno de 1533, chamado para o Officio de Thesoureiro da Casa da India, El-Rei, que santa gloria haja, e os Infantes seus irmãos e outros senhores do reino, me perguntaram com muito gosto e mui particularmente pelo discurso de minhas peregrinações, fallando-me em Luthero e nas cousas de Allemanha, Reis e Principes d'ella, e por El Rei — saber que vira eu já Erasmo Rotherdamo e que eramos amigos, me perguntou por algumas vezes se o poderia eu fazer vir a este Regno para se d'elle servir e isto a tençam de o ter em Coimbra, onde já tinha ordenado de fazer os Estudos que fez, ao que lhe respondi o que me d'isso parecia:...» (*Processo*, fl. 99.)

Todas estas informações interessantissimas que Damião de Góes espalhava na conversa com o rei e os infantes, e o que lhes escrevia em cartas para satisfazer sobre estes assumptos as suas exigencias curiosas fôram colligidas pelo Cardeal D. Henrique com um reservado pensamento. Em uma carta do Cardeal-Infante Inquisidor

a Damião de Góes de 8 de Julho de 1541, termina: «E vos agradecerei muito me escreverdes novas da Allemanha, e da Dieta e particularidades d'ella...» Em carta de 13 de Dezembro de 1541 insistia «e vos agradeço muito as novas que me mandaes da Allemanha e vos encommendo que assy o façaes sempre e *tambem m'as manday de vós...»* Todas essas noticias vieram um dia a formarem o libello minucioso, que os inquisidores apontavam como occultas propositalmente por Damião de Góes; no tribunal do Santo Officio relatava os accidentes da sua vida nos paizes que visitara e missões que desempenhou. Os factos que teve de rememorar nos interrogatorios, eram materia da correspondencia antiga com o rei e os infantes, em que não era a vaidade pessoal que o fazia exhibil-os, mas aquella affabilidade que o forçava a comprazer com as affectuosas instancias. Erasmo recommendava Damião de Góes ao cardeal Bembo, quando seguira para os estudos de Padua; e em 11 de Novembro de 1533, Bembo fazia os mais vehementes elogios do seu recommendado a Erasmo. Nos poucos dias que tivera relações com Philippe Melanchton, mereceu-lhe Damião de Góes a intima sympathia, que o Cardeal Sadoleto entendeu aproveitar, escrevendo-lhe e pedindo para por sua via fazer chegar á mão de Melanchton uma carta suasória «com tenção de trazer este homem ao suave jugo da Egreja.» Nada mais natural do que referir para a côrte, que Erasmo lhe escrevera em 21 de Maio de 1535, confessando que

lhe era um allivio na doença a sua amisade; e em cartas de 18 de Agosto e 15 de Dezembro fallar-lhe de luctas religiosas de Inglaterra, e em Janeiro de 1536 mostrar-se Erasmo preoccupado com o proximo fim da sua vida.

Em Padua teve Damião de Góes o máo azar de admittir em sua casa um perfido jesuita, o P.e Simão Rodrigues, typo de intrigante habil, que o interrogava sobre o que elle pensava das cousas de Allemanha, e das questões theologicas do poder do papa e da confissão auricular; dos nomes dos personagens que lhe escreviam ou com quem tinha amisade; fôram dois mezes de uma espionagem moral, o bastante para o annullar em uma côrte fanatica, como a de D. João III.

Esteve na Italia em Padua, onde se demorou quatro annos, estudando principalmente com Lazaro Bonamico, mantendo a amisade de Bembo, de Madruce, cardeal de Trento e com Jacopo Sadoleto e visitando os logares mais historicos da Italia e em Roma recebido por Paulo III. Voltou para Louvain em 1538, onde residira quando fôra da sua primeira chegada aos Paizes Baixos. Relacionou-se ali com Conrado Gochenius e com Pedro Nannius, recebendo instrucção musical, e dedicando-se a composições de musica religiosa, cantando-as elle proprio nas egrejas, por ser dotado de uma bella voz. Foi n'este mesmo anno que casou com uma menina de Haya chamada Joanne de Hargen, gentil e rica herdeira descendente dos Condes de Ahremberg, estabelecendo a sua residencia em Louvain. Na Ge-

nealogia dos Góes, fallando da sympathia que tinha na Allemanha, Flandres, Brabant e Holanda onde «o tinham todos por seu natural — por este respeito com licença do mesmo senhor (D. João III) no anno de 1538 casou no Condado de Holanda no logar de la Haia com uma donzella muy nobre e rica por nome D. Joanna de Harguē, do sangue dos condes de Harembergue e de Horne e de Monforte, filha de André de Harguen, senhor de Hostreique, natural da terra de Utreque e do conselho do Imperador Carlos V, no Conselho de Holanda, da qual houve, antes de a trazer a estes Reinos de Portugal, onde tornou chamado por cartas do mesmo Rey D. João e rainha Dona Caterina — os filhos Manuel, Ambrosio e Antonio...» Ainda n'este mesmo anno publicou a traducção do *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam Mayor ou da Velhice.* Na carta dedicatoria que acompanha esta versão allude aos cinco mezes que esteve em Friburgo em Companhia de Erasmo; e apenas o tempo de *quatro mezes*, que se demorara em Portugal: «em dezaseis annos (da força e frol de minha edade) *quatro mezes* sómente quiz minha sorte estar n'esses Reinos, e corte lugar de minha honra e criaçam, o que m'envejando a fortuna logo me d'aly rechaçou.» Os testemunhos contemporaneos encarecem a sua felicidade conjugal; povoaram-lhe o seu lar trez filhos, Manoel, Ambrosio e Antonio. Entre os varios opusculos em que Damião de Góes informava a Europa com os feitos recentes dos portuguezes no

Oriente, deu publicidade a um que foi o germen da desgraça que lhe desmoronou a existencia. O opusculo *Fides, Religio, Moresque Ethiopum sub imperio Presbyteri Johannis*, uma simples relação ethnographica, despertou os rancôres do Inquisidor Geral Infante D. Henrique, prohibindo a sua venda em Portugal. Fôra publicado em Louvain em 1540. Damião de Góes sentiu-se d'aquelle intolerantismo; o Infante Inquisidor Geral escreveu-lhe de Evora a 28 de Julho de 1541: «E vos rogo pois sabeys que gente he a portugueza e quanto folga de reprehender, que d'aqui em diante emprehendais outra obra d'outra qualidade, que eu sey que bem vós sabereys fazer.» Diante d'esta pequice do fanatico Inquisidor Damião de Góes escreveu-lhe magoado, mas acordou desde logo o intimo e concentrado rancor com que um dia seria dilacerado. Em carta de 13 de Dezembro de 1541, o Infante refere-se á extensa carta: «em que vos aggravaes de mim por ter mandado que a vossa obra se não venda — pareceo-me a mim e aos inquisidores, que em tempo que n'estes regnos se começa de usar a santa inquisiçam se nam devia ler tal obra.» Os successos da sua vida cheia fizeram-lhe esquecer este fermento de um virus que havia de passados trinta annos envenenar a velhice do sabio humanista.

Quando Damião de Góes contava estabelecer-se em Louvain, na tranquilidade do seu lar, depois de quatorze annos de viagens, as guerras entre Carlos v e Francisco i, atiraram com 25:000 homens sobre Brabant, pondo um apertado cêrco a Louvain em 1542.

Os embaixadores de França, Rincon e Fregose, tinham sido assassinados em Italia por ordem do Marquez de Gast; em consequencia o marechal de Gueldres, Martin de Rossom, veiu cercar Louvain por ordem de Francisco I. A cidade organisou a sua defeza sob a direcção de Damião de Góes, em cujo valor e dedicação confiaram; á frente dos estudantes da Universidade manteve a firme resistencia. Alguns notaveis da cidade trataram de formular condições para se terminar o cêrco. Em uma trégua, a cidade enviou como parlamentarios ao general Nicolas de Buost, senhor de Longueval, Damião de Góes e Meier. Quando estavam tratando com os sitiantes, a trégua é insolitamente violada por alguns tiros. O commandante do corpo invasor, considera o facto como uma traição; Damião de Góes é logo feito prisioneiro e remettido para Saint Quentin; elle e o seu companheiro recuperaram a liberdade pagando um resgate de 22.000 ducados de ouro. Damião de Góes escreveu um opusculo intitulado *Urbis Lovanienses Obsidio*, impresso em Lisboa em 1546 e dedicado a Carlos V, que lhe concedeu um brazão de armas. Ferdinand Denis aponta um facto importante ácerca do seu resgate: «Foi por este tempo, e por ventura para negociar o seu resgate, que Damião de Góes foi a Fontainebleau. As suas relações inexgotaveis, o encanto que se achava na sua conversação, e o que é mais ainda, sua sciencia musical e a arte infinita com que elle sabia acompanhar de muitos instrumentos

uma voz encantadora fizeram-o maravilhosamente accolher na côrte de França. Francisco I recebeu-o no castello de Fontainebleau, como Paulo III já o tinha recebido em Roma.» Na Genealogia dos Góes deixou estes traços autobiographicos sobre a sua acção no cêrco de Louvain: «Nem lhe ficou por exercitar a arte e trabalhos da guerra com muito louvor, porque entre outros casos que lhe aconteceram, um d'elles foi no cêrco da cidade de Luvē, metropoli e cabeça do ducado de Brabante, a qual sendo cercada no anno de 1542, onde elle então residia com sua mulher e casa, estando n'este tempo fóra da cidade se véo lançar n'ella, no mesmo ponto e razão que os principaes cidadãos e principaes pessoas d'ella fugiam e a desemparavam, pera defensão da qual foi eleito pelo Senado por capitão e companheiro d'outros tres, que eram Conrado, conde de Vernenburgo e Felipe de Dorlay, gran-bailio de Brabante e George Relim señor Damery, que a rainha D. Maria viuva de Hungria, regente dos Estados de Frandes ali mandara em socorro, o qual Damião de Góes (depois d'estes tres capitães fugirem da cidade) fez alevantar o cêrco por manha que usou com Nicolau de Bonsont sñor de Longueval, Capitão Geral del rey de França Francisco de Valois, por cujo mandado tinha cercado a cidade com vinte e cinco mil homens de guerra, pelo qual respeito, per vingança da astucia e ardil de guerra que n'este caso usou, foi o dito Damião de Góes prezo do dito Capitão Longueval sobre

fé e salvo conducto que lhe dera pera vir fallar depois do campo alevantado em cousas que cumpriam a uma e outra parte, e quebrantada a fé o levou prezo para França, onde, depois de estar cativo por espaço de nove mezes, foi por mandado do mesmo Rei de França levado com boa guarda a Fontainebleau, onde então o dito rey estava, e sem lhe querer fazer justiça nem guardar o salvo conducto que lhe fôra dado pelo Capitão Geral Longueval de vir falar com elle fóra da Cidade de Louven, foi posto em resgate de 6.300 escudos de ouro, a fora outras despezas que fez; e do successo da sua prisão compoz hũa elegante Oração em lingua latina dedicada e recitada por elle ao mesmo Imperador Carlos V Rey de Castella, Aragão, Navarra e Senhor do Estado de Flandres e Brabant e Archiduque d'Austria.»

Tratando o monarcha portuguez de dar casa ao esperançoso principe D. João, e conhecendo os altos meritos de Damião de Góes, escreveu a chamal-o á pressa a Portugal para lhe confiar essa missão delicada de mestre e aio do principe. Mais venturoso teria sido o infeliz principe D. João se a sua cultura intellectual e moral recebesse a disciplina de um tal mestre. No interrogatorio inquisitorial refere-se Damião de Góes a este projecto: «o qual senhor (D. João III) no anno de 1545, e assi a Rainha me mandaram chamar per suas cartas, escrevendo-me que me viesse logo a este Reino com minha mulher e filhos, porque era pera se de mim servi-

rem: o que logo fiz com muita diligencia, vindo eu pela pósta e minha mulher per jornadas, e minha casa e filhos per mar, no que dispendi mais de mil e quinhentos cruzados; ao que Suas Altezas se não moveram se não com saberem que era eu muito catholico christão com toda minha casa...» *(Processo*, fl. 99 *V*.)

O refalsado P.^e Simão Rodrigues, que com os directores espirituaes da Companhia sabia o que se passava na côrte; e pretendendo em vez de doutrinante do Principe D. João ser nomeado seu mestre, tratou de afastar Damião d'esse alto encargo, e em 5 de Septembro de 1545 appresentou-se na Inquisição de Evora a fazer uma denuncia formal: «que estando elle em Italia, haverá nove annos pouco mais ou menos, estando na cidade de Padua ahi a Damião de Góes, portuguez, que ao presente reside n'esta cidade de Evora, o qual agora veo de Frandes... que praticou com o dito Damião de Góes nas heresias de Luthero per espaço de dois mezes... e que n'estas cousas todas via elle — que louvava a doutrina de Luthero, — ao que elle via e entendia que elle tinha a dita seita e herezia de Luthero e via que se deleitava muito e comprazia com ella, — que o dito Damião de Góes pode fazer muito dano ácerca das cousas da nossa santa fé catholica, por que *he homem avisado e sabe além do latim alguma cousa de Theologia e sabe a falla franceza e italiana e lhe parece tambem saberá a framenga e allemã,* porque andou muito tempo entre elles.» Quando passados

trinta e seis annos soube d'esta traiçoeira accusação, lembrando-se do antigo odio do P.ᵉ Simão Rodrigues, Damião revela que fôra por esse motivo reprehendido pelo seu Geral: «e o dito Mestre Ignacio veiu de Veneza a Padua a se desculpar de mim, onde pousou em minha casa com alguns irmãos da sua regra.» E a rasão da denuncia é cathegorica: «Mestre Simão, chegando eu á cidade de Evora meado do mez de Agosto do anno de 1545, logo no septembro do mesmo anno testemunhou contra mim, a qual pressa, como claramente se vê foi para me estorvar o bem para que era chamado por cartas d'Elrei, que santa gloria haja, e da Rainha nossa senhora, para ser *mestre e guarda-roupa do Principe D. João,* que santa gloria haja, pae del rei nosso senhor (D. Sebastião), *como foi publica voz e fama,* do qual senhor Principe elle era mestre de doutrina e pretendia (segundo se pode suspeitar), a ficar tambem por seu mestre das lettras, o que não alcançou, e o que me estorvou a mim se deu a Antonio Pinheiro, bispo agora de Miranda...» Depois da primeira denuncia, o viperino jesuita foi amplial-a dois dias depois em 7 de Septembro de 1545; e passados cinco annos em 24 de Septembro de 1550 appresenta-se na Inquisição de Lisboa a avivar a denuncia feita em Evora, desesperado por não lhe terem dado andamento, porque o P.ᵉ Gaspar Barreiros não promovia o processo, talvez por ser amigo de Damião de Góes e sobrinho de João de Barros. Pode-se explicar esta furia do P.ᵉ Simão Rodri-

gues, por ter sido despachado Damião de Góes para a serventia de Guarda Mór da Torre do Tombo, alvará de 3 de Junho de 1548 «*emquanto Fernão de Pina não fôr livre dos cargos porque ora é preso e accusado, em maneira que o possa servir.*» A nova denuncia em Lisboa seria para obstar ao despacho definitivo, por isso que Fernão de Pina não foi reintegrado. Em carta de 14 de Fevereiro de 1549 á Rainha, queixa-se Damião de Góes dos embaraços que causa ao serviço do Archivo estar uma das chaves em poder do contador Affonso de Miranda em Santarem. N'esta denuncia preparava a rêde para ser forçado Damião de Góes a declarar os nomes dos individuos com quem tivera relações na Allemanha: «declarou que Damião de Góes tinha auctoridade entre os lutheranos — por elle lhe fallar em muitos dos lutheranos e mostrar que tinha com elles amisade...» N'esta propaganda traiçoeira, Damião de Góes procura atalhal-a inscrevendo a sua familia na irmandade do Espirito Santo de Alenquer e dota varias egrejas com alfaias e imagens. É possivel que ainda a Inquisição não promovesse a sua prisão, por ser um dos conselheiros o seu parente Fr. Jeronymo de Azambuja. A amisade do Infante D. Luiz, que lhe suscitára o trabalho de um *Livro de Linhagens*, baseado em documentos, cobril-o-ia contra o fanatismo boçal de seu irmão o Cardeal-Inquisidor. Em 1552, baptisando em 18 de Septembro seu filho Fructos de Góes, convidou então para padrinho o seu grande amigo o Chronista das

Decadas da India, João de Barros, do mais alto valimento na côrte. Para compensal-o da excusa de Mestre do Principe D. João, já despachado Guarda Mór da Torre do Tombo, foi encarregado de escrever a *Chronica do Rei D. Manoel.* É n'esta situação desafogada, segura, que se desenvolve a sua grande actividade, reorganisando o Archivo nacional, e entregando-se ao encanto da sua arte querida, a Musica. D'isso lhe fez carga na Inquisição um vil delator João de Carvalho Patalim, visinho de Damião de Góes: «via elle que entravam alguns estrangeiros em casa de Damião de Góes e diziam que comiam e bebiam *e por muitas vezes ouviu elle testemunha cantarem* cousas que elle não entendia, sómente ouvia as vozes, e durar aquillo por muito espaço, *e que não eram cantigas que cá costumam cantar-se,* e os que cantavam eram o dito Damião de Góes e o Jacques que faz os oculos e Adriano Lucio já defunto e outros que não conhecia, e que era ordinario entre elles fazerem isto, e comerem e beberem.» (Fl. 116.) Outro depunha: «que comiam, bebiam e *cantavam cantigas e tangiam orgão.*» (Fl. 119.) A perfidia jesuitica enveredava pelo caminho de attribuir a Damião de Góes as quadras virulentas da *Maria Pinheira,* que chegaram anonymas diante de D. João III, para conhecer o sangue judaico do seu favorito ministro Conde da Castanheira. É possivel que na familia dos Athaydes acreditassem na odiosa imputação. A corrente ia engrossando, e por 1564 é acordado o odio dos Braganças; o testemunho

do poeta Pedro de Andrade Caminha, camareiro do Infante D. Duarte falecido em 1550, e depois de seu filho o Duque de Guimarães, disse em um depoimento repugnante: «que seis ou sete annos (1564) mais ou menos, que foi no tempo que Damião de Góes escrevia a *Chronica del Rei D. Manoel*, o dito Damião pediu a elle denunciante que lembrasse á Infante D. Isabel (de Bragança), que lhe mandasse algumas lembranças do Iffante D. Duarte, seu marido, porquanto havia de fazer d'elle memoria na dita *Chronica*. E lembrando elle isto á Iffante, ella lhe disse que tinha mandado ao dito Damião de Góes algumas lembranças de como morrera: e depois d'isto achando-se elle denunciante nos Paços da Ribeira — Damião de Góes lhe respondeu — Que não havia na morte homem que não dissesse quatro parvoices.» (Fl. 64 V.) Referia-se ás visões e prophecias do desgraçado Infante epileptico. O fanatismo de D. Isabel de Bragança, ficou com horror ao que fallara assim das provas de santidade do marido; e pelo seu director jesuita facilmente concitaria o Infante Cardeal que governava na menoridade de D. Sebastião. O que escreveria Damião de Góes na *Chronica de D. Manoel*, em que inevitavelmente tinha de tratar da *traição* do Duque de Bragança, da rehabilitação da familia, do assassinato da Duqueza D. Leonor de Gusmão por seu marido D. Jayme! A *Chronica de D. Manoel*, em cuja redacção gastou Damião de Góes nove annos, appareceu á luz em 17 de Julho de 1566, dos prélos de Fran-

cisco Corrêa, *impressor do Serenissimo Cardeal Infante;* foi revista por Fr. Manoel da Veiga, que apparece depois como julgador na Inquisição. Emquanto se imprimiam a Terceira e Quarta parte da *Chronica,* em 1567, foi pausadamente lida a Parte I, antes de circular em publico, e secretamente foi alterado o texto por ordem do Cardeal D. Henrique e ao grado da cunhada viuva do Infante D. Duarte. O problema bibliographico dos dois textos da *Chronica de D. Manoel* envolve o problema historico que arrastou Damião de Góes aos horrores do Santo Officio.

Em 18 de Novembro de 1566 obteve Damião de Góes, a graça da sobrevivencia do logar de Guarda-Mór da Torre do Tombo para seu filho Ambrosio de Góes; e em 19 de Novembro de 1567 a d'este mesmo filho o substituir no seu impedimento. É natural que a Damião de Góes, vendo sustada a vulgarisação da *Chronica de D. Manoel,* lhe chegasse a atoarda dos resentimentos causados pelas suas narrativas veridicas sem convenções hypocritas. É no meio d'estas angustias tacitas que faleceu sua dedicada esposa Joanna d'Harguen em 25 de Septembro de 1567, como consta do Livro da Parochia de Santa Cruz do Castello. Não foi sómente o apoio moral e equilibrio do espirito que Damião de Góes perdeu com o passamento de sua esposa; surgiu um novo odio em seu genro Luiz de Castro sobre a partilha da herança materna que competia a Catherina de Góes. Esse miseravel Luiz de Castro era fidalgo da casa do Cardeal-Infante Inquisidor Geral, e

seu thezoureiro; tornou-se logo instrumento do rancor do Cardeal. No meio d'este desmoronamento da vida domestica, começou a *peste grande* de 1569, e Damião de Góes allude á doença em que se viu; é pois de presumir que desconhecesse a reimpressão da *Chronica do Rei D. Manoel* em que se truncou, alterou e se substituiu o seu texto historico. O homem que se prestaria a praticar esta ignominia era esse D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, que atravessaram diante de Damião de Góes, quando foi convidado para mestre do Principe D. João. O caderno que emenda os capitulos 23 e 27 da Parte III da *Chronica de D. Manoel,* que se acha na Bibliotheca Municipal do Porto, tem as emendas «de uma mão que nos parece *ser do Dr. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda,* que então figurava no Conselho do Estado.» [1]

O facto de se encontrar o examinador das tres Partes da *Chronica*, Frei Manoel da Veiga, em 1566, assignando como juiz em 4 de Julho de 1571 no processo do Santo Officio contra Damião de Góes, revela que já se organisara o plano para dar cabo do insigne historiador. A

---

[1] *Museu Portuense*, de 1 e 15 de Agosto de 1838. Em nome de D. Sebastião mandava-se pelo seu secretario de estado: «Vi os capitulos que me enviastes, assim o que falla do Cardeal meu tio, como o que toca ás cousas del rei D. Fernando. No Cardeal mandei emendar o que vereis, e no de Elrei Dom Fernando mudar o que tambem vereis pelo caderno que com esta vae, conforme ao qual o fareis lançar em seu lugar.» Eis o que é a historia official ou classica.

quarta parte da *Chronica*, que entrara no prélo em 1567, apparece examinada por Fr. Francisco Foreiro em 2 de Janeiro de 1566, antedatada dezenove mezes! Se Damião de Góes conhecesse estas dolosas alterações da sua obra, não ficaria esse facto, mobil da sua perseguição, em completo desconhecimento até ao meado do seculo XIX. A publicação em 1838 dos capitulos da Parte terceira mandados substituir acordou a curiosidade dos bibliophilos, e poucos annos depois o Dr. Monteverde da Cunha Lobo teve a ventura de achar um fragmento da Parte primeira e segunda da *Chronica*, em que se lhe depararam grandes variantes de texto e deformações typographicas. Pelo exame a que procedeu o Visconde de Azevedo em 1866, tem essa Parte I o mesmo numero de folhas e de capitulos, mas no final uma vinheta; os mesmos caracteres typographicos e o mesmo Impressor do Serenissimo Cardeal: «no meio do livro não eram identicas as linhas da impressão por causa das *muitas e notaveis variantes que se liam n'este exemplar*, comparado com os geralmente conhecidos...» Falsificou-se a edição de 1666, substituindo-se folhas e paragraphos, onde conveiu alterar o texto, e este arranjo fez-se com a pericia technica do Impressor do Cardeal Inquisidor.

Hoje que essas variantes estão publicadas, pelo seu conteudo se reconhecem os personagens que mascararam com a prisão e processo inquisitorial o seu odio pessoal contra Damião de Góes, figurando no primeiro plano os Bragan-

ças. Cortaram a referencia á morte de D. João II:

«*Sua morte nam foi sem n'ella haver suspeita de lhe terem dado peçonha.* (Cap. I, fl. 2.)

No capitulo VIII, dos *desterrados pelo caso das treições,* foi cortada na epigraphe a phrase do crime do Duque de Bragança, e no texto foram cortadas as linhas relativas aos filhos d'elle D. Jayme e D. Diniz «*que lá andavam desterrados pelo negocio das treições,* que livremente se podiam voltar a ho Regno, *ho que fazendo havia por bem de os restituir nos bens que El rei Dom João mandara confiscar.*» O texto foi assim modificado e «que lá andavam desterrados *por causa das aventuras que aconteceram em vida del Rei Dom João...*»

O texto referente ás doações feitas ao Duque de Bragança D. Jayme foi cortado e substituido com uma forjada carta de D. Manoel. No texto amputado vem estas revelações: «a grandeza da qual mercê fez fazer a muitos varios juizos, dizendo hũs, que mais de poder ausoluto a fizera el-Rei que nam de Conselho nem rezam que tivesse para dar tantas villas e fortalezas e tam importantes á corôa do regno; outros escusavam isto *pondo a culpa a Infante Dona Beatriz sua mãe e á rainha D. Leonor, irmã del Rei, por lhe fazerem fazer, parte por rogos, parte por muita importunação;* outros que mais tiravam ao vivo, diziam que taes bens se não podiam dar, visto que *elrei dom Joam mandara em seu testamento, que não sómente os não restituisse a os culpados nas treições, mas ainda por nenhum*

modo os recolhesse em seus Regnos nem em sua graça. Nas quaes praticas com *muitas altercações* se trataram emtam por muito tempo na côrte...»

E sobre o assassinato da duqueza de Bragança D. Leonor de Gusmão por seu marido D. Jayme, foi amputado o facto odioso: «*a qual Duqueza Dona Leonor elle matou ás punhaladas com hum seu page de sobrenome Alcoforado com quem tinha suspeita que lhe fazia adulterio*, e acabo doito annos se casou...»

Isto basta para determinar o motivo dos odios e as altas personalidades que se serviram do idiotico Cardeal Inquisidor para friamente se vingaram de Damião de Góes.

Tudo ficou ignorado durante seculos e na impunidade moral. Só em 1738 é que D. Antonio Caetano de Sousa, na sua apparatosa *Historia Genealogica da Casa real*, increpando o chronista Damião de Góes, allude á epigraphe suprimida do cap. VIII: «não tratou esta vinda do Duque com a reflexão que merecia a Casa de Bragança, dizendo que *andavam desterrados pelas traições*... para que assim lhe cahissem bem os rogos da Duqueza, sua mãe e da Infanta sua avó, para persuadirem a El Rei, querendo d'esta sorte deixar em duvida de que mais movera El Rei, tanto da justiça, que ellas tinham, como do amor do sangue.» *(Hist. gen.*, v, 437.) D. Antonio Caetano de Sousa refutando essas passagens da *Chronica de D. Manoel*, fel-o sobre exemplar secreto que se guardava no Archivo da Casa de Bragança com o mesmo interesse com que D. Pe-

dro V tratou de adquirir o exemplar *unico* achado pelo Dr. Monteverde da Cunha Lobo. Do odio dos Braganças contra Damião de Góes falla D. Antonio Caetano de Sousa, desvendando os factos: «e assim estes Senhores (de Bragança) ficaram mui pouco obrigados ao Chronista Damião de Góes, sendo do mesmo parecer o Cardeal Infante D. Henrique, o Senhor D. Duarte seu sobrinho, filho do Infante D. Duarte, e todos os mais senhores da Casa de Bragança, como vimos em cartas originaes, d'aquelle tempo que estão no Archivo da Casa de Bragança, nas quaes sentem o modo com que na *Chronica* com que então sahira á luz Damião de Góes em 1566, tratava dos interesses particulares d'esta Casa; e justamente se queixavam do pouco que o Chronista se lembrou dos serviços que os Senhores d'esta Serenissima Casa haviam feito á Corôa; e tambem não lhe era necessario para a Historia que escrevera pôr no principio da Chronica d'este Rei, algumas clausulas do testamento d'El rei D. João II, principalmente as que se dirigiam, ainda que não claramente a desfavorecer esta grande Casa, as quaes (supposto que com rebuço) se entendem encaminharem-se a este fim...» É evidente que D. Antonio Caetano de Sousa conheceu d'onde proveiu a perseguição contra Damião de Góes, e allude directamente ao texto da lição suprimida da Chronica, conservando esse segredo *religioso*. Quando trez annos depois, o abbade Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana,* tratava de Damião de Góes, em 1741, teve uns cer-

tos vislumbres ácerca da *Chronica de D. Manoel:* «n'esta edição *se tiraram algumas cousas que tinham causado desgostos ao seu auctor.*» Indicando á tôa a edição de 1617-19, esta referencia aos desgostos de Damião de Góes suscitara o Arcediago de Barroso a fazer o cotejo com a edição de 1566, concluindo: «lendo-a com a segunda, mal pude descobrir as emendas, *nem o que fosse capaz de causar os graves desgostos que aqui declara a Bibliotheca Lusitana.*» Hoje, pela descoberta do Dr. Monteverde, e publicação do processo inquisitorial de Damião de Góes, ficou bem patente o problema litterario, que esclarece o problema historico.

Estava tudo combinado para despenhar Damião de Góes em um carcere da Inquisição, escouceando esses padres boçaes um dos grandes vultos do Humanismo europeu. Lá sentenciava no execrando Tribunal *Fr. Manoel da Veiga,* que conhecia bem a *Chronica de D. Manoel,* para fazer valer as denuncias que estavam archivadas no Santo Officio de Evora de 1545 e de Lisboa de 1550. Já tinha falecido em 1570 o chronista João de Barros, compadre de Damião de Góes, que exercia alta influencia na côrte; e o genro do insigne humanista, Luiz de Castro, da Casa do Cardeal Inquisidor planeando as vantagens da prizão do sôgro na partilha das legitimas por morte de D. Joanna d'Arguen. Assim em 31 de Março de 1571 o Conselho geral da Inquisição vota a pronuncia e prizão de Damião de Góes: «Foram vistos estes autos diante de *s. a...*» isto

é Sua Alteza o Cardeal Infante. Prezo e entregue á Inquisição em 4 de Abril de 1571, cinco dias depois foi o genro accusal-o de heresias que lhe ouvira em conversas com elle e seu filho Ambrosio de Góes. O ultimo despacho feito por Damião de Góes como Guarda-Mór da Torre do Tombo foi assignado a 4 de Março de 1571; em 31 d'este mez era pronunciado pelo Conselho da Inquisição, e por surpreza «*com todo o resguardo* e quietação» capturado em 4 de Abril. O processo foi morosamente arrastado para vêr se o perseguido septuagenario morria no carcere, em que apenas cabia um só prezo, sem se poder deitar, recebendo a luz por uma fresta alta e conservando em um caneco por outo dias os dejectos! Aquelle homem abastado, organisação de artista, conhecido em toda a Europa pelos maiores eruditos da Renascença, pedia que o julgassem, por que se achava coberto de sarna e ozagre, e lhe prestassem um livro latino com que se alliviasse das vivas recordações. O seu crime era ter sido amigo de Erasmo, e ter encontrado nas missões politicas ás côrtes do norte alguns dos vultos celebres da Reforma. Escrevia elle aos seus Inquisidores, em 14 de Julho de 1572: «Eu estou tão mal disposto, e não só de uma doença mas de trez, que são, vertiguo, rins e sarna como especie de lepra, que qualquer pessôa que me vir se fôr proxima se moverá á piedade, por que em meu corpo não ha cousa sã; tem-me vossas mercês aqui *prezo ha já dezesseis mezes*... fui sempre catholico christão... E se por ventura me

querem contar por êrro haver sido amigo de Erasmo Rotherdamo e seu hospede quatro mezes pouco mais ou menos em Friburgo, de Brisgoia, cidade catholica e Universidade celebre de Austria, não vejo causa porque sua amisade me seja prejudicial, porque elle nunca foi reputado, nem condemnado por herege, por que se tal fôra eu o não communicara, da bocca do qual — eu nunca ouvi palavra nem tivemos nunca pratica em que n'elle pudesse sentir senão que era muito catholico christão e inimicissimo de Luthero e de sua heresia...» (Fl. 149.) Na sua santa ingenuidade ainda confiava apiedar o idiotico Cardeal: «peço que d'esta minha carta dêem relação ao cardeal, para que Sua Alteza *com olhos de caridade proveja em minha soltura...»* E appresentando a lista das offertas de quadros, imagens e alfaias a varias egrejas desde o anno de 1526 (Fl. 106 e 107) pede que mandem copia «ao Cardeal, para vêr Sua Alteza *(se de mim tem algum rancor, procedido de más informações)* que sou eu alheio do que por ventura lhe tem dito — hoje XVI de Fevereiro de 1572.» O desgraçado chronista desconhecia o rancor felino de D. Catherina de Bragança, sobrinha do Cardeal, e para mais o ferirem em 27 de Fevereiro é despachado para o seu logar de Guarda-Mór da Torre do Tombo o Dr. Antonio de Castilho, chegado de pouco de uma enviatura a Inglaterra. Defendendo-se de accusações estultas julga que basta a sua justificação «*sem mais me vexarem sobre setenta annos de edade,* certa criação e serviços

á cêrca d'este reyno e sempre com nome de homem que viveu bem e com honra.» (Fl. 142.) Pedia o julgamento: «que me despachem com brevidade *para me ir curar a minha casa e provêr no desamparo d'ella — dando-me a penitencia que lhes parecer que mereço sobre prizão de dezesseis mezes.*» (Fl. 147.)

Só quando os Inquisidores reconheceram que o velho chronista podia morrer no carcere, por acordam de 16 de Outubro de 1572, deram a Sentença condemnando Damião de Góes a carcere perpetuo e abjuração solemne em 6 de Dezembro, remettendo trez dias depois, certidão ao Juizo do Fisco para tomar posse dos bens do condemnado, e entregue ao mosteiro da Batalha para o carcere penitencial em 19 do mesmo mez e anno de 1572, como lhe designara o Cardeal. Com cynismo termina a sentença: «das mais *penas publicas* o relevam *visto a qualidade do caso e de sua pessôa,* com outras considerações que a isso se houveram.» Esta attenciosa hypocrisia mascarou o crime, que ficou vago e mysteriosamente conhecido até ser ignorado completamente.

Sobreviveu Damião de Góes por todo o anno de 1573, sendo-lhe permittido sahir da Batalha para ir tratar-se no meio da sua solidão domestica, sendo n'uma d'essas jornadas que se deu o accidente da sua morte em 30 de Janeiro de 1574, segundo refere Cornelio Loos em uma pequena biographia: «*Acharam-o morto em sua casa,* por uma apoplexia ou *afogado pelos seus creados para o roubarem.*» Confiscados os seus bens,

nada havia que roubar. Coincide essa morte com o desapparecimento do filho mais novo do Conde da Castanheira, D. Jeronymo de Athayde, casado, que se recolheu a um convento em Aragão, onde professou. Damião de Góes não foi *queimado* pelo Santo Officio, mas a tradição jesuitica completou pela lenda essa intenção: «sendo muito velho e *estando ao fogo,* recolhida sua familia, *caiu n'elle* com um accidente e ao outro dia acharam-o morto e meio queimado.» (P.e Francisco da Cruz.) E em outra fórma no espirito inquisitorial: «Não saíu em Auto publico, *mas não deixou de ser mysteriosa a sua morte... cahiu sobre o fogo* e o foram achar morto *e meio queimado.*» [1]

Fernão Lopes de Castanheda, um dos primeiros chronistas da India, era natural de Santarem, e filho illegitimo de Lopo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor de Gôa. Acompanhou seu pae para a India em 1528, e alli compilou todos os factos que comprehendem os cincoenta annos da sua *Historia do Descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes.* Relata as condições em que escreveu, e que abonam a

[1] O sr. Guilherme J. C. Henriques descobriu no Cartorio da egreja de Santa Maria da Varzea de Alenquer o assento do obito = Año de 1574 = «Aos xxx. dias do mes de Janr.º do año de jb^clxxiiij faleçeo damião de guoes e foi enterrado na capela mor desta igr.ª e na verdade o asiney dia mes e año ut supra. Eu *Luiz Velho.*»

sua veracidade: «Mas que a fui saber á India, passando na viagem bravas e vivissimas tormentas com que me vi perto da morte e sem esperança da vida, com trabalhos, de grandes fomes e de muyto maior sêde. E lá com mil perigos, em mui espantosas pelejas de bombardas, espingardadas sem conta; e antre ellas soube eu a verdade do que havia de escrever de muitas cousas de vista e ouvido.» Já em Portugal e entregue á redacção historica, procurava todos os que sabia terem estado na India, para consultal-os: «E assy em trelados e lembranças que muitos curiosos escreveram o que se fazia n'aquelle tempo.» Assim Castanheda define o processo da elaboração da historia: «E por isso quem hade escrever historia, hade fazer as diligencias que eu fiz e vêr a terra de que hade tratar, como eu vi, que assi o fizeram esses historiadores antigos e modernos. E bem sentia isto el-rei Dom Affonso o Quinto de Portugal, quando mandou Gomezeannes d'Azurara, cronista d'estes reinos a Alcacere pera lá escrever como testemunha de vista o que os nossos fizessem.»

Castanheda foi guerreado por duas ordens de influencias, os eruditos e os descontentes com a franqueza das suas narrativas. Contra os eruditos allega a importancia que a sua *Historia* achara fóra de Portugal: «Do que he testemunho imprimir agora em Pariz em lingua franceza o primeiro livro desta *Historia,* que tornou na mesma lingua Mestre Nicoláo (Grouchy), que cá foy lente d'Artes no *Collegio real...»* Tam-

bem appareceram traducções castelhanas e italianas. Os descontentes com a sua imparcialidade fizeram com que o nono e decimo livros fossem supprimidos, como nôl-o descobre Diogo do Couto narrando o caso do requerimento de alguns fidalgos a D. João III, que por terem-se achado no segundo Cerco de Diu, pediam que o rei mandasse eliminar o decimo livro de Castanheda por motivos de suas honras. [1] Em nota autographa de Damião de Góes na *Historia do Descobrimento e Conquista da India*, de 1552-54 e 61, vem a declaração: «que a Rainha D. Catherina tinha mandado suspender a impressão quando se completou o 8.º Livro.» Confirma a asserção de Diogo do Couto. Os dois livros finaes ficaram ineditos. A este tempo (1559) já Fernão Lopes de Castanheda não era vivo, «que com o fim da *Historia* se lhe acabou a vida, que tinha muito trabalhada de muitas indisposições causadas de continuo cuidado e de continuas vigilias e leitura de muitos papeis que da India trouxera.» Castanheda nunca encontrou recompensa de suas fadigas, e para sustentar a familia conseguiu apenas o miseravel emprego de Bedel da Faculdade de Artes e Guarda do Cartorio da Universidade: «Gastei vinte annos, que foi o melhor tempo de minha idade, e n'elle fui tão perseguido da fortuna e fiquei tão doente e pobre, que por não ter outro remedio com que me man-

---

[1] *Decada* IV, liv. 5, cap. 1

tivesse, acceitei servir uns officios na Universidade de Coimbra, onde no tempo que me ficava desoccupado do serviço d'elles, com assás fadiga do corpo e do espirito acabei de compoer esta *Historia*, que reparti em dez livros.» Chega até ao governo de D. João de Castro. Tal é a individualidade do chronista; a sua obra tem o colorido original de um tal caracter, e n'ella desde 1552 se inspirou Camões na elaboração dos *Lusiadas*.

Antonio Galvão — Chronista cuja personalidade extraordinaria toca o assombro; dotado do excepcional cosmopolitismo a que obedecêmos desde as expedições maritimas do seculo XV, animado do interesse scientifico dos espiritos da Renascença, Galvão obedeceu á paixão ideal e já extincta do civismo, ou o amor da patria que nos tornou grandes na civilisação moderna. Era quinto filho do antigo chronista Duarte Galvão (n. 1446, m. 1517), nascido fóra do matrimonio, na India; [1] foi nomeado capitão de Malaca em 1536 pelo governador Nuno da Cunha, conseguindo remediar pela sua prudencia todos os erros dos antecessores. Depois de ter augmentado em mais de quinhentos mil cruzados o rendimento da corôa, foi-lhe offerecido o throno de Ternate, por se achar alli extincta a dynastia; findo o triennio do seu governo, regressou á India e depois a Portugal, e quando esperava a

[1] Cardoso, *Agiologio Luzitano*, t. II, p. 140.

recompensa de tantos sacrificios, achou a indifferença e a miseria, tendo de accolher-se ao hospital onde era sustentado alternadamente por alguns amigos. N'este lamentavel estado viveu dezesete annos, sem conseguir despacho aos seus requerimentos, de modo que para o entêrro, em 1557, a confraria da côrte occorreu com as despezas e o hospital com a mortalha. Entrou para o serviço do estado com uma fortuna apreciavel, e nem depois de morto lhe pagaram uma parca divida contrahida. Passados seis annos, é que o seu testamenteiro e amigo Francisco de Sousa Tavares conseguiu publicar o notavel livro *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a Pimenta e Especiaria veiu da India ás nossas partes, e assi de todos os Descobrimentos antigos e modernos que são feitos até á éra de 1550.* No meio das suas doenças e decepções, fiado sempre em que a injustiça da sua época não prevaleceria contra a integridade de que era dotado, Antonio Galvão occupava-se no labor d'este livro, escripto nas torturas «de animo affligido» como diz o seu editor e amigo.

João de Barros, nasceu em Viseu em 1496; educado sob a disciplina da erudição humanista, preparou o seu estylo historico escrevendo a diffusa novella de cavalleria *Clarimundo* e tomando Tito Livio, annalista rhetorico, para seu modelo. Tendo seu tio Lourenço de Caceres, mestre do Infante D. Luiz, falecido em 1531 sem ter cum-

prido o seu compromisso como Chronista-mór do reino a quem competia escrever a Historia da India, João de Barros offereceu-se a D. João III para desempenhar esse encargo. Plagia no primeiro livro das *Decadas* a *Chronica da Conquista de Guiné* de Azurara, fiado na existencia do unico exemplar manuscripto que possuia, mas corrige a glorificação do infante D. Henrique mostrando como as navegações da pretendida eschola de Sagres eram um mercantilismo com que o Mestrado de Christo resistia contra a centralisação monarchica. Paulo IV fez collocar o busto de João de Barros no Vaticano ao lado do de Ptolomeu. A vida de João de Barros foi perturbada com desastres commerciaes, que lhe não macularam a honradez; já velho retirou-se á sua quinta da Ribeira de Alitem, em Pombal, onde faleceu ao fim de tres annos, em 20 de outubro de 1570, com setenta e quatro annos de edade, ficando por sua morte exposto á vingança dos Braganças o chronista Damião de Góes, seu intimo amigo e compadre.

Em 1591, Filippe II mandou arrecadar os fragmentos das obras de João de Barros, entre elles o da *Decada quarta,* em poder de sua nóra D. Luiza Soares, mulher de Jeronymo de Barros; foram estes papeis entregues a D. Fernando de Castro Pereira, mas tendo falecido pouco depois, vieram para o Collegio de S. Roque para serem entregues ao jesuita Christovam Clavio; como este não veiu de Roma, foram mandados entregar a Duarte Nunes de Leão, que não pôde

tiral-os a limpo, cumprindo este encargo por ordem de Philippe III em 1616 o cosmographo e chronista-mór do reino João Baptista Lavanha.

Gaspar Corrêa — Precedeu quinze annos na sua actividade militar e historica a Fernão Lopes de Castanheda. As noticias biographicas do auctor das *Lendas da India* são quasi nada, para o que era de esperar do seu editor academico Rodrigo Felner. No seu estudo *O assassinato de Gaspar Corrêa,* o professor Antonio Maria de Freitas projectou a luz de um extraordinario documento, por onde se vê que o diligente chronista dos primeiros cincoenta annos do Descobrimento e conquista da India foi mandado assassinar por D. Estevam da Gama, bisneto do Conde Almirante por despeito de soberba melindrada por julgamento historico. Gaspar Corrêa era filho de Pedro Corrêa Payo; nasceu em 1495, como se infere da sua declaração, de ter embarcado para a India com dezesete annos na armada de Jorge de Mello Pereira em 1512, dezeseis annos depois da India descoberta, acompanhando-o tambem para Cochim. Pela sua curiosidade de espirito interessou-se pelo grandioso e recente facto, inquirindo noticias das testemunhas vivas, mesmo entre os mouros e indios, e redigindo ao vivo as scenas dialogadas que caracterisam as suas narrativas, não se poupando jornadas, indo a Cananor e Cochim com esse intuito. Caindo-lhe na mão o Diario do P.^e^ João Figueira, capellão da náo de Vasco da Gama,

esse precioso testemunho mais o animava a verificar as noticias confusas que corriam, e assim formou o plano da obra da sua vida. Serviu com Affonso de Albuquerque, até a sua morte em dezembro de 1515: apparece provido em 1526 para a escrivaninha de Sofala, e em 1527 na da alfandega de Cochim. Esteve de regresso em Lisboa em 1529, aparecendo o seu nome nas moradias, e no recibo de junho d'esse anno a sua assignatura. Voltou para a India, onde casou, e vivia em Malaca em 1561 trabalhando na sua obra historica, aperfeiçoando-a, como o revela pelos dois traslados. Vivia tambem em Malaca o joven D. Estevam da Gama, que mandou assassinar o chronista por Henrique Mendes, do trato familiar do honrado velho. Os quatro volumes das *Lendas da India* fôram assim roubados e que Miguel da Gama, tio de D. Estevam, disse ter comprado em Gôa, os quaes trouxe para Lisboa em 1583, ficando sequestrados por seculos no archivo dos descendentes do Conde Almirante. É de alto valor o requerimento da viuva de Gaspar Corrêa ao Vice-rei D. Antonio de Noronha (1564) que deixou impunes os assassinos:

«Senhor. — Diz Anna Vaz, mulher fôrra que foi de Gaspar Corrêa, cavalleiro da Casa d'el Rei nosso senhor, e da Ordem de S. Thiago, em seu nome e de seu filho orfão menor Antonio Corrêa, filho d'esta e do dito Gaspar Corrêa, — diz e aqueixa e clama e pede justiça a Deus e a el Rei nosso Senhor e a Vossa Mercê que em

nome de Sua Alteza vem para a fazer da morte que sem causa e sem razão nem justiça foi pruvicamente dada ao dito Gaspar Corrêa, que saltaram uma noite com elle n'esta cidade de Malaca e o mataram com muitas feridas, que lhe deram os matadores, e os matadores foram vistos e conhecidos quem eram, e sobre isso se não fez nenhuma diligencia, mas antes pruvicamente e sem temor de Deus nem das justiças andam e andaram sempre em companhia de D. Estevam, capitão.

«E Anrique Mendes que foi o principal matador, sempre com elle comeu e bebeu; por onde eu e o dito orfão passamos muitas necessidades e ao desamparo nos perdemos. Pelo que pedimos a Vossa Mercê e requeremos da parte de El rei nosso senhor, queira saber os matadores quem foram e com justiça os castigue, porque D. Estevão com seu cargo o não quiz fazer, e eu com o seu temor o não ousei de requerer; no que receberemos justiça e mercê.»

Ficou apenas na historia este documento para justiça eterna. Felner estranha que Diogo do Couto não falle nas *Lendas da India*, supondo que Miguel da Gama as comprara em Gôa. Ellas foram roubadas pela violencia, ficaram sequestradas na casa dos descendentes do Conde Almirante e apenas vagamente a ellas alludem Francisco de Andrade e Frei Luiz de Sousa. Hoje estão restituidas á nação pela publicidade.

Diogo do Couto, — foi encarregado por Phi-

lippe II de continuar as *Decadas* de Barros, escrevendo da IV até á XII *Decada*. Começou pela *X Decada*, porque abrangia o reinado d'aquelle novo dynasta; passou depois a escrever a IV, V, VI e VII. Tendo-lhe sido furtado durante uma grave doença, o manuscripto das restantes, resumiu-as dos seus borradores na VIII *Decada*, que se publicou em 1673; um fragmento da IX e X foram impressas em 1736, com um resumo da XI; metade da Decada XII; imprimiram-se os primeiros cinco livros em Paris em 1645. Taes como se encontram andam incorporadas com a edição das *Decadas* de Barros. (Ed. 1777 a 1778; 1778 a 1788.) Distingue-se este chronista pelas observações dos costumes e pela narrativa pittoresca aproveitada das conversas dos proprios heroes que memóra. Amigo intimo de Camões, Diogo do Couto era tambem poeta e soldado; foi-lhe preciso dez annos de batalhas na India, para que a natureza tornasse a despontar sob as devastações da educação jesuitica do Collegio de S. Roque.

Nascido em 1542, e protegido pelo Infante D. Luiz, partiu para a India aos dezesete annos, na armada de 1559. Severim de Faria falla das suas obras poeticas, hoje perdidas: «Compoz alguns poemas assi na lingua vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas e pastoris, de que deixou um grande tomo de Elegias, Eclogas, Canções, Sonetos e Grosas.» No regresso a Portugal em 1570, foi um dos que soccorreram Camões «seu matalote e amigo.» Na continua-

ção das *Decadas,* Couto sustentou uma nobre independencia de juizo, dizendo sobre a suppressão do decimo livro de Castanheda exigida pelos partidarios de D. João de Castro: «A estes e outros riscos se põem os escriptores que as escrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem; ...nem por respeitos, nem por temor deixaremos de as fallar; e posto que tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem.» Por causa d'esta independencia a *oitava* e *nona Decadas* foram roubadas a Diogo do Couto em uma occasião em que estava doente. O caracter nacional achava-se já bastante degradado, «pois houve alguem que dizia publicamente que *não queria andar em Chronicas,* fazendo pouco caso que n'ellas se tratasse d'elle com elogios ou vituperio.» Diogo do Couto foi nomeado Guarda-mór do Archivo da India, e morreu em Gôa em 10 de Dezembro de 1616. [1]

---

[1] Transcrevemos o seguinte documento inedito sobre Diogo do Couto, com valor autobiographico:

«Viu-se n'esta Mesa hũa petição que V.ª Mag.de a ella remetteu de *Diogo do Couto,* coronista e guarda-mór da Torre do Tombo do Estado da India, em que diz que V.ª Mag.de lhe fez mercê do habito da ordem de xpo, com trinta mil rs. de tença; e por que está nas ditas partes da India e n'este reino não tem quem corra com sua abonação e possa fazer as provanças que se requerem, P. a V.ª Mag.de mande passar provisão para *na India onde ha cincoenta annos que vive,* se possão fazer, por haver nella muitas pessoas de sua criação que lhe conheceram Pay, mãi e parentes e supprir na abonação de seus avós Gaspar do Couto, que foi do Infante Dom Luiz, e Vasquo Serrão de Calvos,

Muitos são os chronistas do seculo XVI, que na sua feição litteraria se resentem da depressão auctoritaria do meio social, tendo embora o relêvo da grande época em que viveram e de que fôram testemunhas mais ou menos conscientes. Merece menção especial Braz de Albuquerque com os *Commentarios de Affonso de Albuquerque*, essa *núa e chã pintura*, como os caracterisa o poeta quinhentista Dr. Antonio Ferreira. Com a reacção do fim do seculo, tambem a historia decae das narrativas convencionaes dos Chronistas Móres do Reino para os chronistas monachaes, de um Francisco de Andrade para Frei Bernardo de Brito, seu successor. A erudição da Renascença era pervertida pela fabula evhemerisada e pela legendogonia medieval. As duas partes da

---

juiz que foi do Terreiro do Triguo d'esta cidade de Lx.ª que ha mais de cem annos que são falecidos, e com elle ser de settenta os não conheceu, e não haver hoje quem se lembre d'elles: e constando seu Pay Gaspar do Couto e sua mãe Isabel Serrão de Calvos serem nobres e sem raça algũa de mouros nem judeus, e pela opinião que d'elle ha em toda a India, lhe seja lançado nella o habito e dispensar na edade que o Regimento manda.

— Pareceu que V.ª Mag.de não deve ser servido abrir porta a semelhante requerimento, como he fazerem-se na India as provanças dos avós do supplicante que nacerão neste Reino, contra o Regimento que neste caso V.ª Mag.de tem passado, e fazendo-se as provanças n'elle se terá respeito ao que allega acerca de se lhe admittir a provança que neste cazo houver logar, visto a antiguidade de seus avós; e no que toca a edade depois se defirirá a este requerimento como se costuma fazer. Lx. 8 de fevereiro de 1614. *Mesa da Consciencia e Ordens:* Registo de Consultas de 1614 a 1615, fl. 251.

Monarchia Lusitana de Fr. Bernardo de Brito caracterisam o genero.

Elle acceita em boa fé os documentos forjados por Anio de Viterbo, e elabora dramaticamente as lendas troyanas para historiar as origens de Portugal. Os falsos-chronicões hespanhoes, e a fabricação de documentos apocryphos por Lousada e Higera, revelam-nos que esta decadencia obedecia a causas mais profundas do que a incapacidade individual. Os institutos-monachaes organisaram tambem especiaes Chronicas, não para mostrarem a sua cooperação na illustração portugueza, mas para preconisarem as devotas doações e as beatificações fradescas. Contra o prurido rhetorico da historia destaca-se pela negligencia e simplicidade do estylo, Frei Marcos de Lisboa, na *Chronica dos Menores,* mas sem o sentimento poetico da antiga tradição dos claustros franciscanos, embora traga intercalada no seu texto uma boa parte das composições de Jacopone da Todi, traduzidas em portuguez. A *Chronica da Companhia,* do Padre Balthazar Telles, é seccamente correcta.

O Dr. Gaspar Fructuoso escreveu sob o titulo de *Saudades da Terra,* em 1590, a Historia das Ilhas dos Açores, do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens; serviu-se como subsidio dos escriptos de João de Barros e de Damião de Góes, e imita no começo da sua obra a allegoria pastoral de Bernardim Ribeiro, mas nem conseguiu reproduzir o senso critico d'aquelles, nem a belleza ingenua do estylo do auctor da *Menina e*

Môça. Entre as fontes que cita, falla em uma *Historia da Madeira*, que suppomos ser a *Relação do Descobrimento da ilha da Madeira* attribuida a Gonçalo Ayres Ferreira e ampliada pelo conego Henrique Dias Leite. Nos livros de historia especial, como a *Ethiopia oriental* de Frei João dos Santos, ou o *Tratado das Cousas da China*, por Frei Gaspar da Cruz, acham-se noticias ainda não aproveitadas pelos modernos orientalistas.

Viajantes. — É de um elevado merito scientifico a nossa litteratura vastissima de viagens; e d'entre os aventureiros portuguezes, que maior audacia patentearam, é Fernão Mendes Pinto o mais extraordinario pela coragem das suas remotas investigações em regiões desconhecidas, pela resistencia a incessantes contrariedades e soffrimentos, tudo observando e tudo conservando por uma assombrosa retentiva. Nascido em Monte-Mór-o-velho, em 1509, da estreiteza da casa paterna entrou em 1519 para o serviço de môço da Camara do Duque de Coimbra D. Jorge de Lencastre, bastardo de D. João II. Embarcou para a India aos vinte annos de edade, e n'essas regiões da Asia divagou durante vinte e um annos, sendo captivo trez vezes, e dezesete vendido. As suas maravilhosas aventuras na China, na Tartaria, em Sião, em Calaminhan, no Pegu e no Martavão, as suas relações com S. Francisco Xavier, tudo relatou no livro intitulado *Peregrinações em que dá contas de muito estranhas cousas, que viu e ouviu.* Regressou a Portugal quasi

indigente, vivendo ignorado por forçado retrahimento em Almada, onde escreveu essas suas interessantissimas memorias, que ao fallecer n'essa villa em 8 de Julho de 1583 deixou á Casa Pia dos Penitentes de Lisboa. Poucos serão os livros comparaveis ás *Peregrinações* pelas condições excepcionaes em que foi escripto e pelo interesse crescente que provoca. Só muito tarde foi dado á estampa, em 1614 e ainda assim retocado pelo chronista Francisco de Andrade, talvez para attenuar os desdens que provocavam as narrativas de Fernão Mendes Pinto, sempre hostilisado por uma pérfida malevolencia, pervertendo o seu nome *Mendes* em *mendax,* o mentiroso, e vulgarisando em fórma perverbial o apellido *Mendes Pinto* em *Mendes Minto* e *Mentes muito.* Foi o primeiro europeu que entrou no Japão, adaptando-se a esse meio social, communicando-lhe os conhecimentos da Civilisação do Occidente; e ao mesmo tempo servindo a sua patria, alcançando para o commercio portuguez a rendosa situação de intermediario entre o trafico da sêda e da prata entre a China e o Japão. Fernão Mendes Pinto tambem auxiliou a missão dos Jesuitas na introducção do christianismo n'aquelle imperio, cooperando com o heroico apostolo Francisco Xavier. Apesar d'esses prestantes trabalhos fez-se pela Europa a propaganda do descredito do assombroso viajante, tão persistente, por fórma que «em Inglaterra continua a haver quem insista em o ter por um embusteiro e inventor de patranhas.» E comtudo, como

observa Christovam Ayres, nos seus preciosos estudos sobre Fernão Mendes Pinto: «A China e o Japão começaram porém a ser objecto de estudos especiaes da parte dos europeus; Fernão Mendes, quanto ás primeiras noticias que á Europa vieram d'aquellas regiões, do Japão sobretudo, era uma fonte preciosa. D'ali o chegar-se a reconhecer a pouco e pouco *quão verdadeiras e interessantes em muitos pontos eram as narrativas do celebre viajante e aventuroso portuguez no que respeita aos costumes, usos, historia, tradições, religião, linguagem d'aquelles paizes e á civilisadora missão dos Portuguezes alli.*

«Hoje o Japão está em plena evidencia: está-se procurando escrever a sua historia, e a historia das suas relações com a Europa, por uma fórma mais segura: e Fernão Mendes *está sendo rehabilitado.*» [1]

Quem promoveu esta depressão ou excommunhão mental sobre Fernão Mendes Pinto? Revelava-o o problema: — Porque é que nas Cartas de S. Francisco Xavier nunca apparece o nome d'aquelle que tanto o acompanhou e serviu na sua missão religiosa?

Houve uma eliminação capciosa do nome de Fernão Mendes Pinto, pelo mesmo espirito com que o P.^e^ João de Lucena plagiou desaforadamente as *Peregrinações*, formando d'esses roubos

---

1) Christovam Ayres, *Fernão Mendes Pinto*. (Diario de Noticias.)

a *Vida de S. Francisco Xavier.* [1] Christovam Ayres descobriu o systema como o seu nome foi apagado em toda a Correspondencia dos Padres da Companhia, para a qual elle fôra captado como Coadjutor temporal, e depois de chegar á renuncia dos seus bens, o expulsaram da Companhia espoliado, sob o pretexto de origem infecta de — marrano — ou judeu convertido ou quebra de disciplina da Santa Obediencia. E ahi está explicada a sua miseria desde 1558 em que veiu para a Europa até 1583, em que faleceu ficando sepultado no descredito. [2]

---

1 F. Evaristo Leoni, *Camões e os Lusiadas*, p. 56.

2 O sr. Christovam Ayres recapitula no artigo supracitado os pontos capitaes da valiosissima Memoria que appresentou á Academia das Sciencias de Lisboa, que transcrevemos:

«Assim como em «**todas as collecções**» **das Cartas dos jesuitas da Asia para os collegios de Portugal foram riscadas ou alteradas as passagens relativas a Fernão Mendes**, para que n'ellas não ficasse vestigio do seu nome, a não ser, por um milagre, na *collecção do Collegio de S. Roque de Lisboa*, conservada na Bibliotheca da Ajuda, — quem nos diz que nas cartas do padre Francisco Xavier não foram feitas eguaes alterações?

Mas felizmente, em documentos publicados anteriormente á **sahida de Fernão Mendes da Companhia de Jesus**, ficou a confirmação d'essas boas relações do nosso escriptor com o apostolo do Oriente. Mas, independentemente d'isso, outras provas existem d'essa intimidade, d'onde resultaram serviços prestados por Fernão Mendes á causa da christandade n'aquellas paragens.

Quanto aos motivos da sahida de Fernão Mendes da Companhia de Jesus, é para mim ponto de crença, por emquanto, que foi **expulso por qualquer motivo disciplinar**, real ou supposto. A informação que me foi dada pelo sr. Cardoso Bethencourt da causa ter sido a qualidade de *chris-*

Moralistas catholicos. — O conhecimento das obras de Plutarcho e Seneca, na epoca da Renascença, veiu revelar á consciencia moderna, que fóra das doutrinas theologicas tambem existia uma moral secular com sancção universal. Na dissolução do poder espiritual, a Egreja reage por um exagerado formulismo e por um abuso deploravel da casuistica; só escaparam a esta corrente deleteria as almas puras, que pela ingenuidade do sentimento se elevaram á contemplação mystica. No chronista João de Barros nota-se a influencia erudita: «vendo como os homens occupavam o mais do tempo jogando, inventou um jogo de tabolas a que reduziu as

---

tão novo de *Fernão Mendes* não poude obter ainda a confirmação, por aquelle consciencioso investigador ter estado longo tempo ausente de Portugal.

Consta-me que existe um documento de origem jesuitica que diz ter Fernão Mendes sahido voluntariamente; mas além de ser suspeita a origem, todos sabem como ainda hoje, se arranjam essas apparencias de sahida voluntaria, quando está imminente a demissão de alguem.

Fica-me a satisfação de ter projectado luz nova sobre estes tres pontos capitaes que resaltam da minha «Memoria»:

1.º O estudo comparado dos diversos codices que conteem as Cartas dos jesuitas da Asia no seculo XVI, pondo em evidencia a importancia do da Bibliotheca de Ajuda, que felizmente se conserva incolume dos cortes e alterações introduzidas em «todos os outros codices», posteriormente, para que n'elles não figurasse, de *modo nenhum, o nome de Fernão Mendes Pinto.*

2.º A reconstituição, á vista das cartas dos padres da Companhia de Jesus mandadas do Oriente, de toda a ultima e tão importante viagem de Fernão Mendes de Gôa ao Japão (1554 — 1556), como irmão da mesma Com-

Ethicas de Aristoteles, introduzindo n'elle as virtudes e vicios por excesso e por defeito, o qual jogo imprimiu no anno de 1540 e o dedicou á infanta D. Maria, princeza que depois foi de Castella, a qual jogava com el-rei D. João seu pae déstramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intenção de pôr a *Economia* tambem em jogo de cartas, e a *Politica* no enxadrez, por estes tres jogos serem mais communs, e para n'elles ao menos aprenderem os homens o nome das virtudes...» Isto nos revela Severim de Faria. Emquanto João de Barros esteve refugiado da peste de 1530 na sua quinta junto a Pombal, compôz e enviou a Duarte de

---

panhia, e embaixador enviado ao senhor de Bungo pelo governador da India D. Affonso de Noronha, viagem e embaixada em que o **novél jesuita, depois de entregar todos os seus ricos haveres á Companhia**, lhe prestou relevantes serviços e lhe obteve no Japão consideraveis beneficios.

3.° A publicação de *duas cartas* e uma *Informação* originaes de Fernão Mendes; uma das cartas desconhecidas entre nós, e outra como tambem a Informação apenas conhecida pela «traducção em portuguez» feita «sobre uma traducção em hespanhol»; o que lhes tirava, principalmente, o valor de nos darem a apreciar a **maneira de escrever** do auctor das «Peregrinações». Essas cartas originaes, tal como sahiram da penna de Fernão Mendes, é que nos dão agora a conhecer o verdadeiro estylo, por quanto é sabido que as «*Peregrinações*» o não podem realisar completamente por terem sido *revistas e corrigidas* para se dar á estampa, pelo chronista-mór e guarda-mór da Torre do Tombo, Francisco de Andrade, que decerto as alterou muito.

É este o material que ainda logrei carrear para a edificação do monumento que tem de ser consagrado á rehabilitação de Fernão Mendes.»

Resende o dialogo moral intitulado *Rhopica pneuma*, ou mercadoria espiritual. É uma allegoria em que são interlocutores a Vontade, o Entendimento, a Rasão, o Tempo, legivel por uma ou outra referencia aos costumes da epoca; com o fim de afastar das escólas a leitura dos processos judiciarios, escreveu tambem em 1539 o Dialogo da *Viciosa vergonha*, de valor exiguo.

O pedantismo erudito alastra-se na sua pompa no *Espelho de Casados*, do Dr. João de Barros, escrivão da Camara de D. João III desde 1549; era formado em Canones por Salamanca, em 1522. O *Espelho de Casados* appareceu em 1540, e sem a comprehensão do sentimento como na *Perfecta casada* de Frei Luiz de Leão, é um apontoado de reflexões abonadas com auctoridades classicas e pathologicas, inspiradas por um pessimismo de casuista, que vê na mulher a herdeira do peccado de Eva, e no homem o logrado das novellas italianas.

A fórma de dialogo allegorico, que vimos em João de Barros, achava-se já no livro intitulado *Bosco deleitoso*, impresso em 1515; n'elle fallam as Virtudes, exaltando as vantagens da vida contemplativa e eremitica, citando opiniões dos santos padres e exemplos dos mais fervorosos ascetas. Pelos seus archaismos e construcções syntaxicas parece este livro pertencer ao fim do seculo XIV; porém se foi escripto na epoca em que apparece impresso, pertence a um espirito alheio á cultura humanista, a cuja corrente poucos escaparam. É tambem este o ca-

racter dos *Ditos da Freira,* pensamentos moraes colligidos das reflexões de D. Joanna da Gama, reclusa do Salvador de Evora, de 1555. Ella reconheceu a eschola italiana, escrevendo poucos sonetos com trovas, vilancicos e romances. Alguns desastres da sua vida fizeram-lhe crear em volta de si uma solidão religiosa perturbada pelo Cardeal Infante; os desabafos das suas angustias foram colligidos como maximas pelas suas companheiras de cenobio; não têm abstracção, são comparações vulgares que revelam uma santa simplicidade natural.

Distinguem-se como escriptores mysticos, Frei Thomé de Jesus, que no captiveiro de Africa, depois de 1578, escreveu o notabilissimo livro *Trabalhos de Jesus;* Frei Heitor Pinto, com a *Imagem da Vida christã* de 1563 e Amador Arraes com os *Dialogos.* Procuram dar o maior relêvo ás suas descripções, servindo-se dos effeitos do estylo, e aproveitando-se com felicidade de muitos conceitos da linguagem popular.

A eloquencia no seculo XVI mostra-se viciada pela emphase rhetorica dos eruditos; João de Barros escreveu um *Panegyrico* á imitação do de Plinio o môço. Na prédica religiosa distingue-se o Dr. Diogo de Paiva de Andrade, que em 1561 fôra ao Concilio de Trento por ordem de D. Sebastião, e luctara em dura controversia com o theologo protestante Kemnitz; «costumava muito introduzir a fórma de dialogo nos seus discursos;» nos seus sermões «o gosto dos conceitos e trocadilhos de palavras começava a

apparecer.» [1] O P.e Bartholomeu Ferreira, denunciou-o á Inquisição, não obtendo pelo odio jesuitico a remuneração que merecia. Faleceu com 47 annos em 1575. Citam-se outros prégadores notaveis, D. Antonio Pinheiro e o Padre Luiz Alvares, parente de Diogo do Couto; mas n'uma epoca em que a carnificina de Saint Barthélemy, annunciada dias antes pelo embaixador portuguez, era recebida em Portugal com luminarias e sermões de graças, a obcecação era absoluta, e avançavamos inconscientemente para a ruina.

Nos miseraveis dias em que a Nacionalidade portugueza esteve em almoeda, pouco antes de Portugal ser occupado por Philippe II, em 1584, o invasor castelhano propoz a D. Catherina de Bragança, neta do rei D. Manoel, a cedencia dos seus direitos á Corôa de Portugal, ficando seu filho o Duque de Bragança senhor do Brasil com o titulo de Rei e ficando em Portugal com a administração perpetua do Mestrado de Christo. [2] D. Catherina não acceitou a proposta, porque assim determinaram os seus directores espirituaes da Companhia de Jesus, dos quaes se queixava Philippe II por não se entender com taes padres. D'entre os Jesuitas surgiu um collegial, prégador eloquente inspirado por um alto sentimento patriotico, o P.e Luiz Alvares, cuja fama chegou

1 *Pan.*, t. I, 15.

2 Herculano, *Pouca luz em muitas trévas* (Pan., vol. VIII.)

a Roma, com a antonomasia de novo S. Paulo, e do qual Pio v dizia ao Geral Borja: «Ouço que tendes em Portugal um S. Paulo!»

Desde que os Jesuitas viram que Philippe II faria valer os seus direitos com 80.000 homens na fronteira, não quizeram perder a sua Provincia de Portugal, centro do poder na Asia e na America, deixaram D. Catherina de Bragança a affirmar o seu direito em Allegações juridicas, e o P.e Luiz Alvares calou-se tragicamente, envenenado na villa de Avis em 25 de Septembro de 1590, segundo a lenda pelos Judeus. O Prior do Crato, de quem o P.e Luiz Alvares era intimo amigo, nasceu dos amores do Infante D. Luiz com a formosa judia Pelicana, e por isso os fidalgos abandonaram o chefe do partido nacional. O poeta mystico Balthazar Estaço, celebrando a morte do P.e Luiz Alvares, allude á lenda jesuitica de mistura com a do deicidio:

> Mas não me espantarei do que aqui callo,
> Se quem matou ao Rei, matou o vassallo.
>
> *(Fl. 173.)*

E memorando a sua antonomasia, celebra-o: «Foy do *passado Paulo* viva traça.» O poeta Soropita, que vivia n'este terrivel momento historico, referindo-se a um Sermão que fez o Deão de Silves nas Exequias de D. Sebastião, escreveu no seu traslado: «*depois soube eu que dissera o Conde de Portalegre, que era de Luiz Alvares, collegial da Companhia de Jesus,* o que

me pareceu verosimil, por esta ser a linguagem de Luiz Alvares.»

Os Jesuitas conciliaram-se com Philippe II, mas não mais perderam a ideia da formação de um Imperio no Brasil.

Perda da Nacionalidade. — *Revivescencia pela Litteratura.* — Com a morte do Cardeal-Rei, emquanto os varios pretendentes á soberania de Portugal discutiam preferencias, Philippe II, ainda em 1580, occupou militarmente o territorio, para realisar indefectivelmente a unidade politica da Hespanha. A nobreza tinha recebido cédulas representativas do preço da traição como fôram *baptizados,* quantos acceitaram o jugo hespanhol. Entre esses encontram-se os nomes de escriptores e poetas, como Diogo Bernardes, Andrade Caminha, Jeronymo Côrte Real, Luiz Pereira Brandão, Fernão Alvares d'Oriente, Pedro da Costa Perestrello, Francisco Rodrigues Lobo, Antonio de Abreu, André Falcão de Resende, Duarte Nunes de Leão, bajulando em verso o invasor ou acceitando tenças. A nacionalidade que parecia bem morta para a acção historica, pela falencia dos seus heróes, justificava-o pela litteratura cujas obras se escreviam em lingua *castelhana,* abandonando-se a lingua portugueza para os Pateos das Comedias e Côrros populares. O povo era conservado na ignorancia do seu glorioso passado historico e para que os *Lusiadas* não podessem despertar o sentimento nacional, foram deturpados pela censura jesuitica na celebre edição irrisoria de 1584 denominada dos

Piscos. Era impossivel qualquer resistencia material contra a incorporação castelhana, em que o imperialismo iberico fôra auxiliado pelo unitarismo catholico pelos processos cannibalescos da Inquisição e cavillação jesuitica e pelo egoismo dos casamentos reaes como recurso de equilibrios politicos. O Castelhano na zona esteril do seu planalto, tendo de recorrer pela força á expoliação das vertentes ferteis, já tinha destruido as resistencias autonomas da Andaluzia, de Valencia, Catalunha, Asturias e Galliza: chegara a vez de Portugal, a vertente mais rica da insularidade hispanica. Sob a pressão castelhana, Portugal mantinha ainda uma força, o seu individualismo ethnico conservado na Litteratura imperecivel; [1] uma convulsão moral, uma intuição do momento angustioso acordou o interesse por todas as obras da litteratura portugueza da grande epoca dos Quinhentistas, deploravelmente esque-

1 Philippe II, depois da occupação de Portugal, onde se demorou até 1583, levou para Castella os Livros illuminados da Bibliotheca Real, como o confessa em carta ás suas filhas, em 4 de Junho de 1582: «*tengo libros de pinturas que llebaré quando baya.*» Mas antes de Philippe II foram os hespanhóes apossando-se do *Amadis de Gaula, do Palmeirim de Inglaterra*, da *Castro* do Doutor Antonio Ferreira, da *Historia de Troya* e do Poema do Salado *(Cronica de Alfonso Onceno.)* E pelas hostilidades entre Inglaterra e Hespanha, como recochete, soffreu Portugal novas devastações, como «o roubo da Livraria do D. Jeronymo Osorio pelos inglezes, quando em 25 de julho de 1596, incendiaram e roubaram Faro, sendo levada para a Universidade de Oxford, onde existiu.» (Silva Lopes, *Chorographia do Algarve*, p. 325.)

cidas ou ineditas. Era um esforço intencional a favor da lingua portugueza e do sentimento nacional que se extinguiam. A bibliographia torna-se n'este ultimo quartel do seculo um depoimento eloquente: Imprimiu-se em 1585 a *Philomena de louvores de Santos com outros Cantos de devoção* por Antonio Ribeiro Chiado; em 1586, a *Bucolica em dez Eglogas* por Antonio Ribeiro; a *Compilaçam de todas las Obras* de Gil Vicente; em 1587, os *Autos* de Antonio Prestes e de Camões, *Filodemo* e *Amphytriões* e a Tragedia *Castro*, do Dr. Antonio Ferreira; o romance de cavalleria *Lisuarte da Grecia,* em 1587, Terceira parte do *Palmeirim de Inglaterra,* por Diogo Fernandes; em 1588, a *Elegiada,* de Luiz Pereira; em 1589 o *Primeiro Cêrco de Diu,* de Francisco de Andrade; os *Contos e Historias de Proveito e Exemplo,* de Gonçalo Fernandes Trancoso; e a *Historia dos Cêrcos de Malaca,* por Jorge de Lemos; em 1590, as obras lyricas de Vasco Mousinho de Quevedo; em 1591, *Dialogos da Vida christã,* de Fr. Heitor Pinto, 2.ª parte, (a 1.ª, de 1572); os *Lusiadas*, de Camões; 1592, as *Poesias* de Gregorio Sylvestre, era de origem portugueza; 1592, *Chronica do Palmeirim de Inglaterra,* por Francisco de Moraes; 1593, *Itinerario da Terra Santa*, por Fr. Pantaleão de Aveiro; os *Estatutos da Universidade de Coimbra;* 1594, *Manual de Epitecto, Philosopho*, traduzido do grego por Fr. Antonio de Sousa; *Naufragio de Sepulveda,* de Jeronymo Côrte Real;

1595, *Poesias* de Sá de Miranda, primeiro texto; *Rythmas,* de Camões, colligidas por Soropita; as *Varias Rimas ao Bom Jesus* de Diogo Bernardes; em 1596, *O Lima* e as *Rimas Varias, Flores do Lima,* de Diogo Bernardes; *Dialogos de Varia Historia,* por Pedro de Mariz; *Discursos sobre a Vida de Santa Isabel,* por Vasco Mousinho de Quevedo; 1597, *Sylvia de Lisardo,* attribuida a Fr. Bernardo de Brito; *Crisfal;* 1598, os *Poemas Lusitanos,* do Dr. Antonio Ferreira; *Rimas* de Camões, com mais poesias, do seu perdido *Parnaso;* 1600, Parte I da *Chronica dos Reis de Portugal,* por Duarte Nunes de Leão; *Historia da Vida de S. Francisco Xavier,* pelo P.e João de Lucena; 1601, *Gaia,* poema por João Vaz; 1602, *Decada IV,* de Diogo do Couto; os *Trabalhos de Jesus,* de Frei Thomé de Jesus; Quinta e Sexta Parte do *Palmeirim de Inglaterra,* por Balthazar Gonçalves Lobato; 1603, *Vida e Fabulas de Esopo,* por Manoel Mendes, da Vidigueira; 1603-1604, *Sermões,* do Dr. Diogo de Paiva de Andrade; a Terceira e Quarta Parte do *Palmeirim de Inglaterra,* por Diogo Fernandes; 1605, as *Eglogas* de Francisco Rodrigues Lobo; *Poesias* de D. Manoel de Portugal; *Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas,* de Balthazar Estaço; 1606, *Lusitania transformada,* por Fernão Alvares d'Oriente; *Origem da Lingua portugueza,* por Duarte Nunes Leão; em 1610, *Ethiopia Alta,* de Fr. João dos Santos; 1611, *Affonso Africano,* de Vasco Mousinho de Quevedo; o Bispo D. Rodrigo da Cunha, que

possuia uma Livraria portugueza magnifica, auxilia a publicação dos ineditos camonianos, multiplicando-se as edições dos *Lusiadas* e das *Rimas* e os estudos do Poeta da Nacionalidade por Manoel Severim de Faria, Manoel de Faria e Sousa, e João Franco Barreto. A lingua portugueza já não podia ser extincta, o sentimento nacional tornou-se consciente e converteu-se na acção unanime de 1640. A autonomia de Portugal revivia pela sua litteratura, tal como na Italia os poetas e prosadores desde Dante crearam a sua nacionalidade. [1]

Entre o povo opéra-se uma excitação de prophetismo, transformando as tradições messianicas dos christãos novos, com a *esperança britonica*, caracteristica da raça lusa, na crença do *Desejado*. As *Trovas* de Bandarra, rhapsodia merlinica, já em 1588 prendem a attenção de Orosco; D. João de Castro, o neto do heroe de Diu, systematisou o *Sebastianismo* em 1602 no *Discurso da vida do sempre bem vindo e apparecido Rei D. Sebastião*, e a *Paraphrase e Concordancia de algumas Prophecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, 1603.

O triumpho do Castelhanismo em Portugal foi um accidente exterior, que em nada modificou

1 «Os Allemães comprehenderam que o *estudo critico e profundo da Historia e das Litteraturas era potente para acordar em um povo enfraquecido e dividido a consciencia de si mesmo*, e o successo provou que elles não se enganaram.» (*Revue critique* d'Hist. et de Litterature, 1873, I, p. 4.)

a consciencia da nacionalidade, creadora de uma civilisação inconfundivel. Prevaleceu uma politica dos casamentos reaes, servida pela violencia fanatica da Inquisição e da perversão moral jesuitica, mas conduzindo á extinção da familia dynastica e ao atrazo mental, que isolou a Hespanha da Europa. Essa civilisação portugueza nunca poderá ser comprehendida no conjuncto castelhano: pela ternura do caracter e sentimentalidade portugueza creou um lyrismo trobadoresco que actuou nas côrtes peninsulares; uma affectividade, como no *Amadis de Gaula,* que ainda submerso o seu texto debaixo das crustas rhetoricas do castelhano, ficou indelevel esse fundo de emoção que fórça os criticos hespanhoes a reconhecer a sua origem portugueza. A prosa castelhana da *Diana* de Jorge de Monte-Mór deixa transparecer a paixão profunda da alma portugueza; e o mesmo effeito nas poesias que em castelhano escreveram Sá de Miranda, Camões, Bernardes, Caminha, Gil Vicente, que se inspiraram no sentimento nacional, quando a côrte era assoberbada pelo castelhanismo absorvente. A Arte revela a potencia d'este individualismo ethnico: assim em Velasquez, em Coelho a sua pintura demonstra uma visão differente da dos pintores hespanhóes da grande epoca. Os mestres de capella das cathedraes de Hespanha fôram em grande parte portuguezes ou de origem portugueza, como Gregorio Sylvestre. As Navegações fôram emprehendidas e realisadas por portuguezes em navios hespanhoes.

Colombo mascarou com a ficção do Cypango e um illuminismo religioso theatral o que devia ás informações de seu sôgro Bartholomeu Perestrello, ás noticias que apanhou a Affonso Sanches, que primeiro aportara ás Antilhas, e ás lições do cosmographo bacharel Ruy Faleiro. Isso dizia o Dr. Diogo de Cisneros; como tambem Fray Bartholomé de las Casas, filho de um companheiro de Colombo transmittiu a tradição que o Genovez estava tão seguro do descobrimento que ia fazer, como se o tivesse já na mão. O mesmo se repete com Fernão de Magalhães, abrindo á Hespanha o grande Oceano Pacifico, a quem auxiliaram Ruy Faleiro, e seu cunhado Duarte Barbosa. João Fernandes descobre a Nova Zelandia; Pedro Fernandes de Queiroz as Novas Hebridas, espalhando-se a ideia de um Continente Austral; João Rodrigues Coutinho, irmão do chronista Fr. Luiz de Sousa morre na expedição ás Ilhas de Cambebe. [1] As condições que actuaram para o exito da occupação de Portugal, fôram a causa da ruina da Hespanha por uma fatidica decadencia.

O triumpho do *Castelhanismo* realisado na occupação e incorporação de Portugal em 1580 na unidade iberica, não foi obra exclusiva de

---

1 O Dr. João Teixeira Soares escreveu uma Memoria sobre a — Descoberta primordial da Australia no seculo XVI devida aos Portuguezes, e que os Mappas francezes de 1540, em que aquella terra está delineada não são originaes mas copiados de outros portuguezes. — O navegador portuguez João Affonso, esteve ao serviço de França.

Philippe II: Carlos V resentia-se que o filho se não preoccupasse com o sonho imperialista para continuar as suas audaciosas ambições. Quando abdicou n'elle, os primeiros vinte annos de Governo de Philippe II visavam á paz, á manutenção das relações bôas com os outros estados, só contando com a guerra para sustentar a religião catholica. O delirio da combatividade e da chimera da *Monarchia universal*, dominou-o nos ultimos vinte cinco annos do seu reinado, como frisou syntheticamente Ranke: «Durante este ultimo periodo é que elle se apodera de Portugal, ataca a Inglaterra com a Invencivel Armada, intervem nas perturbações internas da França, e emprehendeu reunir esse reino ás possessões da sua casa; no decurso d'estes vinte annos elle opprime os Paizes Baixos, com guerras constantemente violentas e com exito; que elle aniquilla as liberdades de Aragão, e arruina completamente os recursos do seu reino.

«Qual foi a causa d'esta mudança tão surprehendente? Poder-se-ha talvez, dizer que foi o espirito do seculo, que o fez desviar da linha de conducta que se traçára, para seguir uma outra. A Europa tomara uma corrente mais guerreira do que na época anterior. É bem evidente que esta nova direcção lhe foi incutida em grande parte pelos Hespanhoes *(Castelhanos)* e pelo proprio Philippe, — a mudança dos seus ministros, veiu imprimir uma direcção opposta á sua politica...» Ranke caracterisa esses Ministros, Christovão de Moura e Idiaquez;

Moura adquiriu a maxima influencia, tornou-se a alma de Philippe II, como refere o embaixador veneziano Contarini em uma das suas Relações. (1593) Idiaquez, com larga experiencia do governo e das circumstancias da Europa, impellia-o para o imperialismo. «*Moura, que tinha desenvolvido uma grande actividade na conquista de Portugal*, era mais querido do rei; mas ambos entendiam-se, tratando todos os grandes negocios entre si, fóra do conselho de estado.

«Foi isto, como diz Ranke, que fez cahir sobre Philippe II o odio do mundo, e as accusações que pezam sobre a sua memoria; e todo o intolerantismo catholico de Philippe II embaraçando o movimento religioso do seculo, no meio da Europa, serviu para collocar a Hespanha em um isolamento da Europa abandonando-a á subserviencia de Roma.» Essa politica da dynastia austriaca, que com Fernando e Isabel rebaixou a Hespanha á inferioridade entre as nações européas, desvairou a corrente peninsular pela megalomania de Carlos V, e degradou a alma hespanhola pelos 44 annos do reinado fanatico e guerreiro de Philippe II.

Aos triumphos sangrentos dos têrços hespanhoes, seguiram-se as deploraveis derrotas, como a de Condé em 1617; Portugal em 1640 liberta-se com as suas colonias, e cinco annos depois esteve a nacionalidade hespanhola a pique de afundar-se, vendo-se forçada a pedir em 1648 a paz, que se assegurou em Westphalia, perdendo os Paizes Baixos e todas as colonias tomadas

aos Hollandezes. Sublevaram-se os estados italianos, e vencida nas Dunas em 1657, teve de pedir a paz, assignada em 1659, a Paz dos Pyrenneos, mais affrontosa que a de Westphalia, perdendo Rosell, Conflant e numerosas praças de Flandres.

Era a resultante da politica de Philippe II: uma terça parte do solo hispanico passara para os inimigos da Hespanha. Era a politica suicida legada aos seus descendentes, que se viram sem dinheiro, sem generaes, sem sabios, sem industrias, sem commercio, corrompida e degradada a nação pelos 44 annos do Governo de Philippe II. Vinte e sete annos de combates levou Portugal a revindicar a sua autonomia; mas a avidez do Castelhanismo, passados seculos, para se consolar de outras pêrdas de territorio, *(Cuba e Philipinas)*, exclama: *Aun tenemos Portugal.*

Ao terminar o quadro da Renascença portugueza do seculo XVI, occorrem-nos as palavras de Boissier, que bem exprimem o nosso intuito: «A Historia não conserva senão uma parte da vida de um seculo; a outra parte apaga-se com elle. Comtudo, se é temerario pretender reconstruil-a por inteiro, *é possivel adivinhal-a alguma cousa e pode-se levantar uma ponta do véo.*» Uma grande parte da actividade mental dos Quinhentistas ficou apagada; outra foi combatida ou deturpada pela reacção catholico-feudal; pelos elementos que restam pode-se desvendar a acção de Portugal no concurso europeu bem digno do respeito das nações.

INDICE

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

(RECAPITULAÇÃO)

SEGUNDA EPOCA

RENASCENÇA

(Seculo XVI)

1.º Periodo — Os Quinhentistas

§ I

A Cultura greco-romana como negação da Edade Média

1.º O Castelhanismo na Côrte, servindo a unificação iberica

A) Gil Vicente e a creação do Theatro nacional

PAG.

B) Bernardim Ribeiro e o genero pastoril

c) Sá de Miranda

2.º O Petrarchismo e a influencia italiana

A) Inicio da Eschola italiana

B) Lucta com os Poetas da Medida velha (1526 a 1545)

C) Zagaes da Estremadura *(Discipulos de Sá de Miranda)*

3.º Os Poetas da Medida velha

Christovam Falcão

PAG.

A Eschola Vicentina

4.º A *Pleiada portugueza (Eschola Mirandina)*

PAG.

§ II

Camões e o Sentimento nacional

A) Vida do Poeta

B) A Eschola Camoneana

§ III

O Humanismo em Portugal

A) Periodo philologico e artistico

B) Periodo theologico e critico

C) Periodo scientifico e philosophico

§ IV

Historiadores, Viajantes, Moralistas

Damião de Góes

DICCIONARIO PRATICO
ILLUSTRADO
Diccionario encyclopedico
luso-brazileiro
POR
JAIME DE SÉGUIER
2.ª EDIÇÃO
6.000 gravuras — 110 Quadros
90 Mappas — 1.000
retratos de individualidades celebres
Letras, sciencias, artes, definições, exemplos, synonymos, antonymos, proverbios e locuções proverbiaes, pronuncia, etymologias, termos brasileiros, locuções latinas e estrangeiras, historia, biographia, geographia, mythologia, noticias bibliographicas, monographias de obras de arte, personagens e typos, formulario orthographico, etc., etc.
O Diccionario Pratico Illustrado realisa plenamente o typo perfeito do diccionario manual; deveis, pois, ter sempre á mão
O VERDADEIRO LAROUSSE PORTUGUEZ.